

DO AUTOR DE  
ΩΩ OS PILARES DA TERRA ΩΩ

# KEN FOLLETT



UMA FORTUNA  
PERIGOSA



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



**KEN FOLLETT**

(1949)

**Uma Fortuna  
Perigosa**

*Título original americano*

**A Dangerous Fortune**

1993

## PRÓLOGO

### Alunos do Colégio Winfield

No dia da tragédia, os rapazes estavam confinados aos seus quartos. Era um sábado quente de Maio e teriam normalmente passado a tarde no campo no lado sul, uns jogando críquete, e outros assistindo da beira ensombreada de Bishop's Wood. Mas fora cometido um crime. Tinham sido roubados seis soberanos de ouro da escrivaninha de Mr. Offerton, o professor de Latim, e todo o colégio estava sob suspeita. Nenhum dos rapazes poderia sair de seus quartos até o ladrão ser apanhado.

Micky Miranda estava sentado a uma mesa escalavrada com as iniciais de gerações de estudantes entediados. A sua mão segurava uma publicação do Governo, intitulada Equipamento de Infantaria. As gravuras das espadas, dos mosquetes e dos rifles em geral fascinavam— No, mas estava demasiado calor para se poder concentrar. No outro lado da mesa, o seu companheiro de quarto, Edward Pilaster, olhava-o sobre o livro de exercícios de latim.

Estava copiando a tradução feita por Micky de uma página de Plutarco e agora apontava para o livro com um dedo sujo de tinta, dizendo:

— Não consigo ler esta palavra.

Micky deu uma olhadela.

— Decapitado — disse. É a mesma palavra em latim: *decapitare*.

Micky considerava o latim extremamente fácil, talvez porque muitas palavras fossem parecidas com as do espanhol, a sua língua— Mãe.

A caneta de Edward continuou a arranhar.

Micky levantou-se, inquieto e dirigiu-se à janela aberta. Não corria nenhuma brisa.

Ele olhou ansioso através do pátio de estábulo para o bosque. Havia um poço ensombreado numa pedreira abandonada na extremidade norte de Bishop's Wood.

A água era fria e profunda.

— Vamos nadar! — exclamou ele, de repente.

— Não podemos — retorquiu Edward.

— Podíamos sair pela sinagoga!

A "sinagoga" era o quarto ao lado, partilhado por três rapazes judeus. O Colégio Windfield ensinava Teologia de um modo suave e

tolerava as diferenças religiosas, agradando por esse motivo aos pais judeus, à família metodista de Edward e ao pai católico de Micky.

Mas apesar da atitude oficial do colégio, os rapazes judeus ainda eram um pouco perseguidos

— Passamos pela janela deles, descemos para o telhado da lavanderia, baixamos para o chão pelo lado sem janelas da estrebaria e corremos para o bosque. insistiu Micky, — É a Listradora se você for apanhado!! — Edward parecia assustado.

A Listradora era a vara de freixo empunhada pelo diretor, o doutor Poleson. A punição por violar o castigo era de 12 golpes dolorosos.

Micky tinha sido açoitado uma vez pelo doutor Poleson por jogar a dinheiro e ainda tremia quando pensava nisso.

Mas a hipótese de serem apanhados era remota, e a ideia de se despir e entrar nu no lago era tão aliciante que quase conseguia sentir a água fria na sua pele-suada.

Olhou para o seu companheiro de quarto. Não gostavam muito dele lá no colégio: era muito preguiçoso para poder ser um bom aluno, muito desastrado para se sair bem nos jogos e muito egoísta para fazer amigos. Micky era o único amigo que Edward tinha, e ele detestava que Micky passasse tempo com os outros rapazes.

— Vou ver se o Pilkington quer ir — disse Micky, saindo.

— Não, não faça isso! — exclamou Edward com ansiedade.

— Não vejo porque não — retorquiu Micky. — Você é muito medroso.

— Não sou nada medroso -mentiu Edward, tenho que acabar os meus exercícios de Latim.

— Então acabe enquanto eu vou nadar com o Pilkington.

Edward teimou ainda por mais alguns momentos, mas depois cedeu com relutância: — Está bem, vou com você.

Micky abriu a porta. Havia um certo burburinho proveniente do resto do edifício, mas não se viam professores no corredor.

Disparou para o quarto ao lado. Edward seguiu-o.

— Olá, hebreus — cumprimentou Micky.

Dois dos rapazes jogavam cartas, na mesa. Olharam— No e continuaram o jogo sem proferir palavra. O terceiro, Fatty Green bourne, comia um bolo. A mãe estava sempre mandando-lhe comida.

— Olá, rapazes — Saudou ele amigavelmente. Querem um pedaço de bolo?

— Pelo amor de Deus!, Greenbourne, você parece um porco comendo!

— exclamou Micky.

Fatty encolheu os ombros e continuou a empanturrar-se com o bolo.

Gozavam bastante com ele, uma vez que era muito gordo e judeu. Mas nada parecia afetá-lo.

Dizia-se que o seu pai era o homem mais rico do mundo e talvez isso o tornasse imune aos nomes que lhe chamavam; pensou Micky

Micky dirigiu-se à janela, abriu e olhou para fora. O pátio do estábulo estava deserto — O que é que vocês estão fazendo? — perguntou Fatty.

— Vamos nadar — respondeu Micky.

— Vão ser açoitados.

— Eu sei — disse Edward, melancolicamente.

Micky sentou-se no parapeito, e caiu os poucos centímetros que o separavam do telhado inclinado da lavanderia. Teve a impressão de ver uma telha partir, mas o telhado aguentou o seu peso.

Olhou para cima e viu Edward a observá-lo com alguma ansiedade — Vem logo! — chamou Micky.

Trepou pelo telhado e utilizou um cano firme para escorregar até ao chão. Um minuto depois Edward estava a seu lado.

Micky espreitou à esquerda da lavanderia: ninguém à vista.

Sem mais hesitação, atravessou disparado para o pátio das cavalariças em direção ao bosque. Correu por entre as árvores até achar que estava fora do campo-de visão do colégio, só então parando para descansar—

Edward surgiu a seu lado.

— Conseguimos!

— Ninguém nos viu — acrescentou Micky.

— Provavelmente vão nos apanhar quando regressarmos — disse Edward mal-humorado.

Micky sorriu-lhe Edward. tinha um ar muito inglês, com cabelo loiro liso, olhos azuis e grande nariz adunco, como uma faca de lamina larga.

Era alto e de ombros largos, forte mas sem muita coordenação.

Não tinha qualquer noção de estilo e vestia-se desajeitadamente. Ele e Micky tinham. a mesma idade, dezesseis anos, mas noutros aspectos eram muito diferentes — este tinha cabelo escuro encaracolado e olhos também escuros, e era meticoloso com o seu aspecto, detestando apresentar-se sujo ou em desalinho.

— Confie em mim, Pilaster — disse Micky. — Não cuido sempre de você?

Edward fez um sorriso forçado, apaziguador:

Está bem, vamos logo!

Seguiram por uma trilha pouco visível através do bosque.

Estava um pouco mais fresco sob as copas das faias e dos olmos e Micky começou a sentir-se melhor.

— O que vai fazer este Verão? — perguntou a Edward.

— Geralmente vou para a Escócia, em Agosto.

— A sua família tem algum pavilhão de caça? — Micky apanhara a gíria da classe alta inglesa e sabia que "pavilhão de caça" era o termo correto mesmo se a casa em questão fosse um palácio com cinquenta quartos.

Alugamos um sítio — respondeu Edward —, mas não caçamos lá. O meu pai não é um adepto desse esporte, como você sabe.

Micky sentiu um tom de defesa na voz de Edward e pensou No que isso poderia significar. Sabia que a aristocracia inglesa gostava de matar pássaros em agosto e caçar raposas no inverno. Também sabia que os aristocratas não mandavam os seus filhos para este colégio. Os pais dos estudantes do Colégio Windfield eram homens de negócios e engenheiros, não condes nem bispos, e não tinham tempo para andar em caçadas e a matar pássaros

Os Pilaster eram banqueiros, e quando Edward disse "o meu pai não é um adepto do esporte" estava concordando com o fato da sua família não pertencer ao escalão mais elevado da sociedade.

Micky achava graça nisso, dos ingleses terem mais respeito pelos ociosos do que pelos trabalhadores. No seu país, o respeito não ia nem para os nobres desnorreados nem para os homens de negócios. O povo de Micky só tinha respeito pelo poder. Se um homem tinha poder para controlar os outros — para os alimentar ou para mata-los de fome, para os



prender ou para os libertar, para os matar ou para os deixar viver — de que precisava mais?

— E você? — perguntou Edward. — Onde é que vai passar o verão?

Micky desejava que ele lhe perguntasse aquilo.

— Aqui — respondeu —, no colégio.

— Não me diga que vai voltar a passar aqui todas as suas férias?!

— Tem que ser. Não posso ir pra casa. Só a ida demoraria seis semanas. Teria que vir embora antes de chegar

— Com a breca! Isso não é nada fácil.

De fato, Micky não tinha vontade nenhuma de regressar. Detestava a sua casa desde que a mãe morrera. Agora só havia homens: o pai, o irmão mais velho, Paulo, alguns tios e primos e quatrocentos vaqueiros. O pai era um herói para os homens e um estranho para o filho: frio, inatingível, impaciente. Mas o irmão de Micky é que era o verdadeiro problema — Paulo era estúpido, mas muito forte, e detestava Micky por ele ser mais inteligente e gostava de humilhar o seu irmão.

Nunca perdia uma oportunidade de dizer a todos que Micky não sabia lançar o laço, domesticar cavalos ou acertar na cabeça de uma cobra. O seu passatempo favorito era assustar o cavalo de Micky, de modo a que ele desatasse a correr e Micky tivesse que fechar bem os olhos, segurando-se, apavorado, enquanto o cavalo investia pelos pampas até ficar exausto. Não, Micky não queria voltar para casa nas férias. Mas também não queria ficar no colégio. O que ele queria mesmo era ser convidado a passar o verão com a família Pilaster.

Contudo, Edward não sugeriu isso e Micky não voltou a tocar no assunto. Estava certo de que voltariam a falar nele.

Passaram por cima de uma paliçada semipodre e subiram uma ligeira elevação.

Quando chegaram no topo, avistaram a "piscina".

As paredes cinzeladas da pedra eram íngremes, mas rapazes ágeis conseguiriam encontrar um modo de escorregar, sem se machucarem até o lago profundo com água verde — Escura que continha sapos, rãs e uma ou outra cobra-d'água.

Para espanto de Micky, estavam lá três rapazes.

Semicerrou os olhos devido ao reflexo do sol nas águas do lago e observou os corpos nus. Todos eles pertenciam à quarta série de

Windfield.

A cabeleira cor de cenoura pertencia a Antonio Silva, que, apesar dessa diferença de cores, era compatriota de Micky. O pai de Tonio não possuía tantas terras como o pai de Micky, mas os Silva viviam na capital e tinham amigos influentes. Tal como Micky, Tonio não podia ir para casa nas férias, mas tinha a sorte de ter amigos na Embaixada de Córdoba em Londres e por isso não precisava permanecer no colégio durante todo o Verão.

O segundo rapaz era Hugh Pilaster, um primo de Edward. Não havia qualquer semelhança entre os primos: Hugh possuía cabelos pretos, feições delicadas e impecáveis, e exibia geralmente um sorriso travesso. Edward tinha inveja de Hugh por este ser um bom aluno e fazer com que ele parecesse o ignorante da família.

O outro era Peter Middleton, um jovem extremamente tímido que se tinha afeiçoado a Hugh, por este ser mais seguro de si.

Todos eles tinham os corpos brancos e sem pelos de jovens de treze anos, com braços e pernas bastante delgados.

Então Micky avistou um quarto rapaz. Estava nadando sozinho no outro extremo do lago. Era mais velho que os outros três e não parecia estar com eles. Micky não conseguia distinguir suficientemente o seu rosto para poder identifica-lo.

Edward deu um sorriso maldoso. Vira uma oportunidade para fazer uma diabrura. Levou o indicador aos lábios, em sinal de silêncio, e começou a descer a pedreira. Micky seguiu-o.

Atingiram a saliência onde os rapazes tinham deixado as suas roupas. Tonio e Hugh estavam debaixo d'água, a investigar algo, enquanto Peter nadava calmamente sozinho, de um lado para o outro.' Foi ele o primeiro a avistar os recém— Chegados.

— Oh, não! — exclamou.

— Ora, ora! — disse Edward. — Vocês estão infringindo o regulamento, não é verdade?

Hugh Pilaster viu o primo e gritou:

— Você também!

— É melhor regressarem antes de serem apanhados — disse Edward, pegando umas calças no chão. — Mas não molhem as roupas, senão todo mundo saberá onde estiveram! — E atirou as calças para o meio do lago, morrendo de rir.

— Seu ordinário! — gritou Peter, tentando agarrar as calças, que flutuavam.

Micky sorriu, divertido. Edward pegou numa bota e jogou-a na água.

Os rapazes começaram a entrar em pânico. Edward pegou outra calça e a jogou novamente. Era bastante divertido ver as três vítimas gritando e mergulhando para apanhar as suas roupas e Micky começou a rir.

Enquanto Edward continuava a atirar botas e calças para a água, Hugh Pilaster deslizou para fora do lago. Micky estava à espera que ele fugisse, mas, inesperadamente, ele desatou a correr na direção de Edward. Antes que este pudesse virar, Hugh deu-lhe um grande empurrão. Embora fosse muito maior, desequilibrou-se, balançou na extremidade da saliência, e caiu no poço, ruidosamente.

Isso se passou num abrir e fechar de olhos e Hugh pegou na sua roupa, começando a subir a pedreira como um macaco. Peter e Tonio riam muito.

Micky perseguiu Hugh durante um tempo, mas não podia ter esperanças de apanhar o rapaz, menor e mais ágil.

Voltando-se, tentou ver se Edward estava bem. Não precisava ter ficado preocupado.

Edward tinha emergido e segurava na cabeça de Peter Middleton mergulhando-a uma e outra vez, como castigo pelo seu riso gozador.

Tonio nadou na direção do outro lado do lago, atingindo a sua extremidade, e agarrou num monte de roupa encharcada.

Virou-se, olhando para trás:

— Largue ele, macaco de uma figa! — gritou para Edward.

Tonio sempre fora bastante afoito e Micky se perguntou o que ele iria fazer.

Tonio continuou a andar ao longo da margem e depois se virou com uma pedra na mão.

Micky gritou, para avisar Edward, mas era tarde demais. Tonio atirou a pedra com uma pontaria extraordinária e acertou na cabeça de Edward. Um fio de sangue correu-lhe pela testa.

Edward uivou de dor e, largando Peter, correu para o lado oposto, para ir atrás de Tonio.

Hugh correu nu pelo bosque em direção ao colégio, agarrando o que restava da sua roupa e tentando ignorar a dor nos seus pés sobre o chão áspero. Ao chegar a um ponto onde a trilha se cruzava com outra, optou pela da esquerda, correu um pouco e escondeu-se nos arbustos.

Ficou à espera, tentando acalmar a respiração ofegante e pôs-se à escutar. O seu primo Edward e o amigo, Micky Miranda, eram os piores animais de todo o colégio: preguiçosos, maus desportistas, arrogantes.

A melhor coisa que podia fazer era manter-se fora do seu caminho. Mas tinha a certeza de que Edward viria atrás dele. Edward sempre tinha odiado Hugh.

Os seus pais também tinham discutido. O pai de Hugh, Toby, tinha afastado o seu capital do negócio da família e formado a sua própria empresa, comerciando com tintas para a indústria têxtil.

Mesmo com treze anos, Hugh sabia que o pior crime na família Pilaster era retirar o dinheiro do banco. O pai de Edward, Joseph, nunca tinha perdoado ao seu irmão Toby.

Hugh pensou no que teria acontecido aos seus amigos. Eram quatro antes de Micky e Edward terem aparecido: Tonio, Peter e ele tinham se divertido numa das extremidades do lago e um rapaz mais velho, Albert Cammel, nadava sozinho na outra ponta.

Tonio era normalmente corajoso a ponto de ser ousado, mas tinha um medo pavoroso de Micky Miranda. Vinham do mesmo lugar, um país na América do Sul chamado Córdoba, e Tonio dissera que a família de Micky era poderosa e cruel Hugh não percebera o que aquilo queria dizer, mas o resultado era visível: Tonio fazia frente aos outros rapazes do 5.º ano, mas era sempre delicado com Micky, por vezes até subserviente.

Peter devia estar aterrorizado: tinha medo da sua própria sombra. Hugh esperava que ele se tivesse afastado dos fanfarrões.

Albert Cammel, cuja alcunha era "o Corcunda", não estivera com Hugh e os seus amigos e tinha deixado as suas roupas num outro local, tendo provavelmente escapado.

Hugh também havia fugido, mas ainda não estava livre de confusões. Perdera a roupa íntima, as meias e as botas. Teria que entrar sorrateiramente no colégio todo encharcado e esperando não ser visto por um dos professores ou por um dos rapazes do último ano.

Gemeu alto só com a ideia. "Por que é que estas coisas estão sempre acontecendo comigo?", perguntou a si mesmo muito desconsolado.

Estava sempre se metendo em confusões desde que viera para Windfield, há dezoito meses. Não tinha dificuldades nos estudos: estudava muito e era o melhor da sua turma em todos os exames. Mas os regulamentos mesquinhos irritavam— No bastante.

Tendo de ir para a cama todas as noites às nove e quarenta e cinco, Hugh tinha sempre um motivo muito forte para ficar acordado por mais meia hora. Achava os lugares proibidos fascinantes e era atraído para a exploração do jardim da reitoria, do pomar do diretor, da pequena carvoaria e da adega de cerveja.

Corria quando devia andar, lia quando devia estar dormindo e falava durante as orações. E

acabava sempre por ficar assim, culpado e assustado, pensando sobre o que o levaria a submeter-se a tantos tormentos.

O bosque ficou silencioso durante vários minutos enquanto ele refletia desanimado, sobre o seu destino, interrogando-se se acabaria por ser um pária da sociedade, ou até mesmo um criminoso, jogado na cadeia, deportado para a Austrália, acorrentado ou enforcado.

Por fim concluiu que Edward não viria atrás dele. Levantou-se, vestiu a camisa e as calças molhadas. Então ouviu alguém chorando.

Espreitou cautelosamente e viu o emaranhado de cabelos ruivos de Tonio. O amigo caminhava devagar pela trilha,. Nu, encharcado, segurando a roupa e soluçando.

— O que aconteceu? — perguntou Hugh. — Onde está Peter?

Tonio ficou de repente furioso.

— Nunca direi, nunca! — exclamou. — Eles iriam me matar!

— Está bem, não fale— Condescendeu Hugh,. como sempre, Tonio estava apavorado, com medo de Micky. Nunca diria uma palavra acerca do que quer que tivesse acontecido.

— É melhor você se vestir ,disse ele pragmaticamente.

Tonio olhou apático para a trouxa que segurava nos braços. Parecia muito abalado para separar as peças de roupa. Hugh pegou-as:. Tinha botas, calças e uma meia, mas não tinha camisa. Hugh ajudou-o a vestir o que tinha e depois dirigiram-se para o colégio.

Tonio parou de chorar, embora parecesse ainda muito abalado. Hugh esperava que aqueles arrogantes não tivessem feito nenhum mal a Peter. Mas agora tinha que pensar em salvar a sua própria pele.

— Se conseguirmos entrar no dormitório, poderemos vestir roupas e calças limpas e as botas de reserva — disse ele, continuando com os seus planos. — Depois, logo que acabe a proibição poderemos ir à cidade comprar roupas novas à crédito, no Baxter.

— Está bem — concordou Tonio tristemente.

Enquanto caminhavam por entre as árvores, Hugh tentou de novo adivinhar porque estaria Tonio tão perturbado. Afinal, este gênero de coisas não era novo em Windfield: O que teria acontecido no lago depois de Hugh ter fugido? Tonio não voltou a falar no assunto durante todo o caminho de volta.

O colégio era um conjunto de seis prédios que antigamente tinham sido o centro de uma grande fazenda, e o dormitório deles era na velha leiteria, próximo da capela. Para chegar lá, era preciso passar um muro e atravessar o campo de handebol. Treparam no muro e espreitaram para o outro lado. O recinto de jogos estava deserto, tal como Hugh havia calculado, mas mesmo assim hesitou. A lembrança da vara a cair sobre o seu traseiro fez com que ele se encolhesse, mas não havia alternativa. Tinha que entrar no colégio e vestir roupas secas.

— Ninguém à vista — sussurrou ele. — Vamos!

Saltaram ao mesmo tempo por cima do muro e atravessaram o recinto correndo em direção à sombra fresca da capela de pedra. Até ali, tudo bem. Esgueiraram-se em volta do lado leste, quase colados na parede.

Depois correram pelo caminho principal a fim de entrarem no dormitório. Hugh fez uma pausa. Ninguém à vista.

— Agora! — exclamou ele.

Os dois rapazes atravessaram correndo para dentro do edifício.

Então, quando alcançaram a porta, aconteceu o pior.

— Pilaster Júnior! É você? — bradou uma voz autoritária e familiar e Hugh sabia que a brincadeira tinha terminado.

O seu coração apertou-se. Parou de correr e virou-se. Mr. Offerton tinha escolhido aquele preciso momento para sair da capela e estava na sombra do alpendre.

Era um vulto alto e dispéptico, envergando a túnica do colégio e um barrete na cabeça. Hugh reprimiu um gemido.

Mr. Offerton, cujo dinheiro fora roubado, era o menos propenso entre todos os mestres, a demonstrar misericórdia. Seria mesmo a Listradora. Os músculos do seu traseiro, se contraíram involuntariamente.

— Chegue aqui, Pilaster — disse Mr. Offerton.

Hugh arrastou-se até ele e Tonio, seguiu-o.

— Já para o gabinete do diretor — ordenou o professor.

— Sim, senhor — obedeceu Hugh, muito infeliz.

As coisas estavam ficando cada vez piores. Quando o diretor visse como ele estava vestido, seria provavelmente expulso do colégio. E que explicação daria à mãe?

— Ande!! — exclamou Mr. Offerton com impaciência. Os dois rapazes viraram-se, mas o professor acrescentou: --Você não, Silva.

Hugh e Tonio trocaram um olhar assustado. Por que é que um deveria ser punido e o outro não? Mas não podiam discutir ordens e Tonio dirigiu-se ao dormitório enquanto Hugh caminhava para os aposentos do diretor. Já conseguia sentir a vara. Sabia que iria chorar, e isso era ainda pior do que a dor, pois com treze anos sentia-se crescido demais para chorar.

A casa do diretor situava-se num extremo do colégio e Hugh seguia muito devagar, mas chegou lá, cedo demais e a criada abriu a porta um segundo depois dele ter tocado a sineta.

Encontrou o doutor Poleson no vestíbulo. O diretor era um homem careca com cara de buldogue, mas por algum motivo não parecia tão zangado como deveria. Em vez de exigir saber por que motivo estava Hugh fora do seu quarto todo molhado, abriu apenas a porta do escritório e disse calmamente:

— Por aqui, jovem Pilaster.

Sem dúvida estava a guardar a raiva para quando o açoitasse.

Hugh entrou com o coração a bater muito depressa.

Ficou perplexo ao ver ali a sua mãe. Pior ainda, ela estava chorando.

— Só fui nadar! — deixou Hugh escapar.

A porta fechou-se atrás dele e viu que o diretor não o tinha seguido.

Começou a perceber que o que estava se passando não tinha nada a ver com o fato dele ter violado a clausura, ido nadar, ter perdido as suas roupas e ter sido encontrado seminu.

Teve um pressentimento de que devia ser algo muito mais terrível.

— Mãe, o que é que aconteceu? — perguntou ele. — por que você veio?

— Oh, Hugh — Soluçou ela. — O seu pai morreu!

O sábado era o melhor dia da semana para Maisie Robinson.

Nesse dia o pai recebia o salário. Hoje haveria carne para o jantar e pão fresco.

Sentou-se na soleira da porta com o irmão Danny, esperando que o pai regressasse do trabalho. Danny tinha catorze anos, mais dois que Maisie, e ela o achava maravilhoso, embora ele nem sempre a tratasse muito bem.

A casa era uma daquelas habitações úmidas e pouco arejadas situada junto ao estaleiro de uma pequena cidade da costa nordeste da Inglaterra. Pertencia a Mrs. MacNeil, uma viúva que vivia no quarto da frente. Os Robinsons viviam no quarto dos fundos e a outra família vivia no segundo andar.

Quando se aproximava a hora do Papai vir para casa, Mrs. MacNeil vinha também para a soleira, na expectativa de receber o dinheiro do aluguel.

Maisie estava com fome. No dia anterior tinha suplicado alguns ossos quebrados ao açougueiro, e o pai havia trazido um nabo e fizeram um ensopado. Fora a última refeição que tivera. Mas hoje era sábado. Tentou não pensar na refeição, pois isso piorava a dor no seu estômago.

— O Papai hoje disse uma asneira — confessou ela a Danny, para não pensar em comida.

— Qual?

— Disse que Mrs. MacNeil era um paskudniak.

Danny deu uma gargalhada. A palavra significava “saco de merda”.

Ambas as crianças falavam fluentemente inglês, ao fim de um ano no país, mas lembravam-se do seu iídiche.

O seu verdadeiro nome não era Robinson, mas sim Rabinowicz. e Mrs. MacNeil odiava-os desde que descobrira que eles eram judeus.

Nunca tinha conhecido nenhum judeu e, quando lhes alugou o quarto, pensava que eram franceses. Não havia mais judeus na cidade. Os Robinson nunca tinham querido ir para aquele local: haviam pago a passagem para um lugar chamado Manchester, onde existiam muitos judeus, e o comandante do navio dissera-lhes que era ali., mas enganara— Os. Quando descobriram que estavam no lugar errado, o pai dissera que haveriam de poupar dinheiro suficiente para se mudarem para Manchester. Mas a mãe tinha adoecido. Ainda estava doente e eles continuavam ali.

O pai trabalhava na zona portuária, num grande armazém que tinha uma placa escrita "Tobias Pilaster & Co" em grandes letras, por cima do



portão. Maisie interrogava-se frequentemente sobre quem seria esse tal Co.

O Papai era escriturário, mantendo registros dos barris de corantes que entravam e saíam do edifício. Era um homem cuidadoso, tomava notas e organizava listas. A Mama era o seu oposto. Sempre fora a mais ousada. Tinha sido ela a querer vir para Inglaterra.

Adorava dar festas, viajar, conhecer gente nova, vestir-se bem e jogar. Era por isso que o pai a amava tanto, pensava Maisie: ela era algo que ele nunca seria.

Agora a Mama já não era tão alegre. Ficava deitada todo o dia no velho colchão, sonolenta, com o pálido rosto brilhante de suor, a respiração quente e mal— Cheirosa. O médico dissera que ela precisava se fortalecer com muitos ovos frescos e creme, e carne todos os dias. Depois, o Papai lhe tinha pago com o dinheiro do jantar daquela noite.

Agora Maisie sentia-se culpada, cada vez que comia, sabendo que estava a ingerir algo que podia salvar a vida da sua mãe.

Maisie e Danny tinham aprendido a roubar. No dia de mercado, iam para o centro da cidade e surrupiavam batatas e maçãs das barracas armadas na praça.

Os comerciantes eram perspicazes, mas às vezes se distraíam com alguma coisa—uma discussão pelo troco, uma briga de cachorros, um bêbado— E as crianças agarravam o que podiam.

Quando tinham sorte, encontravam um rapaz rico da mesma idade; atacavam— No e roubavam— No. Essas crianças traziam frequentemente laranjas ou doces nos seus bolsos, bem como algum dinheiro. Maisie tinha medo de ser apanhada, porque sabia que a Mama iria sentir muita vergonha, mas também, tinha fome.

Olhou para cima e viu alguns homens aproximarem-se em grupo. Perguntou-se quem seriam eles. Ainda era cedo demais para os trabalhadores portuários regressarem do trabalho.

Falavam muito alto, agitando os braços e cerrando os punhos. Quando se aproximaram, reconheceu Mr. Ross, que vivia no andar de cima e trabalhava com o Papai no armazém dos Pilaster. Por que não estaria trabalhando? Teria sido despedido? Ele parecia suficientemente zangado para que isso pudesse ter acontecido. Tinha a cara vermelha e dizia palavras, falando acerca de gente estúpida, exploradores desgraçados e filhos da mãe mentirosos. Quando o grupo se aproximou da casa, Mr. Ross

deixou-os abruptamente e correu para dentro, tendo Maisie e Danny que saltar do caminho para evitar as suas botinas ferradas.

Quando Maisie voltou a olhar para cima, viu o Papai, Um homem magro com uma barba negra e olhos castanhos meigos, que seguia os outros a uma certa distância, caminhando de cabeça baixa. Parecia tão infeliz e sem esperança que Maisie teve vontade de chorar.

— Papai, o que aconteceu? Por que você veio mais cedo para casa?

— Venham para dentro — disse ele, numa voz tão fraca que Maisie mal o conseguiu ouvir.

As crianças seguiram— No até ao quarto. Ele se ajoelhou junto ao colchão e beijou os lábios da Mama. Ela acordou e sorriu-lhe.

Ele manteve um ar sério.

— A firma foi à falência — disse ele em iídiche. — Toby Pilaster declarou bancarrota.

Maisie não sabia direito o que aquilo significava, mas o tom de voz do Papai fazia parecer uma grande desgraça.

Olhou interrogativamente para Danny, ele encolheu os ombros. Também não tinha entendido — Mas por quê? — perguntou a Mama

Houve um desastre financeiro — respondeu o Papai. Um grande banco de Londres fechou ontem as suas portas.

A Mama franziu a testa, tentando concentrar-se.

— Mas não estamos em Londres. O que é que temos a ver com isso?

— Não conheço os detalhes.

— Então você está sem trabalho?

— Nem trabalho, nem salário.

— Mas hoje pagaram?-

O Papai baixou a cabeça.

— Não, não nos pagaram.

Maisie olhou de novo para Danny. Aquilo eles já tinham percebido.

Sem dinheiro não havia comida. Danny estava assustado. Maisie tinha vontade de chorar.

— Eles têm que pagar — Sussurrou a Mama! — Você trabalhou a semana inteira, têm que pagar!

— Não têm dinheiro — disse o Papai. — É isso o que a bancarrota significa. Devem dinheiro às pessoas e não têm como pagar.

— Mas você sempre disse que Mr. Pilaster era um bom homem!

— Toby Pilaster está morto. Enforcou-se, ontem à noite no seu escritório de Londres.

Tinha um filho da idade de Danny.

— Mas como é que vamos dar comida aos nossos filhos?

— Não sei — respondeu o Papai, e, para horror de Maisie começou a chorar. — Desculpa, Sarah — disse ele à medida que as lágrimas lhe corriam pela barba. — Trouxe vocês para este lugar horrível onde não há judeus nem ninguém que nos ajude. Não posso pagar ao médico, não posso comprar medicamentos, não posso alimentar os nossos filhos. Falhei. Desculpa, desculpa! — Inclinou-se para a frente, enterrando o rosto molhado no peito da Mama. Ela acariciou-lhe o cabelo com uma mão tremula.

Maisie estava estupefata. O Papai nunca chorava. Isso parecia significar o fim de toda e qualquer esperança. Talvez morressem todos agora.

Danny levantou-se, olhou para Maisie e fez-lhe sinal para se dirigir para a porta. Ela ergueu-se e foram os dois na ponta dos pés para fora do quarto. Maisie sentou-se na soleira da porta e começou a chorar.

— O que é que vamos fazer? — perguntou.

— Temos que fugir — respondeu Danny

As palavras do -irmão fizeram-lhe gelar o peito.

— Não podemos — disse ela.

— Temos que fugir. Não há comida. Se ficarmos, morreremos.

Maisie não se importava com a sua morte, mas lembrou-se de outra coisa: com certeza que a Mama passaria fome para alimentar os seus filhos. Se eles ficassem, ela morreria. Tinham que partir para salva-la.

— Tem razão — disse ela a Danny —, se formos embora, talvez Papai consiga arranjar comida suficiente para a mama.

— Temos que ir, para o bem dela.

Ouvindo-se pronunciar estas palavras, Maisie ficou apavorada com o que estava acontecendo com a sua família.

Era ainda pior do que o dia em que tinham partido de Viskis, com as casas ainda a arder atrás deles, e apanhado um comboio gelado, com todos os seus haveres em dois sacos de lona. Nessa altura, soubera que o Papai cuidaria dela para sempre, não importava o que viesse a acontecer.

Agora tinha de tomar conta de si própria.

— Para onde é que vamos? — perguntou ela num murmúrio.

— Eu vou para a América.

— Para a América! Como?

— Há um barco no cais que vai partir para Boston com a próxima maré. Subo por uma corda e me escondo no convés, num dos salva-vidas.

— Vai embarcar como clandestino! — exclamou Maisie, num misto de medo e de admiração.

— Exatamente

Olhando para o irmão, ela reparou pela primeira vez que começava a aparecer nele, uma sombra de bigode no lábio superior. Estava se tornando um homem e um dia teria uma grande barba preta como a do Papai.

Quanto tempo leva para se chegar na América, Danny?

— Não sei.

Maisie percebeu que não estava incluída nos seus planos, e sentiu-se muito infeliz e assustada.

— Então não vamos juntos — disse ela tristemente.

Ele tinha um ar de culpa, mas não a contradisse.

— Vou dizer o que você deve fazer. Vai para Newcastle.

Demora quatro dias à pé. É uma cidade muito grande, maior do que Gdansk. Ninguém vai nota-la;. Corte os cabelos, roube uma calça e finja ser um menino. Procure um estábulo grande e ajude com os cavalos. sempre foi boa com eles. Se gostarem de você, vão lhe dar gorjetas e depois de algum tempo podem até arrumar um emprego direito.

Maisie não se conseguia imaginar completamente sozinha.

— Preferia ir com você.

— Não pode. Já vai ser bem difícil eu me esconder no navio e roubar comida. Não poderia tomar conta de você.

— Não precisaria cuidar de mim. Eu ficaria quieta como um rato.

— Eu me preocuparia com você.

— E não se preocupa em me deixar aqui sozinha?

— Temos de cuidar de nós mesmos! — exclamou ele, zangado.

Maisie viu que ele já estava decidido. Nunca tinha sido capaz de fazê-lo mudar de ideia quando ele tomava uma decisão

— Quando iremos? De manhã?

Ele abanou a cabeça.

— Agora. Tenho que entrar no navio logo que escureça.

— Está falando serio?

— Sim.

E como que para provar levantou-se.

Ela se levantou também.

— Devemos levar alguma coisa?

— O quê?

Ela encolheu os ombros. Não tinha roupas, nem lembranças, nem objetos de qualquer espécie. Não havia— Comida nem dinheiro para levar.

— Quero dar um beijo de despedida na Mama

— Não faça isso! — exclamou Danny asperamente. — Se o fizer, não vai querer ir.

Era verdade. Se visse a mamãe, perderia a coragem e contaria tudo.

Engoliu com dificuldade.

Está bem — disse ela, contendo as lágrimas. — Estou pronta.

Afastaram-se, caminhando lado a lado.

Ao chegarem ao fim da rua, Maisie quis voltar e olhar para a casa pela última vez; contudo, receou que, se o fizesse, poderia mudar de ideia. Por isso, continuou em frente, sem olhar para trás.

Extraído do Times:

#### *O CARÁTER DO ESTUDANTE INGLÊS*

*O juiz sumariante de Ashton, Mr.H.S.Wasbrough, realizou ontem uma audiência no Station Hotel, Windfield, sobre a morte de Peter James St. John Middleton de 13 anos, um colegial.*

*O menino nadava num poço numa pedreira abandonada, perto de Windfield, quando dois rapazes mais velhos o viram, aparentemente em dificuldades. Um desses rapazes, Miguel Miranda declarou que.o seu companheiro Edward Pilaster de dezesseis anos, tirou a roupa e mergulhou tentando salvar o rapaz mais novo, não o tendo conseguido-*

*O diretor de Windfield, Dr. Herbert Poleson, confirmou que o acesso à pedreira estava proibido aos alunos, mas tinha conhecimento de que essa regra nem sempre era respeitada.*

*O júri proferiu um veredicto de morte acidental por afogamento. O juiz sumariante destacou a bravura de Edward Pilaster, ao tentar salvar a vida do amigo e disse que o caráter do colegial inglês, quando formado por instituições como a Windfield, era uma coisa de que podíamos nos orgulhar.*

Micky Miranda ficou fascinado pela mãe de Edward.

Augusta Pilaster era uma mulher alta, esbelta como uma estátua, na casa dos trinta anos.

Tinha cabelo e sobrancelhas negros e rosto altivo, nariz fino e queixo largo. Não seria exatamente bonita, nem atraente, mas o seu rosto orgulhoso era, de algum modo, profundamente fascinante. Por ocasião da audiência, usava casaco e chapéu o que a tornava ainda mais dramática.

Contudo, para Micky era a sensação evidente de que as roupas elegantes cobriam um corpo voluptuoso, e de que os modos altivos e autoritários escondiam uma natureza apaixonante.

Mal conseguia desviar os olhos dela.

A seu lado estava o marido, Joseph, pai de Edward, um homem de rosto feio e austero, com cerca de quarenta anos. Tinha o mesmo nariz grande de Edward e a mesma tez clara; no entanto, o cabelo loiro já começava a escassear e usava umas costeletas espessas e bastas, como que para compensar a calvície. Micky interrogava-se sobre o que teria levado uma mulher tão atraente a casar com ele. Era muito rico. Talvez fosse isso.

Regressaram ao colégio numa carruagem alugada no Hotel Station: os Pilaster, Edward, Micky, o diretor, doutor Poleson.

Micky ficou divertido ao ver que ele também ficara enfeitiçado por Augusta Pilaster.

O velho Poleson perguntou-lhe se a audiência a tinha fatigado, se ela estava confortável na carruagem. Ordenou ao cocheiro' que fosse mais devagar e, no fim da viagem, saltou logo a fim de poder pegar-lhe na mão quando ela se apeou. A sua cara de buldogue nunca tinha estado tão animada

A audiência correria bem. Micky compusera a expressão mais franca e honesta que ele e Edward tinham combinado pra contar a história, mas no íntimo estivera assustado. Os britânicos conseguiam ser muito hipócritas nessas coisas e se ele fosse descoberto, ficaria em maus lençóis.

Edward estivera nervoso e gaguejara o seu depoimento. Mas o tribunal ficou tão impressionado com a história de heroísmo estudantil, que o juiz desculpara— O dizendo que talvez ele estivesse consternado por não ter conseguido salvar a vida de Peter e aconselhou-o a não se culpar.

Nenhum dos outros rapazes foi convocado para a audiência. Hugh tinha sido levado do colégio no dia do afogamento, por causa da morte do pai. Tonio não fora convocado para testemunhar porque ninguém sabia que ele havia presenciado a morte: Micky tinha— O ameaçado para que

ficasse calado. A outra testemunha, o rapaz desconhecido no outro extremo do lago, não se tinha apresentado. Os pais de Peter Middleton estavam demasiado pesarosos para o assistirem. Haviam mandado o advogado, um homem idoso com olhos de sono, cujo único objetivo era encerrar o caso com o mínimo aparato possível. O irmão mais velho de Peter, David, estivera lá e ficara um tanto agitado quando o advogado se recusara a fazer perguntas a Micky ou a Edward.

Para alívio de Micky, o velho rejeitara os protestos sussurrados de David.

Micky ficou grato pela sua indolência. Estava preparado para o interrogatório mas Edward poderia desmoronar se lhe fizessem perguntas mais difíceis

Na poeirenta sala de estar do diretor, Mrs. Pilaster abraçou Edward e beijou-o na testa, no local do ferimento causado pela pedrada de Tonio.

— Meu querido menino! exclamou ela.

Micky e Edward não tinham dito a ninguém que Tonio havia atirado uma pedra em Edward, porque nessa altura teriam de explicar o motivo. Em vez disso, afirmaram que Edward tinha batido com a cabeça quando mergulhara pra salvar Peter.

Enquanto tomavam chá, Micky percebeu uma nova faceta de Edward.

Sua mãe, sentada junto a ele, acariciava-o constantemente e chamava-o de Teddy,. Em vez de ficar embaraçado, como aconteceria com a maioria dos rapazes, ele parecia gostar disso e ficava sorrindo para ela de uma maneira que Micky nunca tinha visto.

"Ela só vê o filho na frente", pensou Micky, "e ele gosta disso."

Depois de uns minutos de conversa, Mrs. Pilaster levantou-se abruptamente, assustando os homens, que se puseram de pé de um modo atrapalhado.

— Deve querer fumar, doutor Poleson — disse ela. Sem esperar pela resposta, continuou: — O

meu marido irá dar uma volta com o senhor pelo jardim, para fumarem um charuto. Teddy, querido, vai com o seu pai.

Eu gostaria de rezar um pouco na capela.

— Talvez Micky não se importe de me indicar o caminho.

— Com certeza, com certeza, com certeza — titubeou o diretor, curvando-se todo, na ânsia de obedecer a esta série de ordens.

Vá lá, Miranda — disse ele a Micky.

Este estava impressionado. Como tinha sido fácil para Mrs. Pilaster submetê-los todos à sua vontade! Segurou a porta para ela sair e foi atrás.

— Não quer levar uma sombrinha, Mrs. Pilaster? — perguntou-lhe delicadamente no vestíbulo. — O sol está muito forte!

— Não, obrigada.

Saíram todos. Havia bastante rapazes a perambular junto a casa do diretor. Micky calculou que tinham ouvido falar acerca da extraordinária mãe de Pilaster e tinham vindo todos dar uma olhadela. Sentindo-se satisfeito por ser o seu guia, conduziu-a através de uma série de campos de jogos e pátios até à capela do colégio.

— Quer que eu a espere aqui fora? — perguntou, solícito.

— Entre. Quero falar com você.

Começou a ficar nervoso. A satisfação de escotar uma mulher madura e atraente através do colégio começou a desvanecer-se, interrogou-se porque queria ela conversar a sós com ele.

A capela estava vazia. Ela sentou-se num banco de uma das últimas filas e convidou-o a sentar-se a seu lado.

— Agora me diz a verdade — intimou, fixando os olhos nele.

Augusta viu um lampejo, de surpresa e receio na expressão do rapaz e concluiu que estava certa.

Mas, Micky recuperou-se depressa.

— Eu já lhe disse a verdade — respondeu ele.

— Não disse — afirmou ela, abanando a cabeça

Ele sorriu.

O sorriso surpreendeu-a — Tinha — O apanhado em falso; sabia que estava na defensiva.

Mas, ele conseguiu sorrir-lhe!

Poucos homens conseguiam resistir à força da sua vontade, mas parecia que ele era uma exceção apesar da sua juventude.

— Que idade tem? — perguntou ela.

— Dezesseis

Observou-o. Era extraordinariamente bonito, tendo cabelos crespos de um castanho-escuro, pele lisa, embora já houvesse um sinal de decadência nos olhos empapuçados e lábios cheios.



Fazia-lhe lembrar um pouco o conde de Strang, com o seu equilíbrio e beleza. Afastou aquela ideia com um sentimento de angústia e culpa.

— Peter Middleton não estava em dificuldades quando vocês chegaram ao lago — disse ela. —

Estava nadando muito tranquilamente.

— O que a leva a dizer isso? — perguntou ele com frieza.

Sentiu que ele estava assustado, mas que mantinha as aparências.

Era realmente bastante maduro. Sem querer, ela mostrou o jogo.

— Você se esqueceu de que Hugh Pilaster — Estava lá — disse ela.

—

— Ele é meu sobrinho. O seu pai suicidou-se a semana passada, como provavelmente você ouviu dizer, e é por isso que não está aqui. mas, falou com a mãe dele, que é minha cunhada.

— O que é que ele disse?

Augusta franziu as sobrancelhas.

— Que Edward atirou as roupas de Peter na água — respondeu ela com relutância.

Realmente, não compreendia como é que o seu Teddy podia fazer tal coisa.

— E depois?

Augusta sorriu. Este rapaz estava dirigindo a conversa. Ela é quem deveria estar interrogando e era ele quem lhe fazia as perguntas.

— Conte-me o que realmente se passou — pediu ela.

Ele acenou, concordando:

— Muito bem.

Ao ouvir aquilo, Augusta ficou aliviada e, ao mesmo tempo, preocupada. Queria saber a verdade, mas receava ouvi-la. Pobre Teddy, quase tinha morrido, quando bebê, por causa de um problema com o seu leite e por pouco não morreu antes dos médicos descobrirem a natureza do problema e proporem uma ama. Desde então, fora sempre muito vulnerável, precisando de proteção materna especial. Por vontade dela, Edward nunca teria ido para um colégio interno, mas o pai fora intransigente. Prestou novamente atenção em Micky.

— Edward não tinha intenção de fazer mal — começou ele. — apenas divertir-se. Atirou a roupa dos outros rapazes na água de

brincadeira Augusta concordou. Isso lhe parecia normal. Os rapazes a implicarem uns com os outros.

Pobre Teddy, também devia ter passado pelo mesmo!

— Então Hugh empurrou Edward para dentro d'água.

— O pequeno Hugh tem sido sempre um arruaceiro. disse “ É exatamente como o infeliz do pai dele e com certeza terá um final trágico”, pensou consigo.

— Os outros rapazes riram e Edward empurrou a cabeça de Peter para dentro d'água para lhe dar uma lição Hugh fugiu e Tonio atirou uma pedra em Edward.

Augusta ficou horrorizada.

— Mas ele podia ter ficado inconsciente e se afogar!

— Mas não ficou, e correu atrás de Tonio. Eu estava a observa-los. Ninguém olhava para Peter Middleton. Tonio conseguiu escapar. Só então notamos que Peter estava imóvel. Não sabemos realmente o que aconteceu. Talvez o mergulho forçado de Edward o deixasse exausto de modo a ter ficado sem forças e sem fôlego para sair do lago. Seja como for, flutuava de barriga para baixo. Nós o tiramos de imediato da água, mas já estava morto.

"Difícilmente se pode atribuir a culpa a Edward", pensou Augusta. Os rapazes sempre foram maus uns para os outros. De qualquer maneira, estava profundamente grata por aquela história não ter sido descoberta durante a audiência. Graças a Deus, Micky tinha protegido Edward!

— E quanto aos outros rapazes? — perguntou ela. — Devem saber o que aconteceu.

— Foi uma sorte Hugh ter deixado o colégio no mesmo dia.

— E o outro, que você chamou de Tony?

— Antonio Silva. Tonio, para ser mais prático. Não se preocupe com ele. É meu compatriota -

Fará o que eu lhe mandar.

— em certeza?

— Ele sabe que se me meter em confusão, a sua família em Córdoba sofrerá.

Havia algo de sinistro na voz do rapaz quando disse aquilo, e Augusta estremeceu.

— Quer que lhe traga um agasalho?

Augusta abanou a cabeça.

— Nenhum outro rapaz viu o que aconteceu?

Micky franziu as sobrancelhas.

— Havia outro rapaz a nadar no lago quando lá chegamos.

— Quem?

— Não consegui ver seu rosto e nunca pensei que isso viesse a ser importante.

— E viu o que aconteceu?

— Não sei. Não sei quando ele foi embora.

— Mas já tinha partido na hora 'em que vocês tiraram o corpo do lago?

— Sim

— Seria bom saber quem ele era — disse Augusta, com alguma ansiedade.

— Vai ver que ele nem era do colégio — aventurou Micky. — Podia ser da cidade. Seja como for, por qualquer motivo ele não se apresentou como testemunha, por isso não creio que seja um perigo para nós. Um perigo para nós. Isto fez Augusta lembrar-se que estava envolvida com aquele rapaz em algo de desonesto, possivelmente ilegal. Não lhe agradava. Tinha-se envolvido sem dar por isso, e agora?

— E agora? — perguntou ela, olhando-o friamente. Você cometeu perjúrio hoje no Tribunal!

Pela primeira vez, viu que ele estava deslocado com a sua franqueza, o que lhe agradou.

— Não creio que você tenha corrido um risco tão grande apenas por simpatia para com um colega. Acho que está querendo alguma coisa em troca. Por que é que não me diz o que é?

Viu-o descer o olhar para o seu peito e, por momentos, pensou que ele lhe fosse fazer uma proposta indecorosa.

— Quero passar o Verão com vocês — disse ele finalmente.

Não esperava por aquilo.

— Por quê?

— A minha casa fica a seis semanas de viagem. Tenho que ficar no colégio durante as férias.

Detesto isso, sinto-me sozinho e me aborreço muito. Gostaria de ser convidado para passar as férias com o Edward.

Subitamente ele era de novo um colegial. Augusta pensara que ele pediria dinheiro, ou talvez um emprego no Pilasters Bank. Mas aquele

pedido parecia insignificante, quase infantil.

Contudo, era evidente que não se tratava de algo insignificante para o garoto. Afinal, pensou ela, ele tem apenas dezesseis anos!

— Muito bem, irá passar o verão conosco e será bem-vindo, disse ela.

A ideia não lhe desagradava. Era um rapaz um tanto formidável sob certos aspectos, mas tinha boas maneiras e era bonito: não seria nenhum sacrifício tê-lo como hóspede. E talvez fosse uma boa influência para Edward. Se Teddy tinha algum defeito, era o de ter poucos objetivos.

Micky era precisamente o oposto. Talvez alguma da sua força de vontade passasse para o seu Teddy.

— Obrigado. — Micky sorriu, mostrando os dentes brancos. Parecia estar realmente encantado.

Augusta sentiu necessidade de estar algum tempo sozinha e digerir tudo aquilo que tinha escutado.

— Preciso ficar só — pediu ela. — Consigo encontrar o caminho de volta para casa do diretor.

Ele levantou-se,

— Fico-lhe muito grato — disse ele, estendendo-lhe a mão.

Ela apertou-a.

— Obrigada por proteger Teddy.

Micky inclinou-se, como se lhe fosse beijar a mão, e então, para espanto dela, beijou-lhe os lábios. Foi tudo tão rápido, que não teve tempo de virar o rosto. Tentou articular algumas palavras de protesto quando ele se endireitou, mas não lhe ocorreu nada. Um momento depois estava só.

Era vergonhoso. Ele não devia tê-la beijado e muito menos nos lábios. Quem ele pensava que era? O seu primeiro pensamento foi o de voltar atrás com o convite para o verão. Mas isso era impossível. "Por que não?", pensou ela. "Por que não podia cancelar um convite feito a um mero estudante?" Micky tinha agido de um modo presunçoso, por isso não iria ficar em sua casa.

Mas a ideia de ter que voltar atrás com a sua palavra, fê-la sentir-se pouco à vontade. Não era apenas o fato de Micky ter salvo Edward de uma grande fatalidade. Era pior do que isso.

Conspirara criminalmente com ele. Sentiu-se muito vulnerável em relação ao rapaz.

Continuou na capela durante muito tempo, olhando para as paredes nuas e pensando, com alguma apreensão, como é que aquele rapaz, belo e esperto, usaria o seu poder.

## PARTE UM

1873

### CAPITULO I

#### MAIO

Quando Micky Miranda tinha vinte e três anos, o seu pai veio a Londres comprar rifles.

O senhor Carlos Raul Xavier Miranda, sempre conhecido como "Papai", era um homem baixo, de ombros largos. O seu rosto bronzeado era esculpido em linhas agressivas e brutais.

Com as calças de couro utilizadas pelos vaqueiros e um chapéu de abas largas, montado num garanhão castanho, tinha uma figura bela e imponente; mas ali em Hyde Park, de fraque e chapéu alto, sentia-se ridículo, e isso tornava-o perigosamente mal-humorado.

Não eram parecidos. Micky era alto e magro, com feições agradáveis, e conseguia o que queria através de sorrisos e não através de caras emburradas. Estava profundamente ligado aos encantos da vida de Londres: roupas bonitas, boas maneiras, lençóis de linho e água canalizada.

O seu grande medo era que o pai o levasse com ele para Córdoba.

Não suportaria voltar a andar todos os dias numa sela e a dormir no chão duro. Pior ainda era a perspectiva de ser de novo esmagado pelo seu irmão mais velho, Paulo, que era uma réplica do pai.

Talvez Micky regressasse à casa, um dia, mas quando fosse um homem importante, não como o filho mais novo do Papai Miranda. Entretanto, teria de convencer o pai de que lhe era mais útil ali em Londres do que em Córdoba. Caminhavam ao longo da South Carriage Drive numa tarde ensolarada de sábado.

O parque estava apinhado de londrinos bem vestidos que circulavam a pé, a cavalo ou em carruagens abertas, gozando o tempo quente. Mas Papai não estava se divertindo. — Tenho de possuir aqueles rifles — murmurou para ele mesmo duas vezes, em espanhol.

Podia comprá-las em Córdoba — tentou Micky, na mesma língua.

— Dois mil rifles? — explodiu o Papai — Talvez sim, mas seria uma compra tão avultada que todo mundo ficaria sabendo!

Com que então ele queria manter segredo! Micky não fazia ideia do que o pai andava a tramar. Para pagar dois mil rifles, mais munições, iriam ser necessárias todas as economias da família.

Porque é que de repente o pai precisava de tanta artilharia?

Não havia guerras em Córdoba desde a lendária Marcha dos Vaqueiros, quando o pai conduziu os seus homens através dos Andes para livrar a província de Santa Maria dos seus ocupantes espanhóis.

Para que seriam as armas? Se se contassem os vaqueiros do pai, os familiares, os empregados e os penduras, teriam menos de mil pessoas. O pai devia estar pensando em recrutar mais alguém.

Com quem é que iriam lutar? Ele não lhe dissera e Micky tivera medo de perguntar.

— Seja como for, não deveria conseguir armas de tão boa qualidade em Córdoba.

— Lá isso é verdade — respondeu o pai. — Os Westley-Richards são os melhores rifles que eu já vi.

Micky tinha conseguido ajudar o pai na escolha dos rifles. Sempre se sentira fascinado por toda a espécie de armas e estava a par dos últimos avanços técnicos. O pai precisava de rifles curtos, fáceis de transportar a cavalo. Levou-o a uma fábrica em Birmingham e mostrou-lhe a Westley-Richards, de carregar pela culatra, com a alcunha de "Rabo de Macaco", devido ao seu gatilho recurvado — Elas são fabricadas muito depressa — disse Micky. Pensei que iríamos esperar seis meses, mas demora apenas alguns dias!

— E graças à maquinaria americana. — Antigamente quando as armas eram feitas pelos ferreiros, que juntavam os componentes ao acaso, enganando-se na maior parte das vezes, eram realmente necessárias as seis semanas; mas com as novas máquinas, tão precisas, os vários componentes de uma arma encaixavam perfeitamente numa outra do mesmo modelo, e num único dia, uma fábrica bem equipada podia produzir rifles idênticos, como alfinetes.

— E a máquina que faz duzentos mil cartuchos por dia! — Exclamou o pai, abanando a cabeça em sinal de admiração. O seu semblante mudou novamente: — Mas como é que eles podem pedir dinheiro antes das armas serem entregues? — perguntou ele carrancudo?

O Papai não entendia nada de comércio internacional e pensava que o fabricante transportaria os rifles até Córdoba, exigindo apenas nessa

altura o pagamento. Pelo contrário, as armas tinham de ser pagas antes de saírem da fábrica de Birmingham.

Estava relutante em enviar barris cheios de moedas de prata através do Atlântico. Pior ainda, não entregaria toda a fortuna da sua família antes das armas estarem em seu poder.

— Vamos resolver isso, pai — disse Micky, apaziguando-o. — É para isso que servem os bancos.

— Explica outra vez. Quero ter a certeza de que entendo.

Micky ficou contente por poder explicar uma coisa ao pai.

— O banco pagará ao fabricante de Birmingham. Tratará do embarque das armas para Córdova e fará o seguro da viagem.

— Quando chegarem ao destino, o banco receberá o pagamento na sucursal de Córdova.

— Mas então terão de mandar a prata num barco, para Inglaterra?

— Não necessariamente. Podem utilizá-la para pagar um carregamento de carne salgada que venha de Córdova para Londres.

— Como é que eles tiram lucros?

— Ficam com uma percentagem de tudo. Pagarão ao fabricante dos rifles, um preço reduzido, ficam com uma comissão do embarque e do seguro e cobram-lhe um pouco mais pelas armas.

O pai acenou em concordância. Tentava não mostrar, mas estava impressionado e isso deixou Micky feliz.

Deixaram o parque e caminharam ao longo de Kensington Gore, em direção à casa de Joseph e Augusta Pilaster.

Nos sete anos posteriores ao afogamento de Peter Middleton, Micky tinha passado todas as suas férias com os Pilaster.

Depois de terem concluído os estudos no colégio, ele e Edward haviam passado um ano na Europa e ocupavam agora o mesmo quarto em Oxford, passando a vida bebendo, jogando e causando encrencas fingindo que eram estudantes.

Micky nunca mais tinha beijado Augusta, mas gostaria de o ter feito. Aliás, gostaria de fazer mais do que isso. E pressentia que ela estaria de acordo. Tinha a certeza de que, sob aquela capa de arrogância gélida, estava o coração ardente de uma mulher apaixonada e sensual. Mas retraía-se, prudentemente. Atingira algo de inestimável ao ser aceito quase como um filho por uma das famílias mais ricas da Inglaterra e seria uma



atitude irrefletida, por em perigo essa posição tão gratificante seduzindo a mulher de Joseph Pilaster.

Os pais de Edward tinham-se mudado recentemente para uma nova casa em Kensington Gore, que até há pouco tempo havia sido uma estrada secundária, indo de Mayfair até à aldeia de Kensington, era agora ladeada, a sul, por esplêndidas mansões. A norte, estavam Hyde Park e os jardins do palácio de Kensington. Era o lugar ideal para uma abastada família — Comercial se instalar

Quanto ao estilo arquitetônico Micky já não tinha tanta certeza.

Chamava bastante a atenção, disso não havia dúvidas. Era feita de tijolos vermelhos e pedras brancas, com grandes janelas no térreo e segundo andar. Acima do segundo andar havia um imenso frontão, de forma triangular abrangendo três fileiras de janelas-seis, depois quatro, e duas no ápice. Eram quartos presumivelmente para os inúmeros parentes, hóspedes e criados.

As laterais do frontão eram íngremes, e nos degraus se empoleiravam animais de pedra, leões, dragões e macacos. No topo havia um navio com a vela enfunada. Talvez representasse o navio negreiro que, segundo a lenda familiar, fora a fundação da riqueza dos Pilasters.

— Tenho certeza de que não há outra casa assim em Londres — afirmou Micky, enquanto ele e seu pai a contemplavam por fora.

Sem dúvida foi isso que a senhora pretendeu — respondeu o pai em espanhol Micky concordou. O pai ainda não vira Augusta, mas já fazia uma ideia de como ela era.

A casa tinha também um enorme porão, cuja área era atravessada por uma ponte que conduzia ao alpendre da entrada. A porta estava aberta, e eles entraram.

Augusta estava dando uma pequena festa, para exibir a sua casa.

O vestíbulo com painéis de carvalho encontrava-se apinhado de convidados e de criados.

Micky e seu pai entregaram os chapéus e passaram através da multidão até à grande sala de estar, ao fundo. As portas envidraçadas estavam abertas e as pessoas espalhavam-se pelo terraço e pelo comprido jardim.

Micky tinha precisamente escolhido tal ocasião para apresentar o pai, pois as maneiras dele nem sempre estavam de acordo com os padrões londrinos e era melhor que os Pilaster o fossem conhecendo aos poucos.

Mesmo para os padrões de Córdoba, era um pouco rude, e acompanhá-lo através de Londres era o mesmo que passear com um leão preso por uma corrente. Insistia em andar sempre com a sua pistola sob o casaco.

O Papai não precisou que Micky lhe indicasse quem era Augusta.

Ela estava no meio da sala, usando um vestido de seda azul decotado, que revelava o volume dos seus seios. Quando Papai lhe apertou a mão, ele olhou para ele com os seus olhos negros hipnotizantes e disse num tom de voz baixo e aveludado.

— Senhor Miranda, é um prazer conhecê-lo finalmente!

Papai ficou fascinado de imediato. Inclinou-se profundamente sobre a sua mão.

— Nunca poderei retribuir a sua bondade para com Miguel — disse ele num inglês precário.

Micky observou-a enquanto ela enfeitiçava o seu pai. Tinha mudado muito pouco desde aquele dia em que a beijara na capela do Colégio Windfield. As duas rugas em redor dos olhos ainda os tornavam mais fascinantes; os pequenos fios de prata no seu cabelo, realçavam o negro dos fios restantes; e se estava mais gorda, isso emprestava mais volúpia ao seu corpo.

— Micky falou-me várias vezes do seu maravilhoso rancho — dizia ela ao Papai — Tem que nos visitar um dia destes — respondeu ele, baixando o tom de voz.

"Deus queira que não!", pensou Micky. Augusta ficaria tão deslocada em Córdoba como um flamingo numa mina de carvão.

— Talvez — disse Augusta. — A que distância fica?

— Com os novos navios, apenas um mês.

Ainda agarrava na mão dela reparou Micky. E a sua voz suavizara-se. Já estava enfeitiçado por Augusta. Sentiu uma ponta de ciúmes. Se alguém tivesse que ter um caso com ela, seria ele, não o Papai

— Ouvi dizer que Córdoba era um belo país.

Micky rezou para que o pai não fizesse nada de embaraçoso.

No entanto, conseguia ser encantador quando lhe convinha e estava agora a representar o papel do sul-americano romântico para impressionar Augusta.

— Prometo-lhe que a receberemos como a rainha que a senhora é — disse ele numa voz profunda. ; Agora era notório que estava a atirar-se a ela.,mas Augusta sabia como lidar com ele.-

Que perspectiva tão tentadora! — exclamou ela num tom nada convincente. logo entendido pelo pai

Retirando a sua mão da dele, olhou para trás e exclamou: — Capitão Tillotson, foi muito amável em ter vindo! — E virou-se para cumprimentar o próximo convidado.

Papai estava desolado! Precisou de alguns momentos para se acalmar.

— Quero ir ter com o gerente do banco — disse ele abruptamente.

— Com certeza — anuiu Micky, um pouco nervoso.

Procurou o velho Seth com os olhos. Todo o clã Pilaster estava ali reunido, incluindo tias solteironas, sobrinhos e sobrinhas, sogras, genros, noras, cunhadas e primos em segundo grau.

Reconheceu alguns membros do Parlamento e da pequena nobreza. A maior parte dos outros convidados eram de relações comerciais, e também rivais pensou Micky quando viu a figura magra e aprumada de Bem Greenbourne, dono do Banco Greenbourne, considerado o homem mais rico do mundo. Ben era pai de Solomon, o rapaz que Micky conhecera como Fatty Greenbourne. Nunca mais se encontraram depois de terem saído do colégio: Fatty não fora para a universidade nem dera uma volta pela Europa, tendo ido diretamente para os negócios do pai.

A aristocracia considerava bastante grosseiro falar sobre dinheiro, mas este tipo não tinha essas inibições, e Micky ouviu repetidamente a palavra “craque”. A palavra às vezes saía escrita nos jornais como “Krach” porque originou-se na Áustria. O preço das ações havia baixado e as taxas bancárias tinham subido, dizia Edward, que recentemente começara a trabalhar no banco da família. Algumas pessoas estavam bastante alarmadas, mas os Pilaster tinham a certeza de que Londres não seria arrastada — Por Viena.

Micky levou o pai para o terraço pavimentado, onde existiam uns bancos de madeira à sombra de toldos listrados. Ali encontraram o velho Seth, com uma manta sobre os joelhos apesar do tempo primaveril.

Sofria de uma doença não específica e estava bastante fraco parecendo vulnerável como uma casca de ovo; no entanto, o grande nariz dos Pilaster emprestava-lhe ainda um ar grandioso.

— Que pena que não esteja bastante bem para ir à recepção real, Mr. Pilaster!

— dizia-lhe uma convidada debruçada sobre ele Micky poderia ter dito à senhora que esse tipo de coisas não interessavam a um Pilaster.

— Pelo contrário, fico contente por ter uma desculpa — respondeu Seth. — Não vejo porque tenho que me inclinar perante pessoas que ganharam um penny em sua vida!

— Mas o príncipe de Gales. , quanta honra!

Seth não estava com disposição para discussões, aliás quase nunca estava,— e disse:

— Minha senhora, o nome dos Pilaster é garantia de honestidade nos recantos do mundo onde nunca se ouviu falar do príncipe de Gales — Mas, Mr. Pilaster, até parece que não está de acordo com a existência da família real — insistiu a mulher numa tentativa de parecer divertida.

Seth não fora jovial por 70 anos

— Desaprovo a ociosidade. A Bíblia diz: “Se alguém não trabalha, não deve comer”. São Paulo, escreveu isso na Segunda epístola aos Tessalonicenses, capítulo três, versículo dez, e não acrescentou que a realza era uma exceção à regra.

A mulher afastou-se, confusa.

— Mr. Pilaster, posso apresentar-lhe o meu pai, senhor Carlos Miranda, de Córdoba, que está aqui de visita? — perguntou Micky reprimindo um sorriso.

— Com que então de Córdoba! — exclamou Seth, apertando a mão do Papai — O meu banco tem uma filial na sua capital, Palma.

— Raramente vou à capital — disse o Papai. — Tenho um rancho na província de Santamaría.

— Então está no negócio de carnes.

— Sim.

— Estude a refrigeração,

Papai ficou desconcertado.

— Alguém inventou uma máquina que mantém a carne gelada. Se conseguirem encontrar uma maneira de— A instalar a bordo dos navios, seremos capazes de mandar carne fresca para o mundo inteiro sem ter que salga-la — explicou Micky.

Papai franziu o cenho

— Isso pode ser ruim para nós. Tenho uma fábrica enorme para salgar carne-

— Venda isso — aconselhou Seth. — Entre para o mercado da refrigeração.

— Papai não gostava que lhe dissessem o que fazer, e Micky sentiu-se um pouco ansioso.

Pelo canto do olho, viu Edward.

— Papai, quero apresentar o meu melhor amigo — disse afastando seu pai de Seth. —

Este é Edward Pilaster — Papai observou Edward com um olhar atento e frio. Edward não era bonito, saíra ao pai, não à mãe, mas parecia um camponês saudável, musculoso e de tez clara. As noitadas e os copos ainda não se faziam notar, pelo menos por enquanto.

— Já são amigos há muitos anos — disse o pai, apertando-lhe a mão.

— Amigos do peito — confirmou Edward.

Papai não percebeu.

— Podemos falar de negócios por um momento? — interrompeu Micky.

Desceram do terraço para o relvado recentemente aparado. Os canteiros também tinham-sido plantados há pouco, havendo ainda arbustos pequenos e vestígios de terra fresca — O Papai fez aqui uma grande compra e necessita arranjar financiamento — prosseguiu Micky. — Podia ser o primeiro negócio para levar para o seu banco. Edward mostrou-se interessado.

— Ficarei contente de me encarregar disso! — disse Edward ao Papai — O Senhor se importaria de ir amanhã ao banco, para tratarmos de transporte?

— Irei, com certeza — respondeu o Papai

— Diga-me uma coisa. Se o barco afundar, quem é que perde, seremos nós ou o banco? — perguntou Micky.

— Nem um, nem outro — afirmou Edward com presunção. — A carga estará segurada pela Lloyd's. Limitamo— Nos a receber o dinheiro do seguro e a embarcar novo carregamento. O senhor só pagará quando receber a sua mercadoria. A propósito, do que é que consta?

— Rifles.

— Nesse caso, não o poderemos ajudar — disse Edward, um dando de semblante.

— Por quê? — perguntou Micky, perplexo.

— Por causa do meu tio É metodista, como você sabe, assim como o resto da família. Seja como for, ele não financia a venda de armas e é o sócio majoritário. É esta a política do banco.

— Uma ova! — exclamou Micky.

Lançou um olhar receoso ao pai. Felizmente, este não tinha percebido. Sentiu um aperto no estômago. O seu plano não poderia ser arruinado apenas por causa de um problema religioso.

O raio do velho hipócrita estava quase morrendo, não tinha nada que interferir!

— O meu tio está quase se aposentando — Salientou Edward. e acho que será o tio Samuel a ocupar o cargo, mas ele pensa da mesma maneira, como você bem sabe!

Era ainda pior! Samuel era o filho solteirão de Seth, de cinquenta e três anos e com uma saúde de ferro.

— Então teremos que nos dirigir a outro banco — disse Micky.

— Não terá qualquer problema, desde que você possa dar boas referências — disse Edward.

— Referências? Por quê?

— Bem, um banco corre sempre o risco do cliente renunciar ao negócio, deixando-o com um carregamento de mercadoria indesejada no outro lado do planeta. Têm que ter a garantia de que estão a transacionando com um homem de negócios respeitável.

O que Edward não tinha percebido era que o conceito de homem respeitável ainda não existia na América do Sul.

Papai era um caudilho, um latifundiário provinciano com 50 mil hectares de pampas e uma força de trabalho de vaqueiros que também serviam como seu exército pessoal. Tinha poder como na Inglaterra já não se via desde a Idade Média. Era como pedir referências a Guilherme, o Conquistador-

— Sem dúvida que vamos arranjar alguma coisa — disse Micky,imperturbável.

O que é certo é que estava aturdido, mas se queria permanecer em Londres tinha que resolver aquele problema.

Viraram-se e dirigiram-se calmamente para o terraço repleto, com Micky a tentar esconder a sua ansiedade. O Papai não tinha percebido que se encontravam perante um grande obstáculo e Micky teria que lhe explicar mais tarde. e então, haveria problemas.

O Papai não tinha paciência com o fracasso e a sua raiva era assustadora.

Augusta apareceu no terraço e dirigiu-se a Edward.

— Querido Teddy, veja se encontra o Hastead. — Hastead era o seu mordomo galês. — As bebidas acabaram-se e o desgraçado desapareceu.

Edward obedeceu-lhe prontamente. Augusta sorriu para o Papai — Está gostando da nossa pequena reunião, senhor Miranda?

— Sim, bastante, obrigado — respondeu o Papai

— Tem que beber alguma coisa: chá ou um pouco de suco?

Micky sabia que o pai teria preferido tequila—, mas não se serviam bebidas alcoólicas nos lanches metodistas.

Augusta olhou para Micky.

— Vejo que você não está gostando da festa. O que aconteceu? perguntou ela, sempre atenta ao estado de espírito dos outros.

Ele não hesitou em confiar nela.

— Esperava que pudesse ajudar o Edward, dando ao banco novas oportunidades de negocio, mas isso envolve armas e munições e o Edward acabou de nos explicar que o tio Seth não financia armas.

— Seth não será o sócio majoritário durante muito mais tempo — disse Augusta.

— Mas parece que é Samuel quem o vai substituir.

— Ah, sim? — perguntou Augusta, num tom de voz áspero. — E quem disse que isso vai ser verdade?

Hugh Pilaster trazia uma gravata nova, de plastrão azul— Celeste, ligeiramente estufada no colarinho, e presa no lugar, por um alfinete. Deveria estar usando um casaco novo, mas só ganhava sessenta e oito libras por ano e por isso tinha que melhorar as roupas velhas com uma gravata nova.

Aquela era a última moda. A cor era bastante ousada, e quando olhou para o seu reflexo no grande espelho por cima da lareira da sala da tia Augusta, reparou que a gravata azul e o terno preto combinavam muito bem com seus olhos azuis e cabelos pretos e torceu para que a gravata de plastrão lhe proporcionasse uma aparência jovial. Talvez Florence Stalworthy pensasse assim. Começara a se interessar por roupas, desde que a conhecera.

Era um pouco embaraçoso morar com Augusta e ser tão pobre; mas era tradição no Banco Pilaster pagar às pessoas, apenas aquilo que elas

mereciam, independente de serem, ou não, membros da família. Outra das tradições era a de que se começava sempre do zero. Hugh fora um estudante exemplar no colégio e já estaria numa posição melhor se não se metesse em tantas encrencas mas a sua instrução era de pouca importância no banco, e ele fazia o trabalho de aprendiz de escriturário.-sendo pago de acordo com a sua função.

Os tios nunca se ofereceram para o ajudar financeiramente, e por isso, tinham de aturar a sua aparência um pouco deficiente.

Claro que ele não se preocupava com a opinião deles com relação à isso!

Preocupava-se sim com Florence Stalworthy, uma bonita moça pálida, filha do conde de Stalworthy. Mas o mais importante era que ela estava interessada em Hugh Pilaster. Este ficava fascinado com todas as moças que lhe dirigissem a palavra, o que o incomodava, porque isso significava que os seus sentimentos eram superficiais. Mas não podia evitar. Se uma moça lhe tocasse, por mero acaso, isso já bastaria para o fazer ficar com a boca seca.

Estava atormentado pela curiosidade acerca do aspecto das pernas dela, sob todas aquelas camadas de saia e combinação. Às vezes, o seu desejo doía como uma ferida. Tinha vinte anos e desde os quinze que sentia o mesmo. Nesses cinco anos nunca beijara outra mulher além da mãe.

Uma festa como esta, que a sua tia organizara, era uma tortura! As pessoas se esforçavam por serem agradáveis, encontrar temas de conversa e se interessarem pelos outros. As moças eram lindas e sorriam e as vezes insinuavam-se discretamente. Como havia muita gente na casa, algumas esbarravam, inevitavelmente, em Hugh, tocavam nele quando se viravam, no seu braço ou até pressionavam os seios nas suas costas., No meio dos apertos. Hugh iria ter uma semana de noites mal dormidas.

Muitas das pessoas que ali se encontravam eram seus familiares: seu pai, Tobias, e o pai de Edward, Joseph, tinham sido irmãos.

O pai de Hugh retirara o seu capital do banco da família, abrira um negócio, fora à falência e tinha-se suicidado. Por esse motivo, Hugh tivera de abandonar o internato no Colégio Windfield, que era extremamente caro, e ingressar numa escola normal. Também por isso, tivera que começar a trabalhar aos dezenove anos em vez de dar uma volta pela Europa e de perder alguns anos na universidade; por isso vivia com a tia e



não tinha roupas novas para vestir na festa. Era um parente, mas pobre; uma vergonha para uma família cujo orgulho, confiança e estatuto social eram baseados no dinheiro.

Nunca ocorrera a um deles solucionar o problema, dando-lhe dinheiro.

A pobreza era o castigo para o mau negociante e se começava a aliviar o sofrimento dos que falhavam, não haveria um único incentivo que resultasse. "É o mesmo que levar edredons para as prisões", diziam sempre quando alguém dava a sugestão de auxiliar um perdedor.

O seu pai tinha sido vítima de uma crise financeira, mas isso não fazia diferença. Abriu falência no dia 11 de Março de 1866, uma data conhecida dos banqueiros como "Sexta-Feira Negra". Nesse dia, uma firma de corretores chamada Overend & Gurney Ltd tinha ido à falência por cinco milhões de libras e muitas firmas foram arrastadas, incluindo o Banco de Cotas de Londres e a empresa construtora de Sir Samuel Peto, bem como Tobias Pilaster & Co.

Mas, segundo a filosofia dos Pilaster, nos negócios não havia desculpas.

Mesmo agora havia uma crise financeira e, sem dúvida, que uma ou duas firmas não iriam sobreviver. Os Pilaster protegiam-se, dispensando os clientes mais fracos, limitando o crédito e recusando impiedosamente todos os negócios que não fossem seguros.

Acreditavam que a auto preservação era o mais alto dever do banqueiro.

"Bom, eu também sou um Pilaster", pensou Hugh. "Posso não ter o nariz dos Pilaster, mas entendo de auto preservação."

Sentia uma grande revolta quando pensava no que tinha acontecido a seu pai e isso fazia com que nele crescesse a determinação de se tornar o mais rico e mais respeitado membro daquela maldita família. A sua escola, mais barata, ensinara-lhe matemática e ciências, enquanto o primo Edward, numa escola melhor, se debatia com o latim e o grego; o fato de não ter ido para a universidade fizera com que se iniciasse mais cedo no negócio. Nunca se sentira tentado a seguir outro rumo, tornar-se pintor, membro do Parlamento ou do clero.

As finanças estavam no seu sangue. Conseguia mais depressa dizer qual era a taxa atual do banco do que ver se estava chovendo. Estava

determinado a não ser tão presunçoso e hipócrita como os seus familiares mais velhos, mas queria ser um banqueiro.

Mas também, não pensava muito nisso. Na maior parte das vezes, pensava em mulheres.

Saiu da sala de estar, indo para o terraço e viu se Augusta dirigir à ele, com uma moça atrás.

— Querido Hugh — disse ela —, esta é a sua amiga Miss Bodwin.

Hugh gemeu. Rachel Bodwin. era uma moça alta, intelectual, de opiniões bastante radicais. Não era bonita,— tinha cabelo castanho opaco e olhos claros muito juntos, mas era animada e interessante, cheia de ideias subversivas, e Hugh gostara bastante dela quando viera para Londres trabalhar no banco. Augusta decidira que ele iria se casar com Rachel e isso estragara a relação

Antes disso, tinham conversado acalorada e abertamente sobre divórcio, religião, pobreza e direito de voto para as mulheres. Desde que Augusta começara a sua campanha para os unir, limitavam-se a falar sobre assuntos banais.

— Como está bonita, Miss Bodwin — disse ele, automaticamente., — É muito simpático de sua parte — respondeu ela num tom de enfado.

Augusta ia se virar quando reparou na gravata do sobrinho.

— Meu Deus! — exclamou ela. — O que é isso? Parece um estalajadeiro!

Hugh ficou vermelho como um tomate. Se tivesse pensado numa resposta malcriada, teria dito, mas não lhe veio nada à cabeça.

— É apenas uma gravata nova. Chama-se plastrão limitou-se ele a murmurar.

— Vai dá-la amanhã ao filho do sapateiro — disse ela e foi embora.

Hugh amaldiçoou o destino que o obrigava a viver com esta tia dominadora.

— As mulheres não deviam fazer comentários acerca da roupa dos homens — disse ele carrancudo. — Não fica bem.

— Acho que as mulheres devem comentar tudo aquilo que lhes apetercer, por isso digo que gosto da sua gravata e que combina com os seus olhos — disse Raquel Hugh sorriu, sentindo-se melhor. Apesar de tudo, ela era simpática. No entanto, não era esse traço do seu caráter que fazia com que Augusta insistisse para que ele se casasse com ela. Rachel

era filha de um advogado especializado em contratos comerciais. A família dependia apenas dos rendimentos do pai e na escala social estavam vários degraus abaixo dos Pilaster. Tinham ido a esta festa apenas porque Mr. Bodwin fizera algum trabalho útil para o banco.

Se Hugh casasse com Rachel confirmaria o seu status de Pilaster de segunda categoria e era isso que Augusta pretendia.

Ele não era completamente avesso à ideia de pedir Rachel em casamento. Augusta insinuara que lhe daria um generoso presente de casamento se ele se casasse com ela. Mas não era o presente que o tentava, era pensar que todas as noites se deitaria com uma mulher e lhe subiria a camisola acima dos tornozelos e dos joelhos, acima dos quadris.

— Não olhe para mim dessa maneira — disse Rachel, percebendo o modo como ele a olhava.

— Só disse que gostava da sua gravata.

Hugh corou de novo. Com certeza ela não adivinhava o que lhe passava pela mente! Os seus pensamentos sobre mulheres eram tão flagrantemente físicos que, na maioria das vezes, tinha vergonha dele mesmo.

— Desculpe — balbuciou.

— Os Pilasters formam uma família muito numerosa! — exclamou ela jovial, olhando ao redor. — Como consegue lidar com todos eles?

Hugh olhou em volta e viu entrar Florence Stalworthy. Era muito bonita, com os cachos a caírem em cascata sobre os delicados ombros, e trazia um vestido cor-de-rosa enfeitado com fitas de renda e seda e um chapéu com penas de avestruz. O seu olhar cruzou com o de Hugh e ela sorriu-lhe.

— Estou vendo que perdi a sua atenção — disse Rachel, com sua franqueza característica.

— Peço imensas desculpas — disse Hugh.

Rachel tocou-lhe no braço.

— Hugh, querido, ouça-me só um segundo. Gosto de você! É uma das poucas pessoas na sociedade londrina que não é chata. Mas não o amo e nunca me casarei consigo, não importa quantas vezes a sua tia nos empurre um para o outro.

— Eu. — começou Hugh, perplexo.

Mas ela ainda não tinha acabado.

— E sei que sente o mesmo por mim, por isso não finja que tem o coração despedaçado.

Depois de um momento atordoante, Hugh sorriu. O que ele mais gostava em Rachel era de sua franqueza. Mas achava que ela tinha razão. Gostar não era o mesmo que amar. Não sabia ao certo o que era o amor, mas ela parecia saber.

— Isso quer dizer que podemos voltar a falar do sufrágio feminino? — perguntou ele animado.

— Sim, mas não hoje. Vou falar com o seu antigo colega, senhor Miranda.

— Micky não sabe soletrar "sufrágio", quanto mais saber o seu significado — disse ele carrancudo.

— Não faz mal, metade das debutantes de Londres anda suspirando por ele!

— Não vejo por quê!

— Ele é uma versão masculina de Florence Stalworthy disse Rachel e, com isso, abandonou-o.

Hugh ficou a pensar naquilo, de cenho carregado. Micky sabia que Hugh era um parente pobre e tratava-o dessa maneira, por isso era difícil ser objetivo. Tinha muito boa figura e vestia-se sempre impecavelmente. Fazia lembrar um felino, esguio e sensual, com pêlo brilhante. Não era com isso que os homens deviam mais se preocupar, e muitos achavam— No pouco masculino, mas as mulheres pareciam não se importar com isso. Estava sempre conversando com três ou quatro mulheres.

Seguiu Rachel com os olhos, à medida que ela atravessava o local onde Micky estava com o pai, a falar com a irmã e Edward, Clementine, e com as tias Madeleine e Beatrice.

Micky virou-se para Rachel, dando-lhe toda a atenção ao apertar--lhe a mão, e disse qualquer coisa que a fez rir

Mesmo assim, Hugh não gostou da ideia de Florence ser parecida com Micky. Era bonita e popular, tal com ele, mas Micky tinha algo de grosseiro, pensava Hugh.

Aproximou-se de Florence, excitado e nervoso.

— Como está, Lady Florence?

— Que casa mais extraordinária! — disse ela com um sorriso deslumbrante.

— Gosta?

— Não tenho certeza.

— É o que diz a maior parte das pessoas.

Ela riu como se Hugh tivesse feito um comentário espirituoso e ele sentiu-se imensamente feliz.

— É muito moderna. Tem cinco banheiros! E uma grande caldeira no porão que aquece toda a casa com canos de água quente — Prosseguiu ele.

— Talvez o navio de pedra lá em cima seja um pouquinho exagerado!

— Também acho. Lembra-me da cabeça de vaca na frente de um açougue. — disse, ele baixando a voz.

Ela riu outra vez. Hugh sentiu-se feliz por a fazer rir. Achou que seria agradável afastá-la da multidão.

— Venha ver o 'jardim — disse ele.

— Que boa ideia.

O jardim não era bonito, tendo sido acabado de plantar, mas isso não importava.

Conduziu-a para fora da sala de estar, para o terraço, mas aí foi detido por Augusta, que lhe lançou um olhar reprovador.

— Lady Florence, foi muito simpático da sua parte ter vindo.

— Edward vai lhe mostrar o jardim — disse ela.

Agarrou no filho, que estava nas proximidades, e mandou-os embora antes que Hugh pudesse dizer uma palavra. Ele cerrou os dentes de frustração e jurou que haveria de se vingar.

— Hugh, querido, sei que você quer falar com Rachel.

Pegou-lhe no braço e tornou a levá-lo para dentro. Ele não podia se soltar e armar um escândalo. Raquel estava com Micky Miranda e seu pai — Micky, quero que conheça o meu cunhado, Mr. Samuel Pilaster.

Augusta levou Micky e o pai, deixando Hugh novamente com Rachel.

— É como falar para uma pedra! — espumou Hugh.

Pela janela conseguia ver a parte detrás do vestido de Florence à medida que ela vagueava pelo jardim ao lado de Edward.

Rachel seguiu o seu olhar.

— Vá atrás dela.

— Obrigado — Sorriu ele.

Apressou-se pelo jardim Quando os apanhou, surgiu-lhe uma ideia maldosa. Por que é que não fazia o jogo da tia e separava Edward de Florence? Augusta espumaria de raiva quando descobrisse, mas valeria à pena pelos minutos que passaria sozinho no jardim com Florence.

"Que se lixe", pensou.

— Edward, a sua mãe pediu-me que o chamasse. Ela está no vestíbulo.

Edward não duvidou: estava habituado às constantes mudanças de sua mãe.

— Desculpe-me, por favor, Lady Florence — disse ele deixando-os e entrando em casa.

— Ela mandou mesmo chama'-lo? — perguntou ela.

— Não.

— É mesmo mauzinho! — exclamou ela, mas sorria.

Ele olhou para os seus olhos, enlevado pela sua aprovação. Iria ser castigado, mas se fosse preciso, sofreria ainda mais para receber um sorriso daqueles.

— Venha ver o pomar — disse ele.

Augusta estava divertida com o Papai Miranda. Que camponês mais atarracado!

Era tão diferente do seu filho gracioso e elegante! Sentia-se sempre mais mulher quando estava com ele, apesar de ser tão novo Olhava-a como se ela fosse a coisa mais desejável que tivesse visto.

Havia horas em que ela desejava que ele fizesse mais do que olhar. Era um desejo tolo, claro, mas mesmo assim tinha— O de vez em quando.

Ficara alarmada com a conversa sobre Seth. Micky pensava que quando o velho Seth morresse ou se reformasse, o seu filho Samuel passaria a ser o sócio majoritário do Banco Pilaster.

Micky não teria chegado a essa conclusão por ele mesmo, devia ter ouvido alguém da família falar disso

Queria que o marido, Joseph, sobrinho de Seth, ficasse com o cargo.

Olhou pela janela e viu os quatro sócios juntos no terraço. Três eram Pilaster: Seth, Samuel e Joseph. Os metodistas do começo do século XIX apreciavam os nomes bíblicos. O velho Seth parecendo o inválido que, na realidade, era, com um cobertor sobre as pernas. Já deixara de ser útil. A seu lado estava o filho.

Samuel não tinha um ar tão distinto como o pai. Possuía o mesmo nariz adunco, mas Sob ele encontrava-se uma boca mais suave, com dentes estragados.

A tradição o favorecia na sucessão, uma vez que era o sócio mais velho depois de Seth.

Joseph estava falando, querendo fazer valer a sua opinião ao tio e ao primo gesticulando como se estivesse dando facadas, o que era um sinal característico de impaciência.

Também ele tinha o nariz dos Pilaster, mas o resto das feições era mais irregular e estava perdendo cabelo.

O quarto sócio encontrava-se mais atrás, escutando de braços cruzados. Era o major George Hartshorne, marido da irmã de Joseph, Madeleine. Outrora militar, tinha uma cicatriz proeminente na testa, provocado por uma ferida recebida havia vinte anos, na Guerra da Crimeia. Contudo, não era um herói: o seu cavalo tinha-se assustado com uma máquina a vapor e ele caíra, batendo com a cabeça nas rodas de uma carruagem-.

Retirara-se do Exército e associara-se ao banco, quando se casou com Madeleine. Um homem simpático que seguia os outros, não sendo suficientemente esperto para estar à frente do banco. De qualquer modo, também nunca tinha havido um sócio majoritário que não se chamasse Pilaster. Os únicos candidatos eram Samuel e Joseph.

Tecnicamente, a decisão era tomada através dos votos dos sócios. Regra geral, a família chegava a um consenso. Augusta estava determinada a levar a sua vontade adiante. Mas não ia ser fácil. O sócio majoritário do Banco Pilaster era uma das pessoas mais importantes do mundo. A sua decisão de conceder um empréstimo podia salvar um monarca, a sua recusa podia dar início a uma revolução.

Juntamente com outros — J. P. Morgan, os Rothschild, Ben Greenbourne —, tinha nas suas mãos a prosperidade dos países. Era lisonjeado por chefes de Estado, consultado por primeiros— Ministros e cortejado por diplomatas; e a sua mulher era adulada por todos.

Joseph queria essa posição, mas não tinha qualquer sutileza. Augusta tinha receio de que ele deixasse passar a oportunidade por entre os dedos.

Se o deixasse sozinho, poderia muito bem dizer que queria ser escolhido, em vez de esperar que a família decidisse. Podia não lhe ocorrer

que havia outras coisas a fazer para se assegurar de que ganharia a competição. Por exemplo, nunca fazer nada para desacreditar o seu rival.

Augusta teria que arranjar alguma maneira de fazer isso por ele.

Não tinha dificuldade em identificar o ponto fraco de Samuel.

Com cinquenta e três anos era ainda solteiro e vivia com um jovem a que todos se referiam alegremente como seu “Secretário”. Até agora, a família não prestara atenção aos assuntos domésticos de Samuel, mas Augusta pensava se não conseguiria mudar isso.

Tinha de lidar com Samuel de forma cuidadosa. Era um homem espalhafatoso e afetado, do gênero que muda de roupa se uma gota de vinho lhe caísse nas calças; mas não era fraco nem podia ser intimidado. Um ataque frontal não era a melhor maneira de o agredir.

Ela não teria pena de o magoar. Nunca gostara dele!

Às vezes agia como se a achasse engraçada e tinha um jeito especial para menosprezar as suas capacidades que ela achava irritante

Enquanto se movimentava por entre os convidados, esqueceu a relutância do sobrinho em cortejar uma moça perfeitamente adequada. Aquele ramo da família tinha causado sempre muitos problemas, e ela não ia deixar que isso a afastasse de um problema muito mais sério para o qual Micky a alertara: a ameaça de Samuel.

Avistou a cunhada, Madeleine Hartshorne, no vestíbulo.

Pobre Madeleine, via-se que era irmã de Joseph, pois tinha o nariz dos Pilaster. A alguns homens dava um ar distinto, mas nenhuma mulher poderia ser considerada bonita com um nariz daqueles.

Madeleine e Augusta haviam sido rivais. Há muitos anos, quando Augusta casara com Joseph, Madeleine tinha ficado ressentida com o modo como a família centrara as suas atenções em Augusta — embora nunca tivesse possuído o magnetismo ou a energia para fazer o que a cunhada fazia, ocupar-se de casamentos e funerais, arranjar casamentos, pôr fim a brigas e organizar apoio a doentes, grávidas e a pobres. A atitude de Madeleine quase a tinha levado a uma ruptura com a família. Então forneceu a Augusta uma arma.: Uma tarde, esta entrara numa joalheria muito elegante, em Bond Street, a tempo de ver a cunhada escapulindo pelos fundos da loja. Augusta, fingia que se interessava por uma peça, até que viu um rapaz muito atraente seguir o mesmo caminho. Ouvira dizer que os quartos por cima desse tipo



Ouvira dizer que os quartos por cima desse tipo de lojas eram muitas vezes utilizados para encontros românticos, e estava agora certa de que Madeleine -tinha um amante. Com uma nota de cinco libras persuadiu a dona da loja, uma tal Mrs. Baxter, a dizer-lhe o nome do jovem: visconde Tremain.

Augusta ficara genuinamente chocada, mas o seu primeiro pensamento fora o de que se Madeleine podia fazê-lo com o visconde Tremain, ela poderia imita-la com Micky Miranda.

Contudo, isso estava obviamente fora de questão. Pois também, se Madeleine pudera ser descoberta, ela também o seria Aquilo podia ter acabado socialmente com Madeleine. Um homem que tivesse uma amante era considerado cruel, mas romântico; uma mulher que fizesse o mesmo era uma puta. Se o seu segredo fosse revelado, seria banida da sociedade e a família teria vergonha dela. Augusta pensou em usar o segredo para controlar Madeleine, fazendo pairar sobre a sua cabeça a ameaça da denúncia. Mas isso teria tornado Madeleine ainda mais hostil. Era uma idiotice multiplicar inimigos sem necessidade. Teria de haver uma maneira de desarmar Madeleine e, ao mesmo tempo, torná-la sua aliada.

Depois de muito pensar, desenvolveu uma estratégia: em vez de intimidar Madeleine com a informação obtida, fingiria estar do seu lado.

— "Um conselho de amiga, querida Madeleine", murmurara ela. "Não se pode confiar em Mrs. Baxter. Diz ao seu visconde para encontrar um local mais seguro." A cunhada implorara-lhe para guardar segredo e ficara muito agradecida quando Augusta prometeu silêncio eterno.

A partir daí, acabara-se a rivalidade entre as duas.

Augusta pegou o braço de Madeleine.

— Venha ver o meu quarto. Acho que você vai gostar!

No segundo andar da casa estavam situados os quartos, os de vestir e os de dormir dela e de Joseph, e um pequeno escritório. Levou Madeleine para o quarto, fechou a porta e esperou pela reação.

O quarto estava mobiliado no mais recente estilo japonês, com cadeiras gregas, papel de parede com penas de pavão e uma grande quantidade de pequenas peças de porcelana em cima da cômoda.

Havia um enorme guarda-roupa com motivos japoneses e o assento na reentrância da janela estava oculto por cortinados muito finos.

— Que ousado, Augusta! — exclamou Madeleine.

— Obrigado. — Augusta estava quase feliz com o resultado.

— Havia um tecido melhor para as cortinas, mas a Liberty tinha vendido tudo.

— Venha ver o quarto de Joseph.

Levou Madeleine através da porta de comunicação. O quarto de Joseph era uma versão mais moderada, mas no mesmo estilo, com papel de parede escuro e cortinas de brocado.

Augusta tinha um orgulho especial pelo pequeno armário laqueado de portas de vidro, que continha a coleção de caixas de rapé com pedras preciosas do marido.

— O Joseph é tão excêntrico! — exclamou Madeleine, olhando para as caixas.

Augusta sorriu. De um modo geral, o marido não era nada excêntrico, mas era estranho que um homem de negócios metodista e casmurro colecionasse algo de tão frívolo e extraordinário, e toda a família achasse imensa graça.

— Ele diz que são uns investimentos — afirmou Augusta.

Para ela, um colar de diamantes também teria sido um bom investimento, mas o marido nunca lhe comprara nenhum, pois os metodistas consideravam as joias uma extravagância desnecessária.

— Os homens têm que ter um passatempo — disse Madeleine. — Evita que se metam em confusões.

— Que se metam em bordéis, queria ela dizer. A referência implícita aos pecados masculinos lembrou a Augusta o seu objetivo. "Vai com calma"! ", disse para si própria.

— Madeleine, querida, o que é que vamos fazer acerca do primo Samuel e do seu secretário?

Madeleine ficou perplexa.

— Devemos fazer alguma coisa?

— Se Samuel se tornar o sócio sênior acho que sim.

— Por quê?

— Minha querida, o sócio majoritário dos Pilaster tem que se encontrar com embaixadores, chefes de Estado, até mesmo com a realeza, e a sua vida privada tem que ser bastante irrepreensível.

Fez-se luz no cérebro de Madeleine e ela corou.

— Com certeza não está sugerindo que o Samuel é um depravado?!

Era exatamente isso que Augusta estava fazendo, mas não queria dizer abertamente, com medo de fazer com que Madeleine se pusesse a defender o primo.

— Acho que nunca saberei — respondeu ela, de modo evasivo. — O importante é aquilo que as pessoas pensam.

— Você acha mesmo que as pessoas pensam. isso? — perguntou Madeleine, pouco convencida.

Augusta fez um esforço para se mostrar paciente com a delicadeza da cunhada.

— Minha querida, somos ambas casadas e sabemos como são os homens. Têm apetites animalescos. As pessoas pensam que um homem solteiro de cinquenta e três anos, que vive com um belo rapazinho, é um tarado e, sabe Deus, na maior parte das vezes têm razão.

Madeleine franziu a testa, parecendo preocupada. Antes de poder dizer alguma coisa, alguém bateu à porta e Edward entrou.

— O que é, mãe?

Augusta ficou aborrecida com a interrupção e não fazia a mínima ideia do que o filho estava falando

— O que você quer dizer com isso?

— A senhora mandou me chamar!

— Não mandei nada! Eu disse que mostrasse o jardim a Lady Florence.

Edward ficou magoado.

— O Hugh disse que queria falar comigo!

Augusta percebeu.

— Ah sim? E suponho que ele está agora mostrando o jardim a Lady Florence, não?

O filho percebeu onde ela queria chegar.

— Acho que sim — respondeu ele, com um ar abatido. — Não se zangue comigo, mãe, por favor!

Augusta derreteu-se logo.

— Não se preocupe, Teddy querido. O Hugh é um rapaz muito esperto. — Mas se ele pensa que pode ser mais esperto que a sua tia Augusta, é também muito ingênuo.

Esta pequena distração irritou-a, mas refletindo achou que já tinha dito o suficiente à cunhada acerca do primo Samuel. Nesta altura só queria

plantar a semente da dúvida; se dissesse mais alguma coisa, poderia estragar tudo. Decidiu deixar as coisas tal como estavam.

Levou a cunhada e o filho com ela para fora do quarto.

— Agora tenho que voltar para os meus convidados — disse.

Desceram as escadas. A festa estava correndo bem, a julgar pela cacofonia de conversas, dos risos e das cem colheres de chá a tinirem nos pires de porcelana. Augusta deu uma olhadela à sala de estar, onde os criados serviam salada de lagosta, bolo de frutas e bebidas frescas. Atravessou o vestíbulo, falando com um ou outro convidado, mas procurando um em particular: a mãe de Florence, Lady Stalworthy.

Estava preocupada com a possibilidade de Hugh casar com Florence! Já bastava que ele estivesse se saindo muito bem no banco. Era muito inteligente e bem— Educado. Até Joseph falava bem dele, esquecendo-se de que o sobrinho representava uma ameaça para o seu próprio filho. Casar com a filha de um conde daria a Hugh uma boa posição social e então, nessa altura, seria um rival perigoso para Edward. O querido Teddy não tinha o encanto superficial de Hugh nem o seu gênio matemático, portanto, precisava de toda a ajuda que Augusta pudesse dar.

Encontrou Lady Stalworthy junto à janela da sala de estar. Era uma mulher de meia -idade muito atraente, com um vestido cor-de— rosa e um pequeno chapéu de palha com florezinhas de seda.

Augusta perguntou-se o que é que ela pensaria de Hugh e da filha.

Hugh não era um grande partido, mas, segundo Lady Stalworthy, também não era um desastre total. Florence era a mais nova das suas três filhas e as outras duas tinham casado bem, por isso poderia ser indulgente. Augusta tinha de evitar isso. Mas como?

Colocou-se ao lado de Lady Stalworthy e reparou que ela estava observando a filha e Hugh que passeavam no jardim. Hugh estava dizendo qualquer coisa e os olhos de Florence brilhavam de prazer enquanto o escutava.

— A felicidade despreocupada dos jovens! — exclamou ela.

— Hugh parece ser um bom rapaz — disse Lady Stalworthy.

Augusta olhou irritada para ela. Lady Stalworthy sorria e tinha uma expressão sonhadora.

Fora tão bela como a filha, calculou Augusta. Agora recordava a sua juventude. Precisava que a trouxessem de volta à realidade.

— Como passam depressa esses dias despreocupados! Mas são tão idílicos enquanto duram!

Era hora do veneno.

— O pai de Hugh morreu, como sabe — disse Augusta A mãe vive em Folkestone, por isso eu e Joseph sentimo— Nos na obrigação de agir como seus pais. — Fez uma pausa. — Creio que nem preciso dizer que uma aliança com a sua família seria um grande triunfo para Hugh!

— É muito simpático da sua parte — disse Lady Stalworthy, como se lhe tivessem feito um elogio. — Os Pilaster são uma família distinta.

— Obrigada! Se Hugh trabalhar bastante, um dia poderá viver com todo o conforto.

Lady Stalworthy pareceu ficar um pouco abalada.

— Então o pai não lhe deixou nada?

— Não.

Augusta tinha que lhe dizer que o Hugh não receberia dinheiro dos tios quando casasse.

— Terá que subir por conta própria no banco, vivendo do seu salário.

— Ah, sei — disse Lady Stalworthy, mostrando-se um pouco desapontada. — Felizmente, Florence tem algum dinheiro.

O coração de Augusta apertou-se. Florence tinha dinheiro seu. Isso era má notícia!

Quanto seria? Os Stalworthy não eram tão ricos como os Pilaster, poucos o eram, mas viviam bem, pensava Augusta. De qualquer modo, a pobreza de Hugh não era suficiente para pôr Lady. Stalworthy contra ele. Tinha que tomar medidas mais drásticas.

— A querida Florence seria uma grande ajuda para Hugh. Uma influencia estabilizadora, tenho certeza!

— Sim — respondeu Lady Stalworthy distraída, fazendo em seguida uma cara de estranheza.

— Estabilizadora?

Augusta hesitou. Aquele tipo de coisas era perigoso, mas ela tinha que arriscar.

— Nunca dou ouvidos a mexericos e tenho a certeza de que a senhora também não — disse ela. — Tobias teve muito azar, disso não restam dúvidas, mas o Hugh quase não mostra sintomas de ter herdado a sua fraqueza.

— Ainda bem — disse Lady Stalworthy, mas o seu rosto denotava uma grande ansiedade.

— De qualquer modo, o Joseph e eu ficaríamos muito felizes por vê-lo casado com uma moça tão sensível como a Florence.

— Parece que ela conseguirá ser firme com ele, — Augusta calou-se propositadamente.

— Eu. — Lady Stalworthy engoliu em seco. — Não me lembro qual era a fraqueza do pai de Hugh.

— Bem, de fato não era verdade.

— Só entre nós duas, claro.

— Talvez não devesse ter falado nisso.

— Mas tenho que saber tudo, para bem da minha filha. Com certeza você compreende.

— Jogo — disse Augusta, baixando a voz. Não queria que a ouvissem. Ali havia pessoas que sabiam que ela estava mentindo. — Foi isso que o levou a suicidar-se. A vergonha, sabe?

"Deus queira que os Stalworthy não se lembrem de confirmar isto", pensou ela.

— Julguei que o negócio dele tinha ido por água abaixo.

— Isso também.

— Que tragédia!

— Joseph foi obrigado a pagar as dívidas de Hugh uma ou duas vezes, mas teve uma conversa séria com ele, e tenho a certeza de que a coisa não voltará a se repetir.

— Isso é reconfortante — disse Lady Stalworthy, mas o seu rosto dizia precisamente o contrário.

Augusta sentiu que dissera o suficiente. Já não tinha mais a certeza de que a outra ainda estava a favor do casamento. Olhou de novo lá para fora.

Florence ria com algo que Hugh dissera, deitando a cabeça para trás e mostrando os dentes de um modo que era um pouco impróprio.

Ele estava praticamente comendo-a com os olhos. Todos podiam ver que eles se sentiam atraídos um pelo outro.

— Já não faltará muito para as coisas se decidirem — disse Augusta — Creio que eles já falaram o suficiente por hoje — afirmou Lady Stalworthy, com um olhar perturbado. — Acho melhor intervir. Com licença.

— Faça o favor!

Lady Stalworthy dirigiu-se apressadamente para o jardim.

Augusta sentiu-se aliviada. Tinha tido mais uma conversa delicada. A outra duvidava agora de Hugh e, quando uma mãe começa a desconfiar de um pretendente, raramente mudava de ideia.

Olhou em redor e avistou Beatrice Pilaster, outra cunhada. —

Joseph tivera dois irmãos: Tobias, o pai de Hugh e William, a quem chamavam "Jovem William", porque nascera vinte e três anos depois de Joseph. Tinha agora vinte e cinco anos e ainda não era sócio do banco. Beatrice era sua mulher. Era gorducha, alegre e desajeitada, e esforçava-se por agradar a todos. Augusta decidiu falar-lhe de Samuel e do seu "secretário".

Aproximou-se.

— Beatrice, querida, você gostaria de ver o meu quarto?

Micky e o pai deixaram a festa e decidiram voltar a pé para onde estavam instalados. O trajeto era todo feito através de parques:-

Primeiro o Hyde Park, em seguida o Green Park e depois o St. James's Park — até chegarem ao rio. Pararam no meio da ponte de Westminster para descansarem um pouco e apreciar a paisagem.

Na margem norte do rio encontrava-se a maior cidade do mundo. Um pouco mais acima estava o Parlamento, num edifício que imitava a vizinha Abadia de Westminster, datada do século XIII.

Mais abaixo podiam ver os jardins de Whitehall, o palácio do duque de Buccleuch e o grande edifício de tijolo da nova Estação Ferroviária-de Charing Cross.

Não se via o estaleiro e nenhum dos grandes navios chegava até ali acima, mas o rio estava cheio de pequenas embarcações, algumas delas de lazer. Era uma vista magnífica ao sol da tarde.

A margem sul poderia pertencer a um país diferente. Era a zona das olarias de Lambeth e aí, em terrenos lamacentos com oficinas construídas em cabanas, uma multidão de homens com os rostos pintados de cinzento e mulheres andrajosas ainda trabalhavam, cozinhando ossos, escolhendo lixo, acendendo os fornos e pondo a massa nos moldes, a fim de fazerem os canos de escoamento e as chaminés, necessárias à cidade em rápido crescimento. O cheiro era intenso, mesmo ali na ponte, a cerca de trezentos metros. As pequenas barracas onde viviam, amontoavam-se ao redor dos muros do palácio Lambeth, a casa londrina do arcebispo de

Cantuária, como o lixo deixado pela maré alta na margem lamacenta. Apesar da proximidade do palácio do arcebispo, a vizinhança era conhecida como a "Terra do Diabo", talvez porque o lume e o fumo, os trabalhadores que se arrastavam e o cheiro pavoroso fizessem lembrar o Inferno.

Os aposentos de Micky eram em Camberwell, um subúrbio respeitável além das olarias; mas ele e o pai estavam hesitantes, com relutância em entrar na Terra do Diabo. Micky ainda amaldiçoava a escrúpulosa consciência metodista do velho Seth Pilaster, por ter frustrado os seus planos.

— Havemos de resolver este problema do embarque dos rifles, Papai, disse ele. — Não se preocupe!

— Quem é que está causando dificuldades? — perguntou o Papai. Era uma pergunta fácil, mas tinha um significado profundo para a família Miranda. Quando tinham um problema difícil, perguntava "Quem é que está nos causando dificuldades?". Na realidade aquilo queria dizer: "Quem é que temos que matar para conseguirmos aquilo que queremos"? Micky lembrou-se de toda a barbárie da vida na província de Santamaría, de todas as lendas horríveis que ele preferia esquecer: a história de quando o Papai castigou a amante que lhe fora infiel, apontando-lhe o cano de uma arma e disparando; a vez em que uma família judia abriu uma loja ao lado da sua, na capital, e ele pôs fogo, queimando vivos o homem, a mulher e os filhos. Micky estava estarrecido. A maldade do Papai era tão lendária como a sua violência, mas mesmo assim isto era inesperado.

Os Miranda eram ricos. O Papai tinha milhares de cabeças de gado, monopolizava todo o comércio de cavalos, alugava terra a pequenos proprietários e era dono da maior parte dos armazéns da província de Santamaría.

Era verdade que o seu dinheiro não comprava muitas coisas na Inglaterra. No país deles, um dólar de prata cordovês dava direito a uma boa refeição, a uma garrafa de rum e a uma puta por uma noite; aqui mal dava para uma refeição barata e um copo de cerveja fraca. Isso tinha atingido Micky como um golpe, quando fora para o Colégio Windfield. conseguira aumentar a sua mesada jogando à dinheiro, mas mal conseguira aguentar, até que conhecera Edward. Mesmo agora era Edward quem pagava as distrações caras de ambos: a ópera, as corridas de cavalos, a caça e as putas.



Mesmo assim, Micky ainda precisava de um rendimento base para pagar a sua renda, as contas do alfaiate, as cotas dos clubes, que eram um elemento essencial da vida londrina, e as gorjetas aos empregados. Como é que o Papai queria que ele tivesse dinheiro?

Arranjando um emprego? A ideia era aterrorizadora. Nenhum membro da família Miranda trabalhava por dinheiro.

Estava quase perguntando ao Papai como é que podia sobreviver sem dinheiro, quando ele mudou bruscamente de assunto:

— Vou dizer para que são os rifles. Vamos atacar o deserto.

Micky não entendeu. A propriedade dos Miranda estendia-se por uma grande área da província de Santamaría. Fazendo fronteira com a sua terra, havia uma propriedade menor que pertencia à família Delabarca. A norte de ambas havia uma terra tão árida, que nem o papá nem o vizinho tinham se incomodado em reclamá-la.

— Para que queremos o deserto? — perguntou Micky.

— Debaixo daquele pó há um mineral chamado "nitrato". É utilizado como fertilizante, muito melhor do que o estrume. Pode ser embarcado para todo o mundo e vendido a preços elevados. Quero que você fique em Londres para vender — Como é que sabemos que isso existe mesmo debaixo do solo?

— Delabarca começou a fazer escavações. Já enriqueceu.

Micky sentiu -se excitado. Aquilo poderia transformar o futuro da família. Não de imediato, claro; não a tempo de solucionar o problema de viver sem dinheiro. Mas a longo prazo.

— Temos de agir depressa — disse o pai. — Riqueza é poder e a família Delabarca em breve será mais poderosa que a nossa. Antes que isso aconteça, temos que destruí-los.

## CAPITULO II

JUNHO

Casa Whitehaven

Kensington Gore

Londres, S. W

**2 de junho de 1873**

*Minha querida Florence,*

*Como você está? Pensei que a veria no baile de Mrs. Bridewell, depois em Richmond, depois na casa dos Muncasters no sábado. mas você não foi a qualquer deles!*

*— Escreva-me uma linha e diga que continua viva!*

*Com muito carinho,*

*Hugh Pilaster.*

23, Park Lane

Londres, W

**3 de junho de 1873**

Para Hugh Pilaster.

Caro Senhor,

Peço-lhe o favor de, hoje em diante, não tentar entrar em contato com a minha filha sobre nenhum pretexto.

Stalworthy.

Casa Whitehaven

Kensington Gore

Londres, S. W

**6 de junho de 1873**

Minha querida Florence,

Finalmente encontrei um mensageiro de confiança para lhe mandar umas linhas. Por que a esconderam de mim? Será que eu ofendi os seus pais? Oh! Deus queira que não — A`você? A sua prima? Jane me trará a resposta! Escreva depressa!

Com muita estima

Hugh.

Palácio Stalworthy

Stalworthy

Buckinghamshire

**7 de junho de 1873**

Caro Hugh,

Estou proibida de vê-lo, porque é jogador como seu pai. Tenho muita pena, mas tenho que acreditar que os meus pais sabem o que é melhor para mim.

Desculpe.

Florence.

Casa Whitehaven

Kensington Gore

Londres, S. W

**8 de junho de 1873**

Querida mãe,

Fui rejeitado por uma jovem porque o meu pai era jogador.

É verdade? Por favor, responda-me de imediato.

Tenho que saber!

Do filho que a adora,

Hugh.

2, Wellington

Villas Folkestone

**9 de junho de 1873**

Kent

Querido filho,

Nunca soube que o seu pai tivesse jogado. Não consigo imaginar quem é que poderia dizer uma coisa tão malvada a respeito dele.

Perdeu o dinheiro num desastre financeiro, como sempre lhe disseram. Não há qualquer outra razão.

Espero que esteja bem e feliz, meu querido, e que a sua amada o aceite. Eu continuo na mesma.

A sua irmã Dorothy manda muitos beijos, tal como eu.

Sua mãe.

A

Casa Whitehaven

Kensington Gore

Londres, S. W

**10 de junho de 1873**

Querida Florence,

Creio que alguém lhe disse uma mentira sobre o meu pai. O seu negócio faliu, é verdade.

A culpa não foi dele: uma grande firma chamada Overend & Gurney foi à falência por cinco milhões de libras, e muitos dos seus credores foram destruídos. Ele suicidou-se no mesmo dia. Mas nunca jogou; nem eu.

Se explicar isto ao seu excelentíssimo pai, creio que tudo se resolverá.

Com carinho,

Hugh.

Palácio Staiworthy

Stalworthy

Buckinghamshire

**11 de junho de 1873**

Hugh,

Não adianta me escrever mentiras.

Tenho a certeza de que o conselho que meus pais me deram é o correto e tenho que esquecer você

Florence.

Casa Whitehaven

Kensington Gore

Londres, S. W

**12 de junho de 1873**

Querida Florence,

Tem que acreditar em mim! É possível que não me tenham contado a verdade acerca do meu pai, embora, sinceramente, não possa duvidar da palavra da minha mãe — mas, no meu caso, sei a verdade

Quando tinha catorze anos apostei um xelim no Derby e perdi, e desde esse momento, nunca mais joguei. Quando a vir, faço-lhe um juramento.

Com esperança,

Hugh.

**13 de Junho de 1873**

Para Hugh Pilaster.

Senhor,

Foliambe & Merrywether, Advogados

Gray's Inn

Londres, W

Recebemos ordens do nosso cliente, o conde de Stalworthy para lhe pedir que desista de se comunicar com a sua filha.

Saiba que Sua Excelência, o conde, tomará todas as medidas necessárias, incluindo uma injunção em tribunal, para reforçar a sua decisão neste assunto, a menos que o senhor pare imediatamente.

Pelos Srs. Foliambe & Merriwether,

Albert C. Merriwether.

Hugh,

Ela mostrou a sua última carta à minha tia, sua mãe, Levaram-na para Paris até o fim da temporada e depois vão para Yorkshire.

Não vale a pena — ela já não gosta de você. Desculpe.

Jane.

Os Salões de Argyll eram o local de entretenimento mais popular de Londres, mas Hugh nunca tinha ido lá. Nunca lhe ocorreria visitar um lugar desses: embora não fosse exatamente um bordel, tinha má reputação. No entanto, alguns dias depois de Florence Stalworthy o ter rejeitado, Edward convidou-o a ir com ele e com Micky para uma noite de devassidão, e ele aceitou.

Hugh não passava muito tempo com o primo. Edward sempre fora muito mimado, fanfarrão e preguiçoso, arranjando sempre outros para fazerem o seu trabalho. Já havia muito tempo que Hugh era considerado a ovelha negra na família, seguindo os passos do pai. Ele e Edward tinham pouco em comum, mas, apesar disso, decidiu experimentar os prazeres da libertinagem. As espeluncas e as mulheres fáceis eram um modo de vida para milhares de homens da classe alta. Talvez pensassem que isso, e não o verdadeiro amor, era o caminho para a felicidade.

De fato, Hugh não tinha a certeza de ter estado verdadeiramente apaixonado por Florence.

Estava furioso porque os pais dela a viraram contra ele, ainda mais porque o verdadeiro motivo era uma mentira maldosa sobre o seu pai. Pensava muitas vezes em Florence, mas mesmo assim, continuava a dormir bem, a comer com apetite e a concentrar-se facilmente no trabalho. Será que isso queria dizer que a tinha amado? A moça de quem ele mais gostava, depois da sua irmãzinha de seis anos, Dotty, era Rachel Bodwin, e já pensara em se casar com ela. Seria isso amor? Não sabia. Talvez fosse novo demais para entender o amor. Ou talvez ainda não lhe tivesse acontecido.

Os Salões de Argyl ficavam ao lado de uma igreja na Great Windmill Street, logo a seguir a Piccadilly Circus.

Edward pagou um xelim de entrada por cada um. Os três usavam traje à rigor: casaca preta com lapelas de seda, calça preta com galões de seda, colete branco, camisa branca e gravata borboleta branca.

O terno de Edward era novo e caro, o de Micky era bem mais barato, mas de bom corte, e o de Hugh tinha sido do pai.

O salão de baile era uma arena iluminada a gás, com enormes espelhos a intensificar a luz brilhante. A pista de dança estava apinhada de pares e, atrás de uma delicada treliça dourada, a orquestra tocava uma animada polca. Alguns dos homens estavam vestidos como eles, sinal de que eram da classe mais elevada e tinham vindo confraternizar com as pessoas inferiores; contudo, a maior parte usava respeitáveis ternos pretos o que os identificava como um bando de escriturários e pequenos negociantes.

Acima do salão de baile havia uma galeria escura. Edward chamou a atenção de Hugh para ela.

— Se você se tornar amigo de alguma moça, pode pagar outro xelim e levá-la lá para cima: terá assentos de veludo, penumbra e empregados cegos — disse ele.

Hugh sentia-se deslumbrado, não apenas pelas luzes, mas pelas possibilidades. À sua volta estavam moças que tinham vindo para ali com o mesmo propósito de namorar!

Algumas estavam com namorados, mas outras encontravam-se sozinhas, tencionando dançar com estranhos. E estavam todas bem vestidas, com vestidos de noite de anquinha, muitos deles com grandes decotes, e com chapéus extraordinários.

Mas reparou que na pista de dança todas vestiam as suas capas.

Micky e Edward tinham-lhe assegurado que não eram prostitutas, mas sim moças normais, empregadas de balcão, criadas e modistas.

— Como é que as conhecem? — perguntou Hugh. — Com certeza não as abordam como se as encontrassem na rua!

Edward respondeu-lhe, apontando um homem alto e distinto, de gravata branca e casaca, que usava uma espécie de crachá e parecia estar supervisionando o baile.

— Aquele é o mestre de cerimônias. Ele fará as apresentações, se você lhe der uma gorjeta.

O ambiente era uma curiosa mas excitante mistura de respeitabilidade e libertinagem, achava Hugh.

A polca terminou e alguns dos dançarinos regressaram às suas mesas.

Edward apontou, exclamando:

— Raios me partam se não é o Fatty Greenbourne!

Hugh seguiu o seu dedo e viu o antigo colega, mais gordo que nunca, mal cabendo dentro do colete. Tinha nos braços uma moça deslumbrante. Fatty e a acompanhante sentaram-se à mesa e Micky perguntou calmamente: — Por que não nos juntamos a eles por algum tempo?

Hugh estava interessado em observar a moça mais de perto e assentiu prontamente. Os três jovens aproximaram-se.

— Boa noite, Fatty! — Saudou Edward.

— Olá, rapazes! Agora me chamam de Solly — cumprimentou ele.

Hugh tinha visto Solly uma vez por outra na City, o centro financeiro de Londres. Já havia alguns anos que Solly trabalhava nos escritórios do banco da sua família, próximo ao dos Pilaster. Ao contrário do primo, Edward apenas começara a trabalhar na City há algumas semanas, pelo que ainda não vira Solly.

— Pensamos em lhe fazer companhia — disse Edward, olhando inquisitivamente para a moça.

Solly virou-se para a companheira. — Miss Robinson, permita-me que lhe apresente três velhos colegas de escola: Edward Pilaster, Hugh Pilaster e Micky Miranda.

A reação de Miss Robinson foi de espanto. Empalideceu sob a pintura.

— Pilaster? Da mesma família de Tobias Pilaster?

— O meu pai era Tobias Pilaster — disse Hugh. — De onde conhece o nome?

Ela recompôs-se rapidamente.

— O meu pai trabalhava para a firma Tobias Pilaster & Co. Quando era criança, eu me perguntava quem era o Co.

Riram e o momento de tensão passou. — Não querem se sentar? — acrescentou ela,

Havia na mesa uma garrafa de champanhe. Solly serviu Miss Robinson e mandou servir os outros.

— Bem, é uma verdadeira reunião dos grandes amigos de Windfield disse ele. —

Adivinhem quem mais está aqui? Tonio Silva

— Onde? Perguntou Micky

Ele parecia insatisfeito por saber que Tonio se achava ali, e Hugh se perguntou por quê. No colégio, Tonio sempre tivera medo de Micky, ele recordou.

— Está na pista de dança — informou Solly. — Dançando com uma amiga de Miss Robinson, Miss April Tilsley

Miss Robinson interveio: — Podem me chamar de Maisie. Não sou uma moça formal.

E ela deu uma piscadela lasciva para Solly. Um garçom trouxe um prato com lagosta e pôs na frente de Solly. Ele enfiou um guardanapo no colarinho da camisa e começou a comer.

— Sempre pensei que os judeus não comessem carne de crustáceos — comentou Micky num tom levemente insolente.-

Solly continuava indiferente como antes, a comentários do gênero. — Só como a comida kosher em casa.

Maisie Robinson fitou Micky com uma expressão hostil.

— Nós judeus, comemos o que gostamos — disse ela, tirando um pedaço de lagosta do prato de Solly.

Hugh ficou surpreso ao saber que ela era judia: sempre pensara que os judeus tivessem cabelo preto e fossem morenos.

Observou-a. Era bem pequena, mas acrescentava mais alguns centímetros à sua altura, amarrando o cabelo num coque alto e colocando-lhe por cima um enorme chapéu, decorado com folhas e frutos artificiais.

Sob o chapéu havia um pequeno rosto insolente, com uma expressão atrevida nos olhos. O decote do vestido castanho, revelava uma extensão espantosa de busto sardento. As sardas não eram, geralmente, consideradas bonitas, mas Hugh mal conseguia tirar os olhos dela.

Passado um tempo, Maisie sentiu o seu olhar e retribuiu. Ele desviou os olhos com um sorriso de desculpas.

Tirou o pensamento do decote dela, olhando para o grupo e reparando como os velhos colegas tinham mudado ao longo dos últimos sete anos. Solly Greenbourne estava mais maduro.

Embora continuasse gordo e tivesse o mesmo sorriso fácil, tinha adquirido um ar autoritário.



Talvez isso lhe adviesse do fato de ser rico e respeitado na City mas Edward também era rico e não tinha essa aura. Solly já era; e embora fosse fácil obter respeito sendo o herdeiro do Banco Greenbourne, um rapaz idiota nessa posição ter-se-ia tornado rapidamente motivo de chacota.

Edward tinha envelhecido, mas, ao contrário de Solly, não amadurecera. Para ele, tal como para uma criança, brincar é que era importante. Não era um criança, estúpido, mas tinha dificuldade em concentrar-se no trabalho do banco, porque preferia estar noutro lugar, bebendo, dançando e jogando.

Micky tornara-se um belo demônio, com olhos escuros, sobrancelhas pretas e cabelo encaracolado, um pouco comprido demais.

A sua roupa era correta mas um pouco ousada: o casaco tinha colarinho e punhos de veludo, e a camisa com pregas. Hugh reparou que ele já atraía olhares de admiração e de convite por parte de várias moças sentadas em mesas próximas. Mas Maisie Robinson tinha antipatizado com ele e Hugh pensou que talvez não fosse apenas por causa do comentário acerca dos judeus. Havia nele algo de sinistro.

Era muito calmo, observador e possuidor de um grande autodomínio. Não era franco, raramente mostrava hesitação, incerteza ou vulnerabilidade e nunca revelava nada do que lhe ia na alma se é que tinha alguma. Hugh não confiava nele.

A dança seguinte acabou e Tonio Silva veio para a mesa com Miss April Tilsley. Hugh encontrara Tonio várias vezes desde os tempos do colégio, mas mesmo que não o tivesse visto durante vários anos, reconhecê-lo-la imediatamente por causa do seu cabelo ruivo.

Tinham sido grandes amigos até àquele fatídico dia de 1866, quando a mãe de Hugh lhe viera dizer que o pai morrera e o levava do colégio.

Haviam sido os rapazes mais irrequietos do 1º ano, sempre metidos em confusões mas tinham-se divertido, apesar das vergastadas.

Hugh pensara frequentemente, ao longo dos anos, no que teria acontecido no lago da pedreira. Nunca acreditara na história publicada pelo jornal acerca da tentativa de Edward para salvar Peter Middleton: Edward nunca teria coragem para tal. Mas Tonio continuava a não querer falar no assunto e a outra testemunha, Albert "Corcunda" Cammel tinha

ido viver na colônia do Cabo. Hugh estudou o rosto de Tonio enquanto este apertava a mão de Micky. Parecia ainda ter algum receio do outro.

— Como está, Miranda? — perguntou ele num tom de voz normal, mas o seu rosto mostrava uma mistura de medo e admiração. Era a atitude que um homem poderia ter face a um campeão de pugilismo, famoso pelo seu temperamento intempestivo.

A companheira de Tonio, April, era um pouco mais velha que Maisie, calculou Hugh, e havia nela algo que a tornava menos bonita; mas Tonio estava se divertindo bastante com ela, tocando-lhe no braço, murmurando-lhe coisas ao ouvido e fazendo-a rir.

Hugh virou-se para Maisie. Era faladora e animada, com uma voz melodiosa que tinha um certo sotaque do Nordeste da Inglaterra, onde os armazéns de Tobias Pilaster tinham existido.

A sua expressão era fascinante à medida que sorria, franzia o cenho e o nariz arrebitado e revirava os olhos. Tinha pestanas louras, reparou ele, e tinha algumas sardas no nariz.

Possuía uma beleza pouco convencional, mas ninguém podia negar que era a moça mais bonita da sala.

Hugh estava obcecado com a ideia de que talvez ela, uma vez que estava nos Salões de Argyll, estivesse disposta a beijar, acariciar e talvez a "ir até o fim" com algum dos rapazes que estava com ela na mesa. Hugh sonhava ter relações sexuais com quase todas as moças que conhecia - sentia vergonha de quantas vezes pensava nisso —, mas essas coisas só aconteciam normalmente após o namoro, noivado e casamento, ao passo que Maisie talvez o fizesse hoje!

Ela reparou de novo no seu olhar e ele sentiu-se como se sentia muitas vezes com Rachel Bodwin, embaraçado por julgar que ela lhe adivinhara o pensamento. Tentou encontrar algo para dizer.

— Sempre viveu em Londres, Miss Robinson? — perguntou ele, finalmente.

— Só há três dias — respondeu ela.

Podia ser uma conversa banal, pensou ele, mas pelo menos estavam conversando.

— Há tão pouco tempo! Onde é que estive antes?

— Estava viajando — disse ela, virando-se para Solly.

— Ah! — exclamou Hugh.

Aquilo parecia ter posto fim à conversa e sentiu-se desapontado.

Maisie agia como se tivesse alguma coisa contra ele.

Mas April sentiu pena de Hugh e explicou: — Maisie trabalhou num circo durante quatro anos.

— Meu Deus! Fazendo o quê?

Maisie virou-se de novo.

— Montava cavalos sem sela. Punha-me em pé em cima deles, saltava de uns para os outros, enfim, esses truques todos.

— De calças, claro — acrescentou April.

A ideia de ver Maisie com calças era fascinante. Hugh cruzou as pernas e perguntou: — Como é que arranjou esse tipo de trabalho?

Ela pareceu hesitar, mas depois se decidiu. Virou-se de modo a ficar de frente para Hugh, com uma expressão estranha nos olhos.

— Foi assim — começou ela. — O meu pai trabalhava para a firma Tobias Pilaster & Co. O seu pai não pagou ao meu o ordenado de uma semana. Nessa altura, a minha mãe estava doente. Sem esse dinheiro, ou eu teria morrido de fome ou ela morria da doença. Por isso fugi de casa. Tinha onze anos na época.

Hugh sentiu o rosto escaldando. — Não acredito que o meu pai tenha ficado devendo dinheiro ao seu — disse ele —, e se só tinha onze anos não podia entender o que estava acontecendo.

— Entendia que sentia frio e fome.

— Talvez o seu pai tivesse feito alguma coisa errada — persistiu ele, embora pensando estar enganado. — Ele não devia ter tido filhos se não podia dar-lhes de comer.-

— Mas podia! — exclamou Maisie. — Trabalhava como um escravo e vocês roubaram todo o dinheiro dele!-

— O meu pai foi à falência, mas nunca roubou.

— É a mesma coisa para quem saiu perdendo.

— Não é nada, e você está sendo idiota e insolente ao insistir.

Os outros sentiram que a conversa já tinha ido longe demais e começaram a falar todos ao mesmo tempo.

— Não vamos discutir por causa de uma coisa que já aconteceu há tanto tempo — disse Tonio.

Hugh sabia que devia parar, mas estava irritado.

— Desde os meus treze anos que tenho de ouvir a família Pilaster dizer que o meu pai não prestava e não admito ouvi-lo de uma artista de circo.

Maisie se levantou, com os olhos flamejando como esmeraldas. Por um momento, Hugh pensou que ela o esbofetearia.

Então disse: — Venha dançar comigo, Solly. Talvez o seu amigo mal-educado já tenha ido embora quando a música acabar.

A discussão de Hugh e Maisie estragou a festa. Ela e Solly foram embora sozinhos e os outros decidiram ir fazer apostas.

Isso era contra a lei, mas havia meia dúzia de lugares, a cinco minutos de Piccadilly Circus, e Micky Miranda conhecia todos.

Estava escuro quando saíram de Argyll para a zona de Londres conhecida como "Babilônia". Aqui, longe dos palácios de Mayfair, mas convenientemente perto dos clubes masculinos de St. James, havia uma miríade de ruelas estreitas dedicados ao jogo, aos desportos sangrentos, ao ópio, à pornografia, e, acima de tudo, à prostituição. Estava uma noite quente e abafada e o ar pesado com os odores de comida, cerveja e esgotos. Micky e os seus amigos deslocaram-se devagar pelo meio da movimentada rua. Imediatamente, um homem velho com um chapéu alto todo amolgado tentou vender-lhe um livro de versos obscenos., Um jovem com o rosto maquiado fez-lhe um sinal, uma mulher bem vestida, talvez com a sua idade, abriu rapidamente o casaco, mostrando-lhe dois belos seios, e uma mulher mais velha, toda esfarrapada, ofereceu-lhe sexo com uma menina de sete anos, com cara de anjo

Os edifícios, na sua maioria pubs, salões de dança, bordéis e celas baratas, tinham paredes escuras e janelas pequenas., e outras, através das quais ele podia de vez em quando ver algum divertimento. Passeando pela rua viam-se grã-finos de coletes brancos como o de Micky, escriturários e pequenos comerciantes de chapéu coco, agricultores de olhos esbugalhados, soldados de uniformes desabotoados, marinheiros com os bolsos temporariamente cheios de dinheiro e um surpreendente número de respeitáveis casais de classe media passeando de braços dados.

Micky estava se divertindo. Era a primeira vez em várias semanas que conseguia se afastar do pai por uma noite. Estavam esperando que Seth Pilaster morresse para poderem fechar o negócio dos rifles, mas o velhote agarrava-se à vida como um molusco a uma rocha. Ir a salões de dança e a bordéis com o próprio pai não tinha graça nenhuma: e além disso, o pai tratava-o mais como um criado, às vezes lhe dizendo até para esperar lá fora enquanto ele ia com uma puta. Esta noite era um alívio bem-vindo.

Estava contente por ter encontrado de novo Solly Greenbourne.

Os Greenbourne eram ainda mais ricos que os Pilaster e Solly poderia vir a ser-lhe muito útil.

Não gostou de voltar a ver Tonio Silva. Tonio sabia muito sobre a morte de Middleton.

Há sete anos tinha pavor de Micky. Ainda o receava, olhando-o com temor, mas isso já não era o mesmo que ter medo. Micky estava preocupado, mas no momento não sabia o que fazer.

Saiu de Windmill Street para uma ruela mais estreita. Os olhos dos gatos brilhavam sobre as pilhas de lixo. Verificando se os outros o seguiam, entrou num pub encardido, atravessou o bar e entrou pela porta do fundo, passando por um pátio onde uma prostituta estava ajoelhada em frente a um cliente, ao luar, e abriu a porta de um edifício de madeira em ruínas que parecia um estábulo

Um homem com a cara suja, vestindo um casaco seboso, pediu-lhe uma quantia de dinheiro à entrada. Edward pagou e entraram.

O local estava bem iluminado e cheio de fumo, e havia um cheiro horrível de excrementos. À volta de uma arena circular, havia, quarenta ou cinquenta homens e umas poucas mulheres, se agrupavam.

Os homens pertenciam a várias classes, alguns envergando pesados ternos de lã e lenços coloridos no pescoço, o traje típico de trabalhadores bem pagos; outros com fraques ou trajes de noite; mas as mulheres eram todas mais ou menos de baixa extração, como April. Muitos dos homens traziam consigo cães, no colo ou amarrados na perna da cadeira.

Micky apontou para um homem de barba, num terno de tweed, que segurava por uma corrente pesada um cão com focinheira. Alguns espectadores observavam atentamente o cão.

Era um animal atarracado e musculoso, com uma grande cabeça e mandíbulas poderosas e parecia zangado e agitado.

— Vai ser o próximo — disse Micky.

Edward foi comprar bebidas de uma mulher com um tabuleiro. Micky virou-se para Tonio e falou-lhe em espanhol. Era falta de educação fazê-lo em frente de Hugh e April, que não podiam entendê-los; mas como Hugh era um zé— Ninguém e April ainda menos que isso, não fazia diferença.

— O que você tem feito? — perguntou ele.

— Sou adido da Embaixada de Córdoba em Londres — respondeu Tonio.

— Sério?

Micky estava intrigado. A maior parte dos países sul-americanos não viam qual a vantagem de ter um embaixador em Londres, mas Córdoba tinha— O já há uns dez anos. Sem dúvida que Tonio havia arranjado o cargo devido ao fato da sua família; os Silva, ter boas relações na capital cordovesa, Palma. Em contraste, o Papai de Micky era um barão provinciano e não exercia tanta influência

— O que você tem que fazer?

— Respondo a cartas de firmas inglesas. que querem fazer negócios em Córdoba. Perguntam como é o clima, qual a moeda usada, transportes internos e hotéis, esse gênero de coisas, -Trabalha o dia todo?

— Nem sempre. — Tonio baixou a voz. — Não diga a ninguém, mas há dias em que tenho que responder a apenas duas ou três cartas.

— Pagam ? — A maior parte dos diplomatas eram homens de recursos que trabalhavam de graça.

— Não. Mas tenho um quarto na residência do embaixador e posso comer lá. Além disso, recebo também um subsídio para roupas. Também pagam as minhas cotas nos clubes.

Micky estava fascinado. Era o tipo de trabalho que lhe conviria,-- sentiu inveja.

Cama e mesa de graça, as despesas básicas de um rapaz da cidade pagas, tudo isto apenas em troca de uma hora de trabalho todas as manhãs! Micky pensou se haveria alguma maneira de afastar Tonio do cargo.

Edward voltou com cinco cálices de conhaque e distribuiu.

Micky bebeu o seu de um só trago. Era barato e forte De repente, o cão começou a rosar e se pôs a correr em círculo com os pêlos eriçados no pescoço, puxando a corrente que o prendia

Micky olhou em redor e viu entrar dois homens, carregando um caixote cheio de ratazanas enormes. As ratazanas ainda estavam mais agitadas que o cão, correndo umas por cima das outras e guinchando de terror. Todos os cães na cabana começaram a ladrar e, durante alguns instantes, ouviu-se uma cacofonia terrível, pois os donos também gritavam para que os cães se calassem.

A porta foi devidamente trancada por dentro e o homem de casaco seboso começou a aceitar as apostas.

— Meu Deus, nunca vi ratazanas tão grandes! Onde é que vão busca-las? — perguntou Hugh.

— São especialmente criadas para isto — respondeu Edward e virou-se para falar com um dos criadores.

— Quantas entram nesta competição?

— Seis dúzias — respondeu o homem.

— Isso significa que vão colocar setenta e duas ratazanas na arena — explicou Edward.

— Como é que funciona o sistema de apostas? — perguntou Tonio — Você pode apostar no cão ou nas ratazanas; se achar que estas vão ganhar, Pode também apostar em quantas vão sobrar quando o cão morrer.

O homem sujo estava a gritar as probabilidades e a receber dinheiro em troca de pedaços de papel, nos quais escrevia os números com um lápis grosso.

Edward apostou um soberano no cão e Micky apostou seis xelins em como seis ratazanas iriam sobreviver, e a probabilidade era de cinco para um. Hugh decidiu não apostar.

A arena tinha cerca de um metro e meio de profundidade e era rodeada por uma cerca de madeira com outro tanto de altura. Havia uns candelabros toscos colocados a intervalos regulares na cerca para iluminar a arena.

Tiraram a focinheira do cão e conduziram— No através de um portão de madeira, que foi imediatamente fechado.-

Ficou parado, com as patas rígidas, de orelhas no ar e olhar fixo, à espera das ratazanas.

Os criadores pegaram no caixote. Seguiu-se um momento de silêncio.

— Dez guinéus no cão — gritou Tonio de repente.

Micky ficou admirado. Tonio tinha falado do seu emprego e do seu ordenado como se tivesse que ter muito cuidado em como gastava o dinheiro. Seria mentira? Ou estaria ele fazendo apostas que não tinha condições de arcar??

O homem das apostas hesitou. Para ele também era uma aposta elevada. No entanto, após um momento de hesitação escreveu no papel, entregando-o a Tonio em troca do dinheiro.

Os criadores sacudiram a caixa, como se fossem atirar tudo para a arena; a certa altura abriu-se uma aba de um dos lados e as ratazanas

caíram, chiando de medo. April gritou com o choque e Micky começou a rir.

O cão começou a trabalhar, com uma concentração mortífera.

À medida que as ratazanas lhe caíam em cima, as suas mandíbulas distribuíam dentadas, ritmicamente. Pegava numa, quebrava-lhe a espinha ao abanar rapidamente a cabeçorra e largava-a para apanhar outra. O cheiro de sangue tomou-se nauseabundo. Todos os cães na cabana começaram a ladrar como loucos, e os espectadores ajudavam no barulho, as mulheres gritando ao ver a carnificina e os homens incentivando o cão ou as ratazanas. Micky ria e ria.

As ratazanas levaram algum tempo a perceber que estavam encurraladas na arena.

Algumas corriam em volta, à procura de uma saída; outras saltavam, tentando agarrar-se às paredes; outras se amontoavam em pilhas. Durante alguns segundos, o cão dominou matando uma dúzia ou mais.

De repente, as ratazanas viraram-se, como se tivessem ouvido um sinal. Começaram a saltar para cima do cão, mordendo-lhe as patas, as coxas e a cauda curta. Algumas saltaram para o lombo, mordendo-lhe o pescoço e as orelhas e uma ferrou-lhe os dentinhos afiados no lábio inferior, mantendo-se ali, abanando, até que ele uivou de fúria e a atirou contra o chão, fazendo-a largar a sua carne em sangue.

O cão continuou a andar em círculos, entorpecido e apanhava ratazana após ratazana, matando-as; mas atrás dele havia sempre mais. Já havia morrido a metade quando ele começou a ficar exausto.

Quem tinha apostado em trinta e seis e perdia as probabilidades, rasgava os papéis; mas quem tinha apostado num número inferior clamou ainda com mais fervor.

O cão sangrava de trinta ou quarenta feridas e o chão tornou-se escorregadio com o seu sangue e os cadáveres úmidos das ratazanas mortas. Mas ainda abanava a cabeçorra; ainda lhes partia as espinhas na terrível bocarra; contudo, movimentava-se um pouco mais devagar e as suas patas já não se moviam tão firmemente no solo escorregadio. "Agora é que as coisas vão começar a interessar", pensou Micky.

Pressentindo o cansaço do cão, as ratazanas tornaram-se mais ousadas. Quando ele prendia uma nas suas mandíbulas, outra saltava para a sua garganta. Corriam entre as patas dele e sob a sua barriga,



saltavam-lhe para as partes moles. Uma ratazana particularmente grande cravou os dentes na parte interior da perna e não a largou.

O cão tentou morde-la, mas outra ratazana o distraiu saltando-lhe no focinho.

Então a sua pata começou a dobrar — a ratazana deve ter provocado uma ruptura de um tendão, pensou Micky — e o cão começou a coxear. Virava-se com mais lentidão. Como se o soubesse, a dúzia restante de ratazanas o atacou por trás. Exausto, ele mordeu todas exausto, quebrou-lhes as espinhas; exausto, deixou-as cair no chão ensanguentado. Mas a sua barriga e patas estavam em carne viva e ele já não aguentava muito mais. Micky pensou que tinha apostado bem, e que restariam apenas seis ratazanas quando o cão morresse.

De repente, o cão teve um novo acesso de energia. Girando sobre três pernas, matou mais quatro ratazanas em igual período de tempo. Mas foi o seu último fôlego. Deixou cair uma ratazana e as patas dobraram-se debaixo dele. Mais uma vez virou a cabeça para morder mais ratazanas, mas desta vez não apanhou nenhuma e deixou tombar a cabeça.

As ratazanas começaram a comê-lo.

Tinham sobrado seis, contou Micky.

Olhou para os seus companheiros. Hugh parecia doente.

— Isto foi um pouco demais para o seu estômago, não? — perguntou-lhe Edward.

— O cão e as ratazanas estão simplesmente se comportando segundo a natureza — disse Hugh. — O que me enoja são os seres humanos.

Edward grunhiu e foi buscar mais bebidas. Os olhos de April brilhavam ao olhar para Tonio, um homem, pensava ela, que podia dar-se ao luxo de perder dez guinéus numa aposta.

Micky olhou mais atentamente para a cara do amigo e viu um vestígio de pânico. "Acho que ele não pode se dar ao luxo de perder dez guinéus", pensou Micky.

Recebeu os seus ganhos do coletor de apostas: cinco xelins. Já ganhara a noite. Mas pressentia que o que tinha descoberto acerca de Tonio iria lhe valer ainda mais.

Fora Micky quem mais causara nojo em Hugh. Durante a competição rira como um louco. A princípio, Hugh não conseguia se lembrar por que motivo aquele riso lhe soava tão familiar. Então se

recordou: Micky rira da mesma maneira quando Edward atirara as roupas de Peter Middleton para o lago. Era uma lembrança desagradável.

Edward voltou com as bebidas.

— Vamos até à Nellie — disse ele.

Engoliram o conhaque e saíram. Na rua, Tonio e April se despediram e entraram num prédio que parecia um hotel barato.

Hugh calculou que iriam alugar um quarto por uma hora, ou talvez por toda a noite. Pensou se haveria de continuar com Edward e Micky. Não estava se divertindo muito, mas também tinha uma certa curiosidade em saber o que se passava na Nellie.

Decidira experimentar a depravação, por isso, valia muito mais continuar até o fim, sem desistir no meio do caminho, pensou.

A Nellie ficava na Princes Street, logo a seguir a Leicester Square. Havia dois porteiros de uniforme à porta. Quando os três jovens se aproximaram, os porteiros estavam mandando embora um homem de meia-idade com chapéu de coco.

— Só com traje à rigor — disse um dos porteiros, respondendo aos protestos do homem.

Pareciam conhecer Edward e Micky, pois um deles tocou de leve no quepe e o outro abriu-lhes a porta. Percorreram um longo corredor até chegarem a outra porta. Ali foram inspecionados através de uma portinhola e depois entraram.

Era como entrar numa enorme sala de estar numa grande casa londrina. As duas lareiras estavam acesas, havia sofás, cadeiras e mesinhas por todo o lado e a sala estava cheia de homens e mulheres em traje de noite.

Todavia, bastava um momento para ver que esta não era uma sala de estar comum. A maioria dos homens estava de chapéu. Metade fumava — algo que não era permitido nas salas de estar normais — e alguns estavam sem casaco, com as gravatas desapertadas. A maior parte das mulheres estava completamente vestida, mas algumas pareciam estar em trajes menores.

Algumas se sentavam ao colo dos homens, outras os beijavam e uma ou duas deixavam que lhes fizessem carícias íntimas.

Pela primeira vez na sua vida, Hugh viu-se num bordel.

Havia muito barulho, com homens a gritar anedotas, mulheres rindo e um violinista em algum lugar tocando uma valsa. Hugh seguiu

Micky e Edward pela sala. Nas paredes havia quadros de mulheres nuas e casais a copular e Hugh começou a ficar excitado. Num extremo da sala, num grande quadro a óleo, retratando uma orgia, ao ar livre, estava a pessoa mais gorda que Hugh já vira. uma mulher muito pintada, com grandes seios, envergando um vestido de seda, que mais parecia uma barraca púrpura.

Estava sentada numa cadeira rodeada de raparigas, Atrás de si, uma escada larga, com um tapete vermelho que provavelmente conduzia aos quartos.

Edward e Micky se aproximaram do trono e fizeram uma mesura seguidos por Hugh.

— Nell meu tesouro, permita que eu apresente o meu primo, — Mr. Hugh Pilaster — disse Edward.

— Bem-vindos rapazes — disse Nell. — Venham divertir estas lindas moças — Daqui a pouco, Nell. Hoje tem jogo?

— Aqui há sempre jogo — disse ela, apontando para uma porta.

— Voltaremos — disse Edward, fazendo uma mesura.

— Não me desiludam, rapazes!

Afastaram-se.

— Ela age como se pertencesse à realeza! — Murmurou Hugh.

Edward. riu.

— Este é o melhor bordel de Londres. Algumas das pessoas que se curvam perante ela, hoje à noite, irão se curvar amanhã de manhã perante a rainha.

Foram para uma sala ao lado, onde doze a quinze homens estavam sentados em torno de duas mesas de baccarat. Cada uma das mesas tinha um traço feito com giz a alguns centímetros da margem, e os jogadores empurravam fichas coloridas ao longo da linha, para fazerem as suas apostas. A maior parte tinha bebidas perto de si, e o ar estava saturado de fumo de charuto. Havia duas cadeiras vagas e Edward e Micky sentaram-se imediatamente. Um criado trouxe-lhes algumas fichas e cada um assinou um talão.

— De quanto é a parada? — perguntou Hugh.

— Uma libra, no mínimo.

Ocorreu a Hugh que se jogasse e ganhasse poderia pagar uma das mulheres da sala ao lado. Não tinha sequer uma libra nos bolsos, mas com certeza que o credito de Edward deveria ser bom.

Depois se lembrou de Tonio ter perdido dez guinéus nessa noite — Não vou jogar — disse ele.

— Nunca pensamos que o faria — disse Micky.

Hugh sentiu-se embaraçado. Pensou em pedir ao criado que lhe trouxesse uma bebida, mas depois calculou que isso lhe custaria o salário de uma semana. O banqueiro deu as cartas e Micky e Edward fizeram as apostas. Hugh decidiu escapar.

Voltou para a sala de estar principal. Olhando mais de perto para a mobília, reparou que esta já estava em bastante mau estado:

Havia nódoas nas tapeçarias, queimaduras na madeira polida e os carpetes estavam gastos e rasgados. Ao seu lado estava um bêbado de joelhos a cantar para uma puta, enquanto dois dos seus amigos riam bastante alto. No sofá seguinte havia um casal beijando-se, com as bocas abertas. Hugh já ouvira dizer que as pessoas faziam isso, mas nunca tinha visto.

Observou, como que hipnotizado, à medida que o homem desabotoava a frente do vestido da mulher e lhe acariciava os seios. Eram brancos e flácidos, com grandes mamilos vermelho— Escuros. A cena excitou e revoltou Hugh. Apesar de não a apreciar, o seu pênis endureceu. O homem no sofá inclinou a cabeça em direção ao peito da mulher e começou a beijar-lhe os seios. Hugh não podia evitar olhar para o peito dela. A mulher olhou por cima da cabeça do homem, percebeu que Hugh a observava e piscou-lhe um olho.

Ele virou, sentindo-se tão culpado como se tivesse sido apanhado fazendo algo de vergonhoso.

— Pode fazer o mesmo se quiser, murmurou uma voz ao ouvido de Hugh.

Junto a ele estava uma moça muito pintada, de cabelos pretos, mais ou menos da sua idade,

Desviou de novo o olhar sentindo-se embaraçado.

— Não tenha vergonha — disse ela. — Olhe aquilo que quiser. — Estão aqui para que você os aprecie.

Para seu espanto, sentiu a mão dela na sua virilha. Encontrou seu pênis duro e apertou.

— Meu Deus, você está muito excitado — disse ela.

Hugh estava bastante angustiado. A moça ergueu a cabeça, beijou-lhe os lábios, enquanto esfregava o pênis dele. Incapaz de se controlar,

Hugh ejaculou nas cuecas, A moça não esperava por isso. Durante um momento ficou surpreendida, mas depois desatou a rir.

— Meu Deus, você é virgem! — exclamou ela em voz alta.

Hugh sentiu-se humilhado. A moça olhou em torno da sala e disse para a prostituta mais próxima:

— Bastou eu tocar e ele se molhou todo!

Várias pessoas riram. Hugh deu meia volta e encaminhou-se para a saída.

Parecia que os risos o perseguiam. Finalmente, chegou à porta. Um momento depois estava na rua. A noite tinha arrefecido, e ele respirou fundo, tentando se acalmar.

Maisie fora grosseira com relação a seu pai: a briga de ratos fora repugnante; as prostitutas haviam rido dele. Pois que todos se danassem!

Um dos porteiros lançou-lhe um olhar compassivo.

— Decidiu ir embora mais cedo, sir?

— Uma boa ideia — disse Hugh e afastou-se.

Micky estava perdendo dinheiro. Podia trapacear no bacadê se estivesse com a banca, mas naquela noite a banca não fora parar em suas mãos. Ficou secretamente aliviado quando Edward perguntou: — Vamos arranjar umas mulheres?

— Vá você! — respondeu ele, fingindo indiferença. — Eu continuo a jogar.

— Está ficando tarde — disse Edward, com uma ponta de pânico no olhar.

— Estou tentando recuperar minhas perdas — disse Micky, com teimosia.

— Eu pago as suas fichas — disse Edward, baixando a voz.

Micky fingiu hesitar e depois deu o braço a torcer. — Ok!, está bem!

Edward sorriu. Pagou e foram para a sala principal. Quase imediatamente, uma loira com seios grandes veio ter com Edward. Este pôs o braço em volta dos seus ombros nus e ela apertou o peito contra o dele.

Micky observou as moças. Chamou-lhe a atenção uma mulher ligeiramente mais velha, com um agradável olhar de depravada. Sorriu e ela se aproximou. Colocou as mãos na camisa dele, enterrou as unhas no seu peito, se pôs na ponta dos pés e beijou-lhe o lábio inferior.

Viu que Edward o observava, corado de excitação. Micky começou a sentir desejo. Olhou para a mulher que estava com ele

— Qual o seu nome?

— Alice.

— Vamos lá para cima, Alice — disse ele.

Subiram todos juntos. No patamar estava uma estátua em mármore de um centauro com um enorme pênis ereto, que Alice esfregou ao passar. Perto dele, um casal estava tendo relações sexuais de pé, não reparando num bêbado sentado no chão, que os observava.

As mulheres se dirigiram para quartos separados, mas Edward as empurrou-as para o mesmo quarto.

— Todos juntos hoje, rapazes? — perguntou Alice.

— Estamos poupando dinheiro — disse Micky, e Edward riu.

— Estiveram juntos na escola não foi? — perguntou ela, enquanto fechava a porta. — Costumavam brincar os dois?

— Cale essa boca! — disse Micky, abraçando-a.

Enquanto Micky beijava Alice, Edward foi por trás, colocou os braços em volta do seu peito e lhe acariciou os seios. Ela pareceu ficar surpreendida, mas não reclamou. Micky sentiu as mãos de Edward moverem-se entre o seu corpo e o da mulher e sabia que ele estava se roçando roçar nela.

— E eu, o que faço? — perguntou a outra moça

— Tire as roupas — disse-lhe Edward. — Você será a próxima!

### CAPÍTULO III

#### JULHO

Enquanto criança, Hugh sempre pensara que o banco dos Pilaster era propriedade dos homens que estavam sempre circulando de um lado para o outro. Estes personagens eram, de fato, humildes mensageiros, mas todos um pouco corpulentos, vestindo roupas imaculadas, com correntes de relógios em prata por cima dos coletes, e se movendo pelo banco com tal dignidade, que pareciam para uma criança, as pessoas mais importantes que ali se encontravam.

Hugh fora ali levado, com dez anos, pelo irmão de seu avô, o velho Seth. O salão do banco com paredes de mármore, no piso térreo lhe parecera uma igreja: enorme, graciosa, calma, um local onde eram efetuados ritos incompreensíveis por uma elite de padres a serviço da divindade chamada "Dinheiro". O avô tinha-lhe mostrado tudo: os murmúrios abafados do segundo andar, ocupado pelos sócios e seus escriturários, onde o pequeno Hugh bebera um cálice de xerez e comera uns biscoitos na sala dos sócios; os funcionários mais velhos nas suas secretárias do terceiro andar, com óculos e ansiedade, rodeados por pilhas de papéis atados como presentes; e os juniores no último andar, sentados em filas de secretárias muito altas, tal como os soldadinhos de Hugh, a escrever números com dedos cheios de tinta.

Mas o melhor de tudo para Hugh fora o porão, onde se guardavam em cofres contratos ainda mais velhos que o avô, onde milhares de selos do correio esperavam para serem lambidos, e onde havia uma sala cheia de tinta armazenada em enormes frascos de vidro.

Tinha ficado admirado ao pensar em todo o processo. A tinta vinha para o banco, era espalhada nos papéis pelos escriturários, e os papéis voltavam ao porão, onde ficavam armazenados para sempre; e, de algum modo, isto rendia dinheiro.

O mistério já desaparecera. Sabia que os enormes livros encadernados em couro, não continham textos misteriosos, mas sim listas de transações financeiras, industrialmente compiladas e escrupulosamente colocadas em dia; e sabia que os seus próprios dedos haviam ficado com câimbras e manchados com tinta pelos dias a escrever neles. Uma letra de câmbio não era mais um encantamento mágico, mas apenas uma promessa

de pagar uma determinada quantia numa data futura, escrita num papel, com a garantia de um banco. Descontar, que para uma criança pareceria contar para trás de cem até um, passara a ser a prática de comprar letras de cambio a um pouco menos de seu valor expresso, guardando-as até a data especificada para então resgata-las com um pequeno lucro.

Hugh era assistente-geral de Jonas Mulberry, o escriturário chefe. Homem calvo, em torno dos 40 anos, Mulberry tinha um bom coração, mas era um tanto amargo. Sempre se demorava para explicar as coisas a Hugh, mas era sempre rápido para encontrar defeitos se o seu assistente se mostrasse apressado ou descuidado.

Hugh trabalhava sob suas ordens há um ano, e no dia anterior, cometera um grave erro.

Perdera a nota de carga de uma remessa de tecido que partira de Bradford para Nova York. O

fabricante se apresentara no salão lá embaixo, pedindo seu dinheiro, mas Mulberry precisava conferir a nota antes de autorizar o pagamento e, Hugh não conseguira encontrar o documento. Foram obrigados a pedir ao homem que voltasse no dia seguinte.

Hugh acabara encontrando o documento, mas passara a maior parte da noite preocupado, e naquela manhã imaginara um novo sistema de arquivar os papéis para Mulberry. Na mesa a sua frente havia duas bandejas de madeira, dois cartões retangulares, uma pena de escrever e um tinteiro. Ele escreveu devagar, com todo o cuidado, no primeiro cartão: Aos cuidados do escriturário— Chefe

No segundo, escreveu;

Documentos já vistos pelo escriturário— Chefe

Depois de passar o mata-borrão, ele pregou um cartão em cada bandeja. Levou as bandejas para a mesa de Mulberry. e recuou para avaliar seu trabalho. Mr. Mulberry entrou nesse momento

— Bom dia, Mr. Hugh!

Todos os membros da família eram tratados no banco pelo primeiro nome, caso contrário haveria a maior confusão entre os diferentes Mr. Pilasters.

— Bom dia, Mr. Mulberry.

— Mas o que é isso?— indagou Mulberry mal humorado, olhando para as bandejas.

— Encontrei aquela nota de carga-informou Hugh.



— E onde estava?

— Misturada com algumas cartas que o senhor tinha assinado.

Mulberry contraiu os olhos.

— Está tentando insinuar que a culpa é minha?

— Claro que não. É minha a responsabilidade de manter seus papéis em ordem. Por isso é que instituí o sistema de bandejas. para separar os documentos que já examinou dos que ainda aguardam sua atenção.

Mulberry soltou um grunhido evasivamente. Pendurou o chapéu— Coco no gancho atrás da porta e sentou-se à mesa antes de dizer:

— Muito bem, vamos experimentar. talvez seja eficiente. Mas da próxima vez, tenha a cortesia de me consultar antes de pôr em prática suas engenhosas ideias. Afinal, esta é minha sala, e sou o escriturário— Chefe.

— Pois não— Murmurou Hugh— Peço desculpas.

Ele sabia que deveria ter pedido a permissão de Mulberry, mas ficara tão ansioso em executar a nova ideia, que não tivera paciência em esperar.

— O empréstimo Russo foi fechado ontem----anunciou Mulberry.- Quero que desça para a sala de correspondência e organize a contagem dos pedidos.

— Certo

O banco estava levantando um empréstimo de sois milhões de libras para o governo da Rússia. Emitira títulos de cem libras, com juros de cinco libras ao ano; mas os títulos estavam sendo vendidos a noventa e três, o que significava que a taxa de juros real se situava acima de cinco e três oitavos. A maioria dos títulos fora comprada por outros bancos em Londres e Paris, mas alguns haviam sido oferecidos ao público em geral, e agora os pedidos deviam ser contados.

— Vamos torcer para que tenhamos mais pedidos do que podemos atender— Comentou Mulberry.

— Por quê?

— Porque assim as pessoas não atendidas tentarão comprar os títulos amanhã no mercado, e isso fará a cotação subir, talvez para 95 libras. e todos os nossos clientes, acharão que fizeram um bom negócio.

Hugh balançou a cabeça.

— E se tivermos poucos pedidos?

— Nesse caso, o banco como subscritor, terá que comprar o excedente a. 93 libras. E amanhã a cotação pode baixar para 92 ou 91 libras, e teremos prejuízo.

— Entendo.

— Pode ir.

Hugh deixou a sala de Mulberry, que ficava no terceiro andar e, desceu as escadas apressado.

Sentia-se feliz por ter Mulberry aceitado a sua ideia e aliviado por não ter se metido em confusões ao ter perdido o documento

Quando chegou ao segundo andar, onde se encontrava a sala dos sócios, viu Samuel Pilaster, todo elegante num fraque cinzento— Prateado e de gravata azul-escura.

— Bom dia, tio Samuel.

— Bom dia, Hugh. O que é que tem feito?— Samuel se interessava mais por Hugh do que os sócios restantes

— Vou contar os títulos do empréstimo à Rússia.

Samuel sorriu, mostrando os seus dentes estragados. — Não sei como é que você consegue estar tão contente com um trabalho desses pela frente!

Hugh continuou a descer as escadas. Na família começara-se a falar do tio Samuel e do seu "secretário". Ele não achava estranho o tio ser aquilo a que as pessoas chamavam "efeminado". As mulheres e os padres podiam dizer que o sexo entre homens era uma perversão, mas todo mundo praticava em colégios como Windfield e nunca fizera mal a ninguém.

Chegou ao térreo e entrou no imponente salão do banco. Eram apenas nove e meia, e as dezenas de escriturários que trabalhavam no banco ainda estavam chegando, cheirando a pequenos-almoços de bacon e a trens subterrâneos. Hugh cumprimentou Miss Greengrass, a única escrituraria. Um ano antes, quando ela fora contratada, tinha havido muitas discussões acerca da capacidade de uma mulher para executar o trabalho. Ela se tinha mostrado muitíssimo competente.

Hugh achava que iria haver mais escriturarias no futuro.

Desceu pela escada dos fundos para o porão e ao porão e dirigiu-se à sala do correio.

Dois dos mensageiros estavam a separar o correio, e as aplicações para o empréstimo à Rússia já enchiam um grande saco.

Hugh decidiu que iria mandar os escriturários juniores somarem o numero de títulos comprados e ele verificaria se a sua aritmética estava certa.

O trabalho ocupou-o maior parte do dia. Passavam poucos minutos das quatro quando verificou pela segunda vez o último maço e escreveu a última coluna de números. O número era inferior ao somado: continuavam por vender pouco mais de cem mil libras em títulos. Não era uma diferença muito grande, na proporção de uma emissão de dois milhões de libras de títulos, mas havia uma grande diferença psicológica entre uma subscrição que vai além dos limites de uma emissão e outra que fica aquém. Os sócios iriam ficar desapontados.

Escreveu a quantidade numa folha de papel e foi à procura de Mulberry. O salão do banco estava agora muito sossegado. Havia alguns clientes ao longo do grande balcão polido. Atrás dele, os escriturários pegavam nos livros— Caixa e tornavam a colocá-los no lugar.

O banco não tinha muitas contas privadas. Era um banco comercial, emprestando dinheiro a comerciantes. Como diria o velho Seth, os Pilaster não estavam interessados em contar o dinheiro gordurento de um merceeiro ou as notas amarrotadas de um alfaiate — isso não trazia lucros. Mas toda a família mantinha contas no banco e esse privilégio era concedido a um número reduzido de clientes muito ricos. Hugh viu um deles: Sir John Cammel. Hugh conhecera o seu filho em Windfield. Sir Jolin, um homem magro e careca, tinha grandes rendimentos provenientes de minas de carvão e estaleiros, nas suas propriedades em Yorkshire

Estava agora, andando de um lado para o outro sobre o chão de mármore, parecendo impaciente e mal-humorado.

— Boa tarde, Sir Jolin, espero que já esteja sendo atendido — disse Hugh.

— Não, rapaz, não estou. Haverá alguém neste lugar que trabalhe?

Hugh olhou rapidamente ao seu redor. Não viu qualquer um dos sócios ou qualquer escriturário. Decidiu utilizar a sua iniciativa.

— Deseja subir até à sala dos sócios? Estou certo de que eles gostarão de o ver.

— Está bem.

Hugh levou-o para o segundo andar. Os sócios trabalhavam todos na mesma sala, para poderem estar de olho uns nos outros. A sala estava

mobiliada como uma sala de leitura num clube, com sofás de couro, estantes com livros e uma mesa ao centro com jornais.

Os Pilaster antigos olhavam para os seus descendentes sobre os seus narizes aduncos, a partir de pinturas emolduradas penduradas nas paredes.

Não havia ninguém na sala.

— Um deles deve estar chegando, tenho certeza — disse Hugh.

— Posso lhe oferecer um cálice de vinho Madeira?

Foi até uma mesa e serviu a Sir John uma quantidade generosa da bebida, enquanto este se sentava numa poltrona.

— A propósito, sou Hugh Pilaster.

— Ah sim? — Sir John suavizou um pouco os seus modos ao verificar que estava a falar com um Pilaster, e não com um empregado qualquer. — Frequentou Windfield?

— Sim, senhor. Fui colega do seu filho Albert— Nós o chamávamos "Corcunda".

— Todos os Cammel têm essa alcunha.

— Não o vejo desde. desde essa época

— Foi para a colônia do Cabo e gostou tanto daquilo, que nunca mais voltou. Agora cria cavalos.

Albert Cammel estivera no lago da pedreira naquele fatídico dia de 1866. Hugh nunca ouvira a sua versão do afogamento de Peter Middleton.

— Gostaria de lhe escrever — disse Hugh.

— Acho que ele ficará contente com a carta de um velho colega. Vou lhe dar o endereço -

Sir John aproximou-se da mesa, mergulhou uma pena na tinta e escreveu numa folha

— Aqui está!

— Obrigado. — Sir John estava bem-disposto, — notou Hugh com satisfação. — Posso fazer mais alguma coisa por si enquanto espera?

— Bem, talvez seja capaz de resolver isto. — Tirou do bolso um cheque. Hugh examinou-o.

Tinha um valor nominal de cento e dez mil libras, o maior cheque pessoal que Hugh já tinha visto.

— Acabei de vender uma mina de carvão a um vizinho — explicou Sir Jolin.

— Quer que eu o deposite para o Senhor?

- Quanto recebo de juros ?
- Neste momento, quatro por cento.
- Acho que serve.

Hugh hesitou. Ocorreu-lhe que se persuadissem Sir John a comprar títulos russos, a missão do empréstimo, seria totalmente coberta. Será que devia falar nisso? Já tinha excedido a sua autoridade ao trazer um cliente para a sala dos sócios. Decidiu arriscar.

- Pode obter cinco e três oitavos com a compra de títulos russos.

Sir John semicerrou os olhos.

- É mesmo?

- Sim! A subscrição foi encerrada ontem, mas para o senhor.

- São seguros?

- Tão seguros como o Governo russo.

— Vou pensar nisso. — Hugh ficara entusiasmado e agora queria fechar a venda.

— A taxa poderá não ser a mesma amanhã, como sabe. Quando os títulos forem para o mercado, o preço pode subir ou descer. — Achou que estava parecendo muito ganancioso. — Posso depositar imediatamente o cheque na sua conta e, se desejar, pode falar com um dos meus tios acerca dos títulos

- Muito bem, jovem Pilaster. Agora vá à procura deles.

Hugh saiu da sala e encontrou o tio Samuel

— Sir John Cammel está aqui, tio — disse ele. — Encontrei-o lá embaixo de mau humor, por isso dei-lhe um cálice de Madeira. Espero ter agido corretamente.

- Agiu, sim — assegurou-lhe Samuel. — Eu agora trato dele.

— Ele trouxe este cheque de cento e dez mil libras. Falei-lhe no empréstimo à Rússia: está aquém da subscrição por cerca de cem mil

Samuel ergueu as sobrancelhas.

- Você foi muito inteligente!

— Apenas disse que ele poderia falar com um dos sócios se quisesse ter um juro mais elevado.

- Está bem. Não é má ideia.

Hugh regressou ao salão do banco, pegou no livro — Caixa de Sir John e anotou o depósito, levando em seguida o cheque ao funcionário respectivo. Regressou ao terceiro andar, ao escritório de Mulberry.

Entregou-lhe o número dos títulos russos, mencionou a possibilidade de Sir John Cammel equilibrar as subscrições e sentou-se na sua secretária.

Um dos boys trouxe-lhes chá e pão com manteiga. Este pequeno lanche era servido a todos os funcionários que permaneciam no edifício até depois das quatro e meia, quando o trabalho não era muito. A maior parte das pessoas ia-se embora às quatro. Os empregados bancários eram a maioria entre os escriturários, invejados pelos funcionários dos comerciantes e dos armadores, que frequentemente trabalhavam até muito mais tarde, por vezes até durante a noite.

Um pouco depois, Samuel veio ter com eles e entregou a Mulberry alguns papéis.

— Sir John comprou os títulos — disse ele a Hugh. — Bom trabalho! foi uma oportunidade muito bem aproveitada!

— Obrigado.

Samuel viu os tabuleiros com as etiquetas na secretária de Mulberry — O que é isto? — perguntou ele, divertido. — Aos cuidados do escriturário-chefe. Assuntos já tratados pelo escriturário-chefe.

— O objetivo é manter separados os papéis que entram dos que saem — respondeu-lhe Mulberry. — Evita confusões.

— É um bom estratagema. Acho que vou passar a fazer o mesmo.

— Já que falamos disso, Mr. Samuel, os tabuleiros foram ideia de Mr. Hugh.

Samuel lançou um olhar divertido a Hugh.

— Estou vendo que tem jeito para isto, meu querido rapaz!

Hugh sabia que, por vezes, era um pouco petulante, por isso agora fingiu humildade.

— Sei que ainda tenho muito que aprender.

— Então, deixemos de falsas modéstias! Diga-me uma coisa: se deixasse de trabalhar para Mr. Mulberry, que outro trabalho gostaria de fazer?

Hugh não teve que pensar na resposta. O trabalho mais ambicionado era o do escriturário da correspondência. A maior parte deles via apenas uma parte da transação, a parte que anotavam, mas o funcionário da correspondência, redigindo as cartas para os clientes, ia apercebendo-se de todo o negócio. Era a melhor posição para aprender e a melhor maneira de alcançar uma promoção. Além disso, o escriturário do tio Samuel iria se aposentar muito em breve.

— Gostaria de ser o seu funcionário da correspondência — respondeu Hugh sem hesitar.

— Sério? Após um ano apenas no banco?

— Quando Mr. Rose se aposentar, já terei ficado aqui, dezoito meses.

— Pois é! — Samuel ainda estava divertido, mas não tinha dito que não. — Vamos ver, vamos ver — disse ele, e saiu.

— Aconselhou Sir John Cammel a comprar os títulos russos restantes? — perguntou Mulberry a Hugh.

— Só toquei no assunto muito levemente — respondeu este.

— Bem, bem — disse Mulberry. — Bem, bem. — E continuou a olhar pensativo para Hugh durante mais alguns minutos.

Era uma quente tarde de domingo e Londres inteira passeava pelas ruas, envergando a melhor roupa da semana. Não havia trânsito na larga avenida de Piccadilly, pois só os inválidos dirigiam num domingo santificado.

Maisie Robinson e April Tilsley, passeavam ao longo de Piccadilly, admirando os palácios dos ricos e tentando atrair homens.

Viviam no Soho, partilhando um quarto numa espelunca de Carnaby Street, junto ao Asilo de St. James's. Workhouse Levantavam-se por volta do meio-dia, vestiam-se com cuidado e ao fim da tarde tinham geralmente encontrado alguém que lhes pagasse o jantar: caso isso não acontecesse, ficavam com fome. Não tinham dinheiro, mas também mal precisavam e.

quando chegava o dia de pagar o aluguel, April pedia um "empréstimo" a um dos namorados.

Maisie trazia sempre o mesmo vestido e lavava a sua roupa de baixo todas as noites. Um dia alguém haveria de lhe comprar um vestido novo. Mais cedo ou mais tarde, esperava ela, um dos homens que lhe pagava os jantares haveria de casar com ela, ou fazê-la sua amante.

April ainda estava excitada com o sul-americano que conhecera: Tonio Silva.

— Pense só: ele pode se dar ao luxo de perder dez guinéus numa aposta! — exclamou ela. —

E eu sempre gostei' de ruivos.

— Não gostei do outro sul-americano, o moreno — disse Maisie.

— Micky? Era lindo!

— Sim, mas acho que tinha algo de maldoso.

— Ali é a casa do pai de Solly — disse April apontando para uma mansão enorme.

Era um pouco recolhida em relação à estrada, com uma entrada semicircular para os carros, à frente. Parecia um templo grego, com uma fileira de pilares que chegava até o teto.

O latão reluzia na enorme porta, e havia cortinas vermelhas de veludo nas janelas. April disse: — Você pode morar aí um dia!

— Eu não — respondeu Maisie, abanando a cabeça.

— Já aconteceu antes. — insistiu April Você tem apenas que ser mais sensual do que as garotas das classes superiores, o que não é difícil. Depois de casar, pode aprender num instante a imitar o sotaque. Já fala muito bem, a não ser quando se zanga. E Solly é um bom garoto.

— — Um rapaz bom, mas gordo — disse Maisie com uma careta.

— Mas tão rico! Dizem que o pai dele tem uma orquestra sinfônica na casa de campo, para o caso de lhe apetecer ouvir música depois de jantar!

Maisie suspirou. Não queria pensar em Solly.

— Onde é que vocês foram depois de eu ter discutido com aquele rapaz, o Hugh?

— A uma briga de ratos! Depois eu e o Tonio fomos para o Batt's Hotel.

— Fez tudo com ele?

— Claro! Por que acha que fomos para o Batt's?

— Para jogar cartas? — Riram. April fez uma cara de desconfiada.

— Também fez com o Solly, não fez?

— Eu o deixei feliz — respondeu Maisie.

— O que isso quer dizer?

Maisie fez um gesto com a mão e tornaram a rir.

— Só o acariciou? — indagou April, — por quê?

Maisie encolheu os ombros.

— Bom, talvez tenha razão — disse April. — Às vezes é melhor não deixar ter tudo logo da primeira vez. Se os deixa esperando, eles se tornam ainda mais ansiosos.

— Ter encontrado um Pilaster trouxe más recordações disse Maisie, mudando de assunto.



— Patrões! Detesto os filhos da puta! — assentiu April com um ódio repentino. A linguagem dela conseguia ser mais rude do que a que Maisie usara no circo. — Nunca hei de trabalhar para nenhum! É por isso que faço o que faço. Fixo o meu preço e me pagam adiantado!

— Eu e o meu irmão fugimos de casa no dia em que Tobias Pilaster foi à falência — disse Maisie. Sorriu com tristeza. — Pode se dizer que é por causa dos Pilaster que estou hoje aqui.

— O que é que você fez depois de fugir? Foi logo trabalhar no circo?

— Não. — Maisie sentiu um aperto no coração ao pensar em como tinha se sentido só e abandonada. — O meu irmão partiu num barco com destino a Boston. Nunca mais o vi ou tive notícias dele desde essa data. Dormi numa lixeira durante uma semana. Felizmente o tempo estava bom, era Maio. Só choveu uma noite: cobri-me com trapos e depois disso tive pulgas durante muitos anos.

Lembro-me do funeral.

— De quem?

— De Tobias Pilaster. O cortejo fúnebre percorreu as ruas. Ele tinha sido um homem importante na cidade. Lembro-me de um garoto, um pouco mais velho que eu, com casaco preto e chapéu alto, agarrado à mão da mãe. Devia ser o Hugh — Acho que sim.

— Depois disso, fui a pé até Newcastle. Vestia-me como um homem e trabalhava nas estrebarias. Deixavam-me dormir na palha, junto aos cavalos. Fiquei lá três anos.

— Por que foi embora?

— Por que meus seios cresceram — disse ela, abanando os seios. Nessa altura, passou por elas um homem de meia-idade e, ao vê-la fazer aquilo, seus olhos saltaram das órbitas.

— Quando o responsável pelas estrebarias descobriu que eu era uma moça, tentou me violentar.

— Bati-lhe na cara com um chicote de montaria e isso foi o fim do emprego. — — Espero que o tenha cortado — comentou April.

— Pelo menos apaguei o fogo dele!

— Deveria ter batido na coisa dele.

— O homem poderia gostar.

— Para onde foi quando abandonou o estábulo?

— Foi nessa altura que me juntei ao circo. Comecei também nas cavaliças e depois me tornei uma das Amazonas. — Suspirou com nostalgia. — Gostava do circo. As pessoas eram carinhosas.

— Muito carinhosas, presumo.

Maisie concordou.

— Nunca simpatizei muito com o dono do circo e quando ele quis me levar para a cama, resolvi ir embora. Pensei

que se eu tivesse que passar o resto da vida chupando paus para viver, ao menos que fosse bem paga. E aqui estou eu. — Maisie apanhava sempre os maneirismos da língua e adotara o vocabulário desenvolvido de April.

— Quantos paus você já chupou até hoje? — perguntou April.

— Nenhuma, para dizer a verdade. — Maisie sentiu-se embaraçada — Não consigo mentir pra você, April; acho que não tenho queda para o negócio.

— Qual o quê! — protestou a amiga. — Você tem aquele brilho nos olhos a que os homens não conseguem resistir.

— Quero que me escute. Insista com o Solly Greenbourne. Dê a ele um pouquinho mais de cada vez. Deixe— O, sentir a sua xoxota num dia destes, deixe que ele a veja nua no outro.

Em três semanas vai estar de joelhos! Uma noite, quando você tiver baixado as calças dele e tiver a sua ferramenta na boca, diga a ele:

: "Se me comprar uma casinha em Chelsea, poderíamos fazer isso sempre que você quisesse!"

— Juro para você, Maisie, que se ele disser não, eu me tornarei uma freira.

Maisie sabia que a outra tinha razão, mas a sua alma era contra a ideia. Não sabia por quê.

Em parte, porque não se sentia atraída por Solly. Mas, paradoxalmente, era também por ser tão simpático.

Não podia manipular-lo a sangue-frio. O pior de tudo, era achar que assim, desistiria de toda esperança de amor verdadeiro, do casamento com um homem que ela realmente amasse.

Por outro lado, tinha que viver de alguma maneira e estava determinada a não viver como os pais, esperando toda a semana pela esmola no dia de pagamento e correndo sempre o risco de ficar

desempregada por causa de uma crise financeira qualquer a milhares de quilômetros de distancia.

— E que tal um dos outros?— indagou April. — Podia ter escolhido qualquer um. — Gostei do Hugh, mas o ofendi. De qualquer maneira, ele não tem dinheiro. Edward é um porco, Micky me assusta.

— Então o Solly é mesmo o seu homem.

— Não sei.

— Mas eu sei. Se você deixar que ele escape pelos dedos, passará o resto da vida aqui na zona de Piccadilly pensando: "Eu podia estar agora vivendo naquela casa."

— Sim, talvez.

— E se não for o Solly, quem seria? Pode acabar com um merceeiro antipático de meia-idade que lhe dará pouco dinheiro e esperará que você lave os lençóis dele.

Maisie pensou nessa perspectiva à medida que se aproximaram da extremidade oeste de Piccadilly e viravam para o norte, entrando na Mayfair. Provavelmente conseguiria fazer com que Solly casasse com ela, se assim se esforçasse o suficiente. E conseguiria representar, sem grande dificuldade, o papel de uma grande dama. O modo de falar era fácil e ela sempre fora muito boa na mímica. Mas a ideia de prender o pobre Solly num casamento sem amor enojava-a.

Ao cortar caminho por um atalho, passaram por uma grande estrebaria. Maisie sentiu saudades do circo e parou para acariciar um enorme garanhão castanho. O cavalo aninhou logo o focinho na mão dela.

— O Redboy geralmente não deixa que os estranhos lhe toquem --  
— disse uma voz de homem.

Maisie virou-se e viu um homem de meia-idade com um casaco preto e um colete amarelo.

As suas roupas formais contrastavam com o seu rosto gasto pelo tempo e com o seu modo de falar, e ela calculou que ele tivesse sido empregado numa estrebaria e depois começado o seu próprio negócio, sendo bem sucedido.

— Ele não se importa que eu lhe toque, não é Redboy? — perguntou ela, sorrindo.

— Mas seria capaz de monta-lo?

— Montá-lo? Claro que sim, e, montar sem sela, e ainda ficar de pé em cima dele. Redboy é seu?

O homem fez uma pequena mesura

— George Sammles, ao seu dispor; senhoras; proprietário, como está escrito ali disse ele, apontando para uma tabuleta por cima de uma das portas.

Maisie disse: — Eu não deveria me gabar, Mr. Sammles, mas passei os últimos quatro anos, num circo e provavelmente consigo montar tudo o que estiver na estrebria.

— Ah! sim? — perguntou ele pensativo. — Muito bem.

— No que é que está pensando, Mr., Sammles? — perguntou April.

— Isto pode parecer um pouco repentino — hesitou ele; mas eu me perguntava se você não estaria interessada numa proposta de negócios ?

Maisie pensou no que é que viria a seguir. Até àquele momento não pensara que a conversa fosse mais do que conversa fiada.

— Continue — pediu ela. — Estamos sempre interessadas em propostas de negócio — acrescentou April sugestivamente.

Mas Maisie pressentia que Sammles não estava pensando naquilo.

— O Redboy está à venda — começou o homem —, mas não se vendem cavalos mantendo-os escondidos. No entanto, se uma pessoa tão bonita como a senhora, desculpe a ousadia, o montasse pelo parque durante cerca de uma hora, isso atrairia as atenções e, provavelmente mais cedo ou mais tarde, alguém lhe perguntaria qual o preço do cavalo.

"Será que ele iria me pagar?" — pensou Maisie.

Será que o homem estava lhe oferecendo a possibilidade de pagar o aluguel sem vender o corpo e a alma?

Claro que ela não se perguntou isso em voz alta. Em vez disso, perguntou: — E, nessa altura, eu diria à pessoa: "Vá falar com Mr. Sammles porque o cavalo é dele."

— É isso que quer dizer?

— Exatamente. Mas em vez de chamar o Redboy de cavalo, poderá designá-lo por "esta magnífica criatura" ou "este excelente espécime", ou qualquer coisa do gênero.

— Talvez — disse Maisie, pensando que seria ela a estabelecer as regras do negócio, não ele. —

Então, vamos ao negócio. — Deixou de fingir que não se importava com o dinheiro. — -

— Quanto é que pagaria por dia?

— Quanto é que acha que deve receber?

— Uma libra por dia — disse ela, escolhendo uma soma exagerada.

— É muito — respondeu ele prontamente. — Dou-lhe a metade.

Ela mal acreditava na sua sorte. Dez xelins por dia era muito dinheiro!: as garotas da idade dela que trabalhavam como criadas tinham sorte se conseguissem receber um xelim por dia. O seu coração bateu mais depressa.

— Quando é que começo?

— Esteja aqui amanhã às dez e meia.

— Eu estarei!

Apertaram a mão e se afastaram. Sammles gritou-lhes— Não se esqueça de usar esse vestido! É encantador!

— Não se preocupe! — respondeu Maisie. Era o único que ela tinha, mas não lhe disse.

— Pelo amor de Deus, isso não! — exclamou Joseph pouco à vontade.

— Seria na verdade uma desgraça — disse Augusta com hipocrisia. — mas tem que fazer Samuel entender que, a menos que mude, o pai ficará sabendo de tudo.

Hugh não podia deixar de admirar a sua astúcia e crueldade. Estava enviando a Samuel uma mensagem: "Desiste do seu secretário ou obrigaremos o seu pai a enfrentar a realidade de que o filho é mais ou menos casado com um homem".

Na verdade, Augusta estava se lixando para Samuel e o seu secretário. Só queria impossibilitá-lo de se tornar sócio majoritário, para que o cargo recaísse sobre o marido. Era um golpe bastante baixo e Hugh se perguntou se Joseph entenderia completamente as palavras da mulher.

— Gostaria de resolver as coisas sem essas medidas drásticas — disse ele, pouco à vontade.

Augusta baixou o tom de voz até murmurar. Quando o fazia, pensou Hugh, era visivelmente pouco sincera como um dragão tentando imitar o ronronar de um gato.

— Estou certa de que você arranjará uma maneira de fazer as coisas — Sorriu, suplicante. — Venha passear comigo de carruagem? Gosto tanto da sua companhia!!

Ele abanou a cabeça.

— Tenho que ir ao banco.

— Que pena você ficar fechado num escritório poeirento num dia como o de hoje!

— Houve um alarme em Bolonha.

Hugh ficou intrigado. Desde o desastre de Viena, muitos bancos e empresas tinham ido à falência em diferentes pontos da Europa, mas este era o primeiro "alarme". Até agora, Londres escapara aos estragos. Em junho, as taxas bancárias, o termômetro do mundo financeiro, tinham subido sete por cento (não tanto como febre) e já haviam baixado de novo para os seis por cento.

Contudo, hoje poderia haver alguma alteração.

— Espero que o alarme não nos afete — disse Augusta.

— Desde que tomemos cuidado, isso não acontecerá.

— Mas hoje é feriado, não haverá ninguém no banco para fazer o chá para você!

— Devo lhe dizer que sobrevivo meio dia sem beber chá.

— Mando a Sara ir ter com você dentro de uma hora. Fez bolo de cereja, o seu preferido.

Leva uma fatia, e faz o chá. para você.

Hugh viu uma oportunidade.

— Posso ir com você, tio? Pode precisar de um funcionário — Não vou precisar de você! respondeu Joseph.

— Pode precisar mandar alguns recados, meu querido — Sugeriu Augusta.

— Ou pode querer pedir o meu conselho — disse Hugh com uma careta.

— Vou apenas ler as mensagens que chegaram por telegrama e decidir o que fazer quando os mercados abrirem amanhã de manhã — afirmou Joseph, sem achar a mínima graça.

— Gostaria de ir mesmo assim, porque me interessa — insistiu Hugh, insensatamente.

Era sempre um grande erro aborrecer Joseph.

— Já disse que não preciso de você — afirmou ele irritado. — Leve sua tia ao parque, ela precisa de companhia. — Pôs o chapéu na cabeça e saiu.

— Você tem o poder de irritar as pessoas sem necessidade Hugh! disse Augusta. — Vá buscar o seu chapéu, eu já estou pronta. — Não

apetecia nada a Hugh ir com ela, mas o tio ordenou-lhe que o fizesse e, como tinha uma certa curiosidade em ver a "Leoa", não discutiu.

Clementine apareceu, vestida para sair. Hugh tinha brincado com a prima quando eram pequenos, e ela sempre fora uma mexeriqueira. Com sete anos pedira a Hugh que lhe mostrasse seu pênis e, em seguida, fora dizer à mãe o que ele fizera. Hugh tinha levado uma bronca. Agora, com vinte anos, Clementine parecia a mãe, mas enquanto Augusta era dominadora, a filha era muito esperta.

Saíram todos. O criado ajudou-os a subir. A carruagem era nova, pintada de azul-forte e puxada por uma magnífica parelha de tordilhos castrados-tudo à altura da esposa de um grande banqueiro. Clementine e Augusta sentaram viradas para a frente e Hugh se instalou do outro lado.

A capota estava arriada por causa do sol brilhante, mas as mulheres, abriram as suas sombrinhas

Momentos depois chegaram à South Carriage Drive. Estava tão cheia como o autor da carta para o The Times tinha alegado. Havia centenas de cavalos montados por homens de chapéu alto e por senhoras, de lado, nas selas; dezenas de carruagens de todos os tipos — abertas e fechadas, de duas e quatro rodas; crianças em pôneis, casais a pé, amas com carrinhos de bebê e pessoas com cães. As carruagens brilhavam com as novas pinturas, os cavalos estavam escovados e penteados, os homens muito bem vestidos e as mulheres bastante coloridas, com os tons que as novas tintas químicas conseguiam produzir.

Todos se deslocavam lentamente para melhor observarem os cavalos e as carruagens, os vestidos e os chapéus. Augusta falava com a filha e a conversa não exigia qualquer contribuição de Hugh além de uma indicação ocasional de concordância.

— Ali vai a Lady St. Ann com um chapéu Dolly Varden! — exclamou Clementine.

— Já saíram de moda há um ano — retorquiu Augusta.

— Ora, ora — disse Hugh.

Parara junto deles outra carruagem e Hugh viu a tia Madeleine Hartshorne. "Se tivesse costeletas pareceria o irmão Joseph", pensou ele.

Era a melhor amiga de Augusta na família e juntas controlavam a sua vida social. Augusta era a força motriz e Madeleine a fiel acólita.

Ambas as carruagens pararam e as senhoras se cumprimentaram. Estavam obstruindo a estrada, e duas ou três carruagens pararam atrás.

— Vem dar uma volta conosco, Madeleine, preciso falar com você!  
— disse Augusta.

O criado de Madeleine a ajudou a descer da sua carruagem e a subir para a da cunhada, partindo em seguida.

— Eles estão pensando em contar ao velho Seth a história do "secretário" de Samuel -

comentou Augusta.

— Oh, não! — exclamou Madeleine. — Não podem fazer isso!

— Falei com Joseph, mas não há quem os consiga deter —  
Prosseguiu Augusta. O seu ar de preocupação sentida pasmou Hugh.

Como ela conseguia fingir tão bem? Talvez se convencesse de que era verdade aquilo que mais lhe convinha num determinado momento.

— Vou falar com o George — afirmou Madeleine. — O choque poderia matar o querido tio Seth.

Hugh acalentou a ideia de contar esta conversa ao seu tio Joseph. Este ficaria com certeza perplexo ao saber como ele e os outros sócios estavam a ser manipulados pelas mulheres.

Mas ninguém acreditaria em Hugh. Era um zé— Ninguém — e era por isso que Augusta não se importava com o que dizia na frente dele.

A carruagem abrandou quase até parar. Havia um nó de veículos e cavalos mais à frente.

— Qual é a causa disto tudo? — perguntou Augusta irritada.

— Deve ser a "Leoa"! — exclamou Clementine, excitadíssima.

Hugh observou ansiosamente a multidão, mas não conseguia ver qual a causa da demora.

Havia carruagens de diversos tipos, nove ou dez cavalos e alguns pedestres.

— O que vem a ser isso da "Leoa"? — perguntou Augusta.

— Oh mãe, ela é tão famosa! — disse Clementine

A medida que a carruagem se aproximou deles, uma pequena carruagem emergiu da multidão, puxada por um par de belos pôneis e guiada por uma mulher.

— É a "Leoa"! — gritou Clementine.

Hugh olhou para a mulher e ficou perplexo ao reconhecê-la.

Era Maisie Robinson.

Fez estalar o chicote e os pôneis ganharam velocidade. Estava vestida com um terno castanho de merino com folhas de seda e uma



gravata castanha no pescoço. Na cabeça, tinha um pequeno chapéu com uma aba ondulada.

Hugh sentiu-se novamente irritado com ela por causa daquilo que lhe dissera acerca de Tobias Pilaster. A moça não entendia nada de finanças e não tinha o direito de acusar as pessoas de desonestidade de um modo tão fácil. De qualquer modo, ele não pôde deixar de notar como ela estava linda! Havia algo de encantador naquele pequeno e belo corpo sentado no lugar do cocheiro, naquele chapéu, e até no modo como ela fazia estalar o chicote e sacudia as rédeas.

Então a "Leoa" era Maisie Robinson! Mas como de repente ela tinha cavalos e carruagens? Teria recebido algum dinheiro? O que andaria tramando?

Enquanto Hugh ainda a admirava ocorreu um acidente. Um puro-sangue nervoso passou a trote pela carruagem de Augusta e assustou-se com um pequeno e barulhento terrier.

Ergueu as patas dianteiras e o cavaleiro caiu, bem na frente do coche de Maisie.

Rapidamente, ela mudou de direção, mostrando possuir um espantoso controle do veículo, e segurou os cavalos. Esta manobra evasiva a levou até à carruagem de Augusta, fazendo com que o cocheiro tivesse de segurar as rédeas com firmeza e praguejasse.

Maisie fez parar a carruagem. Todos olhavam para o cavaleiro caído. Parecia não ter se ferido. Levantou-se sem ajuda, sacudi o pó da roupa e afastou-se, amaldiçoando o seu cavalo. Maisie reconheceu Hugh.

— Hugh Pilaster, com certeza! — exclamou ela.

— Bom dia — disse Hugh corando, sem ter a menor ideia do que fazer a seguir. Havia cometido um grave erro de etiqueta. Não devia ter cumprimentado Maisie enquanto estava com as tias, pois não poderia lhes apresentar uma pessoa como ela. Deveria tê-la ignorado.

No entanto, Maisie não tentou dirigir-se às senhoras.

— O que você acha desses pôneis? — perguntou ela. Parecia ter esquecido a discussão.

Hugh estava completamente hipnotizado por aquela bela e surpreendente mulher, pela sua excelente condução e pelos seus modos despreocupados.

— São muito bonitos — respondeu-lhe, sem sequer os olhar.

— Estão à venda.

— Hugh, tenha a delicadeza de dizer a esta pessoa que nos deixe passar — disse Augusta friamente.

Maisie olhou para ela pela primeira vez.

— Cale a boca, puta velha — disse-lhe ela, despreocupadamente.

Clementine engasgou-se e a tia Madeleine deu um pequeno grito de horror. Hugh ficou de boca aberta. As roupas bonitas de Maisie e o seu rosto agradável faziam— No esquecer que ela era uma prostituta dos bairros da lata. As suas palavras foram tão ordinárias, que, por um momento, Augusta foi incapaz de responder. Nunca ninguém ousara se dirigir à ela, naquele tom.

Maisie não lhe deu tempo para se recuperar.

— Diga ao seu primo Edward. para comprar os meus pôneis! — disse ela, dirigindo-se a Hugh. Em seguida, fez estalar o chicote e afastou-se.

— Como se atreve a me mostrar uma pessoas destas! — explodiu Augusta. — Como se atreve a tirar o chapéu para ela!

Hugh seguia Maisie, com os olhos, observando a curva do seu pescoço e o pequeno chapéu, enquanto se afastavam.

— Como é que você pode conhece-la, Hugh? — perguntou a tia. Madeleine. — Nenhum homem de boa condição conhece uma mulher daquelas! E ainda por cima, parece que também lhe apresentou a Edward!

Fora Edward quem apresentara Maisie a Hugh, mas este não ia tentar pôr a culpa no primo.

Também, ninguém acreditaria nele.

— De fato, não a conheço assim tão bem — respondeu Hugh.

— Onde você a conheceu? — perguntou Clementine intrigada.

— Num lugar chamado "Salões de Argyll".

— Não estou interessada em saber essas coisas! -Hugh diz ao Baxter para seguir para casa — ordenou Augusta.

— Eu vou dar uma volta a pé — disse Hugh, abrindo a porta da carruagem.

— Você vai é atrás daquela mulher! — exclamou Augusta. — Proíbo-o terminantemente!

— Siga, Baxter! — ordenou Hugh e desceu.

O cocheiro pegou nas rédeas, as rodas puseram-se em movimento e Hugh levantou delicadamente o chapéu para as tias.

Não ouvira a última parte. Ia haver confusão mais tarde. Alguém iria contar ao tio Joseph e, em breve, todos os sócios saberiam que Hugh se dava com mulheres de baixa condição.

Mas era feriado, o sol brilhava e o parque estava cheio de pessoas que se divertiam, por isso Hugh não conseguiu se aborrecer com a fúria da tia.

Sentiu-se alegre ao passear pelo parque. Tomou o caminho oposto ao tomado por Maisie.

Podia ser que a encontrasse, porque pessoas em coches guiavam habitualmente em círculos. Gostaria de falar mais com ela, esclarecer as coisas acerca do pai. Por estranho que pudesse parecer, já não se sentia irritado com ela por causa do que a ouvira dizer.

Estava apenas enganada, pensava ele, e iria perceber se ele lhe explicasse. De qualquer forma, falar com ela, já era, por si só, bastante estimulante.

Chegou a Hyde Park Corner e virou para o norte, ao longo de Park Lane. Cumprimentou vários conhecidos e familiares: o "jovem" William e Beatrice numa carruagem, o tio Samuel numa égua castanha, Mr. Mulberry, a esposa e os filhos. Maisie podia ter parado no lado oposto ou já podia ter-se ido embora. Começou a sentir que não voltaria a vê-la. Mas viu.

Estava se afastando e, atravessando Park Lane. Era sem dúvida ela, com aquela gravata no pescoço. Não o viu.

Obedecendo a um súbito impulso, seguiu-a pela estrada passando por Mayfair, até chegar às estrebarias, tendo que correr para não perde-la de vista. Ela parou a carruagem e desceu.

Um criado saiu e ajudou-a a tratar dos cavalos.

Hugh aproximou-se, ofegante. Interrogou-se porque teria feito aquilo.

— Olá, Miss Robinson — cumprimentou ele.

— Olá, outra vez!

— Segui— A — disse ele, desnecessariamente.

— Por quê? — perguntou ela.

— Fiquei pensando se não gostaria de sair comigo uma noite destas — disse ele sem pensar.

Maisie inclinou a cabeça, considerando a proposta. A expressão no seu rosto era agradável, como se a ideia a tivesse cativado, e Hugh pensou

que ela iria aceitar. Mas parecia que alguma consideração prática estava em desacordo com as suas inclinações. O seu olhar se afastou dele e franziu a testa; depois pareceu tomar uma decisão.

— Você não se pode dar ao luxo de me ter — respondeu ela.

*Cammel Farm*

*Colônia do Cabo*

*África do Sul*

*14 de julho de 1873*

*Caro Hugh,*

*Foi agradável voltar a ter notícias suas! Aqui nos sentimos muito isolados, e você não pode imaginar o prazer que experimentamos ao receber uma longa carta cheia de notícias de casa*

*Mrs. Cammel, que se chamava Amélia Clapham até se casar comigo, se divertiu bastante com o seu relato da "Leoa".*

*Sei que já é muito tarde para dizer, mas fiquei bastante chocado com a morte do seu pai.*

*Os estudantes não costumam escrever cartas de condolências. E a sua própria tragédia foi um pouco eclipsada pelo afogamento do Peter Middleton, exatamente no mesmo dia. Mas pode acreditar que muitos pensaram e falaram sobre você durante bastante tempo depois de ter ido embora do colégio, tão abruptamente.*

*Ainda bem que me perguntou acerca do Peter. Tenho-me sentido culpado desde esse dia.*

*Não vi o pobre morrer, mas vi o suficiente para poder calcular o resto.*

*Seu primo Edward, como você descreveu de maneira tão pitoresca, era mais podre do que um gato morto, Você conseguiu pegar a maior parte das suas roupas na água e escapou, mas Peter e Tonio não foram tão rápidos.*

*Eu estava do outro lado e acho que nem o Edward nem o Micky deram por mim. Ou talvez não me tenham reconhecido. Seja como for, nunca falaram comigo sobre o acidente.*

*Depois de você ter ido embora, o Edward continuou a atormentar o Peter ainda mais, empurrando a cabeça dele para o fundo, jogando água em seu rosto enquanto o pobre se debatia e se esforçava por recuperar as roupas.*

*Percebi que a situação escapava ao controle, mas fui um covarde total, infelizmente.*

*Deveria ter ido em auxílio de Peter, mas também não era muito grande, não tinha condições de enfrentar Edward e Micky Miranda, e também não queria molhar a roupa. Lembra qual era o castigo por violarmos o castigo? Doze golpes da Listradora, e não me importo de admitir que tinha mais medo disso que do resto. Peguei nas minhas roupas e fui embora sem que ninguém reparasse.*

*Olhei uma vez para trás, da orla da pedreira. Não sei o que aconteceu no intervalo, mas o Tonio estava tentando subir pelas rochas, nu com uma braçada de roupas molhadas e Edward nadava atrás dele, deixando o Peter ofegante e cuspidando água lá no meio.*

*Pensei que Peter iria ficar bem, mas me enganei. Devia estar no fim das suas forças.*

*Enquanto Edward perseguia Tonio e Micky os observava, Peter afogou-se sem que ninguém desse por isso.*

*Claro que só o soube mais tarde. Regressei ao colégio e enfiei-me no meu dormitório.*

*Quando os professores começaram a fazer perguntas, jurei que estivera ali toda a tarde.*

*Quando a história começou a circular, nunca tive coragem de admitir que tinha visto o que acontecera.*

*Não é algo de que devemos nos orgulhar, Hugh, mas dizer a verdade a você fez com que eu me sentisse, um pouco melhor.*

Hugh pousou a carta de Albert Cammel e olhou pela janela do seu quarto. A carta explicava muita coisa. Explicava como Micky Miranda tinha se insinuado na família Pilaster, que passava com Edward as férias e tinha todas as suas despesas pagas pelos pais do amigo. Sem dúvida que Micky havia contado a Augusta que Edward matara Peter. Mas no tribunal afirmara que Edward tentara salvar o rapaz, que estava se afogando.

E dizendo essa mentira, Micky salvara os Pilaster do escândalo.

Augusta teria ficado muito grata e talvez temesse que um dia Micky se virasse contra eles e contasse a verdade. Isso fez com que Hugh sentisse um nó na boca do estômago. Albert Cammel, sem o saber, lhe revelara que a relação de Augusta com Micky era profunda, obscura e corrupta.

Mas restava ainda um quebra— Cabeças. Hugh sabia algo sobre Peter Middleton que mais ninguém sabia. Peter era um tanto fraco e todos os rapazes o tratavam com um certo desprezo. Consciente das suas fraquezas, Peter começara um programa de treinos, e o seu principal exercício era nadar. Dava braçadas pelo lago durante várias horas.

Não tinha a esperança de melhorar a sua constituição física. Um rapaz de treze anos não podia desenvolver ombros largos e um peito grande a menos que crescesse, e esse processo não poderia ser acelerado.

O único resultado fora fazê-lo sentir-se como peixe na água: podia mergulhar até ao fundo, reter a respiração durante vários minutos, boiar de costas e abrir os olhos debaixo d'água.

Era preciso mais do que Edward Pilaster para o afogar.

Então por que teria morrido?

Albert Cammel dissera a verdade, tanto quanto sabia, disso tinha Hugh certeza. Mas devia haver algo mais. Outra coisa acontecera nessa tarde quente em Bishop's Wood. Um pobre garoto poderia ter sido morto acidentalmente, afogara-se devido à brincadeira violenta de Edward. Mas uma brincadeira não podia ter morto Peter e se a sua morte não tinha sido acidental, fora propositada. E isso, era assassinato!

Hugh estremeceu.

Estavam lá, três pessoas: Edward, Micky e Peter; Peter deve ter sido morto por Edward ou Micky —. Ou por ambos.

Augusta já estava farta da decoração japonesa. A sala de estar se encontrava cheia de gravuras orientais, mobília angular com pernas altas, leques japoneses e vasos em armários pretos laqueados. Era tudo muito caro, mas algumas cópias baratas já apareciam nas lojas de Oxford Street, e o "ar oriental" não era mais exclusiva das melhores casas. Infelizmente, Joseph não autorizaria uma redecoração tão cedo, e Augusta teria de viver durante os próximos anos com mobílias cada vez mais vulgares.

A sala de estar era o lugar em que Augusta presidia na hora do chá, todos os dias da semana.

Primeiro vinham as mulheres: as cunhadas, Madeleine e Beatrice, e a filha, Clementine. Os sócios chegavam do banco por volta das cinco: Joseph, o velho Seth, George Hartshorne, o marido de Madeleine e, às vezes, Samuel. Se não houvesse muito trabalho, os rapazes vinham também: Edward, Hugh e o "jovem" William. O único que não era membro da família convidado habitualmente para a hora do chá era Micky

Miranda, mas, às vezes, havia também um membro do clero metodista, talvez um missionário em busca de fundos para converter os pagãos dos mares do Sul, da Malásia ou do Japão.

Augusta esforçava-se para que as pessoas continuassem a aparecer. Todos os Pilaster gostavam de guloseimas e ela providenciava os mais deliciosos biscoitos, doces e bolos, bem como os melhores chás de Assam e do Ceilão. Os grandes acontecimentos, como as férias e os casamentos da família, eram planejados nestas sessões e quem deixasse de vir, perdia contato com o que se passava.

Apesar de tudo, de vez em quando, um elemento passava por uma fase de querer ser independente. O exemplo mais recente tinha sido o da mulher do "jovem" William, Beatrice, há um ano depois de Augusta lhe ter dito com alguma insistência que um tecido que comprara não lhe ficava bem. Quando tal acontecia, Augusta deixava-os sos durante algum tempo e depois os atraía de volta com algum gesto extravagantemente generoso. No caso de Beatrice, Augusta tinha organizado uma festa de aniversário muito cara para a mãe da cunhada, que já estava quase senil e pouco apresentável. Beatrice ficara tão agradecida que tinha esquecido a discussão sobre o tecido — tal como Augusta pretendia.

Nestas reuniões, Augusta ficava sabendo o que se passava na família e no banco.

Agora estava ansiosa em relação ao velho Seth.

Andava trabalhando a família para a ideia de que Samuel não pudesse ser o próximo sócio sênior, mas Seth não parecia interessado em aposentar-se, apesar da sua saúde. Augusta achava irritante ver os seus planos cuidadosos parados pela teimosa tenacidade de um velho.

Era fim de julho e Londres começava a se acalmar. A aristocracia saía da cidade, seguindo nos seus iates para Cowes ou para os pavilhões de caça na Escócia. Ficariam no campo matando pássaros, caçando raposas e veados até depois do Natal.

Voltariam entre fevereiro e a Páscoa, e, em Maio, a temporada londrina começaria a todo o vapor.

A família Pilaster não seguia esta rotina. Embora fossem mais ricos que a maior parte da aristocracia, eram pessoas de negócios e não podiam passar meio ano perseguindo animais no campo. No entanto, os sócios, podiam tirar umas férias durante o mês de agosto, a menos que houvesse alguma agitação no mundo das finanças.

Este ano, as férias ainda não estavam definidas e talvez nem houvesse, pois uma tempestade distante ribombara ameaçadoramente pelas capitais financeiras da Europa; O pior parecia já ter passado, a taxa bancária estava nos três por cento, e Augusta alugara um pequeno castelo na Escócia. Ela e Madeleine tencionavam partir dentro de uma semana e os homens seguiriam uns dias depois. Alguns minutos após as quatro, quando se encontrava na sala observando descontente, a mobília apareceu Samuel.

Todos os Pilaster eram feios, mas Samuel era o pior, pensou ela. Tinha um nariz grande, mas uma boca pequena e efeminada, e dentes irregulares. Era um homem meticuloso com o seu vestuário, exigente com a sua comida, adorava gatos e detestava cães.

Mas do que Augusta menos gostava nele era o fato de ser o homem mais difícil de ser persuadido na família. Conseguia encantar o velho Seth que era ainda sensível a uma mulher bonita, apesar da sua idade avançada; vergava Joseph, esgotando-lhe a paciência; George Hartshorne era dominado por Madeleine, podendo ser manipulado indiretamente; os outros eram bastante novos para serem intimidados, embora Hugh por vezes lhe causasse alguns problemas.

Nada adiantava com Samuel, especialmente os seus encantos femininos. Tinha o hábito irritante de rir de Augusta, quando esta pensava que estava sendo sutil e inteligente. Dava a impressão de que não a levava a sério, e isso a ofendia de morte. Sentia-se muito mais ferida pelo escárnio de Samuel do que pelo fato de ter sido chamada de "puta velha" por uma rameira.

No entanto, hoje, Samuel não trazia aquele sorriso divertido e céptico. Parecia zangado, tão zangado que Augusta ficou alarmada durante alguns momentos. Deveria ter vindo propositadamente mais cedo para a encontrar sozinha. Ocorreu-lhe que conspirava para a ruína dele e que algumas pessoas já tinham sido mortas por menos do que isso.

Samuel estava na sua frente, com um casaco azul— Pérola, uma gravata vermelho— Escuro, cheirando suavemente a água-de colônia.

Augusta ergueu as mãos num gesto de defesa. — Samuel soltou uma gargalhada forçada e se afastou

— Não vou bater em você, Augusta — disse ele, embora Deus saiba como você merece ser chicoteada.



Claro que ele não lhe tocaria. Era uma alma sensível que recusara financiar o transporte de rifles. A confiança de Augusta regressou depressa.

— Como ousa me criticar? — perguntou com desdém.

— Criticar você? — perguntou ele e a raiva apareceu nos seus olhos. — Eu não me rebaixo a esse ponto! — Fez uma pausa e falou de novo, com uma voz repleta de raiva controlada. — Eu a desprezo

Augusta não se deixaria intimidar uma segunda vez.

— Veio aqui me dizer que vai abandonar os seus hábitos pecaminosos?

— Os meus hábitos pecaminosos — repetiu ele. — Está disposta a estragar a felicidade do meu pai e a tornar a minha vida miserável por causa da sua ambição e, no entanto, fala dos meus hábitos pecaminosos! Acho que está tão cheia de maldade que esquece o que é isso, gritou!

Era tão convincente e estava tão exaltado que Augusta se perguntou se era tão ruim assim de sua parte ameaçá-lo. Então, compreendeu que ele estava tentando demovê-la da sua intenção, procurando sensibilizá-la.

— Estou apenas preocupada com o banco -disse ela friamente.

— É essa a sua desculpa? É isso que vai dizer ao Todo— Poderoso no dia do Juízo Final, quando ele perguntar porque fazia chantagem comigo?

— Estou cumprindo o meu dever!

Agora que se encontrava de novo a controlar a situação, se interrogou: “Não sei porque razão ele teria vindo ali. Seria para conhecer a verdade ou para a desafiar? Se ele desistisse, ela tinha a certeza de que em breve seria a mulher do sócio sênior”. Mas a alternativa lhe deu vontade de roer as unhas. Se ele a desafiasse haveria uma longa e difícil luta pela frente, e não havia a certeza de quem sairia vencedor.

Samuel aproximou-se da janela e olhou para o jardim.

— Lembro-me de você quando era uma menininha bonita, disse ele pensativo.

Augusta fungou de impaciência. — Costumava ir à igreja com um vestido branco e fitas brancas no cabelo — prosseguiu ele. — As fitas não enganavam ninguém Já nessa idade você era uma déspota. Todo mundo costumava ir para o parque depois da missa e as outras crianças tinham medo de você, mas continuavam brincando porque era você quem organizava as brincadeiras

Até os seus pais se assustavam com você! Se não conseguisse o que queria, fazia tanto barulho que todo mundo parava as carruagens para ver o que tinha acontecido. O seu pai, que Deus o tenha em paz, tinha o ar de quem não compreendia como é que podia ter trazido um tal monstro ao mundo.

O que ele dizia era verdade e isso fez com que se sentir pouco à vontade.

— Isso já aconteceu há muito tempo — disse Augusta, olhando noutra direção.

Samuel prosseguiu como se ela nada tivesse dito.

— Não é por mim que estou preocupado. Gostaria de ser o sócio sênior, mas passo bem melhor sem isso. Acho que desempenharia bem o papel; talvez não tão dinâmico como o meu pai; preferiria trabalhar em equipe. Mas Joseph não está à altura do cargo. É irascível e impulsivo, e toma decisões erradas; e você torna as coisas piores, inflamando a sua ambição e tapando-lhe os olhos.

— Ele é bom em grupo, onde há sempre alguém que o oriente e o refreie.

Mas não pode ser o líder, não julga as coisas da forma mais apropriada. A longo prazo, prejudicará o banco. Isso não a preocupa?

Durante um momento, Augusta interrogou-se se ele não teria razão.

Estaria ela a pôr em perigo a vida da galinha dos ovos de ouro? Mas havia no banco tanto dinheiro que nunca conseguiria gastar tudo! Mesmo se nenhum deles voltasse a trabalhar. De qualquer forma, era ridículo dizer que Joseph iria prejudicar o banco. Os sócios não faziam nada de muito útil Iam para o banco, liam as paginas dos jornais e tratavam de finanças. Emprstavam dinheiro às pessoas e recebiam os juros. Joseph sabia fazer isso tão bem como os outros

— Vocês, homens, estão sempre dizendo que o trabalho bancário é complexo e misterioso-disse ela, mas não me enganam! Justificarei os meus erros perante Deus -Iria realmente falar com o meu pai, como ameaçou? — perguntou ele. — Sabe que isso iria matá-lo.

Augusta hesitou durante um momento.

— Não há outra alternativa — respondeu ela com firmeza.

Ele a olhou durante bastante tempo

— Desgraçada, acredito em você — disse ele.

Augusta reteve a respiração. Iria ele dar o braço à torcer? Quase sentiu o doce sabor da vitória e na sua imaginação ouviu alguém a dizer respeitosamente:— Permite que vos apresente Mrs. Joseph Pilaster, esposa do sócio sênior do Banco Pilaster.

Ele hesitou e, em seguida, falou com relutância.

— Muito bem. Direi aos outros que não quero ser o sócio sênior quando o meu pai se aposentar

Augusta reprimiu um sorriso de triunfo. Tinha ganho! Virou-se para esconder a sua satisfação.

— Saboreie a vitória — disse ele com amargura —, mas lembre-se, Augusta, todos temos segredos, até mesmo você Um dia alguém irá usar os seus segredos contra você mesma e lembrará do que me fez.

Augusta ficou petrificada. A que é que ele estava se referindo?

Sem qualquer motivo, se lembrou de Micky Miranda, mas afastou o pensamento. — Não tenho segredos de que me possa envergonhar — afirmou ela.

— Não?

— Não! — exclamou, mas a confiança de Samuel preocupava-a.

— Recebi hoje a visita de um jovem advogado chamado David Middleton — disse ele, olhando-a de forma estranha.

— Eu o conheço? — Não compreendia onde ele queria chegar. Mas o nome parecia perturbadoramente familiar

— Você o viu, há sete anos, numa audiência.

De repente, Augusta sentiu frio. Middleton: o nome do rapaz que tinha se afogado.

— David Middleton acha que o irmão Peter foi morto por. Edward

Augusta precisava desesperadamente se sentar, mas recusou--se a dar a Samuel o prazer de vê-la abalada.

— Por que é que ele está agora tentando causar confusão depois de sete anos?

— Ele disse que não ficou satisfeito com a decisão do juiz, tendo apenas se mantido calado por querer poupar aos pais maior desgosto. No entanto, a mãe morreu logo após Peter, e o pai este ano.

— Por que ele procurou você e não a mim?

— David pertence ao meu clube. Seja como for, ele releu o processo e afirma que há muitas testemunhas que nunca foram ouvidas.

“Isto é verdade” pensou Augusta, ansiosa. Havia o travesso Hugh Pilaster, um rapaz sul-americano chamado Tony, ou qualquer coisa do gênero, e uma terceira pessoa que nunca tinha sido identificada. Se Davi Middleton entrasse em contato com um deles, toda a história viria à tona.

Samuel estava pensativo.

— Do seu ponto de vista, foi uma pena o juiz ter feito aqueles comentários acerca do heroísmo de Edward. Isso fez com que se comesçassem a ter suspeitas. Teriam calculado que Edward ficara muito perturbado na margem enquanto o rapaz se afogava. Todo mundo que o conhece sabe que ele não atravessaria uma rua para ajudar outra pessoa, quanto mais mergulhar num lago e salvar um rapaz com risco de afogamento!

Este tipo de consideração era um perfeito disparate, ao mesmo tempo que um insulto.

— Como se atreve? — perguntou Augusta, mas não conseguiu imprimir à sua voz o habitual tom autoritário.

Samuel a ignorou.

— Os garotos do colégio nunca acreditaram nisso. David andou por lá uns anos antes e conhecia muitos dos rapazes mais velhos. O fato de ter falado com eles aumentou as suas suspeitas

— A ideia é absurda.

— O Middleton é um indivíduo lutador, como todo advogado — disse Samuel, apesar dos protestos da prima. — Não vai permitir que o assunto morra aqui.

— Não tenho medo dele.

— Ainda bem, porque tenho certeza que ele vai fazer uma visita à você. em breve. — Dirigiu-se para a porta. — Não vou ficar para o chá. — Boa tarde, Augusta.

Ela atirou-se no sofá. Não tinha previsto tal situação. Mas também, como poderia ter feito? O

seu triunfo sobre Samuel fora frustrado. Aquele velho assunto tinha sido de novo desenterrado após sete anos, quando já deveria estar completamente esquecido!

Temia bastante por Edward. Não suportaria que algo de mal lhe acontecesse. Colocou as mãos em volta da cabeça para que parasse de latejar. O que poderia fazer?

Hastead, o mordomo, entrou na sala, seguido de duas criadas que carregavam tabuleiros com chá e bolos.

— Dê-me licença. minha senhora — pediu ele no sotaque do País de Gales.

Os seus olhos pareciam olhar em várias direções simultaneamente e as pessoas nunca sabiam para qual deles olhar. No princípio era desconcertante, mas Augusta já se habituara.

Fez-lhe sinal com a cabeça.

— Obrigado, minha senhora — agradeceu ele, e começaram a pôr a louça de porcelana na mesa.

Os modos obsequiosos de Hastead e os criados a obedecerem às suas ordens acalmavam Augusta muitas vezes; mas hoje isso não adiantava. Levantou-se e foi abrir as portas que davam para o jardim.

O seu aspecto ensolarado também não a animou. Como poderia parar David Middleton?

Ainda estava a meditar sobre o problema quando Micky Miranda chegou.

Ficou contente ao vê-lo. Estava belo como sempre, com um casaco preto e calças listradas, um colarinho branco imaculado e uma gravata de cetim preto. Viu que ela estava perturbada e mostrou-se imediatamente solidário. Atravessou a sala com a graça e a velocidade de um felino e a sua voz parecia uma carícia.

— O que foi que a perturbou, Mrs. Pilaster?

Ela estava grata pela sua vinda. Agarrou-o pelos braços.

— Aconteceu uma coisa terrível!

As mãos dele pousaram na cintura de Augusta, como se estivesse dançando, e ela sentiu um arrepio quando os dedos de Micky fizeram pressão sobre os seus quadris.

— Não se aborreça! — disse ele, tentando acalmá-la. — Conte-me o que se passou.

Augusta começou a sentir-se mais calma. Era nessas horas que gostava muito de Micky.

Lembrava-lhe aquilo que sentira pelo jovem conde de Strang quando era mais jovem. Micky fazia-lhe lembrar Strang: os seus modos graciosos, as roupas bonitas e, acima de tudo, a forma como se movia, a flexibilidade das pernas e um corpo que funcionava com perfeição. Strang era louro e inglês, ao passo que Micky era moreno e latino. mas ambos

possuíam a capacidade de fazerem— Na sentir-se muito inteira. Queria puxar o corpo dele para junto do seu e apoiar a cabeça no seu ombro

Viu que as criadas a observavam e compreendeu que não era muito próprio Micky ficar com as mãos nos seus quadris.

Afastou-se, pegou em seu braço e conduziu-o ao jardim, onde estariam fora do campo de visão de todos. O ar estava quente e cheirava a flores.

Sentaram-se num banco de madeira, à sombra, e Augusta ficou de lado para o olhar. Queria pegar na mão dele, mas isso não seria muito apropriado.

— Vi Samuel indo embora. Ele tem alguma coisa a ver com isso? — perguntou Micky.

Augusta falou em voz baixa e Micky inclinou-se para perto dela, tão perto que poderia beijá-la quase sem ter que se mexer.

— Ele veio me dizer que não quer ser sócio sênior — Que boas notícias!

— Sim. Significa que o cargo ira certamente para o meu marido.

— E o Papai pode ter os seus rifles, logo que Seth se afaste. — É de enlouquecer a forma como o velho Seth continua ali! — exclamou Micky. — O Papai está farto de me perguntar quando é que isso vai acontecer.

Augusta sabia porque é que Micky estava tão preocupado: receava que o pai o mandasse de volta para Córdoba.

— Acho que o velho Seth já não dura muito mais — retorquiu ela para o confortar.

— Mas não foi isso que a aborreceu — disse ele, olhando-a nos olhos.

— Não. É o infeliz daquele rapaz que vocês afogaram no colégio o Peter Middleton. O Samuel disse que o irmão dele, o advogado, tem andado a fazer perguntas.

— Depois de todos estes anos? — perguntou Micky, empalidecendo.

— Aparentemente, manteve-se calado por causa dos pais, mas eles já morreram.

— Isso será um problema muito grave?

— Você sabe, melhor do que eu — hesitou Augusta. Havia uma pergunta que gostaria de fazer, mas tinha medo da resposta. Criou

coragem. — Micky, acha que o rapaz morreu por culpa de Edward?

— Bem.

— Sim ou não! — ordenou ela.

— Sim — disse ele após uma pausa.

Augusta fechou os olhos. "Querido Teddy, por que é que você foi fazer uma coisa dessas?"

— Peter nadava muito mal. Edward não o afogou, cansou-o. Estava vivo quando Edward o deixou para ir atrás de Tonio. Mas acho que devia estar fraco demais para nadar até à margem e afogou-se enquanto ninguém o observava — disse Micky calmamente.

Teddy não queria mata-lo!

— Claro que não!

— Era só uma brincadeira de rapazes.

— Edward não queria lhe fazer mal.

— Então não é assassino.

— Receio que seja — disse Micky gravemente e o coração de Augusta apertou-se. — Se um ladrão empurra um homem para o chão, querendo apenas roubá-lo, e o homem tem um ataque cardíaco e morre, o ladrão é culpado de assassinato, embora não tenha tido intenção de matar

— Como é que sabe disso?

— Eu me informei com um advogado, há alguns anos.

— Por quê?

— Queria saber qual a situação de Edward.

Augusta enterrou o rosto nas mãos. Era pior do que ela Imaginara.

Micky afastou-lhe as mãos do rosto e beijou-as. O gesto foi tão terno que quase a fez chorar.

— Nenhuma pessoa razoável iria acusar Edward de uma coisa que ele fez quando criança -

disse ele, continuando a agarrar-lhe as mãos.

— Mas será David Middleton uma pessoa razoável? — perguntou Augusta.

— Talvez não. Parece ter alimentado esta obsessão durante vários anos. Deus queira que a sua persistência não o conduza à verdade.

— É!,

Augusta estremeceu ao pensar nas consequências. Haveria um escândalo; nos cabeçalhos dos pasquins estaria escrito SEGREDO

VERGONHOSO DE HERDEIRO DE BANCO; a polícia iria ser envolvida, o pobre Teddy talvez tivesse que ir ao tribunal; e se fosse condenado.

— A perspectiva é terrível, Micky! — murmurou ela.

— Então temos que fazer alguma coisa.

Augusta apertou as mãos dele, largando-as em seguida e tomando uma atitude. Tinha percebido a enormidade do problema. Tinha visto a sombra da força sobre o filho. Era hora de parar de sofrer e tomar uma decisão. Ainda bem que Edward tinha em Micky um verdadeiro amigo!

— Temos que ter a certeza que as investigações de David Middleton não o conduzirão a lugar nenhum. Quantas pessoas sabem a verdade?

— Seis — respondeu Micky de imediato. — Edward, a senhora e eu, mas nós não vamos dizer nada. Depois temos o Hugh.

— Que não estava lá quando o rapaz morreu.

— Não, mas viu o suficiente para saber que a história que contamos era falsa. E o fato de termos mentido faz— Nos parecer culpados.

— Então Hugh é um problema. Os outros?

— Tonio Silva viu tudo.

— Mas não disse nada na hora

— Tinha muito medo de mim, mas não sei se ainda tem.

— E o sexto?

— Nunca descobrimos quem ele era. Na hora, não vi o seu rosto e ele nunca se aproximou.

Acho que não podemos fazer nada acerca disso. No entanto, se ninguém sabe quem ele é, acho que não representa qualquer perigo para nós.

Augusta estremeceu de medo: não estava certa disso. Haveria sempre o perigo da testemunha desconhecida se revelar. Mas Micky tinha razão em dizer que não podiam fazer nada.

— Então temos que tratar de duas pessoas: Hugh e Tonio.

Houve um silêncio meditativo.

Hugh já não podia ser encarado como um problema menor, pensou Augusta. Os seus modos ousados estavam fazendo com que ele fosse apreciado no banco e, comparativamente, Teddy parecia ter menos valor. Augusta conseguira sabotar o romance entre Hugh e Lady Florence Stalworthy, mas agora Hugh ameaçava Teddy de modo mais perigoso.



Tinha que lhe fazer alguma coisa. Mas o quê? Era um Pilaster, apesar de ser um mau Pilaster. Cansou-se de pensar, mas não chegou a solução alguma.

— Tonio tem uma fraqueza — disse Micky pensativo.

— Ah sim?

— É um mau jogador. Aposto mais do que pode e perde sempre.

— Talvez consiga arranjar um jogo.

— Talvez.

Augusta perguntou-se se Micky não saberia roubar nas cartas. Contudo, não podia lhe perguntar tal coisa: a sugestão seria uma grande ofensa para um cavalheiro.

— Pode sair caro. — Você pode dar dinheiro? — perguntou Micky.

— De quanto é que você iria precisar?

— Receio bem que de uma centena de libras.

Augusta não hesitou. Era a vida de Teddy que estava em jogo.

— Muito bem.

Ouviu vozes na casa: os outros convidados para o chá começavam a chegar. Levantou-se.

— Não sei como lidar com Hugh — disse ela, preocupada. — Terei que pensar nisso. Vamos para dentro.

A cunhada Madeleine já estava lá e começou a falar logo que eles entraram na sala.

— A modista vai fazer com que eu comece a beber; duas horas para coser uma bainha, mal posso esperar por uma xícara de chá. — Oh e você tem bolo de amêndoas! mas, meu Deus, como está calor!

Augusta apertou a mão de Micky de modo conspiratório e sentou-se para servir o chá.

## CAPÍTULO IV

### AGOSTO

Estava muito calor em Londres e a atmosfera era úmida, fazendo com que a população ansiasse por ar puro e espaços verdes. No primeiro dia de Agosto, todos iam às corridas em GoodWood Viajava -se em comboios especiais que partiam de Victoria Station. As divisões da sociedade inglesa eram cuidadosamente espelhadas nos transportes:: A alta sociedade seguia nos luxuosos vagões de primeira classe,; os pequenos comerciantes e professores, viajam na segunda classe,lotada, mas confortável; e os trabalhadores das fábricas e os criados domésticos, apertados em duríssimos bancos de madeira, da terceira Quando se apeavam, a aristocracia entrava em carruagens, a classe média ocupava carros puxados a cavalos e os trabalhadores seguiam a pé. Os piqueniques dos ricos tinham sido enviados nos trens anteriores: dezenas de cestos carregados nos ombros de jovens lacaios com louça de porcelana e toalhas de linho, galinhas cozidas e pepinos, champanhe e pêssegos de estufa.

Para os menos ricos, haviam barracas vendendo salames, crustáceos e cerveja.

Os pobres traziam pão com queijo, embrulhado nos lenços.

Maisie Robinson e April Tilsley foram com Solly Greenbourne e Tonio Silva. A posição deles na hierarquia social era incerta. Solly e Tonio pertenciam claramente à primeira classe, mas Maisie e April deveriam ter ido à terceira. Solly decidiu comprar bilhetes de segunda classe e pegaram um ônibus ao deixarem a estação para seguirem até o hipódromo

Solly, no entanto, gostava demais de comer para se satisfazer com um almoço comprado numa barraca, e tinha enviado quatro criados à frente com um grande piquenique de salmão frito e vinho branco no gelo

Estenderam uma toalha branca como a neve no chão e se sentaram na relva ao seu redor.

Maisie colocava porções de comida na boca de Solly. Cada vez gostava mais dele. Era simpático com todo mundo., divertido e era interessante falar com ele. A gula era o seu único vício.

Ainda não deixara que ele fosse para a cama com ela, mas parecia que quanto mais se recusava, mais ele se afeiçoava.

A corrida começou logo após o almoço. Havia por perto um bookmaker em cima de uma caixa, gritando as cotações. Usava um terno axadrezado, uma gravata de seda, um grande ramo de flores ao peito e um chapéu branco. Tinha no ombro, uma bolsa de couro cheia de dinheiro e estava parado sob uma placa onde se podia ler: "Wm. Tucker, King's Head, Chichester".

Tonio e Solly apostaram em todas as corridas. Maisie estava aborrecida: toda corrida de cavalos era igual às outras se uma pessoa não estava apostando. April não queria sair de perto de Tonio, mas ela decidiu ir dar uma volta.

Os cavalos não eram a única atração. O terreno em volta do hipódromo estava apinhado de tendas, barracas e carroças. Havia locais de apostas, espetáculos esquisitos e ciganos de pele escura a ler a sorte.

Vendia-se gim, sidra, tortas de carne, laranjas e bíblias. As orquestras e os órgãos competiam uns com os outros e, por entre a multidão, havia mágicos, malabaristas e acrobatas a pedir dinheiro.

Havia cães que dançavam, anões e gigantes, e homens em pernas de pau.

Todo este carnaval barulhento lembrou a Maisie o circo e sentiu saudades da vida que tinha deixado para trás. Os artistas estavam aqui para ganhar dinheiro de todas as maneiras possíveis e imaginárias, e ficava contente ao ver que eles o conseguiam.

Sabia que devia receber mais de Solly. Era louca de sair com um dos homens mais ricos do mundo e viver num quarto no Soho.

Já podia estar usando diamantes e peles e ter em vista uma casinha suburbana em St. John's Wood ou em Clapham. O seu trabalho de mostrar os cavalos de Sammls estava quase acabando: a temporada londrina encontrava-se no fim e as pessoas que podiam comprar cavalos começavam a ir para o campo. No entanto, não permitia que Solly lhe oferecesse mais do que flores, o que enfurecia April.

Passou por uma grande tenda. Do lado de fora estavam duas moças vestidas como bookmakers e um homem de terno preto gritava: "A única certeza competitiva em Goodwood é a chegada do Dia do Juízo Final! Reafirma a sua fé em Jesus e a recompensa será a vida eterna."

O interior da tenda parecia fresco e, num impulso, entrou. A maior parte das pessoas sentadas nos bancos parecia já estar convertida. Maisie sentou-se junto da saída e pegou num livro de cânticos. Compreendia

porque é que as pessoas se juntavam em congregações e iam pregar nas corridas de cavalos. Fazia— Os sentir que pertenciam a algo. O sentimento de pertencer era a grande tentação que Solly lhe oferecia: não tanto os diamantes e as peles, mas a perspectiva de ser a amante de Solly Greenbourne, com uma casa onde viver, um salário regular e uma posição no esquema das coisas. Não seria uma posição respeitável, permanente

— O acordo terminaria quando Solly se cansasse dela —, mas era mais do que aquilo que tinha agora.

A congregação levantou-se e entoou um cântico. Era sobre ser lavado no sangue do Cordeiro de Deus, o que fez Maisie sentir-se indisposta. Saiu., passou por um teatro de marionetes, quando este chegava ao seu clímax, com o irascível Mr. Punch a cair para um lado do palco, empurrado por Mrs. Judy, que segurava um machado.

Maisie observou a multidão com um olhar conhecedor. Não havia muito dinheiro num espetáculo de marionetes se este fosse manobrado com honestidade: a maior parte da audiência afastava-se sem pagar e o resto dava umas míseras esmolas. Mas havia outras maneiras de tirar dos clientes. Após alguns momentos, viu um rapaz roubando um homem de chapéu alto. Todo mundo, com exceção de Maisie, estava vendo o espetáculo e mais ninguém viu a pequena mão deslizar para o bolso do colete do homem.

Maisie não tinha intenção de tomar alguma medida. Os homens ricos e descuidados mereciam ser roubados e, na sua opinião, os ladrões ousados mereciam o seu saque. Mas olhando mais atentamente reconheceu o cabelo preto e os olhos azuis de Hugh Pilaster.

Lembrou-se de April ter-dito que Hugh não tinha dinheiro. Não poderia ficar sem o relógio.

Decidiu salvá-lo do seu descuido. Contornou a multidão. O punhuista era um rapazinho esfarrapado, de cabelo castanho, com cerca de onze anos, a mesma que Maisie tinha quando fugira de casa. Estava muito delicadamente retirando a corrente do relógio do bolso do colete de Hugh.

Ouviram-se gargalhadas da audiência que estava assistindo ao espetáculo e, nesse momento, o carteirista procurou fugir com o relógio na mão.

Maisie agarrou-o pelo pulso.

Ele deu um pequeno grito de medo e tentou libertar-se, mas ela era forte demais para ele.

— Dê-me o relógio e eu não digo nada — murmurou ela.

Ele hesitou. Maisie viu estampada no rosto sujo do rapaz, a luta entre o medo e a ganância. Então, com um ar de resignação deixou cair o relógio no chão.

— Vai roubar o relógio de outra pessoa — disse ela.

Largou-lhe a mão e o rapaz desapareceu.

Pegou o relógio. Era de ouro. Abriu-o e viu as horas Três e dez. Na parte de trás havia uma inscrição:

*Tobias Pilaster*

*de sua dedicada esposa*

*Lydia*

23 de Maio de 1851

O relógio fora um presente da mãe de Hugh para o pai.

Maisie ficou contente por tê-lo recuperado. Fez uma cara séria e bateu no ombro de Hugh.

Ele virou-se, aborrecido por terem— No distraído do espetáculo; então, os seus olhos azuis se abriram em sinal de surpresa.

— Miss Robinson!

— Que horas são?

Ele estendeu imediatamente a mão para o bolso e encontrou-o vazio.

— Isso é uma piada? — Olhou em redor como se o relógio tivesse caído do seu bolso -

Espero não ter.

Ela lhe mostrou -meu Deus! — exclamou ele. — Como é que o encontrou?

— Eu o vi sendo assaltado e recuperei-o.

— Onde está o ladrão?

— Deixei-o ir. Era apenas um rapazinho.

— Mas. — Ele estava perplexo.

— Eu teria deixado que ele levasse o relógio, mas sei que você não tem dinheiro para comprar outro.

— Não está falando sério!

— Estou. Eu costumava roubar quando era criança, sempre que achava que conseguiria escapar.

— Que terrível!

Maisie descobriu-se irritada outra vez com ele. Na sua maneira de pensar, havia algo de hipócrita na atitude de Hugh.

— Lembro-me do funeral do seu pai. Era um dia frio e estava chovendo. O seu pai morreu, devendo dinheiro ao meu.

No entanto, nesse dia, você trazia um casaco e eu não tinha nenhum, Acha que está certo?

— Não sei — respondeu ele com uma raiva repentina. — —, - Tinha treze anos quando o meu pai foi à falência: será que isso quer dizer que tenho que fechar os olhos a todas as vilanias?

Maisie ficou abalada. Era raro os homens tratarem— Na com rispidez e era a segunda vez que Hugh o fazia. Mas não queria discutir com ele novamente. Tocou-lhe o braço.

— Desculpe — disse ela— Não queria criticar o seu pai, Só queria que percebesse o que é que faz uma criança roubar!

Ele se acalmou de imediato.

— Eu ainda não lhe agradei por ter recuperado o meu relógio. Foi presente de casamento da minha mãe para o meu pai, por isso é mais valioso que o seu preço.

— E a criança encontrará outra pessoa a quem roubar.

— Nunca conheci ninguém como você! Exclamou ele com uma gargalhada. — Quer beber uma cerveja? Está fazendo tanto calor!

Era o que lhe apetecia. mesmo!

— Sim, agradeço.

Alguns metros mais à frente havia uma carroça carregada de barris enormes. Hugh comprou duas canecas de barro de cerveja. Maisie bebeu longamente: estava com sede. Era melhor que o vinho francês de Solly. Presa à carroça estava uma placa com letras a giz, onde se lia: SAIA DAQUI COM UMA CANECA E SERÁ QUEBRADA NA SUA CABEÇA

Hugh ficou pensativo.

— Já percebeu de que fomos ambos vítimas da mesma catástrofe?

Ela não tinha percebido.

— O que quer dizer com isso?

— Houve uma crise financeira em mil oitocentos e sessenta e seis. Quando isso acontece, algumas firmas íntegras vão à falência. tal como quando um cavalo numa equipe cai e arrasta os outros atrás dele A empresa do meu pai faliu — porque havia pessoas que lhe deviam dinheiro

e.não lhe pagaram; ele ficou tão atormentado que se matou, deixando a minha mãe viúva e a mim órfão com treze anos. O seu pai não podia dar de comer à vocês ,porque havia pessoas que lhe deviam dinheiro e não lhe pagaram, e você fugiu de casa com onze anos.

Maisie via a lógica do que ele estava a dizer, mas o seu coração não podia concordar: odiara Tobias Pilaster durante muito tempo.

— Não é a mesma coisa — protestou ela. — os trabalhadores não controlam essas coisas, apenas fazem o que lhes mandam. Os patrões é que têm o poder. A culpa é deles se as coisas correm mal.

Hugh ficou a meditar.

— Não sei, talvez tenha razão. Os patrões ficam realmente com a parte de leão nos lucros.

Mas, pelo menos, tenho a certeza de uma coisa: patrões ou trabalhadores, os seus filhos não podem ser culpados

— E difícil acreditar que descobrimos algo sobre o qual estamos de acordo — disse Maisie, sorrindo

Acabaram as bebidas, devolveram as canecas e caminharam em direção a um carrossel.

— Quer dar uma volta? — perguntou Hugh.

— Não — respondeu ela com um sorriso.

— Está sozinha?

— Não, estou com amigos. — Por uma razão qualquer, não queria que ele soubesse que fora Solly quem a trouxera ali. —

— E você? Está com aquela horrorosa da sua tia?

— Não. Os metodistas não aprovam as corridas de cavalos. Ela ficaria escandalizadíssima se soubesse que estou aqui!

— Ela gosta de você?

— Nem um pouquinho

— Então por que é que quer que você viva em sua casa?

— Gosta de ter as pessoas sob os olhos, para poder controla-las.

— Ela controla você?

— Tenta. — Sorriu. — Às vezes fujo.

— Deve ser difícil viver com ela.

— Não tenho dinheiro para viver sozinho. Tenho é que ter paciência e esforçar-me bastante no banco. Com sorte, consigo uma promoção e aí, serei independente! — Sorriu de novo. — E então lhe digo para calar a boca, como você disse.

— Espero não o ter colocado em confusão!  
— Colocou, mas valeu a pena ver a cara dela. Foi nessa hora que comecei a gostar de você!

— Foi por isso que me pediu para sair?

— Sim. Por que motivo recusou?

— Porque a April me disse que você não tem dinheiro.

— Tenho o suficiente para umas costeletas e uns pudins de ameixa!

Como é que uma moça consegue resistir a isso? — perguntou ela, na brincadeira.

— Vamos sair hoje! Podíamos ir dançar nos jardins Cremorne Ela sentiu-se tentada, mas lembrou-se de Solly.

— Não, obrigada.

— Por que não?

Ela perguntou-se o mesmo. Não estava apaixonada pelo Solly, nem recebendo dinheiro dele: então porque estaria se guardando para o gorducho? "Tenho dezoito anos, e se não posso sair com um rapaz de quem gosto, que raio de vida é esta?"

— Está bem, eu vou.

— Sério?

— Sim.

Hugh sorriu. Ela o fazia feliz.

— Posso ir buscá-la?

Maisie não o queria ver na espelunca do Soho onde vivia com April.

— Não. É melhor combinar um lugar para nos encontrarmos — Então vamos nos encontrar no Westminster, Pier. Depois apanhamos o barco até Chelsea!

— Ótimo!! A que horas?

— Pode ser às 8h?

Ela fez um cálculo rápido. Solly e Tonio iriam querer ficar até o fim das corridas. Depois teriam que pegar o trem para Londres Ela iria se despedir de Solly na Victoria Station e iria a pé até Westminster.

— Se por acaso me atrasar, você espera?

— Toda a noite, se for preciso.

— Acho melhor ir ter com os meus amigos, -disse, sentindo-se culpada ao pensar em Solly.

— Eu a acompanho — Sugeriu ele ansioso.



— Acho melhor não.

Estendeu-lhe a mão e despediram-se com uma estranha formalidade — Até logo — disse ela.

— Lá estarei.

Virou-se e começou a afastar-se, sentindo o olhar dele, -"Por que fiz isto?", interrogou-se. "Será que quero sair com ele? Gostarei mesmo dele? Da primeira vez que nos vimos, tivemos uma tal discussão que estragamos a festa e hoje ele estava pronto.

A fazer o mesmo, se eu o não tivesse acalmado. Não nos damos nada bem!

Nunca conseguiremos dançar. Talvez eu não vá."

Mas ele tinha uns olhos azuis lindos!

Decidiu não pensar mais no assunto. Tinha concordado em ir ter com ele, e iria. Podia divertir-se, ou talvez não, mas ficar se preocupando não adiantava nada.

Tinha que inventar um motivo para deixar o Solly, que contava com ela para o jantar. No entanto, ele nunca duvidava dela — aceitava todas as desculpas, mesmo as mais inverossímeis.

Mesmo assim, era melhor tentar pensar em algo convincente, pois do contrário iria se sentir mal ao abusar da sua natureza complacente.

Encontrou os outros onde os tinha deixado. April e Tonio tinham os olhos muitos abertos, com uma expressão de triunfo.

— Ganhamos cento e dez libras! — exclamou April assim que a viu. — Não é uma maravilha?

Maisie ficou contente por ela. Era muito dinheiro! Quando estava felicitando os dois, apareceu Micky Miranda, perambulando com os polegares enfiados nos bolsos do colete cinzento. Não ficou surpreendida ao vê-lo — quase todo mundo vinha a Goodwood.

Embora Micky fosse extremamente bonito, não gostava dele.

Lembrava-lhe o tal homem do circo, que pensava que todas as mulheres ficariam encantadas se ele se atirasse a elas, e sofria uma afronta quando elas lhe diziam que não. Micky trazia Edward Pilaster agarrado à sua perna como de costume.

Maisie sentia uma certa curiosidade sobre a relação deles. Eram tão diferentes: um alto, imaculado, confiante; o outro, grande, desajeitado, egoísta. Porque seriam tão inseparáveis? A maior parte das pessoas ficava

encantada com Micky. Tonio olhava-o com uma espécie de veneração nervosa, como um cachorro olha o seu dono cruel.

Atrás deles estava um homem mais velho e uma mulher bastante jovem. Micky apresentou o homem como sendo o seu pai. Maisie estudou-o com interesse. Era baixo e tinha as pernas arqueadas, ombros muito largos e um rosto gasto pelo tempo. Ao contrário do filho, não se sentia à vontade de colarinho engomado e chapéu alto.

A mulher agarrava-se a ele como uma amante e era pelo menos trinta anos mais nova.

Chamava-se Miss Cox.

Todos falaram dos seus lucros. Micky e Tonio tinham ganhado bastante com um cavalo chamado Prince Charlie.

Solly tinha ganho, mas perdera de novo e parecia apreciar ambas as situações.

Micky não dissera quanto lucrara e Maisie calculou que não tinha apostado tanto como os outros — parecia uma pessoa muito cuidadosa, muito calculista, enfim, um grande jogador.

No entanto, o que ouviu da sua boca logo a seguir surpreendeu-a. — Hoje à noite vamos organizar uma grande jogatina, Greenbourne. Uma libra no mínimo.

Topa?

Percebeu que a postura aparentemente lânguida de Micky ocultava uma grande tensão. Era do tipo controlado,

— Claro! — respondeu Solly, que topava qualquer coisa.

— E você? — perguntou Micky, virando-se para Tonio. — Também vai entrar?

O tom despreocupado da sua voz soou falso aos ouvidos de Maisie.

— Contem comigo! — exclamou Tonio muito excitado. — Estarei lá-

— Hoje não, Tonio! pediu April. — Você me prometeu!

Maisie calculou que Tonio não devia ter dinheiro para jogar se o mínimo fosse uma libra — O que é que eu prometi? — perguntou ele, sorrindo para os amigos.

Ela murmurou-lhe algo ao ouvido e todos os homens riram.

— Vai ser o último grande jogo da temporada, Silva — disse Micky. — Vai ficar arrependido de não ir!

Maisie ficou surpreendida com aquilo. Nos Salões de Argyl tinha ficado com a nítida sensação de que Micky não gostava de Tonio. Então, porque estaria agora tentando aliciá-lo para o jogo?

— Hoje é o meu dia de sorte! — exclamou Tonio. — Vejam quanto eu ganhei nos cavalos! Irei jogar com vocês

Micky olhou para Edward e Maisie viu nesse olhar uma expressão de alívio.

— Por que não jantamos todos no clube? — perguntou Micky.

Solly olhou para Maisie, que compreendeu que tinha ali uma boa desculpa para se esquivar.

— Vai jantar com os seus amigos, Solly — disse ela. — Não me importo!

— Tem certeza? -

— Sim. Tive um dia estupendo, já chega! Vai com eles.

— Então, está combinado! — exultou Micky.

E afastou-se, com o pai, Miss Cox e Edward.

Tonio e April foram apostar na corrida de cavalos seguinte.

— Vamos dar uma volta? — perguntou Solly, oferecendo o braço a Maisie.

Perambularam ao longo do parapeito branco em volta do hipódromo. O sol estava quente e o ar do campo tinha um cheiro muito agradável.

— Você gosta de mim, Maisie? — perguntou Solly, passado algum tempo.

— Gosto muito de você — respondeu ela, pondo-se nas pontas dos pés para lhe dar um beijo no rosto.

Solly olhou para Maisie, que ficou espantada ao ver lágrimas nos olhos dele!

— O que foi, Solly?

— Também gosto de você! Mais do que já alguma vez gostei de alguém.

— Obrigada — agradeceu Maisie, comovida. Não era normal ele mostrar emoções com tanto entusiasmo.

— Quer casar comigo?

Maisie ficou atônita. Era a última coisa que estava esperando! Os homens do nível de Solly não pediam moças como ela em casamento!

Seduziam— Nas, davam-lhes dinheiro tornavam— Nas suas amantes e faziam filhos, mas não se casavam com elas. Ficou sem palavras.

— Eu daria a você tudo o que quisesse! — continuou ele. — Diz que sim, por favor!

Casar com Solly! Maisie seria muito rica. Todas as noites teria uma cama macia, uma lareira em cada divisão da casa e toda a manteiga que conseguisse comer. Só se levantaria quando quisesse Nunca mais voltaria a ter frio, preocupações, vestidos velhos.

A palavra "sim" estava na ponta da língua.

Pensou no minúsculo quarto de April, no Soho, com o seu ninho de ratos na parede; pensou em como o banheiro cheirava mal nos dias quentes; pensou nas noites em que não jantavam; nas dores nos pés ao fim de um dia de muito caminhar.

Olhou para Solly. Seria assim tão difícil casar com ele?

— Amo muito você! Estou desesperado! — exclamou Solly.

Ela via que isso era verdade. E esse é que era o problema. Ela não o amava.

Solly merecia muito mais. Merecia uma mulher que o amasse de verdade. Não uma oportunista fria como ela. Se casasse com ele, ela o estaria enganando. E ele era bom demais para que lhe fizesse tal coisa.

— Você é o homem mais delicado, mais bondoso que já conheci — disse ela à beira das lágrimas.

— Por favor, não diga que não! — interrompeu. — Se não pode dizer que sim, não diga nada.

Pense nisso, pelo menos durante um dia ou dois, ou mais.

Maisie suspirou. Sabia que iria dizer que não, e era mais fácil dizer naquele momento!

Mas ele lhe pedia!

— Vou pensar nisso — disse ela.

— Obrigado — agradeceu ele, radiante.

— Seja o que for que aconteça, Solly — disse Maisie acho que nunca mais vou ser pedida em casamento por um homem tão bom como você.

Hugh e Maisie apanharam o vapor de Westminster Pier para Chelsea. A noite estava quente e clara e o rio lamacento cheio de embarcações. Seguiram corrente acima e passaram sob a nova ponte destinada aos trens de Victoria Station, pelo Hospital de Chelsea na

margem norte e, na sul, pelas flores de Battersca Fields, local geralmente-utilizado para duelos pela população de Londres.

A ponte Battersea era uma estrutura de madeira, desconjuntada.e prestes a cair. No lado sul, Ficavam as fábricas de produtos químicos — e, no lado oposto, bonitas vivendas aglomeradas em torno da velha igreja de Chelsea, bem como crianças nuas a chapinharem nas poças.

Desembarcaram um pouco depois da ponte e subiram pelo ancoradouro, em direção aos magníficos portões dourados dos jardins Cremorne. Eram seis hectares de bosques e grutas, canteiros de flores e gramados, estufas e caramanchões, entre o rio e a King's Road. Já estava escurecendo quando chegaram e havia lanternas chinesas nas árvores e lampiões de gás acesos ao longo dos caminhos sinuosos.

O local estava lotado: muitos dos jovens que tinham assistido às corridas decidiram acabar ali o seu dia. Todos estavam bem vestidos e vagavam despreocupadamente pelos jardins rindo e namorando: as moças, aos pares, os rapazes em grupos maiores e os casais de braços dado.

O tempo tinha estado bom durante todo o dia, ensolarado e quente, mas agora, a noite se tornava ainda mais quente e abafada, com nuvens que ameaçavam uma tempestade.

Hugh sentia-se simultaneamente eufórico e nervoso. Estava encantado por ter Maisie perto dele e agarrara-lhe o braço, mas tinha a sensação desconcertante de não saber as regras do jogo. O que esperaria ela? Deixaria que a beijasse? Deixaria ele fazer tudo o que quisesse? Ansiava por tocar no seu corpo, mas não sabia por onde começar.

Esperaria ela que ele fosse até ao fim?

Não é que não quisesse, mas nunca o tinha feito e receava fazer papel de bobo. Os outros funcionários do banco falavam bastante de — Moças, do que faziam e aconteciam, mas Hugh tinha a impressão de que a maior parte das histórias era inventada. Fosse como fosse, Maisie não podia ser tratada como uma qualquer.

Também receava encontrar alguém conhecido. A família certamente desaprovava o que ele estava fazendo. Os jardins Cremorne eram um local para os níveis mais baixos da sociedade; segundo os metodistas, encorajava a imoralidade. Se ele fosse descoberto, isso pesaria contra ele. Com Edward as coisas eram diferentes. Podia levar mulheres para lugares mal frequentados, pois era herdeiro. Hugh não tinha dinheiro

e a sua educação não fora muito esmerada — esperava-se que seguisse os passos do pai.

Diriam que aqueles jardins de prazer eram o seu habitat natural, e que o seu lugar era entre escriturários, artesãos e moças como Maisie.

Hugh atravessava um período crítico da sua carreira.

Estava quase sendo promovido a escriturário da correspondência — com um salário de cento e cinquenta libras por ano, mais do dobro daquilo que ganhava — e isso podia ser posto em perigo se alguém comentasse o seu comportamento dissoluto.

Olhava com ansiedade para os outros homens, com receio de ver alguém conhecido.

Havia muitos da alta sociedade acompanhados por moças, mas todos evitavam o olhar de Hugh, e este compreendeu que não queriam ser vistos ali. Calculou que se visse alguém conhecido, essa pessoa teria tanto interesse como ele em ficar calado. Com essa convicção, sentiu-se melhor.

Sentia-se orgulhoso de Maisie. Trazia um vestido azul— Esverdeado bastante decotado, com anquinha, e um chapéu de marinheiro elegantemente colocado sobre o cabelo ao alto.

Atraía muitos olhares de admiração.

Passaram junto a um teatro, a um circo, a um relvado para jogos e, a várias barracas de tiro ao alvo, acabando por se dirigirem a um restaurante. Para Hugh, aquilo era uma nova experiência.

Embora os restaurantes fossem cada vez mais comuns, eram na sua maioria, frequentados pela classe média: A classe alta ainda não gostava da ideia de comer em público. Jovens como Edward e Micky comiam muitas vezes fora, mas achavam que se portavam como os pobres, e apenas o faziam quando estavam à procura ou acompanhados de moças.

Hugh tentou não pensar nos seios de Maisie durante todo o jantar-

Uma parte deles era visível graças ao decote — eram muito brancos, sem sardas. Ele só havia vistos seios nus, há apenas umas semanas antes no bordel da Nellie. Mas nunca tocara num.

Seriam firmes, musculosos ou flácidos? Quando uma mulher tirava o espartilho, eles se mexiam quando ela andava ou permaneciam rígidos?

Se fossem tocados, seriam suaves ou duros como joelhos? Será que ela deixaria que ele tocasse neles? Às vezes pensava em beijá-los, tal como fizera o homem no bordel com a puta, mas isso era um desejo secreto de que se envergonhava. Aliás, envergonhava-se de todos estes

sentimentos. Era animalesco estar à mesa com uma mulher e pensar o tempo todo no seu corpo nu, como se não gostasse dela e só a quisesse usar.

Mas não podia evitá-lo, especialmente na companhia de Maisie, que era tão encantadora.

Enquanto estavam comendo, houve fogos-de-artifício em outra parte do jardim. O barulho e os clarões perturbaram os leões e os tigres nas jaulas, que rugiram em sinal de desaprovação.

Hugh lembrou que Maisie trabalhara num circo e perguntou como era.

— Acabamos por conhecer muito bem as pessoas quando vivemos tão perto delas—respondeu ela, pensativa. — Às vezes é bom, outras vezes é mau. Estão todos constantemente se ajudando. Há romances, grandes discussões, às vezes brigas; houve duas mortes enquanto eu estive. lá.

— Meu Deus!

— E não se pode contar com o dinheiro.

— Por quê?

— Quando as pessoas precisam economizar, a primeira coisa que cortam são os divertimentos.

— Nunca tinha pensado nisso. Não posso me esquecer de nunca investir dinheiro nesse tipo de negócio.

— Está sempre pensando em dinheiro? — perguntou ela sorrindo.

"Não", pensou Hugh, "estou. sempre pensando nos seus seios."

— Não se esqueça de que sou filho da ovelha negra da família. — Entendo mais de bancos do que qualquer outro dos Pilaster da minha idade, mas tenho que trabalhar o dobro para provar o meu valor.

— Por que é que é tão importante provar aquilo que vale?

"Boa pergunta", pensou Hugh. Meditou.e passado algum tempo, respondeu: -Acho que sempre foi assim. — No colégio tinha que ser o melhor da turma. O desastre do meu pai tornou as coisas ainda piores: todo mundo pensa que vou seguir o mesmo caminho e tenho que provar que estão errados.

— Eu penso da mesma maneira. Nunca hei-de viver como a minha mãe, sempre à beira da miséria. Hei de ter dinheiro, não importa o que tiver de fazer para conseguir isso.

— É por isso que sai com o Solly? — perguntou Hugh o mais suavemente que pôde.

Ela franziu o cenho e, por um momento, ele pensou que ia ficar zangada, mas não.

— Acho que é uma pergunta justa — disse ela, sorrindo com ironia. — Se quer saber a verdade, não me orgulho da minha relação com o Solly. Induzi-o em erro.

Hugh ficou surpreso. Será que isso queria dizer que ela não tinha ido até ao fim com ele?

— Ele parece gostar de você

— E eu gosto dele. Mas ele não quer amizade, nem nunca quis, e eu sempre soube disso.

— Estou vendo

Hugh ficou convencido que ela não tinha mesmo ido até o fim com o Solly, e isso significava que talvez não o quisesse fazer com ele. Sentiu-se desapontado e, ao mesmo tempo, aliviado. Desapontado, porque a desejava muito, aliviado, porque estava bastante nervoso

— Parece que ficou satisfeito com alguma coisa.

— Acho que fiquei contente por saber que você e o Solly são apenas amigos.

Ela ficou triste e ele se perguntou se teria dito alguma coisa errada.

Hugh pagou o jantar. Foi bastante caro, mas trouxera o dinheiro que conseguira juntar para comprar roupa, dezenove xelins, por isso não teve problemas. Quando abandonaram o restaurante, notaram que as pessoas nos jardins estavam mais barulhentas provavelmente porque, tinham consumido grandes quantidades de cerveja e gim.

Chegaram a uma pista de dança. Dançando, Hugh sentia-se à vontade: era a única coisa que tinham ensinado bem na Academia de Folkestone.

Levou Maisie para a pista e tomou-a nos braços pela primeira vez. Sentiu um formigamento nos dedos quando pousou a mão nas suas costas, e sentiu o calor do seu corpo através da roupa.

A sua mão esquerda segurava a dela, e ela a apertou: A sensação foi maravilhosa.

No fim da primeira dança, Hugh sorriu para Maisie contente e, para sua surpresa, ela tocou-lhe com um dedo nos lábios.

— Gosto quando sorri — disse ela. — Parece um garotinho!

"Garotinho" não era exatamente a impressão que ele procurava transmitir, mas, nesta altura do campeonato, aquilo de que ela gostasse,



estava bem para ele.

Dançaram outra vez. Faziam um bom par: embora Maisie fosse baixa, Hugh também não era muito alto e os dois tinham leveza nos pés.

Ele já dançara com dezenas de moças, se não com centenas, mas nunca tinha gostado tanto.

Era como se só agora descobrisse a agradável sensação de ter uma mulher nos braços, rodopiando ao som da música e executando passos complicados em perfeita coordenação.

— Está cansada? — perguntou ele no fim da música.

— Claro que não!

Dançaram de novo.

Nos bailes de sociedade não era aconselhável dançar com a mesma moça mais de duas vezes. Era costume após a dança, conduzi-la para fora da pista e ir buscar-lhe champanhe ou um sorvete.

Hugh irritara-se sempre com esta situação e agora se sentia livre e contente por ser um dançarino anônimo.

Dançaram até à meia— Noite, quando a música parou.

Todos os pares abandonaram a pista e dirigiram-se para o jardim. Hugh reparou que muitos dos homens continuavam com o braço em volta das companheiras, embora já não estivessem dançando.

Então, com alguma coragem, experimentou fazer o mesmo.

Maisie pareceu não se importar.

Começou a haver alguma agitação. Ao lado das trilhas, havia pequenas cabinas, como camarotes no teatro, onde as pessoas podiam sentar e observar as outras. Algumas estavam ocupadas por estudantes, agora bêbados. Hugh teve que se abaixar rapidamente para não ser acertado por um pedaço de pão.

Aproximou Maisie de si para a proteger e sentiu uma imensa alegria quando ela colocou um braço em volta da sua cintura, apertando-a. Havia muitas sombras e recantos ao longo da trilha principal e Hugh distinguia vagamente casais nos bancos de madeira, embora não conseguisse perceber se estavam se agarrando ou somente sentados no meio da trilha.

Ficou surpreso quando o casal que ia à frente deles parou e trocou um beijo ardente no meio da trilha. Levou Maisie pelo lado, sentindo-se constrangido. Mas logo superou o embaraço, o excitamento dominou-o. Poucos minutos mais tarde, passaram por outro casal abraçado. Hugh

olhou para Maisie, que lhe sorriu de uma forma que ele tinha certeza que era encorajadora. Mas não foi capaz de reunir a coragem necessária para beijá-la.

O jardim estava ficando cada vez mais perigoso. Tiveram que se desviar de uma briga que envolvia seis ou sete homens, todos bêbados, aos gritos e aos socos. Hugh começou a reparar em várias mulheres sem companhia e interrogou-se se seriam prostitutas.

A atmosfera estava a ficar ameaçadora e sentiu necessidade de proteger Maisie.

Nessa altura, avançou para eles um grupo de trinta ou quarenta homens, empurrando as pessoas e atirando os chapéus deles, no chão. Não havia como fugir, pois se espalhavam pelos relvados.

Hugh teve que agir com rapidez. Colocou-se à frente de Maisie, de costas voltadas para os tumultos, tirou o chapéu e abraçou-a com força. O bando passou por eles. Alguém lhe deu um encontrão e ele vacilou, ainda com Maisie nos braços, mas conseguiu manter-se de pé. Ao seu lado uma moça foi atirada para o chão e um homem levou um soco na cara.

Depois os vândalos foram-se embora. Hugh abrandou o abraço e olhou para Maisie. Ela tinha os olhos nos dele, na expectativa. Hesitante, ele baixou a cabeça e beijou-lhe os lábios.

Eram deliciosamente macios e receptivos. Fechou os olhos. Havia anos que esperava por aquilo: o seu primeiro beijo. E era tão bom como imaginara. Sentiu o cheiro dela. — Os lábios moviam-se delicadamente nos seus. Não queria largá-la.

Maisie interrompeu o beijo. Olhou para Hugh e abraçou-o com muita força, puxando o corpo dele contra o seu.

— Você é capaz de estragar os meus planos — disse ela calmamente.

Hugh não percebeu.

Olhou para o lado. Havia um daqueles bancos de madeira, sem ninguém.

— Vamos nos sentar? — perguntou ele depois de ter se enchido de coragem.

— Está bem.

Dirigiram-se para o banco na escuridão e sentaram-se. Hugh beijou-a de novo.

Já se sentia menos nervoso. Colocou o braço em volta dos ombros dela, puxou-a para si e, com a outra mão, acariciou-lhe o queixo; beijou-a com mais ardor, apertando seus lábios contra os dela. Ela respondeu com bastante entusiasmo, encostando o peito ao dele.

Hugh ficou surpreso com a reação, embora pensasse que as moças não tinham motivo para não gostarem tanto de beijar como os rapazes. O desejo dela excitava-o ainda mais.

Acariciou-lhe o rosto e o pescoço e ficou ali com a mão.

Queria tocar nos seus seios, mas tinha-medo que ela ficasse ofendida, por isso hesitou. Ela encostou os lábios ao seu ouvido.

— Pode tocar neles — disse ela num murmúrio, que era também um beijo.

Ficou espantado. Como é que ela teria conseguido adivinhar-lhe o pensamento?

O convite excitou-o quase até o limite do possível: não apenas pelo fato dela querer, mas também por tocar no assunto.

"Pode tocar neles." As pontas dos seus dedos deslizaram para o decote. A pele dela era macia e quente. Não sabia o que fazer a seguir. Seria tentar pôr a mão dentro do decote?

Maisie respondeu-lhe, pegando na sua mão e colocando-a sobre os seios.

— Aperte-os, mas devagar, murmurou ela.

Ele assim fez. Não se pareciam nada com músculos ou joelhos, eram mais macios, exceto os mamilos duros. Passava a mão de um seio a outro, acariciando-os e apertando-os. Sentia a respiração ofegante de Maisie no pescoço. Poderia fazer aquilo a noite toda, mas fez uma pausa para beijar os lábios. Desta vez ela lhe dava beijos curtos e afastava-se, uma e outra vez, o que era ainda mais excitante. Hugh percebeu que havia muitas maneiras de beijar.

De repente, ela parou.

— Escute — disse.

Hugh prestara pouca atenção ao crescente barulho no jardim e agora ouvia gritos e vidros se partindo. Dando uma olhada na trilha, percebeu que as pessoas estavam correndo em várias direções.

— Alguém deve estar brigando — aventurou ele.

Ouviu-se um apito da polícia.

— Bolas! — exclamou. — Estamos metidos numa grande encrenca.

— É melhor irmos embora — Sugeriu Maisie.

— Vamos tentar descobrir a saída para King's Road e arranjar um fiacre.

— Como achar melhor.

Hugh hesitou, relutante em ir embora.

— Só mais um beijo — pediu.

— Está bem.

Beijaram-se e ela abraçou-o com força.

— Hugh — disse ela —, estou contente por ter conhecido você.

Ele julgou ter ouvido o melhor elogio da sua vida.

Recomeçaram a andar e dirigiram-se apressadamente para o norte.

Viram um rapaz correndo atrás de outro; o primeiro se chocou com Hugh, atirando-o ao chão. Quando se levantou, os outros já tinham se afastado.

— Você está bem? — perguntou Maisie preocupada.

Hugh sacudiu a roupa e pegou no chapéu.

— Não houve estragos — respondeu —, mas não quero que aconteça o mesmo com você.

Vamos cortar caminho pela grama, deve ser mais seguro.

Quando começaram a andar, os lampiões se apagaram.

Continuaram andando na escuridão. Agora havia um barulho contínuo de homens e mulheres gritando, misturado com sirenes da polícia. Hugh lembrou-se de que poderiam ser presos e de que todo mundo iria descobrir o que ele andara a fazer. Augusta diria que ele era depravado demais para exercer um cargo de responsabilidade no banco. Gemeu. Depois se lembrou dos seios de Maisie e decidiu não se importar com o que Augusta dissesse.

Mantiveram-se afastados da trilha e dos espaços abertos.

O terreno elevava-se um pouco, e Hugh deduziu que estava na direção certa.

Ao longe viu luzes e avançou para elas. Começaram a encontrar outros casais. Hugh calculou ter menos probabilidades de se meter em confusão, se seguisse num grupo de pessoas respeitáveis e sóbrias.

Quando se aproximaram do portão, entrou um pelotão de trinta ou quarenta policiais.

Abrindo caminho à força contra as pessoas que tentavam sair do jardim, agrediam indiscriminadamente homens e mulheres. A multidão virou-se e começou a correr em sentido contrário.

— Posso levar você no colo? — pediu Hugh rapidamente.

— Está bem — assentiu ela intrigada.

Inclinou-se e pegou nela, com um braço sob os joelhos e outro em volta dos ombros.

— Finge que está desmaiada.

Maisie fechou os olhos e ficou inerte. Hugh seguiu em frente, de encontro à multidão.

— Deixem passar! Deixem passar! — gritava ele, no tom mais autoritário que conseguia.

Ao verem uma mulher aparentemente doente, mesmo as pessoas que fugiam tentavam se desviar deles.

Chegou perto dos policiais que vinham à frente, tão assustados como o resto das pessoas.

Saia da frente, senhor guarda! Deixe passar esta senhora! gritou para um deles.

O homem olhou para ele com uma expressão hostil e, por um momento, Hugh pensou que o seu jogo iria ser descoberto.

— Deixem passar o cavalheiro! — gritou um sargento.

Avançou para os policiais e encontrou um espaço aberto.

Maisie abriu os olhos e sorriu-lhe. Ele estava gostando de leva-la no colo e não tinha pressa de coloca-la no chão.

— Você está bem? — perguntou.

Ela assentiu. Parecia estar chorando.

— Por favor, coloque-me no chão!

Ele pousou-a devagarzinho e abraçou-a.

— Não chore! Já passou.

— Não é pela confusão — disse ela, abanando a cabeça. — já vi muitas brigas antes. Mas é a primeira vez que alguém tomou conta de mim. Toda a minha vida tenho sido eu a fazê-lo. É uma experiência nova.

Hugh não sabia o que dizer. Todas as moças que conhecera, assumiam automaticamente que um homem cuidaria delas. Estar com Maisie era uma constante revelação.

Procurou um fiacre. Nenhum à vista.

— Acho que teremos que ir a pé.

— Quando tinha onze anos, andei durante quatro dias para chegar a Newcastle — disse ela. — Acho que consigo ir de Chelsea até ao Soho.

Micky Miranda tinha começado a fazer trapaça nas cartas quando ainda estava no Colégio Windfield, a fim de aumentar a magra mesada que recebia do pai. Os métodos que usava eram primitivos, mas tinham sido suficientes para enganar os colegas. Na viagem de transatlântico, para a universidade, tentara enganar outro passageiro, que afinal era jogador profissional. O homem achara graça no assunto e tornara Micky seu protegido, ensinando-lhe os princípios básicos do ofício.

Fazer trapaça era bastante perigoso quando as apostas eram altas. Se as pessoas jogavam com centavos, ninguém trapaceava.

A trapaça aumentava na proporção da aposta.

Se naquela noite fosse apanhado, isso não seria apenas o pior dos crimes que um cavalheiro podia cometer na Inglaterra. Pediriam que se afastasse dos clubes, os amigos deixariam de "estar em casa" quando ele fosse visitá-los, e ninguém lhe dirigiria a palavra na rua. As poucas histórias que ouvira contar a esse respeito sobre os Ingleses acabavam sempre com o criminoso a abandonar o país e a começar vida nova em território por desbravar, como a Malásia ou a baía de Hudson. O destino de Micky seria regressar a Córdoba, suportar os insultos do irmão e passar o resto da vida a criar gado.

A perspectiva punha — O doente.

Mas as recompensas, nessa noite, eram tão dramáticas como a derrota.

Não fazia aquilo apenas para agradar a Augusta. Isso era importante: ela era o seu passaporte para a sociedade das pessoas ricas e poderosas de Londres. Queria também o cargo de Tonio.

O pai dissera que, em Londres, ele teria de ganhar o seu próprio dinheiro — não receberia mais nenhum de casa. O cargo de Tonio seria o ideal. Permitiria que ele vivesse como um cavalheiro sem ter que trabalhar muito. E seria um degrau na escadaria para uma posição melhor. Um dia Micky poderia vir a ser embaixador. Nessa hora, estaria de cabeça erguida em qualquer companhia. Nem mesmo seu irmão ousaria escarnecer.

Micky, Edward, Solly e Tonio jantaram cedo no Cowes, o clube a que todos pertenciam.

As dez horas foram para o salão de jogos.

Na mesa de bacará juntaram-se mais dois homens, pois o valor elevado das apostas já era conhecido: o capitão Carter e o visconde Montagne. Esse era um idiota, mas Carter era um indivíduo muito frio e Micky teria que ter cuidado com ele.

Havia um traço em volta da mesa, a alguns centímetros da margem. Cada um dos jogadores tinha uma pilha de soberanos de ouro à sua frente, fora do quadrado branco. Todo o dinheiro que transpusesse essa linha estava apostado.

Micky tinha passado o dia fingindo que bebia. No almoço molhara os lábios com champanhe e jogou o resto na grama, às escondidas-

No trem para Londres fingira beber-várias vezes da garrafa de bolso de Edward. No jantar servira-se de clarete, e enchido-o copo mais duas vezes sem beber nada. Agora pedia uma cerveja de gengibre, que parecia conhaque com soda. Tinha que estar estupidamente sóbrio para executar as delicadas trapagens que arruinariam Tonio Silva.

Passou nervosamente a língua pelos lábios, depois percebeu o que fizera e tentou se acalmar. De todos os jogos de cartas, o bacará era o seu favorito. Poderia ter sido inventado para permitir que os espertos roubassem os ricos, pensava ele.

Em primeiro lugar, era um jogo de azar, sem que fosse necessário ter--se habilidade ou usar alguma estratégia. O jogador recebia duas cartas e somava o seu valor: um três e um quatro faziam sete, um dois e um seis faziam oito. Se o total fosse superior a nove, só contava o último algarismo; quinze seriam cinco, vinte seriam zero e a maior pontuação possível era nove.

Um jogador com uma pontuação baixa podia tirar uma terceira carta, que seria colocada virada na mesa, para que todos vissem o seu valor.

O banqueiro só dava três mãos: uma para a esquerda, outra para a direita e outra para ele mesmo. Os jogadores apostavam na da esquerda ou na da direita. A banca pagava qualquer mão que fosse maior que a sua.

A segunda grande vantagem do bacará, do ponto de vista da trapaga, era o fato de ser jogado com pelo menos, três baralhos.

Isto significava que o trapaceiro poderia utilizar um quarto baralho e puxar uma carta sem se preocupar se o outro jogador já a teria.

Enquanto os outros ainda estavam a se instalar e a acender os charutos, Micky pediu ao criado três baralhos novos.

Para poder controlar o jogo, Micky tinha de dar as cartas. O primeiro desafio era fazer com que o escolhessem para a banca. Isso envolvia dois truques: neutralizar o corte e dar a segunda carta. Eram ambos relativamente fáceis, mas estava bastante tenso, o que poderia fazer com que executasse mal as manobras mais fáceis.

Abriu os pacotes dos baralhos. As cartas eram sempre empacotadas da mesma maneira, com os valetes em cima e o as de espadas em baixo. Micky retirou os valetes e embaralhou, apreciando a superfície escorregadia das cartas novas. Deslocar um ás do fim para o princípio do baralho era uma das coisas mais simples de se fazer; mas tinha que deixar que um dos outros jogadores cortasse e continuar com o as em cima. Deu o baralho a Solly, à sua direita. Quando o pousou, fechou a mão num ligeiro movimento, de modo a que a carta de cima — o ás de espadas — ficasse na palma da sua mão, escondido. Solly cortou. Mantendo a palma da mão virada para baixo, Micky pegou no baralho, recolocando o ás por cima. Deste modo, tinha neutralizado o corte.

— Quem tirar a carta mais alta fica com a banca? — perguntou ele, esforçando-se por parecer indiferente à resposta.

Houve um murmúrio de assentimento.

Segurando o baralho com firmeza, fez deslizar uns milímetros para trás a carta de cima e começou a dar as cartas depressa, mantendo a primeira carta mais atrás e dando sempre a segunda, até que chegou a sua vez e ficou com o ás. Todos pegaram nas cartas. Micky tinha o único ás, por isso ficou com a banca.

Fingiu um sorriso casual.

— Acho que hoje vou ter sorte — disse.

Ninguém fez qualquer comentário. Ficou um pouco mais descontraído. Escondendo o seu alívio, deu a primeira mão.

Tonio jogava à sua esquerda com Edward e o visconde Montagne. À sua direita estavam Solly e o capitão Carter. Micky não queria ganhar; isso não era o seu objetivo naquela noite. Apenas queria fazer com que Tonio perdesse. Fez jogo honesto durante algum tempo, perdendo uma parte do dinheiro de Augusta. Os outros descontraíram-se e mandaram vir mais uma rodada. Quando chegou a hora certa, Micky acendeu um charuto.

No bolso de dentro do casaco, junto à cigarreira, tinha outro baralho, comprado na loja de St. Jame's Street de onde provinham todos os



baralhos do clube. Assim não haveria diferenças entre eles.

Ordenara as cartas desse baralho em pares que lhe permitissem vencer, todos somando um total de nove 'pontos, a pontuação máxima: quatro e cinco, nove e dez, nove e valete, e assim por diante. Deixara em casa as cartas excedentes.

Ao guardar a charuteira de volta no bolso, ele apanhou o baralho extra; em seguida, pegando o baralho na mesa com a outra mão, colocou as cartas novas no fim do baralho velho.

Enquanto os outros misturavam o conhaque e a água, ele embaralhava, trazendo com cuidado para cima do baralho, e por ordem, uma carta do fim, duas cartas ao acaso, outra carta do fim, outras duas ao acaso. Então, dando primeiro à direita, depois à esquerda e, finalmente, a si próprio, ficou com o par vencedor à frente.

Deu uma mão vencedora para o lado de Solly. Continuou assim durante algum tempo, fazendo com que Tonio 'perdesse e Solly ganhasse. O dinheiro que recebia do lado de Tonio era entregue ao outro lado, e ninguém poderia suspeitar de Micky, porque a pilha de reis à sua frente mantinha-se, mais ou menos, sempre do mesmo tamanho.

Tonio começara por colocar na mesa a maior parte do dinheiro que tinha ganho nas corridas, cerca de cem libras. Quando essa quantia estava reduzida a cerca de cinquenta, ele se levantou.

— Este lado dá azar, vou sentar ao lado do Solly — disse ele e foi para o outro lado da mesa.

"Isso não vai ajudar em nada", pensou Micky. Não era mais difícil fazer com que, a partir de agora, o lado esquerdo ganhasse e o direito perdesse. Mas ouvir Tonio falar em azar, deixou-o nervoso.

Queria que ele continuasse a pensar que estava num dia de sorte, mesmo perdendo dinheiro.

Ocasionalmente, Tonio variava o estilo, apostando cinco ou dez soberanos numa mão, em vez de dois ou três. Quando isso aconteceu Micky deu-lhe uma mão vencedora.

— Hoje é o meu dia de sorte, tenho a certeza! — disse Tonio, juntando os seus lucros avidamente, apesar da sua pilha de moedas estar cada vez menor.

Micky sentia-se mais descontraído. Estudava o estado mental da vítima enquanto manipulava as cartas com muita suavidade. Não bastava que Tonio ficasse sem o dinheiro que trouxera. Queria que ele apostasse o

que não tinha, que pedisse emprestado e não pudesse pagar as dividas. Só nesta hora estaria completamente aniquilado!

Micky esperou com ansiedade enquanto Tonio perdia cada vez mais. Este tinha um grande medo dele e geralmente fazia o que ele lhe recomendava, mas como não era um completo idiota, ainda havia a possibilidade de se retirar do jogo e salvar-se da ruína.

Quando o dinheiro de Tonio já estava quase no fim, Micky executou o passo seguinte.

Tirou de novo a cigarreira.

— Estes são da nossa terra, Tonio — disse ele. — Experimente um.

Para seu alívio, Tonio aceitou. Os charutos eram comprados e demoravam uma boa meia hora a serem fumados. Ele não haveria de querer ir embora sem acabar de fumá-lo.

Depois que os acenderam, Micky deu o golpe de misericórdia. Mais duas mãos e Tonio estava quebrado

— Bem, isto foi tudo o que ganhei esta tarde em Goodwood, disse ele desanimado.

— Temos que dar a você, a chance de recuperar, disse Micky. — Com certeza o Pilaster lhe empresta umas cem libras.

Edward ficou um tanto surpreso, mas teria sido pouco generoso da sua parte recusar, quando tinha uma pilha enorme de soberanos à sua frente.

— Fique à vontade — disse ele.

— Talvez você deva se retirar, Silva, e dar graças a Deus por ter cansado de jogar sem gastar um tostão — interveio Solly.

Micky amaldiçoou Solly por ser um chato intrometido de boa índole. Se Tonio agisse com sensatez, todo o plano ficaria sem efeito.

Tonio hesitou.

Micky susteve a respiração.

Mas a natureza de Tonio não lhe permitia jogar com prudência, e, tal como Micky calculara, não resistiu à tentação de continuar.

— Está bem! Agora, jogo até acabar o charuto.

Micky suspirou discretamente de alívio.

Tonio chamou um criado e pediu papel, caneta e tinta.

Edward contou cem soberanos e o outro assinou um reconhecimento da dívida. Micky sabia que se Tonio perdesse tudo aquilo, nunca poderia pagar o que devia'

O jogo prosseguiu. Micky deu por si a transpirar, ao tentar manter o equilíbrio, assegurando -se de que Tonio perdia sem parar, com um ganho ocasional mais elevado a fim de mantê-lo otimista. Mas desta vez, quando ficou reduzido a 50 libras, Tonio declarou: — Só ganho quando faço apostas grandes. — Vou pôr tudo na próxima mão.

Era uma aposta grande, mesmo para o Clube Cowes. Se Tonio perdesse, estaria arruinado.

Um ou dois membros ouviram o valor da aposta e aproximaram-se para observar o jogo.

Micky deu as cartas.

Olhou para Edward, à esquerda, que abanou a cabeça, em sinal de que não queria outra carta.

À direita, Solly fez o mesmo.

Micky virou as suas cartas. Tinha reservado para si um oito e um ás, o que fazia nove.

Edward virou o jogo. Micky não sabia que cartas eram: sabia o que ele próprio iria ter, mas as cartas que dava aos outros eram ao acaso. Edward tinha um cinco e um dois, portanto, sete. Ele e o capitão Carter haviam perdido o dinheiro.

Solly mostrou as suas cartas, nas quais Tonio apostara o seu futuro. Tinha um nove e um dez. Isso dava dezenove, que contava como nove. Igualava a banca, por isso não havia vencedor ou vencido, e Tonio continuou com as suas cinquenta libras.

Micky amaldiçoou a sua sorte. Queria que Tonio perdesse de imediato as cinquenta libras. Juntou as cartas rapidamente.

— Vai reduzir a sua aposta, Silva? — perguntou ele, troçando.

— Claro que não. Dê as cartas.

Micky agradeceu à sua boa estrela e deu, reservando para ele mesmo, uma mão vencedora.

Desta vez Edward pediu uma terceira carta. Micky deu-lhe um quatro de paus e virou-se para Solly. Este passou.

Micky virou as suas cartas, mostrando um quatro e um cinco. Edward 'tinha um quatro à mostra, e virou um rei, que não lhe servia para nada, e outro quatro, fazendo oito. O seu lado tinha perdido.

Solly mostrou um dois e um quatro, seis. O lado direito também tinha perdido para a banca, e Tonio estava arruinado.

Ficou pálido e indisposto, e murmurou algo que Micky reconheceu como sendo uma imprecação em espanhol.

Reprimiu um sorriso de triunfo e juntou os seus ganhos. Nessa hora, viu algo que o fez empalidecer. O seu coração quase parou!

Havia quatro quatuor de paus na mesa. Era de se esperar que estivessem jogando com apenas três baralhos.

Quem reparasse nas cartas, saberia imediatamente que cartas extras tinham sido de alguma forma, acrescentadas ao baralho.

Era um risco daquele método de trapacear e a chance de que ocorresse, era de uma em cem mil.

Se a irregularidade fosse notada, seria Micky e não Tonio, quem estaria arruinado.

Até essa altura, ninguém vira nada. Os naipes não tinham importância neste jogo, por isso a irregularidade não saltava à vista. Micky pegou rapidamente nas cartas, com o coração batendo muito depressa. Já estava agradecendo à sua boa estrela quando o inesperado aconteceu.

— Espera aí, Havia quatro quatuor de paus na mesa! exclamou Edward!

Micky amaldiçoou-o. "Intrometido!" Edward estava apenas pensando em voz alta. Claro que não fazia a menor ideia dos planos de Micky.

— Não pode ser — disse o visconde Montagne. — Estamos jogando com três baralhos, portanto, só podem existir três quatuor.

— Exatamente — disse Edward.

Micky expeliu o fumo do charuto.

— Você está bêbado, Pilaster! Um deles era um quatro de espadas.

— Ah, me desculpe!

— A esta altura da noite, quem é que consegue distinguir espadas, de paus?

Mais uma vez Micky pensou que tinha escapado, e de novo a sua suposição estava errada.

— Vamos ver as cartas — disse Tonio, belicosamente.

O coração de Micky pareceu parar. As cartas da última mão foram colocadas na pilha que era embaralhada e reutilizada quando o baralho terminasse. Se as últimas cartas fossem viradas, todos iriam ver os quatro quatuor idênticos e Micky estaria arruinado.

— Espero que não estejam duvidando da minha palavra — disse ele, desesperado.

Era um desafio dramático para ser feito num clube: Antigamente, não há muitos anos, tais palavras teriam conduzido a um duelo. As pessoas das mesas vizinhas começaram a observá-los. Todos os olhos estavam postos em Tonio.

Micky pensava depressa. Dissera que um dos quatros era de espadas. Se conseguisse fazer aparecer um por cima do baralho, provaria o que estava a dizer e com sorte, ninguém iria querer ver o resto do baralho.

Mas primeiro tinha que encontrar um quatro de espadas.

Havia alguns que podiam estar na pilha de cartas já jogadas, mas as probabilidades: eram de que, pelo menos, um estivesse no baralho com o qual estavam a jogar, que era o que estava na sua mão.

Era a única oportunidade.

Enquanto todos os olhares recaíam em Tonio, Micky virou o baralho para ele mesmo.

Com movimentos imperceptíveis do polegar, colocou sucessivamente à vista um canto da carta. — Mantinha os olhos postos em Tonio, mas segurava as cartas no seu campo de visão, de modo que pudesse ver as letras e os símbolos nos cantos.

— Vamos ver as cartas — disse Tonio com teimosia.

Os outros se viraram para Micky. Mantendo a calma, este continuou à procura do quatro de espadas, rezando. No meio de tal drama, ninguém reparava no que ele estava fazendo. As cartas que deviam ser observadas estavam na mesa, por isso não importava o que ele fazia com as que tinha na mão. Teriam que olhar com mais atenção para reparar que por trás das mãos, ele manuseava o baralho. Mas mesmo que o fizessem, demorariam a compreender o que ele estava tramando.

Mas Micky não podia tentar defender a sua dignidade indefinidamente. Mais cedo ou mais tarde, um deles perderia a paciência, esqueceria a cortesia e pegaria nas cartas.

— Se não sabe perder como um homem, talvez não devesse jogar — disse ele a Tonio, para ganhar mais alguns momentos preciosos.

Sentiu o suor aparecer na testa. Interrogou-se, se com a pressa, já teriam passado os quatros.

— Não vai se importar se virmos as cartas, não é? — perguntou Solly suavemente.

"Raios partam o Solly, sempre tão razoável!", pensou Micky, desesperado.

Encontrou finalmente o quatro de espadas e o colocou na palma da mão — Pronto, está bem! — anuiu com um desinteresse fingido, que era precisamente o oposto do que sentia.

Pousou o baralho em que andara furtivamente a vasculhar, mantendo o quatro de espadas na mão. Agarrou na pilha de cartas jogadas, colocando o quatro por cima. Pôs o baralho à frente de Solly.

— Vai encontrar aí um quatro de espadas, eu lhe garanto.

Solly virou a carta de cima e todos viram o quatro de espadas. Ouviu-se imediatamente um burburinho na sala quando todos se descontraíram.

Micky ainda estava aterrorizado com a possibilidade de alguém virar mais cartas e descobrir que, por baixo, estavam quatro quatuor de paus.

— Penso que isto resolve o problema e, falando por mim, Miranda, posso apenas pedir desculpas pela dúvida lançada sobre a sua palavra — disse o visconde Montagne.

— E muito simpático da sua parte.

Todos olharam para Tonio. Este se levantou, com o rosto congestionado.

— Vão todos para o Inferno! — disse, saindo.

Micky agarrou em todas as cartas que estavam na mesa. Nunca ninguém saberia a verdade.

Tinha as palmas suadas. Disfarçadamente, limpou as mãos, nas calças — Peço desculpas pelo comportamento do meu amigo disse ele. — Se há coisa que detesto, é um homem que não sabe perder como um cavalheiro.

Nas primeiras horas da manhã, Hugh e Maisie caminhavam para o norte através dos novos subúrbios de Fulham e South Kensington.

A noite ficara mais quente e as estrelas tinham desaparecido.

Seguiam de mãos dadas, embora estas estivessem suadas devido ao calor. Maisie sentia-se aturdida, mas feliz.

Nessa noite acontecera uma coisa estranha. Não sabia o que sentia quando Hugh a beijava, mas agradava-lhe. No passado, quando um homem lhe tocava nos seios, ela sentia isso como uma parte da transação, algo que dava em troca do que precisava receber dele.

Hoje fora diferente. Ela tinha querido que ele lhe tocasse — e ele fora demasiado delicado para tomar alguma iniciativa sem antes pedir autorização. Começara enquanto estavam dançando. Até essa altura, não tinha percebido que aquela noite iria ser completamente diferente das anteriores passadas com jovens da classe alta.

Hugh era mais simpático que a maior parte deles e ficava bem de colete branco e gravata de seda, mas ainda era apenas um rapaz simpático. Então, na pista de dança, tinha começado a pensar como deveria ser agradável beijá-lo. Essa sensação aumentara à medida que passeavam pelo jardim e viam os outros casais de namorados. A hesitação dele fora muito cativante. Os outros homens encaravam o jantar e a conversa como uma preliminar aborrecida para o assunto importante da noite, e mal podiam esperar para a levarem para um local escuro e começar com as apalpadelas. Mas Hugh tinha sido tímido.

Noutros aspectos, era bastante afoito. Durante os tumultos tinha-se revelado bastante corajoso. Depois de o terem atirado ao chão, a sua única preocupação fora se assegurar que não lhe aconteceria o mesmo. Hugh era muito melhor que a maioria dos rapazes.

Quando, por fim, tinha feito com que ele entendesse que queria ser beijada, fora delicioso, totalmente diferente dos outros beijos.

No entanto, ele não tinha experiência nenhuma. Pelo contrário: era ingênuo e inseguro. Então por quê teria ela gostado tanto? E por quê tinha desejado sentir as mãos dele nos seus seios?

Não se preocupava com estas questões, estava apenas intrigada.

Sentia-se bem passeando por Londres, no escuro, com Hugh. Percebia de vez em quando algumas gotas de chuva, mas a ameaça de tempestade, não se concretizou. Começou a pensar como seria bom voltar a ser beijada.

Chegaram a Kensington Gore e viraram à direita, pelo lado sul do parque, em direção ao centro da cidade, onde ela vivia.

Hugh parou em frente a uma casa enorme iluminada por dois lampiões à gás. Pôs o braço em volta dos ombros de Maisie.

— Aquela é a casa da minha tia Augusta — disse ele. — É ali que eu vivo.

Ela abraçou-o pela cintura e olhou para a casa, pensando em como seria viver numa casa enorme como aquela! Custava-lhe imaginar o que faria com tantos quartos. Se tivesse um quarto para dormir, uma cozinha e

uma outra sala para receber as visitas, para que era preciso mais? Não fazia sentido ter duas cozinhas ou duas salas de estar se só se podia estar num local de cada vez. Isso lhe lembrou que ela e Hugh viviam em diferentes lugares na sociedade, separados por um oceano de dinheiro e privilégios. Isso a perturbou.

— Eu nasci numa cabana só com uma divisão — disse ela.

— No Nordeste?

— Não, na Rússia.

— Sêrio? Maisie Robinson não parece ser um nome russo.

O meu nome é Miriam Rabinowicz. Nós mudamos de nomes quando viemos para cá — Miriam — disse ele, suavemente. — Gosto do nome.

Puxou-a para si e beijou-a. A ansiedade dela desapareceu e entregou-se. Ele estava menos hesitante: já sabia do que gostava. Ela bebeu os seus beijos com avidez, como um copo de água fria num dia quente. Esperava que ele tocasse de novo nos seus seios.

Ele não a desapontou. Momentos depois, sentiu a mão dele fechar-se com suavidade em volta do seu seio esquerdo. Quase de imediato o seu mamilo endureceu e os dedos dele tocaram-lhe através do vestido. Sentiu-se envergonhada pelo seu desejo ser tão óbvio, mas isso inflamou-o ainda mais.

Passado algum tempo, ela quis sentir-lhe o corpo. Pôs as mãos dentro do casaco e percorreu as costas dele, sentindo a sua pele quente através do algodão da camisa. "Estou me comportando como um homem", pensou ela. Será que ele se importaria com isso?? Mas estava gostando demais para poder parar.

Então começou a chover!

Não aos poucos, mas de uma vez só. Houve um relâmpago, um trovão logo a seguir e depois a chuva torrencial. Quando interromperam o beijo, estavam todos molhados -Vamos abrigar— Nos em casa! — exclamou Hugh, pegando-lhe pela mão.

Atravessaram a rua correndo. Hugh conduziu-a pelas escadas abaixo até o porão, passando por uma tabuleta onde se lia Entrada de fornecedores. Quando chegaram à porta, Maisie já estava completamente encharcada. Hugh destrancou a porta. Fez-lhe sinal de silêncio e entraram.

Ela hesitou durante uma fração de segundo, interrogando-se, se deveria lhe perguntar o que é que ele queria fazer; mas não o fez e entrou.



Atravessaram na ponta dos pés a cozinha, do tamanho de uma pequena igreja, até umas escadas estreitas.

— Lá em cima há toalhas limpas — murmurou-lhe ele ao ouvido.  
— Vamos pela escada dos fundos

Seguiu-o através de três longos lances, passaram por outra porta e foram dar a um patamar. Hugh espreitou para um quarto com a luz acesa.

— O Edward ainda não chegou — disse ele num tom de voz normal. — Não há mais ninguém neste andar. Os quartos dos meus tios são no andar de baixo e os dos criados no de cima. Vem!

Levou-a para o seu quarto e acendeu a luz.

— Vou buscar toalhas — disse, e saiu.

Maisie tirou o chapéu e olhou em volta. Era surpreendentemente pequeno, pouco mobiliado, com uma cama estreita, uma cômoda, um guarda-roupas e uma pequena secretária.

Esperara algo mais luxuoso — mas Hugh era um parente pobre e o quarto refletia isso. Olhou com interesse para as coisas dele. Tinha um par de escovas para o cabelo, com prata na parte de trás, onde se liam as iniciais "T. P." — outra herança do pai. Estava lendo um livro intitulado Manual da Boa Prática Comercial". Na secretária havia uma fotografia de mulher e de uma menina de seis anos.

Abriu a gaveta da mesa-de— Cabeceira. Encontrou a Bíblia e outro livro debaixo dela, chamado A Duquesa de Sodoma. Nessa altura, percebeu que estava bisbilhotando. Sentindo-se culpada, fechou rapidamente a gaveta. Hugh regressou com uma pilha de toalhas. Maisie pegou numa.

Era macia e quente, e enterrou nela o rosto, grata. "Então isto é que é ser rico!", pensou ela; grandes pilhas de toalhas quentes sempre que fosse preciso. Secou os braços e o peito.

— De quem é esta fotografia?

— Da minha mãe e da minha irmã, que nasceu depois da morte do meu pai.

— Como se chama?

— Dorothy. Eu a chamo de Dotty. Gosto muito dela.

— Onde vivem?

— Em Folkestone, na costa.

Maisie pensou se alguma vez haveria de estar com elas.

Hugh puxou a cadeira da secretária e disse-lhe para se sentar. Ajoelhou-se à sua frente, tirou-lhe os sapatos e secou-lhe os pés com uma toalha limpa. Ela fechou os olhos: a sensação que a toalha quente lhe provocava nos pés era deliciosa.

Tinha o vestido encharcado e arrepiou-se. Hugh despiu o seu casaco e descalçou as botas.

Maisie sabia que não iria secar se não tirasse o vestido. Por baixo, estava apresentável. Não usava o calção comprido até os joelhos. — Só as mulheres ricas é que as usavam — mas tinha uma anágua comprida e uma camisa de baixo. Levantou-se de um impulso e virou as costas para Hugh.

— Pode abrir meu vestido?

Sentia as mãos dele tremendo enquanto tentava abrir os colchetes. Também estava nervosa, mas não podia voltar atrás.

Quando ele acabou, agradeceu-lhe e despiu o vestido.

Virou-se para ele.

A sua expressão era uma mistura de embaraço e desejo. Ele estava imóvel como Ali Babá a admirar o tesouro dos ladrões. Maisie pensara vagamente que iria se enxugar com uma toalha, e mais tarde colocaria o vestido, quando estivesse seco, mas agora sabia que as coisas não iriam ser assim. E estava contente.

Pôs as mãos no rosto dele, puxou a cabeça para si e beijou-o.

Desta vez abriu a boca, esperando que ele fizesse o mesmo. Mas ele não o fez. Calculou que ele nunca tinha beijado daquela maneira.

Passou-lhe provocadoramente a ponta da língua pelos lábios. Pressentiu que ele estava chocado, mas ao mesmo tempo excitado, e, passado algum tempo, Hugh abriu um pouco a boca e respondeu com a língua, muito timidamente. Começou a arquejar.

Passado um tempo ele interrompeu o beijo, e tentou abrir-lhe o botão da camisa de baixo. Andou às voltas com ele, mas, não conseguindo, rasgou-o, arrancando os botões. Quando as suas mãos envolveram os seios nus dela, fechou os olhos e gemeu. Maisie Maisie sentia-se derreter por dentro. Queria mais, agora e sempre.

— Maisie.

Olhou para ele.

— Eu quero.

— Eu também! — disse ela, sorrindo.

Quando ouviu as suas palavras, pensou de onde teriam elas vindo?  
Falara sem pensar.

Mas não tinha dúvidas. Queria— O mais do que tudo.

— Eu nunca fiz isto antes — disse ele, acariciando-lhe o cabelo.

— Nem eu.

— Mas eu pensei. — começou ele, olhando-a, e depois se interrompeu.

Ela sentiu muita raiva, mas depois se controlou. A culpa era sua se ele pensava que ela era promíscua.

— Vamos nos deitar?

— Tem certeza? — perguntou ele com um suspiro.

— Se tenho certeza? — repetiu ela. Mal podia acreditar que ele tivesse dito aquilo. Nunca pensara que um homem pudesse fazer tal pergunta. Nunca se preocupavam com o que ela sentia.

Agarrou-lhe as mãos e beijou as palmas. — Se antes não tinha certeza, agora tenho.

Deitou-se na cama estreita. O colchão era duro, mas os lençóis estavam lavados.

— E agora? — perguntou ele, deitando-se a seu lado.

Estavam chegando aos limites da sua experiência, mas Maisie sabia qual era o próximo passo.

— Sinta-me

Ele lhe tocou de leve por cima da roupa. Ela ficou impaciente.  
Puxou a anágua para cima -

não tinha mais nada por baixo — e colocou-lhe a mão na vagina.

Ele a acariciou, beijando-a no rosto, com a respiração cada vez mais ofegante. Ela sabia que devia ter medo de engravidar, mas não conseguia se concentrar no perigo. Estava descontrolada: o prazer era demasiado intenso para poder pensar. Nunca tinha ido mais longe com um homem, mas, mesmo assim, sabia exatamente o que queria a seguir.

— Enfia o dedo — murmurou-lhe ao ouvido,

Ele assim fez.

— Está' tudo molhado — disse ele, admirado.

— É para ajudar você.

Os dedos dele exploraram — Na delicadamente.

— Parece tão pequena!

— Vai ter que ser carinhoso — disse Maisie, embora uma parte dela quisesse ser possuída furiosamente.

— Vamos fazer agora?

— Sim, por favor, depressa — implorou ela com impaciência.

Sentiu-o andar às voltas com as calças e depois se colocou entre suas pernas. Tinha medo — ouvira dizer que doía muito da primeira vez — mas também o desejava bastante.

Sentiu-o entrar dentro de si. Após um momento, ele encontrou resistência. Empurrou devagarzinho e doeu.

— Pare! — exclamou ela.

— Desculpe. — pediu ele, olhando-a com preocupação.

— Vai passar. Beije-me!

Inclinou a cabeça e a beijou, primeiro devagar e depois apaixonadamente. Ela pôs as mãos na cintura dele, levantou um pouco o quadril e puxou-o para dentro. Sentiu uma dor intensa que quase a fez gritar e então algo cedeu dentro de si e sentiu que a tensão se esvaía.

— Está tudo bem? — perguntou ele, interrompendo o beijo.

Ela acenou afirmativamente.

— Fiz barulho?

— Sim, mas acho que ninguém ouviu.

— Não pare — pediu ela.

Ele hesitou.

— Maisie — perguntou ele num murmúrio — Isso é um sonho?

— Se é, não vamos acordar agora!

Moveu-se contra ele, guiando-o com as mãos nos quadris. Hugh seguiu as orientações.

— Aquilo fazia Maisie se lembrar de como tinham dançado umas horas antes.

Entregou-se às sensações! Ele começou a ofegar.

À distância, sobre os sons da sua respiração e da de Hugh, ouviu uma porta se abrindo.

Estava tão absorta nas suas sensações e no corpo de Hugh, que não se assustou.

— Isto é um sonho?

De repente, uma voz áspera quebrou o ambiente como uma pedra através de um vidro.

— Vejam só, Hugh. o que vem a ser isto?

Maisie ficou imóvel.

Hugh temeu desesperado e ela sentiu a semente dele espalhar-se dentro dela. Teve vontade de chorar.

A voz zombeteira falou de novo.

— Onde é que você pensa que está? Num bordel?

— Hugh, sai de cima de mim — murmurou Maisie.

Ele assim fez e levantou-se. Viu o primo dele, Edward, à porta, fumando um charuto e a observá-los de um modo intenso.

Hugh cobriu-a rapidamente com uma toalha grande. Maisie sentou-se e puxou-a até o pescoço.

— Bem, se já terminou, eu bem que podia ter a minha vez disse ele com um sorriso malicioso.

Hugh enrolou uma toalha na cintura.

— Você está bêbado, Edward vai para o seu quarto antes que diga alguma coisa imperdoável — disse ele controlando a sua raiva com algum esforço evidente.

Edward ignorou-o e aproximou-se da cama.

— Ora, vejam só: é a garota do Solly! Mas eu não digo nada se for boazinha para mim.

Maisie viu que ele estava falando sério e estremeceu de repulsa. Sabia que alguns homens se sentiam atraídos por uma mulher que — April lhe dissera que a palavra na gíria para essa situação era “sopa” e percebeu, intuitivamente que Edward era desse tipo. Hugh ficou furioso.

— Saia daqui, seu idiota!

— Vá lá, Hugh — insistiu Edward. — Afinal de contas, ela é apenas uma puta. — E, dizendo isto, arrancou a toalha de Maisie.

Ela saltou da cama, para o outro lado, cobrindo-se com os braços, mas não foi preciso.

Hugh avançou e deu em Edward um soco no nariz. O sangue jorrou e ele uivou de dor.

Ficou completamente indefeso, mas Hugh ainda estava zangado e lhe bateu de novo.

Gritando de dor e de medo, Edward cambaleou para a porta. Hugh o seguiu, acertando outros socos atrás da cabeça. Edward desatou a berrar.

— Deixe-me, pare com isso, por favor! — gritou Edward, caindo na entrada do quarto.

Maisie seguiu — Os. Edward estava estendido no chão e Hugh em cima dele, ainda batendo.

— Pare com isso, Hugh, ou vai matá-lo! — Tentou agarrar no braço dele, mas ele estava furioso e era difícil detê-lo.

Pouco depois viu um movimento pelo canto do olho. Levantou os olhos e viu Augusta no topo das escadas, com um robe de seda preto, a olhar para ela. À luz dos lampiões a gás, parecia um fantasma.

Havia uma expressão estranha nos olhos de Augusta. No princípio, Maisie não a reconheceu; mas, após um momento, compreendeu e ficou aterrorizada.

Era uma expressão de triunfo.

Logo que viu a moça nua, Augusta pressentiu que chegara a hora de se ver livre de Hugh de uma vez por todas.

Reconheceu-a imediatamente. Era a mesma vagabunda que a insultara no parque, a que as pessoas chamavam de a “Leoa”

Passou pela cabeça de Augusta o pensamento de que até mesmo aquela mulher poderia um dia meter Hugh numa tremenda encrenca

Havia algo arrogante e inflexível na cabeça erguida, no brilho dos olhos. Mesmo agora quando deveria estar mortificada de vergonha—, mantinha-se firme ali, completamente nua, sustentando com frieza o olhar de Augusta.

Tinha um corpo magnífico, pequeno, mas bem-feito, com seios alvos e pêlos ruivos na virilha. Tinha uma expressão tão altiva que quase fez Augusta sentir-se uma intrusa. Mas ela provocaria a desgraça de Hugh.

Augusta já estava esboçando o plano na sua mente quando, de repente, viu Edward estendido no chão com o rosto todo ensanguentado.

Todos os velhos medos afloraram com uma força incrível, e ela retornou ao passado, 23 anos antes, quando o filho pequeno quase morrera.

Entrou em pânico

— Teddy! — gritou. — O que aconteceu ao Teddy? — Ajoelhou-se ao lado dele. — Fale comigo, fale comigo!

Estava aterrorizada, tal como estivera quando o seu bebe emagrecia cada vez mais e os médicos não sabiam porquê.

Edward sentou-se e gemeu.

— Não me chame Teddy! — disse ele.

O terror dela diminuiu. o filho estava consciente e falava. Mas a voz era grossa e o nariz deformado.

— O que aconteceu?

— Apanhei o Hugh com aquela puta e ele ficou louco.

Esforçando -se por conter o medo e a raiva, Augusta tocou gentilmente no nariz do filho. Ele gritou, mas deixou a mãe tocar-lhe com delicadeza. "Não há nada partido", pensou ela. "Está apenas inchado".

Foi nesse instante que ouviu a voz do marido:

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Joseph, aparecendo.

Augusta se levantou.

— Hugh agrediu Edward!

— Ele está bem?

— Acho que sim.

Joseph virou-se para Hugh; — Que raio, rapaz, por quê é que você fez isto?

— O idiota pediu por isso! respondeu Hugh, num desafio.

— "Isso, Hugh, torne as coisas ainda piores", pensou Augusta.

“O que quer que faça, não peça desculpas. Quero que o seu tio se zangue com você”.

No entanto, a atenção de Joseph estava dividida entre os rapazes e a mulher. Os seus olhos desviavam-se constantemente para o seu corpo nu. Augusta sentiu ciúmes. Isso a acalmou. Edward não tinha nada. Pensou rapidamente, qual seria a melhor maneira de explorar a situação? Hugh estava totalmente vulnerável: podia fazer qualquer coisa com ele.

Pensou de imediato na conversa que tivera com Micky Miranda. Hugh tinha que ser silenciado, pois sabia demais acerca da morte de Peter Middleton. Chegara o momento de atacar.

Primeiro tinha que separá-lo daquela mulher.

Apareceram alguns criados de roupão. Ficaram parados junto à porta que dava para a escada dos fundos, assustados e fascinados com a cena do patamar. Augusta viu o mordomo Hastead, com um roupão de seda amarelo que Joseph tinha posto de lado há uns anos, e William, o lacaio, num camisa de dormir, listrado — Hastead e Williams, ajudem Mr. Edward a deitar-se, está bem?

Os dois homens avançaram e levantaram Teddy.

— Mrs. Merton — disse para a governanta —, cubra a mulher com alguma coisa, leve— A para o meu quarto e vista-a.

Mrs. Merton pôs o seu próprio robe sobre os ombros de Maisie. Esta o fechou sobre a sua nudez mas não se mexeu.

— Hugh — disse Augusta —, vai até a casa do doutor Humboldt, em Church Street: É melhor que ele veja o estado do nariz do Edward.

— Eu não deixarei a Maisie sozinha.

— Já que foi você o responsável por tudo, é o mínimo que pode fazer.

— Eu fico bem, Hugh — disse Maisie. — Vai chamar o médico. Estarei' aqui quando voltar.

Mesmo assim, Hugh não se mexeu.

— Por aqui, faça o favor — disse Mrs. Merton, indicando a escada dos fundos.

— Oh, acho que vamos descer pela escadaria principal — disse Maisie. Depois, como uma rainha, atravessou o patamar e desceu as escadas. Mrs. Merton. seguiu-a.

— Hugh? — perguntou Augusta.

Ainda via que ele estava relutante, mas, por outro lado, Hugh não via nenhum motivo para se recusar a ir.

— Vou calçar as botas — disse ele depois de um momento Augusta escondeu o seu alívio. Tinha separado. o casal Agora, se a sua sorte continuasse, poderia decidir o destino de Hugh.

— Vamos para o seu quarto discutir este assunto — disse ela para o marido Desceram as escadas e entraram no quarto de Joseph. Mal a porta se fechou, Joseph abraçou-a e beijou-a. Percebeu que ele queria fazer amor. Não era normal. Faziam amor uma ou duas vezes por semana, mas era sempre ela quem tomava a iniciativa. Ia para o quarto dele e se enfiava na cama. Encarava isso como parte dos seus deveres conjugais para o manter satisfeito, mas gostava de ser ela a controlar as coisas. Depois, durante um certo período, ele a pressionara com sugestões indecorosas como a de deixar a luz acesa enquanto faziam amor, a de que Augusta ficasse por cima ou lhe fizesse coisas inomináveis com a boca.

Mas ela resistira com firmeza, e há muito que o marido deixara de manifestar tais ideias.

No entanto, agora estava a quebrar os seus padrões.

Ela sabia porque! Tinha ficado excitado ao ver o corpo nu de Maisie, os seios jovens e firmes, aquela moita de cabelo ruivo.

A ideia deixou-lhe um gosto amargo na boca e afastou o marido.

Ele ficou ressentido. Ela o queria zangado com Hugh, não com ela, por isso tocou-lhe no braço, num gesto conciliador.



— Mais tarde — disse. — Venho ter com você mais tarde.  
— O Hugh tem sangue ruim — disse ele. — Saiu ao meu irmão.  
— Não pode continuar a viver aqui depois disto — disse a mulher  
— Num tom de voz que não deixava margem para dúvidas.  
— Claro que não. — Joseph não queria discutir isso com ela.  
— Você tem que demiti-lo do banco — prosseguiu ela.  
— Peço para você não se envolver nos assuntos do banco — disse ele, obstinado.

— Joseph, ele o insultou, trazendo para aqui aquela mulher desgraçada — disse ela, utilizando um eufemismo para prostituta.

— Eu sei o que ele fez — disse Joseph, sentando-se à sua escrivaninha — Peço apenas para separar os assuntos de casa com os do banco.

— Muito bem. — Augusta decidiu recuar por uns momentos. — Estou certa de que você sabe o que é melhor.

Joseph nunca sabia o que fazer quando ela desistia de repente.

— Acho que será melhor despedi-lo. Calculo que irá para Folkestone, para junto da mãe.

Augusta não tinha certeza. Ainda não arquitetara a sua estratégia: estava improvisando.

— Em que é que ele iria trabalhar?

— Não sei.

Augusta viu que tinha cometido um erro. Hugh seria ainda mais perigoso desempregado, rancoroso e sem nada que lhe ocupasse o tempo. David Middleton ainda não se aproximara dele — talvez ainda não soubesse que Hugh também estivera no lago naquele dia fatídico -

mas iria fazê-lo um dia. Ficou atrapalhada, desejando ter pensado melhor antes de pedir ao marido que despedisse Hugh.

Estava irritada consigo mesma Conseguiria fazer com que ele mudasse outra vez de opinião?

— Talvez estejamos a ser duros demais — tentou ela.

Joseph ergueu as sobrancelhas, surpreso com a exibição de complacência.

Bem — continuou —, está sempre dizendo que ele tem um grande potencial para vir a ser um bom banqueiro. Talvez seja insensato desperdiçar isso.

— Augusta — disse o marido irritado —, vê se você se decide de uma vez por todas!

Ela sentou-se numa cadeira baixa junto à escrivaninha. Deixou que a camisola subisse um pouco e estendeu as pernas. Ainda tinha umas pernas bonitas. Ele olhou para elas e acalmou-se.

Enquanto o distraía, pensava. De repente, teve uma inspiração. — Vamos mandá-lo para o estrangeiro

— O quê?

Quanto mais pensava na ideia, melhor a achava. Deixaria de estar ao alcance de David Middleton, mas continuaria sob a sua esfera de influência.

— Para o Oriente Médio ou para a América do Sul — prosseguiu ela. — Para um local onde o seu comportamento indecoroso não se reflita diretamente na minha casa.

Joseph esqueceu que estava irritado com ela.

— Não é má ideia — disse ele, pensativo. — Estamos abrindo uma filial nos Estados Unidos. A pessoa que está à frente do nosso escritório de Boston precisa de um assistente.

"A América seria um lugar perfeito", pensou Augusta. Ficou satisfeita com a sua esperteza.

Mas Joseph estava ainda pensando no assunto. Queria que ele se decidisse.

— Mande — O ir logo que possível. Não o quero nem mais um dia em nossa casa — Ele pode reservar a passagem amanhã de manhã — disse Joseph — Depois disso, já não há nada que o impeça de partir.

Pode ir até Folkestone, despedir-se da mãe e ficar ali até o barco partir.

"E não verá o David Middleton durante anos", pensou Augusta com satisfação.

— Então está certo. Ótimo!

Haveria outros obstáculos? Lembrou-se de Maisie. Será que Hugh gostava dela? Parecia pouco provável, mas tudo era possível. Podia se recusar a afastar-se dela. Isso era um problema, e a preocupava. Hugh não podia levar uma mulher daquelas com ele para Boston, mas talvez não fosse se ela não pudesse ir. Augusta pensou se poderia acabar com o romance como precaução.

Levantou-se e dirigiu-se para a porta de comunicação com o seu quarto. Joseph ficou desapontado.

— Tenho que me livrar da mulher-disse ela.

— Posso fazer alguma coisa?

A pergunta surpreendeu-a. Não era típico dele oferecer auxílio.

"Quer dar outra olhada nela", pensou ela com amargura. Abanou a cabeça.

— Já venho. Vá se deitar

— Muito bem — anuiu ele com relutância.

Augusta foi para o seu quarto, fechando firmemente a porta atrás de si.

Maisie já tinha se vestido, estava prendendo o chapéu ao cabelo.

Mrs. Merton estava dobrando uma camisa de um azul-esverdeado muito berrante e a colocá-la num saco barato.

— Emprestei-lhe um vestido dos meus, minha senhora, pois o dela estava encharcado — disse a governanta.

Isso respondera a uma pergunta que Augusta se tinha feito. Perguntara-se como é que Hugh fora capaz de fazer algo tão estúpido como trazer uma prostituta para casa. Agora percebia tudo. Deviam ter sido apanhados pela tempestade repentina, e Hugh tinha trazido a mulher para dentro, para ela se secar. Depois, uma coisa levava à outra.

— Como se chama?

— Maisie Robinson. Já sei o seu.

Augusta descobriu que detestava Maisie Robinson. Não sabia porquê: a moça nem sequer merecia sentimentos tão fortes.

Tinha a ver com o modo como ficara quando estava nua: tão orgulhosa, tão voluptuosa e independente!

— Calculo que queira dinheiro — disse ela com desdém.

— Sua vaca hipócrita! — exclamou Maisie. — Não se casou com aquele horroroso e rico do seu marido por amor.

Era verdade, e ao ouvir aquelas palavras, Augusta ficou sem fôlego. Havia subestimado a moça. Começou mal e agora tinha que sair do buraco onde se metera. Tinha que começar a lidar com Maisie com mais cuidado. Esta era uma oportunidade excelente e não poderia desperdiçá-la.

Engoliu em seco e esforçou-se para aparentar calma.

— Quer sentar-se? — perguntou, indicando uma cadeira.

Maisie ficou surpreendida mas, após um momento de hesitação, sentou-se.

Augusta sentou-se a sua frente.

Tinha que convencer a mulher a desistir de Hugh. Havia se mostrado desdenhosa quando Augusta falara no dinheiro, e esta tinha relutância em repetir a oferta: pressentia que o dinheiro não daria certo com a mulher. Mas também era do tipo das que não se deixam enganar.

Augusta tinha que fazê-la acreditar que a separação era o melhor para ambos. Seria mais eficaz se Maisie acreditasse que abandonar o Hugh era ideia sua. E isso poderia ser conseguido, se Augusta argumentasse o contrário.

— Se quer se casar com ele, não posso impedi-la.

Maisie ficou estupefata e Augusta congratulou-se por tê-la apanhado desprevenida — O que a faz pensar que quero me casar com ele?

— Augusta quase deu uma gargalhada. Queria dizer: “Porque você é uma oportunista”.

— Que mulher não iria querer se casar com ele? — perguntou ela, em vez disso. — É um jovem simpático e bonito, e pertence a uma excelente família. Não tem dinheiro, mas as perspectivas são excelentes!

— Até parece que quer que eu case com ele! — exclamou Maisie, semicerrando os olhos.

Augusta queria dar exatamente essa impressão, mas tinha que agir com calma. Maisie era desconfiada e parecia demasiado inteligente para se deixar manipular — Não exageremos, Maisie. Desculpe que lhe diga, mas nenhuma mulher com minha condição, gostaria que — um homem da sua família casasse tão abaixo na escala social.

— Eu iria querer, se o odiasse o suficiente — disse ela, sem se mostrar ressentida.

— Sentindo-se encorajada, continuou a enganá-la.

— Mas eu não odeio o Hugh! De onde lhe veio essa ideia?

— Dele. Disse que o trata como a um parente pobre e faz com que os outros ajam da mesma maneira.

— Como as pessoas são ingratas! Mas por que haveria eu de querer lhe estragar a carreira?

— Porque ele é melhor que o idiota do seu filho.

Augusta sentiu-se dominar por uma onda de raiva. Mais uma vez, Maisie chegava perto da verdade. De fato, Edward não era tão esperto

como Hugh, mas era um rapaz muito bom e doce, e o sobrinho era mal— Educado.

— Acho melhor que não fale no nome do meu filho — disse Augusta em voz baixa.

— Parece que toquei num ponto fraco — disse Maisie, sorrindo. De repente ficou de novo séria. — Então é esse o seu jogo? Bem, não entro nele.

— O que quer dizer com isso?

— Gosto demasiado do Hugh para o arruinar — disse ela com lágrimas nos olhos. Augusta ficou surpreendida e satisfeita com a força da paixão de Maisie. As coisas estavam correndo muito bem, apesar do mau começo.

— O que tenciona fazer? — perguntou ela.

— Nunca mais o verei — disse Maisie, tentando não chorar. — Você ainda pode destruí-lo, mas não terá a minha ajuda. — Ele pode ir atrás de você.

— Vou desaparecer. Ele não sabe onde moro. Eu me afastarei dos lugares onde ele possa me procurar.

Um bom plano”, pensou Augusta, “só tem que mantê-lo. Depois ele vai para o estrangeiro e ficará fora durante algum tempo.

Mas não disse nada. Fizera com que Maisie tirasse a conclusão mais óbvia e a moça não precisava de mais ajuda.

— Acho melhor ir embora — disse Maisie, limpando o rosto com a manga —, antes que ele regresse com o médico. — Levantou--se. — Obrigado por me emprestar o seu vestido, Mrs.

Merton.

— Eu lhe indico o caminho — disse a governanta, abrindo a porta.

— Desta vez vamos pela escada dos fundos — disse Maisie. — Não quero. — calou-se, engoliu em seco e continuou num murmúrio — Não quero voltar a ver o Hugh. Depois saiu.

Mrs. Merton foi atrás e fechou a porta.

Augusta suspirou! Conseguira! Tinha tolhido o desenvolvimento da carreira de Hugh.

Neutralizara Maisie Robinson e evitara o perigo de David Middleton e tudo numa só noite. A mulher fora uma excelente oponente, mas, no fim, mostrara-se demasiado emotiva.

Augusta saboreou o triunfo durante mais algum tempo e depois subiu até ao quarto de Edward.

Estava sentado na cama, bebendo conhaque de um cálice. O nariz estava escurecendo e tinha sangue seco em volta. Parecia estar cheio de pena de si próprio.

— Meu pobre menino — disse ela.

Dirigiu-se ao lavatório, molhou a ponta de uma toalha e sentou-se ao lado dele, limpando-lhe o sangue do lábio superior. Ele fez uma careta de dor.

— Desculpe!

— Não faz mal, mãe — disse ele, sorrindo. — Continue.

— É reconfortante!

Enquanto o estava lavando, entrou o doutor Humboldt, seguido por Hugh.

— Andou brigando, meu caro jovem? — perguntou o médico, bem disposto.

Claro que não — respondeu Augusta irritada com a sugestão. — Foi atacado.

— Ah, sei — murmurou o médico.

— Onde está a Maisie? — perguntou Hugh.

Augusta não queria falar daquele assunto em frente do médico.

Levantou-se e levou o sobrinho para fora do quarto.

— Foi embora.

— Mandou-a embora? — quis ele saber.

Augusta sentiu-se tentada a dizer que não falasse com ela naquele tom de voz, mas viu que não ganharia nada o irritando.

Sua vitória sobre Hugh já era total embora ele não o soubesse. Por isso, falou-lhe num tom conciliador.

— Se eu a tivesse expulsado, acha que ela não estaria esperando por você na rua para informa-lo?

— Mas ela garantiu que estaria aqui quando eu voltasse com o médico!

— Mudou de ideia! Nunca viu uma garota de sua idade fazer isso?

Hugh ficou surpreso, mas não soube o que dizer.

— Sem dúvida, ela quis sair da situação embaraçosa em que você a colocou — acrescentou ela.

Aquilo já fazia sentido para Hugh.

— Suponho que a fez sentir-se tão mal que ela não suportou continuar aqui.

— Basta — disse ela com severidade. — Não estou interessada em ouvir a sua opinião. O seu tio vai conversar com você amanhã de manhã antes que vá para o banco. Agora, boa noite!

Hugh pareceu querer ainda discutir, mas já não tinha nada para dizer. — Muito bem — disse ele, indo para o seu quarto.

Augusta foi ter de novo com o filho. O médico fechava a sua maleta.

— Não há estragos. Vai sentir o nariz muito sensível nos próximos dias, e amanhã talvez tenha um olho negro. Mas é jovem e estará bom daqui a alguns dias.

— Obrigado doutor. O Hastead vai acompanhá-lo — Boa noite.

Augusta inclinou-se sobre a cama e beijou o filho.

— Boa noite, querido Teddy. Agora durma.

— Está bem, mãe. Boa noite.

Mas Augusta ainda tinha que fazer mais uma coisa.

Desceu as escadas e entrou no quarto de Joseph. Tinha esperanças de que ele já tivesse adormecido, mas ainda estava sentado na cama, lendo a Pall Mall Gazette. Pousou-a de imediato, e levantou o lençol para a deixar entrar.

Abraçou-a imediatamente. Augusta percebeu que havia bastante claridade no quarto. O dia amanhecera e ela não dera por isso. Fechou os olhos.

Ele penetrou-a rapidamente. Ela o envolveu com os braços e correspondeu aos seus movimentos

Lembrou-se de quando tinha dezesseis-anos, deitada junto à margem do rio, com um vestido cor-de-rosa e um chapéu de palha, sendo beijada pelo jovem conde de Strang ; na sua imaginação ele não a tinha apenas beijado, mas levantado as saias dela. Fazia amor com o sol quente e com o rio murmurando a seus pés.

Quando aquilo acabou, deixou-se ficar ao lado de Joseph durante mais algum tempo, pensando na sua vitória.

— Que noite extraordinária — murmurou ele sonolento — Sim, aquela mulher horrorosa.

— Mirim — fez ele. — Muito atraente. arrogante e voluntariosa. acho que é tão boa como qualquer outra. lindo corpo. como o seu na idade

dela.

Augusta ficou mortalmente ofendida.

— Joseph! — exclamou ela. — Como pode dizer uma coisa tão horrível?

Ele não respondeu, já estava dormindo

Furiosa, atirou a roupa da cama para trás, levantou-se e saiu do quarto.

Nessa noite, não voltou a adormecer.

Os aposentos de Micky Miranda em Camberwell eram constituídos por dois cômodos, na casa de uma viúva com um filho já adulto. Nenhum dos seus amigos ricos o tinha ido visitar ali, nem mesmo Edward Pilaster. Micky fazia o papel de um jovem de visita à cidade com uma mesada muito reduzida, e podia muito bem passar sem um quarto elegante.

Todos os dias, às nove da manhã, a senhoria trazia café e pãozinhos quentes, para ele e para o Papai. Ao desjejum, Micky explicou como é que tinha conseguido fazer com que Tonio Silva perdesse as cem libras que não tinha. Não esperava que o Papai lhe tecesse grandes elogios, mas contava ouvir um grunhido de concordância. No entanto, o Papai não ficou impressionado. Soprou o café e bebeu-o ruidosamente.

— Então ele já regressou a Córdoba?

— Ainda não, mas regressará.

— Fique esperando. Tanto trabalho e apenas ainda espere que ele volte — Decidi hoje o futuro dele — disse Micky, sentindo-se ferido.

— Se eu tivesse a sua idade.

— Já sei! Teria lhe cortado a garganta. Mas estamos em Londres, não na província de Santamaría, e se eu andasse por aí cortando o pescoço das pessoas, seria enforcado.

— Há ocasiões em que não há outra alternativa.

— Mas há outras ocasiões em que é melhor agir com prudência Papai! Pense em Samuel Pilaster, e nas suas objeções sentimentais sobre negociar com armas. Afastei-o do caminho sem derramar sangue, não foi?

De fato, fora Augusta quem o fizera, mas ele não tinha dito isso ao Papai.

— Ainda tenho as minhas dúvidas. disse este com teimosia. — Quando é que eu terei os rifles?

— Aqui é que está o problema. O velho Seth continua vivo, é o sócio sênior do banco!



O mês era Agosto. Em setembro, a neve do inverno começaria a derreter nas montanhas de Santamaría. O Papai queria voltar para casa — com as suas armas.

Logo que Joseph se tornasse o sócio sênior, Edward lhe apresentaria o acordo e as armas seriam embarcados. Mas o velho Seth agarrava-se teimosamente ao seu cargo e à vida.

— Irá tê-las em breve, Papai — disse Micky. — O Seth não pode durar muito mais.

— Ainda bem — disse o Papai, com a expressão de quem tinha ganho uma discussão. Micky passou manteiga num dos pãozinhos. Sempre fora assim. Nunca agradava ao pai, fizesse o que fizesse.

Pensou no dia que estava chegando. Tonio estava devendo um dinheiro que nunca poderia pagar. O próximo passo seria transformar o problema numa crise. Queria que Edward e Tonio discutissem em público. Se o conseguisse, a desgraça de Tonio, viria a ser do conhecimento público, ele seria obrigado a se demitir do cargo que exercia e regressar à Córdoba. Isso também o afastaria de David Middleton.

Micky queria fazer tudo isto sem se tornar inimigo de Tonio. Tinha outro objetivo: ficar com o emprego dele. Tonio poderia tornar as coisas difíceis, se assim o quisesse, falando mal de Micky ao embaixador. Este queria persuadi-lo a preparar o terreno.

A situação era complicada pela história do seu relacionamento com Tonio. No colégio, este o odiara e temera. Mais recentemente começara a admirá-lo. Agora Micky precisava se tornar o seu melhor amigo — ao mesmo tempo em que lhe estragava a vida.

Enquanto meditava no árduo dia que tinha pela frente, bateram à porta e a senhoria anunciou uma visita. Tonio entrou.

Micky pensara em ir ter com ele após o almoço. A visita lhe poupava o esforço.

— Sente e tome um café! Disse ele jovialmente. — Mas que azar você teve ontem à noite!

— É assim mesmo, nas cartas alguns ganham, outros perdem.

Tonio cumprimentou o Papai e sentou-se. Parecia que não tinha dormido.

— Perdi mais do que podia.

O Papai resmungou. Não tinha paciência com as pessoas que tinham pena de si próprias e, ainda por cima, desprezava todos da família

Silva, por serem uns covardes que viviam na cidade, às custas de cargos públicos e corrupção.

Micky fingiu compreensão.

— Lamento ouvir isso — disse ele, solenemente.

— Sabe o que isso significa. Neste país, um homem que não paga as suas dívidas de jogo não é um cavalheiro. E um homem que não é um cavalheiro, não pode ser um diplomata.

Talvez tenha que me demitir e ir para casa.

"Exatamente", pensou Micky.

— Estou vendo o problema — disse ele em voz alta.

— Sabe como são as pessoas acerca destas coisas — continuou Tonio -se você não paga logo no dia seguinte, já se torna suspeito. Mas eu levaria anos para pagar cem libras! Foi por isso que vim ver você!

— Não estou entendendo! disse Micky, apesar de entender perfeitamente.

— Pode me dar o dinheiro? Suplicou Tonio. É cordovês, diferente desses ingleses,. Não condena um homem por um único erro. E algum dia, eu lhe pagarei tudo.

— Se eu tivesse todo esse dinheiro, pode ter certeza de que daria a você, mas não sou tão próspero assim. — Tonio olhou para o pai que o observou friamente.

— Não — foi a resposta.

Tonio olhou para o chão.

— Sou um idiota em relação ao jogo. Não sei o que fazer. Se voltar pra casa em desgraça, não terei coragem de encarar minha família.

— Talvez eu possa fazer outra coisa — disse Micky pensativo.

Tonio se animou no mesmo instante.

— Oh! Por favor, qualquer coisa!

— Edward e eu somos bons amigos, como sabe. Posso conversar com ele em seu nome, explicar-lhe as circunstâncias e pedir-lhe para ser indulgente. ; seria como um favor pessoal para mim.

— Faria isso? — O rosto de Tonio estava cheio de esperança.

— Pedirei à ele para esperar pelo seu dinheiro e não contar nada a ninguém-

— Não posso garantir que ele vai concordar, é claro. Os Pilasters tem muito dinheiro, mas são duros. De qualquer forma, tentarei.

Tonio agarrou na mão de Micky.

— Não sei como agradecer — disse ele com fervor. — Nunca esquecerei isto.

— Não fique tão esperançoso!

— Não consigo evitar. Tenho andado desesperado, e você me deu uma razão para continuar. — Pareceu ficar envergonhado e acrescentou: — Pensei em suicidar-me esta manhã.

Fui até à Ponte de Londres e estive para me atirar ao rio.

O Papai resmungou de novo, pois pensou que essa teria sido a melhor solução.

— Ainda bem que você mudou de ideia — disse Micky apressadamente. — É melhor eu ir andando até ao banco e falar com o Edward.

— Quando é que eu posso encontrar você?

— Você vai ao clube na hora do almoço?

— Claro, se você quiser.

— Então, nos encontraremos lá

— Certo. — Tonio levantou-se. — Deixarei que terminem o desjejum e.

— Não me agradeça — pediu Micky, com a mão erguida em sinal de silêncio. — Dá azar.

Espere e tenha esperança.

— Está bem — assentiu ele. — Adeus, senhor Miranda — despediu-se ele, saindo.

— Que rapaz mais estúpido — resmungou o Papai

— Um completo idiota — concordou Micky.

Dirigiu-se ao quarto e vestiu-se: camisa branca com colarinho e punhos engomados, calças marrons, uma fita de cetim preto servindo de laço e um fraque preto. Os sapatos estavam engraxados e o cabelo brilhava com óleo de macáçar. Vestia-se sempre de forma muito elegante, mas conservadora: nunca usaria os modernos colarinhos virados para baixo ou um binóculo como um janota. Os Ingleses estavam sempre dispostos a acreditar que um estrangeiro era um grosseirão, e ele não queria que o considerassem como tal. Deixando o Papai sozinho, saiu e atravessou a ponte para o distrito financeiro, chamado de "City" porque cobria o território anteriormente ocupado pela cidade romana de Londres. O tráfego estava completamente engarrafado em torno da Catedral de São Paulo, com as carruagens, ônibus, carroças de cerveja, os fiacres de aluguel

e carrocinhas de verdureiros ambulantes disputando espaço com um grande rebanho de ovelhas que estava sendo conduzido para o mercado de carne de Smithfield.

O Banco Pilaster era um grande edifício novo com uma fachada clássica e uma entrada imponente, ladeada por pilares maciços.

Passavam alguns minutos do meio-dia quando Micky entrou no salão do banco. Embora Edward, raramente fosse trabalhar antes de dez horas, quase sempre se podia persuadi-lo a sair para o almoço em qualquer momento depois do meio-dia.

Micky aproximou-se de um dos mensageiros.

— Diga a Mr. Edward Pilaster que Mr. Miranda quer falar com ele.

— Com certeza, senhor.

Aqui, mais do que em qualquer outro lado, Micky invejava os Pilaster. A sua riqueza e poder estavam espalhados em todos os detalhes: o chão de mármore polido, os painéis ricos, as vozes abafadas, o arranhar das canetas nos livros, e, talvez, acima de tudo, nos mensageiros bem alimentados e bem vestidos.

Todo aquele espaço e todas aquelas pessoas eram basicamente usados para contar o dinheiro da família Pilaster.

Ninguém criava gado, colhia nitrato ou construía ferrovias: o trabalho era feito muito longe, por outras pessoas. Os Pilaster apenas viam o dinheiro a se multiplicar. Para Micky, este parecia o modo de vida ideal, agora que a escravatura tinha sido abolida.

Havia também algo de falso na atmosfera do banco. Era solene como a de uma igreja, ou o salão de um presidente, ou um museu.

Eram agiotas, mas agiam como se cobrar juros fosse algo de nobre como o sacerdócio.

Algum tempo depois, Edward apareceu — com o nariz esmurrado e um olho negro.

— Meu caro amigo — começou Micky muito espantado, o que aconteceu?

— Tive uma briga com Hugh.

— Qual foi o motivo?

— Eu o repreendi por levar uma prostituta para casa e ele perdeu a cabeça.

Ocorreu a Micky que isso poderia proporcionar a Augusta a oportunidade que ela vinha procurando pra se livrar de Hugh.

— O que aconteceu ao Hugh?

— Você não tornará a vê-lo por um longo tempo. Ele foi mandado para Boston.

"Boa, Augusta!", pensou Micky. Seria bom se pudessem liquidar Tonio e Hugh no mesmo dia.

— Você me dá a impressão de que precisa de uma garrafa de champanhe e um bom almoço, Edward —.

— Excelente ideia.

Saíram do banco e seguiram para oeste. Não valia a pena apanhar um fiacre, porque as ruas estavam todas bloqueadas pelas ovelhas e todos os veículos se encontravam parados.

Passaram pelo mercado de carne que era o destino das ovelhas. O mau cheiro dos matadouros era insuportavelmente repulsivo. As ovelhas eram jogadas em um alçapão que as levava a um matadouro subterrâneo. A queda era suficiente para lhes partir as pernas, o que as deixava imóveis até o carnicheiro chegar para lhes cortar o pescoço.

— É o suficiente para se deixar de comer carneiro pelo resto da vida! -disse Edward quando tiveram que tapar o nariz com um lenço. Micky pensou que era preciso muito mais para Edward deixar de comer o almoço.

Assim que deixaram a City foram de fiacre até Pall Mall. À medida que se aproximavam, Micky ia preparando o discurso.

— Detesto pessoas que espalham rumores acerca do comportamento de outra pessoa - começou ele.

— Sim — respondeu Edward vagamente.

— Mas quando isso afeta um amigo nosso, uma pessoa é mais ou menos obrigada a dizer qualquer coisa.

— Hum. Hum. — Edward não fazia a mínima ideia do que Micky estava dizendo.

— E detestaria que alguém pensasse que me calei só por que o indivíduo em questão era meu compatriota.

— Não sei se estou entendendo! — disse Edward, depois de um momento de silêncio.

— Estou falando de Tonio Silva.

— Ah, sim! Acho que ele não pode pagar o que me deve.

— Que disparate! Conheço a família dele. É quase tão rica quanto a sua—. — Micky não tinha medo de mentir daquela maneira: as pessoas em Londres não faziam ideia de quão ricas as famílias na América do Sul podiam ser.

Edward ficou estupefato.

— Meu Deus! julgava o contrário!

— De modo nenhum. Podia pagar a você facilmente. O que ainda torna as coisas piores.

— O quê? O que é que fica pior?

— Lamento dizer que ele não tem intenção de pagar! disse Micky, após um grande suspiro-.

— E anda para aí a gabar-se, dizendo que você não é suficientemente homem para fazê-lo dar o dinheiro.

— Ah, sim? O patife! — exclamou Edward todo vermelho. Não sou suficientemente homem?

Já vamos ver isso.

— Eu lhe disse para não o subestimar, Disse-lhe também que você não suportaria gozações.

Mas ele preferiu ignorar o meu conselho.

— Desgraçado! Bem, se ele não liga para os conselhos sensatos que lhe dão, pode vir, a saber, a verdade da maneira mais difícil.

— É uma pena — disse Micky.

Edward estava furioso.

Micky impacientou-se enquanto o fiacre se arrastava. Tonio já devia estar no clube.

Edward estava mesmo com disposição para discutir. Tudo parecia dar certo.

Finalmente, o fiacre parou em frente ao clube. Micky esperou enquanto Edward pagava.

Entraram. No vestibulo, pendurando o casaco e o chapéu, encontraram Tonio.

Micky ficou tenso. Tinha posto tudo em movimento: agora só lhe restava torcer e esperar que o drama que imaginara, se desenrolasse por si próprio. Tonio viu Edward e ficou atrapalhado.

— Bom dia, para os dois!

Micky olhou para Edward. Tinha o rosto vermelho e os olhos esbugalhados.

— Ouve, Silva.

— O que é, Pilaster? — perguntou Tonio, com medo.

— É acerca das cem libras — disse ele em voz alta.

O vestíbulo ficou silencioso. Várias pessoas olharam em volta, e dois homens que estavam saindo, pararam na porta, virando-se para ver. Era de mau gosto falar de dinheiro, e um cavalheiro apenas o faria em circunstâncias extremas. Todos sabiam que Edward Pilaster tinha mais dinheiro do que podia gastar, por isso, era óbvio que devia existir outro motivo para falar publicamente da dívida de Tonio. Os espectadores pressentiam um escândalo.

— Sim? — perguntou Tonio, empalidecendo.

— Você pode me entregar hoje, se não for incomodo — disse ele com brutalidade.

Tinha lançado um desafio. Muitas pessoas sabiam que a dívida era real, por isso não valia a pena discuti-la. Como cavalheiro, Tonio tinha apenas uma saída. Teria que dizer: "Com certeza! Se é assim tão importante, você terá o seu dinheiro imediatamente. Vamos até lá em cima e eu vou passar um cheque" — ou, "vamos até o meu banco?"

Se não fizesse isso, todos iriam saber que ele não podia pagar e seria condenado ao ostracismo.

Micky observava fascinado. A princípio, Tonio ficara apavorado e, por um momento, Micky perguntou-se se não iria cometer alguma loucura. Depois o medo deu lugar à raiva, e ele abriu a boca para protestar, mas não saíram quaisquer palavras.

Em vez disso, abriu as mãos num gesto de súplica; mas também isso abandonou depressa. Finalmente, a sua face enrugou-se como a cara de uma criança que está prestes a chorar.

Nessa altura, voltou-se e saiu correndo. Os dois homens na porta afastaram-se do seu caminho, e ele disparou pela entrada até à rua, sem chapéu.

Micky estava deliciado: tudo tinha corrido bem. Os homens no vestíbulo pigarrearam para disfarçar o embaraço.

— Foi um pouco duro demais, Pilaster — resmungou um membro mais velho.

— Ele merecia — respondeu Micky rapidamente.

— Sem dúvida, sem dúvida — concordou o homem mais velho.

— Preciso de uma bebida — disse Edward. — Pede um conhaque para mim, está bem? -Acho melhor ir atrás do Silva para ter a certeza de que ele não vai se atirar embaixo das rodas de um carro. — Micky saiu disparado.

Esta era a parte mais sutil do seu plano: tinha que convencer o homem que arruinara de que era o seu melhor amigo.

Tonio corria em direção a Sr. James's, sem ver para onde ia, se chocando com as pessoas.

Micky correu e apanhou-o.

— Olha, Silva, estou com muita pena.

Tonio parou. Estava chorando.

— Estou acabado — disse ele. — Acabou tudo.

— O Pilaster recusou imediatamente a minha proposta — disse Micky. — Fiz o melhor que pude.

— Eu sei, obrigado.

— Não me agradeça! Falhei!

— Mas pelo menos, tentou! Gostaria de poder retribuir.

Micky hesitou. "Será que me atrevo a pedir o emprego dele, agora?" Decidiu ser ousado.

— Por acaso, há algo que pode fazer por mim, mas falaremos disso noutra hora.

— Não, pode dizer!

— Eu me sentiria mal. É melhor falarmos disso noutra ocasião.

— Não sei quanto tempo mais vou ficar por aqui. O que é?

— Bem. — Micky fingiu embaraço. — Calculo que o embaixador de Córdoba procurará alguém para substituir.você.

— Ele vai precisar de alguém imediatamente. — Tonio pareceu compreender. — Claro, -você ficará com o cargo! É a pessoa ideal.

— Se pudesse dar uma palavrinha.

— Farei mais do que isso! Direi como você tem me ajudado, e como tentou me livrar da encrenca em que me meti. Na certa ele irá nomeá-lo!

— Quem me dera não estar me beneficiando com as suas desgraças — disse Micky. — Sinto que e estou me portando como um rato.

— De modo nenhum! — Tonio agarrou na mão de Micky. — Você é um verdadeiro amigo.



## CAPÍTULO V

### SETEMBRO

Dorothy, a irmãzinha de Hugh, com seis anos de idade, estava dobrando as camisas do irmão e colocando-as na mala. Ele sabia que, mal ela se deitasse, teria que tirar todas e arrumá-las novamente; no entanto, fingia que ela fazia aquilo muito bem e encorajou-a.

— Conte-me outra vez como é a América — pediu ela.

— A América é tão longe, que de manhã o Sol demora quatro horas para chegar lá — As pessoas ficam a manhã toda na cama?

— Sim, se levantam na hora do almoço e tomam o café da manhã

— Então são preguiçosos! — exclamou ela com uma gargalhada.

— Nem por isso. Como só escurece à meia— Noite, têm que trabalhar até muito mais tarde.

— E deitam-se bem tarde! Eu gosto de me deitar tarde! Acho que ia gostar da América. Por que é que não posso ir com você?

— Quem me dera que pudesse, Dotty!

Hugh sentiu-se muito triste: ia ficar muitos anos sem ver a irmãzinha. Estaria muito mudada quando voltasse a estar com ela. Nessa altura já saberia o que são fusos horários.

A chuva de Setembro batia nas janelas e, em baixo, na baía, o vento empurrava as ondas.

Ali, havia uma lareira e um tapete macio junto a ela.

Hugh embalou alguns livros: Atuais Métodos de Negócios, O Escrivão Comercial bem Sucedido, A Riqueza das Nações, Robinson Crusoe.

Os funcionários mais velhos do Banco Pilaster desprezavam aquilo a que chamavam "a sabedoria dos livros", e costumavam dizer que a experiência era a melhor professora, mas se enganavam: Hugh conseguira perceber o funcionamento dos diversos departamentos muito mais depressa, porque tinha estudado a teoria de antemão.

Ia para a América numa época de crise. No início da década de 1870, vários bancos haviam efetuado vultosos empréstimos com a garantia de ações especulativas de ferrovias e, quando a construção ferroviária começou a enfrentar dificuldades em meados de 1873, os bancos começaram ficaram numa situação difícil. Poucos dias antes, o Jay Cooke

& Co, agente do Governo americano, tinha ido à falência, arrastando consigo o First National Bank de Washington; as notícias tinham chegado a Londres no mesmo dia, através do cabo de telégrafo transatlântico. Cinco bancos de Nova Iorque tinham parado, incluindo o Union Trust Company — um dos maiores bancos — e a Associação Bancária dos Mecânicos. A Bolsa de Valores tinha fechado as suas portas. Os negócios iriam ser menos lucrativos-haveria milhares de desempregados, o comércio iria ser afetado e a intervenção dos Pilaster na América iria ser menor e mais cautelosa — de tal modo que seria difícil para Hugh mostrar a sua capacidade.

Até agora, a crise tinha tido pouco impacto em Londres. As taxas bancárias haviam subido um ponto, quatro por cento, e um pequeno banco londrino com capital americano tinha fechado, mas ainda não havia motivo para pânico. Mesmo assim, o velho Seth insistia que o perigo se aproximava. Já estava muito fraco. Mudara-se para casa de Augusta e passava a maior parte dos dias na cama.

Mesmo assim, recusava teimosamente se afastar até ter conduzido os Pilaster através da tempestade.

Hugh começou a dobrar as suas roupas. O banco tinha pago à ele, dois ternos novos; desconfiava que a mãe havia convencido o velho Seth a autorizá-lo. Ele era tão sovina como os outros Pilaster, mas tinha um fraco pela mãe de Hugh;. De fato, fora a pequena mesada que Seth dava a ela, que permitira sua sobrevivência durante todos estes anos.

A mãe também insistira para que lhe dessem algumas semanas de folga antes dele partir, para ter tempo de arrumar as coisas e se despedir. Não o via muitas vezes desde que ele fora trabalhar para o banco — Hugh não tinha dinheiro para pagar o bilhete de trem para Folkestone com muita frequência — e queria passar algum tempo com ele antes da partida.

Tinham passado a maior parte do mês de Agosto ali, na costa, enquanto Augusta e a família estavam de férias na Escócia. Agora as férias já tinham terminado, chegara a hora de partir.

Enquanto pensava na mãe, ela apareceu no quarto. Há oito anos que estava viúva e ainda continuava a vestir-se de preto.

Parecia não querer casar novamente, embora o pudesse fazer com toda a facilidade — ainda era bonita, com olhos cinzentos serenos e cabelo loiro bastante forte.

Hugh sabia que ela estava triste por que não o veria durante os próximos anos. Mas não falava da sua tristeza: em vez disso, partilhava do entusiasmo do filho face ao desafio do novo país.

— Está quase na hora de você se deitar, Dorothy — disse ela. — Vá vestir a sua camisola. Logo que a filha saiu, a mãe começou a dobrar novamente as camisas dele.

Hugh queria falar-lhe de Maisie, mas tinha vergonha.

Augusta tinha-lhe escrito, isso sabia ele. Também podia ter recebido alguma carta dos outros membros da família, ou tê-los encontrado numa das suas raras visitas a Londres, para fazer compras. A história que lhe contaram talvez estivesse muito longe da verdade.

— Mãe. — começou ele passado algum tempo.

— O que é, meu querido?

— A tia Augusta nem sempre conta a verdade.

— Não precisa ser tão delicado — disse ela com um sorriso amargo. — Augusta conta mentiras acerca do seu pai há muitos anos.

Hugh ficou admirado com a franqueza dela.

— Acha que foi ela quem disse aos pais da Florence Stalworthy que o Papai era um jogador?

— Infelizmente, tenho a certeza.

— Por que age ela dessa maneira?

A mãe pousou a camisa que estava a dobrar e pensou durante alguns momentos.

Augusta era uma moça muito bonita — disse. — A família dela assistia ao culto no Salão Metodista de Kensington, e foi assim que os conhecemos. Era filha única, voluntariosa e mimada. A família não era nada de especial: o pai tinha trabalhado numa loja e depois começara o seu próprio negócio, acabando por possuir três mercearias nos subúrbios de Londres. Mas Augusta estava destinada a coisas melhores. — Dirigiu-se à janela e olhou para fora, vendo, não o canal da Mancha, mas sim o passado. — Quando Augusta tinha dezessete anos, o conde de Strang apaixonou-se por ela. Era um belo rapaz: bonito, simpático, nascido em berço de ouro, e rico.

Claro que os pais dele ficaram horrorizados com a perspectiva de verem o filho se casar com a filha de um merceeiro. No entanto, ela era muito bonita e, já nessa altura, tinha um ar imponente que a fazia estar à vontade com pessoas da alta sociedade.

— Ficaram noivos?

— Formalmente não. Mas todo mundo presumiu isso e foi uma conclusão precipitada.

Depois houve um enorme escândalo. O pai dela foi acusado de roubar no peso, nas suas lojas. Um empregado que ele tinha despedido fez queixa à Junta de Comércio.

Diz --se que ele enganou até a Igreja, que lhe comprava chá para os grupos de estudo da Bíblia, que se reuniam às terças-feiras.

Esteve quase indo para a cadeia-. Negou tudo no tribunal e, no fim, não deu em nada. Mas Strang abandonou Augusta.

— Ela deve ter ficado com o coração despedaçado.

— Não — respondeu a mãe. — Ficou foi furiosa. Durante toda sua vida, sempre conseguira tudo o que queria. Nessa altura, queria o Strang mais do que já quisera alguma coisa e não o podia ter.

— Então casou com o tio Joseph, por tabela, como costumam dizer.

— Eu diria que se casou com ele num ataque de fúria. Ele era mais velho que ela sete anos, o que é bastante quando se tem apenas dezessete anos; também não era mais bonito do que é agora; mas era muito rico mais rico do que Strang. Devo admitir que fez o possível para ser uma boa esposa Mas Joseph nunca será Strang e ela ainda não perdoou isso.

— O que aconteceu ao Strang?

— Casou-se com uma condessa francesa e morreu num acidente de caça.

— Quase que sinto pena da tia Augusta.

— Tenha ela o que tiver, vai querer sempre mais:. Mais dinheiro, um emprego melhor para o marido, uma posição social mais elevada para si própria.

Se ela é tão ambiciosa, para ela mesma, para o Joseph e para o Edward, é porque ainda anseia aquilo que o Strang. poderia lhe ter dado: o título, uma casa ancestral, uma vida de lazer, a riqueza sem trabalho. Mas, de fato, não foi isso o que ele lhe ofereceu, mas sim, amor. Foi isso que ela perdeu. E não há nada que o possa compensar.

Hugh nunca tinha tido uma conversa tão íntima com a mãe.

Sentiu-se encorajado para lhe contar tudo.

— Mãe. — começou —, acerca de Maisie.

— Maisie? — perguntou ela intrigada.

— A moça que. que causou todo este problema.: Maisie Robinson.

— Augusta nunca disse o nome dela a ninguém.

Ele hesitou.

— Ela não é uma "mulher da vida" — explodiu.

A mãe ficou atrapalhada: os rapazes nunca falavam de prostitutas com as mães.

— Estou vendo — disse ela, desviando o olhar.

— É pobre, mas é boa moça. E é judia — continuou ele. Olhou para a mãe e viu que ela estava admirada, mas não horrorizada. — Não é nada mais do que isso. Aliás. — hesitou.

— Continua.

— Aliás, ainda era virgem.

A mãe corou.

— Desculpe falar com você dessas coisas, mãe, mas se não lhe contar, só saberá a versão da tia Augusta.

— Gostava muito dela, Hugh? — perguntou a mãe.

— Bastante. — As lágrimas vieram-lhe aos olhos. — Não entendo porque motivo ela desapareceu. Não faço ideia para onde possa ter ido. Nunca soube onde ela morava. Já perguntei por ela nas cavalariças onde trabalhava e nos Salões de Argyll, onde a conheci.

O Solly Greenbourne também gostava muito dela e ficou tão espantado quanto eu. Tonio Silva conhecia a amiga dela, April, mas foi para a América do Sul, e não consigo encontrá-la.

— Isso é bastante misterioso.

— Tenho certeza de que a tia Augusta teve alguma coisa a ver com isso.

— Não duvido! Não consigo imaginar de que maneira, mas ela é uma pessoa de muitos recursos. Mas agora você tem que pensar no seu futuro, Hugh.

— Boston vai ser uma excelente oportunidade. Tem que trabalhar muito e bem!

— Ela era uma moça extraordinária, mãe!

Viu que a mãe não acreditava.

— Mas você vai esquecê-la.

— Não sei.

— Vai sim — disse a mãe, beijando-lhe a testa. — Eu prometo!

Havia apenas um quadro na parede do quarto que Maisie partilhava com April. Era um pôster de circo berrante, mostrando Maisie, de calças,

em pé num cavalo que galopava. Por baixo, em letras vermelhas, lia-se "A Espantosa Maisie". A pintura não era muito fiel ao original, uma vez que o circo nunca tivera cavalos brancos e as pernas de Maisie nunca tinham sido tão compridas. Mesmo assim, gostava bastante do pôster. Era a única recordação que tinha dessa época.

O quarto tinha uma cama estreita, um lavatório, uma cadeira e um banco com três pernas.

As roupas delas estavam penduradas em pregos espetados nas paredes. A sujeira nas janelas, servia como cortinas. Tentavam manter o quarto limpo, mas era impossível.

Caía fuligem da chaminé, os ratos apareciam, vindos das fendas das tábuas do chão, e a sujeira e os insetos entravam pelas folgas entre o caixote da janela e a parede. Estava chovendo e a água pingava do peitoril e de uma rachadura no teto.

Maisie se vestia. Era o Rosch Hashanah, quando o Livro da Vida era aberto, e nesta altura do ano pensava sempre no que estaria a ser escrito para ela.

Geralmente nunca rezava, mas nesse dia fazia— O para que escrevessem algo de bom na sua página.

April fora fazer chá na cozinha comum, mas voltara, irrompendo pelo quarto com um jornal na mão.

— É você Maisie, é você! — exclamou ela.

— O quê?

— Aqui, no Lloyd's Weekly News! Escute: "Miss Maisie Robinson, nome de nascimento, Miriam Rabinowicz, deverá contatar os Srs. Goldman e Jay, advogados, na Gray's Inn, tomará conhecimento de algo do seu interesse".—Só pode ser você!!

O coração de Maisie bateu depressa, mas o seu rosto tinha uma expressão dura.

— É o Hugh — disse ela. — Não vou.

April ficou desapontada.

— Pode ter herdado dinheiro de algum parente afastado.

— Posso até ser a rainha da Mongólia, mas não vou andar tanto até Gray's Inn por causa de uma probabilidade remota.

Esforçava-se por parecer indiferente, mas o seu coração sofria, Pensava em Hugh todos os dias e todas as noites e sentia-se muito infeliz. Mal o conhecia, mas, era impossível esquecê-lo.

Mesmo assim, estava disposta a tentar. Sabia que ele tinha andado à sua procura. Fora todas as noites aos Salões de Argyll, chateara o Sarturiles, o dono das cavaliças, e perguntara por ela em metade das pensões baratas de Londres. De repente, parara, e Maisie calculou que ele desistira. Agora parecia que mudara de estratégia e tentava encontrá-

la recorrendo a anúncios em jornais. Era muito difícil continuar a evitá-lo, quando ele a procurava de forma tão persistente, e ela queria muito voltar a vê-lo. Mas tinha tomado uma decisão. Amava-o demais para lhe estragar a vida.

— Ajude-me aqui com o espartilho — pediu ela

April começou a puxar os laços.

— Nunca tive o meu nome num jornal — disse ela com inveja. — O seu já saiu duas vezes se você contar com a “Leoa”

— E o que ganhei com isso? Meu Deus estou ficando gorda!

April amarrou os fios do espartilho e ajudou-a a enfiar o vestido.

Iam sair nessa noite. April tinha um amante novo, um homem de meia-idade, editor de uma revista, com mulher e seis filhos em Clapham. Ele e um amigo levariam April e Maisie a um music-hall.

Até lá, elas passeariam pela Bond Street, olhando as vitrinas das lojas elegantes.

Não comprariam nada. A fim de se esconder de Hugh, Maisie tivera de deixar de trabalhar com Sammles — para grande desgosto deste, porque ela conseguira vender cinco cavalos e uma carruagem — e o dinheiro que conseguira poupar gastara depressa. Mas tinham que continuar a sair, independente do estado do tempo: era muito deprimente ficarem no quarto.

O vestido de Maisie estava apertado nos seios e ela estremeceu quando April os apertou.

— Você está com os seios inchados? — perguntou April com um ar estranho.

— Estão sim. por que será?

— Maisie, quando teve o último incômodo? Indagou April com um ar preocupado.

— Nunca sei! respondeu ela. Pensou por um momento e depois se arrepiou. — Ai, meu Deus!

— Quando?

— Acho que foi antes de termos ido às corridas de Goodwood. —  
você acha que estou grávida?

— A cintura está mais larga, os seus seios doem e não tem o período há dois meses. Sim, você está grávida. — respondeu April irritada.  
— Não acredito que você possa ter sido tão estúpida! — Com quem foi?

— Com o Hugh, claro! Mas só fizemos uma vez. Como se pode engravidar com uma única foda?

— Você sempre engravidou de uma única foda.

— Oh, meu Deus! — Maisie sentiu-se como se tivesse sido atropelada por um trem. Chocada, espantada e assustada, sentou-se na cama e começou a chorar.

— O que é que vou fazer?

— Pode começar por ir ao escritório dos advogados!

De repente, tudo ficou diferente.

Primeiro Maisie ficou assustada e furiosa. Depois percebeu que tinha que entrar em contato com Hugh, para bem da criança. E quando admitiu isto, sentiu-se mais alegre que assustada. Desejava, voltar a vê-lo, e convencera-se de que isso seria errado. Mas o bebe mudava tudo.

Era sua obrigação contatar Hugh e essa perspectiva deixou-a tonta de alívio.

Mesmo assim, sentia-se nervosa quando ela e April subiram a escadaria íngreme para o escritório dos advogados, em Gray's Inn.

O anúncio podia não ter sido colocado por Hugh. Não seria surpresa se ele tivesse desistido de procura-la. Ela se mostrava esquivada tanto quanto uma moça podia ser. E nenhum homem se mantém apaixonado para sempre. O anúncio podia ter alguma relação com seus pais, se ainda estivessem vivos.

Talvez as coisas comessem finalmente a correr bem para eles e tivessem dinheiro para a procurar.

Maisie não sabia direito como se sentia com relação a isso. Houvera muitas ocasiões em que ansiara ver Papai e Mama de novo, mas tinha medo de que se envergonhassem da sua vida.

Chegaram ao topo das escadas e entraram. O empregado dos advogados era um rapaz novo, que vestia um colete cor de mostarda e tinha um sorriso condescendente. As moças estavam molhadas e enlameadas, mas mesmo assim mostrava-se disposto a ser galante.



— Minhas senhoras! — exclamou ele. — Como podem duas deusas precisar dos serviços dos senhores Goldman e Jay? Em que lhes posso ser útil?

— Podia tirar esse colete, que me está me ferindo os olhos — disse April.

Maisie não estava com paciência para galanteios.

— O meu nome é Maisie Robinson.

— Ah! O anúncio. Por uma feliz coincidência, o cavalheiro em questão está com Mr. Jay.

Maisie sentiu-se desfalecer.

— Diga-me uma coisa. O cavalheiro em questão. será por acaso Mr. Hugh Pilaster? — perguntou, olhando suplicante para o funcionário.

— Credo, não! — exclamou ele, sem reparar no seu olhar.

As esperanças de Maisie desapareceram. Sentou-se num banco de madeira junto à porta, reprimindo as lágrimas.

— Não é ele.

— Não — confirmou o empregado. — Aliás, eu até conheço Hugh Pilaster. Estudamos juntos na escola, em Folkestone. Ele foi para a América.

Maisie recuou como se tivesse levado um soco.

— Para a América? — murmurou.

— Boston, Massachusetts. Embarcou há algumas semanas. Você o conhece?

Maisie ignorou a pergunta. O seu coração parecia uma pedra, pesado e frio. E tinha o filho dele dentro dela! Estava muito horrorizada para poder chorar.

— Então quem é? — perguntou April, com agressividade.

O escriturário começou a perceber que fora além de suas atribuições. Perdeu o ar de superioridade e respondeu, bastante nervoso.

— Acho melhor que seja ele a dizer-lhe -se me dão licença. — E desapareceu por uma porta.

Maisie olhava para as caixas cheias de papéis empilhadas contra a parede, lendo as etiquetas: Espólio Blenkinsop, Regina versus Wiltshire Flour Millers, Great Southern Railway, Mrs Stanley Evans (falecida)

Tudo o que acontecia naquele escritório era uma tragédia pra alguém, refletiu ela: morte, bancarrota, divórcio, um processo penal.

Quando a porta se abriu de novo, apareceu outro homem com um aspecto estranho. Era pouco mais velho que Maisie, tinha o rosto de um profeta bíblico, com olhos escuros destacando-se por baixo de sobancelhas negras, um grande nariz e uma barba. Parecia familiar, e depois de um momento ela compreendeu que lembrava um pouco seu pai, embora Papai nunca parecesse tão aterrador.

— Maisie? — perguntou ele. — Maisie Robinson?

As suas roupas eram um pouco estranhas, como se tivessem sido compradas no estrangeiro, e o sotaque era americano.

— Sim, sou Maisie Robinson. E quem diabo é você?

— Não me reconhece?

— Ela lembrou-se de um rapazinho esquelético, roto e descalço, com a sombra de um bigode e um olhar decidido.

De repente

— Oh, meu Deus! — exclamou. — Danny! — Por um momento, esqueceu os seus problemas e correu para os braços dele. — Danny, é mesmo você?

— Claro que sou eu — disse ele, abraçando-a com tanta força que a magoou.

— Quem? — perguntou April. — Quem é ele?

— O meu irmão! — respondeu Maisie. — O que fugiu para a América! Voltou!

Danny afrouxou o abraço para olhar para ela.

— Como é que ficou tão bonita? Era só pele e osso!

— Eu o teria reconhecido se não tivesse estes pêlos todos tapando sua cara-

— retorquiu ela, tocando-lhe na barba.

— Houve um pigarrear discreto atrás de Danny e Maisie viu um homem de idade observando-os com um olhar de vago desdém.

— Parece que conseguimos.

— Mr.Jay, permite que lhe apresente minha irmã— Miss Robinson— disse Danny — Um seu criado, Miss Robinson. Se puder fazer uma sugestão. — disse Mr. Jay — Por que não? — exclamou Danny.

— Há um cafezinho na Theobald's Road, quando se vira a esquina. Devem ter muito que conversar.

Era óbvio que os queria fora do seu escritório, mas Danny parecia não se importar com o que Mr. Jay queria. Ainda não aprendera a ser

deferente.

— O que acham, meninas? Preferem ficar aqui ou ir beber café?

— Vamos embora — disse Maisie.

Saíram do escritório e desceram as escadas. Maisie tinha muitas perguntas para fazer, mas conteve a sua curiosidade até se encontrarem instalados no café.

— O que você fez nos últimos sete anos? — perguntou ela, finalmente.

— Tenho andado a construir estradas-de-ferro — respondeu ele. — Acontece que cheguei lá num bom momento. A guerra havia terminado e começara a construção das vias férreas.

Precisavam tanto de trabalhadores que vinham buscar na Europa. Até mesmo um garoto magrelo de 14 anos conseguia arranjar trabalho. Trabalhei na primeira ponte de aço, em St.

Louis, sobre o rio Mississipi; depois fui para Utah. Era capataz aos 19 anos. é um trabalho para jovens. Entrei para o sindicato e liderei uma greve.

— Por que você voltou?

— Houve uma queda no mercado das ações. As empresas ficaram sem dinheiro e os bancos que as financiaram foram à falência. Há milhares de homens, centenas de milhares procurando por trabalho. Decidi voltar para casa e começar de novo.

— E o que vai fazer? Construir vias férreas?

— Não, tenho uma ideia nova. Já aconteceu duas vezes da minha vida ir por água abaixo por causa de uma crise financeira. As pessoas que têm bancos são as mais estúpidas do mundo.

Nunca aprendem, por isso tornam a cometer os mesmos erros, vezes sem conta. E são os trabalhadores que sofrem. Ninguém os apoia, ou apoiará. Têm que se ajudar uns aos outros.

— As pessoas nunca se ajudam — disse April. — É cada um por si. Temos que ser egoístas.

April dizia sempre aquilo, pensou Maisie, mas na prática era uma pessoa generosa e faria tudo para ajudar uma outra pessoa.

— Vou começar uma espécie de clube para os trabalhadores, disse Danny. — Pagarão seis centavos por semana e, se forem despedidos sem terem culpa, o clube vai lhes pagar uma libra por semana, enquanto procuram outro emprego.

Maisie olhou para o irmão com admiração. O plano era muito ambicioso — mas pensara o mesmo quando ele lhe dissera, aos treze anos: “Há um barco no cais que vai partir para Boston com a próxima maré. Vou subir por uma corda e esconder-me no convés dentro de um salva-vidas. — Dissera que tinha liderado uma greve”.

Parecia ter se transformado no tipo de pessoa que os outros homens seguiam.

— E os nossos pais? — perguntou ele. — Você tem estado em contato com eles?

Maisie abanou a cabeça e, para seu próprio espanto, começou a chorar. De repente, sentiu a dor de perder a sua família, uma dor que se recusara a reconhecer durante todos aqueles anos.

Danny pôs-lhe a mão no ombro.

— Vou até ao Norte ver se consigo localizá-los.

— Espero que você os encontre — disse Maisie. — Tenho muitas saudades deles. — Reparou no olhar atônito de April. Receio que tenham vergonha de mim.

— Porque haveriam de ter?

— Estou grávida.

— E não se casou? — perguntou ele, ficando vermelho.

— Não.

— Nem está para se casar?

— Não.

— Quem foi o porco? — perguntou ele irado.

— Poupe-me do espetáculo do irmão furioso, está bem? — pediu Maisie, erguendo a voz.

— Gostaria de lhe partir o pescoço.

— Cale-se, Danny! — exclamou ela, irritada. — Você me abandonou há sete anos e não tem nada que agir como se fosse meu dono. agora que voltou.

— Ele ficou abalado e ela prosseguiu, mais calmamente. — Não interessa quem foi! Ele teria casado comigo penso eu, mas eu não quis, por isso esquece. De qualquer modo: ele foi para a América.

— Se não fosse seu irmão, casava com você — disse Danny, já mais calmo. — Você é muito bonita, Não se preocupe, pode ficar com o pouco dinheiro que eu tenho.

— Não quero! — Estava sendo mal-agradecida, mas não podia evitar. — Não preciso que tomem conta de mim, Danny. Use o seu dinheiro no clube dos trabalhadores. Eu tomo conta de mim. Consegui fazê-lo quando tinha onze anos, por isso acho que também o consigo agora.

Micky Miranda e o pai estavam num pequeno restaurante no Soho, almoçando um ensopado de ostras, — o prato mais barato do cardápio e cerveja. O restaurante ficava a alguns minutos da Embaixada de Córdoba, em Portland Place, onde Micky se sentava todas as manhãs, durante uma ou duas horas, ocupando-se da correspondência do embaixador.

Naquele dia, já terminara o trabalho e encontrara-se com o Papai para almoçar. Estavam sentados frente a frente, em cadeiras de madeira. Havia serragem espalhada pelo chão e anos de gordura acumulada no teto baixo. Micky detestava comer nesse tipo de lugar, mas o fazia com frequência para poupar dinheiro.

Só ia comer no Clube Cowes quando era o Edward que pagava. Além disso, não era muito agradável levar o papá ao clube:

Micky tinha medo de que ele comesse a lutar, puxasse de uma arma ou cuspsisse para a alcatifa.

O papá limpou a tigela com um pedaço de pão, e depois a afastou.

— Tenho que explicar uma coisa — disse ele.

Micky pousou a colher.

— Preciso dos rifles para combater a família Delabarca. Quando os tiver destruído, vou me apoderar das suas minas de nitrato, que nos tornarão ricos.

Micky assentiu, em silêncio. Já tinha ouvido aquela história, mas não ousava dizer isso.

— As minas de nitrato são apenas o começo, o primeiro passo, — prosseguiu o papá. — Quando tivermos mais dinheiro, compraremos mais rifles. Alguns membros da nossa família se tornarão pessoas importantes na província.

Micky ficou alerta. Aquilo era novidade.

— O seu primo Jorge vai ser coronel do Exército. O seu irmão Paulo será o chefe da polícia de Santamaría.

Assim já pode ser um rufião profissional, em vez de um amador", pensou Micky.

— E eu serei o governador da província.

Governador! Micky nunca percebera que as aspirações do papá fossem tão elevadas.

Mas ainda não tinha acabado.

— Quando controlarmos a província olharemos para o país. Seremos adeptos fervorosos do presidente García. Você será o seu representante em Londres. O seu irmão talvez se torne ministro da justiça

Os seus tios serão generais. O seu meio-irmão Dominic, o padre, será o arcebispo de Palma.

Micky ficou estupefato: nunca soubera que tinha um meio-irmão. Contudo, não disse nada, para não interromper.

— E depois, quando chegar o momento propício, tomaremos o lugar da família Garcia.

— Quer dizer que vai tomar as rédeas do Governo? — perguntou Micky, de olhos esbugalhados. Estava pasmo com a audácia e a confiança do papá.

Sim. Daqui a vinte anos, meu filho, ou eu ou você seremos presidente de Córdoba.

Micky tentou digerir aquilo tudo. Córdoba tinha uma Constituição que defendia as eleições democráticas, mas ainda nenhuma tivera lugar. O presidente García chegara ao poder havia dez anos, graças a um golpe de Estado:

Anteriormente, tinha sido o comandante das Forças Armadas, sob o domínio do presidente Lopez, que havia liderado a revolta contra o domínio espanhol, na qual o Papai e os seus vaqueiros tinham combatido.

O Papai surpreendeu Micky com a subtileza da estratégia tornar-se um adepto fervoroso do atual dirigente e depois traí-lo. Mas qual era o seu papel naquela história? Tornar-se o embaixador de Córdoba em Londres. Já tomara as primeiras medidas, afastando Tonio Silva e ocupando o seu cargo. Teria de fazer o mesmo com o embaixador.

E depois? Se o seu pai fosse presidente, Micky poderia ser o ministro dos Negócios Estrangeiros e viajar pelo mundo como representante do seu país. Mas o Papai dissera que ele, Micky, poderia vir a ser o presidente — não o Paulo, não o tio Rico, mas ele.

Seria possível?

Por que não? Micky era esperto, implacável e bem relacionado: do que mais precisaria? A perspectiva de governar um país inteiro era

embriagante. Todo mundo se dobraria perante ele; as mulheres mais belas do mundo estariam à sua disposição, quer gostassem dele ou não.

Seria tão rico como os Pilaster.

Presidente — murmurou ele, sonhador. — Como me agrada!

O Papai estendeu o braço e lhe deu uma bofetada.

Tinha um braço forte e uma mão calosa, e o estalo abalou Micky. Gritou, chocado e dolorido, e levantou-se. A sua boca estava com sangue.

O restaurante ficou em silêncio e todos observavam o que se passava.

— Sente — ordenou o Papai

Micky obedeceu, devagar e com relutância.

O Papai debruçou-se sobre a mesa e agarrou-o pelas lapelas do casaco.

— Todo este plano foi colocado em risco porque você não conseguiu ser bem sucedido na simples tarefa que lhe foi atribuída! — exclamou ele, com escárnio.

Micky estava aterrorizado.

— Vai ter os seus rifles, Papai!

— Daqui a um mês é Primavera em Córdoba. Temos que nos apossar das minas dos Delabarca agora; no próximo ano será tarde demais. Reservei uma passagem num navio de carga com destino ao Panamá.

O capitão foi subornado para me deixar, juntamente com as armas, na costa atlântica de Santamaría. — O Papai levantou-se, puxando Micky, tendo-lhe rasgado a camisa com a força do seu aperto. Tinha o rosto inundado de ódio. — O navio parte daqui a cinco dias — e, numa voz que paralisou Micky de terror. — Agora saia daqui e me compre aquelas armas!

O fiel mordomo de Augusta Pilaster, Hastead, pegou no, sobretudo encharcado de Micky e o pendurou junto à lareira que ardia no vestíbulo. Micky não lhe agradeceu. Não gostavam um do outro. Hastead tinha ciúmes dos favoritos de Augusta e Micky desprezava-o por ser um bajulador. Além disso, nunca sabia para onde Hastead olhava e isso o enervava. Entrou na sala e encontrou Augusta sozinha. Pareceu contente por vê-lo. Segurou na mão dele.

— Você está tão frio! — exclamou.

— Atravessei o parque a pé.

— Tontinho, devia ter apanhado um fiacre.

Micky não tinha dinheiro para andar de fiacre, mas Augusta não sabia disso. Apertou a mão dele contra o seu peito e sorriu. Era como um convite sexual, mas agia como se estivesse apenas a esquentar os dedos gelados dele.

Ela agia muitas vezes daquela maneira quando estavam os dois a sós e Micky habitualmente gostava disso. Pegava na mão dele, tocava na sua coxa e ele tocava no braço dela e no ombro, olhando-a nos olhos. Falavam em voz baixa, como se fossem amantes, sem nunca reconhecerem que estavam a namorar. Ele achava aquilo excitante, assim como ela.

Mas naquele dia estava muito preocupado para entrar nessas brincadeiras.

— Como está o velho Seth? — indagou ele, esperando ouvir a notícia de um colapso repentino.

Ela reparou no seu estado e largou-lhe a mão, sem protestar, embora ficasse desapontada.

— Aproxime-se da lareira — disse ela, Sentou-se no sofá e deu uma palmadinha no lugar ao seu lado. — O Seth está muito melhor.

Micky sentiu um aperto no coração.

— Pode durar mais uns anos — continuou ela. Não conseguia ocultar a sua irritação.

Estava ansiosa para que o marido ocupasse aquele cargo. —

— Você sabe que ele agora está vivendo conosco. Pode ir visitá-lo depois que tomar um chá.

— Com certeza ele se vai afastar em breve, não é verdade? perguntou Micky. —

— Infelizmente, não há sinais de que isso venha a acontecer. Ainda esta manhã proibiu mais uma emissão de mais títulos ferroviários russos.

Deu-lhe uma palmadinha no joelho. —

— Seja paciente. O seu pai irá ter os rifles, um dia destes.

— Ele já não pode esperar muito mais — disse Micky com preocupação. — Vai partir na próxima semana.

— Então é por isso que você está tão tenso! — exclamou ela. — Pobre rapaz. Quem me dera poder fazer algo para ajudar. Se pudesse, já tinha feito.

— Você não conhece meu pai! Disse ele, sem conseguir ocultar o tom de desespero em sua voz. — Ele age civilizadamente na sua presença,



mas na realidade é um bárbaro. Deus sabe o que ele me fará se o decepcionar!

Ouviram vozes no vestibulo.

— Tenho que dizer uma coisa à você, antes dos outros entrarem — disse Augusta apressadamente. — Conheci David Middleton.

— O que disse ele?

— Foi muito educado, mas franco. Afirmou não acreditar que a verdade sobre a morte do irmão tenha aparecido, e perguntou se eu poderia coloca-lo em contato com o Hugh ou com o Tonio. Disse-lhe que estavam ambos no estrangeiro e que ele estava perdendo o seu tempo.

— Quem dera que pudéssemos resolver o problema do velho Seth como resolvemos esses dois! — disse Micky quando a porta se abriu.

Edward entrou com a irmã, Clementine. Ela parecia com a mãe, mas não tinha nem a mesma força de caráter nem a mesma sedução. Augusta serviu o chá. Micky conversou com Edward de modo desconexo acerca dos seus planos para aquela noite. Não haveria festas nem bailes em Setembro: a aristocracia ficaria fora de Londres até depois do Natal, e apenas os políticos e suas esposas estavam na cidade. Mas, havia bastante diversão para a classe média, e Edward tinha bilhetes para uma peça. Micky fingiu estar ansioso por acompanhá-lo, mas o seu pensamento vagava para o pai.

Hastead trouxe pãozinhos quentes com manteiga. Edward comeu vários, mas Micky não tinha apetite. Chegaram mais membros da família: o "Jovem" William, Madeleine, a irmã feia de Joseph, e o marido dela, o major Hartshorne, com a cicatriz na testa.

Todos falavam da crise financeira, mas Micky via que não estavam com medo: o velho Seth tinha previsto tal situação e assegurara-se de que o Banco Pilaster não seria afetado. Os títulos de alto risco haviam perdido valor — as ações egípcias, peruanas e turcas tinham desvalorizado por completo — mas os títulos do Governo inglês e as ações das ferrovias inglesas tinham apenas descido ligeiramente.

Foram visitar o velho Seth, um a um, e, quando regressaram, disseram maravilhas do seu estado de saúde. Micky esperou para ser o ultimo. Quando subiu eram cinco e meia.

Seth tinha sido instalado no antigo quarto de Hugh.

Havia uma enfermeira sentada do lado de fora, mantendo a porta aberta, para o caso dele querer alguma coisa.

Micky entrou e fechou a porta Encontrou Seth sentado na cama lendo The Economist. — Boa tarde, Mr. Pilaster — Saudou ele. — Como o senhor está se sentindo?

O velhote interrompeu a leitura do jornal com uma relutância óbvia.

— Estou muito bem, obrigado. Como está o seu pai?

— Impaciente por voltar para casa.

Micky observou aquele homem frágil nos lençóis brancos. A pele do seu rosto era translúcida e a curva do nariz dos Pilaster parecia mais afiada do que nunca, mas havia ainda uma inteligência imensa brilhando em seus olhos. olhos mantinham a Ele dava a impressão de que poderia viver e dirigir o banco por mais 10 anos Micky teve a sensação de que ouvia a voz do pai em seu ouvido, indagando: -Quem está em nosso caminho?

O velho estava fraco e indefeso, e no quarto encontrava-se apenas Micky.

Percebeu que tinha que matar o velho Seth.

A voz do pai dizia-lhe:-Faça isso agora!

Podia sufocar o velhote com uma almofada sem deixar pistas. Todos pensariam que morrera de morte natural.

O seu coração encheu-se de revolta e sentiu-se mal.

— O que se passa? — perguntou Seth. — Parece estar mais doente do que eu!

— Está bem instalado, sir? — perguntou Micky. — Deixe-me ajeitar seus travesseiros — Por favor, não se incomode, eles estão no lugar certo -

Mas Micky se aproximara e tirara um grande travesseiro de penas das costas dele.

Olhou para o velhote e hesitou.

O medo surgiu nos olhos de Seth, que abriu a boca para gritar.

Antes que pudesse articular qualquer som, Micky tapou-lhe o rosto com o travesseiro, ao mesmo tempo em que lhe empurrava a cabeça para baixo.

Infelizmente, os braços de Seth estavam fora das mantas e as suas mãos agarraram os braços de Micky com uma força surpreendente. Este olhou aterrorizado quando as garras envelhecidas agarraram as mangas do

seu casaco, mas continuou a sufocá-lo com toda a força. Seth agarrava desesperadamente os braços de Micky, mas este era mais forte.

Quando percebeu que falhara, Seth começou a chutar as pernas de Micky e a se contorcer.

Não conseguia se libertar, mas a velha cama de Hugh rangeu e Micky receou que a enfermeira pudesse ouvir e entrasse para ver o que se passava. A única solução que lhe ocorreu para evitar que o velho se mexesse foi deitar-se em cima dele, continuando a apertar o travesseiro. Aquilo era grotescamente parecido com uma cena de sexo com uma mulher contrariada pensou Micky, e reprimiu o sorriso que lhe aflorava aos lábios. Seth continuava a lutar, mas os seus movimentos eram contidos pelo peso de Micky e a cama deixou de ranger. Continuou a fazer pressão.

Finalmente, os movimentos cessaram. Manteve-se naquela posição o maior tempo que podia, para ter a certeza de que tudo tinha terminado; depois, com cuidado, levantou a almofada e observou o rosto pálido e calmo. Os olhos estavam fechados. Parecia que estava morto. Micky tinha que tentar ouvir o pulso. Baixou a cabeça, devagar e com receio, em direção ao peito de Seth.

De repente, os olhos dele abriram e ele aspirou profundamente.

Micky quase gritou de susto. Momento depois se recuperou e lhe tapou de novo o rosto com o travesseiro. Ele próprio tremia de medo e repulsa enquanto o pressionava; mas não houve mais resistência.

Sabia que tinha que manter o travesseiro durante mais alguns minutos, para ter a certeza de que o velho estava mesmo morto; mas estava preocupado com a enfermeira. Ela poderia estranhar o silêncio

Tinha que falar, para fingir que estava tudo normal. Mas não sabia o que dizer a um homem morto. "Fale qualquer coisa", ordenou a ele mesmo, "não importa o quê", contanto que ela escute um murmúrio de vozes. "

— Estou muito bem — murmurou ele Muito bem, muito bem. E como está o senhor? -

— Fico contente em saber que se sente bem, tão esplêndido, tão melhor!, (Oh Deus, não posso continuar com isso) esplêndido, esplêndido.

Não conseguia prosseguir Deixou de fazer peso sobre o travesseiro. Fazendo uma careta, colocou a mão no peito de Seth, na altura do coração. Havia alguns cabelos brancos esparsos na pele branca do velho. O corpo estava quente sob a camisa de dormir, mas não sentiu pulsações. "Será que

desta vez está morto mesmo?", pensou ele. Pareceu-lhe ouvir a voz do Papai, irritada e dizendo: -Sim idiota, ele está morto, agora saia daí!

Impaciente, deixando o travesseiro sobre o rosto, saiu de cima do corpo e levantou-se. Sentiu náuseas. Sentia-se fraco e quase desmaiando. Agarrou na cabeceira da cama para não cair. "Eu o matei" pensou, "Eu o matei."

Ouviu vozes no patamar. Olhou para o cadáver na cama. O travesseiro ainda tapava o rosto de Seth. Agarrou-o. Os olhos do velho estavam abertos e fixos num ponto.

A porta abriu-se.

Augusta entrou.

Ficou na entrada, olhando para a cama desarrumada, para o rosto de Seth, para os olhos arregalados, e para o travesseiro nas mãos de Micky.

O sangue desapareceu do seu rosto.

Micky olhou para ela, calado e indefeso, esperando que ela dissesse alguma coisa.

Ela ficou ali, olhando alternadamente para Micky e para Seth.

Em seguida, fechou a porta, devagar e sem ruído, tirou o travesseiro das mãos de Micky.

Ergueu a cabeça inerte de Seth e pousou-a no travesseiro. Depois endireitou os lençóis.

Apanhou o Economist do chão, colocou-o no peito de Seth e juntou as mãos dele em volta do jornal para parecer que ele tinha adormecido enquanto lia. Depois, fechou-lhe os olhos.

Aproximou-se de Micky.

— Você está tremendo! — disse ela, pondo as mãos em volta do rosto dele e beijando-o na boca.

Durante uns momentos ele ficou muito assustado para poder reagir. Em seguida, o terror foi rapidamente substituído pelo desejo. Abraçou-a, sentindo o peito dela no seu. Ela abriu a boca e as suas línguas se encontraram. Micky agarrou-lhe os seios com ambas as mãos e apertou-os. Ela arquejou. Ele ficou com ereção. Augusta começou a esfregar a sua pélvis contra a dele, roçando-se no pênis duro. Estavam os dois ofegantes. Agarrou na mão dele e mordeu para não gritar. Fechou os olhos e estremeceu.

Ele compreendeu que ela estava gozando e sentiu-se tão inflamado, que rapidamente chegou ao orgasmo.

Tinha demorado apenas alguns minutos. Ficaram abraçados mais algum tempo, ofegando.

Micky estava demasiado perplexo para poder pensar.

Quando Augusta voltou a respirar normalmente, afastou-se imediatamente — Augusta.

— Trate-me de Mrs Pilaster.

— Está bem.

— Isto nunca aconteceu! — disse ela num murmúrio feroz. — Entende? Isto nunca aconteceu!

— Está bem — anuiu ele novamente.

Ela alisou a frente do vestido e ajeitou o cabelo. Ele observou-a sem se mexer, imobilizado pela força daquela vontade. Augusta virou e dirigiu-se para a porta. Com um gesto automático, ele abriu a porta para ela passar e saiu também do quarto.

A enfermeira olhou para eles com uma expressão interrogativa.

Augusta levou o dedo aos lábios, em sinal de silêncio.

— Ele acabou de adormecer — informou ela, calmamente.

Micky estava atônito com a sua frieza.

— É o melhor para ele — disse a enfermeira. — Vou deixá-lo em paz por uma hora.

Augusta anuiu.

— Eu deixaria, se fosse a senhora. Ele está muito confortável, acredite.

## PARTE DOIS

1879

### CAPITULO I

#### JANEIRO

Hugh regressou a Londres após seis anos.

Durante esse período, os Pilasters tinham duplicado a sua fortuna e Hugh fora parcialmente responsável por isso

Tinha-se saído muitíssimo bem em Boston, melhor do que poderia ter sonhado. O comércio transatlântico desenvolvera-se muito rapidamente, após os Estados Unidos terem saído da guerra civil, e Hugh fizera com que o Banco Pilasters financiasse uma grande parcela desse negócio.

Em seguida, convencera os sócios a uma série de emissões lucrativas de títulos e ações norte-americanas. Depois da guerra, o governo e as empresas precisavam de recursos, e o banco Pilasters se encarregou de levantar o dinheiro necessário.

Finalmente, tomara-se um grande conhecedor do caótico mercado de ações de ferrovias, determinando quais delas fariam fortuna e quais não passariam da primeira cordilheira.

Tio Joseph estava bastante apreensivo no início, lembrando do craque de Nova Iorque em 1873; mas Hugh herdara o conservadorismo ansioso dos Pilasters e apenas recomendara ações de excelente qualidade, evitando escrupulosamente tudo o que cheirasse a especulação duvidosa; e o seu julgamento, sempre fora procedente. Agora, o Pilasters era o líder mundial no levantamento de capital para o desenvolvimento industrial da América do Norte.

Hugh ganhava mil libras por ano e sabia que valia mais.

Quando desembarcou em Liverpool foi recebido no cais pelo escriturário-chefe da sucursal local do Pilasters, um homem com quem trocara telegramas pelo menos uma vez por semana, desde que fora para Boston. Nunca haviam se encontrado pessoalmente.

— Meu Deus, nunca pensei que fosse tão jovem, sir! — exclamou o escriturário quando se encontraram,

Aquilo agradou a Hugh, pois nessa manhã encontrara no seu cabelo preto, um fio prateado. Tinha 26 anos de idade.

Ele seguiu de trem para Folkestone, sem fazer escala em Londres. Os sócios do Banco Pilasters talvez achassem que ele deveria vê-los em primeiro lugar, antes de procurar a mãe mas ele não pensava assim: Ele lhes dera os últimos seis anos da sua vida e devia à mãe pelo menos um dia.

Achou-a mais bela do que nunca, mas ainda vestindo preto em memória do pai. A sua irmã, Doty, agora com doze anos, mal se lembrava dele e se mostrou tímida até que ele a sentou em seus joelhos e lembrou como ela dobrara de qualquer jeito as suas camisas. Pediu à mãe que se mudasse para uma casa maior: poderia perfeitamente pagar o aluguel sem dificuldades. Ela recusou, dizendo-lhe que poupasse o dinheiro e juntasse o seu capital.

No entanto, conseguiu convencê-la a contratar mais uma empregada, para ajudar Mrs. Builth, a governanta, já de idade bastante avançada.

No dia seguinte, partiu para Londres pela Chatham e Dover Railway e desembarcou na estação de Holborn. Um imenso hotel tinha sido construído junto à ela, por pessoas que achavam que Holborn ia ser uma movimentada escala para Nice ou São Petersburgo. Hugh não teria investido dinheiro nenhum nesse empreendimento; em sua opinião, a estação seria usada por pessoas que trabalhavam na City e que residiam nos subúrbios em expansão a sudeste de Londres.

Era uma bela manhã de Primavera. Foi a pé até ao banco. Esquecera o ar enfumaçado de Londres, muito pior do que o de Boston ou de Nova Iorque. Parou por alguns momentos na porta do banco, olhando para a sua grandiosa fachada.

Dissera aos sócios que queria voltar para casa de férias, para rever a mãe, a irmã e o país.

Mas tinha outro motivo para regressar a Londres.

A notícia iria cair como uma bomba.

Viera propor a fusão da operação norte-americana do Pilasters com um banco de Nova York, o Madler and Bell, formando uma nova sociedade que passaria a ser chamada Madler, Bell and Pilaster Proporcional muito dinheiro ao banco, coroar as suas realizações nos Estados Unidos e permitiria seu retorno a Londres, passando de agente a tomador de decisões.

Representaria o fim de seu período de exílio

Endireitou nervosamente a gravata e entrou.

O salão do banco, que anos atrás o impressionara tão vivamente, com o chão de mármore e os "pomposos mensageiros", agora parecia apenas sóbrio. Quando começava a subir as escadas encontrou Jonas Mulberry, o seu antigo chefe.

Mulberry se mostrou surpreso e satisfeito ao vê-lo.

Mr. Hugh! — exclamou ele, com um vigoroso aperto de mão. — Voltou em caráter permanente?

— Espero que sim. Como está Mrs. Mulberry?

— Muito bem, obrigado.

— Transmita-lhe os meus respeitos. E as suas três crianças?

— Agora já são cinco. Todos com boa saúde, graças a Deus!

Hugh lembrou-se que o escrivão chefe talvez pudesse lhe tirar uma dúvida.

— Mulberry, você já trabalhava aqui quando Mr. Joseph tornou-se sócio?

— Tinha acabado de entrar. Isso foi há vinte e cinco anos, a completar em junho — Então Mr. Joseph devia ter...

— Vinte e nove anos.

— Obrigado.

Subiu até à sala dos sócios, bateu à porta e entrou. Estavam ali os quatro: o tio Joseph, sentado à secretária do sócio Sênior, parecia mais velho e mais calvo, mais como o velho Seth o marido da Tia Madeleine, major Hartshorne, o nariz se tornando vermelho para combinar com a cicatriz na testa, lendo The Times ao lado do fogo; Tio Samuel, muito bem vestido, como sempre, num fraque cinza— Escuro trespessado, um colete cinza pérola, o rosto franzido sobre um contrato ; e o sócio mais novo, o "Jovem"

William, agora com trinta e um anos, sentado na sua secretaria a escrever umas notas.

Samuel foi o primeiro a cumprimentar Hugh.

— Meu querido rapaz! — exclamou, levantando-se e apertando-lhe a mão. — Você está com ótimo aspecto!

Hugh apertou a mão de todos e aceitou um cálice de xerez. Olhou em volta para os retratos dos antigos sócios seniores. — Há seis anos, nesta sala, vendi a Sir John Cammel, ações no valor de cem mil libras — disse ele, recordando.



— E verdade — anuiu Samuel.

— A comissão dos Pilaster nessa venda, a cinco por cento, ainda é maior do que aquilo que recebi durante os oito anos em que trabalhei para o banco — disse ele com um sorriso.

— Espero que você não esteja pedindo um aumento — retorquiu Joseph, mal-humorado.-

Você é o empregado mais bem pago da firma.

— Com exceção dos sócios.

— Obviamente — respondeu ele com aspereza.

Hugh percebeu que tinha começado mal. "É muito ambicioso como sempre" disse para si mesmo.

— Não estou pedindo um aumento. No entanto, tenho uma proposta a fazer aos sócios.

— É melhor se sentar e nos contar o que é — disse Samuel.

Hugh pousou o copo ainda sem ter provado a bebida e organizou os pensamentos. Queria desesperadamente que concordassem com sua proposta. Era ao mesmo tempo a culminação e a prova do seu triunfo sobre a adversidade. Traria mais negócios para o banco de uma só vez do que a maioria dos sócios podia atrair em um ano.

E se concordassem, eles se sentiriam mais ou menos obrigados a tornarem— No sócio.

— Boston deixou de ser o centro financeiro dos Estados Unidos— Começou ele -Foi substituído por Nova Iorque. Devemos transferir nosso escritório para lá Mas há um obstáculo. Muitos dos negócios que realizei nos últimos 6 anos foram em conjunto com um estabelecimento de Nova Iorque, o Madler and Bell. Sidney Madler, de certa forma, me tomou sob sua proteção quando eu era inexperiente. Se nos mudássemos para Nova Iorque, entraríamos em competição com eles.

— Não há nada de errado na competição, desde que seja saudável — filosofou o major Hartshornee. Raramente acrescentava algo útil a uma conversa, mas em vez de ficar calado, afirmava o óbvio em forma de dogma.

— Talvez, mas tenho uma ideia melhor. Por que não fundimos o nosso setor americano com a Madler and Bell?

— Fundirmos? — perguntou Hartshornee. — O que você quer dizer com isso?

— Uma fusão comercial. Podem chamá-la de Madler, Bell and Pilaster. Teria delegações em Boston e Nova Iorque.

— E como funcionaria?

— A nova empresa cuidaria de todo financiamento de importações e exportações que no momento efetuam em separado, e os lucros seriam divididos. O Pilaster poderia participar de todos os novos lançamentos de títulos e ações negociados pelo Madler and Bell.

Eu cuidaria dessas atividades de Londres.

— Não me agrada — disse Joseph. — Isso significa entregar o nosso negócio a outras pessoas.

— Mas ainda não ouviu o melhor — continuou Hugh. — Todos os negócios, a nível europeu, da Madler and Bell, atualmente distribuídos por vários agentes em Londres, seriam entregues ao Pilaster.

— Isso deve somar. — resmungou Joseph, surpreendido.

— Mais de cinquenta mil libras de comissões por ano.

— Meu Deus! — exclamou Hartshornee.

Estavam todos perplexos. Nunca tinham feito sociedade com ninguém e não esperavam uma proposta tão inovadora por parte de alguém que nem sequer era sócio. Mas a perspectiva de cinquenta mil libras por ano em comissões era irresistível.

— Claro que você já discutiu este assunto com eles — disse Samuel.

— Sim. O Madler está muito interessado, bem como o sócio, John James Bell.

— E você supervisionaria a sociedade a partir de Londres — acrescentou o "Jovem"

William,

Hugh percebeu que este o encarava como um rival que era menos perigoso a uns milhares de quilômetros de distância.

— Por que não? — perguntou. — Afinal, é em Londres que se levanta o dinheiro!

— E qual seria a sua posição?

Era uma pergunta a que Hugh preferia não ter que responder tão cedo. William a fizera com astúcia para embaraçá-lo. Agora, não tinha como se esquivar.

— Acho que Mr. Madler e Mr. Bell esperariam negociar com um sócio.

— Você é muito novo para ser sócio — disse Joseph imediatamente.

— Tenho vinte seis anos, tio — retorquiu Hugh. — O senhor foi eleito sócio com vinte e nove. — Três anos são uma grande diferença.

— E cinquenta mil libras é muito dinheiro.

Hugh compreendeu que se mostrava muito petulante, como geralmente tendia a ser, e decidiu acalmar-se. Sabia que se os colocasse numa posição desconfortável, eles diriam imediatamente que não, por mero conservadorismo.

— Mas há muita coisa a ser considerada. Sei que querem discutir o assunto. Não seria melhor eu me retirar?

Samuel respondeu-lhe com um aceno de cabeça e Hugh dirigiu-se para a porta.

Antes da sua saída, Samuel disse:

— Quer isto seja aprovado ou não, Hugh — disse o tio — temos que lhe dar os parabéns pela proposta empreendedora. Creio que todos somos dessa opinião.

Olhou inquisidoramente para os sócios e todos assentiram.

— É verdade, é verdade — murmurou Joseph.

Hugh não sabia se devia sentir-se frustrado, por não terem aceito o seu plano, ou contente, por não o terem recusado de imediato. Tinha uma sensação de anticlímax bastante desanimadora. Mas não podia fazer mais nada.

— Obrigado — disse, e saiu.

Às quatro da tarde desse mesmo dia ele parou em frente da casa enorme e rebuscada de Augusta, Kensington Gore.

Seis anos de poluição londrina tinham enegrecido o tijolo vermelho e manchado a pedra branca, mas ainda se viam as estátuas dos animais, com o navio de velas enfunadas no Ápice. E ainda dizem que os americanos são ostentosos! Pensou Hugh.

Pelas cartas da mãe, ele sabia que Joseph e Augusta haviam gastado uma parte de sua crescente fortuna com duas outras propriedades, um castelo na Escócia e uma mansão rural em Buckinghamshire.

Augusta pensara em vender a casa em Kensington e comprar uma mansão em Mayfair, mas Joseph resistira: gostava daquele lugar.

Era uma casa relativamente nova quando Hugh partira, mas ainda lhe trazia muitas recordações. Sofrera ali a perseguição de Augusta,

cortegara Florence Stalworthy, socara o nariz de Edward e fizera amor com Maisie Robinson. A lembrança de Maisie era a mais pungente. Não era tanto a humilhação e vergonha que ele recordava, mas sim a paixão e emoção. Não vira nem tivera notícias de Maisie desde aquela noite, mas ainda pensava nela todos os dias de sua vida.

A família lembraria o escândalo pelo relato de Augusta: como o filho depravado de Tobias Pilaster levava uma prostituta para casa, e ao ser surpreendido agredira covardemente o pobre e indefeso Edward. Que assim fosse. Podiam pensar o que bem quisessem, mas tinham de reconhecê-lo como um Pilaster e um banqueiro, e muito em breve, com um pouco de sorte, seriam obrigados a promovê-lo a sócio.

Ele se perguntou até que ponto a família teria mudado em seis anos. Sua mãe o mantivera a par dos eventos domésticos em cartas mensais. Sua prima Clementine ficara noiva e estava prestes a casar; Edward não, apesar dos esforços de Augusta,; o Jovem William e Beatrice haviam tido uma filha.

Mas a mãe não relatara as mudanças mais profundas. Tio Samuel ainda vivia com seu “secretário”? Augusta continuava impiedosa como antes ou abrandara com a idade? Edward se tornara mais sóbrio e assentara? Micky Miranda finalmente casara com uma das moças que se apaixonavam por ele em cada temporada?

Era tempo de enfrentar a todos. Hugh atravessou a rua e bateu na porta. Foi aberta por Hastead, o untuoso mordomo de Augusta. Ele não parecia ter mudado: os olhos ainda se fixavam em direções diferentes.

— Boa tarde, Mr. Hugh.

O sotaque galês era gelado, indicando que Hugh ainda se encontrava em desfavor naquela casa. Sempre se podia contar que a recepção de Hastead refletia o que Augusta pensava.

Hugh passou pelo vestíbulo e deparou com um comitê de recepção, as três megeras da família Pilaster: Augusta, a cunhada Madeleine e a filha Clementine. Aos 47 anos, Augusta continuava tão bonita quanto antes: ainda possuía um rosto clássico, com sobrancelhas escuras, um olhar orgulhoso, e se engordara um pouco nos últimos 6 anos, tinha altura suficiente para isso. Clementine era uma edição mais fina do mesmo livro, mas não exibia o ar indômito da mãe, carecia da mesma atração. Tia Madeleine era uma Pilaster da cabeça aos pés, desde o nariz curvado para

baixo, passando pelo corpo magro e anguloso, até a renda cara na bainha do vestido azul.

Hugh rangeu os dentes e beijou a todas.

— Posso presumir que sua experiência no exterior o tenha transformado num jovem mais sensato do que era, Hugh?— indagou Augusta

Ela não deixaria ninguém esquecer que Hugh partira em circunstâncias condenáveis.

— Espero que todos nós tenhamos nos tornado mais sábios com a idade, minha cara tia— respondeu ele, tendo a satisfação de ver o rosto de Augusta se contrair de raiva -Tem toda a razão!— disse ela, a voz gelada.

Clementine interveio:

— Hugh, permita que lhe apresente meu noivo, Sir Harry Tonks.

Trocaram um aperto de mão. Harry era jovem demais para ter sido contemplado com o título de cavaleiro, e por isso o “Sir” devia significar que era um baronete, uma espécie de aristocracia de segunda classe. Hugh não o invejava por casar com Clementine. Ela não chegava a ser tão ruim quanto a mãe, mas sempre tivera uma veia de mesquinhez.

— Como foi sua travessia? — perguntou Harry

— Muito rápida — respondeu Hugh — viajei num dos novos vapores de hélice. Levou apenas sete dias.

— Mas isso é incrível!

— De que parte da Inglaterra é, Sir Harry? Indagou Hugh, sondando os antecedentes do homem.

— Tenho uma propriedade em Dorsetshire. A maioria dos meus arrendatários, cultiva lúpulo.

A pequena aristocracia rural, concluiu Hugh; se ele tivesse algum bom senso, venderia a propriedade e investiria o dinheiro no Banco Pilasters. Na verdade, Harry não parecia primar pela inteligência, mas podia ser dócil. As mulheres Pilasters gostavam de casar com homens que fizessem o que elas mandassem, e Harry era uma versão mais jovem de George, o marido de Madeleine. Ao se tornarem mais velhos, ficavam rabugentos e ressentidos, mas raramente se rebelavam.

— Vamos para a sala de estar, ordenou Augusta. — Todos esperam para vê-lo.

Hugh seguiu-a, mas encostou na porta. A vasta sala familiar, com enormes lareiras nas extremidades, portas de vidro dando para o jardim,

mudara bastante. Todos os móveis e tecidos japoneses haviam desaparecido, e a sala fora redecorada numa profusão de padrões ousados de cores vivas. Olhando mais atentamente, Hugh percebeu que eram todos de flores enormes margaridas amarelas no tapete, rosas vermelhas subindo por uma treliça no papel de parede, papoulas nas cortinas, crisântemos cor-de-rosa na seda que encobria as pernas das cadeiras, espelhos mesas e o piano.

— Mudou a sala, Tia — disse ele, desnecessariamente.

— Veio tudo da nova loja de William Morris, em Oxford Street — informou Clementine. — É a última moda.

— Mas temos que mudar o tapete. A cor não é a melhor — acrescentou Augusta.

"Ela nunca estava satisfeita," lembrou-se Hugh.

Encontrava-se ali a maior parte da família. Estavam todos curiosos para ver Hugh, claro, Partira em desgraça e talvez tivessem pensado que nunca mais tornariam a vê-lo. — mas tinham— No subestimado, e ele regressara transformado num herói conquistador. Agora, todos se mostravam ansiosos em avaliá-lo melhor

A primeira pessoa a cumprimentá-lo foi Edward. Tinha vinte e nove anos, mas parecia mais velho: estava ficando gordo e tinha o rosto corado de um glutão — Então você voltou — disse ele tentando sorrir, mas a expressão foi de desdém ressentido.

Hugh não podia culpa-lo. Os dois primos sempre tinham sido comparados. Agora o sucesso de Hugh chamava a atenção para a falta de empreendimento de Edward no banco.

Micky Miranda estava junto a Edward. Ainda bonito e imaculadamente vestido, Micky parecia ainda mais cínico e seguro de si.

— Olá, Miranda! Ainda trabalha para o embaixador de Córdoba? — perguntou Hugh.

— Eu sou o embaixador de Córdoba — foi a resposta.

Hugh não ficou surpreso. Ficou contente em encontrar a sua velha amiga Rachel Bodwin. — Olá, Rachel, Como tem passado? — Ela nunca fora uma moça bonita, mas estava se transformando numa mulher atraente, constatou Hugh. Tinha feições angulosas e olhos muito juntos, mas o que parecera feio seis anos antes era agora estranhamente fascinante.

— Estou tentando alterar a lei do direito de propriedade das mulheres — respondeu. Depois acrescentou, com um sorriso: — Para grande desagrado dos meus pais, que preferiam me ver tentar arranjar marido.

Sempre foi franca, lembrou-se Hugh. Era por esse motivo que a considerava interessante, embora pudesse imaginar que a maior parte dos homens solteiros se sentia intimidada por causa dela. Preferiam que as mulheres fossem tímidas e pouco inteligentes.

Enquanto conversavam, interrogou-se se Augusta ainda gostaria de vê-los casados. Mas isso pouco importava: o único homem por quem Rachel mostrara algum interesse fora por Micky Miranda. Mesmo agora tinha a preocupação de o incluir na sua conversa com Hugh. Este nunca percebera porque é que as mulheres achavam Micky irresistível, e Rachel intrigava-o, porque era suficientemente inteligente para perceber que ele não prestava; no entanto, era como se isso a fascinasse ainda mais. Cumprimentou o "Jovem" William e a mulher. Beatrice saudou-o de modo bastante afável, e ele concluiu que ela não deveria estar tanto sob a influência da tia como as outras mulheres da família.

Hastead interrompeu-os para entregar um envelope a Hugh.

— Foi entregue por um mensageiro — esclareceu ele.

Continha uma folha na qual estava um tipo de letra que Hugh calculou pertencer a um secretário:

*Piccadilly 123*

*Londres W.*

*Terça-feira*

*Mrs. Solomon Greensbourne solicita o prazer de sua companhia no jantar esta noite.*

Embaixo, nuns rabiscos familiares, lia-se:

*Seja bem-vindo de volta!*

*Solly*

Ficou contente, Solly era sempre amável e despreocupado.

"Porque os Pilaster não são assim, descontraídos?", pensou ele. Seriam os Metodistas naturalmente mais tensos que os judeus? Mas talvez a família Greenbourne tivesse conflitos que desconhecesse.

— O mensageiro está à espera de uma resposta, Mr. Hugh — disse Hastead.

— Mande os meus cumprimentos a Mrs. Greenbourne e diga que terei todo o gosto em fazer-lhe companhia ao jantar.

Hastead fez uma reverência e retirou-se.

— Meu Deus! Você vai jantar com os Solomon Greenbourne? Que maravilha! — exclamou Beatrice.

— Não estou esperando que seja maravilhoso — disse Hugh surpreso. — Estudei com Solly no colégio e sempre gostei dele. mas um convite para jantar com ele nunca foi um privilégio

— Mas agora, é — disse Beatrice.-

Solly casou com uma mulher extraordinária— Explicou William. — Mrs Greensbourne adora receber, e as suas festas são as melhores de Londres — Fazem parte do grupo de Marlborough — afirmou Beatrice, reverentemente. — São amigos do príncipe de Gales.

O noivo de Clementine, Harry, ouviu isto. — Não sei o que vai ser da sociedade inglesa — disse ele ressentido —, se os seus governantes preferem os judeus aos cristãos.

Sério? — perguntou Hugh. — Nunca entendi muito bem porque é que as pessoas não gostam dos judeus.

— Eu próprio não os suporto — acrescentou Harry.

— Bem, vai entrar numa família de banqueiros, por isso, no futuro, terá que se encontrar com muitos

Harry pareceu ofendido.

— Augusta não gosta nada do grupo de Marlborough, judeus ou não — disse William. —

Parece que a moral dessas pessoas não é a melhor.

— E aposto que eles não a convidam para as festas — disse Hugh. Beatrice riu-se.

— Claro que não! — confirmou William.

— Bem, estou desejoso para conhecer Mrs. Greenbourne.

Piccadilly era uma rua com vários palacetes. Estava bastante movimentada às oito horas de uma noite gelada de janeiro, um frenesi de carruagens, os passeios iluminados abarrotados de homens vestidos como Hugh, de gravata branca e aba de grilo, mulheres com vestidos de veludo e casacos de peles, prostitutas e homossexuais.

Hugh percorreu a rua imerso nos seus pensamentos. Augusta fora tão antipática como sempre. Tivera a secreta esperança de que talvez ela



estivesse mais mansa, mas tal não acontecera. E como ainda era a matriarca, tê-la como inimiga iria lhe trazer bastante desvantagens.

A situação no banco melhorara. Os negócios obrigavam os homens a serem mais objetivos. Claro que Augusta tentaria impedir que ele subisse, mas tinha maiores possibilidades de se defender nesse território. Ela sabia como manipular as pessoas, mas não entendia nada de bancos.

Em retrospectiva, o dia até nem correria mal e estava ansioso por uma noite calma com os amigos.

Quando Hugh partira para a América, Solly vivia com o pai, Ben, numa casa enorme diante do Green Park. Agora Solly tinha uma casa sua, perto da do pai e não muito menor.

Hugh passou de uma entrada imponente para um grande vestíbulo em mármore verde, e parou para admirar a extravagante escadaria de mármore preto e laranja. Mrs. Greenbourne tinha algo em comum com Augusta; nenhuma das duas apreciava coisas discretas.

No vestíbulo estavam o mordomo e dois criados. O primeiro pegou o chapéu de Hugh, apenas para o entregar a um dos criados; depois o segundo criado levou-o para o andar de cima. No patamar, lançou uma olhadela através de uma porta aberta e viu o chão polido de um salão de baile, com uma longa fileira de janelas com cortinados e, em seguida, foi levado para uma sala de estar.

Hugh não era nenhum perito em decoração, mas reconheceu imediatamente o estilo Luís XIV, belo e extravagante. O teto ostentava uma miríade de moldes em gesso, as paredes tinham inseridos painéis com papel de parede, e todas as mesas e cadeiras tinham pernas finas e douradas que pareciam que iriam quebrar a qualquer momento. Predominava o amarelo, o laranja-avermelhado, o dourado e o verde. Hugh calculava que as pessoas afetadas considerariam aquilo de bastante mau gosto, escondendo a inveja sob uma capa de desagrado.

De fato, havia ali qualquer coisa de sensual.

Os convidados que tinham chegado primeiro estavam de pé, bebendo champanhe e fumando. Aquilo era novidade para Hugh: nunca vira ninguém fumando numa sala de estar.

Solly viu-o e, afastando-se de um grupo de pessoas sorridentes, aproximou-se.

— Que bom você ter vindo, Pilaster! Como é que vai?

Hugh percebeu que Solly estava um pouco mais extrovertido. Continuava gordo e usando óculos, e já estava com uma mancha no colete, mas estava mais alegre do que nunca e, pressentiu Hugh, também mais feliz.

— Estou muito bem, Greenbourne, obrigado.

— Eu sabia! Tenho observado os seus progressos. Quem dera que o meu banco tivesse pessoas como você na América. Espero que os Pilaster estejam lhe pagando, uma fortuna. Você merece!

— E você se tornou uma pessoa da alta sociedade, pelo que se diz.

— Não foi obra minha. Eu me casei, você sabe. Virou-se e bateu no ombro nu e branco de uma mulher pequena, com um vestido esverdeado. Estava virada para o outro lado, mas as suas costas eram estranhamente familiares e Hugh teve uma sensação de déjà vu que o entristeceu bastante.

— Minha querida, você se lembra do meu velho amigo Hugh Pilaster?

Ela continuou virada durante alguns momentos, terminando a conversa.

"Por que é que fico sem fôlego ao olhar para ela?", perguntou-se Hugh. Depois virou muito lentamente, como uma porta a abrir-se para o passado e o coração de Hugh parou quando lhe viu o rosto.

— Claro que me lembro dele — disse ela. — Como está, Mr. Pilaster?

Hugh olhou embasbacado para a mulher que se tomara Mrs. Solomon Greenbourne.

Era Maisie.

Augusta estava sentada em frente ao toucador colocando o colar de pérolas que sempre usava nas festas. Era a sua joia mais cara. Os Metodistas não gostavam de ornamentos caros e o seu marido, parcimonioso, utilizava essa desculpa para não comprar.

Gostaria de tê-la impedido de redecorar a casa com tanta frequência, mas ela o fazia sem o consultar: se fossem fazer coisas de acordo com vontade dele, era bem capaz de terem que viver como os escrivães do banco. Aceitara a redecação com um resmungo, insistindo apenas para que ela deixasse o seu quarto tal como estava. Tirou do guarda-joias o anel que Strang lhe oferecera há trinta anos. Tinha a forma de uma serpente, com o corpo em ouro, a cabeça em diamante e os

olhos em rubi. Colocou-ono dedo e, tal como fizera milhares de vezes, apertou a cabeça da cobra contra os lábios, recordando.

"Devolve o anel e tente esquecê-lo", dissera a mãe. "Já devolvi e vou esquecê-lo", respondera Augusta com dezesseis anos.

Mas era mentira. Mantinha o anel escondido na capa de sua Bíblia e nunca esquecera Strang.

Já que não podia ter o seu amor, todas as coisas que ele poderia ter dado seriam suas algum dia.

Nunca seria a condessa de Strang. Aceitara isso havia muitos anos. Mas estava determinada a ter um título nobiliárquico. E uma vez que Joseph não possuía nenhum, ela tinha que arranjar.

Pensara sobre o problema durante anos, estudando os mecanismos através dos quais os homens recebem títulos, e passara muitas noites sem dormir meditando sobre o seu plano.

Agora estava pronta e era a hora indicada. Começaria nessa noite a sua campanha, durante o jantar. Entre os convidados estavam três pessoas que teriam um papel fundamental na obtenção do título de conde para Joseph. "Podia tornar-se conde de Whitehaven", pensou ela.

Whitehaven era o nome do porto onde a família Pilaster começara os seus negócios, havia quatro gerações. O bisavô de Joseph, Amos Pilaster, fizera fortuna numa aposta lendária, tendo colocado todo o seu dinheiro num navio de escravos. Mas entrara num negócio menos rentável, comprando sarja e chita estampada da indústria têxtil de Lanchashire e embarcando-as para as Américas. A casa de Londres já se chamava Casa Whitehaven, em homenagem ao local de nascimento do negócio. Augusta seria a condessa de Whitehaven, se os seus planos funcionassem.

Imaginou-se entrando numa grande sala de estar com o marido enquanto um mordomo anunciava: "O conde e a condessa de Whitehaven", e sorriu com a ideia. Viu Joseph fazer o seu discurso de estreia na Câmara dos Lordes, acerca de um assunto ligado à alta finança, enquanto os outros pares o escutavam com uma atenção respeitosa. Os comerciantes chamariam Augusta de "Lady Whitehaven" em vozes audíveis e as pessoas se voltariam para ver quem era.

No entanto, queria aquilo para Edward acima de tudo. Um dia herdaria o título do pai, mas entretanto podia mandar colocar no seu cartão-de-visita "O Conde. Edward Pilaster" I.

Sabia exatamente o que fazer, mas mesmo assim sentia-se pouco à vontade. Obter um título nobiliárquico não era como comprar um tapete — não se podia ir ter com o fornecedor e dizer: "Quero aquele. Quanto custa?" Tudo tinha que ser feito com cuidado.

Esta noite não poderia hesitar. Se desse um passo em falso, os planos cuidadosos falhariam rapidamente. Se interpretasse mal as pessoas estaria condenada.

Uma criada bateu à porta.

— Mr. Hobbes acabou de chegar, minha senhora.

"Em breve vai ter de me chamar "senhora condessa", pensou ela. Guardou o anel de Strang, levantou-se e passou pela porta de comunicação, entrando no quarto do marido, que já estava vestido para o jantar, sentado junto à vitrine— das suas caixas de rapé, observando uma junto ao lampião. Augusta pensou se deveria lhe falar de Hugh.

Este continuava a ser um empecilho. Há seis anos pensara que havia se livrado para sempre do sobrinho, mas aí estava ele de novo, ameaçando ultrapassar Edward. Falava-se na hipótese dele se tornar sócio do banco. Augusta não poderia suportar isso. Estava determinada a fazer com que Edward fosse um dia sócio majoritário e não permitiria que Hugh lhe passasse à frente.

Teria razão em se preocupar tanto? Talvez fosse melhor deixar Hugh dirigir o negócio.

Edward poderia se dedicar a outras coisas, por exemplo, à política. Mas o banco era o coração da família.

As pessoas que o abandonavam, tal como o pai de Hugh, Tobias, nunca chegavam a ser alguém. Era no banco que o dinheiro se fazia e onde se exercia o poder. Os Pilaster podiam destronar um monarca, recusando-lhe um empréstimo: poucos políticos tinham essa capacidade. Era terrível pensar em Hugh como sócio majoritário, falando com embaixadores, tomando café com o ministro da Fazenda e ocupando o lugar principal nas festas da família, mandando em Augusta e nos familiares restantes. Mas desta vez ia ser difícil livrar-se de Hugh. Estava mais velho e mais esperto, e já estabelecera a sua posição no banco. O pobre rapaz tinha se cansado de trabalhar durante seis anos para limpar a sua reputação. Seria ela capaz de a arruinar de novo?

Contudo, aquele não era o momento certo para falar com o marido sobre Hugh. Queria que ele estivesse bem-disposto para o jantar.

— Não precisa descer já — disse ela. — Só chegou o Arnold Hobbes.

— Muito bem, se você não se importar. — respondeu ele.

Dava-lhe tempo assim para ficar sozinha com Hobbes durante algum tempo.

Era o editor de um jornal intitulado The Forum. Estava geralmente do lado dos conservadores, que defendiam a aristocracia e a Igreja Anglicana, e contra os liberais, o partido dos homens de negócios e dos metodistas. Os Pilaster eram homens de negócios e metodistas, mas os conservadores estavam no poder. Vira Hobbes apenas uma ou duas vezes, e calculou que tivesse ficado surpreso com o convite. No entanto, estivera confiante de que ele aceitaria. Não devia receber muitos convites para casas tão ricas como a de Augusta.

Hobbes estava numa posição curiosa. Tinha poder, porque o seu jornal era bastante lido e respeitado; mas era pobre, porque não fazia com ele muito dinheiro. A combinação era desagradável para ele e perfeitamente adequada aos interesses de Augusta. Tinha poder para a ajudar e talvez pudesse ser comprado.

Havia apenas um senão: Augusta esperava que ele não tivesse princípios muito bons.

Isso destruiria a sua utilidade. Mas se a análise que fizera dele, fosse a correta, o homem era corruptível.

Ela sentia-se nervosa e apreensiva. Parou por um momento na porta da sala de estar, dizendo a si mesma: "Acalme-se, Mrs. Pilaster, você é boa nisso."

Passado algum tempo, sentiu-se mais calma e entrou.

Ele se levantou, ansioso para cumprimentá-la. Era um indivíduo nervoso, com uma grande presença de espírito e com gestos bruscos.— "O terno tem pelo menos dez anos", pensou Augusta.

Indicou-lhe um sofá junto à janela, a fim de dar à conversa um tom de intimidade, embora não fossem velhos amigos.

— Quais as maldades que fez hoje — Perguntou ela brincando. — Trucidou Mr. Gladstone?

Minou o programa de ação para a Índia? Perseguiu os católicos?

— Estava escrevendo sobre o City of Glasgow Bank — disse ele, olhando-a através dos óculos gordurosos.

— É o banco que recentemente abriu falência — murmurou Augusta estremecendo.

— Exatamente. Muitos dos sindicatos escoceses ficaram arruinados.

— Acho que me lembro de ter ouvido falar nisso — recordou.

— O meu marido disse que o City of Glasgow era muito conhecido por ser instável.

— Não vejo isso! — exclamou ele. — Sabendo-se que um banco não é de confiança e, no entanto, permitindo-se que ele continue aberto até se dar o colapso, e milhares de pessoas perdendo as suas economias!

Augusta também não entendia Aliás, não entendia nada de negócios. Mas viu a oportunidade de mudar o rumo da conversa.

— Talvez os mundos do comércio e do Governo estejam demasiado afastados — Sugeriu ela.

— Deve ser. Um maior diálogo entre homens de negócios e governantes poderia evitar tais catástrofes.

— Será que. — Augusta hesitou como se estivesse meditando numa ideia que lhe tivesse ocorrido naquele momento. — Será que uma pessoa como o senhor consideraria tornar-se diretor de uma ou duas empresas?

— Sim, talvez — respondeu ele, surpreendido.

— Sabe. uma certa experiência pessoal na direção de uma empresa poderia ajudá-lo quando escrever comentários, no jornal, acerca do mundo dos negócios.

— Não tenho dúvidas!

— A recompensa não é muito grande: cem ou duzentas libras por ano, na melhor das hipóteses. Viu que os olhos dele brilharam! Era bastante dinheiro para ele. — Mas as obrigações não são muito pesados. — Continuou ela.

— É uma ideia bastante interessante — afirmou ele.

Augusta via que ele estava tentando disfarçar a excitação a todo custo.

— O meu marido poderia tratar das coisas, caso esteja interessado. Ele precisa recomendar com bastante frequência diretores para os quadros das empresas em que investiu. Pense nisso e diga-me se está interessado.

— Muito bem, assim o farei.

"Até agora, tudo bem", pensou Augusta. Mas mostrar-lhe a isca era a parte mais fácil.

Agora tinha que agarrá-lo com o anzol.

— Claro que o mundo dos negócios deveria retribuir, claro! -disse ela pensativa. — Creio que deveria haver mais negociantes na Câmara dos Lordes Os olhos dele se apertaram um pouco, e Augusta calculou que o seu espírito ágil estava a começar a entender o que lhe era proposto.

— Sem dúvida — afirmou ele, sem se comprometer. — Ambas as câmaras do Parlamento se beneficiariam com o conhecimento e a experiência de um homem de negócios, especialmente quando estivessem em discussão as finanças do país — desenvolveu ela. — No entanto, existe um preconceito curioso contra a elevação desse homem a um pariató.

— É um fato, e é bastante irracional — admitiu Hobbes. — Os nossos mercadores, fabricantes e banqueiros são responsáveis pela prosperidade da nação, muito mais do que os proprietários de terras e os membros do clero; contudo, são estes últimos que são exaltados pelos serviços prestados, enquanto aqueles que realmente trabalham são ignorados.

— Devia escrever um artigo sobre este assunto. É o tipo de causa que o seu jornal tem defendido no passado, a modernização das antigas instituições — disse ela, com o seu sorriso mais caloroso.

Tinha jogado todas as cartas. Não seria difícil ele compreender que essa campanha era o preço a pagar pelos cargos de direção, que lhe oferecera. Ficaria ele inflexível, ofendido e discordaria? Iria embora zangado? Sorriria e recusaria a proposta com graciosidade?

Caso fizesse isso, Augusta teria que começar outra vez com outra pessoa.

— Talvez tenha razão — anuiu ele após uma longa pausa.

Augusta descontraiu-se.

— Talvez devêssemos pegar nesse assunto — continuou ele. — Maior ligação entre o comércio e o Governo.

— Títulos nobiliárquicos para os homens de negócios — disse ela.

— E diretorias de companhias para jornalistas — acrescentou ele.

Augusta sentiu que já tinham ido até onde podiam e era hora de recuar. Se admitisse que ela o estava subornando, ele poderia sentir-se ofendido e recusar. Estava satisfeita com o que já conseguira e decidiu

mudar de assunto, quando chegaram mais convidados, evitando-lhe esse trabalho.

O resto dos convidados chegou todo de uma vez, e Joseph desceu nessa hora. Passados alguns minutos, Hastead apareceu.

O jantar está servido, Sir — disse ele, e Augusta desejou ouvi-lo dizer "Milorde" em vez de "Sir".

Dirigiram-se à sala de jantar, passando pelo vestíbulo. Esta pequena procissão aborreceu Augusta. Nas casas da aristocracia havia frequentemente um longo caminho a percorrer até à, sala de jantar, e era um ponto alto no ritual. Os Pilasters, tradicionalmente, desdenhavam copiar as maneiras da classe superior, mas Augusta sentia-se diferente. Para ela, aquela casa parecia suburbana demais, de uma forma irremediável. Mas não conseguira convencer Joseph a mudar-se para outra.

Nessa noite, tinha arranjado as coisas para que Edward jantasse com Emily Maple' uma moça muito bonita e tímida, de dezenove anos de idade, acompanhada pelo pai, um diácono metodista, e a mãe. Estavam encantados com a casa e pouco tinham a ver com o restante dos convidados, mas Augusta andava desesperada à procura de uma noiva para o filho. Ele já estava com vinte e nove anos e nunca mostrara qualquer interesse por uma moça adequada, para grande frustração da mãe. Não poderia achar Emily feia: tinha grandes olhos azuis e um sorriso muito bonito. Os pais ficariam encantados com o casamento. A moça faria o que lhe mandassem. O problema é que ele não via porque motivo deveria se casar.

Gozava a vida com os amigos, indo ao clube, etc., e casando-se, não se divertiria tanto.

Durante algum tempo, Augusta pensou que aquilo era uma fase normal na vida de um jovem, mas já durava há muito tempo e ultimamente ficava se perguntando se ele a iria ultrapassar.

Teria que pressioná-lo!

Augusta sentou-se ao lado esquerdo da mesa, junto a Michael Fortescue, um jovem cheio de personalidade com aspirações políticas.

Dizia-se que era íntimo do primeiro-ministro, Benjamin Disraeli, a quem tinha sido dado um título nobiliárquico e se chamava agora Lorde Beaconsfield.



Fortescue era a segunda das três pessoas de quem ela precisava para executar o seu plano.

Não era tão esperto como Hobbes, mas era mais sofisticado e confiante. Augusta já conseguira intimidar Hobbes, mas tinha que seduzir Fortescue.

O diácono Maple proferiu a ação de graças e Hastead serviu o vinho. Nem Joseph nem Augusta bebiam vinho, mas serviam sempre aos convidados. Quando o consomé foi servido, Augusta sorriu para Fortescue.

— Quando é que o veremos no Parlamento? — perguntou ela num tom de voz baixo e íntimo.

— Quem me dera saber — respondeu ele.

— Todos dizem que você é um jovem brilhante, como deve saber.

— Não sei se sou — disse ele, feliz, mas, ao mesmo tempo, atrapalhado com o galanteio.

— E também é tão bonito! Isso só traz benefícios.

Ele ficou abismado. Não esperava que ela fizesse aquele tipo de comentários, mas não deixou de gostar

— Não deveria esperar pelas eleições -gerais — disse ela. — Por que não concorre sozinho?--

Isso deve ser fácil; dizem que você é amigo do primeiro ministro — É muito amável, Mrs. Pilaster, mas concorrer isoladamente é muito dispendioso.

Era a resposta que ela esperava, mas não o deixou transparecer.

— Ah sim? — perguntou ela.

— E não sou um homem rico.

— Não sabia disso -mentiu ela. — Então terá que arranjar um patrocinador.

— Talvez um banqueiro — Sugeriu ele, num tom meio de brincadeira, meio melancólico.

— Não é impossível! Mr. Pilaster está interessado em desempenhar um papel mais ativo no Governo da nação. — Assim seria, se um título lhe fosse oferecido.—. — E não vê por que motivo os homens de negócios devem se sentir com a obrigação de serem liberais. Cá entre nós, a maior parte das vezes ele toma o partido dos jovens conservadores.

Aquele tom de confiança encorajava-o a ser franco — como ela queria.

— De que modo gostaria Mr. Pilaster de servir a nação, para além de patrocinar um candidato? — perguntou ele diretamente.

Aquilo era um desafio. Deveria responder-lhe ou continuar evasiva? Decidiu ser franca.

— Talvez na Câmara dos Lordes. Acha que seria possível? A conversa agradava-lhe, e a ele também

— Possível? Mas com certeza. Agora se é provável, isso já é outra questão. Quer que averigüe?

Era mais direto do que ela pensara.

— Poderia fazer isso com discrição?

— Acho que sim — respondeu ele, hesitante.

— Seria muito amável da sua parte — disse ela, satisfeita. Transformara— O num cúmplice.

— Digo -lhe quando souber alguma coisa. — E se surgir a oportunidade de uma eleição.

— É muito simpático da sua parte.

Augusta tocou-lhe no braço. "E um jovem bastante atraente", pensou. Gostou de conspirar com ele.

— Acho que nos entendemos perfeitamente— Murmurou Reparou que as mãos dele eram muito grandes. Continuou agarrada no seu braço durante mais algum tempo, olhando-o nos olhos; depois desviou o olhar.

Sentia-se bem. Já havia tratado de duas das três pessoas— Chave e não tinha cometido disparates. Durante o prato seguinte, falou com Lorde Morte, sentado à sua direita. Manteve com ele uma conversa educada, sem importância: Era a mulher dele a quem queria influenciar. e, para isso, teria que esperar até o fim do jantar.

Os homens ficaram na sala para fumar, e Augusta levou as senhoras para o seu quarto.

Conseguiu encontrar Lady Morte sozinha durante alguns momentos. Sendo quinze anos mais velha que ela, Lady Morte era dama de companhia da rainha Vitória. Tinha cabelo cinzento como o ferro e modos superiores. Tal como Arnold Hobbes e Michael Fortescue, era influente; e Augusta esperava que, tal como eles, fosse corruptível. Hobbes e Fortescue eram vulneráveis porque eram pobres. Lorde e Lady Morte eram ricos,; mas imprevidentes.

Possuíam bastante dinheiro, mas gastavam mais do que podiam. Os vestidos de Lady Morte eram esplêndidos e as suas joias magníficas e

Lorde Morte acreditava, apesar de provas em contrário, que tinha sorte nas corridas de cavalos.

Augusta sentia-se mais insegura acerca de Lady Morte do que tinha estado acerca dos homens. As mulheres eram mais difíceis. Não queriam as coisas pelo que elas valiam e sabiam quando estavam sendo manipuladas. -Trinta anos na corte tinham refinado a sua sensibilidade, de tal modo que nada poderia lhe escapar.

— Mr. Pilaster e eu somos grandes admiradores da querida rainha — começou Augusta.

Lady Morte assentiu com um gesto, como se quisesse ter dito "com certeza". No entanto, não havia nenhum "com, certeza": a maior parte da população não gostava da rainha Vitória, por ser retraída, grave, distante e inflexível.

— Se, de algum modo, a pudéssemos ajudar com os seus nobres deveres, ficaríamos encantadas.

— É muito simpático da sua parte. — Lady Morte estava intrigada. Hesitou. — Mas o que poderia fazer? — decidiu perguntar.

— O que fazem os banqueiros?

— Emprestam dinheiro. — Augusta baixou o tom de voz. — Calculo que a vida na corte seja terrivelmente cara!

Lady Morte ficou tensa. Falar de dinheiro era tabu para a sua classe e Augusta estava de propósito a quebrar esse tabu.

— Se abrisse uma conta no nosso banco, nunca teria problemas nessa área — continuou ela.

Lady Morte sentiu-se ofendida, mas, por outro lado, estavam a oferecer-lhe o privilegio de possuir crédito ilimitado num dos maiores bancos do mundo. O seu instinto lhe dizia que deveria repreender Augusta, mas a ganância a conteve: Augusta podia observar essa luta no rosto dela. Não lhe deu tempo para pensar

— Por favor, me perdoe por ser tão franca! — prosseguiu. — Augusta — É apenas porque quero ser útil.

Lady Morte não acreditava nisso, mas calculou que Augusta queria cair nas graças da realeza. Não estava interessada num motivo mais específico e Augusta não lhe daria mais pistas nessa noite.

— É muito amável! — disse Lady Morte, depois de alguma hesitação.

Augusta superara o terceiro obstáculo. Se tivesse avaliado bem a outra mulher, com certeza dentro de seis meses, ela estaria muitíssimo endividada com o Banco Pilaster. Nessa altura, saberia o que Augusta desejava.

Mrs. Maple, a mãe de Emily, regressou da toaleta e Lady Morte tomou-lhe a vez. Saiu com uma expressão de espanto estampada no rosto. Augusta sabia que, no regresso a casa, ela e o marido concordariam em como as pessoas ligadas ao comércio eram insuportavelmente vulgares e mal— Educadas; mas um dia, muito em breve, ele perderia mil guinéus num cavalo, e nesse mesmo dia, a costureira de Lady Morte exigiria o pagamento de 300 libras por uma conta com 6 meses de atraso, e os dois concluiriam que as pessoas comerciais vulgares, no final das contas, tinham alguma utilidade.

As senhoras regressaram a sala de estar no andar térreo, e tomaram café. Lady Morte ainda se mantinha distante, mas evitou ser mal— Educada. Os homens juntaram-se a elas passados alguns minutos. Joseph levou Mr. Maple ao seu quarto para mostrar a coleção de caixinhas de rapé. Augusta ficou satisfeita; Joseph só fazia isso quando gostava de alguém

Emily tocava piano, Mrs. Maple pediu-lhe para cantar, mas ela disse que estava resfriada e persistiu na recusa com uma obstinação admirável, apesar das suplicas da mãe, levando Augusta a pensar, ansiosa, que talvez a moça não fosse tão submissa quanto parecia.

Tinha feito o seu trabalho por essa noite. Queria que todos fossem embora para que pudesse fazer a retrospectiva do que acontecera e ver aquilo que tinha conseguido. Não gostava de nenhum deles, com exceção de Michael Fortescue. No entanto, esforçou-se por ser educada e continuou na conversa durante mais de uma hora. Hobbes já estava no papo, Fortescue tinha feito um acordo e iria cumpri-lo; mostrara a Lady Morte o declive escorregadio que conduzia à perdição e era apenas uma questão de tempo até ela escorregar. Augusta sentia-se aliviada e satisfeita.

Quando finalmente os convidados foram embora, Edward estava pronto para ir para o clube. Augusta impediu-o.

— Sente-se e ouça o que tenho para dizer. Quero falar com você e com o seu pai. — Joseph, que já se dirigia para o quarto, sentou-se novamente. — Quando é que vai tornar Edward sócio do banco?

— Quando ele for mais velho — respondeu ele, zangado.

— Mas ouvi dizer que vão tornar o Hugh sócio e ele é três anos mais novo que o Edward.

Embora Augusta não fizesse ideia de como se ganhava dinheiro, sabia sempre o que se passava no banco em termos de pessoal. Habitualmente, os homens não falavam de negócios à frente das mulheres, mas ela lhes tirava todas as informações nas suas reuniões à hora do chá.

— A idade é apenas um dos fatores que permitem a um homem tornar-se sócio -disse Joseph, irritado. — Outra é a capacidade de desenvolver o negócio, que Hugh tem muito mais do que qualquer jovem de sua idade. Outras qualificações seriam um grande investimento de capital no banco, uma alta posição social, ou a influência política.

Receio que Edward não possua nenhuma destas qualificações.

— Mas ele é seu filho.

— Um banco é um negócio, não uma festa! — exclamou ele ainda mais irritado. Detestava que a mulher o desafiasse. — A posição não é apenas uma questão de nível ou precedência. A capacidade para fazer dinheiro é o teste.

Augusta ficou em dúvida por um longo momento. Deveria querer a promoção de Edward sem ele ainda estar qualificado? Mas isso era um disparate. Ele estava perfeitamente qualificado. Talvez não conseguisse somar uma coluna de números tão depressa como Hugh, mas a educação seria um fator muito importante.

— Edward poderia fazer um grande investimento de capital no banco, se fosse necessário,.

Pode lhe dar o dinheiro a qualquer momento.

O rosto de Joseph adquiriu a expressão de teimosia que Augusta tão bem conhecia, a expressão que ele tivera quando se recusara a mudar de casa, quando a proibira de redecorar o seu quarto antes dele casar.

— Não antes dele casar! exclamou, saindo da sala.

— Você o deixou furioso! — comentou Edward.

— É para o seu bem, Teddy querido.

— Mas tornou a decisão ainda pior!

— Não, não tornei. Augusta suspirou— Às vezes sua visão generosa o impede de perceber o que está acontecendo. Seu pai pode acreditar que tem um controle firme, mas se pensar um pouco no que ele disse, vai compreender que lhe prometeu uma grande quantia, além de promover-lo a sócio, assim que casar.

— Pois é, acho que sim — assentiu Edward, surpreendido. Não tinha visto as coisas nessa perspectiva.

— Esse é que é o seu problema, Edward. Você não é astuto como o Hugh.

— O Hugh teve muita sorte na América.

— Claro que teve. Você gostaria de se casar, não é?

— Por que haveria de me casar, quando tenho a mãe para tomar conta de mim? — perguntou ele, sentando-se a seu lado e pegando na mão dela.

— Mas quem é que você terá quando eu morrer? Gosta da Emily Maple? Eu a acho encantadora.

— Você me disse que a caça à raposa é uma coisa cruel — afirmou ele, com desdém.

— O seu pai lhe dava, pelo menos, cem mil libras. ou talvez mais, talvez um quarto de milhão.

— Tenho tudo o que quero e gosto de viver com vocês — disse ele, nada impressionado.

— E eu gosto de ter você por perto. Mas quero vê-lo casado e feliz, com uma boa mulher, a sua própria fortuna e a sociedade no banco. — Promete que vai pensar no assunto!

— Está bem. — Beijou-a no rosto. — Agora tenho mesmo que ir, mamãe. Prometi encontrar-me com umas pessoas há meia hora.

— Então, vai.

— Boa noite mamãe! — disse ele, dirigindo-se à porta.

— Boa noite. Pense na Emily!

A Mansão Kingsbridge era uma das maiores casas da Inglaterra. Maisie já estivera lá por três ou quatro vezes e ainda não vira a metade.

A casa tinha vinte quartos sem contar com os dos cerca de cinquenta criados. Era aquecida por lareiras de carvão e iluminada com velas e tinha apenas uma casa de banho. No entanto, o que lhe faltava em modernidade era compensado pelo luxo antiquado: camas de dossel com pesadas cortinas de seda, vinhos velhos deliciosos, provenientes das enormes adegas, cavalos, armas, livros e caçadas intermináveis.

O jovem duque de Kingsbridge possuía outrora cem mil acres da melhor terra de Wiltshire, mas, a conselho de Solly, vendera metade, tendo comprado um grande terreno em South Kensington com os lucros

Consequentemente, a depressão agrícola, que atingira muitas das grandes famílias, deixara "Kingo" incólume, podendo ainda receber os amigos em grande estilo. O príncipe de Gales tinha estado com eles na primeira semana.

Tanto ele como Solly e Kingo gostavam de brincadeiras turbulentas, e Maisie contribuía para elas. Tinha substituído as natas batidas da sobremesa de Kingo por espuma de sabão; desabotoara os suspensórios de Solly enquanto ele dormia na biblioteca e as suas calças caíram quando ele se levantou; colara as páginas do Times para que não pudesse ser aberto.

Por azar, o príncipe foi o primeiro a pegar no Jornal, e, enquanto tentava abrir, houve um momento de suspense em que todos tentaram imaginar o que ele faria — porque apesar do herdeiro gostar de brincar, nunca era a vítima — mas, a certa altura, ele começou a soluçar de rir quando percebeu o que tinha acontecido, e todos os outros riram estrondosamente, tanto de alívio, como de divertimento.

O príncipe partira e Hugh Pilaster chegara; e então começaram os problemas.

Fora ideia de Solly convidar Hugh. Gostava dele. Maisie não conseguia pensar numa razão plausível para dizer que não. Também fora Solly quem convidara Hugh para jantar, em Londres. Naquela noite, ele recuperara a compostura com alguma rapidez e tinha provado ser um convidado à altura. Talvez os seus modos não fossem tão refinados como poderiam ser se tivesse passado os últimos seis anos em salas de estar londrinas e não em armazéns de Boston, mas o seu encanto natural compensara quaisquer falhas.

Nos dois dias que passara em Kingsbridge, tinha contado imensas histórias acerca da vida na América, lugar que nenhum deles havia ainda visitado.

O que era irônico era o fato dela achar os modos de Hugh um pouco grosseiros. Há seis anos atrás a opinião dela era diferente. Mas ela aprendia depressa. Adquirira facilmente o sotaque das classes superiores. A gramática tinha demorado um pouco mais. O mais difícil haviam sido as sutilezas do comportamento, características da superioridade social: o modo como se passava por uma porta, como se falava com o cão, como se mudava o assunto de uma conversa, como se ignorava um bêbado. Mas ela estudara com afinco e agora as coisas saíam-lhe com naturalidade.

Hugh já recuperara do choque do reencontro, mas o mesmo não acontecera com Maisie. Jamais esqueceria a sua expressão quando ele a viu. Ela estava preparada, mas para Hugh fora uma surpresa total. Por causa da sua surpresa, ele deixara transparecer os sentimentos que o dominavam e Maisie ficara consternada ao perceber a angústia em seus olhos.

Ela o havia magoado profundamente, há seis anos, e ele ainda não se recuperara.

A sua expressão a atormentava desde então. Ficara transtornada ao saber que ele vinha para Kingsbridge. Não queria vê-lo. Não desejava reviver o passado. Estava casada com Solly, que era um bom marido, e não suportava sequer pensar em magoá-lo. E havia Bertie, a sua razão de viver.

O filho chamava-se Hubert, mas tratavam— No por Bertie, que era também o nome do príncipe de Gales.

Bertie Greenbourne faria cinco anos no dia 1 de Maio, mas isso era segredo: o seu aniversário era celebrado em Setembro, a fim de se esconder o fato dele ter nascido apenas seis meses após o casamento. A família de Solly sabia a verdade, mas mais ninguém: Bertie nascera na Suíça durante a volta ao mundo que fora a lua-de-mel. Desde essa época Maisie era feliz.

Os pais de Solly não a tinham recebido bem. Eram judeus alemães, teimosos e pedantes, que viviam na Inglaterra há várias gerações e desprezavam os judeus russos que falavam iídiche e haviam acabado de imigrar. O fato dela estar grávida de outro homem confirmava os preconceitos e lhes proporcionara um pretexto para rejeita-la.

No entanto, a irmã de Solly, Kate, que era mais ou menos da idade de Maisie e tinha uma filha com sete anos, era simpática com ela quando os pais não estavam por perto., Solly amava-a, e também amava Bertie, embora não soubesse de quem ele era filho; e isso fora suficiente para Maisie — até Hugh ter chegado.

Levantou-se cedo, como de costume, e foi até à ala das crianças. Bertie estava tomando o desjejum na sala de jantar das crianças, juntamente com os filhos de Kingo, Anne e Alfred, observados por três amas. Beijou o rosto sujo do filho.

— O que está comendo?

— Mingau de aveia com mel.



Falava com o sotaque arrastado dos ricos, o sotaque que Maisie tivera tanta dificuldade de aprender e no qual ainda de vez em quando se enganava.

— É bom?

— Mel é bom.

— Acho que vou provar — disse Maisie, sentando-se. Seria mais digestível que o peixe defumado e os rins condimentados que os adultos comiam no desjejum.

Bertie não parecia com Hugh. Quando era bebe, parecia-se com Solly, pois todos os bebes se pareciam com Solly; agora, tornava-se mais e mais parecido com a mãe, de cabelos ruivos e olhos verdes. Maisie podia perceber qualquer coisa de Hugh de vez em quando, em particular quando ele oferecia um sorriso malicioso; mas por sorte, não havia qualquer semelhança óbvia.

Uma das amas trouxe a Maisie um prato de mingau de aveia com mel e ela provou-o.

— Gosta, mamãe? — perguntou Bertie.

— Não fale com a boca cheia, Bertie — repreendeu-o Anne, que, com sete anos, dominava Bertie e o irmão Freddy, dois anos mais novo que ela.

— E uma delícia — respondeu Maisie.

— Querem torradas com manteiga, meninos? — perguntou outra ama e as crianças responderam "Sim" em uníssono.

No princípio, Maisie achara pouco natural uma criança crescer com criados sempre à sua volta e receava que Bertie fosse superprotegido; mas ouvira dizer que as crianças ricas brincavam no meio da sujeira, trepavam nas paredes e lutavam, tal como as crianças pobres, e a diferença principal residia no fato de que as pessoas que os limpavam eram pagas.

Gostaria de ter mais filhos, filhos de Solly, mas algo nela deixara de funcionar após o nascimento de Bertie e os médicos suíços tinham -lhe dito que não voltaria a engravidar.

Aquilo se confirmara.pois havia cinco anos que dormia com Solly e nunca conseguira engravidar.

Bertie era o único filho que teria. Tinha muita pena por causa de Solly, que nunca haveria de ter filhos seus; embora ele afirmasse que já tinha mais felicidade do que um homem merecia.

A duquesa, mulher de Kingo, conhecida entre os amigos como Liz, juntou-se às crianças pouco depois de Maisie.

— Sabe, a minha mãe nunca faria isto. Só nos via quando estávamos limpos e vestidos.

Que coisa tão pouco natural! — exclamou Liz, enquanto lavavam o rosto e as mãos das crianças.

Maisie sorriu. Liz achava-se uma pessoa muito prática por lavar o rosto dos filhos.

Ficaram nos aposentos das crianças até às dez horas, quando a preceptora chegou e os pôs a desenhar e a pintar. Maisie e Liz regressaram aos seus quartos. Aquele dia seria calmo, não haveria caçadas. Alguns dos homens iriam à pesca e outros, passear pelo bosque com um ou dois cães, matando coelhos. As senhoras, e os homens que preferiam as senhoras aos cães, dariam um passeio pelo parque antes de almoço.

Solly já tinha tomado o desjejum e estava pronto para sair. Vestia um terno simples de tweed castanho, de casaco curto. Maisie lhe deu um beijo e ajudou-o a calçar as botas. Se ela não estivesse ali, ele teria chamado seu criado pessoal, pois não se abaixar o suficiente para prender os cordões.

Ela vestiu um casaco de peles e colocou um chapéu e Solly vestiu uma capa de lã Axadrezada da Escócia e um chapéu — coco. Em seguida, foram para o vestíbulo ter com os outros.

Estava uma manhã fria e cheia de luminosidade, ótima para quem tinha um casaco de peles e horrível para quem vivia numa barraca cheia de correntes de ar e tinha que andar descalço.

Maisie gostava de se lembrar das privações da sua infância: isso intensificava o prazer que tinha em estar casada com um dos homens mais ricos do mundo.

Caminhava com Kingo de um lado e Solly do outro. Hugh seguia atrás com Liz. Embora não o conseguisse ver, sentia a sua presença, ouvia — O tagarelar com Liz, fazendo-a rir, e imaginava o brilho dos seus olhos azuis. Ao virarem para atravessar o pomar, Maisie avistou um vulto alto e familiar, de barba preta, aproximando-se da direção da aldeia. Por um momento imaginou que fosse seu pai; depois reconheceu o irmão Danny.

Danny voltara seis anos atrás à primeira cidade da Inglaterra em que haviam residido, mas descobrira que os pais não mais viviam na velha casa e não haviam deixado outro endereço.

Desapontado, seguira ainda mais para norte, até Glasgow e fundara aí a Associação Benéfica para os Trabalhadores, que não só segurava as pessoas contra o desemprego, como também organizava campanhas para medidas de segurança nas fábricas, defendia o direito de associação a um sindicato e as leis financeiras das corporações. O seu nome começara a aparecer nos jornais — Dan Robinson, não Danny, pois já era importante de mais para ser apenas Danny. O papá lera acerca do filho, viera ter com ele no escritório. Os pais tinham conhecido outros judeus logo após a fuga de Maisie e Danny. Pediram dinheiro emprestado para ir para Manchester, onde o papá arranhou outro emprego. Nunca mais passaram necessidades. A mãe superara a doença e era agora bastante saudável.

Maisie já estava casada com Solly quando a família se reuniu. Solly de bom grado ofereceu ao papá uma casa e um ordenado, mas este não queria se aposentar, pedindo-lhe, então, em vez disso, dinheiro emprestado para abrir uma loja. Agora os pais vendiam caviar e outras coisas boas aos cidadãos ricos de Manchester. Quando Maisie fora visitá-los, tirara os diamantes, pusera um avental e atendera ao balcão, confiante de que nenhum membro do grupo de Marlborough iria a Manchester. Mas mesmo que fossem, não fariam as suas próprias compras.

Ao ver Danny ali em Kingsbridge, Maisie temeu que tivesse acontecido qualquer coisa com seus pais e correu para Danny com o coração apertado.

— Danny! O que se passa? É a mãe?

— O papá e a mãe estão com boa saúde — disse ele com o seu sotaque americano.

— Graças a Deus. Como soube que eu estava aqui?

— Você me escreveu!

— Ah, é verdade!

Danny parecia um guerreiro turco, com a barba encaracolada e os olhos brilhantes, mas se vestia como um escriturário, com um bom terno preto e um chapéu — coco. Parecia ter andado bastante a pé pois tinha as botas cheias de lama e uma expressão cansada.

Kingo olhou-ode esguelha, mas Solly foi educado como sempre.

— Como está, Robinson? — cumprimentou ele, apertando a mão de Danny. — Este é um amigo meu, o duque de Kingsbridge.

— Kingo, permite que eu apresente o meu cunhado, Dan Robinson-secretário-geral da Associação Benéfica dos Trabalhadores.-

Muitos homens teriam ficado embasbacados ao serem apresentados a um duque, mas não foi o caso de Danny.

— Como está, duque? — cumprimentou ele.

Kingo cumprimentou-o pouco à vontade. Maisie calculou que ele estava pensando que era muito bonito ser educado para as classes mais desfavorecidas, mas só até um certo ponto.

Não devia abusar.

— E este é o nosso amigo Hugh Pilaster — continuou Solly.

Maisie ficou tensa. Com a preocupação acerca dos pais, esquecera que Hugh estava atrás de si. Danny sabia do segredo sobre Hugh, segredo que Maisie nunca contara a Solly. Sabia que ele era o pai de Bertie. Danny uma vez quis quebrar o pescoço de Hugh.

Nunca tinham se encontrado, mas Danny não esquecera. O que iria fazer?

Contudo, ele estava seis anos mais velho. Lançou a Hugh um olhar frio, mas apertou-lhe a mão de modo civilizado.

Hugh, que desconhecia que era pai e não suspeitava de nada, dirigiu-se a Danny de modo amigável.

— É você o irmão que fugiu de casa e foi para Boston?

— Sim, sou eu mesmo!

— É curioso o Hugh saber disso! , — exclamou Solly.

Desconhecia quanto Hugh e Maisie sabiam um do outro: não sabia que tinham passado juntos uma noite, contando a história das suas vidas.

Maisie sentiu-se apreensiva. Aquela conversa estava trazendo à superfície muitos segredos. Apressou-se a aterrar em solo firme.

— Por que está aqui, Danny?

— Já não sou o secretário-geral da Associação Beneficente dos Trabalhadores — disse ele, amargo. — Estou arruinado, pela terceira vez na vida, por causa de banqueiros incompetentes.

— Por favor, Danny! — protestou Maisie. Ele sabia perfeitamente que Solly e Hugh eram banqueiros.

Não se preocupe! — exclamou Hugh. — Também odiamos banqueiros incompetentes. São uma ameaça para todo mundo.

— Mas o que foi que lhe aconteceu exatamente, Mr. Robinson?

— Passei cinco anos construindo a associação — disse ele. — Foi um grande sucesso. Todas as semanas pagávamos centenas de libras de

seguros e recebíamos milhares de inscrições. Mas o que iríamos fazer com o que sobrava?

— Calculo que o tenham guardado, para a possibilidade de um ano ruim — disse Solly.

— E onde acha que o colocamos?

— Num banco.

— No City of Glasgow Bank, para ser mais exato.

— Oh, diabo! — exclamou Solly.

— Não entendo — disse Maisie.

— O City of Glasgow Bank foi à falência — explicou o marido.

— Oh, não! — exclamou Maisie. Tinha vontade de chorar.

— Todos aqueles xelins pagos com esforço pelos trabalhadores, gasto por idiotas de chapéu alto! E as pessoas depois se admiram quando ouvem falar em revolução! — Danny suspirou. — Tenho tentado salvar a associação que isso aconteceu, mas em vão, e desisti.

— Mr. Robinson, sinto muito pelo senhor e pelos membros da sua associação — disse Kingo, de repente. — Gostaria de beber alguma coisa? Deve ter andado quase onze quilômetros, se veio a pé da estação!

— Aceito, e agradeço.

— Eu levo o Danny para dentro e vocês terminam o passeio. — disse Maisie. Sentia que o irmão estava muito magoado, e queria estar com ele, sozinho, a fim de fazer o possível para o animar.

Os outros também perceberam a tragédia.

— Vai dormir aqui hoje, Mr. Robinson? — perguntou Kingo.

Maisie estremeceu. Kingo estava sendo muito generoso. Era fácil ser delicado com Danny durante alguns minutos ali no parque, mas se ele pernoitasse, os amigos finos de Kingo depressa se fartariam das suas roupas vulgares e das suas preocupações com os trabalhadores, e depois iriam humilhá-lo e ele se sentiria magoado.

— Tenho de estar esta noite em Londres — respondeu Danny. Vim apenas para passar algumas horas com a minha irmã.

— Nesse caso, permita que mande levá-lo à estação, logo que esteja pronto — disse Kingo.

— É muito amável da sua parte.

Maisie pegou o braço do irmão:

— Venha comigo, providenciarei alguma coisa para você comer.

Depois que Danny partiu para Londres, Maisie foi se juntar à Solly para um cochilo vespertino. Solly estava deitado com um roupão vermelho de seda e observou-a se despir.

— Não posso salvar a associação Beneficente do Danny — disse ele.

Mesmo que houvesse algum senso financeiro nisso. o que não acontece. Não conseguiria persuadir os outros sócios.

Maisie sentiu por ele um grande afeto. Não lhe pedira que ajudasse Danny.

— Você é tão bondoso! — disse ela. Abriu-lhe o roupão e deu-lhe um beijo na grande barriga. — já fez tanto pela minha família que não tem que pedir desculpas. Além disso, você bem sabe que o meu irmão nunca receberia nada de você; é demasiado orgulhoso.

— Mas o que irá ele fazer?

Ela despiu os saiotes e tirou as meias. — Amanhã vai se encontrar com a Sociedade dos Engenheiros. Quer se tornar um membro do Parlamento e espera que eles o patrocinem.

— E calculo que fará uma campanha a favor de legislação mais restritiva para os bancos.

— Seria contra isso?

— Nunca gostamos que o Governo nos dissesse o que deveríamos fazer. É verdade que há muitos desastres financeiros, mas poderá haver ainda mais se forem os políticos a mandar nos bancos. Deitou-se de lado e apoiou a cabeça no braço levantado pelo cotovelo, a fim de observá-la melhor a se despir. — Quem me dera não ter que deixá-la esta noite!

Ela desejou o mesmo. Uma parte de si estava excitada por estar com Hugh na ausência de Solly, mas isso fez com que ela se sentisse mais culpada.

— Não me importo — disse-lhe.

— Sinto tanta vergonha da minha família, Maisie!

— Não deveria.

Era a Páscoa e Solly ia celebrar o seder com os pais. Maisie não fora convidada. Compreendia a aversão que Bem Greenbourne lhe devotava, e chegava a achar que merecia a maneira como era tratada.

Solly, no entanto, sentia-se profundamente perturbado. Seria capaz até de brigar com o pai se Maisie permitisse, mas ela não queria ter isso

também na consciência e insistia que ele continuasse a se encontrar com os pais normalmente.

— Tem certeza de que não se importa? — perguntou ele com alguma ansiedade.

— Tenho. Escute, se acreditasse muito nessas coisas, ia até Manchester e passava a Páscoa com os meus pais. — Ficou pensativa. — Na realidade, nunca me senti fazendo parte de todos os rituais judeus desde que saímos da Rússia. Quando chegamos à Inglaterra, não havia judeus na cidade onde nos instalamos. As pessoas com quem vivia no circo não tinham religião, na sua maioria. Mesmo casando com um judeu, a sua família me fez sentir que não era bem recebida. Estou destinada a ficar à margem e, para dizer a verdade, não me importo. Deus nunca fez nada por mim. — Sorriu. — A mamãe diz que Deus mandou você de presente para mim, mas isso é um disparate: Eu o consegui sozinha.

— Vou ter saudades suas hoje à noite — disse ele, sentindo-se mais confiante.

Ela sentou-se na beira da cama, inclinando-se para que ele lhe pudesse beijar os seios.

— Também terei saudades suas.

— Maisie.

Passado algum tempo estavam os dois lado a lado, em posições invertidas, ele a acariciava entre as pernas enquanto ela beijava, lambia e depois chupava o seu pênis. Ele adorava fazer aquilo à tarde e gritou baixinho quando gozou na boca dela.

Maisie mudou de posição e aninhou-se na curva do braço dele.

— Tem gosto de que? — perguntou ele, sonolento.

— De caviar — respondeu ela, fazendo estalar os lábios.

Ele riu e fechou os olhos.

Ela começou a se acariciar. Em breve Solly estava ressonando. Quando Maisie gozou, ele não se mexeu.

— Os homens que estão à frente do City of Glasgow Bank deveriam parar na cadeia — disse Maisie pouco antes do jantar.

— Isso é um bocado cruel — respondeu Hugh. O comentário pareceu-lhe presunçoso.

— Cruel? — repetiu ela com irritação. — Não é tão cruel como o que aconteceu aos trabalhadores, cujo dinheiro desapareceu.

— Mesmo assim, ninguém é perfeito, nem mesmo esses trabalhadores — insistiu Hugh.

— Se um carpinteiro comete um erro e uma casa cai, ele deveria ir para a prisão?

— Não é a mesma coisa!

— E por que não.?

— Porque o carpinteiro recebe trinta xelins por semana e é obrigado a cumprir as ordens do contramestre, enquanto um banqueiro recebe milhares, e justificado dizendo que tem uma grande responsabilidade.

— É verdade. Mas o banqueiro é um ser humano, e tem que sustentar mulher e filhos.

— Podia dizer o mesmo acerca dos assassinos, mas nós os enforcamos sem nos importarmos com o destino dos seus órfãos. — Mas se um homem mata outro por acidente, por exemplo atirando num coelho e acertando numa pessoa atrás de um arbusto, nem sequer o mandamos para a prisão. Então, por que haveríamos de prender os banqueiros que perdem o dinheiro dos outros?

— Para fazer com que os outros bancos fossem mais cuidadosos!

— E pela mesma lógica, poderíamos enforcar o homem que atirou no coelho, a fim de alertarmos outros caçadores.

— Hugh, você está sendo perverso.

— Não, não estou. Por que haveríamos de tratar de forma mais dura os banqueiros descuidados que os caçadores de coelhos descuidados?

— A diferença está em que tiros descuidados não colocam na miséria milhares de trabalhadores, ao passo que os banqueiros descuidados o fazem.

— Os diretores do City of Glasgow Bank irão provavelmente para a cadeia, pelo que ouvi dizer, bem como o administrador-disse Kingo que interveio na conversa, lânguido.

— Creio que é inevitável— Confirmou Hugh

Maisie sentiu vontade de gritar em frustração.

— Então, por que me contestou?

Ele sorriu.

— Para ver se você podia justificar sua atitude.

Maisie lembrou-se que ele sempre fizera aquilo com ela, e mordeu a língua. A sua personalidade explosiva era uma das coisas que atraíam a



Turma de Marlborough, um dos motivos pelos quais a aceitavam apesar de suas origens; mas acabariam entediados se ela permitisse que seus acessos se prolongassem além da conta, Seu ânimo mudou no mesmo instante.

— Sir, insultou-me — exclamou ela numa pose teatral. — Eu o desafio para um duelo — Que armas usam as senhoras em duelo? perguntou Hugh rindo — Agulhas de crochê!

Todos riram e, nessa altura, veio um criado anunciar que o jantar estava servido.

Havia sempre dezoito ou vinte pessoas a mesa. Maisie não se cansava de admirar o linho rijo e a porcelana delicada, as centenas de velas refletidas nos copos brilhantes, os smokings imaculados dos homens, as cores fantásticas e as joias sem preço das mulheres.

Todas as noites havia champanhe, mas como lhe subia imediatamente à cabeça, ela só bebia um ou dois goles. Deu por si sentada ao lado de Hugh. A duquesa costumava senta-la ao lado de Kingo, pois ele gostava de mulheres bonitas e a mulher dele era tolerante; mas, naquela noite, decidira, aparentemente, variar a fórmula.

Ninguém disse a ação de graças, pois neste grupo guardava-se a religião apenas para os domingos. A sopa foi servida e Maisie conversou alegremente com os homens a seu lado.

Contudo, pensava no irmão. Pobre Danny! Tão inteligente, tão dedicado, um ótimo líder — e com tanto azar! Perguntou-se se ele iria conseguir ser membro do Parlamento. Esperava que sim. O papá ficaria tão orgulhoso!

Nesse dia, e ao contrário do que era normal, o passado intromete-se visivelmente na sua nova vida. Tal como ela, Danny parecia não pertencer a uma classe social Representava os trabalhadores; vestia-se como a classe média; no entanto, tinha os modos confiantes e ligeiramente arrogantes de Kingo e dos seus amigos. Não poderiam dizer com facilidade, se ele era um filho da classe superior que optara pelo martírio entre os trabalhadores ou um filho da classe trabalhadora que subira na vida.

Algo de semelhante se passava com Maisie. Uma pessoa com instinto para as diferenças de classes saberia dizer imediatamente que ela não nascera na alta sociedade. No entanto, representava tão bem o seu papel, era tão bonita' e encantadora que não se podia acreditar no boato que Solly a conhecera num salão de dança. Se houvera alguma dúvida

acerca da sua aceitação pela sociedade londrina, ela desaparecera quando o príncipe de Gales, filho da rainha Vitória e futuro rei, confessara-se cativado por ela e lhe enviara de presente uma cigarreira de ouro com um fecho de diamantes.

Durante a refeição, ela foi sentindo mais e mais a presença de Hugh ao seu lado. Fez um esforço para manter a conversa leve, e cuidou de falar também com o homem no outro lado; mas o passado parecia rondar à sua volta., esperando para ser reconhecido, como um suplicante cansado e paciente.

Ela e Hugh tinham-se encontrado três ou quatro vezes desde que ele regressara a Londres, e agora haviam passado quarenta e oito horas na mesma casa; contudo, não falaram do que tinha acontecido seis anos antes. Tudo o que o Hugh sabia é que ela desaparecera sem deixar rastro, apenas para aparecer como Mrs. Solomon Greenbourne— Mais tarde ou mais cedo, Maisie teria que lhe dar uma explicação. Receava que falar do assunto reavivasse em ambos, velhos sentimentos, mas tinha que ser feito e talvez aquela fosse uma boa oportunidade, uma vez que Solly não estava. Chegou uma hora em que as pessoas ao seu redor começaram a falar em voz bastante alta.

Maisie decidiu que podia falar. Virou-se para Hugh e foi repentinamente sufocada pela emoção.

Começou a falar três ou quatro vezes sem poder prosseguir. Por fim, conseguiu articular algumas palavras.

Teve que fazer um tal esforço para não chorar que não conseguiu dizer mais nada.

Ele percebeu imediatamente sobre que assunto ela estava falando.

— Quem disse à você que estragaria a minha carreira?

Se ele tivesse sido delicado ela teria desmoronado mas, felizmente, ele falara num tom agressivo e isso permitiu-lhe responder.

— A sua tia Augusta.

— Suspeitei que ela estivesse de algum modo envolvida.

— Mas ela tinha razão.

— Não acredito nisso!— respondeu ele irritado. Você não arruinou a carreira de Solly!

— Acalme-se. O Solly não era a ovelha negra da família. Mesmo assim foi muito difícil. A família dele ainda me odeia.

— Mesmo você sendo judia?

— Sim. Os judeus conseguem ser tão pedantes como os outros. — Ele nunca saberia o motivo, o fato de Bertie não ser filho de Solly.

— Por que você não me disse o que ia fazer?

— Não podia. — Recordando novamente essa época, sentiu-se mais uma vez sufocar e teve que respirar fundo para se acalmar.

— Foi muito difícil para mim afastar-me daquela maneira, fiquei com o coração despedaçado.

Não o conseguiria ter feito se tivesse também que justificar perante você --- Poderia ter mandado um bilhete — continuou ele.

— Não estava em condições de escrever — disse Maisie quase num murmúrio.

Finalmente, ele pareceu abrandar. Bebeu um gole de vinho e desviou os olhos dos dela.

— Foi horrível não compreender, não saber sequer se estava viva.

Falava com aspereza, mas ela viu de novo a dor nos olhos dele.

— Por favor, me desculpe— Pediu ela, debilmente. — Desculpe-me por ter lhe magoado. Não queria isso! Apenas quis salva-lo da infelicidade. Fiz por amor!.

Mal se ouviu dizendo a palavra AMOR, ficou arrependida

— Você ama o Solly, agora? — perguntou ele abruptamente.

— Sim.

— Notei! — Vocês parecem estar muito bem.

— Com o modo como vivemos. Não é difícil estar bem.

— Agora você tem o que sempre quis. — Ele ainda não deixara de estar zangado.e aquilo foi muito cruel, mas Maisie pensou que talvez o merecesse, por isso limitou-se a concordar.

— O que aconteceu a April?

Maisie hesitou. Aquilo estava indo longe demais.

— Você está me comparando com a April? — perguntou ela, magoada.

Ele se irritou.

— Não, você nunca foi como ela! — disse ele com um sorriso triste. — Eu sei disso. Mas mesmo assim, gostaria de saber o que lhe aconteceu. — Vocês continuam a se verem?

— Sim, mas com discrição. — April era um assunto neutro: falar dela os afastaria do terreno perigosamente emocional. Decidiu satisfazer a curiosidade dele — Você conhece um lugar chamado Nellie?

— É um bordel — respondeu ele, baixando a voz.

— Já foi até lá? — Não foi capaz de evitar a pergunta.

— Sim, uma vez — respondeu ele, atrapalhado. — Foi um fiasco.

Isso não a surpreendeu: lembrava-se de como Hugh era ingênuo e inexperiente aos vinte anos.

— Bem, agora a April é a dona do local.

— Credo! O que aconteceu?

— Primeiro, tomou-se amante de um escritor famoso e viveu mais ou menos na vivenda mais bonita de Clapham. Ele se cansou de April na mesma ocasião em que Nellie pensava em se aposentar. Assim, April vendeu o chalé e lhe comprou o bordel.

— É engraçado. Jamais esquecerei Nellie. Foi a mulher mais gorda que já conheci.

As pessoas à mesa, ficaram quietas de repente e a última frase foi ouvida por diversas pessoas próximas. Houve risos e alguém perguntou; - Quem era essa mulher tão gorda?

Hugh limitou-se a sorrir, sem responder. Depois disso mantiveram-se afastados de assuntos perigosos, mas Maisie sentia-se deprimida e um pouco frágil, como se tivesse sofrido uma queda e se machucado.

Quando o jantar terminou e os homens fumavam seus charutos, Kingo anunciou que queria dançar.

O tapete da sala foi enrolado e mandaram chamar um homem que sabia tocar polcas no piano.

Maisie dançou com todos os homens, com exceção de Hugh, depois tornou-se óbvio que o estava evitando, por isso dançou com ele; e foi como se tivessem recuado no tempo e estivessem de novo nos jardins Cremorne. Ele não conduzia a dança: pareciam fazer os dois instintivamente, a mesma coisa, Maisie não conseguiu deixar de pensar, de modo desleal, que Solly era um mau dançarino.

Depois Hugh, pegou outra parceira; mas os outros homens deixaram de lhe pedir para dançar. Enquanto as dez horas viravam onze, e o conhaque aparecia, as convenções foram abandonadas: alargaram-se as gravatas, algumas das mulheres tiraram os sapatos e Maisie continuou a dançar com Hugh. Sabia que devia sentir-se culpada, mas nunca fora muito boa para sentir esse tipo de coisas: estava se divertindo e não tinha a intenção de parar.

Quando o pianista ficou exausto, a duquesa quis apanhar ar e as criadas foram correndo buscar os casacos para que todos pudessem dar uma volta pelo jardim. Na escuridão, Maisie tomou o braço de Hugh.

— As pessoas sabem o que andei fazendo nos últimos seis anos. — E você, o que esteve fazendo?

— Gosto da América — disse ele. — Não há um sistema de classes. Existem ricos e pobres, mas não há aristocracia, nem disparates acerca das posições sociais nem do protocolo. — O fato de você ter-se casado com Solly e ter se tornado amiga das pessoas mais importantes do país, é raro aqui e ainda agora, aposto que você não conta a verdade sobre as suas origens.

— Acho que as pessoas suspeitam, mas tem razão, não confesso isso abertamente.

— Na América você iria se gabar das suas origens humildes, tal como Kingo se gaba de que os seus antepassados lutaram na Batalha de Agincourt.

Ela estava interessada em Hugh, não na América.

— Você não se casou!

— Não.

— Em Boston. houve alguma moça de quem tenha gostado?

— Tentei, Maisie — respondeu ele.

De repente, ela desejou não lhe ter perguntado aquilo, pois pressentia que a resposta iria destruir a sua felicidade; mas já era tarde demais, a questão já fora levantada e ele começara a falar.

— Havia moças bonitas em Boston moças simpáticas, moças inteligentes e moças que dariam ótimas esposas e mães

— Interessei-me por algumas e elas pareciam gostar de mim. — Mas quando chegava a hora em que eu tinha que propor casamento a elas ou me afastar, percebia que o que eu sentia, não era suficientemente forte. Não era o mesmo que sentia por você, não era amor.

— Pare com isso — murmurou Maisie.

— Duas ou três mães ficaram bastante zangadas comigo, depois que a minha reputação se espalhou e as moças se tornaram desconfiadas. Eram simpáticas para mim, mas sabiam que eu tinha alguma coisa de errado, pois eu não era sério, não era do tipo de casar.

— Hugh Pilaster, o banqueiro inglês e destroçador de corações!

— E se alguma moça parecia se apaixonar por mim, apesar da minha reputação, eu a desencorajava. Não gosto de destruir o coração das pessoas. Sei bem como isso dói!

O rosto de Maisie estava coberto de lágrimas e ela dava graças por estar escuro.

— Desculpe — disse, mas falou tão baixinho que mal conseguia ouvir a sua própria voz.

— Seja como for, agora já sei o que se passa comigo. Acho que sempre o soube, mas os últimos dois dias me tiraram as dúvidas.

Tinham ficado para trás em relação aos outros. Ele parou e olhou para ela.

— Não diz nada, Hugh, por favor — implorou ela. — Ainda amo você. Isso é tudo! — Já falara e estava tudo arruinado.

— Acho que também me ama, prosseguiu ele, impiedoso. — Não ama?

Ela o olhou. Podia ver, refletidas nos olhos dele, as luzes da casa, mas o seu rosto estava na escuridão. Ele inclinou a cabeça e beijou seus lábios. Maisie não se desviou.

Lágrimas salgadas — disse ele, passado algum tempo. — Você me ama! Eu sabia. — Tirou um lenço do bolso e limpou-lhe o rosto suavemente. Ela tinha que parar com aquilo.

— Temos que ir ter com os outros — disse ela. — As pessoas começam a falar.

Virou-se e começou a andar, restando a ele, largar-lhe o braço ou ir com ela. Foi com ela.

— Eu me surpreendo de que você se importe com o que as pessoas falam — disse ele. — O seu grupo de amigos é conhecido por não se importar com esse tipo de coisas.

Ela não estava preocupada com os outros, mas sim com ela mesma. Fez com que ele andasse mais depressa até apanhar os outros, depois largou o seu o braço e começou a falar com a duquesa.

Estava preocupada com o fato de Hugh ter dito que o grupo de Marlborough era famoso pela sua tolerância. Era verdade, mas ela desejava que ele não tivesse empregado a expressão "esse tipo de coisas", não sabia ao certo por quê.

Quando voltaram a entrar em casa, o grande relógio do vestíbulo estava tocando as doze badaladas da meia— Noite. De repente, Maisie

sentiu-se exausta das tensões do dia.

— Vou-me deitar — disse ela.

Viu a duquesa olhar reflexivamente para Hugh e depois para ela e reprimir um ligeiro sorriso; e compreendeu que todos pensavam que Hugh iria dormir com ela nessa noite.

As senhoras subiram os degraus juntas, deixando os homens jogarem bilhar e tomar um último drinque.

Quando se despediram dela, Maisie viu nos olhos das outras mulheres uma expressão mista de excitação e inveja.

Foi para o quarto e fechou a porta. Na lareira havia uma boa fogueira e a iluminação era feita por meio de velas. Como de costume, na mesa-de— Cabeceira havia um prato com sanduíches e uma garrafa de xerez, para o caso dela ter fome durante a noite; nunca tocava, nelas, mas os criados bem treinados de Kingsbridge Manor todas as noites voltavam a colocar ali.

Começou a se despir. Talvez estivessem todos errados: talvez, Hugh não viesse ter com ela. Pensar nisso fez com que ela ficasse magoada, e desejou que ele viesse para o abraçar e beijar, beijar a sério, não com vergonha como tinha feito no jardim, mas sim com vontade e sem timidez.

Isso a fez recuar seis anos, até à noite das corridas de Goodwood, na cama estreita na casa de Augusta e na expressão no rosto dele quando ela se despira.

Observou o seu corpo ao espelho. Hugh iria reparar como estava diferente. Há seis anos os seus mamilos eram pequenos, virados para dentro e cor-de-rosa, mas agora, depois de amamentar Bertie, estavam muito maiores, virados para fora e cor de morango.

Quando era mais nova não precisava usar um espartilho tinha cintura de vespa — mas depois da gravidez o seu corpo não voltara para o lugar.

Ouviu os homens subirem as escadas, fazendo barulho com os pés e rindo de alguma anedota. Hugh tivera razão: nenhum deles ficaria chocado com um pequeno adultério numa festa de fim-de-semana. "Não se sentirão desleais com o amigo Solly?", indagou-se ela, zombeteira. E então se lembrou abrupta e violentamente que era ela quem devia sentir-se desleal. Tentou esquecer Solly durante toda a noite, mas não conseguiu, ele vinha constantemente ao seu pensamento: o inofensivo e amável Solly; o

bondoso e generoso Solly; o homem que a amara loucamente, o homem que gostava de Bertie, sabendo que ele era filho de outro.

Apenas algumas horas depois de ele ter saído de casa, Maisie estava prestes a colocar outro homem na sua cama. "Que espécie de mulher eu sou?" perguntou-se

Impulsivamente, dirigiu-se à porta e trancou-a. Agora percebia porque tinha dito Hugh: "O seu grupo de amigos é conhecido por não se importar com esse tipo de coisas."

Fez com que parecesse que aquilo que sentia por ele era uma banalidade, apenas mais um dos muitos namoricos, romances e infidelidades de que as senhoras da sociedade tanto gostavam de falar. Solly merecia mais do que ser traído por uma aventura amorosa vulgar.

"Mas eu desejo o Hugh", pensou.

A ideia de abrir mão daquela noite com ele lhe deu vontade de chorar. Pensou no seu sorriso infantil e no peito magro, nos olhos azuis e na pele branca, macia; e lembrou-se da expressão no rosto dele quando a viu nua, a expressão de admiração e felicidade, desejo e encanto; e parecia tão difícil desistir disso!

Alguém bateu à porta com suavidade.

Maisie ficou nua no meio do quarto, paralisada e como que anestesiada. A maçaneta girou e a porta foi empurrada, mas claro que não se abriu.

Ouviu alguém chamando o seu nome

Dirigiu-se à porta e agarrou na chave.

— Maisie! — chamou ele, baixinho. — Sou eu, Hugh.

Desejava-o tanto que o som da sua voz fez com que ficasse úmida. Pôs um dedo na boca e mordeu-o, mas a dor não disfarçou o desejo.

Ele bateu novamente à porta.

— Maisie! Deixe-me entrar!

Ela encostou-se à parede e as lágrimas correram-lhe pelo rosto, escorrendo do queixo para os seios.

— Vamos ao menos conversar!

Maisie sabia que se abrisse a porta não iria haver conversa nenhuma. Ela o tomaria nos braços e rolariam pelo chão num frenesi de desejo.

— Diz qualquer coisa! Está aí? Sei que está aí.

Ela não disse nada, continuando a chorar em silêncio.



— Por favor! — implorou ele. — Por favor!

Passado algum tempo, foi-se embora.

Maisie dormiu mal e acordou cedo, mas à medida que o dia ia nascendo, começou a ficar com melhor disposição. Antes dos outros convidados acordarem, dirigiu-se à ala das crianças. Parou de repente na porta da sala de jantar. Afinal não fora a primeira a se levantar.

Podia ouvir a voz de um homem. Pôs-se à escuta: era Hugh.

— E, nesse momento, o gigante acordou — dizia ele.

Ouviu um gritinho de terror que Maisie reconheceu ser de Bertie.

— João desceu pelo pé de feijão tão depressa como pôde, mas o gigante foi atrás dele! -

prosseguiu.

— O Bertie está escondido atrás da cadeira porque está com medo. Eu não tenho medo -

disse Anne, a filha de Kingo, numa voz superior de menina sabichona de sete anos,

Maisie queria se esconder como o filho, virou-se, começando a retornar ao quarto, mas parou. Tinha que voltar a encarar Hugh durante o dia, e ali com as crianças talvez fosse o lugar ideal. Recompôs-se e entrou.

Hugh captara a atenção das três crianças. Bertie mal reparou que a mãe entrara. Hugh olhou para ela com mágoa no olhar.

— Continue — pediu ela, e sentou-se junto ao filho, abraçando-o.

— E o que acham que João fez a seguir? — perguntou ele às crianças.

— Eu sei — disse Anne. — Pegou num machado.

— Acertou!

Maisie continuou ali, agarrada a Bertie, enquanto este olhava com os olhos muito abertos para o homem que era seu pai.

"Se consigo suportar isto, sou capaz de fazer qualquer coisa", pensou ela — E enquanto o gigante ainda estava lá no topo do pé de feijão, o João o cortou! E o gigante caiu lá de cima. e morreu. Depois, João e a mãe viveram felizes para sempre.

— Conte outra vez! — pediu Bertie.

O embaixador de Córdoba estava muito ocupado. No dia seguinte seria comemorado o Dia da Independência de Córdoba e haveria uma grande recepção à tarde para os membros do Parlamento, funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros, diplomatas e jornalistas'.

Naquela manhã, para dificultar ainda mais as coisas, Micky Miranda recebera um bilhete lacônico do secretário de Estado do Ministério do Exterior Britânico, comunicando a morte de dois turistas ingleses que tinham estado explorando os Andes. Mas quando Edward Pilaster apareceu, Micky largou tudo, pois o que tinha para lhe dizer era muito mais importante do que a recepção ou o bilhete. Precisava de meio milhão de libras, e esperava que Edward emprestasse.

Micky já era embaixador de Córdoba havia um ano. Para conseguir o cargo, tivera que usar toda a sua astúcia, mas também custara à família muito dinheiro em subornos, no seu país. Prometera ao papá que lhe devolveria o dinheiro, e agora tinha que cumprir a promessa.

Preferia morrer a desiludir o pai.

Levou Edward ao seu enorme gabinete no segundo andar da embaixada, dominada por uma bandeira de Córdoba de tamanho descomunal. Dirigiu-se à grande mesa e abriu o mapa do seu País, prendendo os cantos com a charuteira, a garrafa de cristal com xerez um copo e a cartola cinza de Edward. Hesitou. Era a primeira vez que pedia a alguém meio milhão de libras.

— Aqui é a província de Santamaría, a norte do país — começou ele.

— Conheço a geografia de Córdoba — disse Edward, impaciente.

— Claro que conhece — acalmou-o Micky. Era verdade! O banco Pilaster tinha um grande volume de negócios em Córdoba, financiando as suas exportações de nitrato, carne salgada e prata, e as importações de equipamento para mineração, armas e artigos de luxo. Edward era o responsável por tudo aquilo, graças a Micky, que, primeiro como adido e depois como embaixador, dificultara a vida a todos os que não quiseram utilizar o Banco Pilaster para financiar o comércio com o seu país— Como consequência, Edward era agora considerado em Londres, o perito em Córdoba. —

— Claro que conhece! — repetiu Micky. — E também sabe que todo o nitrato extraído pelo meu pai tem que ser transportado em mulas de Santamaría para Palma. Mas talvez o que não saiba é que é perfeitamente possível construir uma via férrea junto à estrada.

— Como pode ter certeza? Uma via férrea é uma coisa complicada.

Porque o meu pai encomendou um levantamento a um engenheiro escocês, chamado Gordon Halfpenny — disse Micky tirando uma série de

papéis da secretária. — Aqui estão todos os detalhes, incluindo os custos. Dê uma olhada nisso.

— Qual o preço? — perguntou Edward.

— Quinhentas mil libras.

— E quanto aos políticos? — perguntou Edward, folheando o relatório.

Micky olhou para o grande retrato do presidente García, no seu uniforme ' militar. Cada vez que olhava para ele, desejava que fosse o seu retrato a ocupar aquela parte da parede.

o presidente apoia a ideia. Acha que isso vai favorecer o seu poder militar no campo.

García confiava no papá. Desde que este se tornara governador da Província de Santamaría — com o auxílio dos dois mil rifles Westley-Richards feitos em Birmingham — a família Miranda se tornara o seu partidário mais fervoroso e um bom aliado. García não desconfiava dos motivos de Papai para querer uma ferrovia até a capital; permitiria que a família Miranda atacasse Palma em dois dias, em vez de duas semanas.

— Como será financiado?

— Levantaremos o dinheiro no mercado londrino — respondeu Micky, despreocupadamente. — Na realidade, pensei que o Banco Pilaster gostaria de ficar com o negocio.

Ele tentava respirar devagar e de modo normal. Aquele era o clímax da sua longa e dolorosa adulação da família Pilaster: seria a sua recompensa pelos anos de preparação.

— Não creio — disse Edward, abanando a cabeça.

Micky ficou perplexo e receoso. Julgara que, na pior das hipóteses, Edward gostaria de pensar no assunto.

— Mas vocês se fartam de arranjar dinheiro para a construção de ferrovias! Pensei que ia ficar contente com esta oportunidade.

— Mas Córdoba é muito diferente do Canadá ou da Rússia — disse Edward. — Os investidores não gostam desse regime político, com cada caudilho provinciano possuindo o seu próprio exército pessoal. É muito medieval.

Micky não pensara naquilo.

— Mas patrocinou a mina de prata do papá.

Aquilo acontecera há três anos, e rendera ao papá umas cem mil libras.

— Exatamente! E verificou-se que era a única mina da América do Sul que tem dificuldade em dar lucro.

Na realidade, a mina era muito rica, mas o Papai retirava os lucros para ele mesmo e não deixava nada para os acionistas. Se ao menos tivesse deixado uma pequena margem, para lhe conferir alguma respeitabilidade! Mas o papá nunca quisera ouvir tal coisa.

Micky tentou reprimir um sentimento de pânico, mas a sua emoção era visível.

— Mas isso é assim tão importante?— Perguntou Edward— Você parece tão preocupado!

— Para dizer a verdade, representaria muito para a minha família admitir Micky. Sentia que Edward poderia conseguir o dinheiro se quisesse; não podia ser impossível. — Claro que se um banco com o prestígio do seu financia o projeto, as pessoas concluiriam que Córdoba deve ser um bom local para investir

Acho que sim — concordou Edward. — Se um dos sócios sugerisse isso, e quisesse consegui-lo, seria facilmente viável. Mas eu não sou um dos sócios.

Micky subestimara a dificuldade de reunir meio milhão de libras. Mas ainda não estava derrotado. Haveria de arranjar uma saída.

— Tenho que pensar no assunto outra vez — disse ele com uma alegria forçada.

— Vamos almoçar? — perguntou Edward, esvaziando o copo de xerez e levantando-se.

Nessa noite, Micky e os Pilaster foram à Opera Cômica assistir a *H. M. S. Pinaforel*.

Micky chegou uns minutos antes dos outros. Enquanto esperava por eles no salão de entrada, encontrou a família Bodwin, muito ligada aos Pilasters: Albert Bodwin era advogado e fazia bastante coisas para o banco, e houvera uma época em que Augusta se esforçara para que Hugh casasse com a filha dele Rachel Bodwin.

Micky estava preocupado com a forma como arranjaria o dinheiro, mas disse automaticamente alguns galanteios a Rachel, tal como fazia com todas as moças e mulheres casadas.

— E como vai o movimento de emancipação feminina, Miss Bodwin?

— Preferia que não falasse disso, senhor Miranda — pediu a mãe, corando.

— Então não o farei, Mrs. Bodwin, pois os seus desejos são para mim como decretos emitidos pelo Parlamento.

Virou-se para Rachel. Não era propriamente bonita — tinha os olhos um pouco juntos de mais, mas um corpo atraente: pernas compridas, uma cintura estreita e um grande busto.

Fantasiando, ele imaginou-a com as mãos amarradas a uma cama e as pernas abertas.

Levantando o olhar do seu busto ele surpreendeu os olhos de Rachel. A maioria das moças teria corado, e se apressado a virar o rosto, mas ela ofereceu-lhe um olhar de extraordinária franqueza e sorriu.: foi Micky quem se sentiu embaraçado. Procurando algum assunto, ele perguntou: — Já sabia que o nosso velho amigo Hugh Pilaster regressou das colônias?

— Sim, eu o vi ontem na Whitehaven. Você também estava lá.

— Ah, é verdade, eu me esqueci!

— Sempre gostei do Hugh.

"Mas não quis casar com ele", pensou Micky.

Há muito tempo que Rachel estava "em exibição" no mercado de casamento e começava a parecer mercadoria de segunda, pensou ele cruelmente. No entanto, os seus instintos diziam-lhe que ela era uma pessoa com um grande apetite sexual. O problema devia ser o fato dela ser demasiado exigente;. assustava os homens. Mas já devia estar desesperada. Quase com trinta anos e ainda solteira, já deveria estar pensando se iria ser condenada a ser uma solteirona.

Algumas mulheres poderiam encarar isso com serenidade, mas não Rachel, achava ele.

Ela sentia-se atraída por ele, mas também quase todos se sentiam, mulheres novas e velhas, e homens. Micky gostava quando alguém rico e influente se apaixonava por ele: isso dava-lhe poder.

Mas Rachel não era ninguém e o seu interesse por ele não tinha qualquer valor.

Os Pilaster chegaram e Micky centrou a sua atenção em Augusta. Trazia um vestido cor de framboesa.

— Está deliciosa, Mrs. Pilaster — elogiou ele, e ela sorriu com prazer.

As duas famílias falaram por alguns momentos e depois foram ocupar os seus lugares.

Os Bodwin se sentaram na plateia, mas os Pilaster tinham um camarote.

— Talvez nos vejamos mais tarde, senhor Miranda — disse Rachel com um sorriso.

O pai ouviu-a dizer aquilo e lançou-lhe um olhar reprovador quando lhe deu o braço e a levou, mas Mrs. Bodwin sorriu para Micky ao se separarem.

"Mr. Bodwin não quer que a filha se apaixone por um estrangeiro, mas Mrs. Bodwin não se importa com isso," pensou ele

Durante o primeiro ato esteve preocupado com o empréstimo para a via férrea. Não lhe ocorrera que a estrutura política de Córdoba, que permitira à família Miranda lutar por riqueza e poder, poderia ser encarada pelos investidores como um risco. Isso talvez significasse que não conseguiria que outro banco financiasse o projeto. O único meio de arranjar o dinheiro era utilizar a sua influência interna com os Pilaster. E os únicos que poderia influenciar eram Edward e Augusta.

Durante o primeiro intervalo deu por si sozinho no camarote com Augusta por alguns momentos, e atacou imediatamente, pois sabia que ela apreciava uma abordagem direta.

— Quando é que o Edward vai se tornar sócio do banco?

— Isso é uma questão difícil — respondeu ela com amargura. Por que você pergunta isso?

Contou-lhe resumidamente acerca da via férrea, deixando de lado o plano, a longo prazo, do Papai de atacar a capital.

— Não consigo arranjar o dinheiro noutra banco;, nenhum deles conhece Córdoba, porque sempre os mantive afastados para o bem de Edward. — Não era esse o verdadeiro motivo, mas Augusta não iria saber: não entendia nada de negócios. — Mas seria um sucesso se Edward conseguisse ir com isso adiante!

— O meu marido prometeu fazer o Edward sócio, assim que ele se casar. — disse Augusta.

Micky ficou surpreso. Edward casar! A ideia era surpreendente — mas por que haveria de ser?

— Até já estamos de acordo acerca da noiva: Emily Maple, a filha do diácono Maple — prosseguiu Augusta.

— Que tal é ela?

— Bonita, jovem, só tem dezenove anos, e sensível. Os pais estão de acordo.

"Parece ser adequada para Edward", pensou Micky: ele gostava de meninas bonitas, mas queria uma que pudesse dominar.

— Então qual é o obstáculo?

— Não sei — respondeu Augusta, franzindo o cenho. — O Edward ainda não a pediu em casamento.

Aquilo não o surpreendia. Não conseguia imaginar o Edward casando, independentemente de quão adequada fosse a moça. O que ganharia com o casamento? Não queria filhos. Mas agora havia um incentivo: a sociedade. Se Edward não se importava com isso, Micky importava-se.

— Corno é que podemos encoraja-lo? — perguntou ele.

— Tenho o pressentimento de que ele se casaria se você o fizesse primeiro. — disse ela, olhando-o fixamente.

Micky desviou o olhar. Augusta percebeu. Não fazia ideia do que se passava nos quartos do bordel da Nellie — mas tinha uma intuição de mãe. Também ele achava que, quando se casasse, Edward teria mais vontade.

— Casar, eu? — perguntou ele, rindo. Claro que casaria, mais cedo ou mais tarde, todos o faziam, mas não via por que razão teria que fazê-lo já. No entanto, se fosse esse o preço a pagar pela via férrea.

— Não era só a via férrea, refletiu ele. Um empréstimo levaria a outro Países como a Rússia e o Canadá, conseguiam empréstimos todos os anos no mercado londrino, para estradas de ferro, Portos, companhias abastecedoras de água e orçamentos de Estado. Não havia razão para Córdoba não fazer o mesmo. Micky ficaria com uma comissão, oficial ou não, de todo o dinheiro pedido; mas, mais importante, o dinheiro seria canalizado para os interesses da sua família em Córdoba, tornando-a ainda, mais rica e poderosa.

E a alternativa era impensável. Se decepcionasse o pai, não seria perdoado. Para evitar a raiva dele, até casaria três vezes. Olhou para Augusta. Nunca falavam do que acontecera no quarto do velho Seth, em Setembro de 1873, mas ela não podia ter esquecido. Tinha sido sexo sem uma relação sexual, infidelidade sem adultério, alguma coisa e nada. Ambos estavam vestidos, durara apenas alguns minutos, mas fora mais apaixonante e comovedor e muito mais inesquecível do que tudo o que

Micky já fizera com as putas do bordel, e sentia que para Augusta também tinha sido importante O que acharia ela da perspectiva de Micky se casar?

Metade das mulheres em Londres teria ciúmes, mas era tão difícil saber o que Augusta sentia!

Decidiu perguntar-lhe diretamente.

— Quer que eu me case? — perguntou, olhando-a nos olhos.

Augusta hesitou. Viu nos olhos dela arrependimento. Depois a expressão do seu rosto ficou mais dura.

— Sim — respondeu ela, com firmeza.

Ele fixou-a com o olhar. Ela aguentou. Percebeu que ela falava sério e ficou estranhamente desapontado.

— Você tem que resolver isso em breve. Emily Maple e os pais não vão esperar para sempre — disse Augusta.

"Em outras palavras, é melhor eu casar depressa", pensou Micky. "Pois assim farei"

Joseph e Edward regressaram ao camarote e a conversa mudou para outros assuntos.

Durante o ato seguinte, Micky pensou em Edward. Eram amigos há quinze anos.

Edward era fraco e inseguro, ansiava por agradar, mas não possuía iniciativa ou motivação. O

projeto da sua vida era arranjar pessoas que o encorajassem e apoiassem e Micky fazia isso desde que começara a fazer os exercícios de Latim no colégio. Agora, Edward precisava ser empurrado para o casamento necessário à sua carreira — e à de Micky.

— Edward precisa de alguém que o ajude no banco — disse ele a Augusta durante o segundo intervalo. — Um escriturário inteligente que lhe seja fiel e defenda os seus interesses.

— Tem razão — disse Augusta após alguns momentos de reflexão — — Alguém que nós conheçamos e em quem possamos confiar.

— Exatamente.

— Tem alguém em mente?

— Tenho um primo que trabalha para mim na embaixada. Chama-se Simon Oliver. Era Olivera, mas ele inglesou-o. É um rapaz esperto e inteiramente de confiança.

— Leve— O lá em casa para tomar chá — disse Augusta. — Se eu gostar do aspecto dele, falo com o Joseph.



— Muito bem.

Começou o último ato. Ele e Augusta pensavam muitas vezes da mesma maneira, cogitou.

Era com ela que ele deveria estar casado: Juntos conquistariam o mundo. Afastou esse pensamento fantástico.

Com quem iria ele se casar? Não podia ser com uma herdeira, pois ele não tinha nada a oferecer a uma moça dessas.

Haviam muitas que ele conseguiria atrair, mas conquistar os corações seria apenas o começo: haveria uma batalha prolongada com os pais, sem a garantia de um resultado favorável. Não, precisava de uma moça de origem modesta, uma que já gostasse dele e o aceitasse com alegria.

O seu olhar vagueou pela plateia — e caiu em Rachel Bodwin.

Era a pessoa ideal. Já estava meio apaixonada por ele e meio desesperada para arranjar um marido — O pai não gostava muito dele, mas a mãe, gostava e juntas venceriam a oposição.

E, acima de tudo, ela o excitava.

Seria uma virgem, inocente e apreensiva. Faria coisas com ela que a deixariam aturdida e repugnada. Ela poderia resistir, o que tornaria tudo ainda melhor. Afinal, uma esposa tinha que ceder às exigências sexuais do marido, por mais bizarras ou repulsivas que pudessem ser, pois ela não tinha a quem se queixar. Mais uma vez, Micky a imaginou amarrada na cama, só que desta vez ela se contorcia, de dor ou desejo, talvez de ambos.

O espetáculo terminou. Quando abandonavam o teatro, Micky procurou os Bodwin.

Encontraram-se no passeio, quando os Pilaster estavam à espera da sua carruagem e Albert Bodwin chamava um fiacre. Micky sorriu para Mrs. Godwin.

— Posso ter a honra de visitá-la amanhã à tarde?

— A honra será toda minha, senhor Miranda — disse ela, intrigada.

— É muito amável. — Apertou a mão de Rachel e olhou-a nos olhos. — Então até amanhã!

— Aguardarei ansiosa!

A carruagem de Augusta chegou e ele abriu-lhe a porta — O que acha dela? — murmurou ele.

— Tem os olhos muito juntos — respondeu ela enquanto subia. — Tomou o seu lugar e falou-lhe pela porta aberta — Além disso, é parecida

comigo. — Bateu com a porta e a carruagem afastou-se.

Uma hora mais tarde, Micky e Edward estavam ceando num dos quartos da Nell. Além da mesa, o quarto continha um sofá, um roupeiro, um lavatório e uma grande cama.

April Tilsley redecorara aquilo tudo, e aquele quarto tinha tecidos William Morris, e uma série de quadros mostrando pessoas em várias posições sexuais com frutos e vegetais. Mas era próprio de tal negócio as pessoas se embebedarem e se portarem mal, e o papel de parede já estava rasgado, as cortinas com nódoas e o carpete tinha rasgões.

Contudo, uma luz média disfarçava a falta de gosto do quarto e diminuía alguns anos de idade das mulheres.

Os homens estavam acompanhados por duas das suas mulheres favoritas, Muriel e Lily, que usavam sapatos de seda vermelha e enormes chapéus, mas estavam nuas. Fora do quarto havia o som de vozes roucas cantando e de uma discussão acalorada, mas ali reinava a calma, com o crepitar da lareira e as palavras murmuradas pelas mulheres enquanto serviam a ceia. A atmosfera descontraiu Micky, que começou a sentir-se menos ansioso em relação ao empréstimo. Pelo menos, tinha um plano. Restava-lhe experimentá-lo. Olhou para Edward, do outro lado da mesa. A amizade deles era verdadeira, pensou. Havia horas em que quase gostava de Edward. A sua dependência em relação a Micky era extenuante, mas isso fazia com que este tivesse sobre ele algum poder.

Ajudara Edward, e este o ajudara, e juntos tinham saboreado todos os vícios da cidade mais sofisticada do mundo.

Quando acabaram de comer, Micky encheu outro copo de vinho.

— Vou-me casar com a Rachel Bodwin — anunciou ele.

Muriel e Lily riram.

Edward olhou-o durante bastante tempo.

— Não acredito — comentou ele.

— Acredite no que quiser — disse Micky com um encolher de ombros. — Mas mesmo assim, é verdade.

— Está falando sério?

— Sim.

— Porco!

— Por quê? — perguntou Micky, surpreso. — Por que não me casaria?

Edward levantou e inclinou-se sobre a mesa agressivamente.

— Você é um porco, Miranda, e não há mais nada a dizer.

Micky não estava esperando por essa reação.

— Que raios deu em você? — perguntou ele. — Não vai se casar com a Emily Maple?

— Quem disse?

— A sua mãe

— Bem, não vou casar com ninguém!

— Por que não? Tem vinte e nove anos. Eu também. É a hora de um homem adquirir algo como um lar respeitável.

— Para o diabo com o lar respeitável! — gritou Edward, virando a mesa. Micky deu um salto para trás à medida que a louça quebrava e o vinho entornava. As duas mulheres nuas, se afastaram receosas.

— Acalme-se! — exclamou Micky-

— Depois de todos estes anos! — disse Edward, furioso. — Depois de tudo o que fiz por você!

Micky estava perplexo com a fúria de Edward. Tinha que acalmá-lo. Uma cena como esta poderia coloca-lo contra o casamento' e isso era exatamente o oposto daquilo que Micky pretendia.

— Não é nenhuma catástrofe — disse ele. — Não vai afetar nada entre nós.

— Claro que vai!

— Não, não vai. Continuaremos a vir aqui.

Edward. ficou desconfiado.

— Continuaremos? — perguntou ele, já mais calmo.

— Sim, e continuaremos a ir ao clube. É para isso que servem os clubes. Os homens vão para lá para se afastarem das mulheres.

— Acho que sim.

A porta se abriu e April entrou.

— Por que essa barulheira? — perguntou ela. — Edward, você quebrou a porcelana?

— Desculpe, April. Eu pago.

— Estávamos só explicando ao Edward que, mesmo depois de casado, ainda poderá continuar vindo aqui — explicou Micky a April.

— Meu Deus, espero que sim — disse April. — Se os homens casados deixassem de vir para cá, eu teria que fechar isto! — Virou-se para a porta. — Sid! Traz uma vassoura! — gritou.

Edward. estava rapidamente se acalmando, para alívio de Micky.

— Nos primeiros tempos de casados passaremos algumas noites em casa — disse ele para Edward —, e daremos alguns jantares. Mas após algum tempo, voltaremos ao normal.

— As mulheres não se importarão com isso? — perguntou Edward, franzindo o cenho?

— Quem é que se importa com isso? — retorquiu Micky com um movimento de ombros. — -

O que podem elas fazer?

— Se ela estiver descontente, pode chatear o marido.

Micky percebeu que Edward tomava a mãe como exemplo. Felizmente eram poucas as mulheres que tinham tanta força de vontade ou eram tão espertas como Augusta. — A solução é não sermos bons demais para elas — comentou Micky, baseado na observação de alguns amigos casados do clube. — Se você for bom para a sua mulher, ela vai querer que fique no pé dela. Trate— A mal, e ela ficará contente por vê-lo partir para o clube à noite e deixá-la em paz.

Muriel pôs os braços em à volta do pescoço de Edward.

— Vai ser a mesma coisa quando você se casar, Edward, prometo — disse ela. — Chupo o seu caralho enquanto você vê o Micky fodendo Lily, tal como gosta.

— Sério? — perguntou ele com um sorriso idiota.

— Claro que sim!

— Então, na realidade, nada vai mudar — disse ele, olhando para Micky.

— Claro que, sim! Há uma coisa que vai mudar. Será sócio do banco.

## CAPÍTULO II

### ABRIL

O salão de música estava tão quente como um banho turco.

O ar cheirava a cerveja, marisco e pessoas sujas. No palco, uma jovem mulher com as roupas esfarrapadas postava-se na frente de um pano de fundo pintado como um pub.

Segurava numa boneca, representando um bebe recém— Nascido, e cantava, contando como tinha sido seduzida e abandonada. A audiência, sentada em bancos corridos junto a mesas de madeira, uniu os braços e juntou-se ao coro:

E apenas foi necessária uma pequena gota de gim!

Hugh cantava com voz aguda. Sentia-se bem. Tinha comido ostras e bebido várias canecas de boa cerveja, e estava sendo esmagado contra Nora Dempster, uma pessoa agradável para se estar assim. Tinha um corpo macio e roliço, e um sorriso cativante e, provavelmente, salvara a sua vida.

Depois da sua visita a Kingsbridge Manor, tinha caído numa depressão. Ver Maisie ,trouxera de volta velhos fantasmas e, uma vez que ela o rejeitara, os fantasmas voltaram a assombrá-lo.

Tinha conseguido viver durante o dia, pois no trabalho havia desafios e problemas que lhe desviavam o pensamento do desgosto: estava ocupado em organizar a empresa de fusão entre eles e a Madler and Bell, que tinha finalmente sido aprovada pelos sócios. E, em breve, ele próprio se tornaria sócio, algo com que há muito sonhava. Mas à noite não se entusiasmava com nada. Era convidado para várias festas, bailes e jantares, pois pertencia ao grupo de Marlborough, devido ao fato de ser amigo de Solly, e aceitava frequentemente os convites, mas se Maisie não fosse, sentia-se aborrecido, e se fosse, sentia-se infeliz. Por isso, na maior parte das noites ficava no seu quarto a pensar nela, ou passeava pelas ruas, na esperança de encontra-la por acaso.

Fora na rua que conhecera Nora. Tinha ido à Peter Robinson, em Oxford Street uma loja que antes vendia linho e agora vendia várias coisas, como um grande armazém -

para comprar um presente para a irmãzinha Dottie: tinha planejado apanhar imediatamente o trem para Folkestone. Mas sentia-se tão infeliz que não sabia se teria forças para encarar a família e foi incapaz de

escolher o presente para a irmã. Estava escurecendo quando saíra da loja de mãos abanando e Nora se chocara com ele-

Quase que ela caiu e ele a segurou nos braços.

Nunca esqueceria o que tinha sentido ao agarrar o corpo dela.

Mesmo vestido, era macio e fofo, e cheirava a perfume. Por um momento, aquela rua de Londres, fria e escura, desapareceu, e ele se sentiu num mundo de encanto. Então ela deixou cair o que tinha comprado, um vaso de barro que se quebrou na calçada. Gritou com o desgosto e parecia prestes a chorar

Naturalmente, Hugh insistiu em comprar-lhe outro.

Ela era um ou dois anos mais nova que ele, com vinte e quatro ou vinte e cinco anos. Tinha um bonito rosto redondo com caracóis cor de areia a saírem do chapéu, e as roupas eram baratas, mas bonitas: um vestido de lã cor-de-rosa com flores bordadas, com uma anquinha, e um casaco justo de veludo azul, enfeitado com pêlo de coelho. Falava com um forte sotaque cockney'.

Enquanto compravam outro vaso ele lhe dissera, para puxar conversa, que não sabia o que oferecer à irmã pelo aniversário. Nora sugerira um guarda— Chuva colorido e insistiu em ajudá-lo na escolha. Finalmente, ele a levara em casa num fiacre. Ela lhe dissera que vivia com o pai, um representante de medicamentos. A mãe tinha morrido. O bairro onde vivia era menos respeitável do que Hugh imaginara, de classe trabalhadora pobre em vez de classe média.

Ele presumira que nunca mais tornaria a vê-la, e durante todo o domingo em Folkestone pensara em Maisie como sempre. Na segunda feira no banco, recebera de Nora, um bilhete de agradecimento pela simpatia: tinha uma letra pequena e bonita infantil, reparou ele antes de jogá-lo no cesto de papéis.

No dia seguinte, saiu do banco ao meio-dia, dirigindo-se a um restaurante para comer umas costeletas de cordeiro, e a vira se aproximando pela rua, em sua direção. Não a reconheceu a princípio, pensando apenas que era uma moça de rosto bonito, mas logo ela sorria e Hugh recordara.

Tirou o chapéu e pararam para conversar. Nora trabalhava como assistente para uma fabricante de espartilhos, informara ela, corando, e voltava para a loja depois de visitar uma cliente. Um impulso repentino levava Hugh a convidá-la para dançar naquela noite.

Ela disse que gostaria, mas não tinha nenhum chapéu decente. Então, ele a levava a um chapeleiro e lhe oferecera um, resolvendo o problema.

A maior parte do romance entre eles acontecia enquanto faziam compras. Ela nunca tivera muita coisa e ficava deliciada com a riqueza de Hugh. Por seu lado, ele gostava de lhe comprar luvas, pulseiras e tudo o que ela quisesse. A irmã, com a sabedoria dos seus doze anos, dissera que Nora só gostava dele pelo dinheiro.

— Mas quem é que gostará de mim pelo meu aspecto? — perguntou ele, rindo. Não esquecera Maisie! aliás, ainda pensava nela todos os dias, mas essa lembrança já não o mergulhava em desespero. Agora tinha alguma coisa em que pensar, o seu encontro com Nora. — Em apenas algumas semanas, ela lhe devolvera a alegria de viver.

Numa das suas idas às compras, encontraram Maisie numa loja de peles, em Bond Street.

Sentindo-se bastante acanhado, Hugh apresentara as duas mulheres. Nora ficara encantada em conhecer Mrs. Solomon Greenbourne. Maisie os convidara para tomarem chá na casa de Piccadilly. Nessa noite, tornaram a se encontrar com Maisie num baile e, para seu espanto, ela mostrara-se desgraciosa com Nora.

— Desculpe, mas não. gosto dela — dissera Maisie. — Pareceu-me uma mulher de coração frio e ganancioso e não acredito que ela o ame nem um pouco. Pelo amor de Deus, não case com ela!

Hugh ficara magoado e ofendido. Maisie tinha ciúmes, decidira ele. De qualquer maneira, ele não estava pensando em casamento.

Quando o espetáculo de music-hall acabou, saíram para o nevoeiro, espesso, envolvente e com sabor de fuligem. Puseram os cachecóis em volta do pescoço e da boca e dirigiram-se para casa de Nora, em Camden Town.

Era o mesmo que estar debaixo d'água. Todos os sons eram abafados, as pessoas e as coisas assomavam da neblina de repente, sem aviso: uma prostituta à espera de fregueses sob um lampião de gás, um bêbado trocando as pernas na saída de um pub, um guarda em patrulha, um limpador de chaminés atravessando a rua, uma carruagem iluminada avançando devagar, um cachorro todo molhado na sarjeta, um gato de olhos brilhantes num beco Hugh e Nora seguiam de mãos dadas e paravam de vez em quando na escuridão para baixarem os cachecóis e se beijarem.

Os lábios de Nora eram macios e sensíveis e ela deixou-o colocar a mão dentro do casaco e acariciar-lhe os seios. O nevoeiro abafava todos os barulhos, tornando tudo secreto e romântico.

Ele a deixava geralmente na esquina da rua em que ela morava, mas, naquela noite, por causa do nevoeiro, levou-a até à porta. Gostaria de beijá-la de novo ali, mas receava que o pai dela abrisse a porta e os visse.

— Quer entrar? — perguntou Nora, surpreendendo-o.

— O que pensará o seu pai? — perguntou ele, que nunca estivera em sua casa.

— Ele está em Huddersfield — respondeu ela, abrindo a porta.

O coração de Hugh começou a bater mais depressa quando entrou — Não sabia o que iria acontecer em seguida, mas tinha a certeza de que deveria ser algo excitante. Ajudou Nora a tirar o casaco e os seus olhos pousaram nas curvas sob o vestido.

A casa era pequena, menor do que a casa da mãe, em Folkestone. A escada ocupava a maior parte da parede estreita. Duas portas davam para o vestíbulo, conduzindo presumivelmente para uma sala e uma cozinha. Em cima estariam os quartos. Talvez houvesse uma banheira de estanho na cozinha e uma privada no quintal.

Hugh pendurou o casaco e o chapéu no bengaleiro. Havia um cão ladrando na cozinha e, quando Nora abriu a porta, saiu de lá, um pequeno terrier escocês preto, com uma fita azul em volta do pescoço.

Fez uma grande recepção à dona e pôs-se a andar em círculos em volta de Hugh.

— O Blackie me protege quando o pai não está. — disse Nora e Hugh tomou nota do duplo sentido da frase.

Seguiu Nora até à sala. A mobília estava velha e gasta, mas ela animara a sala com as coisas que tinham comprado juntos: almofadas de cores alegres, uma manta colorida, um quadro do Castelo de Balmoral -

Ela acendeu uma vela e fechou as cortinas.

Hugh ficou parado no meio da sala, sem saber o que fazer, até que ela o orientou.

— Veja se consegue acender o fogo.

Havia algumas brasas na lareira e Hugh juntou-lhes gravetos, soprando com um pequeno fole até o fogo se acender.

Quando acabou, virou-se e a viu sentada no sofá sem o chapéu, com o cabelo solto. Deu uma pancadinha na almofada ao seu lado e ele



sentou-se obedientemente. Blackie olhou-o, ciumento, e ele perguntou-se quando é que poderia pôr o cão para fora da sala.

Ficaram de mãos dadas a olhar para o fogo. Hugh sentia-se em paz. Queria ficar assim para o resto da vida. Passado um tempo, beijou-a de novo. Tocou-lhe num dos seios. Era firme e ocupou-lhe a mão. Apertou-o devagarinho e ela suspirou. Há muito que Hugh não se sentia tão bem, mas queria mais. Beijou-a com mais força, ainda agarrando-lhe os seios.

Aos poucos, ela foi-se inclinando e Hugh estava meio em cima dela. Começaram a ficar ofegantes. Ele tinha a certeza que ela conseguia sentir o seu pênis duro na coxa. A voz na sua consciência dizia que estava se aproveitando de uma jovem na ausência do pai, mas a voz era fraca e não podia competir com o desejo que brotava de dentro dele como um vulcão.

Desejava tocar-lhe nas partes mais íntimas. Pôs a mão, no meio das pernas dela. Nora ficou imediatamente rígida, e o cão ladrou, sentindo a tensão. Hugh levantou-se um pouco.

— Vamos pôr o cão lá fora — Sugeriu ele.

— Talvez fosse melhor pararmos — disse Nora, preocupada.

Hugh não poderia suportar isso. No entanto, a palavra "talvez", encorajou-o.

— Não posso parar agora — disse ele. — Leva o cão lá para fora.

— Mas. Nem sequer estamos noivos, ou qualquer coisa do gênero!

— Podemos ficar noivos — disse ele sem pensar.

— Está falando sério? — perguntou ela, empalidecendo.

Hugh colocou a mesma pergunta a si próprio. Desde o principio, pensava que aquilo era apenas uma brincadeira, não um namoro sério; mas há uns momentos atrás, pensara como gostaria de passar o resto da vida de mãos dadas com Nora à frente da lareira.

Queria mesmo casar com ela? Percebeu que sim, e que, aliás, não havia nada que lhe agradasse mais. Claro que iria haver problemas! A família diria que ele estava se casando com alguém de condição inferior.

Que fossem para o Diabo! Tinha vinte e seis anos, ganhava mil libras por ano e estava quase se tornando sócio de um dos melhores bancos do mundo: podia casar com quem quisesse. A mãe ficaria preocupada, mas o apoiaria. Ficaria contente em ver o filho feliz.

E os restantes que dissessem o que quisessem. Nunca tinham feito nada por ele.

Olhou para Nora, bonita, rosada e adorável, deitada no sofá com o cabelo em volta dos ombros nus. Desejava-a loucamente, agora, depressa. Estivera tempo demais sozinho. Maisie estava casada com Solly: nunca seria sua. Já era hora de ter alguém quente e macio para partilhar a sua cama e a sua vida. Por que não Nora?

Estalou os dedos para o chão.

— Vem cá, Blackie. — O cão aproximou-se, receoso. Fez-lhe festas na cabeça e agarrou-o pela fita azul em volta do pescoço. — Vai tomar conta do vestíbulo — disse ele, levando o cão para fora da sala e fechando a porta. Ele ladrrou duas vezes e depois calou-se.

Hugh sentou-se ao lado de Nora e pegou na sua mão. Ela parecia desconfiada.

— Nora, quer casar comigo?

— Sim, quero — responde ela, corando.

Beijou-a de novo. Ela abriu a boca e beijou-o apaixonadamente. Tocou no joelho dela. Ela pegou-lhe na mão e a conduziu para debaixo das salas, para o meio das coxas.

Através do tecido da roupa de baixo, ele conseguiu sentir os pêlos e a carne macia do sexo dela.

Os lábios dela aproximaram-se do ouvido dele.

— Hugh, querido, me possua, hoje, agora.

— Está bem — disse ele, rouco — está bem.

O baile de máscaras da condessa de Tenbigh, primeiro grande acontecimento da temporada londrina de 1879. Todos falavam dele. Gastava-se fortunas em roupas e fazia-se de tudo para arranjar um convite.

Augusta e Joseph Pilaster não foram convidados. Isso não era de admirar: não pertenciam ao escalão mais elevado da sociedade.

Mas Augusta queria ir e decidiu que estaria lá. Logo que ouviu falar do baile, mencionou-o a Harriet Morte, que, em resposta, pareceu ficar atrapalhada e não proferiu palavra. Como dama de companhia da rainha, Lady Morte era bastante influente; e, acima de tudo, era prima afastada da condessa de Tenbigh. Mas não se ofereceu para arranjar um convite para Augusta.

Augusta verificou a conta de Lorde Morte no Banco Pilaster e descobriu que ele tinha levantado mil libras. No dia seguinte, ele recebeu um bilhete, perguntando-lhe quando é que pensava em regularizar as suas finanças.

Augusta visitou Lady Morte no mesmo dia. Desculpou-se, dizendo que o bilhete tinha sido um engano e que o escriturário que o enviara já fora despedido. Depois voltou a falar no baile.

O rosto normalmente impassível de Lady Morte foi momentaneamente invadido por uma expressão de ódio', quando compreendeu o negócio que lhe estava sendo proposto.

Augusta não cedeu. Não queria que a outra gostasse dela, apenas queria usa-lar. Lady Morte, confrontada com uma simples escolha: utilizar a sua influência e arranjar um convite a Augusta, ou arranjar mil libras para pagar o empréstimo. Optou pela solução mais fácil e os convites chegaram no dia ; seguinte.

Augusta ficou muito aborrecida por Lady Morte não a ter ajudado de livre e espontânea vontade. Era pena que tivesse de coagi-la. Despeitada, obrigou-a a arranjar outro convite para Edward.

Augusta iria vestida de rainha Isabel e Joseph de conde de Leicester. Na noite do baile jantaram em casa e vestiram-se.

Quando estava pronta, Augusta dirigiu-se ao quarto do marido para ajuda-lo a vestir-se.

Estava furiosa por Hugh ser feito sócio na mesma ocasião que Edward. Pior, todos sabiam que Edward só seria sócio porque tinha se casado e entregara ao banco duzentas e cinquenta mil libras para investir, ao passo que Hugh iria sê-lo porque trouxera ao banco um negócio bastante rentável com a Madler and Bell, de Nova Iorque. Já se começava a falar de Hugh como um potencial sócio sênior. Isso fazia Augusta rilhar os dentes.

A promoção teria lugar em Abril, quando se renovava o acordo de sociedade anual. Mas logo no início do mês, para alegria de Augusta, Hugh cometeu o disparate de casar com uma moça roliça, de Camden Town, de condição bastante baixa.

O episódio com Maisie, há seis anos, demonstrara que ele tinha tendência para moças pobres, mas Augusta nunca se atrevera a pensar que ele se casaria com uma.

O casamento foi celebrado com muita discrição, em Folkestone, só assistido pela mãe e irmã de Hugh, e pelos pais da noiva, e depois apresentara o fato à família como consumado.

Augusta ajeitou o babado elisabetano de Joseph.

— Calculo que tenha que pensar novamente sobre o fato de Hugh ser feito sócio, agora que casou com uma criada.

— Ela não é uma criada, faz espartilhos. Ou melhor, fazia. Agora é Mrs. Pilaster.

— Mesmo assim, um sócio do banco não pode ser casado com uma atendente de loja — Acho que ele pode se casar com quem quiser.

Augusta estava com medo de que ele dissesse aquilo.

— Não diria isso se ela fosse feia, magra e azeda — disse ela com amargura. — É apenas por ela ser bonita e namoradeira que você é tolerante.

— Não vejo onde está o problema.

— Um sócio tem que se encontrar com ministros, diplomatas, empresários. Ela não saberá como agir. Pode fazê-lo ficar mal.

— Pode aprender. — Joseph hesitou, acrescentando em seguida:— Às vezes acho que você esquece da sua origem, minha querida.

Augusta encheu o peito de ar.

— O meu pai tinha três lojas! — exclamou ela com veemência. — Como se atreve a comparar-me com aquela rameira?

— Está bem, desculpe — pediu ele, recuando imediatamente.

— Além disso, nunca trabalhei nas lojas do meu pai — disse ela, furiosa. — Fui educada para ser uma senhora.

— Já pedi desculpas, não vale a pena falarmos mais nisso Vamos embora.

Augusta se calou, mas por dentro estava em ebulição.

Edward e Emily esperavam— Nos no vestíbulo, vestidos de Henrique II e Leonor de Aquitânia. Edward estava tendo algumas dificuldades com as ligas douradas.

— Vá andando, mãe, e mande a carruagem vir nos buscar.

— Não senhor, eu quero ir já — disse Emily. — Arrume as ligas no caminho.

Emily tinha olhos azuis e uma cara de menina bonita, e estava linda no vestido bordado e no casaco do século XII com uma touca na cabeça. Mas Augusta descobrira que ela não era tão tímida como parecia. Durante os preparativos para o casamento, havia ficado claro que Emily tinha vontade própria. Ficara satisfeita por Augusta se ocupar do almoço do casamento, mas insistira, teimosa, em ser ela própria a escolher o vestido e as damas de honra.

Quando entraram na carruagem e partiram, Augusta lembrou-se de como o casamento de Henrique II e Leonor de Aquitânia fora turbulento. Esperava que Emily não causasse ao filho muitos problemas. Desde o casamento que Edward andava mal-humorado, e Augusta calculava que havia algo de errado. Tentara descobrir o que havia interrogando o filho delicadamente, mas este não lhe disse nada.

No entanto, o mais importante era o fato dele estar casado e ser sócio do banco. Já tinha o seu lugar. Todo o resto se arranjará.

O baile começou às dez e meia e os Pilaster chegaram a tempo. Havia luzes em todas as janelas de Tenbigh House. Já havia uma multidão de curiosos na rua, e uma fileira de carruagens esperava na Park Lane para entrar no pátio. A multidão aplaudia cada fantasia, enquanto os convidados desciam dos veículos e subiam os degraus para a porta. Olhando para a frente enquanto aguardavam, Augusta viu Antonio e Cleópatra, vários puritanos do tempo de Cromwell, diversos cavaleiros medievais, duas deusas gregas e três Napoleões entrarem na casa.

Sua carruagem finalmente chegou à porta e eles saltaram. Dentro da casa havia outra fila, começando no vestíbulo e subindo pela escada curva até o patamar, onde o duque e a duquesa de Tenbigh, vestidos como Salomão e Sabá, cumprimentavam os convidados. O vestíbulo era uma massa de flores, uma banda tocava para distrair os convidados enquanto esperavam sua vez.

Enquanto esperavam, os Pilaster foram seguidos por Micky Miranda — convidado e a sua esposa Rachel. Micky devido ao seu estatuto diplomático estava mais ousado do que nunca, vestido de seda vermelha como o cardeal Wolseley e, ao vê-lo, o coração de Augusta palpitou.

Olhou de modo crítico para Rachel que, surpreendentemente, vinha vestida de escrava.

Augusta encorajara Micky a casar, mas não podia deixar de sentir uma ponta de ressentimento pela moça simples que ficara com ele. Rachel devolveu a Augusta um olhar frio e pegou possessivamente no braço de Micky, depois dele ter beijado a mão de Augusta.

— O emissário espanhol está aqui — disse Micky para Rachel, enquanto subiam as escadas — Espero que seja simpática com ele.

— Seja simpático você! — devolveu ela com aspereza. — Eu o acho um verme!

Micky franziu o cenho, mas não disse mais nada. Com as suas opiniões extremas e maneiras abruptas, Rachel teria sido uma boa esposa para um jornalista ou um membro radical do Parlamento. Micky merecia alguém menos excêntrico e mais bonito, pensou Augusta.

Mais acima, Augusta avistou outro par de recém— Casados: Hugh e Nora. Hugh fazia parte do grupo de Marlborough, graças à sua amizade com os Greenbourne e, para despeito da tia, era convidado para tudo. Vinha vestido de rajá indiano e Nora parecia ter vindo como encantadora de serpentes, com um casaco de lantejoulas cortado, para revelar as suas calças de harém. Tinha cobras artificiais em torno dos braços e pernas e uma repousava a cabeça no seu colo amplo. Augusta estremeceu.

— A mulher do Hugh é mesmo vulgar — murmurou ela para Joseph., — E só um baile de máscaras — disse ele, disposto a ser indulgente.

— Nenhuma das outras mulheres teve o mau gosto de mostrar as pernas.

— Não vejo qual a diferença entre umas calças largas e um vestido.

— Vai ver que você está gostando de ver as pernas de Nora, pensou Augusta com desagrado. Era fácil para uma mulher daquelas turvar o raciocínio de um homem.

— Não acho que ela esteja à altura de ser a mulher de um sócio do Banco Pilaster.

— Nora não terá que tomar qualquer decisão financeira.

Augusta quase gritou de frustração. Evidentemente, não bastava Nora ser uma moça de nível social baixo. Teria também que fazer algo imperdoável, para que Joseph e os sócios se virassem contra Hugh. — Isso seria boa ideia! A raiva de Augusta desapareceu tão depressa como surgira. Talvez houvesse um modo de colocar Nora em confusão. Olhou para cima e estudou a vítima.

Nora e Hugh estavam a falar com o adido húngaro, o conde de Tokoly, um homem de moral duvidosa, apropriadamente vestido de Henrique VIII. Nora era de fato o tipo de moça por quem o conde se sentiria atraído, pensou Augusta. As senhoras respeitáveis atravessariam o salão para não falar com ele, mas mesmo assim era preciso convidá-lo para os eventos sociais, por se tratar de um diplomata importante.

Não havia o menor sinal de desaprovação por parte de Hugh, enquanto observava a mulher flertando com o velho devasso. Ainda se

encontrava muito apaixonado para perceber qualquer defeito na esposa. Tal situação não duraria muito.

— Nora está conversando com o conde de Tokoly — murmurou ela para Joseph. — Faria melhor se tivesse cuidado com a reputação.

— Não seja maldosa em relação ao homem — replicou bruscamente o marido. — Esperamos poder arranjar dois milhões de libras para o Governo dele.

Augusta não ligava à mínima para o conde de Tokoly. Continuou a pensar em Nora. A moça ainda era muito vulnerável, porque tudo lhe era pouco familiar e ainda não tivera tempo para aprender os costumes da alta sociedade. Se ela perdesse a reputação sozinha, talvez em frente ao príncipe de Gales.

Enquanto pensava no príncipe, ouviu-se uma grande saudação do lado de fora da casa, anunciando a chegada da família real.

Alguns momentos depois, o príncipe e a princesa Alexandra entraram, vestidos de rei Artur e rainha Minerva, seguidos pelo seu séquito de cavaleiros de armadura e damas medievais. A orquestra parou abruptamente no meio de uma valsa de Strauss e começou a tocar o hino nacional. Todos os convidados no vestíbulo fizeram mesuras e a fila nas escadas mergulhou como uma onda quando o grupo real subiu. O príncipe estava cada vez mais gordo, pensou Augusta enquanto fazia uma mesura. Não tinha a certeza se ele já mostrava cabelos brancos na barba, mas estava rapidamente ficando careca. Sentiu pena da bela princesa, que tinha muito que aturar no seu marido perdulário e namorado.

No topo das escadas, o duque e a duquesa saudaram os seus convidados reais e conduziram— Nos ao salão de baile. Os convivas nas escadas avançaram para se juntarem a eles.

Dentro do grande salão havia flores em toda a volta, provenientes da estufa dos Tenbigh, e a luz de mil velas refletia-se nos espelhos altos entre as janelas. Os criados, que distribuíam champanhe, estavam vestidos como cortesãos elisabetanos, de gibão e calção antigo. Os príncipes foram encaminhados para um palanque ao fundo do salão. Estava acertado que as fantasias mais bonitas desfilariam para a família real, e logo que esta se sentou, o primeiro grupo entrou na sala. Houve uma grande aglomeração junto ao estrado e Augusta deu por si lado a lado com o conde de Tokoly.

— Que moça encantadora é a esposa do seu sobrinho! Mrs. Pilaster! — comentou ele.

— É muito amável da sua parte dizer isso — disse Augusta com um sorriso gelado.

Será que detecto alguma discordância? — perguntou ele, erguendo uma sobrancelha. — Sem dúvida teria preferido que Hugh tivesse escolhido uma moça do seu nível.

— Sabe a resposta a isso, sem eu ter que lhe dar.

— Mas o encanto dela é irresistível!

— Sem dúvida!

— Mais tarde vou lhe pedir para dançar. Acha que ela aceitará?

— Tenho a certeza que sim. — Augusta não resistiu a dar-lhe uma resposta mordaz. — Não é exigente — Virou-se. Seria esperar muito que Nora provocasse algum incidente com o conde. De repente sentiu-se inspirada. — O conde era o fator crítico. Se o pusesse junto a Nora, a combinação seria explosiva.

A mente dela corria. Aquela noite era a oportunidade ideal. Teria que fazer de imediato.

Sentindo-se um pouco ofegante com a excitação, Augusta olhou em volta, avistou Micky e se aproximou dele.

— Quero que faça uma coisa para mim, já.

— Tudo o que quiser — disse ele, olhando-a com um olhar conhecedor.

Conhece o conde de Tokoly? — perguntou ela, ignorando a insinuação.

— Claro. Todos os diplomatas se conhecem.

— Você vai lhe dizer que Nora não é melhor do que deveria ser.

— Só isso? — perguntou ele, com um meio sorriso.

— Pode elaborar mais a coisa, se quiser.

— Deverei insinuar que sei isso, digamos que, por experiência? A conversa estava ultrapassando os limites da decência, mas a ideia de Micky era boa e ela concordou.

— Ainda melhor.

— Sabe o que ele fará?

— Tentará lhe fazer uma proposta indecorosa. — disse Augusta -se é isso que quer.

— Sim.

— Sou seu escravo, nisto também, como em todas as coisas.



Augusta ouviu o elogio com impaciência: estava demasiado tensa para ouvir.

Procurou Nora e viu-a olhar em redor, maravilhada com a decoração e com os trajes: a moça nunca tinha visto nada daquilo na vida. Estava vulnerável!

Sem refletir, Augusta abriu caminho entre a multidão e aproximou-se dela.

— Um conselho — disse-lhe ela ao ouvido.

— Ficarei muito grata, com certeza — respondeu Nora. — Hugh tinha provavelmente alertado a esposa para a maldade de Augusta, mas a moça não lhe era hostil. Parecia ainda não ter formado uma opinião sobre a tia, e tratou-a com indiferença.

— Eu a vi conversando com o conde de Tokoly.

— Um velho ordinário — disse Nora imediatamente.

Augusta estremeceu com a vulgaridade, mas continuou.

— Tome cuidado com ele, se preza a sua reputação.

— Ter cuidado? O que quer dizer com isso?

— Tem que ser bem educada, claro, mas aconteça o que acontecer, não o deixe tomar liberdades. O menor encorajamento é suficiente para ele, e se não for imediatamente posto em seu lugar, pode ser muito indecoroso.

— Não se preocupe, sei como lidar com esse tipo de pessoas-disse Nora, compreensiva.

Hugh estava por perto conversando com o duque de Kingsbridge. Reparou em Augusta, ficou desconfiado, e foi para junto da mulher. No entanto, Augusta já dissera tudo o que queria, e afastou-se para observar o desfile. Já fizera o seu trabalho: as sementes estavam lançadas. Agora tinha que aguardar com ansiedade e esperar que tudo corresse bem.

Desfilando em frente ao príncipe estavam alguns membros do grupo de Marlborough, incluindo o duque e a duquesa de Kingsbridge, Solly e Maisie Greenbourne. Estavam vestidos como potentados orientais, xás, paxás e sultanas e em vez de fazerem uma reverência, ajoelharam-se e ofereceram um salamaleque, o que despertou uma risada do corpulento príncipe e aplausos da multidão.

Augusta detestava Maisie Greenbourne e mal reparou nela. A sua mente andava às voltas com as possibilidades. Havia várias maneiras do seu plano falhar: o conde de Tokoly podia encantar-se com outro rosto

bonito, Nora poderia resolver as coisas com graciosidade, Hugh poderia ficar perto demais para que o conde de Tokoly tentasse algo de ofensivo. Mas com alguma sorte, o que ela planejava, daria certo.

O desfile estava chegando ao fim quando, para susto de Augusta, viu o rosto de David Middleton avançar pela multidão em direção à ela.

Vira— O pela última vez há seis anos, quando ele lhe interrogara sobre a morte de seu irmão Peter, em Windfield. E ela lhe dissera que as duas testemunhas, Hugh Pilaster e Antonio Silva, tinham viajado para o exterior.

Mas agora Hugh voltara e aqui estava Middleton. Como é que um simples advogado fora convidado para uma tal festa? Recordou-se que ele era um parente afastado do conde de Tenbigh. Mas seria muito difícil prever aquela situação, potencialmente desastrosa. Não posso pensar em tudo se acontecer uma desgraça. "Não consigo pensar em nada!", exclamou ela para si mesma, apavorada.

Para seu espanto, Middleton caminhou diretamente para Hugh.

Augusta avançou pela multidão.

— Olá, Pilaster — ouviu-o ela dizer —, disseram-me que estava de volta à Inglaterra. Lembra-se de mim? Sou o irmão de Peter Middleton.

Augusta virou-se de costas para que ele não a visse e esforçou-se para ouvir a conversa por cima do burburinho.

— Lembro-me, sim. Você esteve na audiência — disse Hugh. — Permita que lhe apresente a minha esposa.

— Como está, Mrs. Pilaster? — perguntou ele, superficialmente, virando logo a seguir a sua atenção para Hugh. — Nunca fiquei satisfeito com o resultado daquele inquérito, sabe?

Augusta sentiu-se gelar. Middleton tinha que estar obcecado para abordar um assunto daqueles no meio de um baile de máscaras.

Era insuportável! Será que o pobre do Teddy nunca ficaria livre de suspeitas?

Não conseguiu ouvir a resposta de Hugh, mas o tom da sua voz era cautelosamente neutro.

A voz de Middleton era mais alta e ouviu o que ele disse a seguir.

— Deve saber que ninguém do colégio acreditou na história de Edward ter tentado salvar o meu irmão do afogamento.

Augusta ficou apavorada com o que Hugh poderia contar, mas ele se manteve circunspecto e comentou que o incidente ocorrera há muito

tempo.

De repente, Augusta viu Micky a seu lado. O seu rosto era uma máscara de desconfiança, mas conseguia perceber que ele estava tenso pela posição dos seus ombros.

— Aquele não é o tal Middleton? — murmurou-lhe ele ao ouvido.

Ela acenou em concordância.

— Bem me parecia que o tinha reconhecido.

— Cale-se e escute

Middleton tornara-se ligeiramente agressivo.

— Acho que você conhece a verdade sobre o que aconteceu — disse ele, em tom de desafio

— Acha mesmo? — A voz de Hugh ouvia-se cada vez melhor à medida que se tomava menos amigável.

— Desculpe ser tão direto, Pilaster. Ele era meu irmão. Há anos que me pergunto o que realmente aconteceu. Não acha que tenho o direito de saber?

Houve uma pausa. Augusta sabia que tal apelo seria o tipo de coisa que comoveria o santarrão do Hugh. Desejava intervir, para fazê-los calar, mudar de assunto ou dividi-los, mas isso seria o mesmo que confessar que tinha algo a esconder; por isso ficou sem poder-fazer nada, aterrorizada, presa no lugar onde se encontrava, aguçando os ouvidos.

— Não vi o Peter morrer, Middleton — respondeu Hugh, finalmente. — Não sei lhe dizer o que aconteceu. Não tenho certeza e não seria correto fazer especulações.

— Então tem alguma suspeita? Pode calcular o que teria se passado?

— Não nos podemos pôr com conjecturas num caso como este. Seria uma irresponsabilidade. Por favor, diga que quer descobrir a verdade.

— Eu quero. Se a conhecesse, teria o dever de contá-la. Mas não sei.

— Acho que você está protegendo o seu primo.

— Raios, Middleton, isso já é de mais! — exclamou Hugh ofendido. — Tem direito de estar aborrecido, mas não duvide da minha honestidade.

— Bem, alguém está mentindo — disse Middleton malcriadamente, e com isso foi-se embora.

Augusta voltou a respirar. A sensação de alívio enfraquecia-lhe os joelhos e, sub-repticiamente, apoiou-se em Micky. Os princípios de Hugh tinham estado a seu favor.

Ele suspeitava que Edward havia contribuído para a morte de Peter, mas porque era apenas uma suspeita, não a diria. E agora Middleton pusera Hugh de sobreaviso. Era característica de um cavalheiro nunca dizer uma mentira e para jovens como Hugh, a sugestão de que poderiam não estar dizendo a verdade, era um grande insulto.

Provavelmente, ele e Middleton nunca mais tornariam a se falar!

A crise tinha surgido de repente, como uma tempestade de verão, assustando-a; mas também desaparecera depressa, deixando-a exausta, mas segura.

O desfile terminou. A orquestra começou a tocar uma quadrilha.

O príncipe levou a duquesa para o meio do salão e o duque, a princesa, para formarem o primeiro grupo de quatro do salão

Seguiram a eles, muitos outros pares duplos. Dançava-se devagar, talvez porque a maior parte das pessoas vestia trajes pesados e usava penteados incômodos.

Talvez Mr. Middleton já não represente um perigo para nós, disse Augusta a Micky.

— Não, se Hugh continuar de boca fechada.

— E enquanto o seu amigo Silva ficar em Córdoba.

— A sua família tem cada vez menos influência. Não conto vê-lo de novo na Europa.

— Ainda bem. — O pensamento de Augusta voltou ao esquema que planejava. — Falou com o conde de Tokoly?

— Sim!

— Ainda bem.

— Só espero que saiba o que está fazendo

Ela lhe lançou um olhar reprovador.

— Que idiotice da minha parte! — desculpou-se ele. — Mrs. Pilaster sempre sabe o que está fazendo!

A segunda dança foi uma valsa e Micky pediu para dançar com ela. Quando ela era jovem, a valsa era considerada indecente, porque os pares dançavam muito juntos e o braço do homem ficava em volta da cintura da mulher, como num abraço. Mas agora até a realeza dançava valsas.

Logo que Micky a segurou nos braços sentiu-se diferente. Era como ter de novo dezessete anos e estar dançando com Strang.

Quando ele dançava, pensava na parceira, não nos pés, e Micky tinha o mesmo talento. Fazia com que Augusta se sentisse jovem, bonita e despreocupada. Ela sentia a pele macia das mãos dele, do seu cheiro masculino de tabaco e óleo de macáçar, do calor do corpo dele junto ao dela, Sentiu inveja de Rachel que partilhava sua cama.

Lembrou-se, por momentos, da cena passada no quarto do velho Seth, seis anos antes, mas parecia um pouco irreal, como um sonho, e teve sempre dificuldade em acreditar que aquilo Realmente acontecera.

Algumas mulheres na sua posição teriam tido um caso amoroso clandestino, mas embora Augusta sonhasse em ter encontros secretos com Micky, não admitia escapar sorrateiramente por ruas escondidas, nem sujeitar-se a encontros clandestinos, abraços furtivos, evasões e desculpas. Além disso, tais casos eram frequentemente descobertos. Era mais do seu gênero abandonar Joseph e fugir com Micky Talvez, ele o quisesse, e mesmo se não gostasse, ela podia levá-lo a gostar, se decidisse a isso. Mas sempre que pensava no assunto, lembrava-se do que teria que abdicar: as suas três casas, a sua carruagem, as suas roupas, a posição social, a bailes como aquele. Strang teria lhe dado tudo aquilo, mas Micky só poderia lhe oferecer o seu corpo, e isso não bastava.

— Olha lá! — disse Micky.

Ela seguiu o seu olhar e viu Nora dançando com o conde de Tokoly. Ficou tensa.

— Vamos nos aproximar.

Não era fácil, porque o grupo real estava daquele lado, e todos tentavam estar perto dele; mas Micky conduziu-a habilmente através dos outros pares até estarem perto.

A valsa prosseguiu, repetindo a mesma melodia banal. Até ali, Nora e o conde pareciam um par normal. Ele fazia alguns comentários em voz baixa, ela acenava em concordância e sorria. Talvez a segurasse demasiado perto, mas não o suficiente para provocar comentários.

A medida que a orquestra continuava a tocar, Augusta se perguntou se não teria avaliado mal as suas duas vítimas. Ficou tensa com a preocupação e dançou mal.

A valsa começou a chegar ao clímax. Augusta continuou a observar Nora e o conde. De repente, houve uma mudança. O rosto de Nora ficou

bastante consternado: o conde devia ter dito algo que ela não gostou. Augusta ficou mais esperançada. Mas o que quer que ele tivesse dito, não fora suficientemente ofensivo para Nora fazer uma cena, e continuaram a dançar.

Augusta estava quase perdendo as esperanças, e a valsa estava quase no fim, quando se deu a explosão.

Augusta foi a única pessoa ver como aquilo começara. O conde encostou os lábios no pescoço de Nora e falou. Ela ficou vermelha, depois parou de dançar abruptamente e afastou-o; mas só Augusta reparou, porque a dança estava chegando ao fim. No entanto, o conde tentou a sua sorte e falou novamente, com um sorriso lascivo no rosto.

Nesse momento, a música parou e no silêncio que se seguiu, Nora deu-lhe uma bofetada. O barulho ecoou nela na sala como um tiro. Não foi uma estalada de senhora, indicada para um salão, mas mais um murro que deteria um bêbado num bar. O conde vacilou e se chocou com o príncipe de Gales.

Houve um murmúrio das pessoas em volta. O príncipe inclinou-se para trás e foi agarrado pelo duque de Tenbigh. Nesse silêncio, o sotaque cockney de Nora ouviu-se nitidamente: -

Nunca mais se aproxime de mim, velho imundo, depravado!

Ficaram imóveis durante mais algum tempo: a mulher insultada, o conde humilhado e o príncipe perplexo. Augusta estava eufórica.

O resultado fora melhor do que ela poderia imaginar!

Então Hugh apareceu junto a Nora e pegou-lhe pelo braço; o conde recompôs-se e saiu; e o grupo ansioso colocou-se protetoramente em torno do príncipe, ocultando-o. Todos começaram a falar no salão.

Augusta olhava triunfante para Micky.

— Brilhante — murmurou ele com verdadeira admiração.

— É brilhante, Augusta. — Apertou-lhe o braço e levou-a para fora da pista de dança.

O marido estava à espera dela.

— O mulher horrível! — vociferou ele. — Fazer uma cena daquelas em frente ao príncipe!

Desgraçou a família toda e provavelmente nos fez perder um grande negócio!

Era a reação porque Augusta esperava.

— Agora talvez acredite que o Hugh não pode ser sócio-disse ela, triunfante.

Joseph olhou-a apreensivo e por um momento Augusta achou que tinha exagerado e que ele poderia pensar que ela tinha planejado tudo — Tem razão, minha querida. Você sempre teve razão.

Hugh se dirigiu para a porta, apressadamente.

— Nós vamos embora, claro! — disse ele num tom de voz neutro quando passou pelos tios.

— Vamos todos embora — disse Augusta.

No entanto não queria que se fossem de imediato. Se não se dissesse mais nada naquela noite, havia o perigo de na manhã seguinte, depois que todos esfriassem a cabeça, se pudesse dizer que o incidente não fora tão desastroso quanto parecera. Para se prevenir quanto a isso, Augusta queria mais uma briga agora, temperamentos exaltados, palavras iradas, acusações que não poderiam ser esquecidas com facilidade. Por isso, pôs a mão no braço de Nora, detendo-a e comentou em tom acusador.

— Tentei avisá-la sobre o conde De Tokoly — Hugh disse. — Quando um homem insulta uma senhora na pista de dança, disse Hugh. ela não pode fazer mais nada além de uma cena

— Não seja ridículo! — respondeu Augusta com rispidez. Qualquer moça de boa educação saberia exatamente o que fazer. Teria dito que se sentia mal e mandaria vir a carruagem.

Hugh sabia que era verdade e não tentou negar. Mais uma vez, Augusta receou que todos se acalmassem e que o incidente fosse esquecido.

— Deus sabe o mal que você fez à família e ao banco — disse Joseph a Hugh, furioso.

— O que quer dizer com isso? — perguntou ele, corando.

Ao desafiar Joseph a justificar o que dissera, piorava ainda mais as coisas, pensou Augusta com satisfação.

— Com certeza perdemos o negócio com o Governo húngaro e nunca mais voltaremos a ser convidados para um acontecimento real! — exclamou Joseph, cada vez mais furioso.

— Sei disso muito bem — disse Hugh. — Queria era perguntar por que disse que o agravo tinha sido feito por mim.

— Porque trouxe para a família uma mulher que não sabe como se comportar.

"Isto está cada vez melhor", pensava Augusta.

Hugh estava completamente vermelho.

— Deixe-me ver se entendo — disse ele, contendo a ira. — Uma mulher Pilaster deve ouvir insultos e ser humilhada numa dança, em vez de fazer algo que coloque em perigo um negócio, é essa a sua filosofia?

— Seu insolente! — exclamou Joseph, bastante ofendido. — O que estou dizendo é que por ter se casado abaixo da sua condição, deixou de estar habilitado para ser sócio do banco!

"Ele disse!", pensou Augusta, radiante. "Ele disse!"

Hugh ficou calado. Ao contrário de Augusta, não pensara nas consequências da discussão. O significado do que acontecera começava a desaparecer e viu a expressão do rosto dele se modificar, indo da ira, através da ansiedade e entendimento, até ao desespero.

Tentou esconder um sorriso vitorioso. Conseguira o que queria: Tinha ganho! Joseph talvez se arrependesse mais tarde, mas não voltaria atrás — era demasiado orgulhoso.-

Então é isso — disse Hugh, finalmente, olhando para Augusta e não para Joseph. Para sua surpresa, ela viu que o sobrinho estava quase a chorar.

— Muito bem, Augusta, ganhou. Não sei como fez, mas sem dúvida provocou este acidente. — Virou-se para Joseph. — Mas devia refletir, tio Joseph. Devia ver quem é que realmente se preocupa com o banco. — Olhou de novo para Augusta e terminou a frase — e quem são os seus verdadeiros inimigos.

A notícia da queda de Hugh espalhou-se pela City rapidamente.

Na tarde seguinte, pessoas que disputavam o privilégio de conversar com ele, propondo projetos para ferrovias, usinas siderúrgicas, estaleiros e conjuntos habitacionais suburbanos, estavam cancelando as reuniões. No banco, funcionários que o veneravam até então passaram a tratá-lo como um gerente qualquer. Ele descobriu que podia entrar num café nas ruas próximas do Banco da Inglaterra sem atrair um bando de pessoas ansiosas em conhecer suas opiniões sobre a Grand Trunk Railroad, o preço dos títulos públicos da Louisiana e a dívida nacional americana.

Houve uma briga na sala dos sócios. Tio Samuel ficou indignado quando Joseph anunciou que Hugh não poderia ser promovido a sócio. Mas o jovem William apoiou seu irmão Joseph, e o major Hartshorne também, deixando Samuel sozinho.



Foi Jonas Mulberry, o escriturário chefe, careca e lúgubre, quem disse a Hugh o que acontecera entre os sócios.

— Devo dizer que lamento a decisão, Mr. Hugh — declarou ele com evidente sinceridade.

— Quando trabalhava sob minhas ordens, ainda jovem, nunca tentou me culpar por seus erros. ao contrário de outros membros da família com os quais já lidei no passado.

— Eu não ousaria fazer isso, Mr. Mulberry — disse Hugh com um sorriso.

Nora chorou durante uma semana. Hugh não a culpou pelo que aconteceu. Ninguém o obrigara a casar com ela: tinha de assumir a responsabilidade pelos seus próprios atos. Se a sua família tivesse alguma decência, trataria de apoiá-lo durante a crise, mas ele nunca contara com ela para nada de agradável.

Quando Nora ultrapassou a crise, não se mostrou nada compreensiva, revelando uma frieza que Hugh não conhecia. Não podia entender qual era para ele o significado da sociedade. Hugh percebeu, com algum desgosto, que ela não era muito boa para imaginar o que os outros sentiam. Calculou que talvez fosse por ter crescido pobre e sem mãe: e fora obrigada a colocar seus interesses pessoais em primeiro lugar durante toda a vida. Embora ficasse um pouco abalado com a atitude de Nora, ele a esquecia todas as noites quando iam juntos para a cama enorme e faziam amor.

O ressentimento de Hugh era cada vez maior, mas agora tinha mulher, uma casa nova grande e seis criados que dependiam dele, por isso tinha de continuar no banco. Deram-lhe um gabinete, no andar acima da sala dos sócios, e ele pendurou um mapa da América do Norte na parede. Todas as segundas-feiras de manhã escrevia um resumo do que tinha acontecido no mundo dos negócios norte-americanos durante a semana anterior e mandava um telegrama a Sidney Madler, em Nova Iorque. Na segunda-feira após o baile da duquesa de Tenbigh, conheceu, junto ao telégrafo, no térreo, um rapaz de cabelos negros, com vinte e um anos.

— Olá, quem é você? — perguntou Hugh, sorrindo — Simon Oliver — respondeu o homem com um vago sotaque espanhol.

— Deve ser novo aqui — disse Hugh, estendendo-lhe a mão. — Eu sou Hugh Pilaster.

— Muito prazer — cumprimentou Oliver. Parecia bastante arisco.

— Eu me ocupo dos empréstimos feitos à América do Norte. E você?

— Sou o escriturário de Mr. Edward.

— E da América do Sul? — perguntou Hugh, relacionando as coisas.

— Sim, de Córdoba.

Fazia sentido. Como a especialidade de Edward era a América do Sul em geral e Córdoba em particular, poderia ser

útil ter um natural daquele país trabalhando com ele, ainda mais porque Edward não falava espanhol.

— Fui colega de colégio do embaixador de Córdoba, Micky Miranda, disse Hugh. Deve conhecê-lo.

— É meu primo.

— Ah. — Não havia nenhuma semelhança de família, mas Oliver se arrumava de modo impecável, as roupas sob medida e bem passadas, os cabelos bem penteados, os sapatos brilhando, sem dúvida seguindo o exemplo do primo mais velho e bem-sucedido. — Espero que goste de trabalhar conosco.

— Obrigado.

Hugh estava pensativo quando voltou para o seu gabinete. Edward precisava de toda ajuda que conseguisse arranjar, mas Hugh ficou um tanto preocupado por ter um primo de Micky numa posição tão influente.

As suas suspeitas se confirmaram alguns dias mais tarde. Mais uma vez foi Jonas Mulberry quem lhe relatou o que acontecia na Sala dos Sócios. Mulberry foi à sala de Hugh com uma programação dos pagamentos que o banco tinha que efetuar em Londres, em nome do governo dos Estados Unidos, mas seu verdadeiro objetivo era conversar. O rosto de cocker spaniel parecia mais murcho do que nunca quando disse — Não gosto nada daquilo, Mr. Hugh. Os títulos sul-americanos nunca valeram muito.

— Estamos lançando um título sul-americano?

Mulberry acenou com a cabeça.

— Mr. Edward propôs e os sócios aceitaram

— Para que é?

— Uma nova ferrovia, da capital de Córdoba, Palma, até a província de Santamaría.

— Onde o governador é o Papai Miranda.

— O pai do amigo de Mr. Edward, senhor Miranda.

— E tio do escriturário de Edward, Simon Oliver.

Mulberry abanou a cabeça, em reprovação

— Eu era escriturário aqui quando o Governo venezuelano deixou de pagar os títulos, há quinze anos. O meu pai, que Deus o tenha, lembrava-se da mesma coisa em relação à Argentina, em 1828. E repare nos títulos mexicanos. só pagam dividendos de vez em quando. Quem já ouviu falar de títulos que só pagam o que é devido de vez em quando?

Hugh concordou com um aceno de cabeça.

— Além do mais, os investidores que gostam de ferrovias podem obter de cinco a seis por cento sobre seu dinheiro nos Estados Unidos. por que ir para Córdoba?

— Exatamente.

Hugh coçou a cabeça

— Bom, tentarei descobrir o que eles estão pensando.

— Mr. Samuel pediu um sumário das posições no Extremo Oriente. Pode levar os dados para ele.

Hugh sorriu

— Você pensa em tudo!

Pegou nos papéis e desceu até à sala dos sócios.

Lá estavam apenas Samuel e Joseph. Este estava ditando cartas a um estenógrafo e Samuel debruçava-se sobre um mapa da China.

— Mulberry me pediu que lhe entregasse isto — disse Hugh, pondo o relatório na mesa de Samuel.

— Obrigado. — Samuel olhou para cima e sorriu. — Que mais você quer?

— Tenho me perguntado por que vamos financiar a ferrovia de Santamaría.

Hugh ouviu Joseph interromper o ditado por um instante e depois recomeçar. Samuel disse;

— Não é o investimento mais atraente que já lançamos, eu reconheço, mas tudo deve dar certo com o apoio do nome Pilaster.

— Pode-se dizer isso acerca de qualquer proposta que nos seja apresentada. — objetou Hugh. —

O motivo para termos tamanha reputação é que nunca oferecemos aos investidores um título que pode apenas “dar certo”.

— Seu tio Joseph acha que a América do Sul pode estar pronta para renascer.

— Isto é apenas mergulhar um dedo na água para ver a temperatura -acrescentou Joseph ao ouvir o seu nome.

— — Ou seja, é um risco.

— Se meu bisavô nunca tivesse assumido um risco, não empenharia todo o seu dinheiro num navio negreiro, e hoje não existiria o banco Pilasters.

— Mas desde então, os Pilaster têm deixado que sejam outros bancos a pôr o dedo na água para sentir a temperatura — disse Hugh.

— Uma exceção não nos fará mal — respondeu irritado Joseph, que não gostava que rebatessem as suas opiniões.

— Mas a disposição para abrir exceções pode nos prejudicar profundamente.

— Não compete a você julgar isso.

Hugh franziu o cenho. O seu instinto estivera certo: o investimento não tinha qualquer sentido comercial, e Joseph não podia justificá-lo. Então porque o teriam feito? Mal formulou a pergunta, descobriu a resposta.

— Fez isso por causa de Edward, não foi? Quer encorajá-lo e este é o primeiro negócio que ele propõe desde que foi feito sócio, por isso deixa que ele avance, apesar de trazer fracas perspectivas.

— Não cabe à você questionar as minhas razões!

— Não cabe à você arriscar o dinheiro dos outros para favorecer o seu filho. Os pequenos investidores em Brighton e em Harrowgate investirão dinheiro nesta via férrea e irão perder tudo se o negócio falhar.

— Você não é um dos sócios, por isso a sua opinião não conta.

Hugh detestava pessoas que mudavam de assunto durante uma discussão.

— No entanto, sou um Pilaster e quando afeta o bom nome do banco, me afeta também!

— Acho que você já disse o suficiente, Hugh — interrompeu Samuel

Hugh sabia que devia se calar, mas não conseguiu se conter.

— Acho que ainda não disse tudo. — Viu que estava gritando e tentou baixar o tom de voz. —

Você está arruinando a reputação da família fazendo isto. O nosso bom nome é o nosso trunfo. Usá — lo desta maneira é o mesmo que jogar dinheiro fora.

— Não se atreva a me ensinar os princípios do investimento no meu próprio banco, fedelho insolente! — bradou Joseph fora de si. — Saia imediatamente desta sala!

Hugh olhou para o tio durante um longo momento. Sentia-se furioso e deprimido. O idiota do Edward era sócio e levava o banco a entrar em maus negócios com o auxílio do seu imprudente pai, e não havia nada a fazer. Fervendo de frustração, Hugh se virou e saiu da sala, batendo com a porta.

Dez minutos depois foi ter com Solly Greenbourne para lhe pedir emprego.

Não tinha certeza se os Greenbourne iriam aceitar o seu pedido. Ele era um trunfo que qualquer banco gostaria de possuir, devido aos seus contatos com os Estados Unidos e o Canadá, mas os banqueiros não achavam muito cordial surrupiar bons gestores dos seus rivais.

Mais ainda, os Greenbourne poderiam pensar que Hugh contaria os seus segredos à sua família durante o jantar ; e o fato de não ser judeu só podia aumentar esse receio.

No entanto, os Pilaster tinham-se tornado para ele um beco sem saída.

Chovera de manhã, mas ao meio -dia o sol brilhava, e erguia vapor dos excrementos dos cavalos que atapetavam as ruas de Londres. A arquitetura da City era uma mistura de grandes edifícios clássicos e casas velhas prestes a desmoronar: o Edifício Pilaster pertencia ao primeiro. gênero, o dos Greenbourne ao segundo.

Pelo aspecto dos seus escritórios não se adivinhava que o Banco Greenbourne era maior e mais importante que o Banco Pilaster. O negócio começara há três gerações, com empréstimos a importadores de peles, de duas salas de um velho edifício na Thames Street.

Quando se tornava necessário mais espaço, procuravam uma outra casa ao lado, e agora o banco ocupava quatro edifícios adjacentes e mais três nas imediações.

Mas os negócios eram em maior número e mais lucrativos nas casas em ruínas do que no esplendor ostensivo do Edifício Pilaster.

No interior não havia nada do silêncio devoto do salão dos Pilaster. Hugh teve que abrir caminho através de uma multidão de pessoas no vestíbulo, que mais pareciam suplicantes esperando para falar com um rei medieval, todos convencidos de que se pudessem dar uma palavrinha a Ben Greenbourne, apresentar os seus casos ou ouvir as suas sugestões fariam fortuna. Os corredores em ziguezague e as escadas estreitas no interior estavam obstruídas por caixas de latão com velhos arquivos, caixotes com artigos de papelaria e garrações de tinta, e todos os recantos disponíveis tinham sido transformados num gabinete para um escriturário. Hugh encontrou Solly numa sala grande com o assoalho irregular e uma janela pouco segura que dava para o rio. A barriga de Solly estava meio escondida por uma secretária entulhada de papéis.

— Vivo num palácio e trabalho numa barraca — disse Solly, com amargura. — Estou farto de tentar convencer o meu pai a construir um edifício como o seu, mas ele diz que os imóveis não dão lucro.

Hugh sentou num sofá e aceitou um cálice de xerez caro. Sentia-se pouco à vontade, porque, bem lá no fundo, pensava em Maisie. Seduzira— A antes dela ser mulher de Solly e poderia ter feito outra vez se ela não o tivesse deixado.

"Mas isso já acabou", disse para si mesmo. Maisie trancara a porta em Kingsbridge Manor e ele casara com Nora. Não queria ser um marido infiel.

Mesmo assim, não estava à vontade.

— Vim vê-lo aqui porque quero falar de negócios — começou ele.

— Tem a palavra — disse Solly, abrindo os braços.

— Sou perito na América do Norte, como sabe.

— Então não sei? Tem feito isso tão bem, que nem podemos nos aproximar.

— Exatamente. E, como resultado, está perdendo excelentes oportunidades de negócio.

— Não precisa me lembrar. O meu pai está sempre perguntado— Por que razão não sou eu ais parecido com você?

— Você está precisando recrutar uma pessoa com experiência na América do Norte, que abra um escritório em Nova Iorque e que corra atrás do negócio.

— Disso e de uma fada madrinha.

— Estou falando sério, Greenbourne. Eu sou essa pessoa!

— VOCÊ!?

— Quero trabalhar com você!

Solly estava boquiaberto. Olhou por cima dos óculos como que para verificar se fora Hugh quem dissera aquilo.

— Calculo que seja por causa daquele incidente no baile da duquesa de Tenbigh — comentou Solly.

— Eles disseram que não me tornam sócio por causa da minha mulher. — Solly compreenderia, pensou Hugh, porque também ele se casara com uma moça de condição inferior.

— Lamento ouvir isso.

— Eu não estou pedindo que tenha pena de mim — disse Hugh -sei o que valho e terá que pagar o meu preço, se me quiser. Ganho mil libras por ano e espero ser aumentado todos os anos, enquanto continuar trazendo cada vez mais dinheiro para o banco.

— Isso não é problema! Solly pensou durante alguns momentos.

— Isso pode ser muito bom para mim. Fico bem grato pela oferta. É um bom amigo e um excelente homem de negócios!

Hugh, pensando de novo em Maisie, sentiu-se culpado ao ouvir as palavras "bom amigo".

— Não há nada que queira mais do que ter você trabalhando comigo — continuou Solly.

— Acho que detecto aí um "mas" — disse Hugh, receoso.

— No que me diz respeito, não há "mas" nenhum — afirmou Solly, abanando a cabeça de mocho. — É óbvio que não posso contratá-lo como contrataria um escriturário. Tenho que falar com o meu pai. Mas sabe como são as coisas no mundo dos negócios: o lucro é um argumento que deita por terra todos os outros. Não estou vendo o meu pai recusando a perspectiva de uma boa fatia do mercado norte-americano.

— Quando é que tenciona falar com ele? — Hugh não queria parecer muito ansioso, mas não conseguiu evitar a pergunta.

— Por que não agora? — perguntou Solly, levantando-se. Não demoro nada. Tome outro cálice de xerez. — E saiu.

Hugh bebeu o xerez mas teve dificuldade em engoli-lo, de tão tenso que estava. Nunca se candidatera a um emprego. Era desesperador que o seu futuro dependesse de um capricho de Ben Greenbourne. Compreendia, pela primeira vez, os sentimentos dos jovens penteados e de colarinhos engomados que entrevistara e se candidatavam a um lugar de

escriturário. Inquieto, levantou-se e foi até à janela. Do outro lado do rio, um barco descarregava fardos de tabaco para um armazém: era tabaco da Virgínia e fora talvez ele quem financiara a transação.

Tinha um pressentimento estranho, tal como quando embarcara seis anos antes para Boston: um pressentimento de que nada poderia voltar a ser igual.

Solly regressou com o pai. Ben Greenbourne tinha o porte altivo e a cabeça em forma de bala de um general prussiano. Hugh ficou de pé, apertou-lhe a mão e olhou-o com alguma ansiedade. Parecia solene. Será que isso queria dizer um "não"?

— Solly me disse que a sua família decidiu não torná-lo sócio — disse Ben. A sua voz era fria e precisa. Era tão diferente do filho, pensou Hugh.

— Para ser mais exato, me ofereceram sociedade e depois retiraram a oferta — corrigiu Hugh.

Ben acenou em concordância. Apreciava a exatidão.

— Não me compete julgar essa decisão. No entanto, se o seu grande conhecimento sobre a América do Norte está à venda, como disse, sou certamente um comprador.

O coração de Hugh deu um salto. Aquilo parecia uma proposta de trabalho.

— Obrigado! — agradeceu.

— Mas não quero admiti-lo com falsas expectativas, por isso há algo que quero deixar bem claro. Não é muito provável que venha a se tornar sócio neste banco.

Hugh ainda não tinha pensado, mas mesmo assim, foi um golpe.

— Estou vendo — respondeu.

— Digo-lhe já para não pensar que é uma coisa que conseguirá com o seu trabalho. Muitos cristãos são nossos colegas e amigos, mas os sócios têm sido sempre judeus, e será sempre assim.

— Agradeço a sua franqueza — disse Hugh, mas pensava: "Meu Deus, é um velho calculista"

— Ainda quer o emprego?

— Sim, senhor.

— Então estou ansioso por começarmos a trabalhar juntos -disse Ben, apertando-lhe novamente a mão. Depois saiu.

— Bem-vindo ao banco! — exclamou Solly com um sorriso.



— Obrigado — disse Hugh, sentando-se.

O seu alívio e prazer estavam um pouco frustrados pela ideia de que nunca viria a ser sócio, mas esforçou-se por não pensar no assunto. Ganharia bem, e viveria com comodidade; apenas nunca viria a ser milionário — para ganhar tanto dinheiro tinha que ser sócio.

— Quando pode começar? — perguntou Solly, ansioso.

— Tenho que dar três meses ao banco — disse Hugh, que não pensara nisso.

— Poderia ver se pode ser menos tempo!

— Claro, Solly, é ótimo! Não consigo dizer como estou contente!

— Eu também.

Hugh não foi capaz de pensar em mais nada para dizer, por isso levantou-se para ir embora

— Posso fazer outra sugestão? — perguntou Solly.

— Claro! -sentou-se novamente.

— É acerca da Nora. Espero que não se ofenda.

Hugh hesitou. Eram velhos amigos, mas não queria falar da mulher com Solly. Os seus próprios sentimentos eram muito ambivalentes. Sentia-se atrapalhado por causa da cena que ela tinha feito, pelos seus modos e pela sua baixa condição social, mas, ao mesmo tempo, sentia-se orgulhoso por ela ser tão bonita e encantadora.

No entanto, não podia se recusar a dar atenção ao homem que lhe tinha salvo a carreira.

— Continue, disse ele.

— Como sabe, eu também casei com uma moça que era. que não estava habituada à alta sociedade.

Hugh acenou em concordância. Sabia disso perfeitamente, mas não sabia como é que Solly e Maisie tinham resolvido essa questão pois estava no estrangeiro quando eles se casaram. Não deviam ter tido qualquer problema, pois Maisie tornara-se uma das anfitriãs mais famosas de Londres, e se as pessoas se lembravam da sua origem humilde, nunca falavam dela. Isso era fora do comum, mas não era um caso isolado: Hugh ouvira falar de duas ou três beldades da classe trabalhadora que, no passado, tinham sido aceitas pela alta sociedade.

— Maisie sabe o que Nora está passando — continuou Solly. — Pode ajudá-la bastante: ensinar-lhe o que dizer e fazer, que erros evitar, onde comprar vestidos e chapéus, como lidar com o mordomo e a

governanta, tudo isso. A Maisie sempre gostou muito de você, e tenho a certeza de que gostará de ajudar. E não há razão alguma para Nora não aprender o que Maisie aprendeu e tornar-se um dos pilares da sociedade.

Hugh descobriu-se comovido até as lágrimas. Aquele gesto de apoio vindo de um velho amigo lhe tocou o coração.

— Vou sugerir isso — disse ele, falando pouco para esconder os seus sentimentos. Levantou-se para partir.

— Espero não ter ido além do que devia — disse Solly, com alguma ansiedade, quando apertaram as mãos.

— Pelo contrário — assegurou-lhe Hugh. — Raios, Greenbourne, você é melhor amigo do que aquilo que eu mereço!

Quando Hugh regressou ao Banco Pilaster tinha um bilhete na secretária que dizia assim:

10.30

Meu caro Pilaster:

Tenho que vê-lo imediatamente. Encontre-me no Café Plage's, quando virar a esquina.

Fico à espera. O seu velho amigo

Tonio Silva.

Então o Tonio voltara! A sua carreira tinha ficado arruinada quando ele perdera num jogo de cartas com Edward e Micky mais do que podia pagar.

Deixara o país em desgraça, mais ou menos na mesma época que Hugh. O que teria acontecido desde então?

Cheio de curiosidade, Hugh dirigiu-se imediatamente ao café. Encontrou um Tonio mais velho, mais mal vestido e mais calmo, sentado a um canto a ler o Times. Ainda tinha o cabelo ruivo, mas já não restava nada do rapazinho travesso ou do jovem perdulário.

Embora tivesse apenas a idade de Hugh, vinte e seis anos, já se notavam algumas rugas de preocupação em volta dos seus olhos.

— Tive muito sucesso em Boston — disse Hugh em resposta à primeira pergunta de Tonio.

— Regressei em janeiro. Mas estou de novo tendo problemas com a maldita da minha família. E você?

— Houve muitas mudanças no meu país. A minha família já não tem a influência que tinha.

Ainda controlamos Milpita, a cidade de onde somos originários, mas na capital surgiram outros entre nós e o presidente García.

— Quem?

— A facção Miranda.

— A família de Micky?

— Exatamente. Apoderaram-se das minas de nitrato no norte do país e isto os enriqueceu.

Também detêm o monopólio do comércio com a Europa devido à ligação com o banco da sua família.

— Eu sabia que o Edward tinha bastantes negócios com Córdoba — disse Hugh surpreso — mas não tinha percebido que era tudo através de Micky. Mesmo assim, acho que não tem importância.

— Aí é que você se engana! — discordou Tonio. Tirou algumas folhas de papel de dentro do casaco. — Leia isto. É um artigo que escrevi para o Times.

Hugh pegou no manuscrito e começou a ler. Era a descrição das condições de trabalho numa mina de nitrato dos Miranda. Uma vez que o comércio era financiado pelo Banco Pilaster, Tonio imputava ao banco o mau tratamento dado aos mineiros. A princípio, Hugh não achou nada de estranho: muitas horas de trabalho, salários baixos e trabalho infantil eram uma característica das minas pelo mundo inteiro. Mas ao continuar a ler, viu que as coisas eram piores.

Nas minas dos Miranda, os capatazes andavam armados com chicotes e armas, e usavam — Nas livremente para incutir disciplina. Os trabalhadores — incluindo mulheres e crianças — eram açoitados por serem muito lentos e, se tentassem ir embora antes de ter expirado o prazo dos seus contratos de trabalho, podiam ser mortos. Tonio tinha relatos de pessoas que testemunharam essas "execuções",

— Mas isto é assassinato! — exclamou Hugh, horrorizado.

— Exatamente.

— O seu presidente sabe disto?

— Sim, mas os Miranda são agora os seus favoritos.

— E a sua família.

— Houve tempos em que tínhamos poder para pôr fim a isto. Agora precisamos de todos os esforços para conseguirmos controlar a nossa província.

Hugh ficou mortificado pelo fato da sua própria família e o banco estarem financiando uma indústria tão brutal, mas durante um momento tentou pôr de lado os sentimentos e pensar friamente nas consequências. O artigo que Tonio escrevera era exatamente o gênero de material que o Times gostava de publicar. Haveria discursos no Parlamento e cartas nos semanários. A consciência social dos homens de negócios, a maior parte dos quais era metodista, faria com que eles hesitassem antes de se envolverem com os Pilaster. Seria muito mau para o banco.

"Será que me importo?", pensou Hugh. O banco o tratara mal e estava prestes a abandoná-lo. Mas, apesar disso, não podia ignorar este problema. Ainda era um empregado, podia levantar o seu salário no final do mês, devia aos Pilaster a sua lealdade, pelo menos até ir embora. Tinha que fazer algo. O que queria Tonio? O fato dele estar mostrando a Hugh o artigo antes de publicar sugeria que queria fazer um acordo.

— O que você pretende? — perguntou Hugh. — Quer que deixemos de financiar o comércio do nitrato?

Tonio abanou a cabeça.

— Se os Pilaster se afastassem, alguém os substituiria, outro banco ainda com mais falta de senso. Não, temos que ser mais sutis.

— Já pensou em algo específico?

— Os Miranda estão planejando construir uma via férrea.

— Ah, sim. A via férrea de Santamaría.

— Essa estrada tornará o Papai Miranda o homem mais rico e mais poderoso do país, com exceção do presidente. E o Miranda é um bruto. Não quero que a via férrea seja construída.

— E é por isso que você vai publicar este artigo.

— E muitos outros. E organizarei conferências, farei discursos, influenciarei membros do Parlamento e tentarei uma audiência com o secretário de Estado do Exterior: tudo o que impeça o financiamento da via férrea.

“Pode dar certo, pensou Hugh. Os investidores se afastariam, de algo controverso.

Percebeu que Tonio mudara bastante, desde o jovem perdulário que não conseguia abandonar o jogo até ao adulto sóbrio, que organizava campanhas contra os maus tratos” infligidos aos mineiros.

— Por que você me procurou?

— Podemos facilitar o processo. Se o banco decidir não apoiar os títulos da via férrea, eu não publicarei o artigo. Assim, evitarei publicidade desagradável e eu também consigo o que quero. Tonio sorriu, com algum embaraço. — Espero que não veja isto como chantagem —. É muito cruel, eu sei, mas não tão cruel como chicotear crianças numa mina de nitrato.

— Não acho nada cruel — disse Hugh. — Admiro o seu espírito de cruzado. As consequências que o banco sofrer não me afetam diretamente: vou pedir demissão.

— Sério? — Tonio estava perplexo. — Por quê?

— É uma longa história. Em outra ocasião eu o colocarei a par de tudo. Agora, no entanto, o máximo que posso fazer é dizer aos sócios que você apareceu aqui com essa proposta. Eles que decidam o que vão fazer. Tenho certeza que não pedirão a minha opinião.

Ainda segurava na mão o manuscrito de Tonio. — Posso ficar com isto?

— Sim. Tenho uma cópia.

As folhas de papel tinham o timbre do Hotel Russel, Berwick Street, Soho. Hugh nunca ouvira falar dele: não era um dos bons hotéis de Londres.

— Depois eu lhe digo qual a opinião dos sócios.

— Obrigado. — Tonio mudou de assunto. — Lamento ter sido a nossa conversa apenas sobre negócios. Temos que nos reunir um dia e falar dos bons velhos tempos.

— Tem que conhecer a minha mulher.

— Adoraria.

— Eu entro em contato com você

Hugh saiu do café e voltou para o banco. Ao olhar para o grande relógio do salão, ficou surpreso ao ver que ainda não era uma hora: já acontecera tanta coisa naquela manhã! Foi direito à sala dos sócios, onde encontrou Samuel, Joseph e Edward. Entregou o artigo ao primeiro, que o leu e passou a Edward.

Edward teve um ataque de fúria e não conseguiu acabar de ler.

— Você tramou isso com o seu velho colega! Está tentando estragar os nossos negócios com a América do Sul! Você tem ciúmes por não terem colocado você como sócio Hugh compreendeu por que motivo ele estava tão histérico. O comércio sul-americano era a única

contribuição significativa de Edward para o banco. Se isso fosse por água abaixo, ele não teria qualquer utilidade.

— No colégio você já era um cabeça dura e ainda continua sendo! disse Hugh, suspirando.

— A questão aqui é saber se o banco quer se responsabilizar pelo poder e influência crescentes do Papai Miranda, um homem que aparentemente não se importa nada em açoitando mulheres e assassinar crianças.

— Não acredito nisso! — exclamou Edward. — A família Silva é inimiga dos Miranda. Isso não passa de propaganda política.

— Tenho a certeza de que é isso que o seu amiguinho Miranda vai dizer. Mas será verdade?

O tio Joseph olhou para Hugh com alguma suspeita.

— Há algumas horas você veio ter comigo para me dissuadir do negócio. Não sei se toda essa história não foi inventada para acabar com o primeiro negócio importante de Edward.

— Se vai duvidar da minha boa fé — disse Hugh, se levantando —, vou embora imediatamente.

— Sente-se, Hugh — interveio Samuel. — Não nos compete descobrir se este artigo é verdadeiro ou não. Somos banqueiros, não juizes. O fato da via férrea de Santamaría se tornar uma questão controvertida torna o lançamento dos títulos mais arriscados, e isso significa que devemos reconsiderar.

— Não estou aqui para ser amedrontado — disse Joseph, com agressividade. — Deixem este papagaio publicar o seu artigo e ir para o inferno!

— Isso é uma maneira de lidar com o problema — afirmou Samuel, pensativo, dando maior importância à beligerância de Joseph do que ela na realidade merecia. — Podemos esperar e ver o efeito que o artigo terá no preço dos títulos sul-americanos: não existem muitos, mas são suficientes para servirem de barômetro. Se forem um desastre, cancelamos a via férrea de Santamaría. Se não, prosseguimos. — Não me importo de me submeter à decisão do mercado — disse Joseph, já mais calmo.

— Há ainda outro aspecto a considerar — prosseguiu Samuel. — Podemos nos juntar a outro banco para a emissão dos títulos e suportá-la

em conjunto. Desse modo, qualquer publicidade mais hostil será enfraquecida, tendo que se dividir por dois alvos.

Aquilo fazia bastante sentido, pensou Hugh. Não era o que ele teria feito. Teria cancelado a emissão de títulos. Mas a estratégia pensada por Samuel diminuiria o risco, e isso é que eram transações bancárias. Samuel era muito melhor banqueiro do que Joseph-

— Está bem — concordou Joseph, com a sua impulsividade habitual. — Edward, veja se consegue arranjar um parceiro.

— Com quem devo falar? — perguntou ele, ansioso.

Hugh percebeu que ele não tinha a mínima ideia de como agir numa situação daquelas.

— Isso é um problema — respondeu Samuel. — Pensando bem, não há muitos bancos que queiram se expor tanto pela América do Sul. Devia falar com os Greenbourne: talvez sejam os únicos suficientemente grandes para correrem o risco

— Conhece o Solly Greenbourne, não é verdade?

— Sim. Falarei com ele.

Hugh pensou se não deveria avisar Solly para que recusasse a proposta de Edward, mas pensou melhor: ia ser contratado como especialista na América do Norte, e iria parecer presunção se começasse a opinar sobre uma área completamente diferente. Decidiu tentar mais uma vez persuadir o tio Joseph a cancelar completamente a emissão.

— Por que não abandonamos a via férrea de Santamaría? — Sugeriu ele. — É um negócio pouco interessante. O risco sempre foi muito grande e agora estamos também ameaçados de má publicidade. Será que precisamos disso?

— Os sócios tomaram uma decisão e não cabe à você questioná-la — disse Edward com petulância.

— Você tem toda razão — assentiu Hugh, desistindo. — Não sou sócio e em breve também deixarei de ser um empregado.

— O que isso quer dizer? — perguntou Joseph, franzindo o cenho?

— Vou pedir demissão!

— Não pode fazer isso! — exclamou Joseph, surpreendido.

— Claro que posso! Sou um mero empregado, e vocês têm me tratado como tal. Então, como empregado, vou deixá-los para ir para um emprego melhor.

— Onde?

— Por acaso vou trabalhar com os Greenbourne.

Os olhos de Joseph pareciam que iam saltar das órbitas.

— Mas você é o único que conhece todos os norte-americanos!

— Calculo que foi por isso que o Ben Greenbourne ficou tão interessado em me contratar -

disse Hugh. Não podia deixar de estar contente pelo fato do tio ter ficado tão irado.

— Mas assim você vai nos tirar muitos negócios!

— Deviam ter pensado nisso quando decidiram voltar atrás com a proposta de sócio.

— Quanto é que vão pagar?

— Não tem nada a ver com isso — respondeu ele, firmemente, se levantando.

— Como se atreve a falar com o meu pai nesse tom? — gritou Edward.

A indignação de Joseph rebentara como uma bolha e, para surpresa de Hugh, ele se acalmou de repente.

— Ora cale-se Edward! — disse ele suavemente. — Uma certa astúcia faz parte do todo que forma um bom banqueiro. Há ocasiões em que desejo que você se pareça mais com Hugh — Ele pode ser a ovelha negra da família, mas pelo menos tem alguma energia.

Voltou-se para Hugh. — Vai, vai embora — disse ele sem malícia. — Espero que fracasse, mas não aposto nisso.

— Sem dúvida que isso é a coisa mais parecida com votos de boa sorte que irei ouvir do lado da família — disse Hugh. — Tenha um bom dia!

— Como está a querida Rachel? — perguntou Augusta enquanto servia o chá — Está bem! Ela pode vir mais tarde.

Na verdade, ele não conseguia entender a esposa. Ela era virgem ao se casarem, mas se comportava como uma prostituta. Entregava-se a ele em qualquer momento, em qualquer lugar, e sempre com entusiasmo. Uma das primeiras coisas que ele tentara, logo depois do casamento, fora amarrá-la na cabeceira da cama, para recriar a visão que desfrutara ao se sentir atraído por ela pela primeira vez; e um tanto para a sua surpresa, Rachel se submetera com a maior docilidade.

Até agora, nada do que Micky fizera com ela a levava a resistir. Ele chegara a levá-la para a sala de estar, onde havia o risco dos criados os



verem, mas ela gostara mais ainda.

Por outro lado, ela era o oposto da esposa submissa em todos os aspectos da vida.

Discutia com ele por causa da casa, dos criados, do dinheiro, da política e da religião.

Quando se cansou de contradizê-la, tentou ignorá-la, depois a insultou, mas nada produziu qualquer efeito. Ela tinha a ilusão de que gozava do direito de expressar a sua opinião tanto como um homem.

— Espero que ela ajude no trabalho — disse Augusta.

— É uma boa anfitriã nas recepções da embaixada — assentiu ele. — Atenta e graciosa.

— Achei que ela se saiu muito bem na festa que você deu para o embaixador Portilho — comentou Augusta.

Portilho era o enviado português e, Augusta e Joseph haviam sido convidados a jantar.

— Rachel está com a ideia estúpida de abrir uma maternidade para mães solteiras — disse Micky, deixando transparecer a sua irritação.

— Isso é impossível para uma mulher com a posição dela na sociedade — disse Augusta, abanando a cabeça em desaprovação. Além disso, já existem um ou dois hospitais desses.

— Ela afirma que são todas instituições religiosas que dizem às mulheres como elas são pecadoras. A maternidade dela vai ajudar sem pregações..

— Ainda pior! — comentou Augusta. — Pense no que a imprensa diria!

— Exatamente. Tenho sido bastante firme com ela a esse respeito.

— É uma moça de sorte — disse Augusta, o favorecendo com um sorriso insinuante.

Ele percebeu que ela estava flertando, mas agora era incapaz de reagir,. A verdade é que estava muito envolvido com Rachel. Claro que não a amava, mas sentia-se absorvido pela sua relação com ela, que exigia toda a sua energia sexual. Para compensar sua distração, segurou na mão de Augusta, quando ela lhe passou a xícara com o chá.

— Sinto-me lisonjeado — disse ele, devagar.

— Sem dúvida. Mas há algo que o preocupa, não há?

— Querida Mrs. Pilaster, sempre tão perspicaz! Por que penso ainda que consigo lhe esconder alguma coisa? Libertou a mão dela e pegou

na xícara. — Sim, estou muito preocupado com a ferrovia de Santamaría.

— Pensei que os sócios tinham concordado com isso.

— Sim, concordaram, mas estas coisas demoram tanto tempo a se concretizarem! O

mundo das finanças é muito lento. Eu entendo isso, mas a minha família não. O papá manda-me telegramas duas vezes por semana. Maldita a hora em que o telégrafo chegou a Santamaría!

Edward entrou cheio de novidades.

— O Antonio Silva voltou! — exclamou, ainda antes de fechar a porta.

— Como é que você sabe? — perguntou Augusta, empalidecendo.

— Hugh esteve com ele.

— Isso é uma surpresa — disse ela, e Micky ficou surpreso ao ver que a mão dela tremia ao pousar a xícara de chá.

— E o David Middleton continua fazendo perguntas — acrescentou Micky lembrando-se da conversa dele com Hugh no baile da condessa de Tenbigh. Micky fingiu estar preocupado, mas na realidade, até lhe agradava bastante aquela situação. Adorava que lembrassem a Edward e a Augusta, o pequeno segredo que partilhavam.

— E não é só isso — disse Edward. — Ele está tentando sabotar a emissão de ações da ferrovia de Santamaría

Micky franziu o cenho. A família de Tonio fora contra à ferrovia em Córdoba, mas tinham sido ignorados pelo presidente García. O que poderia fazer Tonio ali, em Londres?

— Como ele poderia fazer alguma coisa? — perguntou Augusta, a quem ocorrera a mesma ideia.

— Leia isso — disse Edward, entregando à mãe alguns papéis.

— O que é isso? — perguntou Micky.

— É um artigo que Tonio, tenciona publicar no The Times, sobre as minas de nitrato da sua família.

— Ele afirma que a vida de um mineiro de nitrato é desagradável e perigosa -. disse Augusta zombeteira, após ter dado uma olhada nas folhas.

— Quem é que pensava que aquilo era um mar de rosas?

— Também diz que as mulheres são açoitadas e as crianças mortas por desobediência — disse Edward.

— Mas o que tem isso a ver com a emissão das ações? — Perguntou Augusta.

— A ferrovia destina-se a transportar o nitrato para a capital. Os investidores não gostam de nada que seja controverso. Muitos deles já estão preocupados com os títulos sul-americanos.

Uma coisa destas poderia assustá-los bastante.

Micky ficou abalado. Aquilo eram más notícias.

— O que diz o seu pai de tudo isso? — perguntou ele a Edward.

— Estamos tentando que outro banco entre conosco nisto, mas vamos deixar que Tonio publique o artigo e ver o que acontece. Se a publicidade arrasar os títulos sul-americanos, teremos que abandonar o projeto ferrovia de Santamaría.

Raios partissem o Tonio! Era esperto — e o Papai era um idiota por dirigir as minas como campos de escravos e esperar obter dinheiro do mundo civilizado. Mas o que poderia ser feito? Micky ficou pensando; Tonio tinha que ser silenciado, mas não podia ser persuadido ou subornado. O coração de Micky ficou gelado ao perceber que teria que usar métodos mais rudes e arriscados.

— Posso ver o artigo? — perguntou ele, fingindo estar calmo.

Augusta entregou a ele

A primeira coisa que viu foi o endereço do hotel no alto da folha.

— Oh, isto não é nada — disse ele com um ar despreocupado.

— Mas ainda não o leu! — protestou Edward.

— Não preciso. Já vi o endereço

— E depois?

— Agora que sabemos onde o encontrar, poderemos lidar com ele — disse Micky. — Deixem o assunto por minha conta.

## CAPÍTULO III

### MAIO

Solly adorava ver Maisie vestir-se.

Todas as noites se vestia a rigor e chamava as criadas para penteá-la e enfeitarem os seus cabelos com flores ou contas; depois, mandava as criadas embora e esperava pelo marido.

Iam sair naquela noite como, aliás, faziam na maior parte das noites. A única hora em que não o faziam, durante a temporada londrina, era quando eles próprios davam uma festa. Entre a Páscoa e o fim de Julho nunca jantavam sozinhos.

Ele apareceu às seis e meia, de calças pretas e colete branco, com uma taça de champanhe na mão. Naquela noite, o cabelo de Maisie estava decorado com flores amarelas. Ela despiu o robe e ficou nua em frente ao espelho. Deu uma pirueta para Solly e começou a se vestir. Em primeiro lugar, vestiu uma camisa de linho, que tinha flores bordadas na gola. Tinha fitas de seda nos ombros para poder ser atada ao vestido, de modo a que não fosse vista. Em seguida, calçou meias de lã brancas, que prendeu acima dos joelhos com umas ligas.

Vestiu um calção de algodão, com um bonito debrum e cintura apertada com fitas, e calçou sapatos de cetim amarelo.

Solly ajudou-a a vestir o espartilho, apertando bem atrás.

A maior parte das mulheres precisava da ajuda de uma ou duas criadas para se vestir, pois era impossível por sozinha, o espartilho. Contudo, Solly aprendeu a executar estas tarefas, para não perder o prazer de as ver.

As anáguas de crinolina e anquinhas haviam saído de moda, mas Maisie pôs uma anágua de algodão, com uma cauda de babados e uma bainha franzida, para sustentar a cauda do vestido. A anágua era presa nas costas com um laço, que Solly se encarregou de dar.

Finalmente, estava pronta para o vestido. Era de tafetá sedoso em listras amarelas e brancas. O corpete tinha um corte largo, que favorecia o seu colo, e era preso nos ombros com um laço. O resto do traje era preso na cintura, nos joelhos e bainha. Uma das criadas demorara um dia inteiro para passá-lo a ferro.

Ela se sentou no chão e Solly levantou o vestido sobre ela, de modo que ficou sentada dentro dele como dentro de uma tenda. Depois se levantou cautelosamente, esticando as mãos através das aberturas e a cabeça pela gola. Ela e Solly ajeitaram as pregas até que ficou tudo como devia ser.

Maisie abriu o guarda-joias e retirou um colar de diamantes e esmeraldas com os brincos iguais, que Solly lhe oferecera no primeiro aniversário de casamento.

Agora vamos ver o nosso velho amigo Hugh Pilaster com muito mais frequência — disse ele, enquanto ela colocava as joias.

Maisie disfarçou um suspiro. A natureza confiante de Solly podia tornar-se cansativa. Um marido normalmente desconfiado teria percebido a atração existente entre Maisie e Hugh e ficaria de mau humor cada vez que o nome do outro homem fosse pronunciado, mas Solly era demasiado inocente.

Não fazia ideia de que punha a tentação no caminho da esposa.

— O que aconteceu? Perguntou ela num tom neutro -Vem trabalhar conosco no banco.

— Por que ele deixou os Pilaster? Pensei que estava se dando bem com eles.

— Não quiseram torná-lo sócio do banco. —

— Oh, não! — Conhecia Hugh melhor do que ninguém e calculou o que ele deveria ter sofrido com a falência do pai e do seu suicídio. Podia adivinhar como ele tinha ficado triste com a recusa de sociedade. — Os Pilaster são uma família má — disse ela emocionada.

— Não me surpreende. — A família Pilaster é mesquinha demais.-Tinha assistido ao incidente no baile da duquesa de Tenbigh Conhecendo os Pilaster como conhecia, não conseguiu evitar pensar que Augusta teria tido alguma coisa a ver com o fato, a fim de desacreditar Hugh.

— Você tem que ter pena de Nora.

— Hum.

Maisie conhecera Nora algumas semanas antes do casamento e antipatizara com ela imediatamente. Na realidade, magoara Hugh ao dizer-lhe que Nora era uma oportunista de coração frio e que não deveria casar com ela.

— De qualquer modo, sugeri a Hugh que você poderia ajudá-la.

— O quê? — perguntou ela com voz aguda. Afastou o olhar do espelho. — Ajudá-la?

— Reabilitá-la. Sabe como é se sentir considerado inferior por causa de uma origem humilde.

Você venceu todos os preconceitos!

— E agora devo provocar a mesma transformação em todas as outras mulheres de classe inferior que casam na sociedade? — perguntou Maisie com rispidez. — É evidente que fiz qualquer coisa errada — disse Solly preocupado. — Pensei que gostaria de ajudar, sempre gostou tanto do Hugh!

Maisie dirigiu-se ao armário para tirar as luvas.

— Gostaria que tivesse me consultado primeiro. — Abriu o armário. Na porta, emoldurada da madeira, estava pendurada a velha gravura que ela salvara do circo, mostrando-a de calças, de pé, no dorso de um cavalo branco, com a legenda.: *A Espantosa Maisie*." A gravura fez desaparecer o ataque de cólera e sentiu repentinamente vergonha de si mesma. Correu para Solly e lançou-lhe os braços em volta do pescoço — Oh, Solly!, como posso ser tão mal-agradecida?

— Pronto, pronto — murmurou ele, fazendo-lhe festas nos ombros nus.

— Você foi tão bom e tão generoso comigo e com a minha família. Claro que faço isto por você, se quiser.

— Detestaria forçar-la a fazer uma coisa que você não quer — Não, não, não está forçando! Por que não terei de ajudar Nora a conseguir o que eu consegui? — Olhou para o rosto rechonchudo do marido, marcado por rugas de ansiedade.

Fez-lhe uma festa.

— Não se preocupe. Estava sendo muito egoísta, mas já passou. Vai vestir o casaco. Eu estou pronta. — Pôs-se na ponta dos pés e beijou-onos lábios, depois ficou com raiva e calçou as luvas.

Sabia o que a tinha irritado. A ironia da situação era amarga. Pediram-lhe que ensinasse a Nora o papel de Mrs. Hugh Pilaster — a posição que ela tanto desejava ocupar. No mais íntimo dela ainda queria ser a mulher de Hugh e detestava Nora por ter conseguido o que ela perdera. Afinal de contas, era uma atitude vergonhosa e Maisie resolveu

esquecê-la. Deveria estar contente por Hugh ter casado. Ele tinha sido muito infeliz e ela tinha sido em parte, responsável.

Agora podia deixar de se preocupar com ele. Sentia uma sensação de perda, não de dor, mas conseguia manter esses sentimentos fechados num compartimento onde ninguém entraria. Ela se entregaria com todas as suas energias à tarefa de trazer Nora Pilaster de volta às boas graças da alta sociedade londrina.

Solly voltou com o seu casaco e se dirigiram aos aposentos de Bertie, que já estava de camisola, brincando com um trem de madeira. Adorava ver Maisie com os seus vestidos e ficaria muito desapontado se ela saísse à noite e não lhe mostrasse o que levava. Contou-lhe o que acontecera durante a tarde no parque; tinha ficado amigo de um cão muito grande — e Solly sentou-se no chão, brincando de trem com o menino. Chegou a hora de Bertie ir se deitar, e os pais desceram as escadas e entraram na Carruagem.

Iriam a um jantar e depois a um baile, ambos a pouco menos de um quilometro da casa deles, mas Maisie não poderia andar pela rua com um vestido daqueles: a bainha, a cauda e os sapatos de seda estariam sujos quando ela chegasse. Ainda sorria ao se lembrar que a moça, que uma vez andara durante quatro dias para chegar a Newcastle, não conseguiria deslocar-se um quilometro sem a sua carruagem.

Poderia começar o seu trabalho com Nora naquela noite. Quando chegaram ao destino e entraram na sala de estar do marquês de Hatcliford, a primeira pessoa que ela viu foi o conde de Tokoly.

Conhecia— O bastante bem e ele lhe dizia sempre muitos galanteios, por isso sentiu-se à vontade para ser direta.

— Quero que desculpe o fato de Nora Pilaster ter lhe dado uma bofetada. começou ela — Perdoar? — perguntou ele. — Sinto-me lisonjeado! É um grande cumprimento pensar que, na minha idade, ainda consigo fazer com que uma mulher me dê uma bofetada.

— Isso não foi o que sentiu na hora", pensou Maisie. No entanto, estava contente por ele encarar o incidente de ânimo leve. Mas se ela se tivesse recusado a me levar a sério -

prosseguiu ele —, isso sim, teria sido um insulto.

"Era exatamente o que a Nora deveria ter feito", refletiu Maisie.

— Diz uma coisa — continuou ela. — Mrs. Joseph Pilaster encorajou você a se meter com a sobrinha?

— Credo! — replicou ele. — Achar que Mrs. Joseph Pilaster é uma alcoviteira! Ela não fez nada disso

— Alguém o encorajou?

Ele olhou para Maisie, semicerrando os olhos. — Você é muito esperta, Mrs.

Greenbourne. Sempre a respeitei por isso! É muito mais esperta que Nora Pilaster. Ela nunca será como a senhora.

— Mas não respondeu à minha pergunta.

— Vou lhe dizer a verdade, uma vez que a admiro tanto. O embaixador de Córdoba, senhor Miranda, disse que Nora era, como direi, suscetível.

— Então era isso.

— E Micky Miranda foi incitado a isso por Augusta, tenho certeza. Aqueles dois são unha e carne.

— Espero não ter sido usado como joguete — disse o conde de Tokoly, ofendido.

— Esse é o perigo de se ser tão previsível — retrucou Maisie, irritada.

No dia seguinte levou Nora à sua modista.

Enquanto Nora experimentava modelos e tecidos, Maisie ficou sabendo mais acerca do incidente no baile da duquesa de Tenbigh

— Augusta disse alguma coisa de antemão acerca do conde? — perguntou ela. ' -

— Avisou-me para não deixar que tomasse comigo certas liberdades — respondeu Nora.

— Então você já estava preparada para ele, por assim dizer.

— Sim.

— E se Augusta não tivesse dito isso, você teria se portado da mesma maneira?

Ela pensou um pouco.

— Provavelmente não teria batido nele. Não teria tido coragem. Mas Augusta me fez pensar que era importante tomar uma posição.

— Ela queria que isso acontecesse. Também pediu a uma pessoa que fosse dizer ao conde que você era uma mulher fácil.

— Tem certeza? — perguntou Nora, perplexa.

— Ele me contou. Ela é uma puta manhosa e não tem escrúpulos nenhum. — Maisie percebeu que estava falando com o seu sotaque de



Newcastle, o que era muito raro. Voltou ao normal. — Nunca subestime a capacidade de Augusta de trair as pessoas.

— Ela não me assusta — disse Nora, desafiadora. — Eu também não tenho muitos escrúpulos.

Maisie acreditou, e sentiu pena de Hugh.

O vestido indicado para Nora era uma polonesa, pensou ela enquanto a modista prendia um vestido em volta da figura generosa de Nora. Os pequenos detalhes do vestido a favoreciam: os rufos pregueados, a abertura à frente enfeitada com laços, e a saia trançada e debruada, tudo caía muito bem nela

Talvez fosse um pouco voluptuosa demais, mas um espartilho comprido refrearia a sua tendência para rebolar.

— Andar bem vestida é meia batalha — disse ela, enquanto Nora se admirava ao espelho. — No que diz respeito aos homens, é tudo o que importa. Mas tem que se fazer mais para ser aceita pelas mulheres.

— Sempre me dei melhor com homens do que com mulheres — disse Nora.

Maisie não ficou surpreendida: ela era desse gênero.

— Você deve ser como eu — continuou Nora. — É por isso que chegamos onde chegamos.

— Será que somos do mesmo jeito?”, interrogou-se Maisie”.

— Não que eu me coloque no mesmo nível que o seu! — acrescentou a outra. — Todas as moças ambiciosas de Londres a invejam.

Maisie estremeceu com o fato de ser considerada uma heroína pelas caçadoras de fortunas, mas não disse nada, porque de até merecia. Nora casara por dinheiro e ficava satisfeita ao admiti-lo a Maisie, porque presumia que esta tinha feito a mesma coisa.

E estava certa.

— Não estou me queixando-disse Nora —, mas fiquei com a ovelha negra da família, a que não tem dinheiro. Você casou com um dos homens mais ricos do mundo.

"Como ficaria surpreendida se soubesses como eu tenho vontade de trocar com você!", pensou Maisie.

Afastou o pensamento. Está bem, ela e Nora eram parecidas. Maisie a ajudaria a ganhar a aprovação dos esnobes e das megeras que dominavam a sociedade.

— Nunca fale do preço das coisas — começou Maisie, lembrando-se dos seus primeiros erros.

Mantenha-se sempre calma e serena, aconteça o que acontecer. Se o seu cocheiro tiver um ataque cardíaco, se a sua carruagem se despistar, se o seu chapéu voar e se as suas calças caírem, diga apenas: "Credo, que excitação", e entre num fiacre. Lembre-se que o campo é melhor que a cidade, o ócio é superior ao trabalho, as coisas velhas são melhores que as novas e a posição social é mais importante que o dinheiro. Saiba um pouco de tudo, mas nunca seja uma especialista. Experimente falar sem mexer os lábios: melhora a pronúncia.

Diga às pessoas que o seu bisavô era agricultor em Yorkshire. É um lugar muito grande para as pessoas verificarem e a agricultura é um meio honrado de se ficar pobre.-

Nora fez uma pose, pareceu distante e disse languidamente: — Mas é tanta coisa para lembrar. como posso conseguir algum dia?

— Perfeito — elogiou Maisie. — Vai se sair muito bem.

Micky Miranda parou junto a uma porta de Berwick Street, envergando um sobretudo leve que o protegia do frio da noite primaveril. Fumava um charuto e observava a rua. Perto dele havia um lampião a gás, mas manteve-se na sombra, de modo que o seu rosto não fosse facilmente visto por um transeunte. Sentia-se ansioso, insatisfeito consigo próprio, desonrado. Detestava violência. — O Papá e o Paulo é que gostavam disso. A Micky isso sempre parecera a admissão de um erro.

Berwick Street era uma ruela estreita e imunda, cheia de pubs e pensões. Os cães vasculhavam as sarjetas e algumas crianças brincavam à luz dos lampiões. Micky estava ali desde o anoitecer e ainda não avistara um único policial. Já era quase meia— Noite.

O Hotel Russel que ficava do outro lado da rua. Já vira melhores dias, mas ainda era superior aos que o rodeavam. Havia uma lâmpada por cima da porta e Micky conseguia ver o vestíbulo, e o balcão da recepção. No entanto, parecia não ter ninguém.

Dois homens caminhavam vagarosamente no outro passeio, cada um no seu lado da entrada do hotel. Os três estavam à espera de Antonio Silva.

Micky fingira estar calmo em frente a Edward e Augusta, mas, de fato, estivera desesperadamente preocupado com a publicação do artigo de Tonio no Times. Tinha-se esforçado tanto para conseguir que os Pilaster apoiassem a via férrea de Santamaría! Até tinha casado com a puta da Rachel por causa dos malditos títulos! Toda a sua carreira dependia do sucesso. Se desiludisse a família, o pai não só ficaria com muita raiva, como iria querer se vingar. Tinha poderes para conseguir que Micky fosse despedido do seu cargo de embaixador.

Sem dinheiro e sem posição, não poderia ficar em Londres: teria que regressar a Córdoba e suportar a humilhação e a desgraça.

Fosse como fosse, a vida que ele levara durante tantos anos, acabaria.

Rachel exigira saber onde é que ele ia passar a noite. Ele riu. — Nunca me faça perguntas — tinha ele respondido — Então também vou sair hoje à noite -fora a resposta dela, surpreendendo-o.

— Para onde?

— Nunca me faça perguntas.

Micky a trancara no quarto.

Quando voltasse para casa, ela estaria furiosa, mas isso já acontecera antes. Noutras ocasiões em que ela ficava assim, atirara— A para cima da cama e rasgara-lhe as roupas, e ela sempre se submetera cheia de vontade. Tinha a certeza que isso voltaria a acontecer naquela noite.

Gostaria de ter a mesma certeza acerca de Tonio. Nem sequer sabia se ele ainda estava naquele hotel, mas não podia entrar e fazer perguntas, pois isso levantaria suspeitas.

Agira o mais depressa que pôde, mas mesmo assim tinha demorado quarenta e oito horas a localizar e contratar dois brutos implacáveis, fazer o reconhecimento do terreno e preparar a emboscada.

Durante esse tempo, Tonio poderia ter mudado de hotel. E Micky estaria metido em encrenca

Um homem cuidadoso andaria de hotel para hotel. Mas um homem cuidadoso não utilizaria folhas de papel com um endereço. Tonio não era do tipo cuidadoso. Pelo contrário, sempre fora bastante despreocupado. Era quase certo que ainda se encontrava naquele hotel, pensou Micky.

Estava certo.

Tonio apareceu alguns minutos depois da meia-noite.

Micky julgou reconhecer-lhe o andar quando ele virou a esquina da Berwick Street, vindo de Leicester Square. Ficou tenso, mas resistiu à tentação de se afastar imediatamente. Esperou até que ele passasse pelo lampião, onde o seu rosto ficaria por momentos bem visível. Não teve dúvidas: era Tonio. Até conseguiu ver as costeletas ruivas. Sentiu-se aliviado e ansioso: aliviado por ver Tonio, ansioso devido ao ataque cruel que iria fazer.

Então viu os policiais.

Era muito azar. Eram dois, descendo a Berwick Street vindos da direção oposta, com os bastões pendurados nos cintos, apontando as potentes lâmpadas para os cantos escuros.

Micky ficou imóvel. Não podia fazer nada. Viram Micky, repararam no seu chapéu alto e no charuto e cumprimentaram— No com deferência: não tinham nada a ver com o fato de um homem da alta sociedade estar parado junto ao vão de uma porta. Andavam à procura de criminosos, não de cavalheiros. Passaram por Tonio a quinze ou vinte metros da porta do hotel. Micky estava impaciente de frustração. Mais alguns momentos e Tonio estaria em segurança dentro do hotel.

Os dois policiais viraram a esquina e desapareceram. Micky fez um gesto para os cúmplices. Estes se deslocaram com rapidez.

Antes que Tonio tivesse tido tempo para chegar à porta do hotel, os dois homens o agarraram e empurraram para um beco.

Ele gritou uma vez, mas depois os seus gritos foram abafados.

Deitando fora o resto do charuto, Micky atravessou a rua e entrou no beco. Tinham enfiado um lenço na boca de Tonio, a fim de evitar que ele fizesse barulho, e estavam a espancá-lo com barras de ferro. O chapéu caíra e a cabeça e o rosto já estavam cobertos de sangue. O corpo estava protegido por um casaco, mas eles o atingiam nos joelhos, nas pernas e nas mãos.

Ao ver aquilo, Micky sentiu-se mal.

— Parem com isso, idiotas! — murmurou ele. — Não veem que ele já levou o suficiente?

Micky não queria matar Tonio. Do jeito que as coisas estavam, o incidente pareceria um assalto normal, acompanhado por um espancamento selvagem. Um assassino faria muito mais estardalhaço — e os policiais tinham visto o rosto de Micky, ainda que apenas por alguns momentos.

Com aparente relutância, os bandidos pararam de bater em Tonio, que tombou no chão e ficou imóvel.

— Esvaziem os bolsos dele! — ordenou ele.

Tonio não se mexeu quando lhe tiraram o relógio de bolso, a carteira, algumas moedas, um lenço de seda e uma chave.

— Deem-me a chave — disse ele. — O resto é para vocês.

— Dê o dinheiro — disse Barker, o mais velho dos homens, conhecido como "Cão".

('Barker: Aquele que ladra, daí a alcunha de "Cão".) (N. da T.)

Deu a cada um dez libras em soberanos de ouro. O "Cão" entregou-lhe a chave. Preso a ela por um fio estava um cartão com o número " 11 " escrito. Era tudo o que Micky precisava.

Virou-se para sair do beco — e viu que estava sendo observado. Havia um homem na rua a olhar para eles. O coração bateu— Mais depressa.

O "Cão" viu-o logo a seguir. Rogou uma praga e ergueu a barra de ferro para bater no homem

De repente, Micky percebeu algo e o deteve

— Não — disse ele. — Isso não é necessário. Olhe para ele.

O homem tinha o queixo caído e uma expressão vazia nos olhos: era deficiente mental O "Cão" baixou a arma.

— Não nos fará mal — disse ele. — Tem um parafuso a menos.

Micky empurrou-o ao entrar na rua. Olhando para trás, viu o "Cão" e o companheiro a tirarem as botas de Tonio.

Micky afastou-se, esperando nunca mais voltar a vê-los. Entrou no Hotel Russel. Para seu alívio, a secretaria da recepção continuava desocupada. Subiu as escadas.

O hotel era formado por três prédios juntos e Micky demorou algum tempo a achar o quarto. Passados dois ou três minutos entrou no quarto 11.

Era pequeno e sombrio, atulhado de móveis que outrora tinham sido pretensiosos e agora, estavam em mau estado.

Micky pousou o chapéu e a bengala numa cadeira e começou a busca, rápida e metodicamente. Na escrivaninha encontrou uma cópia do artigo para o Times e guardou-a.

No entanto, aquilo não servia muito.

Tonio deveria possuir mais cópias ou então, saberia escrevê-lo novamente. Mas para poder publicar o artigo teria que ter algumas provas e era delas que Micky andava à procura.

Na cômoda encontrou um livro intitulado A Duquesa de Sodoma, que se sentiu tentado a roubar, decidindo depois que seria um risco desnecessário. Jogou as camisas e a roupa de baixo de Tonio para o chão e aproveitou para procurar, mas ali, não havia nada escondido.

Não esperava encontrá-las logo à vista.

Olhou para trás e para baixo da cômoda, da cama e do armário. Subiu para cima da mesa para espreitar para cima do armário: lá só havia uma grande quantidade de pó. Tirou os lençóis da cama, apalpou as almofadas e inspecionou o colchão. Descobriu o que queria debaixo dele.

Dentro de um grande envelope, havia uma quantidade grande de papéis atados com fitas de advogados

Antes de conseguir examinar os documentos ouviu passos no corredor. Atirou os papéis para o chão e colocou-se atrás da porta. Os passos afastaram-se. Desatou as fitas e deu uma olhada nos documentos. Estavam escritos em espanhol e tinham o carimbo de um advogado de Palma. Eram os depoimentos das testemunhas que tinham visto os espancamentos e as execuções nas minas de nitrato da família Miranda.

Micky levou os papéis à boca e beijou-os. Era a resposta às suas preces.

Meteu-os dentro do casaco. Antes de destruí-los tinha que anotar os nomes e os endereços das testemunhas. Os advogados tinham cópias dos depoimentos, mas as cópias não serviam de nada sem as testemunhas. E agora que Micky sabia quem elas eram, os seus dias estavam contados. Mandaria os endereços ao papá e ele as silenciaria.

Haveria mais alguma coisa? Olhou em volta. O quarto estava uma bagunça! Dali já não levaria mais nada, pois já tinha o que precisava. Sem provas, o artigo de Tonio não valeria nada.

Saiu do quarto e desceu as escadas. Para sua surpresa, havia um empregado na recepção.

— Posso perguntar o que deseja? — inquiriu em tom de desafio.

Micky hesitou por alguns instantes. Se ignorasse o empregado, ele apenas pensaria que ele era mal educado. Parar e falar com ele seria permitir que ele visse o seu rosto.

Não disse nada e saiu. O empregado não o seguiu.

Ao passar pelo beco, ouviu uma voz débil pedindo socorro. Tonio rastejava em direção à rua, deixando atrás de si, um rastro de sangue.-

Ao ver aquilo, Micky teve vontade de vomitar. Enojado, fez uma careta, desviou o olhar e afastou-se.

Durante a tarde, as damas ricas e os homens ociosos se visitavam. Era uma maçada, e quatro vezes por semana Maisie mandava as criadas dizerem que não se encontrava em casa.

Recebia as pessoas às sextas-feiras, e o seu número podia chegar às trinta ou quarenta durante a tarde. Eram mais ou menos sempre as mesmas pessoas: o grupo de Marlborough, o grupo judeu, mulheres com ideias avançadas como Rachel Bodwin e as esposas dos conhecidos de Solly que eram os mais importantes para o banco.

Emily Pilaster fazia parte deste último grupo. O marido Edward estava envolvido com Solly num negócio acerca de uma ferrovia em Córdoba e Maisie calculou que era com base nisso que a outra a visitou. Mas ficou lá toda a tarde e, às cinco e meia, quando todos já tinham partido, ela ainda permanecia lá.

Sendo uma moça bonita, com grandes olhos azuis, tinha apenas vinte anos e todos podiam ver que era infeliz, por isso Maisie não se admirou quando ela lhe perguntou: — Posso falar com você sobre algo muito pessoal?

— Claro, o que é?

— Espero que não fique ofendida, mas não posso falar disto com mais ninguém.

Parecia ser um problema sexual. Já não era a primeira vez que uma menina de boa família vinha ter com Maisie para pedir conselhos sobre um assunto que não podia discutir com a mãe.

Talvez tivessem ouvido boatos sobre seu passado intempestivo, ou talvez a achassem acessível.

— É difícil eu ficar ofendida — disse Maisie. — De que quer falar?

— Meu marido me odeia — disse ela, e desatou a chorar.

Maisie sentiu pena dela. Conhecera Edward no tempo dos Salões de Argyll e, nessa época, ele já era um porco. Sem dúvida devia ter piorado. Sentia comiseração por alguém que tivesse tido o azar de casar com ele.

— Sabe — disse Emily no meio dos soluços — os pais dele queriam que ele casasse, mas ele não queria, por isso lhe ofereceram muito dinheiro e a sociedade no banco e foi isso que o persuadiu. Eu concordei por causa dos meus pais e porque queria ter filhos Mas ele nunca gostou de mim e agora que já tem o dinheiro e a sociedade, não suporta ver-me.

— Isto pode parecer cruel — disse Maisie com um suspiro— Mas está na mesma situação que milhares de outras mulheres.

Emily limpou os olhos com um lenço e esforçou-se por parar de chorar.

— Eu sei, e não quero que pense que estou com pena de mim mesma. Tenho que fazer das tripas, coração. E sei que podia suportar a situação se tivesse um filho. Isso é tudo o que quero.

"Os filhos são o consolo da maior parte das esposas infelizes", pensou Maisie.

— Há alguma razão para que não possa ter filhos?

— Emily agitou-se no sofá, extremamente atrapalhada, mas no seu rosto infantil, havia traços de determinação. — Estou casada há dois meses e ainda não aconteceu nada.

— Ainda é cedo!

— Não, não quero dizer estar grávida!

Maisie sabia que para aquela moça, era difícil ser específica, por isso resolveu conduzi-la com mais perguntas.

— Ele vai ter com você à cama?

— Foi, no principio, mas agora não.

— Quando foi, o que correu mal?

— O problema é que eu não sei o que deve acontecer entre marido e mulher!

Maisie suspirou. Como é que as mães podiam permitir que as suas filhas chegassem ao altar tão ignorantes? Lembrou-se que o pai de Emily era um diácono metodista. Isso não ajudava.

— O que deve acontecer é o seguinte:— começou Maisie. — O seu marido a beija e a toca; o pintinho dele fica grande e ele o coloca no seu pipi. A maior parte das moças, gosta.

Emily ficou vermelha como um tomate.

— Ele me beijou e me tocou, mas mais nada.



— O pênis dele ficou duro?  
— Estava escuro.  
— Apalpou-o?  
— Ele fez-me esfregá-lo uma vez.  
— E como é que estava? Rígido, como uma vela, ou mole, como uma minhoca? Ou médio, como uma salsicha antes de cozinhar?

— Mole.  
— E quando esfregou, ficou rija?  
— Não. Isso fê-lo se zangar e ele me bateu e disse que eu não prestava. A culpa é minha, Mrs. Greenbourne?

— Não, a culpa não é sua, embora os homens culpem geralmente as mulheres. É um problema comum e chama-se "impotência".

— É causada por quê?

— Por várias coisas.

— Isso quer dizer que eu não posso ter um bebe?

— Não, enquanto não fizer o pênis dele ficar duro.

Parecia que Emily ia começar a chorar.

— Mas eu quero tanto ter um bebe! Sinto-me tão sozinha e infeliz, mas se tivesse um filho conseguiria aguentar tudo.

Maisie pensou em qual poderia ser o problema de Edward. Nos velhos tempos ele não era nada impotente. Haveria alguma coisa que ela pudesse fazer para ajudar Emily? Talvez pudesse descobrir se Edward era impotente sempre, ou só com Emily. April Tilsley deveria saber. Da última vez que Maisie visitara April, embora isso tivesse sido há algum tempo, Edward ainda era um cliente assíduo do bordel. Era muito difícil para uma dama de sociedade permanecer amiga íntima da principal meretriz de Londres.

— Eu conheço uma pessoa bastante chegada a Edward — disse ela com cautela — Talvez ela nos ajude.

Emily engoliu em seco

— Quer dizer que ele tem uma amante? Por favor, me diz, eu tenho que encarar os fatos.

"É uma moça determinada, pensou Maisie". Pode ser ignorante e ingênua, mas vai conseguir o que quer."

— Esta mulher não é amante dele. Mas se ele tiver uma talvez o saiba.

— Quero conhecer a sua amiga.

— Acho que não devia.

— Eu quero. Ele é meu marido e se houver alguma coisa desagradável para ser dita, eu quero ouvi-la. — O rosto dela tomou de novo uma expressão de teimosia. — Farei tudo, acredite, tudo. A minha vida vai ser um deserto se eu não fizer nada para salvar o meu casamento.

Maisie decidiu testar a sua resolução.

— O nome da minha amiga é April. É dona de um bordel perto de Leicester Square. É a dois minutos daqui. Está preparada para ir até lá comigo, agora?

— O que é um bordel? — perguntou Emily.

O fiacre parou na porta da Nellie. Maisie espreitou, observando a rua. Não queria ser vista por alguém conhecido. No entanto, àquela hora, a maior parte das pessoas da sua classe estava a se vestir para o jantar, e na rua só estavam alguns pobres. Ela e Emily saíram do fiacre. Já tinham pago antes. A porta do bordel não estava fechada e entraram.

A luz do dia não o favorecia em nada. A noite podia ter algum requinte, pensava Maisie, mas de momento parecia púido e imundo. As cortinas de veludo estavam desbotadas, as mesas tinham marcas de cigarros e de copos, o papel de parede de seda estava caindo e as gravuras eróticas pareciam apenas ordinárias. Havia uma mulher velha varrendo o chão, de cachimbo na boca. Não pareceu surpreendida ao ver duas senhoras da sociedade com vestidos caros.

Quando Maisie perguntou por April, ela apontou para as escadas com o polegar.

Encontraram— Na na cozinha bebendo chá numa mesa com várias mulheres, todas de roupão: era óbvio que o movimento ainda não começara. A princípio, April não reconheceu Maisie e ficaram a olhar uma para a outra durante um longo momento. Maisie achou que a amiga estava pouco mudada: ainda magra, com um rosto duro e um olhar arguto; talvez um pouco cansada, devido às noitadas e ao champanhe barato; mas com o ar confiante e decidido de uma mulher de negócios.

— Em que podemos ajudar? — perguntou ela.

— Não me reconhece, April?

April gritou de prazer, levantou-se e correu para a amiga, abraçando-a.

— Meninas, esta é a mulher que fez aquilo com que todas sonhamos. A ex — Miriam Rabinowicz, depois Maisie Robinson e atualmente Mrs. Solomon Greenbourne! — apresentou April, depois de terem se abraçado e beijado.

As mulheres saudaram — Na como se ela fosse uma heroína. Sentiu-se atrapalhada: não calculara que April contaria a sua história daquela maneira — especialmente na frente de Emily Pilaster — mas já era tarde demais

— Vamos tomar gim para comemorar! — disse April.

Sentaram-se e uma das mulheres fez aparecer uma garrafa e copos e serviu as bebidas.

Maisie nunca gostara de gim, e agora que estava habituada ao melhor champanhe ainda gostava menos, mas bebeu para fazer companhia. Viu Emily beber o seu e fazer uma careta.

Os copos foram logo enchidos de novo.

— Bem, o que a traz aqui? — perguntou April.

— Um problema conjugal — respondeu Maisie. — A minha amiga aqui, tem um marido impotente

— Deve trazê-lo aqui minha querida — disse April para Emily. — Nós trataremos dele.

— Acho que ele já é cliente — disse Maisie.

— Como se chama?

— Edward Pilaster.

— Meu Deus! — April ficou perplexa. Virou-se para Emily. Então você é a Emily?

Coitadinha!

— Sabe o meu nome! — exclamou Emily. Parecia mortificada. — Isso quer dizer que ele já lhe falou de mim. — Engoliu mais um bocado de gim.

— O Edward não é impotente — disse uma das outras mulheres.

Emily corou.

— Desculpe — disse a mulher. — É que ele geralmente me escolhe. Era uma moça alta, com cabelo escuro e uns seios grandes.

Maisie achou que ela não era nada atraente com o robe sujo, fumando como um homem; mas talvez fosse bonita quando se arrumasse..

— É tão estranho — murmurou Emily, recuperando a compostura. — Ele é meu marido mas vocês sabem mais a seu respeito do que eu. E eu

não sei o seu nome.

— Lily.

Houve um silêncio constrangedor. Maisie bebeu o gim: o segundo era melhor que o primeiro. Era uma cena bizarra: a cozinha, as mulheres de roupão, os cigarros e o gim, e Emily, que uma hora antes não sabia muito bem o que eram relações sexuais, falando da impotência do marido com a puta favorita dele.

— Bem — disse April —, agora já sabe a resposta. Por que razão o Edward é impotente com a mulher? Porque o Micky não está por perto. Ele nunca fica excitado se estiver sozinho com uma mulher.

— Micky? — perguntou Emily, incrédula. — Micky Miranda? O embaixador de Córdoba?

— Eles fazem tudo juntos, especialmente aqui. O Edward veio aqui sozinho uma ou duas vezes, mas a coisa não funcionou.

— Emily estava atônita.

— O que é que eles fazem, exatamente? — perguntou Maisie.

— Nada de muito complicado — respondeu Lily. — Ao longo dos anos têm tentado algumas variações. Agora gostam de deitar os dois na cama com uma mulher, geralmente comigo ou com a Muriel.

— Mas o Edward consegue fazê-lo? — perguntou Maisie. Quero dizer, fica duro e tudo?

— Sem dúvida.

— Acha que é a única maneira dele conseguir fazer?

— Acho que o que acontece não tem muita importância quando as moças estão com eles — respondeu Lily franzindo o cenho. — Se o Micky estiver lá, a coisa funciona, se ele não estiver, não funciona.

— Até parece que o Edward ama o Micky — comentou Maisie.

— Parece que estou sonhando, ou coisa parecida — disse Emily em voz baixa. Bebeu mais gim.

— Será que isso é verdade? Essas coisas acontecem na realidade?

Até Maisie estava perplexa. A ideia de Edward e Micky na mesma cama com uma mulher era tão estranha que lhe deu vontade de rir, mas fez um esforço para conter as gargalhadas.

Lembrou-se da noite em que Edward a flagrara fazendo amor com Hugh. Tinha ficado muito excitado e ela sentira intuitivamente que o que o excitara fora a ideia de a possuir logo após Hugh.

— A “sopa”! — exclamou ela.

Algumas mulheres riram

— Exatamente! — exclamou April, com uma gargalhada.

Emily sorriu e ficou perplexa.

— Não entendo — comentou ela.

— Alguns homens gostam de “sopa”— esclareceu April. — Quer dizer, uma mulher que acabou de ser fodida por outro homem.

Emily começou a rir e, passado um momento, estavam todas às gargalhadas. Era a mistura do gim, da situação bizarra e a conversa acerca das estranhas preferências sexuais dos homens, pensou Maisie. O fato de ter utilizado uma expressão vulgar fizera libertar a tensão. De cada vez que o riso diminuía, uma delas dizia: "sopa!", e desatavam todas a rir novamente.

A certa altura estavam demasiado exaustas para continuar rindo.

— Então como é que fica a Emily? — perguntou Maisie. — Ela quer ter um filho. Não pode convidar o Micky para ir para a cama com ela e o marido.

Emily estava desgostosa.

— Está muito decidida? — perguntou-lhe April.

— Farei qualquer coisa — disse ela. — Sério! qualquer coisa.

— Se fala sério — disse April devagar, há uma coisa que podemos tentar.

Joseph Pilaster acabou de comer um grande prato de rins de cordeiro grelhados com ovos mexidos e começou a passar manteiga numa torrada. Augusta interrogava-se frequentemente se o habitual mau humor dos homens de meia-idade não teria a ver com a quantidade de carne que eles ingeriam.

Só de pensar em rins para o desjejum, ficava doente.

— O Sidney Madler está em Londres — disse Joseph. — Tenho que me encontrar com ele esta manhã.

Augusta não tinha a certeza de quem é que ele estava falando — Madler?

— De Nova Iorque. Está furioso com o fato de Hugh não ser sócio.

— O que tem ele a ver com isso? — perguntou Augusta. — Que insolência! — Falava desdenhosamente, mas estava preocupada--Já sei o que ele vai dizer! Quando nos juntamos a Madler and Bell, ficou implícito que a delegação de Londres iria ser dirigida por Hugh.

Agora ele se demitiu—, como sabe.

— Mas você não queria que ele se demitisse?

— Não, mas poderia mantê-lo se o tornasse sócio.

Augusta via que Joseph estava quase mudando de ideia. Isso a assustava. Tinha que acalmá-lo.

— Espero que não deixe que pessoas estranhas ao banco decidam quem vai ou não vai ser sócio.

— Claro que não!

— Será que Mr. Madler pode acabar com a fusão? — perguntou ela.

— Sim, mas até agora não ameaçou fazê-lo.

— Isso vale muito dinheiro?

— Valia. Mas quando o Hugh for trabalhar com os Greenbourne deve levar o negócio com ele.

— Então a opinião de Mr. Madler é de pouca importância — Talvez não. Mas tenho que falar com ele. Ele veio de Nova Iorque só para falar nisso.

— Conte que o Hugh casou com uma mulher impossível. Com certeza ele compreenderá.

— Claro! — Joseph levantou-se. — Adeus, querida.

Augusta levantou-se e beijou o marido nos lábios.

— Não se apoquente, Joseph.

— Não — respondeu ele, endireitando os ombros e pondo nos lábios uma expressão de teimosia.

Depois dele ter ido embora, Augusta sentou-se à mesa a tomar café, meditando sobre a gravidade do assunto. Tentara fortalecer a resistência de Joseph, mas havia um limite para o que ele podia fazer. Tinha que se manter bastante atenta. Ficou surpreendida ao ouvir que a saída de Hugh iria custar ao banco, muito dinheiro. Não lhe ocorrera que, ao promover Edward e preterir Hugh, estava também perdendo dinheiro. Por um momento perguntou se não estaria colocando em perigo o banco, que era todas as suas esperanças e planos. Mas isso era ridículo e o Banco Pilaster era muitíssimo rico, nada do que ela pudesse fazer faria com que ele corresse perigo.

Enquanto acabava de tomar o desjejum, Hastead apareceu, anunciando a presença de Mr.

Fortescue. Augusta esqueceu imediatamente Sidney Madler. Aquilo era muito mais importante.

O seu coração começou a bater mais depressa. Michael Fortescue era o seu político amestrado. Tendo ganho as eleições de Deaconridge, com o apoio monetário de Joseph, era agora um membro do Parlamento e estava em dívida com Augusta. Esta deixara bem claro o modo como ele poderia retribuir: ajudando-a a obter um título nobiliárquico para Joseph.

A eleição custara cinco mil libras, o suficiente para comprar a melhor casa de Londres, mas era um preço ínfimo para adquirir um título de nobreza.

A tarde era a hora das visitas, por isso quem aparecia de manhã, geralmente tinha assuntos urgentes a tratar. Teve a certeza de que Fortescue não teria vindo tão cedo se não tivesse recebido notícias acerca do título, por isso ficou nervosa.

— Leva-o para o observatório — ordenou ela ao mordomo. — já vou ter com ele. — Deixou-se ficar no mesmo lugar durante alguns momentos, tentando se acalmar.

Os seus planos estavam correndo como previra.

Arnold Hobbes publicara uma série de artigos no jornal The Forum, incitando a atribuição-de títulos de nobreza aos homens de negócios. Lady Morte falara com a rainha acerca do assunto, e elogiara Joseph; dissera que Sua Majestade tinha ficado impressionada. Fortescue afirmara ao primeiro-ministro Disraeli que a opinião pública era bastante favorável à ideia.

Talvez agora todos os esforços comesçassem a dar frutos.

A tensão era quase demasiada, e Augusta sentiu-se um pouco ofegante ao subir apressada pelas escadas, com a cabeça cheia de palavras que esperava ouvir em breve: Lady Whitehaven. o conde e a condessa Whitehaven. está certo Milady.

O observatório era uma sala curiosa. Ficava em cima do vestíbulo principal com o acesso por uma porta no meio das escadas. Tinha uma janela ampla dando para a rua, mas não era daí que tirava o seu nome.

O detalhe mais insólito era uma janela interna, pela qual se podia avistar o salão de entrada.

As pessoas ali, nem desconfiavam de que estavam a ser observadas e, ao longo dos anos, Augusta vira muitas coisas inesperadas daquele ponto de vigia. A sala era informal, pequena e aconchegante, de teto baixo e lareira. Augusta recebia ali, os convidados pela manhã.

Fortescue parecia um pouco tenso. Augusta sentou-se junto a ele no sofá perto da janela, sorrindo-lhe de forma agradável e reconfortante.

— Acabei de estar com o primeiro-ministro — disse ele.

— Falaram de títulos nobiliárquicos? — perguntou ela com alguma dificuldade.

— Sim, falamos. Consegui convencê-lo de que é tempo da indústria financeira estar representada na Câmara dos Lordes e ele agora está decidido a conceder um título a um homem da City.

— Fantástico! — exclamou Augusta. No entanto, Fortescue tinha uma expressão desconfortável, muito diferente da de um mensageiro de boas notícias — Por que está tão sorumbático?

— Também trago más notícias — disse ele, e de repente pareceu ficar assustado.

— O quê?

— Receio que ele queira dar o título ao Ben Greenbourne.

— Não! — Augusta sentiu como se tivesse levado um soco. Como é isso possível?

— Acho que ele atribui títulos a quem lhe agrada — disse ele na defensiva. — É o primeiro-ministro.

— Mas eu não me dei a este incomodo todo para beneficiar o Bem Greenbourne!

— Concordo que é irônico — disse Fortescue, debilmente, mas dei o melhor de mim!

— Não seja tão presunçoso — disse Augusta rispidamente -se quer o meu apoio em futuras eleições.

Nos olhos dele apareceu um clarão de rebelião e, por um instante, Augusta pensou que o tivesse perdido, achando que ele ia dizer que como já pagara a dívida, não precisava mais dela. — depois baixou os olhos.

— Dou-lhe a minha palavra que estou desolado com as novidades.

— Cale-se, deixe-me pensar — interrompeu ela, começando a andar de um lado para o outro. —

Temos de arranjar uma maneira de fazer o primeiro-ministro mudar de ideia. Temos que armar um escândalo. — Quais são as fraquezas



do Ben Greenbourne? O filho é casado com uma rameira, mas isso não é o suficiente. — Lembrou-se de que se Greenbourne ficasse com o título, este seria herdado pelo filho e Maisie seria condessa. Isso seria aviltante! — Quais são as inclinações políticas do Greenbourne? Não se conhecem nenhuma.

Olhou para o jovem e viu que ele estava aborrecido. Fora muito áspera com ele. Sentou-se ao seu lado e segurou suas mãos.

— O seu instinto político é admirável, aliás, foi ele que me fez reparar em você. — Qual é a sua opinião sobre isso.?

Fortescue derreteu-se de imediato,— como os homens geralmente faziam quando ela se dava ao trabalho de ser simpática com eles.

— Se fosse pressionado, seria provavelmente liberal. A maior parte dos homens de negócios é liberal, tal como a maioria dos judeus. No entanto, ele nunca expressou nenhuma opinião em público, e será difícil torná-lo inimigo do Governo conservador.

— Ele é judeu — disse Augusta. — Aí está!

— O primeiro-ministro também o é — retorquiu Fortescue e foi elevado a Lorde Beaconsfield.

— Eu sei, mas ele é cristão praticante. Além do mais. Augusta fez uma pausa e Fortescue alteou as sobrancelhas, inquiridor.

— Eu também tenho instinto — disse ela. — E o meu, diz que o fato de Ben Greenbourne ser judeu é a chave do problema.

— Se houver algo que eu possa fazer.

— Você foi maravilhoso. No momento não pode fazer nada. — Mas quando o primeiro-ministro começar a ter dúvidas acerca de Ben Greenbourne, lembre-lhe que seria uma boa alternativa, Joseph Pilaster.

— Confie em mim, Mrs. Pilaster.

Lady Morte vivia numa casa em Curzon Street que o marido não podia sustentar. A porta foi aberta por um criado de libré, com uma peruca empoadada. Augusta foi levada para uma sala repleta de dispendiosas quinquilharias das lojas de Bond Street: candelabros de ouro, molduras de prata, ornamentos de porcelana, jarras de cristal, e um requintado tinteiro muito antigo, com joias incrustadas, que devia ter custado tanto como um cavalo de corrida.

Augusta desprezava Harriet Morte pela sua fraqueza em gastar o que não tinha; mas, ao mesmo tempo, o que acabara de ver, lhe assegurava

que a mulher continuava tão extravagante como antes.

Caminhava de um lado para o outro da sala enquanto esperava. Sentia pânico cada vez que pensava na perspectiva de ser Ben Greenbourne a receber o título, em vez de Joseph. Achou que não conseguiria armar um esquema como aquele uma segunda vez e estremeceu ao pensar que o resultado dos seus esforços poderia dar o título de condessa para a nojenta Maisie Greenbourne.

Lady Morte entrou.

— Que surpresa agradável vê-la a essa hora! disse ela, distante. Era uma reprimenda por Augusta ter aparecido antes do almoço. O cabelo cinzento-ferro de Lady Morte parecia ter sido penteado à pressa e Augusta calculou que ela ainda não devia estar vestida "Mas tinha que me receber, não tinha?", pensou Augusta. "Teve medo que eu mandasse cancelar a sua conta bancária, por isso não teve outra alternativa"

No entanto, quando falou usou um tom subserviente que agradaria a outra.

— Vim pedir seu conselho acerca de um assunto urgente.

— Tudo o que eu puder.

— O primeiro-ministro concordou em conceder um título a um banqueiro.

— Esplêndido! Eu falei nisso a Sua Majestade, como sabe, sem dúvida, fez efeito.

— Infelizmente, ele quer dar o título a Ben Greenbourne.

— Mas que maçada!

Augusta percebeu que Harriet Morte ficara secretamente satisfeita com a notícia. Detestava Augusta.

— É mais do que uma maçada — disse esta. — Esforcei-me bastante neste assunto e agora parece que os benefícios vão para o maior rival do meu marido!

— Compreendo.

— Quem me dera poder evitar que isso acontecesse!

— Não sei o que podemos fazer.

Augusta fingiu estar pensando em voz alta.

— Os títulos têm que ser aprovados pela rainha, não é verdade?

— Sim, de fato. Tecnicamente é ela quem os atribui.

— Então ela poderia fazer uma coisa, se você lhe pedisse.

— Minha cara Mrs. Pilaster, está superestimando o meu poder! — exclamou Lady Morte com uma pequena gargalhada. Augusta manteve-se calada e ignorou o seu tom condescendente. Lady Morte prosseguiu: — Não é provável que Sua Majestade prefira a minha opinião à do primeiro-Ministro. Além disso, baseada em quê eu objetaria?

— O Greenbourne é judeu.

— Houve uma época em que isso teria bastado — concordou ela. — Lembro-me de quando Gladstone quis atribuir um título a Lionel Rothschild: a rainha negou categoricamente. Mas isso foi há dez anos. Agora temos o Disraeli.

— Mas o Disraeli é cristão. O Greenbourne é judeu praticante.

— Será que isso faz diferença? — perguntou Lady Morte. — Talvez. Ela está sempre criticando o príncipe de Gales por ter tantos amigos judeus.

— Então, se por acaso mencionasse que o primeiro-ministro quer atribuir um título a um deles.

— Posso trazer isso à conversa. Não sei se será o suficiente para conseguir o que pretende.

— Haverá alguma coisa que possamos fazer para que Sua Majestade dê mais atenção ao assunto? perguntou Augusta.

— Se houvesse algum protesto público, discussões no Parlamento talvez, ou artigos na imprensa.

— A imprensa! — repetiu Augusta. Pensou em Arnold Hobbes. — Sim, acho que consigo arranjar isso.

Hobbes ficou bastante agitado com a presença de Augusta no seu escritório atravancado.

Não conseguia decidir se deveria arruma-lo, atendê-la ou mandá-la embora. Consequentemente, fez as três coisas todas ao mesmo tempo: colocou as folhas de papel e as provas em cima da mesa, voltando a colocá-las no chão; trouxe-lhe uma cadeira, um cálice de xerez e um prato com bolachas; e, ao mesmo tempo, sugeriu-lhe que fossem conversar em outro lugar.

Ela o deixou andar às voltas durante um bocadinho de tempo — Por favor, Mr. Hobbes, sente-se e ouça-me.

— Com certeza, com certeza — murmurou ele, sentando-se e olhando para ela através dos óculos gordurosos.

Ela contou-lhe o sucedido em duas ou três frases concisas.

— É lamentável, é lamentável — balbuciou ele, nervoso. — No entanto, acho que o Fórum poderia ser acusado de falta de entusiasmo ao defender a causa que teve a bondade de me sugerir.

"E em troca da qual você ficou com o cargo de diretor em duas mil empresas geridas pelo meu marido", pensou Augusta.-sei que a culpa não é sua — disse ela, irritada. — A questão é: o que pode fazer por isso?

— O meu jornal está numa posição difícil — disse ele, preocupado. — Tendo defendido de forma tão ferrenha a atribuição de título a um banqueiro, nos é difícil protestar, agora que isso se verificou.

— Mas nunca quis que um judeu fosse o contemplado — É verdade, é-verdade, embora a maior parte dos banqueiros seja judia.

— Não podia escrever dizendo que existem suficientes banqueiros cristãos para o primeiro-ministro escolher?

— Talvez. — disse ele, ainda relutante.

— Então, faça!

— Desculpe, Mrs. Pilaster, mas isso só não basta.

— Não entendo — disse ela, com impaciência.

— É uma consideração profissional, mas eu preciso de um "mote". Por exemplo, poderíamos acusar Disraeli, ou Lorde Beaconsfield, como ele é agora conhecido, de ser parcial relativamente a membros da sua raça. Isso seria um mote. No entanto, ele é de modo geral, um homem tão reto que essa acusação resultaria em nada.

Augusta detestava confusões, mas manteve-se calma, porque via que havia ali um verdadeiro problema. Pensou durante algum tempo e teve uma ideia.

— Quando o Disraeli ocupou o seu lugar na Câmara dos Lordes, a cerimônia foi normal?

— Acho que sim, em todos os aspectos.

— Jurou lealdade numa Bíblia cristã?

— Sim.

— No Antigo e no Novo Testamento?

— Acho que sei onde quer chegar, Mrs. Pilaster. Será que Ben Greenbourne juraria sobre uma Bíblia cristã? Pelo que conheço dele, acho que não.

Augusta abanou a cabeça, em dúvida.

— Poderia, se não falassem nisso. Não é homem que procure uma confrontação. Mas é muito obstinado se for desafiado. Se o público exigisse que ele jurasse tal como os outros juraram, talvez se rebelasse. Não deixaria que as pessoas dissessem que se deixou levar assim.

— Uma exigência pública. — disse Hobbes, pensativo.

— Sim, poderia fazer isso?

Hobbes amadureceu a ideia.

— Já estou vendo — disse ele excitado. — "blasfêmia na Câmara dos Lordes." Isso é que é um furo, Mrs. Pilaster. A senhora é brilhante! Devia ser jornalista!

— Que galante! — respondeu ela. Ele não percebeu o sarcasmo.

— Mr. Greenbourne é um homem muito poderoso — disse Hobbes, pensativo.

— Mr. Pilaster. também

— Claro, claro!

— Então, posso confiar em você?

Hobbes mediu os riscos e decidiu apoiar a causa dos Pilaster.

— Deixe tudo comigo.

Augusta acenou em concordância. Começava a sentir-se melhor. Lady Morte colocaria a rainha contra o Greenbourne,; Hobbes falaria do assunto na imprensa, e Fortescue estava pronto para murmurar ao ouvido do primeiro-ministro a alternativa: Joseph. Mais uma vez as perspectivas afiguravam-se boas.

Levantou-se para partir, mas Hobbes ainda tinha mais alguma coisa para dizer.

— Posso lhe falar de outro assunto?

— Com certeza.

— Ofereceram-me uma tipografia bastante barata. Atualmente, como sabe, utilizamos tipografias de fora. Se tivéssemos a nossa, baixaríamos os custos e poderíamos ganhar mais algum dinheiro, imprimindo outras publicações.

— Claro — disse Augusta, impaciente.

— Será que o Banco Pilaster pode ser persuadido a efetuar um empréstimo comercial?

Era o preço pelo seu apoio.

— Quanto?

— Cento e sessenta libras.

Era uma bagatela. E se ele defendesse esta questão com tanta energia como defendera a dos títulos para os banqueiros, valeria bem o preço.

— É uma pechincha. Garanto.

— Vou falar com Mr. Pilaster. — Ele concordaria, mas Augusta. Não queria que Hobbes conseguisse facilmente o que cobiçava. Daria mais valor se as coisas lhe fossem concedidas com relutância.

— Obrigado. É sempre um prazer estar com a senhora, Mrs. Pilaster.

— Sem dúvida — disse ela, e saiu.

## CAPÍTULO IV

### JUNHO

A Embaixada de Córdoba encontrava-se em silêncio. Os escritórios no piso térreo estavam vazios, os três funcionários tinham ido para casa horas antes. Micky e Rachel haviam oferecido um jantar no segundo andar a um pequeno grupo. Sir Peter Mountjoy, um subsecretário do Ministério do Exterior, e a esposa; o embaixador dinamarquês; e o Chevalier Michele, da Embaixada italiana — mas os convidados já haviam se retirado e os criados procediam à arrumações. Micky estava quase saindo. A novidade de estar casado já começava a cansar. Tentara, sem resultado, chocar ou enojar a sua esposa sexualmente inexperiente mas fracassara. — O seu permanente entusiasmo por todas as perversões que lhe propunha começavam a enervá-lo. Ela concluía que o que quer que fosse decidido por ele estava bem para ela, e quando tomava uma decisão daquelas, não havia nada a fazer. Nunca conhecera uma mulher que fosse tão implacavelmente lógica.

Na cama fazia tudo o que ele lhe pedia, mas achava que fora do quarto uma mulher não devia ser escrava do marido e era bastante rígida nessas duas regras. Consequentemente, estavam sempre discutindo por questões domésticas.

Às vezes Micky podia passar de uma situação para outra. No meio de uma discussão sobre criados ou dinheiro, ele dizia:

— "Levante a saia e deite no chão", e tudo terminava num abraço apertado.

Só que isso não funcionava em todas as ocasiões: de vez em quando Rachel retomava a discussão assim que ele saía de cima.

Ultimamente, ele e Edward passavam cada vez mais noites em seus antigos pousos. Aquela era a noite das Máscaras no bordel da Nellie. Era uma das inovações introduzidas por April; todas as mulheres estariam de máscaras.

Ela dizia que senhoras da alta sociedade, sexualmente frustradas, se misturavam com as moças habituais. Claro que algumas das raparigas não eram as de sempre mas Micky suspeitava que as estranhas eram

mulheres da classe média sem dinheiro, e não aristocratas aborrecidas à procura de emoções degeneradas.

Qualquer que fosse a verdade, a Noite das Máscaras nunca deixava de ser interessante.

Penteou-se, encheu a cigarreira, e desceu as escadas. Para sua surpresa, Rachel estava no vestíbulo, barrando-lhe o acesso à porta.

Estava de braços cruzados e tinha no rosto uma expressão determinada. Micky preparou-se para mais uma discussão.

— São onze da noite — disse ela. — Onde é que você vai?

— Para o diabo — replicou ele. — Saia da minha frente. — Pegou no chapéu e na bengala.

— Você vai a um bordel chamado Nellie?

Ele ficou tão surpreso que se calou durante um momento.

— Estou vendo que sim — disse ela.

— Com quem é que você tem falado?

— Emily Pilaster — disse ela, após alguma hesitação. — Ela me disse que você e o Edward vão lá com bastante frequência.

— Não devia ligar para essas intrigas de mulheres.

O rosto dela ficou branco. Estava assustada. Aquilo não era normal. Talvez aquela discussão fosse diferente

— Você tem que parar de ir lá.

— Já disse para não dar ordens ao seu amo

— Não é uma ordem, é um ultimato.

— Não seja tola. Saia da minha frente.

— Se não me prometer que vai parar de ir até lá, eu vou lhe deixar! Vou-me embora desta casa hoje e nunca mais volto.

Ele viu que ela falava sério. Era por isso que parecia assustada. Já tinha calçado os sapatos.

— Não vai embora — disse ele. — Vou trancá-la no quarto — Vai ser difícil. Joguei fora todas as chaves. Não há um único aposento nesta casa que possa ser fechado à chave.

Ela fora esperta. Parecia que aquela ia ser a mais interessante competição entre eles.

— Tire o calção — ordenou-lhe ele, sorrindo.

— Isso hoje não adianta, Micky. Costumava pensar que fazia isso porque me amava. Agora compreendo que o sexo é a sua maneira de



controlar as pessoas. Duvido até que você goste!

Ele agarrou-lhe num dos seios. Sentiu-o quente e pesado na mão, apesar do tecido.

Acariciou-o, olhando para ela, mas a sua expressão não mudou. Rachel não iria ceder à paixão naquela noite.

Ele apertou com força, magoando-a, e depois o largou.

— O que é que deu em você? — perguntou ele, com uma curiosidade genuína.

— Os homens apanham infecções em lugares como na Nellie.

— As mulheres de lá são muito limpas.

— Por favor, Micky, não banque o estúpido.

Ela tinha razão. Não havia uma prostituta limpa. De fato, ele tivera muita sorte; só apanhara uma sífilis muito ligeira durante os vários anos de visitas pelos bordéis.

— Tem razão — anuiu ele —, posso apanhar uma doença venérea.

— E me contagiar.

— É um dos riscos de se estar casada! — disse ele encolhendo os ombros. — Também posso transmitir sarampo se o pegar.

— Mas a sífilis pode ser hereditária.

— Onde você quer chegar?

— Posso passá-la aos meus filhos, se os tiver. E não estou disposta a fazer isso. Não vou trazer uma criança ao mundo com uma doença tão horrível. — Rachel tinha a respiração entrecortada, sinal de que estava bastante nervosa.

"Ela está falando sério", pensou Micky.

— Por isso vou deixá-lo — continuou ela — a menos que concorde em deixar de ter contatos com as prostitutas.

Não valia a pena discutir mais.

— Vamos ver quem é que vai embora com um nariz partido disse ele, levantando a bengala para lhe bater.

Rachel estava preparada. Evitou o golpe e correu para a porta. Para surpresa de Micky, estava escancarada — ela devia ter aberto antes, antecipando a violência, pensou ele — e saiu rapidamente.

Micky foi atrás dela. Outra surpresa o aguardava lá fora: havia uma carruagem na rua.

Rachel saltou para dentro dela. Micky ficou perplexo ao ver como ela tinha planejado as coisas tão meticulosamente. Estava quase

alcançando a carruagem quando alguém com um chapéu alto lhe barrou o caminho. Era o pai dela, Mr. Bodwin, o advogado.

— Presumo que você está se recusando a corrigir-se — disse ele.

— Está raptando a minha mulher? — replicou Micky. Estava furioso por terem impedido os seus movimentos.

— Ela o está deixando de livre vontade. — A voz de Bodwin tremia um pouco, mas continuou firme. — Voltará para você quando concordar em desistir dos seus hábitos sujos.

Claro que apenas depois de um exame médico.

Durante um momento, Micky sentiu-se tentado a lhe bater — mas só durante um momento.

De qualquer modo, o advogado poderia sem dúvida acusá-lo de agressão e um escândalo dessa natureza poderia prejudicar a sua carreira diplomática. Rachel não valia isso.

"Por que estou lutando?", perguntou ele.

— Pode ficar com ela — disse ele. — Já fiz tudo o que queria com ela! — Voltou para casa e bateu com a porta.

Ouviu a carruagem se afastar. Para seu espanto, deu por si lamentando a partida de Rachel. Claro que casara com ela apenas por conveniência — fora um modo de persuadir Edward a casar — e nalguns aspectos a vida era mais simples sem ela. Mas apreciava o choque diário dos seus temperamentos. Nunca vira aquilo numa mulher. No entanto, por vezes, também era muito cansativo e disse para si mesmo que, vendo bem as coisas, era melhor estar sozinho.

Quando se acalmou, pôs o chapéu e saiu. Estava uma cálida noite de Verão, com o céu limpo e as estrelas brilhantes. O ar de Londres era mais limpo no Verão, quando as pessoas não precisavam queimar carvão para manter as casas aquecidas.

Enquanto descia Regent Street começou a pensar nos negócios.

Desde que mandara espancar Tonio Silva, há um mês, nunca mais ouvira falar do seu artigo sobre minas de nitrato. Provavelmente, Tonio ainda estava se recuperando dos ferimentos.

Micky enviara ao papá um telegrama codificado com os nomes e os endereços das testemunhas que tinham assinado os depoimentos de Tonio, que provavelmente, já deveriam estar mortas.

Hugh fizera papel de bobo, por ter assustado as pessoas desnecessariamente, e Edward ficara encantado.

Entretanto, Edward conseguira que Solly Greenbourne concordasse em emitir as ações da estrada de ferro de Santamaría, juntamente com os Pilaster. Não tinha sido fácil: Solly desconfiava dos investimentos efetuados na América do Sul, tal como a maior parte dos investigadores.

Edward se vira obrigado a oferecer a Solly uma comissão mais elevada e participar numa especulação dele antes de fechar negócio. Também contara com o fato de serem antigos colegas de escola, e Micky calculara que fora a generosidade de Solly que o fizera inclinar a balança.

Agora, estavam redigindo os contratos. Era um processo muito moroso.

O que tornava as coisas difíceis para Micky era o fato do papá não perceber que aquelas coisas não poderiam ser feitas em algumas horas. Exigia o dinheiro imediatamente.

No entanto, quando Micky pensou nos obstáculos que tinha ultrapassado, sentiu-se bastante satisfeito consigo mesmo.

Depois de Edward ter dito que não, a tarefa parecera impossível. Mas, com o auxílio de Augusta, manobrou Edward para o casamento e para a sociedade no banco. Em seguida, lidara com a oposição de Hugh Pilaster e Tonio Silva. Agora o fruto dos seus esforços estava quase chegando às suas mãos. Em Córdoba, a estrada de ferro de Santamaría, haveria de ser sempre a via estrada de ferro de Micky. Meio milhão de libras era uma quantia elevadíssima, maior que o orçamento militar para todo país.

Isso era muito mais do que o seu irmão Paul já fizera alguma vez!

Uns minutos mais tarde se encontrava na Nellie. A festa estava no auge com todas as mesas ocupadas, o ar cheio de fumo de charuto e, por cima da pequena orquestra, que tocava música de dança, podiam ouvir-se piadas obscenas e gargalhadas estrondosas.

Todas as mulheres usavam máscaras. Algumas simples, mas outras eram bastante elaboradas e havia até quem estivesse coberta dos pés à cabeça, deixando apenas a descoberto a boca e os olhos.

Micky abriu caminho por entre a multidão, cumprimentando os conhecidos e beijando algumas moças. Edward estava na sala de jogos, mas levantou-se mal Micky entrou.

— A April tem uma virgem para nós — disse ele com uma voz pastosa. Era tarde e já bebera muito.

A virgindade nunca fora uma obsessão de Micky, mas havia sempre algo de estimulante numa mulher assustada, por isso ficou deleitado.

— Que idade tem ela?

— Dezesete.

Que provavelmente seriam vinte e três, pensou Micky, sabendo como a April calculava a idade das moças. Mesmo assim, estava intrigado.

— Você já viu?

— Sim. Está mascarada, claro!

— Claro!

Micky perguntou-se qual seria a história dela. Podia ser uma moça da província que fugira de casa e fora parar em Londres, sem nada; podia ter sido raptada de uma quinta; podia ser apenas uma criada farta de trabalhar dezesseis horas por dia por seis xelins por semana. Uma mulher vestida com um capuz preto tocou-lhe no braço.

A máscara era apenas simbólica e ele reconheceu April.

— Uma virgem verdadeira — disse ela.

Sem dúvida que estava cobrando de Edward uma fortuna para lhe tirar a virgindade.

— Já colocou a mão dentro dela para sentir o hímen? — perguntou ele, cético.

— Não preciso. Sei quando uma moça está dizendo a verdade.

— Se eu não sentir aquilo arrebentar não vou pagar — disse Edward, embora os outros soubessem que pagaria.

— De acordo.

— Qual é a história dela?

— É órfã, educada por um tio. Ele estava ansioso por se livrar dela e quis casá-la com um homem mais velho. Quando ela recusou, colocou-a na rua. Salvei-a de uma vida de labuta.

— Você é um anjo — disse Micky com sarcasmo. Não acreditava numa palavra. Mesmo não conseguindo ver a expressão de April atrás da máscara, pressentia que ela estava tramando alguma. —

— Diz a verdade — pediu ele.

— Já disse — respondeu ela. — Se vocês não a quiserem, tenho outros seis homens que pagam o mesmo que vocês.

— Nós a queremos — disse Edward, impaciente. — Pare de discutir, Micky. Vamos vê-la.

— Quarto três — disse April. — Ela está à espera de vocês.

Micky e Edward subiram as escadas, lotadas de casais abraçados, e entraram no quarto. A moça estava num canto. Tinha um simples vestido de musselina, e toda a cabeça estava coberta por um capuz, com orifícios para a boca e os olhos.

Mais uma vez Micky teve uma suspeita. Não podiam ver nada da cara ou da cabeça dela: podia ser muito feia, mesmo deformada. Seria aquilo uma brincadeira?

Percebeu, ao olhar para a moça, que ela tremia de medo, e afastou as dúvidas ao sentir surgir dentro de si o desejo.

Para a assustar ainda mais, atravessou o quarto rapidamente, baixou-lhe o decote e pôs uma das mãos sobre o peito dela. Ela recuou e os seus grandes olhos azuis deixaram transparecer algum terror. Tinha seios pequenos e firmes.

O medo dela fê-lo querer ser brutal. Normalmente, ele e Edward brincavam com uma mulher durante um certo tempo, mas decidiu tomar aquela de imediato.

— Ajoelhe-se na cama — ordenou ele.

Ela fez o que lhe mandaram. Micky ficou de pé atrás e levantou-lhe a saia. A moça deu um pequeno grito de medo. Não vestia mais nada por baixo.

Penetrá-la foi mais fácil do que esperava: April deveria ter dado algum creme para ela se lubrificar. Sentiu a obstrução do hímen. Agarrou-lhe nos quadris e puxou-a bruscamente para si, enquanto se enfiava bem dentro dela, e a membrana rasgou-se. Ela começou a chorar e isso excitou-o tanto que atingiu o clímax imediatamente. Retirou-se para dar lugar a Edward. Tinha sangue no pênis. Não estava satisfeito, agora que aquilo tinha acabado, ele desejou ter ficado em casa e ido para a cama com Rachel. Então lembrou-se que ela o tinha abandonado e sentiu-se ainda pior.

Edward virou a moça de costas. Ela quase caiu da cama e ele a agarrou pelos quadris, fazendo-a voltar para o meio. Quando o fez, o capuz quase saiu do lugar -meu Deus! — exclamou Edward.

— O que foi? — perguntou Micky sem grande interesse.

Edward estava de joelhos entre as coxas da moça com o pênis na mão, olhando para o rosto parcialmente revelado.

Micky calculou que deveriam conhecê-la. Observou, fascinado, enquanto ela tentava enfiar de novo o capuz. Edward evitou que ela o

fizesse e o arrancou.

Então Micky viu os grandes olhos azuis e a cara de criança da mulher de Edward, Emily.

— Nunca ouvi falar de tal coisa! — exclamou ele, começando a rir.

Edward rugiu de fúria.

— Sua vaca imunda — berrou ele. — Você fez isto para me envergonhar!

— Não, Edward, não! — exclamou ela. — Para ajudar, para nos ajudar!

— Agora todos sabem! — gritou ele, dando-lhe um murro na cara.

Ela gritou e lutou e ele bateu-lhe novamente.

Micky ria ainda mais. Era a coisa mais engraçada que ele já vira: um homem ia a um bordel e dava com a própria mulher!

— April se apressou a entrar ao ouvir os gritos.

— Largue-a! — berrou ela, tentando afastar Edward.

— Eu posso bater na minha própria mulher se quiser! — rosnou ele.

— Seu grande estúpido, ela só quer ter um bebe!

— Em vez disso terá o meu punho!

Lutaram durante uns momentos. Edward bateu mais uma vez na mulher e April lhe deu um murro na orelha. Ele gritou de dor e surpresa, provocando o riso histérico de Micky.

April conseguiu finalmente afastar Edward da esposa. Emily levantou-se. Para espanto deles, não saiu logo do quarto. Em vez disso, dirigiu-se ao marido.

— Por favor, não desiste, Edward. Eu faço tudo o que você quiser, tudo!

Ele avançou de novo para ela. April lhe passou uma rasteira, fazendo-o cair de joelhos.

— Saia, Emily, antes que ele a mate!

Emily apressou-se a sair, chorando. Edward ainda estava furioso.

— Nunca mais venho a este bordel imundo! — berrou ele para April, com o dedo no ar.

Micky caiu no sofá, agarrado à barriga, rindo sem parar.

O baile de Verão de Maisie Greenbourne era um dos pontos altos da temporada londrina.

Tinha sempre a melhor orquestra, a comida mais deliciosa, decorações bastante extravagantes e champanhe sem fim. Mas o motivo porque todas as pessoas queriam ser convidadas era porque o príncipe de Gales ia sempre.

Nesse ano Maisie decidiu aproveitar a ocasião para lançar a nova Nora Pilaster. Era uma estratégia de alto risco, porque se corresse mal, tanto Nora como Maisie seriam humilhadas. Mas se as coisas corressem bem nunca mais ninguém ousaria zombar de Nora.

Maisie deu um pequeno jantar para vinte e quatro pessoas antes do baile. O príncipe não pôde participar. Hugh e Nora estiveram presentes e ela estava deslumbrante num vestido azul— Celeste, coberto de pequenos laços de seda. Os vestidos sem ombros lhe favoreciam a pele cor-de-rosa e a figura voluptuosa.

Os outros convidados ficaram surpreendidos ao vê-la à mesa, mas calcularam que Maisie sabia o que estava fazendo. Ela esperava que eles estivessem certos. Sabia como a mente do príncipe funcionava e calculou que conseguiria adivinhar as suas reações; mas de vez em quando, ele desafiava as expectativas e surpreendia todo mundo, especialmente quando sentia que estava sendo usado. Se tal acontecesse, Maisie acabaria como Nora, desprezada pela sociedade londrina. Quando pensava nisso ficava espantada por correr esse risco apenas por causa de Nora. Mas não era por ela, era por Hugh.

Este ainda estava dando tempo ao Banco Pilaster.

Havia dois meses que tinha pedido a demissão. Solly estava impaciente para que Hugh começasse com os Greenbourne, mas os sócios Pilaster tinham insistido para que ele ficasse três meses. Sem dúvida, pretendiam adiar ao máximo a hora em que Hugh fosse trabalhar para os seus rivais.

Depois de jantar, Maisie falou rapidamente com Nora, enquanto as outras senhoras iam à toalete.

— Fique o mais possível perto de mim — disse ela. — Quando chegar a hora de lhe apresentar ao príncipe, não posso ficar procurando você tem que estar por perto.

— Vou me colar em você, como um escocês numa nota de cinco libras! — Exclamou Nora com o sotaque cockney, mas depois mudou para a fala arrastada da alta sociedade — Não se preocupe! Não irei fugir!

Os convidados começaram a chegar às dez e meia. Normalmente, Maisie não convidava Augusta, mas o tinha feito desta vez, para que ela pudesse presenciar o triunfo de Nora.

Calculou que ela não aceitaria o convite, mas foi uma das primeiras a chegar.

Maisie também convidara o mentor nova-iorquino de Hugh, Sidney Madler, um encantador homem de sessenta anos com uma barba branca. Apareceu numa elegante versão americana do traje de noite, com casaco curto e gravata preta.

Maisie e Solly apertaram mãos durante uma hora, depois o príncipe chegou.

Acompanharam— No ao salão de baile, lhe apresentando o pai de Solly. Ben Greenbourne dobrou-se rigidamente da cintura para cima, com as costas tão retas como um guarda prussiano

Em seguida, Maisie dançou com o príncipe.

— Tenho uma esplêndida intriga para lhe contar, Sir — disse ela, enquanto dançavam uma valsa.

— Espero que não se zangue.

— Que intrigante, Mrs. Greenbourne — disse ele, apertando-a mais e falando-lhe ao ouvido. —

Continue.

— É por causa do incidente no baile da duquesa de Tenbigh.

Sentiu-o ficar tenso.

— Ah, sim. Um pouco embaraçoso, devo confessar. — Depois baixou a voz. — Por onde.

anda aquela moça que chamou o conde de Tokoly de” velho imundo e depravado” ?

— Por um momento pensei que ela estava falando comigo!

Maisie riu-se alegremente, como se tal ideia fosse absurda, embora soubesse que varias pessoas tinham pensado o mesmo.

— Mas continue — pediu o príncipe. — Há mais alguma coisa?

— Parece que sim. Mentiram ao conde de Tokoly, dizendo que a moça, estava. como direi.

aberta a um convite.

— Aberta a um convite! — Deu uma gargalhada. — Não posso esquecer dessa.



— E, por seu turno, ela tinha sido aconselhada a lhe dar uma bofetada logo que ele tentasse tomar qualquer liberdade.

— Então havia quase a certeza de que ia haver um escândalo. — Muito astucioso. Quem estava por trás de tudo?

Maisie hesitou alguns momentos. Nunca tinha utilizado a sua amizade com o príncipe de Gales para rebaixar alguém. Mas Augusta era suficientemente má para o merecer.

— Já ouviu falar de Augusta Pilaster?

— Claro. A matriarca da outra família de banqueiros.

— Foi ela! A moça, Nora, é casada com o sobrinho de Augusta, Hugh.-Augusta fez para se vingar de Hugh a quem ela odeia.

— Deve ser uma víbora! Mas não deveria causar esses escândalos enquanto eu estiver presente. Quase tenho vontade de castigá-la!

Era o momento porque Maisie esperava.

— Tudo o que você tem que fazer é falar com Nora, para mostrar que ela está perdoada — disse, prendendo a respiração. enquanto esperava a resposta.

— E, talvez ignorar Augusta. Sim, acho que posso fazer isso.

A dança terminou.

— Posso apresentar-lhe Nora? Ela está aqui.

— Planejou isto tudo, sua atrevida? — perguntou ele, astuto.

Maisie temera aquilo. Ele não era estúpido e percebia quando armavam qualquer coisa.

Era melhor não negar. Fingiu ficar envergonhada e fez o possível para corar.

— Descobriu tudo! Que idiotice da minha parte pensar que podia enganar os seus olhos de lince! — Mudou de expressão e olhou-o diretamente com um olhar cândido-o que posso fazer para me redimir?

— Não me tente — disse ele com um sorriso lascivo. — Venha! Eu perdoo!

Maisie respirou mais facilmente: Conseguiu! Agora era com Nora.

— Onde está Nora?

Ela andava por perto de acordo com as instruções Maisie fitou-a e ela se aproximou imediatamente.

— Sua Alteza Real— Permita que lhe apresente Mrs. Nora Pilaster Nora fez uma mesura e pestanejou.

O príncipe olhou para os seus ombros nus e para o colo farto e rosado.

— Encantadora — disse ele, com bastante entusiasmo. — Encantadora!

Hugh ficou admirado e deliciado por ver Nora conversando alegremente com o príncipe de Gales. Uns dias antes fora socialmente marginalizada, uma prova de que não se consegue transformar alguém de classe social baixa, numa dama de sociedade'. Tinha feito com que o banco quase perdesse um bom contrato e lançara a sua carreira a um impasse. Agora, era invejada por todas as mulheres no salão; suas roupas eram perfeitas, as maneiras encantadoras, e flertava com o herdeiro do trono. E a transformação fora promovida por Maisie.

Hugh olhou para a tia Augusta, parada nas proximidades, com tio Joseph. ao seu lado.

Ela não desviava os olhos de Nora e do príncipe, Tentava parecer despreocupada, mas Hugh podia perceber que se sentia horrorizada. Como isso deve enfurecê-la, pensou Hugh, saber que Maisie, a moça da classe inferior que desdenhara seis anos antes, é agora muito mais influente que ela.

Sidney Madler se aproximou na ocasião indicada.

— Aquela é a mulher que você diz não ser adequada para ser a mulher de um banqueiro? -

perguntou ele, incrédulo.

Antes que Joseph pudesse responder, Augusta interveio.

— Fez com que o banco perdesse um contrato muito importante — disse ela numa voz calma.

— Por acaso não — disse Hugh. — O negócio está avançando — O conde de Tokoly não interferiu? — perguntou Augusta, virando-se para o marido.

— Parece ter ultrapassado o seu ataque muito rapidamente — disse Joseph.

Augusta tinha que fingir que estava contente.

— Que sorte! — comentou, mas a sua falsidade era evidente.

— As necessidades monetárias ultrapassam geralmente os preconceitos sociais — comentou Madler.

— Sim — concordou Joseph. — É verdade. Penso que me precipitei ao negar a Hugh a sociedade.

— Joseph, o que está dizendo? — interrompeu-o Augusta num tom de voz muito doce.

— Isto são assuntos de trabalho, minha querida, conversa de homens-disse com firmeza.

— Não precisa se preocupar com isso. — Virou-se para Hugh. — É óbvio que não queremos que você trabalhe para os Greenbourne.

Hugh não sabia o que dizer. Tinha conhecimento de que Sidney Madler havia discutido por causa disso e que Samuel o apoiara, mas não era normal o tio Joseph admitir um erro. E, no entanto, pensou ele cada vez mais excitado, que outro motivo haveria para Joseph voltar a falar no assunto?

— Sabe bem por que vou trabalhar com os Greenbourne, tio — disse ele.

— Eles nunca farão de você, um sócio, sabe disso — afirmou Joseph. — Para isso, você tinha que ser judeu.

— Sim, sei disso.

— Sendo assim, não preferiria trabalhar para a família?

Hugh sentiu-se desiludido: afinal de contas, Joseph estava apenas tentando convencê-lo a trabalhar como um reles empregado.

— Não, não preferiria trabalhar para a família-disse ele indignado. Viu que o tio ficara abalado com a resposta emotiva e prosseguiu.

— Para ser honesto, preferiria trabalhar para os Greenbourne, onde estaria livre de intrigas familiares — olhou desafiadoramente para Augusta — e onde as minhas possibilidades e recompensas apenas dependessem da minha capacidade como banqueiro.

— Prefere os judeus à sua própria família? — perguntou Augusta, escandalizada.

— Mantenha-se fora deste assunto — ordenou Joseph, com rispidez. — Sabe por que razão eu estou dizendo isto tudo, Hugh.? — Mr. Madler sente que o desapontamos e todos os sócios se preocupam com a possibilidade de você levar nossos negócios norte-americanos quando sair.

Hugh tentou ficar calmo. Era o momento de impor um acordo firme, — Não voltava nem pelo dobro do meu ordenado — disse ele. — Só há uma coisa que me faria mudar de opinião, e isso é a sociedade.

— É uma pessoa difícil de negociar, disse Joseph -Assim como deveria ser com todos os banqueiros — acrescentou Madler.

— Muito bem — disse Joseph finalmente. — Ofereço a sociedade.

Hugh sentiu-se fraco. "Deram o braço a torcer", pensou ele. — "Voltaram atrás. Ganhei!".

Mal podia acreditar que aquilo tinha realmente acontecido. Olhou para Augusta. O seu rosto estava rígido com uma máscara de autodomínio, mas não disse nada: sabia que tinha perdido.

— Nesse caso — disse ele, e hesitou, saboreando o momento. Respirou fundo. — Nesse caso, aceito.

Augusta perdeu finalmente a compostura. Ficou vermelha e os olhos quase lhe saíram das órbitas.

— Vão-se arrepender disso para o resto de suas vidas! — exclamou ela.

Depois se afastou.

Ao se dirigir para a porta abriu caminho por entre a multidão que se encontrava no salão.

As pessoas observaram— Na e ficaram nervosas. Augusta percebeu que tinha a raiva estampada no rosto e desejou poder esconder os sentimentos, mas estava demasiado abalada para tal. Todas as pessoas que abominava e desprezava tinham triunfado. A pobretona da Maisie, o malcriado do Hugh e a asquerosa Nora tinham contrariado os seus planos e conseguido o que queriam. O estômago de Augusta, se contraía em frustração e náusea.

Chegou finalmente à porta e dirigiu-se para o patamar do segundo andar, onde a multidão era menor.

— Chame imediatamente a carruagem de Mrs. Pilaster — ordenou ela a um criado.

O rapaz foi correndo. Pelo menos ainda conseguia intimidar criados!

Saiu da festa sem falar com mais ninguém. O marido odiaria apanhar um fiacre.

Continuou furiosa durante todo o caminho até Kensington.

Quando entrou em casa, o mordomo Hasteed, esperava no vestíbulo.

— Mr. Hobbes espera— A na sala, minha senhora — disse ele com sono. — Eu lhe disse que a senhora talvez só viesse de madrugada, mas ele teimou em esperar.

— Que raio ele quer?

— Não sei!

Augusta não estava com disposição para ver o editor do Forum. Que estaria ele fazendo ali àquelas horas da manhã? Sentiu-se tentada a ignorá-lo e ir diretamente para o quarto, mas pensou no título e decidiu que era melhor falar com ele. Entrou na sala. Hobbes estava a dormir ao lado do fogo quase extinto.

— Bom dia! — disse Augusta em voz bem alta.

Ele despertou e pôs-se imediatamente de pé, olhando-a através dos óculos embaçados.

— Mrs. Pilaster! Boa, ah, sim, bom dia!

— O que o traz aqui a uma hora tão tardia?

— Pensei que iria gostar de ser a primeira a ver isto — disse ele, entregando-lhe o jornal.

Era um número novo do Forum, ainda quente e cheirando a tipografia. Olhou para a página da frente e leu o cabeçalho:

#### *PODERÁ UM JUDEU SER UM LORDE?*

*Sentiu-se mais animada. O fiasco daquela noite era apenas uma derrota, recordou. Havia outras batalhas a serem ganhas. Leu as primeiras linhas: “Achamos que não há qualquer verdade nos boatos que correm atualmente por Westminster ou pelos clubes de Londres, que dizem que o primeiro-ministro vai atribuir um título nobiliárquico a um proeminente banqueiro, judeu de raça e credo.*

*Nunca fomos a favor da perseguição das religiões pagãs. No entanto, a tolerância pode ir muito longe. Conceder a honra mais elevada a uma pessoa que rejeita abertamente a salvação cristã, seria estar perigosamente perto da blasfêmia.*

*Claro, o próprio primeiro-ministro é também judeu, de raça. Mas foi convertido, e fez o seu juramento de fidelidade a Sua Majestade sobre uma Bíblia cristã. Não há nenhuma dúvida constitucional acerca deste enobrecimento. Mas temos que perguntar se o banqueiro não batizado, de quem o boato fala, estaria preparado a comprometer a sua fé ao ponto de jurar sobre o Antigo e Novo Testamento. Se insistíssemos apenas no Antigo Testamento, como poderiam os bispos da Câmara dos Lordes estarem presentes sem protestarem?*

*Não temos dúvidas de que o homem é um cidadão leal e um homem de negócios honesto.*

O resto era do mesmo estilo. Augusta ficou contente. Levantou o olhar da página.

— Muito bem — elogiou ela. — Isto irá causar algum reboliço.

— Espero bem que sim. — Com um gesto repentino, como o de um pássaro, Hobbes procurou algo no bolso do casaco e fez aparecer uma folha de papel— Tomei a liberdade de fazer o contrato para a compra da tipografia de que lhe falei. Eis a nota da venda.

— Vá ao banco de manhã — devolveu ela, ignorando o papel. Nunca conseguia ser simpática para Hobbes durante muito tempo, embora ele lhe tivesse sido muito útil. Havia nele algo que a irritava. Esforçou-se para parecer mais agradável. — O meu marido lhe passará um cheque — concluiu ela numa voz mais calma.

— Nesse caso, vou-me retirar — disse ele, com uma mesura. Quando ele foi embora, Augusta respirou fundo de satisfação. Os outros iriam ver como era.

Maisie Greenbourne pensava que liderava a sociedade londrina. Bem, podia dançar com o príncipe de Gales a noite inteira, mas não podia evitar o poder da imprensa.

Os Greenbourne levariam bastante tempo para se recuperarem deste ataque.

E, entretanto, Joseph obteria o seu título. Sentindo-se melhor, sentou-se para ler de novo o artigo.

Na manhã seguinte ao baile, Hugh acordou radiante. A sua mulher fora aceita na alta sociedade e ele iria ser feito sócio do Banco Pilaster. A sociedade dava-lhe a hipótese de ganhar não apenas milhares de libras, mas também, ao longo dos anos, centenas de milhares. Um dia seria rico!

Solly ficaria desapontado por não ir trabalhar com ele. Mas Solly era um indivíduo fácil de levar: compreenderia, certamente.

Vestiu o roupão. Tirou da mesa de cabeceira uma caixa de joias embrulhada e enfiou-a no bolso. Depois se dirigiu para o quarto da mulher.

O quarto de Nora era grande, mas parecia sempre cheio. As janelas, os espelhos e a cama estavam todos debruados com seda colorida; o chão havia sido coberto com tapetes bastante espessos; os sofás tinham pilhas de almofadas bordadas; e cada cadeira e cada mesa estava entulhada com pinturas emolduradas, bonecas de porcelana, caixas de louça em miniatura e outras quinquilharias. As cores predominantes eram o rosa e o azul, as

preferidas de Nora, mas as outras cores estavam também presentes, algumas: no papel de parede, nos lençóis e nas colchas, cortinados e tapeçarias.

Nora estava sentada na cama, rodeada de almofadas de linho, bebendo chá. Hugh sentou-se na beira da cama.

— Ontem à noite você foi maravilhosa — disse ele.

— Mostrei a todos — respondeu ela, satisfeita consigo mesma. — Dancei com o príncipe de Gales.

Ele não conseguia deixar de olhar para o seu decote.

Hugh inclinou-se e lhe acariciou os seios através da camisa de dormir de seda.

Hugh! Agora não! — exclamou ela irritada, desviando-lhe a mão.

— Por que não agora? — perguntou ele magoado.

— Já é a segunda vez esta semana.

— Quando nos casamos fazíamos constantemente.

— Exatamente, quando nos casamos. Uma moça não espera ter que fazer todos os dias, para sempre.

Hugh franziu o cenho. Ficaria muito contente de fazer todos os dias, para sempre. Não era disso que o casamento tratava?

Mas não sabia o que era normal. Talvez fosse hiperativo.

— Então com que frequência você acha que devemos fazer? — perguntou ele, inseguro.

Ela pareceu ficar satisfeita por ele ter lhe apresentado a questão, como se ela estivesse esperando para esclarecer o assunto.

— No máximo, uma vez por semana — respondeu ela, com firmeza.

— Sério? — A sua exultação desapareceu e sentiu-se de repente muito abatido. Acariciou a coxa dela através dos lençóis. — Talvez um pouco mais do que isso.

— Não! — exclamou ela, afastando a perna.

Hugh ficou aborrecido. Em outros tempos, ela parecera gostar de fazer amor. Fora algo que ambos tinham apreciado. Quando é que teria se tornado uma tarefa que ela desempenhava para benefício dele? Será que nunca tinha gostado, apenas fingido? Havia nessa noção algo de bastante deprimente. — Já não tinha vontade de lhe dar o presente, mas já havia comprado e não queria devolver à loja.

— Bem, de qualquer modo, comprei isto, para comemorar o seu triunfo no baile da Maisie Greenbourne — disse ele bastante triste, entregando-lhe a caixa.

Os modos dela mudaram instantaneamente.

— Oh, Hugh, sabe como eu adoro presentes! — exclamou Nora. Rasgou a fita e abriu a caixa.

Continha um pendente com a forma de um ramo de flores, feito de rubis e safiras sobre hastes de ouro. O pendente vinha com um fio de ouro. — É lindo! — disse ela.

— Então, ponha no pescoço!

O pendente não combinava muito bem com a camisola de dormir — Ficaré melhor num vestido de noite decotado — disse Hugh.

Nora lançou-lhe um olhar coquete e começou a desabotoar a camisa. Hugh observava-a, ávido, à medida que ela expunha cada vez mais os seios. O pendente encontrava-se entre eles, como uma gota de chuva num botão de rosa. Nora sorriu para Hugh e continuou a desabotoar a camisa, abrindo-a, por fim, mostrando-lhe os seios nus.

— Quer beijá-los? — perguntou ela.

Agora ele não sabia o que pensar. Será que ela estaria provocando ou queria fazer amor?

Inclinou-se e beijou os seios, com o pendente entre eles. Colocou um mamilo na boca e chupou devagarinho.

Vem para a cama — convidou ela.

— Pensei que tinha dito.

— Bem. uma moça tem que mostrar que está agradecida, não é verdade? — E afastou os lençóis.

Hugh ficou enojado. Fora a joia que a fizera mudar de opinião. Mesmo assim, não conseguiu resistir ao convite. Despiu o roupão, detestando-se por ser tão fraco, e deitou-se junto a ela.

Quando gozou, teve vontade de chorar.

Chega uma carta do Tonio Silva no correio da manhã.

Tonio desaparecera pouco depois de Hugh ter se encontrado com ele no Café Plage's: Não saíra nenhum artigo no Times. Hugh fizera papel de bobo ao armar um escândalo por causa da publicação do artigo.

— Edward aproveitara todas as oportunidades para lembrar aos sócios o falso alarme de Hugh. No entanto, o incidente fora eclipsado pelo



drama da sua ameaça de mudança para os Greenbourne.

Tinha escrito para o Hotel Russel, mas não obtivera resposta. Ficara preocupado com o amigo, mas não podia fazer mais nada.

Abriu a carta com ansiedade. Vinha de um hospital e pedia a Hugh que o visitasse.

Terminava do seguinte modo:—"O que quer que faça, não diga a ninguém onde estou."

O que teria acontecido? Tonio estava com perfeita saúde há dois meses. Por que estaria num hospital? Hugh ficou abalado. Só os pobres iam para os hospitais, que eram locais lúgubres e sujos: quem tinha dinheiro mandava vir médicos e enfermeiras em casa, mesmo para as operações.

Intrigado e preocupado, Hugh dirigiu-se de imediato ao hospital.

Encontrou Tonio numa enfermaria escura com trinta camas muito próximas umas das outras. O cabelo ruivo tinha sido raspado e tinha cicatrizes no rosto e na cabeça.

— Meu Deus! — exclamou Hugh. — Você foi atropelado?

— Espancado — respondeu Tonio.

— O que aconteceu?

— Fui tacado perto do Hotel Russel há alguns meses.

— Calculo que tenha sido roubado.

— Sim.

— Está uma lástima!

— Não é tão mau como parece. Fiquei com um dedo partido e um tornozelo fraturado, mas -de resto foram só golpes e contusões, em grande quantidade. No entanto, já estou quase bom.

— Devia ter entrado em contato comigo. Temos que tira-lo daqui. Vou mandar o meu médico vê-lo e arranjo uma enfermeira.

— Não, obrigado, amigo. Agradeço a sua generosidade, mas o dinheiro não é a única razão por que fiquei aqui. Também é mais seguro. Além de você, apenas mais uma pessoa sabe do meu paradeiro: um colega de confiança, que me traz tortas de carne, conhaque e notícias de Córdoba — Espero que não tenha dito a ninguém que vinha me ver.

— Nem à minha mulher — assegurou-lhe Hugh.

— Ótimo.

"A velha imprudência de Tonio parece ter desaparecido", pensou Hugh; de fato, era quase o extremo oposto.

— Mas não pode ficar no hospital o resto da sua vida para se esconder dos rufiões!

— As pessoas que me atacaram não eram apenas ladrões, Pilaster.

Hugh tirou o chapéu e sentou-se na beira da cama. Tentou ignorar os gemidos do homem na cama ao lado.

— Conte-me o que aconteceu — pediu ele.

— Não foi um assalto normal. Os ladrões me roubaram a chave e foram ao meu quarto.

Não roubaram nada de valioso, com exceção de todos os papéis referentes ao meu artigo para o Times, incluindo os depoimentos assinados pelas testemunhas.

Hugh ficou horrorizado. O coração gelou quando pensou que as imaculadas transações que tinham lugar dentro das paredes dos Pilasters, pudessem estar ligadas a crimes violentos nas ruas e com o rosto machucado à sua frente.

— Até parece que o banco está sob suspeita!

— Não é o banco — disse Tonio. — Os Pilaster têm uma organização poderosa, mas não creio que pudessem organizar assassinos em Córdoba.

— Assassinos? — Aquilo estava ficando cada vez pior. — Quem é que foi assassinado?

— Todas as testemunhas que tinham os nomes e endereços nos depoimentos roubados do meu quarto.

— Não posso acreditar!

— Tenho sorte em estar vivo. Teriam me matado, creio eu, se fossem tão investigados em Londres como o são em Córdoba. Tiveram medo do escândalo.

Hugh ainda estava atordoado e agoniado com a revelação de que tinham mandado matar pessoas por causa de uma emissão de títulos do Banco Pilaster.

— Quem é que está por trás disto?

— Micky Miranda.

— Não gosto muito do Micky, como sabe, mas não posso acreditar que ele tenha feito uma coisa dessas! — exclamou Hugh, abanando a cabeça, incrédulo.

— A ferrovia de Santamaría é vital para ele. Tornará a sua família a segunda mais importante do país.

— Percebo isso, e não duvido de que Micky passaria por cima de várias regras para atingir os seus objetivos. Mas não é um assassino!

— Sim, é — disse Tonio.

— Então!

— Tenho a certeza. Nem sempre agi como se soubesse, aliás, tenho sido um idiota com o Miranda. Mas é por ele ter um encanto demoníaco. Durante uma época, me fez pensar que era meu amigo. A verdade é que ele personifica o mal e já desde o colégio que o sei.

— Como?

— Eu sei o que na realidade aconteceu há treze anos — disse Tonio, virando-se na cama —, na tarde em que o Peter Middleton se afogou no lago de Bishop's Wood.

Os pelos de Hugh se eriçaram. Havia anos que meditava naquilo. Peter Middleton fora um nadador exímio: era pouco provável que tivesse morrido por acidente. Havia muito tempo que Hugh estava convencido de que houvera jogo sujo. Talvez agora viesse a saber a verdade.

— Continua — disse ele —, mal posso esperar para ouvir isso.

Tonio hesitou.

— Pode me dar um pouco de vinho? — perguntou ele.

Havia uma garrafa de Madeira no chão, junto à cama. Hugh despejou um pouco num copo. Enquanto Tonio bebia, Hugh recordou o calor daquele dia, o ar parado em Bishop's Wood, as paredes rochosas do lago e a água gelada.

— Disseram ao juiz que Peter estava com dificuldades no lago. Nunca lhe contaram que Edward estava mergulhando a cabeça.

— Até aí eu sei! interrompeu-o Hugh. — Recebi uma carta do "Corcunda" Cammel da colônia do Cabo. Ele observou tudo da outra extremidade da piscina. Mas não ficou até o fim.

— Exatamente. Você fugiu e o "Corcunda" foi embora. Ficamos eu, o Peter, o Edward e o Micky.

— O que aconteceu quando fui embora? — perguntou Hugh, impaciente.

— Saí da água e atirei uma pedra no Edward. Tive pontaria e acertei mesmo no meio da testa e ele começou logo a sangrar. Isso fez com que ele parasse de atormentar o Peter e viesse atrás de mim.

Trepei pela pedreira acima, tentando fugir dele.

— O Edward nunca foi muito ágil, nem sequer nessa época — comentou Hugh.

— Tem razão Dei uma boa distância dele e no meio da subida, olhei para trás. Era Micky quem estava ao pé de Peter. Este tinha nadado até à margem e tentava sair do lago, mas o Micky continuava a prender a cabeça dele dentro d'água. Olhei para eles apenas durante uns momentos, mas vi perfeitamente o que estava acontecendo. Depois continuei a subir. — Bebeu mais um gole de vinho. Quando cheguei ao topo da pedreira voltei a olhar para eles. Edward ainda me perseguia, mas como vinha bem atrás, tive tempo de recuperar o fôlego.

Fez uma pausa, mas uma expressão de repulsa passou-lhe pelo rosto ferido. — Nessa altura Micky já estava na água com Peter. O que eu vi, com toda a clareza, e me lembro disso como se tivesse sido ontem, foi Micky prendendo a cabeça de Peter debaixo do braço e este a não conseguir libertar-se. O Micky estava afogando o rapaz. Não há dúvida nenhuma. Foi assassinato!

— Meu Deus! — murmurou Hugh.

— Ainda me sinto doente só de pensar nisso. Fiquei olhando para eles não sei durante quanto tempo. O Edward quase me apanhou. O Peter já deixara de estrebuchar, quase não se mexia quando Edward chegou ao topo da pedreira e eu tive que fugir.

— Então foi assim que Peter morreu! — Hugh estava atordoado e horrorizado.

— O Edward, ainda me seguiu um pouco pelo bosque, mas estava cansado e eu me afastei.

Depois eu encontrei você.

Hugh lembrava-se do pequeno Tonio, com treze anos, a vagar por Bishop's Wood, nu, molhado, com a roupa debaixo do braço e chorando.

A recordação trouxe de volta o choque e a dor porque mais tarde passara nesse mesmo dia, quando soube que o pai tinha morrido.

— Mas por que é que nunca disse a ninguém o que você viu?

— Tinha medo do Micky, medo de que ele me fizesse o que tinha feito ao Peter. Ainda tenho medo dele, olha para mim! Você também devia temê-lo.

— Temo sim, não se preocupe. — Hugh estava pensativo. — Sabe, acho que o Edward e a mãe não sabem a verdade acerca disto

— O que o leva a dizer isso?

— Não têm motivos para encobrir o Micky.

— Talvez Edward. tenha, por causa da amizade deles — contrapôs Tonio, duvidoso.

— Talvez, embora eu duvide que ele pudesse ter guardado o segredo durante mais de um dia ou dois. Seja como for, Augusta sabia que a história que eles tinham contado, de que Edward tentara salvar o Peter, era mentira.

— Como é que ela soube?

— A minha mãe contou-lhe, depois que eu lhe contei. O que significa que Augusta esteve envolvida ao encobrir a verdade. Acredito que ela diga uma série de mentiras para encobrir o filho, mas não para encobrir Micky. Nem o conhecia nessa época!

— Então o que pensa que possa ter acontecido?

— Imagine o seguinte — começou Hugh, franzindo a testa— Edward desiste de ir atrás de você e volta para o lago. Encontra Micky arrastando o corpo de Peter para fora de água.

Quando ele se aproxima, Micky exclama: "Idiota, você o matou! " Lembre-se de que Edward não viu o Micky segurando a cabeça de Peter. Micky disse que Peter ficou tão cansado por ele ter lhe empurrado a cabeça para debaixo d'água que não conseguiu nadar mais e se afogou.

"O que é que eu vou fazer?", pergunta Edward. "Não se preocupe", tranquiliza— O Micky; diremos que foi um acidente e que você mergulhou tentando salvá-lo.

Assim Micky encobre o seu próprio crime, recebendo a eterna gratidão de Edward e de Augusta-Faz sentido?

— Meu Deus, acho que você tem razão! — concordou Tonio — Temos que ir à polícia — disse Hugh, irritado.

— Para quê?

— Você é testemunha de um crime! O fato das coisas terem acontecido há treze anos não faz diferença. O Micky tem que ser julgado.

— Está esquecendo de algo: ele tem imunidade diplomática.

Hugh não pensara nisso. Como embaixador de Córdoba, Micky não poderia ir ao tribunal na Grã-Bretanha.

— Podia cair em desgraça e ser enviado para casa, Tonio abanou a cabeça.

— Eu sou a única testemunha. Micky e Edward irão contar uma história diferente. E todo mundo sabe que a minha família e a dele são

inimigas. Mesmo que isso tivesse acontecido ontem, teríamos dificuldade de convencer alguém. — Tonio fez uma pausa.

— Mas talvez queira dizer a Edward que ele não é um assassino. Acho que ele não iria acreditar em mim. Talvez pense que eu quero criar problemas entre ele e Micky. Mas há uma pessoa a quem devo contar.— disse Hugh

— A quem?

— A David Middleton.

— Por quê?

— Acho que ele tem o direito de saber de que modo o irmão morreu — respondeu Hugh. —

Fez-me perguntas sobre isso no baile da duquesa de Tenbigh. Por acaso, eu até fui bem mal educado. Mas eu lhe disse que se soubesse da verdade, eu lhe contaria pela minha honra.

Vou ter com ele ainda hoje.

— Acha que ele irá à polícia?

— Creio que irá achar isso inútil, tal como nós concluímos. — De repente sentiu-se oprimido pela enfermaria suja e pela conversa macabra sobre o assassinato.

— É melhor ir trabalhar. — Levantou-se. — Vou ser sócio no banco.

— Parabéns! Tenho a certeza de que o merece. — De repente Tonio ficou esperançoso. — Será capaz de impedir a construção da ferrovia de Santamaría?

Hugh abanou a cabeça.

— Desculpe, Tonio. Por mais que eu não goste do projeto, no momento não posso fazer nada. Edward fez um acordo com o Banco Greenbourne para lançarem os títulos em conjunto. Os sócios de ambos os bancos aprovaram a emissão e já se estão redigindo os contratos. Acho que perdemos essa batalha.

— Raios! — Tonio estava desolado.

— A sua família terá de arranjar outros meios de se opor aos Miranda.

— Receio que eles sejam inseparáveis.

— Desculpe — repetiu Hugh. Lembrou-se de outra coisa e ficou perplexo. — Sabe, acaba de me resolver um mistério. Não conseguia

compreender como é que o Peter podia ter se afogado, sendo tão bom nadador. Mas a sua resposta é ainda um mistério maior.

— Não estou entendendo!

— Pense nisso. O Peter estava nadando, muito descansado; o Edward fez com que mergulhasse, só por maldade; todos fugimos; o Edward perseguiu você e, nessa altura, o Micky mata o Peter a sangue-frio. Não tem nada a ver com o que se passara antes. Por que terá acontecido? O que teria feito Peter?

— Percebo onde quer chegar. Sim, isso também me intrigou durante anos. Micky Miranda matou Peter Middleton. mas por quê?

## CAPÍTULO V

### JULHO

No dia em que o título de Joseph foi anunciado, Augusta parecia uma galinha que acabara de por um ovo. Micky foi até a casa na hora do chá, como habitualmente, e encontrou a sala de estar cheia de pessoas que a felicitavam pelo título de condessa Whitehaven. Hastead, o mordomo, tinha um sorriso presunçoso e dizia "Senhora Condessa"

sempre que tinha oportunidade.

Augusta era espantosa, pensava Micky ao ver todo mundo à volta dela como abelhas num jardim ensolarado. Planejara tudo como um general. A certa altura houvera um boato de que seria Ben Greenbourne quem receberia o título, mas essa hipótese fora afastada devido a uma onda de anti-semitismo na imprensa. Augusta não admitia, nem mesmo para Micky, que estivera por trás da cobertura da imprensa, mas ele tinha certeza disso. Em alguns aspectos, ela lhe fazia lembrar o pai: este tinha a mesma determinação implacável. Mas Augusta era mais inteligente. A admiração de Micky por ela crescera com o passar dos anos.

A única pessoa que desafiara o seu engenho fora Hugh Pilaster.

Era espantoso como ele era difícil de derrotar. Qual erva daninha persistente, podia ser arrancado de vez em quando, mas acabava por crescer ainda mais forte que antes.

Felizmente, Hugh não tinha sido capaz de impedir a construção da ferrovia de Santamaría.

Micky e Edward tinham-se mostrado fortes demais para Hugh e Tonio.

— À propósito — disse Micky a Edward, ao tomarem chá, quando é que vai assinar o contrato com os Greenbourne?

— Amanhã.

— Ótimo!

Micky ficaria aliviado quando o contrato estivesse finalmente arrumado. Este se arrastara durante meio ano e o papá todas as semanas mandava telegramas irados, perguntando se alguma vez iria receber o dinheiro.

Nessa noite, Micky e Edward jantaram no Clube Cowes. Durante a refeição, Edward foi várias vezes interrompido por pessoas que o felicitavam. Claro que um dia ele herdaria o título.



Micky estava contente. A sua associação com Edward, e os Pilaster fora um fator decisivo para tudo o que adquirira, e um maior prestígio para os Pilaster significaria mais poder para ele mesmo.

Depois de jantar se dirigiram ao salão de fumo. Foram os primeiros a acabar de jantar e, durante algum tempo, estiveram sozinhos.

— Cheguei à conclusão de que os Ingleses têm pavor das suas mulheres — comentou Micky, quando acenderam os charutos. — É a única explicação possível para o fenómeno do clube londrino.

— De que raios está falando? — perguntou Edward.

— Olhe em volta — disse Micky. — Este lugar é exatamente como a sua casa, ou a minha.

Mobília cara, criados por todo o lado, comida saborosa e bebidas sem fim. Aqui podemos comer todas as nossas refeições, receber o correio, ler o jornal, dormir uma sesta, ou bêbados demais para nos enfiarmos num fiacre e se estivermos bêbados aqui, podemos dormir. A única diferença entre o clube de um inglês e o seu lar é que não há mulheres no clube.

— Então vocês em Córdoba não têm clubes?

— Claro que não! Ninguém seria membro! Se um compatriota meu quisesse se embebedar, jogar cartas, falar de política e das suas putas, fumar, arrotar e peidar confortavelmente, fará em casa — e se sua mulher for suficientemente estúpida para objetar, ele baterá nela até ela ver as coisas com clareza. Mas um cavalheiro inglês tem tanto medo da esposa que tem que sair de casa para se divertir. Por isso, existem os clubes.

— Não me parece que você tem medo da Rachel. Livrou-se dela, não foi? — disse ele, despreocupado.

— Mande-a de volta para a mãe

As coisas não tinham acontecido bem assim, mas ele não iria contar a verdade a Edward.

— As pessoas devem reparar que ela já não aparece nas recepções da embaixada. Não fazem comentários

— Eu lhes digo que ela está adoentada.

— Mas todos sabem que ela quer criar um hospital para as mulheres solteiras terem os seus filhos. É um escândalo!

— Não interessa! As pessoas têm pena de mim por eu ter uma mulher difícil.

— Você vai se divorciar dela?

— Não! Isso é que seria um escândalo! Um diplomata não pode divorciar-se. Receio que esteja preso a ela enquanto for o embaixador de Córdoba. Graças à Deus que ela não engravidou antes de ir embora. — Era um milagre que tal não tivesse acontecido, pensou ele Talvez ela fosse estéril. Fez sinal a um criado e pediu outro conhaque. — Falando de mulheres, como é que está a Emily?

Edward pareceu ficar atrapalhado.

— Eu a vejo tanto quanto você vê a Rachel. Sabe que lhe comprei há algum tempo uma casa de campo, em Leicestershire? Ela passa lá o tempo todo.

— Então, estamos os dois novamente solteiros.

— Nunca fomos outra coisa, disse Edward sorrindo Micky olhou para o outro lado do salão e viu a forma volumosa de Solly Greenbourne na porta. Por algum motivo a visão de Solly punha— O nervoso — o que era estranho, porque Solly era o homem mais inofensivo de Londres. Aí vem outro amigo para lhe felicitar — disse Micky a Edward quando o outro se aproximou.

Nessa hora percebeu que Solly não trazia o seu sorriso habitual. De fato, parecia estar furioso, o que era raro. Micky teve o pressentimento de que isso tinha a ver com a ferrovia de Santamaría. Disse para si mesmo que estava se preocupando como uma velha., mas o Solly nunca se zangava.

A ansiedade tornou Micky demasiado amigável.:

— Olá Solly, meu velho. Como é que vai o gênio do “Quilometro Quadrado?”

Contudo, Solly não estava interessado em Micky. Sem retribuir o cumprimento, virou-lhe as largas costas e enfrentou Edward.

— Pilaster, você é um grande ordinário! — exclamou ele.

Micky ficou perplexo e horrorizado. Solly e Edward estavam quase assinando o contrato.

Aquilo era muito grave! Solly nunca discutia. O que o teria levado a tal?

— De que raio falando, Greenbourne? — perguntou Edward, visivelmente admirado.

Solly ficou vermelho e mal conseguia falar:— — Descobri que você e aquela bruxa a quem chama mãe estão por trás daqueles artigos nojentos no Fórum

"Oh, não!", exclamou Micky para si mesmo. Aquilo era uma catástrofe. Ele suspeitara do envolvimento de Augusta, embora não tivesse como provar. Mas como Solly teria ficado sabendo?

— Quem é que encheu essa sua cabeça gorda de tais disparates? — Perguntou Edward pensando o mesmo.

— Uma das amiguinhas da sua mãe é dama de companhia da rainha — respondeu Solly.

Micky calculou que ele estivesse se referindo a Harriet Morte. Augusta parecia exercer algum domínio sobre ela.

Solly prosseguiu: — Ela deu com a língua nos dentes, contou ao príncipe de Gales. Acabei de estar com ele.

Solly deveria estar louco de fúria para falar com tão pouca discrição acerca de uma conversa com a realeza. — Pensou Micky. Tratava-se de uma alma doce sendo pressionada a um ponto excessivo. Não estava entendendo como é que um desentendimento destes poderia ter vazado— Pelo menos, não a tempo para a assinatura do contrato no dia seguinte.”

— Tentou desesperadamente acalmar os ânimos..

— Solly, meu velho, não pode ter certeza de que esta história é verdadeira.

Solly virou-se para ele. Tinha os olhos esbugalhados e transpirava.

— Ah, não? Quando leio no jornal de hoje que Joseph Pilaster ficou com o título que era destinado a Bem Greenbourne?

— Mesmo assim.

— Imagina o que isso significa para o meu pai?

Micky começou a compreender como a armadura da cordialidade de Solly fora rompida.

Não era por si mesmo que ele estava furioso, mas pelo pai. O avô de Ben Greenbourne chegara a Londres com o fardo de peles russas, uma nota de cinco libras e um buraco na botina, Para Bem, ocupar um lugar na Câmara dos Lordes seria o supremo símbolo de aceitação na sociedade inglesa.

Por outro lado, não havia a menor dúvida de que Joseph também gostaria de coroar a sua carreira com um título nobiliárquico — a sua família também enriquecera por mérito próprio mas seria uma façanha maior para um judeu. O título de Greenbourne seria um triunfo não só para

ele e para a sua família, mas também para toda a comunidade judaica da Grã-Bretanha.

— Não posso evitar que você seja um judeu — disse Edward.

Micky interveio de imediato.

— Não deviam permitir que os seus pais se intrometessem entre vocês. Afinal de contas, são sócios num grande empreendimento comercial.

— Não seja idiota, Miranda! — exclamou Solly tão selvagememente que Micky se encolheu. — Pode esquecer a ferrovia Santamaría, ou qualquer outra associação com o Banco Greenbourne.

Quando os nossos sócios souberem desta história nunca mais vão querer fazer qualquer negócio com os Pilasters.

Micky sentiu a bÍlis subir pela garganta enquanto observava Solly deixar a sala. Era fácil esquecer como aqueles banqueiros eram poderosos. em particular o despretenso Solly.

Contudo, num momento de fúria, ele era capaz de liquidar todas as esperanças de Micky com uma única frase.

— Mas que insolência! — murmurou Edward. TÍpica de judeu!

Micky quase o mandou calar-se. Edward sobreviveria ao colapso do negócio, mas ele talvez não. O papá ficaria desapontado e furioso e procuraria uma pessoa para castigar.

Micky teria que aguentar o impacto da sua raiva. Será que não haveria uma esperança?

Tentou deixar de se sentir derrotado e começou a pensar. Poderia fazer alguma coisa para evitar que Solly cancelasse o negócio? Se pudesse, teria que agir depressa, pois quando Solly contasse aos outros Greenbourne o que soubesse, todos seriam contra o negócio.

Conseguiria convencer Solly? Tinha que tentar.

Levantou-se de repente.

— Onde é que você vai? — perguntou Edward.

Micky achou melhor não lhe dizer o que pensava fazer. — Vou jogar cartas — respondeu ele. — Quer vir junto?.

— Claro que sim. — Edward levantou-se da poltrona e saíram do salão.

Ao chegarem às escadas, Micky dirigiu-se para a casa de banho.

— Pode ir subindo que eu já vou alcançá-lo. — disse ele a Edward. Apressou-se pelo vestÍbulo, pegou no chapéu e na bengala e disparou pela

porta da frente.

Olhou para um lado e para o outro da Pall Mall, receando que Solly já não estivesse à vista.

Era crepúsculo e já estavam acendendo os lampiões à gás.

Micky não conseguia ver Solly. Então avistou-o, a cerca de cem metros, uma silhueta volumosa em traje de noite e cartola, bamboleando-se apressadamente para St. James's.

Micky foi atrás dele. Iria explicar-lhe como a ferrovia era importante para Córdoba. E para si próprio.—Diria que Solly estava castigando milhões de camponeses pobres por causa de uma coisa que Augusta fizera. Solly tinha o coração mole, se conseguisse acalma-lo, talvez a persuasão desse certo.

Solly dissera que tinha acabado de conversar com o Príncipe de Gales. Isto significava que talvez ainda não tivesse contado a ninguém o segredo que o príncipe revelara — que Augusta tinha encomendado a propaganda antisemita na imprensa. Ninguém ouvira a discussão no clube: na sala de fumantes só estavam os três. Era bem provável que Bem Greenbourne ainda não soubesse que fora privado de seu título de uma forma fraudulenta.

Claro que a verdade poderia vir a transpirar. O príncipe de Gales poderia contar a outra pessoa. Mas o contrato seria assinado no dia seguinte. Se o segredo fosse mantido até essa hora, tudo estaria bem. Depois disso, os Greenbourne e os Pilaster poderiam discutir até o Juízo Final, pois o Papá teria a sua ferrovia.

Pall Mall estava apinhada de prostitutas que reboavam pelo passeio, homens entrando e saindo de clubes, outros que acendiam os lampiões, carruagens e fiacres pela estrada.

Micky teve dificuldade em o apanhar. O pânico começou a borbulhar dentro dele.

Nessa altura, Solly virou para uma rua menor, em direção a sua casa em Piccadilly.

Micky seguiu-o. Aquela rua era muito menos povoada. Desatou a correr.

— Greenbourne! — chamou ele. — Espere!

Solly parou e virou-se, arquejante. Reconheceu Micky e virou-se novamente.

— Tenho que falar com você! — exclamou Micky, agarrando-lhe no braço.

Solly estava tão ofegante que mal conseguia falar.

— Tire as mãos de cima de mim! — balbuciou ele. Libertou-se de Micky e continuou a andar.

Este foi atrás dele e agarrou-o novamente. Solly tentou libertar o braço, mas desta vez Micky não deixou.

— Ouça-me!

— Já disse para me deixar em paz! — exclamou Solly, ameaçador.

— É só um minuto, raios! — Micky estava ficando zangado.

Mas Solly não o ouvia. Lutou furiosamente até se livrar de Micky e recomeçou a andar.

Pouco depois chegou a uma rua paralela e teve que parar no meio-fio quando uma carruagem passou por ele a grande velocidade.

Micky aproveitou a oportunidade para voltar a falar com ele.

— Solly, acalme-se — disse. — Só quero fazer com que você veja as coisas!

— Vai pro diabo que o carregue!

A estrada ficou desimpedida. Para evitar que Solly fosse embora, Micky agarrou-o pela lapela. Ele lutou para se libertar, não conseguindo.

— Preciso que você me ouça! — gritou Micky.

— Largue-me! — Solly libertou um braço e esmurrou o nariz do outro.

Micky sentiu o gosto do sangue. Perdeu a cabeça.

— Maldito seja! — bradou, largando o casaco de Solly e socando-o no rosto.

Solly virou-se e começou a atravessar a rua. Nessa hora, ambos viram uma carruagem aproximar-se a grande velocidade. Solly deu um salto para trás, a fim de evitar ser atropelado.

Micky viu aí a sua oportunidade. Se Solly estivesse morto, os seus problemas acabariam.

Não havia tempo para pensar nos prós e nos contras, nem para hesitar.

Deu-lhe um grande empurrão para a frente

O cocheiro gritou e segurou as rédeas. Solly cambaleou, viu os cavalos quase em cima dele, caiu e gritou.

Durante um momento Micky viu os cavalos avançarem, as pesadas rodas da carruagem, o cocheiro aterrorizado e o grande e indefeso volume de Solly, de costas no chão.

Os cavalos pisaram— No. Micky viu aquele corpo gordo contorcer-se à medida que os cascos ferrados o pisavam. Então a roda da frente atingiu a cabeça de Solly e ele ficou inconsciente. Um segundo depois a roda de trás passou por cima e esmagou-lhe o crânio como uma casca de ovo.

Micky virou-se. Pensou que ia vomitar, mas conseguiu controlar-se. Começou a tremer.

Sentiu-se fraco e teve que se apoiar à parede.

Obrigou-se a olhar para o corpo imóvel na estrada. A cabeça de Solly estava esmagada, o seu rosto irreconhecível, e o sangue, juntamente com qualquer outra coisa, começava a se alastrar. Estava morto.

E Micky estava salvo.

Agora Ben Greenbourne nunca saberia o que Augusta lhe fizera; o negócio poderia prosseguir; a ferrovia seria construída; e Micky seria um herói em Córdoba.

Sentiu algo quente no lábio. Estava com o nariz sangrando. Tirou um lenço da algibeira e tentou estancar o fluxo.

Olhou ainda durante mais uns momentos para Solly. "Perdeu a calma uma vez na vida e isso o matou", pensou.

Observou a rua nos dois sentidos. Não se via viva alma. Apenas o cocheiro vira o que se passara.

A carruagem parou a uns trinta metros. O cocheiro desceu e uma mulher espreitou pela janela. Micky virou-se e começou a se afastar rapidamente, dirigindo-se a Pall Mall.

— Hei, você! — ouviu o cocheiro chamar.

Começou a andar mais depressa e virou para Pall Mall sem olhar para trás. Momentos depois se misturava com a multidão.

"Meu Deus, consegui!", pensou. Agora que já não podia ver o corpo mutilado, a sensação de agonia estava passando e começou a sentir-se triunfante. Conseguira ultrapassar outro obstáculo por ter pensado rapidamente e ousado.

Apressou-se a subir as escadas para o clube. Com sorte ninguém teria dado pela sua falta; mas ao entrar teve o azar de esbarrar em Hugh Pilaster, que saía.

— Boa noite, Miranda — cumprimentou ele.

— Boa noite, Pilaster — respondeu Micky e entrou, amaldiçoando Hugh.

Depois de ter deixado o chapéu e a bengala no bengaleiro, observou-se no espelho do banheiro. O nariz estava vermelho do soco de Solly, mas de resto estava bem, parecendo apenas um pouco em desalinho. Endireitou a roupa e penteou-se. Enquanto fazia isso, lembrou-se de Hugh! Se naquele preciso momento, ele não estivesse na porta, ninguém teria sabido que saíra do clube — apenas tinha se afastado alguns minutos. Mas será que isso importaria? Ninguém iria suspeitar que ele tinha morto Solly, e se o fizessem, o fato de ter saído do clube durante uns minutos não provaria nada. No entanto, já não possuía um álibi seguro e isso preocupava.

Lavou as mãos e subiu apressadamente as escadas até o salão de jogos.

Edward já estava jogando bazar e havia um lugar vago à mesa. Micky sentou-se.

Ninguém comentou a duração da sua ausência.

Deram-lhe cartas.

— Parece um bocado adoentado — comentou Edward.

— Sim — concordou ele, calmamente. — Acho que a sopa de peixe não devia estar muito fresca.

— Traz para este homem um cálice de conhaque — pediu Edward a um dos criados.

Micky olhou para o seu jogo. Tinha um nove e um dez, as cartas perfeitas. Apostou um soberano.

Naquele dia não conseguiria perder nada!

Hugh foi visitar Maisie dois dias após a morte de Solly. Encontrou-a sozinha sentada imóvel num sofá, com um bonito vestido preto, parecendo pequena e insignificante no esplendor da sala daquele palácio. O rosto dela estava sulcado pela dor e parecia não ter dormido. Hugh teve pena dela.

— Oh, Hugh, ele era o melhor de todos nós!

Ao ouvir aquelas palavras, Hugh não conseguiu reter as lágrimas. Era horrível morrer da forma como Solly morrera, e, das pessoas que Hugh conhecia, ele era quem menos merecia aquele fim.-

Parecia incapaz de fazer mal! — Exclamou ela,



— Era tão bondoso, ele disse Conheci— O durante quinze anos e não me lembro de uma única vez em que tenha sido indelicado para alguém.

— Por que acontecem estas coisas? perguntou Maisie, infeliz.

Hugh hesitou. Havia apenas uns dias que ele soubera, por intermédio de Tonio Silva, que Micky Miranda tinha morto Peter Middleton. Por esse motivo, não conseguia deixar de pensar que talvez Micky tivesse algo a ver com a morte de Solly. A polícia procurava um homem bem vestido que discutira com Solly imediatamente antes dele ter sido atropelado. Hugh vira Micky entrando no Clube Cowes mais ou menos na hora em que Solly morrera, por isso tinha a certeza de que ele estivera nas imediações.

Mas não havia um motivo: antes pelo contrário. Solly estivera prestes a assinar o contrato para a ferrovia de Santamaría porque Micky tanto ansiava. Por que iria ele matar o seu benfeitor? Hugh decidiu não contar a Maisie nada sobre as suas suspeitas infundadas.

— Parece ter sido um acidente trágico — respondeu ele.

— O cocheiro acha que Solly foi empurrado. Por que a testemunha fugiria se não era culpada?

— Talvez tenha tentado assaltar Solly. De qualquer modo, é isso o que dizem os jornais.

— Eles mencionavam as ocorrências diárias. Era uma história sensacional: a morte macabra de um proeminente banqueiro, um dos homens mais ricos do mundo.

— Será que os ladrões vestem trajes à rigor?

— Era quase de noite. O cocheiro pode estar enganado acerca das roupas do homem.

— Se ao menos tivesse esperado mais algum tempo podia ter casado comigo em vez de ter casado com Nora — disse ela, libertando-se dos braços de Hugh e sentando-se.

Hugh ficou admirado com a franqueza dela. Tinha pensado o mesmo alguns segundos depois de ter ouvido a notícia — mas sentira-se envergonhado. Era típico de Maisie dizer aquilo que ambos pensavam. Não sabia o que responder, por isso disse uma piada idiota.

— Se um Pilaster casasse com uma Greenbourne, não seria um casamento, mas sim uma fusão.

— Eu não sou uma Greenbourne — retorquiu Maisie, abanando a cabeça. — A família de Solly nunca me aceitou..

— No entanto, deve ter recebido uma boa parte do banco.

— Não recebi nada, Hugh

— Mas isso é impossível!

— É verdade. Solly não tinha dinheiro seu. O pai dava-lhe uma grande mesada, mas nunca pôs qualquer capital em nome dele, por minha causa. Até esta casa é alugada Tenho as minhas roupas, móveis e joias, e assim nunca passarei fome. Mas não sou herdeira do banco. e o pequeno Bertie também não é.

Hugh estava perplexo — e irritado por alguém ser tão mau para Maisie.

— O velhote não vai dar dinheiro nem para o seu filho?

— Nem um centavo. Falei com o meu sogro esta manhã.

Era uma grosseria tratarem— Na daquela maneira e Hugh, como seu amigo, sentiu-se igualmente afrontado.-

— É vergonhoso — disse ele.

— Nem por isso — retorquiu Maisie. — Dei a Solly cinco anos de felicidade e, em troca, vivi cinco anos na alta-roda. Posso voltar ao normal. Vou vender as joias, investir o dinheiro e viver tranquilamente dos rendimentos.

Era difícil acreditar naquilo.

— Vai viver com os seus pais?

— Em Manchester? Não, acho que não consigo voltar tanto atrás, Vou ficar em Londres. A Rachel Bodwin vai abrir um hospital para mães solteiras: talvez vá trabalhar com ela.

— Falam bastante desse hospital. As pessoas acham que é um escândalo.

— Então é adequado para mim!

Hugh ainda estava magoado com a forma rude com que Ben Greenbourne tratara a nora.

Decidiu dar-lhe uma palavrinha e tentar mudar a sua opinião.

No entanto, não diria nada a Maisie. Não queria que ela tivesse falsas esperanças.

— Não tome nenhuma decisão precipitada, está bem?

— Tal como?

— Não saia desta casa, por exemplo. O Greenbourne pode tentar ficar com a mobília. E

também, precisa de um advogado que defenda os seus interesses.

Maisie abanou a cabeça.

— Já não pertenço à classe de pessoas que mandam chamar um advogado com a mesma facilidade com que chamam um criado. Tenho que pensar nos custos. Não irei procurar um advogado até ter a certeza de que estão me enganando. E acho que isso não irá acontecer. O Ben Greenbourne não é desonesto, é apenas duro, tão duro como o ferro e tão frio como ele. É espantoso como é que pode ser pai de uma pessoa tão carinhosa como o Solly.

— Está muito filosófica — comentou Hugh. Admirava a coragem dela.

— Tive uma vida espantosa, Hugh — disse ela com um encolher de ombros-Fiquei sem nada aos onze anos e imensamente rica aos dezenove. — Tocou num dos anéis que tinha nos dedos. — Talvez, este diamante valha mais do que todo o dinheiro que a minha mãe já viu

Dei as melhores festas de Londres; conheci todas as pessoas importantes, ; dancei com o príncipe de Gales. Não me arrependo de nada. Apenas que tenha casado com Nora.

— Gosto muito dela — disse ele, sem convicção.

— Ficou furioso por ela não ter tido um caso com você! disse Maisie com brutalidade-

Estava desesperado por sexo e escolheu Nora porque a achava parecida comigo. Mas ela não é a Maisie e agora, você está infeliz!

Hugh estremeceu como se tivesse sido golpeado. Tudo aquilo era angustiosamente próximo da verdade.

— Você jamais gostou de Nora

— Pode dizer que estou com ciúmes e talvez até esteja, mas eu digo que ela nunca gostou de você e só casou por dinheiro. Aposto que descobriu que isso era verdade desde o casamento, não foi?

Hugh lembrou-se de como Nora se recusava a fazer amor com ele mais do que uma vez por semana e como ficava mais bem-disposta a cada vez que ele lhe oferecia algo; sentiu — se muito infeliz e desviou o olhar.

— Ela sempre foi muito pobre — disse ele. — Não é de admirar que se tenha tornado tão materialista.

— Nunca foi tão pobre como eu — devolveu Maisie, com rispidez — Até você teve que sair do colégio por causa de dinheiro, desdenhou.

Isso não é desculpa para falsos valores. O mundo está cheio de pessoas pobres que percebem que o amor e a amizade são mais importantes que as riquezas.

O desdém dela pôs Hugh na defesa.

— Ela não é tão má como você a pinta.

— Mesmo assim, você não é fiel

Sentindo-se confuso, Hugh voltou a insistir no que achava ser o correto.

— Bem, já estou casado com ela e não a vou deixar — disse ele. — É isso que os votos significam.

— Sabia que ia dizer isso — disse Maisie com lágrimas nos olhos e um sorriso débil.

Hugh teve uma visão repentina de Maisie nua, dos seus seios redondos e brancos e a moita de cabelos vermelhos-dourados entre suas coxas e desejou poder voltar atrás em suas palavras de princípios elevados. Em vez disso, levantou-se para partir. Maisie também, se levantou.

— Obrigada por ter vindo, Hugh querido — disse Maisie, levantando-se também.

Ele tencionava apertar -lhe a mão, mas em vez disso inclinou-se para beija-la no rosto e de alguma forma, descobriu-se a beija-la nos lábios.

Foi um beijo temo e suave, que durou bastante tempo e quase deitou por terra a sua resolução. Mas finalmente libertou-se e saiu da sala sem proferir palavra.

A casa de Ben Greenbourne era outro dos palácios próximos, também em Piccadilly.

Hugh dirigiu-se para lá imediatamente após ter deixado Maisie. Estava contente por ter algo que fazer, a fim de desviar o pensamento do redemoinho do coração. Perguntou pelo velhote.

— Diga-lhe que é um assunto muito urgente — disse ele ao mordomo. Enquanto esperava reparou que todos os espelhos do vestíbulo estavam tapados e calculou que aquilo deveria fazer parte do ritual de luto judeu. Maisie apanhara — O desprevenido. Quando a viu, o seu coração encheu-se de amor e desejo. Sabia que nunca seria realmente feliz sem ela.

Mas Nora era sua esposa. Trouxera para a sua vida, calor e afeto e fora por isso que se casara com ela.

De que serviria fazer promessas na cerimônia de casamento, se as pessoas mudavam de opinião mais tarde?

O mordomo encaminhou Hugh para a biblioteca. Seis ou sete pessoas estavam se retirando, deixando Ben. Greenbourne sozinho. Não estava usando sapatos e estava sentado num simples banco de madeira. Havia uma mesa com frutas e bolos para as visitas.

Greenbourne já tinha mais de sessenta anos. Solly fora um filho que nascera tarde em sua vida— E parecia velho e cansado, mas não apresentava sinais de lágrimas. Levantou-se, empertigado e formal como sempre, apertou a mão de Hugh e indicou-lhe outro banco. Tinha uma carta antiga na mão.

— Escute isto — disse ele, começando a ler. "Querido Papai, temos um novo professor de Latim, o Reverendo Green, e já estou fazendo progressos, obtendo todas as semanas a nota máxima. O Waterford apanhou um rato no armário e está treinando-o para comer em sua mão. A comida aqui é muito pouca, pode me mandar um bolo? Seu filho que o adora, Solomon>" — Dobrou a carta. — Ele tinha quatorze anos quando escreveu isto.

Hugh viu que Greenbourne estava sofrendo, apesar do seu autodomínio.

— Lembro-me desse rato — disse ele. — Mordeu o dedo indicador do Waterford.

— Quem me dera poder voltar atrás no tempo — Suspirou o velho e Hugh viu que ele estava prestes a romper em lágrimas

— Eu devo ter sido um dos amigos mais antigos de Solly — comentou Hugh.

— É verdade. Ele sempre o admirou, apesar de você ser mais novo.

— Não consigo imaginar por quê. Mas ele sempre se mostrou disposto a pensar o melhor das pessoas.

— Tinha o coração bom

Hugh não queria que a conversa se encaminhasse para ali.

— Vim aqui não apenas como amigo de Solly, mas também como amigo de Maisie.

Greenbourne ficou imediatamente rígido. A expressão triste desapareceu do seu rosto e tornou-se de novo a caricatura do guarda

prussiano empertigado. Hugh pensou como seria possível alguém odiar tanto uma mulher tão bonita e espirituosa como Maisie.

— Só a conheci depois de Solly — prosseguiu ele. — Também me apaixonei por ela, mas foi Solly o escolhido.

— Ele era mais rico.

— Mr. Greenbourne, espero que me deixe ser franco. Maisie era uma moça pobre à procura de um marido rico, mas depois de ter se casado com Solly manteve a sua parte do acordo. Foi uma boa esposa para ele.

— E teve a sua recompensa — disse Greenbourne. — Viveu como uma dama da sociedade durante cinco anos.

— Por acaso também foi isso que ela me disse. Mas acho que não basta. E o Bertie? Com certeza não quer deixar o seu neto na miséria!

— Neto? — perguntou Greenbourne. — O Hubert não é nada meu.

Hugh pressentiu que algo de extraordinário ia acontecer. Era como um pesadelo em que uma coisa horrível e inominável estava prestes a atacar.

— Não entendo — disse ele. — O que quer dizer com isso?

— Aquela mulher já estava grávida quando casou com o meu filho. O coração de Hugh quase parou.

— Solly sabia, e sabia que a criança não era sua — prosseguiu Greenbourne. — mesmo assim casou com ela, contra minha vontade, escusado será dizer. A maior parte das pessoas não sabe disto, como é óbvio: fizemos o possível para manter em segredo, mas não é mais preciso, não agora que. — Interrompeu-se, engoliu em seco e prosseguiu: — Deram a volta ao mundo após o casamento. A criança nasceu na Suíça, registraram uma data de nascimento falsa.

Quando regressaram, tendo estado fora quase dois anos, era difícil saber que o bebe era quatro meses mais velho do que eles diziam.

Hugh estava como que petrificado. Queria fazer uma pergunta, mas tinha medo.

— Quem. quem era o pai?

— Ela nunca o disse — respondeu Greenbourne. — Solly nunca soube.

Mas Hugh sabia. — A criança era sua.

Olhou para Ben. Greenbourne, incapaz de falar. Iria conversar com Maisie, faria com que ela contasse a verdade, mas sabia que ela iria confirmar a sua intuição. Nunca fora promíscua, apesar das aparências.

Era virgem quando ele a seduzira. Engravidara-a, naquela primeira noite. Depois Augusta contribuíra para a separação de ambos e Maisie casara com Solly. Ela até tinha chamado a criança de Hubert, um nome parecido com Hugh.

— É horrível, claro — disse Greenbourne, vendo a sua consternação e a interpretando mal.

"Tenho um filho", pensou Hugh. "Um filho! Hubert, a quem chamam Bertie." A ideia despedaçou-lhe o coração.

— No entanto, acho que já entende porque razão eu não quero ter mais nada a ver com aquela mulher ou o garoto, agora que o meu querido filho faleceu.

— Oh, não se preocupe — disse Hugh, distraído. — Eu tomo conta deles.

— Você? — inquiriu Greenbourne, perplexo. — Por que haveria de se preocupar com isso agora.?

— Pois, muito bem, acho que eu sou tudo o que eles têm!

— Não se envolva, jovem Pilaster — aconselhou Greenbourne — já tem uma mulher com quem se preocupar.

Hugh não queria e estava demasiado aturdido para inventar uma desculpa e ir embora.

Levantou-se.

— Tenho que ir. As cias, Mr. Greenbourne. Solly foi o melhor homem que eu já conheci.

Greenbourne inclinou a cabeça. Hugh deixou-o.

No vestibulo, com os seus espelhos tapados, pediu o chapéu ao criado e saiu para o sol de Piccadilly. Seguiu para oeste e entrou em Hyde Park, dirigindo-se para a casa, em Kensington. Normalmente teria chamado um fiacre, mas queria ter tempo para pensar.

Tudo ficara diferente. Nora era a sua mulher, legalmente falando —, mas Maisie era a mãe do seu filho. Nora podia tomar conta de si própria — Maisie também, —, mas a criança precisava de um pai. De repente, colocava-se novamente a questão do que ele iria fazer da sua vida.

Sem dúvida que um padre diria que nada tinha mudado e que deveria ficar com Nora, a mulher com quem casara pela Igreja; mas os padres não sabiam muito. O metodismo severo dos Pilaster passara ao lado de Hugh: nunca conseguira acreditar que a resposta para todos os dilemas morais pudesse ser encontrada na Bíblia.

Nora seduzira e casara com ele simplesmente por dinheiro — Maisie tinha razão acerca disso -

e tudo o que havia entre eles era um pedaço de papel. Isso era muito pouco, quando comparado com uma criança — uma criança fruto de um amor tão grande e que tinha persistido durante muitos anos e através de inúmeros obstáculos "Será que estou só inventando desculpas?", ele se perguntou — "Não será tudo isso uma justificação reles para ceder a um desejo que sei estar errado?"

Sentiu-se dividido.

Tentou pensar nas coisas praticas. Não havia motivos para se divorciar, mas tinha a certeza de que Nora estaria de acordo se lhe oferecesse dinheiro suficiente. No entanto, os Pilaster mandariam que se demitisse do banco. Arranjaria outro emprego, mas nenhuma pessoa de bem em Londres os receberia após o casamento. Quase com certeza, teriam que ir viver no estrangeiro. Mas essa perspectiva agradava-lhe e tinha a certeza de que também agradaria a Maisie. Poderia regressar a Boston ou, ainda melhor, ir para Nova Iorque.

Poderia nunca vir a ser um milionário, mas o que era isso comparado com a alegria de ter do seu lado a mulher que sempre amara?

Deu por si à porta de casa. Fazia parte de um conjunto de edifícios de tijolos vermelhos, bastante elegantes, a cerca de quinhentos metros da extravagante casa da tia Augusta. Nora devia estar no seu quarto atulhado, vestindo-se para o almoço.

O que é que o impedia de entrar e de lhe comunicar que ia deixá-la?

Era isso que desejava, sabia— O agora. Mas estaria certo?

Era a criança que modificava as coisas. Seria errado abandonar Nora por causa de Maisie; mas estava certo abandonar Nora para o bem de Bertie.

Pensou no que Nora iria dizer, e calculou qual seria a resposta.

Imaginou o rosto dela, muito determinado, ouviu o tom desagradável da sua voz e imaginou quais as palavras que ela diria: "Isso vai custar caro à você", Por estranho que pudesse parecer, aquilo fez com que ele se decidisse. Se tivesse imaginado que ela iria se desfazer em lágrimas de tristeza, nunca conseguiria fazer, mas sabia que a sua primeira intuição estava certa.

Entrou em casa e subiu as escadas.



Ela estava em frente ao espelho, colocando o cordão que ele lhe tinha oferecido. Aquilo fez com que ele se lembrasse de que para fazer amor com ela tinha que lhe comprar joias.

Ela falou antes dele.

— Tenho uma novidade para você.

— Não se preocupe com isso agora.

Mas ela não desistiu. Tinha uma expressão estranha no rosto: metade triunfante, metade triste.

— De qualquer modo, você vai ter que ficar uns tempos dormindo em outra cama.

Hugh percebeu que ela não o deixaria falar enquanto não acabasse o que tinha para dizer.

— Do que está falando? — perguntou ele impaciente.

— Aconteceu o inevitável.

## PARTE TRÊS

De repente, Hugh adivinhou. Sentiu-se como se tivesse sido atropelado por um trem. Era tarde demais: agora não poderia deixá-la! Sentiu revolta e uma sensação de perda: perda de Maisie, perda do seu filho.

Olhou-a nos olhos. Viu neles um desafio, quase como se ela tivesse adivinhado o que ele planejava. Talvez tivesse.

— O inevitável? — repetiu ele com um sorriso forçado.

— Vou ter um bebê — disse ela, finalmente.

1890

### CAPÍTULO I

#### SETEMBRO

Joseph Pilaster morreu em Setembro de 1890, depois de ter sido o sócio sênior do Banco Pilaster durante dezessete anos. Durante esse período, a Inglaterra se tornara cada vez mais rica, e os Pilasters também. Eram agora quase tão ricos quantos os Greenbournes. Os bens de Joseph atingiam quase os dois milhões de libras, incluindo a sua coleção de 65 caixas de rapé antigas, cravejadas de pedras preciosas—uma para cada ano de sua vida—, que valia 100 mil libras e que deixou para o filho Edward., que atingia já as Toda a família manteve o capital investido no banco, que pagava juros garantidos de cinco por cento sobre o dinheiro, enquanto os depositantes normais recebiam, na maior parte das vezes, um e meio por cento.

Os sócios recebiam ainda mais:—juntamente com os cinco por cento do capital investido, partilhavam entre si os lucros, segundo fórmulas complicadas. Após uma década de tais lucros, Hugh estava quase milionário.

Na manhã do funeral, Hugh observou o seu rosto no espelho de barbear, procurando por sinais de velhice. Tinha trinta e sete anos. O cabelo começava a ficar grisalho, mas a barba que estava fazendo, ainda era preta. Os bigodes crespos eram o último grito da moda e pensou se deveria deixar crescer um para parecer mais novo.

O tio Joseph tivera sorte, pensou Hugh. Enquanto deteve o cargo de sócio-sênior, o mundo financeiro estivera estável. Apenas houvera duas crises menores: a falência do City of Glasgow Bank em 1878, e o colapso do banco francês Union Générale, em 1882. Em ambos os casos, o Banco da Inglaterra suportara a crise, aumentando as taxas de juro para seis por cento, o que estava ainda bastante abaixo do nível de pânico. Na opinião de Hugh, o tio tinha empenhado demasiado o banco no investimento efetuado na América do Sul — mas o colapso que Hugh temia constantemente não tinha acontecido, e no que dizia respeito ao tio, nunca viria a acontecer. No entanto, ter investimentos de risco era como ser dono de uma casa em ruínas e alugá-la aos inquilinos: a renda continuaria a vir até o fim, mas quando a casa ruísse, deixaria de haver renda e casa.

Agora que Joseph morrera, Hugh queria pôr o banco numa situação mais estável, vendendo ou melhorando alguns dos investimentos em ruínas, efetuados na América do Sul.

Quando acabou de se lavar e barbear, vestiu o roupão e foi até o quarto de Nora. Ela já estava à sua espera: faziam sempre amor às sextas-feiras de manhã. Há muito que ele aceitara a regra do "uma vez por semana". Nora tinha engordado bastante e o seu rosto estava mais redondo do que nunca, mas em resultado disso tinha poucas rugas e era ainda muito bonita.

Mesmo assim, ao fazer amor com ela, fechou os olhos e imaginou, que estava com Maisie.

As vezes tinha vontade de renunciar. No entanto, aquelas sessões de sexta-feira de manhã já lhe tinham trazido três filhos, que amava bastante: Tobias, em homenagem ao pai, Samuel, por causa do tio e Solomon, por causa de Solly. Toby, o mais velho, iria para o Colégio Windfield no ano seguinte. Nora tinha filhos sem qualquer dificuldade, mas depois de nascerem perdia todo o interesse por eles, e Hugh dava-lhes toda a atenção que podia, para compensar a frieza da mãe.

O filho secreto de Hugh e de Maisie, Bertie, já tinha dezesseis anos e havia muito que andava no Colégio Windfield. Era um aluno brilhante e

o chefe da equipe de críquete. Hugh pagava as mensalidades, visitava o colégio no dia da distribuição de prêmios e agia normalmente como um padrinho. Talvez isso tenha levado algumas pessoas a desconfiarem de que ele era o pai de Bertie

Mas fora amigo de Solly, e todos sabiam que o pai deste se recusava a sustentar o rapaz. Então, a maior parte presumia que ele estava sendo generosamente fiel à memória de Solly.

— A que horas é a cerimônia? — perguntou Nora quando ele saiu de cima dela.

— Às onze horas no Salão Metodista de Kensington. Depois, o almoço é na Casa Whitehaven.

Hugh e Nora ainda viviam em Kensington, mas tinham mudado para uma casa maior, depois que os filhos começaram a nascer.

Hugh deixara que fosse Nora a escolher, e ela se decidira por uma casa do mesmo estilo vagamente flamenco da de Augusta — um estilo que se tornara o ponto alto da moda, ou pelo menos da moda suburbana, desde que Augusta mandara construir aquela casa.

Augusta nunca ficara satisfeita com a Casa Whitehaven. Mas ainda havia algum puritanismo metodista nos Pilaster e Joseph insistira que aquela casa era suficientemente luxuosa para qualquer

pessoa, por muito rica que fosse. Agora a casa era de Edward. Talvez Augusta o persuadissem a vendê-la e a comprar uma maior.

Quando Hugh desceu para o desjejum, a mãe já estava lá. Ela e Dotty tinham vindo de Folkestone na véspera. Hugh beijou a mãe e sentou-se.

— Acha que ele a ama realmente? — perguntou a mãe sem preâmbulos.

Hugh não precisou perguntar de quem ela estava falando. Dotty, com vinte e quatro anos, estava noiva de Lorde Ipswich, o filho mais velho do conde de Norwich.

Nick Ipswich era o herdeiro de um ducado em ruínas, e a mãe temia que ele quisesse casar com Dotty apenas pelo dinheiro dela, ou melhor, pelo dinheiro do irmão.

Hugh olhou para a mãe com ternura. Ainda vestia luto, vinte e quatro anos após a morte do marido. Já tinha os cabelos brancos, mas, a seus olhos, estava tão bonita como sempre.

— Ele a ama, mãe — respondeu ele.

Como Dotty não tinha pai, Nick tivera que pedir a Hugh a mão dela. Nesses casos era normal que os advogados de ambas as partes redigissem um contrato de casamento antes do noivado ser confirmado, mas Nick insistira em fazer as coisas ao contrário.

— Eu disse a Miss Pilaster que sou um homem pobre — dissera ele a Hugh. — Ela diz que já conheceu a pobreza e a riqueza e acha que a felicidade vêm das pessoas com quem se está e não da riqueza que elas têm — Era tudo muito idealista e era claro que Hugh daria à irmã um dote generoso; mas ficou feliz por saber que Nick a amava de verdade.

Augusta ficou furiosa por Dotty casar tão bem. Quando o pai de Nick morresse, a sobrinha seria duquesa, o que era muito melhor do que condessa.

Dotty desceu alguns minutos depois. Crescera de um modo inesperado. A menina tímida e risonha dera lugar a uma mulher ardente e sensual de cabelos negros, cheia de força de vontade e bastante temperamental. Hugh calculou que a maior parte dos homens se sentiam intimidados por ela, e talvez fosse por isso que ela chegara aos vinte e quatro anos sem casar. Mas Nick Ipswich tinha uma força discreta que não necessitava do apoio de uma mulher submissa. Hugh pensava que eles iriam fazer um casamento apaixonado e cheio de brigas, precisamente o oposto do dele.

Nick apareceu às dez, como combinado. Enquanto estavam tomando o desjejum. Hugh lhe pedira que viesse. Sentou-se junto a Dotty e serviu-se de uma xícara de café. Era um jovem inteligente, de vinte e dois anos, que tinha acabado de sair de Oxford, onde ao contrário da maior parte dos aristocratas, havia feito exames e obtido um título acadêmico. Possuía a boa e típica aparência inglesa, cabelos louros e olhos azuis, e Dotty o contemplava como se fosse devora-lo com os olhos.

Hugh invejava o amor simples e sensual dos dois.

Sentia-se muito novo para desempenhar o papel de chefe de família, mas como tinha convocado aquela reunião, começou a falar.

— Dotty, o seu noivo e eu temos muito que falar acerca de dinheiro.

A mãe levantou-se, mas Hugh impediu-a de ir embora -As mulheres agora devem entender de dinheiro, são os tempos modernos, mãe.

Ela sorriu-lhe como se ele estivesse sendo um menino tolo, mas sentou-se novamente — Como todos sabem — prosseguiu Hugh — Nick planejava iniciar uma carreira profissional e pensava em se tornar um advogado, já que o ducado não tem mais condições de prover o seu sustento.

Como banqueiro, Hugh sabia exatamente como o pai de Nick tinha perdido tudo. O duque fora um proprietário progressista, e, na explosão, agrícola de meados do século, pedira dinheiro emprestado para financiar os melhoramentos: sistemas de drenagem, construção de quilômetros de sebes e máquinas a vapor bastante caras para debulhar e ceifar. Então, na década de 70, houve a depressão

agrícola, que ainda se arrastava em 1890. O preço dos terrenos cultiváveis descera, e as terras do duque valiam menos do que as hipotecas que tinha sobre elas.

No entanto, se Nick conseguisse se libertar das hipotecas que tem em volta do pescoço-

— prosseguiu Hugh —, e racionalizasse as terras, estas ainda lhe poderiam trazer um bom lucro. Têm apenas que serem geridas, como qualquer empresa.

— Vou vender muitas das terras mais afastadas — acrescentou Nick — e várias outras propriedades, e concentrar-me para tentar fazer o melhor possível com o que me restar. E vou construir casas nos terrenos que temos em Sydenham, a sul de Londres. — Calculamos que as finanças do ducado podem ser aumentadas, permanentemente, com cerca de cem mil libras — disse Hugh. — É isso que vou dar como dote.

Dotty susteve a respiração e a mãe desatou a chorar. Nick já sabia o valor de antemão.

— É muito generoso da sua parte — agradeceu ele.

Dotty abraçou e beijou o noivo e deu a volta à mesa para beijar o irmão. Hugh sentiu-se um pouco atrapalhado, mas mesmo assim ficou contente por tê-los feito tão felizes.

Tinha a certeza de que Nick usaria bem o dinheiro e daria um lar seguro a Dotty.

Nora desceu vestida para o funeral, em bombazina carmesim e preta. Tomara o desjejum no quarto, como de costume.

— Onde é que estão aquelas crianças? — perguntou ela irritada, olhando para o relógio. — Eu disse à desgraçada da governanta para que

eles estivessem prontos.

Foi interrompida pela chegada da governanta e dos filhos: Toby, de onze anos, Sam, de seis e Sol, de quatro. Tinham todos casacos pretos de luto e gravatas pretas e traziam cartolas em miniatura. Hugh sentiu-se orgulhoso.

— Os meus soldadinhos! — exclamou ele. — Qual foi a redução da taxa ontem à noite no Banco de Inglaterra, Toby?

— Manteve-se nos dois e meio por cento, Sir — respondeu Tobias, que tinha que ler no Times todas as manhãs.

Sam, o do meio, trazia novidades.

— Mamãe, tenho um bicho de estimação! — exclamou ele muito excitado.

— Não me disse. — começou a governanta, ansiosa.

Sam tirou uma caixa de fósforos do bolso e deu-a à mãe, abrindo-a.

— Bill, a aranha! — anunciou ele, orgulhoso.

Nora gritou, atirou a caixa para o chão e deu um salto para trás.

— Rapaz horroroso! — gritou ela.

Sam apanhou a caixa.

— O Bill foi embora! — exclamou ele, desatando a chorar.

— Como é que pôde deixa-lo fazer uma coisa destas? — gritou Nora para a governanta.

— Desculpe, não sabia.

— Não há problema nenhum — interveio Hugh, tentando acalmar os ânimos. Pôs um braço em volta dos ombros de Nora. — Fomos surpreendidos, mais nada. — Encaminhou-a para o vestíbulo.

— Venham todos, está na hora de irmos embora.

Ao saírem de casa, pôs a mão em cima do ombro de Sam.

— Espero que você tenha aprendido que é preciso ter cuidado para não assustar as senhoras, Sam.

— Perdi o meu bichinho — disse ele, muito triste.

— As aranhas não vivem em caixas de fósforos. Talvez devesse ter outro bicho de estimação. Que tal um canário?

— Sério? — perguntou Sam, logo mais animado.

— Mas teria que cuidar da alimentação dele com regularidade, senão, ele morre.

— Eu faria isso, eu faria isso!

— Então amanhã vamos procurar um.

— Viva!

Dirigiram-se ao Salão Metodista de Kensington em carruagens fechadas. Chovia a cântaros. Os rapazes nunca tinham ido a um funeral.

— Será que devemos chorar? — perguntou Toby, que era bastante solene.

— Não seja tão estúpido! — respondeu-lhe a mãe.

Hugh desejou que ela fosse mais afetuosa para com os filhos.

Era ainda um bebê quando a mãe morrera e ele calculava que talvez por isso ela não conseguisse ser uma mãe para os próprios filhos: nunca tinha aprendido. "Mesmo assim, podia esforçar-se mais", pensou ele.

— Pode chorar se tiver vontade — disse ele a Toby. — É permitido nos funerais.

— Acho que não chorarei — retorquiu ele. — Não gostava muito do tio Joseph.

— Eu gostava de Bill, a aranha — disse Sam.

— Eu sou grande demais para chorar — proferiu Sol, o mais novo.

O Salão Metodista de Kensington expressava em pedras, os sentimentos ambivalentes dos prósperos metodistas, que acreditavam na simplicidade da religião, mas que, secretamente, ansiavam por exhibir a sua riqueza. Embora se denominasse "salão", estava adornado como uma igreja católica ou anglicana. Não havia altar, mas havia um órgão magnífico. Os quadros e as estátuas tinham sido banidos, mas a arquitetura era barroca, os frisos extravagantes, e a decoração elaborada.

Naquela manhã o salão estava apinhado, com pessoas na nave central e atrás. Os empregados do banco tinham o dia livre para assistir, e havia representantes das mais importantes instituições financeiras da City. Hugh cumprimentou o administrador do Banco da Inglaterra, o ministro da Fazenda, e o velho Ben Greenbourne, com mais de setenta anos, mas ainda com as costas tão retas como as de um jovem guarda.

Os familiares ocuparam lugares reservados na primeira fila.

Hugh sentou-se ao lado do tio Samuel, tão imaculadamente vestido como de costume, com um fraque preto, um colarinho de ponta virada e uma gravata de seda com um nó muito moderno. Tal como Greenbourne, Samuel já estava nos setenta, e também ele ainda lúcido e em forma.

Agora que Joseph morrera, Samuel era a escolha mais óbvia para sócio sênior. Era o mais velho e o mais experiente. No entanto, Augusta e



Samuel odiavam-se e ela iria opor-se firmemente.

Por certo iria apoiar o "Jovem" William, irmão de Joseph, agora com quarenta e dois anos.

Entre os outros sócios, dois não seriam considerados, por não serem Pilaster: o major Hartshom e Sir Harry Tonks, marido da filha de Joseph, Clementine. Restavam Hugh e Edward.

Hugh queria ser sócio sênior — desejava-o ardentemente. Embora fosse o mais novo, era de todos o banqueiro mais competente. Sabia que podia tomar o banco maior e mais forte do que ele já alguma vez fora e, ao mesmo tempo, reduzir a sua exposição aos tipos de empréstimos de risco que Joseph apoiara

No entanto, Augusta se oporia ainda mais a ele, do que a Samuel. Mas não podia esperar que ela envelhecesse ou morresse. Tinha apenas cinquenta e oito anos: ainda podia viver mais uns quinze, tão enérgica e maldosa como sempre.

O outro sócio era Edward. Ocupava um lugar junto a Augusta, na primeira fila. Estava gordo e com o rosto vermelho, e sofria há algum tempo de uma infecção cutânea muito pouco agradável de se ver. Não era nem inteligente, nem aplicado, e em dezessete anos aprendera muito pouco acerca da atividade do banco. Chegava ao trabalho depois das dez, saía para o almoço por volta do meio-dia e, frequentemente, não regressava à tarde. Bebia xerez ao desjejum e nunca estava sóbrio, confiando no seu escriturário Simon Oliver, para o livrar de encrencas. A ideia dele se tornar sócio sênior era impensável

A mulher de Edward estava sentada a seu lado, o que era bastante raro. Tinham vidas separadas. Ele vivia na Casa Whitehaven com a mãe e Emily passava o tempo todo na casa de campo, vindo a Londres só para certas cerimônias, como funerais. Emily fora muito bonita quando nova, com grandes olhos azuis e um sorriso de criança, mas os anos tinham povoado o seu rosto com rugas de desilusão. Não tinham filhos e Hugh achava que eles se odiavam.

Junto a Emily estava Micky Miranda, diabolicamente jovial, com um casaco cinzento e lapela de vison. Desde que descobrira que ele assassinara Peter Middleton, Hugh tinha medo dele.

Edward e ele ainda continuavam unha e carne. Micky estava envolvido na maior parte dos investimentos sul-americanos que o banco apoiara nos últimos dez anos.

A cerimônia foi longa e cansativa e o cortejo até o cemitério, sob constante chuva de setembro, demorou mais de uma hora, devido às centenas de carruagens que seguiam o carro fúnebre.

Hugh observou Augusta enquanto o caixão do marido era baixado. Estava sob um grande guarda— Chuva, seguro por Edward.

Tinha o cabelo todo grisalho e estava deslumbrante com um enorme chapéu preto. Com certeza, agora que perdera o seu companheiro, deveria parecer mais humana e digna de pena.

Mas não era assim: tinha o rosto sulcado por rugas graves, como a escultura de um senador romano, e não mostrava dor.

Depois do funeral houve um almoço na Casa Whitehaven para toda a família Pilaster, incluindo os sócios com as mulheres e filhos, juntamente com negociantes próximos e associados de longa data, como Micky Miranda. Augusta juntara duas mesas na sala, para que todos pudessem comer juntos.

Havia um ano que Hugh não entrava na casa. Tinha sido novamente redecorada, desta vez no moderno estilo árabe. Tinham--se feitos arcos mouriscos no vão das portas e toda a mobília apresentava inscrições de arabescos. As cortinas tinham desenhos abstratos islâmicos, coloridos, e ali na sala havia um biombo do Cairo e um suporte para o Alcorão.

Augusta sentou Edward na cadeira do pai. Hugh achou aquilo uma falta de tato. Colocá-lo à cabeceira da mesa enfatizava cruelmente quanto ele era incapaz de estar à altura do pai.

Joseph fora um líder caprichoso, mas não fora um idiota. Mas, como sempre, Augusta tinha um propósito. Quase ao final da refeição, declarou em sua forma brusca habitual:.

— Deve haver um novo sócio sênior o mais depressa possível, e é evidente que será Edward.

Hugh ficou horrorizado. Augusta sempre fora cega pelo filho, mas mesmo assim aquilo era completamente inesperado. Tinha a certeza de que ela jamais conseguiria realizar o seu intento, no entanto, era enervante que ela fizesse sequer a sugestão.

Fez-se silêncio e Hugh percebeu que todos estavam à espera de que ele falasse. A família considerava-o o oponente de Augusta.

Hugh hesitou, considerando qual seria a melhor forma de lidar com o assunto. Decidiu ser reservado.

— Creio que os sócios deveriam discutir esse problema amanhã— disse ele.

Augusta não o deixaria escapar tão facilmente.

— Agradeceria se não me dissesse o que eu posso ou não discutir na minha própria casa, jovem Hugh.

— Se insiste. — Ordenou as ideias rapidamente. — Não há nada de óbvio nessa decisão, embora a senhora, querida tia, não entenda nada as sutilezas do problema, talvez porque nunca tenha trabalhado no banco, ou em qualquer outra coisa. diga-se de passagem.

— Como se atreve.

Ele ergueu a voz e sobrepôs-se à dela.

— O sócio mais velho é o tio Samuel — disse ele. — Percebeu que estava sendo muito agressivo e baixou de novo a voz. —

— Creio que todos concordamos que ele seria a escolha adequada, madura e experimentada, e bastante aceitável para a comunidade financeira.

Samuel inclinou a cabeça, agradecendo o elogio, mas não disse nada.

Ninguém contradisse Hugh — mas também ninguém o apoiou.

Ele calculou que não quisessem opor-se a Augusta: os covardes preferiam que ele o fizesse em nome deles, pensou com cinismo. Assim seja.

— No entanto — continuou ele —, o tio Samuel uma vez, declinou dessa honra. Se ele o fizer novamente, o Pilaster mais velho é o "Jovem" William, também bastante respeitado na City.

— Não é a City que tem que fazer a escolha, é a família Pilaster — retorquiu Augusta, com impaciência.

— Os sócios Pilaster, para sermos mais exatos — corrigiu Hugh— — Mas tal como os sócios necessitam da confiança do resto da família, assim o banco tem que merecer a confiança da vasta comunidade financeira. Se perdermos essa confiança, estaremos acabados.

— Temos o direito de escolher quem quisermos! — exclamou Augusta, começando a ficar irritada.

Hugh abanou vigorosamente a cabeça. Nada o irritava mais do que aquele gênero de. conversa irresponsável.

— Não temos quaisquer direitos, só deveres — disse ele com ênfase. — Confiaram— Nos milhões de libras. Não podemos fazer o que

queremos: temos que fazer o que devemos.

— Edward é filho e herdeiro — disse Augusta, tentando outra tática.

— Não é um título hereditário! — exclamou Hugh, indignado.-Vai para o mais capaz.

— Edward é tão bom como outro qualquer! — retorquiu Augusta, Igualmente indignada.

Hugh olhou em volta da mesa, aguentando o olhar de cada um dos homens durante um momento, antes de afastar o seu.

— Haverá alguém aqui que jure que o Edward é o banqueiro mais competente entre nós?

Durante um longo minuto, ninguém falou.

— Os títulos sul-americanos de Edward trouxeram ao banco uma fortuna — argumentou Augusta.

— É verdade que vendemos muitos milhões de libras em títulos sul-americanos nos últimos dez anos, e foi Edward quem se ocupou de todo esse negócio. Mas é dinheiro perigoso. As pessoas compraram os títulos porque confiam nos Pilaster. Se um desses governos não pagasse os juros, o preço de todos os títulos baixaria e a culpa seria dos Pilaster. Devido ao sucesso de Edward ao vender esses títulos, a nossa reputação, que é o nosso bem mais precioso, está agora nas mãos de meia dúzia de brutos déspotas e semi-Analfabetos.

Hugh começou a ficar emotivo ao falar daquele assunto. Ajudara a construir a reputação do banco, graças a sua inteligência e a trabalho árduo, e ficava furioso por Augusta tentar por isso em perigo.

— Você vende títulos norte-americanos — disse Augusta. — Há sempre algum risco. É disso que é feita a nossa atividade. — Falou triunfante, como se o tivesse apanhado em falso.

— Os Estados Unidos da América têm um governo democrático, agora moderno, bastante riquezas naturais e nenhum inimigo.

Agora que aboliram a escravidão, não há razão para que o país não mantenha a estabilidade durante uns cem anos. Pelo contrário, a América do Sul é um conjunto de ditaduras em guerra, que poderão não ser as mesmas daqui a dez dias. Há um risco em ambos os casos, mas no Norte o risco é muito menor. A nossa atividade é calcular o risco

Augusta não entendia nada de negócios, pois declarou: — Você tem é inveja de Edward como sempre. — disse Hugh interrogou-se porque

estariam os outros tão calados. Quando colocou a si próprio essa pergunta, percebeu que Augusta já deveria ter falado com eles. Mas com certeza, não os persuadiria a aceitarem Edward. como sócio Sênior.

Começou a ficar seriamente preocupado.

— O que ela lhes disse? — perguntou ele de modo abrupto. Olhou para cada um. — William?

George? Harry? Andem, desembuchem! Já falaram disto com Augusta e ela os aliciou.

Ficaram todos pouco à vontade.

— Ninguém foi aliciado, Hugh — respondeu finalmente William. — No entanto, Augusta e Edward deixaram ficar bem claro que, a menos que Edward se torne sócio majoritário, eles.

Parecia atrapalhado.

— Desembucha — disse Hugh.

— Retiram o seu capital do negócio.

— O quê? Hugh ficou atônito. Retirar o capital do banco era um pecado mortal na família: o pai tinha feito e nunca fora perdoado. Era espantoso August estar disposta até a ameaçar fazê-

lo — e estava falando sério.

Ela e Edward juntos, controlavam quarenta por cento do capital do banco, mais de dois milhões de libras. Se retirassem o dinheiro no final do ano financeiro, como tinham o direito de fazer, o banco não ficaria muito bem.

Era assustador que Augusta fizesse tal ameaça — e ainda pior, que os sócios cedessem.

— Estão entregando a ela toda a autoridade! — exclamou ele. — Se deixarem que desta vez ela leve a sua intenção adiante, ela o fará de novo de novo. Cada vez que quiser uma coisa, ameaçará retirar o capital do banco e vocês irão ceder. É melhor torna-la sócia sênior!

— Como se atreve a falar assim da minha mãe! — exclamou Edward. — Cuide de suas maneiras!

— Que se lixem as maneiras! — exclamou Hugh com rudeza. — Sabia que não facilitava as coisas perdendo a paciência, mas estava demasiado zangado para parar. — Vão arruinar um grande banco.

— Augusta é cega, Edward é estúpido e vocês são demasiado covardes para os deterem. — Empurrou a cadeira para trás e levantou-se,

atirando o guardanapo para o chão num gesto de desafio. — Bem, aqui esta uma pessoa que não vai se deixar amedrontar!

Calou-se e respirou fundo, percebendo que iria dizer algo que mudaria o resto da sua vida. Todos olhavam para ele. Não tinha alternativa.

— Estou me demitindo! — disse ele.

Ao virar-se, olhou para Augusta e viu no rosto dela um sorriso vitorioso.

Nessa noite, o tio Samuel foi visitá-lo. Já era um homem de idade, mas não deixara de ser tão fútil como há vinte anos. Ainda vivia com Stephen Caine, o seu "secretário". Hugh era o único Pilaster a ir a casa deles, na mal frequentada zona de Chelsea, decorada em estilo moderno e cheia de gatos.

Uma vez, quando já tinham tomado meia garrafa de Porto, Stephen dissera ser a única mulher Pilaster que não era uma megera.

Quando Samuel apareceu, Hugh estava na biblioteca, para onde geralmente se retirava depois de jantar. Tinha nas mãos um livro, mas não estivera lendo. Em vez disso, tinha estado olhando para o fogo, pensando no futuro. Possuía bastante dinheiro, o suficiente para viver confortavelmente o resto da vida sem trabalhar; mas agora,. Nunca seria sócio sênior O tio Samuel parecia cansado e triste.

— Nunca me dei muito bem com o meu primo Joseph — disse ele. — Quem me dera que as coisas não tivessem sido assim!

Hugh perguntou-lhe se queria beber alguma coisa e ele pediu um Porto. Hugh pediu ao mordomo uma garrafa.

— Como é que está se sentindo? — perguntou Samuel.

— Há pouco estava furioso, mas agora estou apenas desanimado, respondeu Hugh— Edward é a pessoa menos qualificada a ser sócio sênior. Mas não há nada a fazer! E o tio, como está?

— Estou do mesmo jeito que você! Também me vou demitir. Não irei retirar o capital, pelo menos por agora, mas vou embora no fim do ano. Comuniquei-lhes a minha decisão depois da sua saída dramática. Não sei se deveria ter falado mais cedo. Não teria feito qualquer diferença.

— Que mais disseram eles?

— Bem, é na verdade por isso que aqui estou, meu querido rapaz. Lamento dizer que sou uma espécie de mensageiro do inimigo. Pediram-me que o persuadissem a não se demitir.

— Então são idiotas.

— Isso é verdade! No entanto, há uma coisa em que deve pensar. Se você se demitir, imediatamente, toda a City irá saber o motivo. Dirão que Hugh Pilaster acha que o primo não sabe dirigir o banco da melhor forma. Pode provocar uma falta de confiança -Bem, se o banco tem uma liderança fraca, as pessoas têm que perder a confiança nele. De outro modo perderiam o seu dinheiro.

— E se a sua demissão provocar uma crise financeira?

Hugh não tinha pensado nisso.

— E possível?

— Acho que sim.

— Eu não faria uma coisa dessas! Desnecessário será dizer que uma crise poderia provocar a derrocada de outros negócios seguros, tal como o colapso da Overend & Gurney destruíra a firma do pai de Hugh em 1866.

— Talvez devesse ficar até o fim do ano financeiro, como eu — Sugeriu Samuel. — São só alguns meses. Nessa altura, o Edward já terá exercido as suas funções durante algum tempo e as pessoas já estarão habituadas. Poderá então ir embora sem grandes escândalos.

O mordomo entrou com o Porto. Hugh bebericou-o pensativo. Sentiu que devia concordar com a proposta de Samuel, apesar da ideia não lhe agradar muito. Tinha-lhes dado uma lição acerca do seu dever para com os depositantes e para com a grande comunidade financeira e tinha que se ater às suas próprias palavras. Se deixasse que o banco fosse afetado apenas por causa dos seus sentimentos, não seria melhor do que Augusta. Além disso, o adiamento lhe daria tempo para decidir o que fazer da sua vida.

— Está bem — anuiu ele, finalmente, com um suspiro. — Vou ficar até ao fim do ano.

— Também achei que sim — disse Samuel. — É o mais correto, e no fim você faz sempre aquilo que é mais correto.

Há onze anos, antes de Maisie Greenbourne dizer adeus à alta sociedade, visitara todas as suas amigas — que eram muitas e ricas e persuadira-as a lhe dar dinheiro para o Hospital Feminino de Southwark. Consequentemente, o hospital de Rachel foi custeado pelas receitas dos seus investimentos.

O dinheiro era administrado pelo pai de Rachel, o único homem envolvido na direção do hospital. A princípio, Maisie quisera tratar dos investimentos, mas descobrira que os banqueiros e os corretores da Bolsa se recusavam a levá-la a sério. Ignoravam as suas instruções pediam a autorização do marido e omitiam-lhe informações. Poderia tê-los combatido, mas ao abrir o hospital, ela e Rachel tinham tido muitos outros problemas, de modo que tiveram que deixar Mr. Bodwin tratar das finanças.

Maisie era viúva, mas Rachel ainda estava casada com Micky Miranda.

Ela nunca via o marido, mas ele recusava-se a lhe dar o divórcio. Há dez anos que Rachel tinha um romance discreto com o irmão de Maisie, Dan Robinson, que era membro do Parlamento. Viviam os três em casa de Maisie, em Walworth, nos subúrbios.

O hospital estava localizado na zona da classe trabalhadora, no centro da cidade. Tinham alugado quatro prédios seguidos junto à Catedral de Southwark e aberto portas interiores em cada piso para fazer o hospital. Em vez de fileiras de camas em enfermarias cavernosas, havia quartos pequenos e confortáveis, cada um com duas ou três camas.

O escritório de Maisie, um local confortável junto à entrada principal, tinha duas cómodas poltronas, uma jarra com flores, um tapete desbotado e cortinas coloridas. Numa das paredes estava a gravura de “A Maravilhosa Maisie”. A secretária era modesta e os Livros onde ela anotava todos os dados estavam guardados num armário.

A mulher sentada em frente a ela estava descalça, esfarrapada e grávida de nove meses.

Nos seus olhos havia a expressão de cansaço e desespero de um gato esfomeado que entra numa casa estranha esperando ser alimentado.

— Qual é o seu nome, minha querida?

— Rose Porter, minha senhora.

Chamavam-lhe sempre "minha senhora", como se ela fosse uma grande dama. Há muito que desistira de tentar que elas lhe chamassem Maisie.

— Você aceita um chá?

— Sim, minha senhora, por favor.

Maisie deitou chá numa simples xícara de louça, acrescentando leite e açúcar.



— Parece cansada.

— Vim a pé desde Bath, minha senhora.

Essa distancia era de cento e cinquenta quilômetros.

— Deve ter de andado uma semana! — exclamou Maisie. — Coitadinha!

Rose desatou a chorar.

Aquilo era normal e Maisie já estava habituada. Era melhor deixá-las chorar o que quisessem. Sentou-se no braço da poltrona de Rose e abraçou-a.

— Eu sei que fui uma pecadora — Choramingou Rose.

— Não foi, não! — disse Maisie. — Aqui somos todas mulheres, percebemos como são as coisas. Não falamos de maldade. Isso é para os padres e para os políticos.

Passado algum tempo, Rose acalmou-se e bebeu o chá. Maisie tirou um livro de registro do armário e sentou-se à escrivaninha. Tinha dados sobre todas as mulheres admitidas no hospital. Esses registros eram frequentemente úteis. Se algum dos conservadores mais hipócritas se levantasse no Parlamento e afirmasse que a maioria das mães solteiras eram prostitutas, ou que todas queriam abandonar seus bebês, ou alguma outra infâmia, ela os refutava com uma carta cuidadosa, polida e objetiva, e repetia os argumentos em discursos que fazia por todo o país.

— Conte-me o que aconteceu — pediu ela a Rose. — Onde vivia, antes de ficar grávida?

— Trabalhava como cozinheira na casa de uma Mrs. Foliambe, em Bath.

— E como é que conheceu o rapaz?

— Ele se dirigiu a mim na rua. Foi na minha tarde de folga e eu tinha uma sombrinha amarela. Estava bonita, sei que estava! Aquela sombrinha amarela foi a minha perdição.

Maisie persuadiu Rose a contar-lhe a história toda. Era a história típica. O jovem era tapeceiro, respeitável e próspero. Fizera-lhe a corte e falaram de casamento. Nas noites quentes tinham feito carícias um ao outro, sentados num jardim depois do escurecer, rodeados por outros casais que faziam o mesmo. As oportunidades para as relações sexuais eram poucas, mas tinham conseguido tê-las quatro ou cinco vezes, quando a patroa dela estava fora ou a senhoria dele estava bêbada. Nessa altura ele perdeu o emprego.

Mudou--se para outra cidade, procurando trabalho; escreveu-lhe uma ou duas vezes; e desapareceu da sua vida. Depois ela descobriu que estava grávida.

— Vamos tentar entrar em contacto com ele — disse Maisie.

— Acho que ele já não me ama.

— Vamos ver!

Era espantoso quantas vezes esses homens estavam, no fim, dispostos a casar com a moça. Mesmo que tivessem fugido quando sabiam que ela estava grávida, podiam arrepender-se do seu gesto.

No caso de Rose, as hipóteses eram boas. Ele tinha ido embora porque tinha perdido o emprego, não porque já não a amasse; e não sabia que ia ser pai. Maisie esforçava-se sempre para que eles fossem até o hospital e vissem a mãe e a criança. A visão de uma criança indefesa, carne da sua carne e sangue do seu sangue, fazia muitas vezes com que o melhor deles despertasse.

Rosie fez uma careta.

— O que se passa? — perguntou Maisie.

— Doem-me as costas. Deve ser da caminhada.

— Não é dor da caminhada — corrigiu Maisie, sorrindo. — É o bebê que já está quase nascendo.

Ande, vou leva-la para uma cama.

Levou Rose para o andar de cima e entregou-a aos cuidados de uma enfermeira.

— Vai correr tudo bem — tranquilizou ela. — Você vai ter um bebê lindo!

Dirigiu-se a outro quarto e parou junto à cama da moça a quem chamavam "Miss Ninguém", que se recusava a fornecer qualquer detalhe acerca de si própria, até mesmo o nome. Tinha cerca de dezoito anos e cabelo escuro. O seu sotaque era da classe alta e a roupa íntima era cara. Maisie tinha quase a certeza de que ela era. judia.

— Como se sente, minha querida? — perguntou-lhe Maisie.

— Estou bem, e muito grata à senhora, Mrs. Greenbourne.

Era muito diferente de Rose — podiam até ter vindo de lugares opostos da Terra — mas estavam ambas nas mesmas condições, e ambas dariam à luz da mesma maneira dolorosa

Quando Maisie regressou ao seu escritório continuou a escrever a carta que começara a escrever ao diretor do Times

*Hospital Feminino  
Bridge Street  
Southwark  
Londres, S. E.*

*10 de Setembro de 1890*

*Ao editor do "The Times",  
Caro Senhor,*

*Li com interesse a carta acerca da inferioridade física das  
mulheres em relação aos homens*

*Não tinha tido certeza acerca da melhor forma de continuar a  
carta, mas a chegada de Rose Porter inspirara-a.*

*Acabou de dar entrada no hospital uma jovem numa certa  
condição, que veio a pé desde Bath.*

O editor provavelmente iria apagar as palavras "numa certa condição" considerando-as vulgares, mas Maisie não iria fazer a censura por ele. Reparei que o Dr. Wickham escreve a sua carta do Clube Cowes, e não posso deixar de me interrogar acerca do número de membros desse clube que seriam capazes de percorrer a pé a distância entre Bath e Londres.

Claro que, como mulher, nunca estive dentro do clube, mas vejo frequentemente os seus membros nos degraus da entrada a chamarem fiacres para percorrerem distâncias de pouco mais de um quilometro, e sinto--me tentada a dizer que a maior parte deles parece que acharia difícil ir a pé de Piccadilly Circus a Parliament Square.

Com certeza, não conseguiriam trabalhar durante um turno de 12 horas numa daquelas lojas do East End, que explora os empregados e lhes paga salários de fome, tal como o fazem com milhares de inglesas diariamente.

Foi novamente interrompida por alguém batendo à porta.

— Entre — disse ela.

A mulher que entrou não era pobre nem estava grávida. Tinha grandes olhos azuis e uma cara de criança e estava ricamente vestida. Era Emily, a mulher de Edward Pilaster.

Maisie levantou-se e beijou-a— Emily Pilaster era uma das benfeitoras do hospital— O grupo incluía uma surpreendente variedade de mulheres.

— a velha amiga e Maisie, April Tilsley, agora dona de três bordéis em Londres, era uma delas Doavam roupas usadas, mobília velha, comida e bebida das suas cozinhas, e forneciam coisas estranhas, como tinta e papel. Por vezes arranjavam emprego às mães, apos o parto. Mas a maior parte delas dava apoio moral a Maisie e a Rachel quando eram difamadas pela sociedade masculina por não obrigarem as mulheres a rezar, a cantar salmos ou a ouvir sermões sobre o pecado da maternidade fora do casamento.

Maisie sentia-se parcialmente responsável pela terrível visita de Emily ao bordel de April, na Noite das Máscaras, quando ela não fora capaz de seduzir o próprio marido. Desde essa época, ela e o asqueroso Edward levavam discretamente a vida separada dos casais ricos que se odiavam.

Naquela manhã, os olhos de Emily estavam brilhantes e havia também nela uma certa excitação. Sentou-se, levantou-se de novo e verificou se a porta estava bem fechada.

— Estou apaixonada — disse ela.

Maisie não tinha a certeza se aquilo era uma boa notícia.

— Que bom! — exclamou ela, apesar disso. — Por quem?

— Por Robert Charlesworth. É poeta e escreve artigos acerca da arte italiana. Vive em Florença na maior parte do ano, mas alugou uma vivenda na nossa aldeia. Gosta da Inglaterra em Setembro.

Parecia a Maisie que Robert Charlesworth tinha dinheiro suficiente para viver bem sem fazer nada.

— Ele parece ser muito romântico — comentou ela.

— Oh!, é sim! é tão emotivo, iria gostar dele!

— Tenho a certeza que sim — disse Maisie, embora na verdade não suportasse poetas emotivos com bons rendimentos. No entanto, ficou contente por Emily, que tinha mais azar do que merecia.

— Você é amante dele?

— Oh, Maisie — exclamou ela, corando —, pergunta sempre as coisas mais embaraçosas!

Claro que não!

Depois do que acontecera na Noite das Máscaras, Maisie ficou atônita ao ver que Emily ficava atrapalhada por causa de uma coisa tão banal. No entanto, a experiência ensinara-lhe que era ela, Maisie, que era estranha nesse aspecto. A maior parte das mulheres podia fechar os olhos acerca de tudo o que quisessem. Mas Maisie não tinha paciência para eufemismos delicados e expressões suaves. Se queria saber uma coisa, perguntava.

— Bem — disse ela com brusquidão —, não pode se tornar mulher dele, não é?

— É por isso que vim falar com você — respondeu Emily. — Sabe alguma coisa sobre como conseguir a anulação de um casamento?

— Credo! — Maisie pensou durante algum tempo. — Calculo que com base no fato do casamento nunca ter sido consumado, não é?

— Sim.

— De fato, sei alguma coisa sobre isso. — Não era de admirar que Emily tivesse vindo ter com ela para pedir aconselhamento jurídico.

Não havia mulheres advogada, e um homem iria provavelmente ter de imediato um encontro com Edward e poria tudo a perder. Maisie era defensora dos direitos da mulher e estudara a lei existente acerca do casamento e do divórcio.

— Você tem que se dirigir à Divisão de Divórcio do Tribunal Superior e provar que Edward é impotente em todas as circunstancias, não apenas com você.

— Meu Deus! Exclamou Emily, desanimada.

— Sabemos que isso não é verdade. Além disso, o fato de você não ser mais virgem, seria um problema.

— Então não há nada a fazer — disse Emily, muito infeliz.

— O único modo de fazer é convencer o Edward a cooperar. Acha que ele poderia estar de acordo?

— Talvez — respondeu Emily, mais animada.

— Se ele assinasse uma declaração dizendo que era impotente e que concordaria em não contestar a anulação, não iriam pôr em causa as suas provas.

— Então tenho que arranjar um modo de fazer com que ele assine. — O rosto de Emily tomou uma expressão de teimosia e determinação e Maisie lembrou-se como ela às vezes podia ser tão inesperadamente decidida

— Procure ser discreta! É contra a lei um casal conspirar dessa maneira, e há um homem chamado "Procurador da Rainha que atua como uma espécie de policial dos divórcios.

— Depois disso poderei casar com Robert?

— Sim. A não consumação do casamento é motivo para um divórcio aos olhos da Igreja.

Demorará um ano até o caso ir ao tribunal, e depois há um período de espera de seis meses antes que o divórcio seja homologado., mas no fim pode casar de novo.

— Oh, espero que Edward esteja de acordo.

— O que ele sente por você?

— Ele me odeia!

— Acha que quer se ver livre de você?

— Não creio que ele se importe comigo desde que eu não lhe apareça na frente.

— E se aparecesse na frente dele?

— Quer dizer, se eu o atrapalhasse?

— Sim.

— Acho que consigo fazer isso.

Maisie tinha a certeza de que Emily conseguiria atrapalhar bastante caso se decidisse a isso.

— Precisarei de um advogado para redigir a carta que Edward vai assinar. — lembrou Emily

— Pedirei ao pai de Rachel. Ele é advogado.

— Pedirá mesmo?

— Claro que sim! — Maisie olhou para o relógio — Não posso falar com ele hoje, pois é o primeiro dia do ano letivo em Windfield e tenho que levar Bertie. Mas prometo que o procurarei amanhã de manhã.

— Maisie, é a melhor amiga que uma mulher pode ter — disse Emily levantando.

— Mas vou dizer uma coisa: isso vai causar a maior agitação na família Pilaster Augusta vai ter um ataque.

— Não tenho medo dela — retorquiu Emily.

Maisie Greenbourne chamava bastante atenção no Colégio Windfield. Sempre o fizera. Era conhecida por ser a viúva do incrivelmente rico Solly Greenbourne embora tivesse muito pouco dinheiro. Também era notada por ser uma mulher "avançada" que acreditava nos direitos das

mulheres e, dizia-se, encorajava as criadas a terem bebê ilegítimos. Depois, quando levava Bertie ao colégio, ia sempre acompanhada por Hugh Pilaster, o belo banqueiro que pagava as mensalidades do seu filho: sem dúvida, que os outros pais mais atentos suspeitavam que Hugh era o verdadeiro pai de Bertie. Mas a razão principal, pensava ela, era que aos trinta e quatro anos ainda era bastante bonita para fazer os homens virarem a cabeça.

Naquele dia utilizava um vestido vermelho com um casaco curto e um chapéu com uma pluma. Sabia que parecia linda e despreocupada. Na verdade, porém, aquelas idas à escola com Bertie e Hugh partiam seu coração.

Havia dezessete anos que passara uma noite com Hugh, e amava-o tanto como antes. Na maior parte do tempo andava ocupada com os problemas das infelizes moças que iam ao hospital, e esquecia o próprio sofrimento; mas duas ou três vezes por ano tinha de ver Hugh e, nessa altura, a dor regressava. Há onze anos que ele sabia ser o verdadeiro pai de Bertie. Bem Greenbourne fizera— O ter uma suspeita e confrontara Maisie com as suas dúvidas. Ela dissera a verdade. Desde essa época, fazia tudo para Bertie, à exceção de o reconhecer como filho. Bertie acreditava que o pai era o saudoso e querido Solomon Greenbourne, e contar-lhe a verdade só serviria para causar um sofrimento desnecessário.

O seu nome era Hubert e chamar-lhe Bertie fora um cumprimento insinuante ao príncipe de Gales, que também se chamava Bertie.

Maisie nunca mais estivera com ele: era apenas uma viúva que vivia numa casa modesta ao sul de Londres e esse tipo de mulheres não aparecia no círculo de amigos do príncipe.

Decidira chamar Hubert ao filho porque o nome era parecido com Hugh, mas ficara rapidamente atrapalhada com a semelhança e essa era outra razão porque chamava Bertie.

Dissera ao filho que Hugh fora o melhor amigo do pai. Felizmente não havia nenhuma semelhança óbvia entre Bertie e Hugh. Bertie era mais parecido com o pai de Maisie, com cabelo preto, macio, e olhos castanhos, tristes. Era alto e forte, um bom atleta e um estudante aplicado, e Maisie sentia tanto orgulho dele, que por vezes o seu coração parecia querer estourar.

Nestas ocasiões, Hugh era escrupulosamente delicado para Maisie, desempenhando o papel de amigo da família, mas ela sabia que ele sentia

a ironia cruel da situação tanto como ela.

Maisie tinha conhecimento, pelo pai de Rachel, de que Hugh era considerado um prodígio na City. Quando falava do Banco, os seus olhos brilhavam e era interessante e divertido. Ela podia ver que o seu trabalho era estimulante e que o realizava bem. Mas se alguma vez a conversa se encaminhava para o campo doméstico, ele ficava amargo e pouco comunicativo. Não gostava de falar da sua casa, da sua vida social e — acima de tudo da mulher. Apenas lhe contava coisas acerca dos três filhos, a quem adorava. Mas até mesmo quando falava deles havia algum arrependimento e Maisie presumira que Nora não era uma mãe carinhosa.

Ao longo dos anos viu-o resignar-se perante um casamento frio e sexualmente frustrante.

Nesse dia, ele usava um terno de tweed cinzento, que combinava com os cabelos grisalhos, e uma gravata azul — Escura, da cor dos seus olhos. Estava mais gordo do que antes, mas ainda tinha um sorriso travesso que aparecia de vez em quando. Formavam um casal agradável — mas não eram um casal e era por parecerem e agirem como um, que ela ficava tão triste. Deu-lhe o braço enquanto se dirigiam para o Colégio Windfield, pensando que era capaz de vender a alma para estar com ele todos os dias.

Ajudaram Bertie a desfazer as malas e este fez chá para todos.

Hugh tinha trazido um bolo que provavelmente daria para alimentar o sexto ano durante uma semana.

— O meu filho Toby virá para cá no próximo semestre — disse Hugh, enquanto bebiam o chá. — Será que podia vigiá-lo por mim?

— Com prazer! — afirmou Bertie. — Terei cuidado para que ele não vá nadar em Bishop's Wood

Maisie franziu a testa.

— Desculpem. Foi uma piada muito triste — disse ele.

— Ainda falam disso? — perguntou Hugh.

— Todos os anos o diretor conta como — Peter Middleton morreu para testar e assustar os rapazes. Mesmo assim, eles continuam a nadar. Depois do chá despediram-se de Bertie, com Maisie chorosa como acontecia sempre que se despedia do seu menino, apesar dele ser mais alto que ela. Foram a pé até o povoado e embarcaram no trem para Londres. Estavam num compartimento de primeira classe só para eles.



— O Edward vai ser sócio sênior no banco — disse Hugh enquanto olhavam para a paisagem.

— Nunca pensei que ele fosse suficientemente inteligente! — exclamou Maisie, perplexa.

— E não é. Vou me demitir no final do ano.

— Oh, Hugh! — Maisie sabia o quanto ele gostava do banco. Todas as suas esperanças estavam ligadas a ele. — O que você vai fazer?

— Não sei. Vou ficar lá até o fim do ano financeiro. Por isso, tenho tempo para pensar.

— Será que o banco não vai à falência com o Edward?

— Receio bem que sim.

Maisie sentiu pena por Hugh. Tinha mais azar do que merecia, ao passo que Edward -

— tinha sorte demais.

— O Edward também é Lorde Whitehaven. Disse ela. Você já percebeu que se o título tivesse ido para o Bem Greenbourne como deveria ter ido, o Bertie seria agora um herdeiro?

— Sim.

— Mas Augusta impediu que isso acontecesse.

— Augusta? — inquiriu Hugh com uma expressão de perplexidade.

— Sim. Foi ela que esteve por trás de todos aqueles disparates nos jornais acerca de: "Poderá Um judeu Receber Um Título Nobiliárquico?" Lembra?

— Sim, mas como é que pode ter a certeza de que Augusta esteve por trás disso?

— O príncipe de Gales nos contou.

— Bem, bem — disse Hugh, abanando a cabeça. — Augusta nunca deixa de me surpreender.

— Seja como for, a pobre da Emily é agora Lady Whitehaven.

— Pelo menos ganhou alguma coisa com aquele casamento infeliz.

— Vou contar um segredo — disse Maisie. Baixou a voz, apesar de não haver ninguém por perto. — Emily vai pedir a Edward uma anulação.

— Que bom para ela! Com base na não consumação, calculo.

— Sim. Não parece surpreendido.

— Era de se esperar. Nunca se tocam. Estão tão pouco à vontade um com o outro que até custa a crer que sejam marido e mulher.

— Ela tem levado uma vida falsa durante todos estes anos e decidiu pôr um fim a isso.

— Vai ter problemas com a minha família — disse Hugh.

— Com Augusta, quer dizer. — Maisie também tivera aquela reação. — A Emily sabe disso.

Mas é obstinada e isso irá ser bastante útil a ela.

— Ela tem algum apaixonado?

— Sim. Mas não é amante dele. Não sei porque é que tem tantos escrúpulos. O Edward passa as noites num bordel

Hugh sorriu-lhe, um sorriso triste e carinhoso.

— Houve uma ocasião em que também foi escrupulosa.

Maisie sabia que ele estava falando daquela noite em Kingsbridge Manor, em que ela trancara a porta do quarto para não o deixar entrar.

— Eu era casada com um homem bom e você e eu estávamos prestes a traí-lo. A situação de Emily é totalmente diferente.

Hugh acenou em concordância.

— Mesmo assim percebo como ela se sente — disse ele. — É a mentira que torna o adultério vergonhoso.

— As pessoas devem agarrar a felicidade enquanto podem — discordou Maisie. — Só se vive uma vida.

— Mas quando se agarra a felicidade, pode se perder outra coisa ainda mais valiosa: a integridade.

— Isso é muito abstrato para mim — retorquiu Maisie, rejeitando a ideia.

— Sem dúvida que para mim também era, naquela noite na casa do Kingo, quando teria traído Solly de livre vontade, se me tivesse deixado. Mas foi-se tornando cada vez mais concreto com o passar dos anos. Agora acho que dou mais valor à integridade do que a qualquer outra coisa.

— Mas o que vem a ser isso?

— Significa dizer a verdade, manter promessas e assumir a responsabilidade pelos nossos atos. No trabalho é o mesmo que na vida quotidiana. É uma questão de se ser o que se afirma ser, fazer o que se diz que fará. E um banqueiro não pode ser um mentiroso. Se a mulher não confiar nele, quem irá confiar?

Maisie estava ficando aborrecida com Hugh e perguntou-se por quê. Sentou-se em silêncio durante algum tempo, olhando através da janela para os subúrbios de Londres no crepúsculo. Agora que ia deixar o

banco, o que restaria na vida dele? Hugh não amava a mulher e esta não amava os filhos de ambos. Por que não poderia ele encontrar a felicidade nos braços de Maisie, a mulher que sempre amara?

Na estação de Paddington, ele a acompanhou ao fiacre e a ajudou subir. Quando se despediram, ela segurou-lhe a mão.

— Venha comigo — pediu.

Ele olhou-a com tristeza e abanou a cabeça.

— Nós nos amamos e sempre nos amaremos. — Suplicou ela, venha comigo e para o diabo com as consequências!

— Mas a vida é feita de consequências, não é?

— Hugh! Por favor!

Ele retirou a mão e recuou um pouco.

— Adeus, querida Maisie.

Ela ficou a olhá-lo sem poder fazer nada. Sentia-se agora invadida por anos de desejo reprimido. Se tivesse força suficiente, o teria agarrado e puxado para a carruagem. Sentiu-se enlouquecida de frustração. Teria ali ficado para sempre, mas ele acenou para o cocheiro, dizendo:

— Segue!

O homem fez estalar o chicote e as rodas começaram a se mexer. Pouco depois, deixou de vê-lo.

Naquela noite, Hugh dormiu mal. Acordava constantemente e pensava na conversa tida com Maisie. Desejava ter cedido e ido com ela para casa. Agora poderia estar dormindo nos seus braços, com a cabeça nos seus seios, em vez de estar ali às voltas, sozinho.

Mas havia outra coisa que o incomodava. Tinha a impressão que ela havia dito algo de importante, algo de surpreendente e sinistro, cujo significado lhe escapara na hora. Ainda não tinha conseguido descobrir o que.

Haviam falado sobre o banco, e sobre Edward se tornar o sócio sênior; sobre o título de Edward; sobre o plano de Emily para conseguir a anulação do casamento; sobre a noite em King's Madge Manor, em que quase fizeram amor; sobre os valores da integridade e da felicidade.

Qual seria a revelação importante?

Tentou lembrar-se da conversa, ao contrário: Venha para casa comigo. As pessoas deviam agarrar a felicidade enquanto podem.

Emily vai pedir a Edward a anulação do casamento. Emily é agora Lady Whitehaven. Já percebeu que se o título tivesse ido para o Ben

Greenbourne, como devia ter ido, o Bertie seria agora um herdeiro?

Não, esquecera-se de alguma coisa. Edward possuía o título que deveria ter ido para Ben Greenbourne, mas Augusta evitara que isso acontecesse. Estivera por trás de toda aquela propaganda acerca de um judeu poder, ou não, ser um lorde. Hugh não tinha se lembrado disso, embora, olhando para trás, pudesse ter sido capaz de adivinhar. Mas o príncipe de Gales soubera, de alguma forma, e contara a Maisie e a Solly.

Hugh continuou às voltas, inquieto. Por que seria isso uma revelação tão importante? Era apenas mais outro exemplo de como Augusta era implacável. Na hora ninguém soube de nada, mas mais tarde, Solly ficou sabendo.

De repente, Hugh sentou-se na cama, a olhar para a escuridão.

Solly tinha sabido.

Se Solly soubera que os Pilaster eram responsáveis por uma campanha na imprensa sobre ódio racial contra o papá, nunca mais faria negócios com o Banco Pilaster. Em particular, teria cancelado a emissão de títulos da ferrovia de Santamaría. Teria dito a Edward e teria cancelado. E Edward teria dito a Micky-

— Oh, meu Deus! — exclamou Hugh em voz alta. Sempre pensara se Micky não teria tido nada a ver com a morte de Solly. Sabia que ele estivera nas redondezas, mas o motivo era desconhecido.

Tanto quanto sabia, Solly estivera prestes a consumir o empréstimo— E a dar a Micky o que sempre quisera; e se isso estivesse correto, Micky teria todos os motivos para manter Solly vivo. Mas se Solly tivesse estado prestes a cancelar tudo, Micky poderia tê-lo matado para salvar o negócio. Seria ele o homem bem vestido que fora visto discutindo com Solly uns segundos antes deste ter sido atropelado? O cocheiro dissera que Solly tinha sido empurrado para a sua frente. Teria Micky empurrado Solly para debaixo das rodas da carruagem? A ideia era horrível e nojenta.

Hugh levantou-se e acendeu a luz. Já não conseguia dormir. Vestiu o robe e sentou-se junto à lareira quase apagada. Teria Micky assassinado dois dos seus amigos: Peter Middleton e Solly Greenbourne?

E se isso fosse verdade, o que iria Hugh fazer?

Ainda estava pensando na questão no dia seguinte, quando aconteceu algo que lhe deu a resposta. Passou a manhã na sua secretária, na sala dos sócios. Sempre desejara sentar-se ali, no centro calmo e

luxe do poder, tomando decisões acerca de milhões de libras, sob os olhares dos seus antepassados nos quadros; mas agora já estava habituado. E em breve iria desistir disso.

Tentava juntar os fios à meada, acabar projetos que já começara, e não iniciar novos. O seu pensamento continuava a fugir para Micky Miranda e para o pobre Solly. Ficava louco ao pensar que um homem tão bom como Solly tivesse sido morto por um parasita como Micky.

O que lhe dava vontade de estrangula-lo com as mãos. Mas não podia mata-lo!

Na realidade, nem serviria de nada contar suas dúvidas à policia, porque não possuía provas.

O seu escriturário, Jonas Mulberry, tinha estado agitado durante toda a manhã. Já havia ido à sala dos sócios umas quatro ou cinco vezes sob pretextos diferentes, mas não dissera o que o perturbava.

A certa altura, Hugh calculou que o homem tinha alguma coisa para lhe contar e não queria que os outros sócios soubessem.

Uns minutos antes do meio-dia, Hugh seguiu pelo corredor até à sala do telefone. Tinham mandado instalá-lo havia dois anos e já estavam arrependidos por não o terem posto na sala dos sócios:

Cada um deles era chamado ao telefone várias vezes ao dia. Durante esse percurso, encontrou Mulberry no corredor.

— Tem alguma coisa para me dizer? — perguntou-lhe.

— Sim, Mr. Hugh — respondeu Mulberry, visivelmente aliviado. Baixou a voz. — Sem querer, vi uns papeis escritos por Mr. Simon Oliver, o escriturário de Mr. Edward.

— Entre aqui por um momento. — Hugh entrou na sala do telefone e fechou a porta atrás deles.

— O que havia nesses papéis?

— Uma proposta de um empréstimo a Córdoba. No valor de dois milhões de libras.

— Oh, não! — exclamou Hugh. — O banco não precisa aumentar ainda mais a dívida sul-americana.

— Sabia que iria pensar assim.

— Para que é, especificamente?

— Para construir um porto na província de Santamaría— Outro esquema do senhor Miranda.

— Sim! Receio que ele e o primo Simon Oliver tenham uma grande influência sobre Mr. Edward.

— Está bem, Mulberry. Muito obrigado por ter me contado. Vou ver o que posso fazer,

Tendo-se esquecido da chamada telefônica, Hugh regressou à sala dos sócios. Deixariam os outros sócios que Edward fosse em frente com o seu plano? Talvez. Hugh e Samuel já não tivessem muita influência, uma vez que iam embora. O "Jovem" William não partilhava do medo de um colapso sul-americano, ao contrário de Hugh. O major Hartshornee e Sir Harry fariam o que lhes mandassem. E Edward era agora sócio -sênior.

O que iria Hugh fazer? Ainda não fora embora e estava recebendo a sua parte nos lucros, por isso, as suas responsabilidades não tinham acabado

O problema estava no fato de Edward não ser racional: tal como Mulberry dissera, estava completamente sob a influência de Micky Miranda.

Haveria alguma maneira de Hugh poder diminuir essa influência?-

Poderia dizer a Edward que Micky era um assassino. Tinha que tentar! Edward não acreditaria nele, Mas começou a sentir que não havia nada a perder. E necessitava desesperadamente fazer alguma coisa a cerca do que descobrira naquela noite.

Edward já tinha ido almoçar. Obedecendo a um impulso, Hugh foi atrás dele.

Adivinhando qual o paradeiro de Edward, apanhou um fiacre para o Clube Cowes.

Passou a viagem entre a City e Pall Mall pensando em palavras que fossem plausíveis e inofensivas, para convencer Edward. Mas tudo aquilo em que pensava parecia artificial e, quando chegou ao seu destino, decidiu dizer a verdade nua e crua e esperar pelo melhor.

Ainda era cedo e encontrou Edward sozinho no salão de fumo a beber um grande cálice de Madeira. Reparou que a inflamação cutânea do primo estava cada vez pior: nos lugares onde o colarinho tocava no pescoço, a pele estava vermelha e em carne viva.

Hugh sentou-se à mesma mesa e mandou vir chá. Quando eram rapazes, Hugh odiara Edward com todas as suas forças, porque ele era uma besta e um rufião. Mas, nos últimos anos, começara a ver nele uma vítima. Edward era como era por causa da influência de duas pessoas maldosas:

Augusta e Micky. A mãe sufocara e o amigo o corrompera. No entanto, Edward não mudara de opinião acerca de Hugh e, naquela altura, não escondia que não desejava a companhia dele.

— Você não veio até aqui só para tomar uma xícara de chá — disse ele. — O que é que você quer?

Era um mau começo, mas não podia fazer nada acerca disso. Sentindo-se pessimista, começou a falar.

— Tenho que dizer uma coisa que irá choca-lo e horroriza-lo.

— Sêrio?

— Vai ter dificuldade em acreditar, mas mesmo assim é verdade. Acho que Micky é um assassino.

— Oh, pelo amor de Deus! — exclamou Edward, zangado. — Não me aborreça com esses disparates.

— Ao menos escute, antes de rejeitar a ideia — pediu Hugh. Vou deixar o banco você é o sócio sênior, não tenho mais nada por que lutar. Mas ontem descobri uma coisa. Solly Greenbourne sabia que a sua mãe estava por trás daquela campanha na imprensa para evitar que Ben Greenbourne recebesse um título.

Edward estremeceu involuntariamente, como se o que Hugh acabara de dizer fosse semelhante a algo que ele já sabia. Hugh sentiu-se mais esperançado.

— Estou na pista certa, não é verdade? — perguntou. — calculando isso, prosseguiu: — Solly ameaçou cancelar o empréstimo para a ferrovia de Santamaría, não foi?

Edward assentiu com um aceno de cabeça

Hugh inclinou-se para a frente tentando esconder sua excitação

— Estava sentado nesta mesma mesa — disse Edward — Com Micky quando o Solly entrou furioso. Mas.

— E nessa noite o Solly morreu.

— Sim, mas Micky esteve comigo toda a noite. Jogamos cartas aqui e depois fomos até a Nellie.

— Ele deve tê-lo abandonado por alguns minutos.

— Não.

— Eu o vi entrando no clube mais ou menos na hora em que Solly morreu.

— Isso deve ter sido mais cedo.

— Talvez tenha ido ao banheiro, ou qualquer coisa do gênero.

— O que não lhe daria tempo suficiente — Edward adotou uma expressão de cepticismo decidido.

As esperanças de Hugh diminuíram outra vez. Durante um momento conseguira criar a dúvida no espírito de Edward, mas isso não durara muito — Perdeu a cabeça — prosseguiu Edward. — Micky não é um assassino. A ideia é um absurdo.

Hugh decidiu contar-lhe tudo sobre Peter Middleton. Era um ato de desespero, pois se Edward se recusava a acreditar que o amigo matara Solly há onze anos atrás, por que haveria de acreditar que ele tinha matado Peter há vinte e quatro anos? Mas Hugh tinha que tentar.

— Micky também matou Peter Middleton — afirmou, receando parecer louco.

— Isso é ridículo!

— Sei que pensa que foi você quem o matou! Mergulhou a cabeça dele várias vezes, e depois foi atrás de Tonio; e pensa que Peter estava muito cansado para nadar até à margem e que se afogou. Mas há uma coisa que não sabe.

Apesar do seu cepticismo, Edward estava intrigado.

— O quê?

— Peter era um excelente nadador.

— Era um fracote!

— Sim, mas praticava natação todos os dias, durante o verão. Era fracote, mas conseguia nadar durante quilômetros. Nadou até à margem sem qualquer dificuldade. Tonio viu.

— Que. — Edward engoliu em seco —, que mais viu Tonio?

— Enquanto você subia a parede da pedreira, Micky prendeu a cabeça de Peter debaixo d'água, até que ele se afogou.

Para surpresa de Hugh, Edward não rejeitou a hipótese.

— Por que esperou tanto tempo para me contar isso? — perguntou ele.

— Não achei que fosse acreditar. Estou dizendo isto apenas porque estou desesperado para tentar dissuadi-lo do último investimento em Córdoba. — Estudou a expressão de Edward. e prosseguiu: — Mas acredita em mim, não é verdade?

Edward assentiu.

— Por quê?

— Porque sei por que motivo ele o fez.



— Qual foi? — perguntou Hugh. Estava cheio de curiosidade. Tentara encontrar uma resposta durante anos. — Por que é que Micky matou Peter?

Edward. bebeu um longo gole de vinho, depois ficou em silêncio. Hugh receava que ele não dissesse mais nada. Mas acabou por falar.

— Em Córdoba, os Miranda, são uma família rica, mas aqui os seus dólares não compram muitas coisas. Quando Micky foi para Windfield, gastou o dinheiro que tinha para um ano em apenas algumas semanas. Mas tinha-se vangloriado das riquezas da sua família e era demasiado orgulhoso para admitir a verdade. Por isso, quando ficou sem dinheiro. roubou.

Hugh lembrou-se do escândalo que abalara o colégio, em junho de 1866.

— Os seis soberanos de ouro que foram roubados de Mr. Offerton — disse ele, pensativo. — Foi Micky o ladrão?

— Sim.

— Raios me partam!

— E Peter sabia.

— Como?

— Viu Micky saindo do gabinete do Offerton. Quando se soube do roubo, ele adivinhou o que tinha se passado. Disse que iria contar, a menos que Micky se acusasse. Achamos que foi. uma grande sorte apanhá-lo no lago. Quando mergulhei a cabeça dele, estava tentando assustá-lo, para ele se manter calado. Mas nunca pensei.

— Que Micky fosse matá-lo.

— E todos estes anos ele deixou que eu pensasse que a culpa era minha e estava encobrindo — disse Edward.

— O porco!

Hugh percebeu que, ao contrário do que esperara, conseguira abalar a fé de Edward em Micky. Sentia-se tentado a dizer:

"Agora que sabe como ele é, esquece o porto de Santamaría." Mas tinha que ser cuidadoso para não se precipitar. Achou que já havia dito o suficiente: devia deixar que o primo tirasse as suas conclusões.

Levantou-se.

— Desculpa ter dado um golpe destes — disse ele.

Edward estava embrenhado— Nos seus pensamentos, coçando o pescoço onde a inflamação o incomodava.

— Sim — respondeu ele, distraído.

— Tenho que ir embora.

Edward não disse nada. Parecia ter-se esquecido da existência de Hugh. Olhava fixamente para o cálice. Hugh observou-o com mais atenção e verificou, com surpresa, que ele estava chorando.

Saiu sem fazer barulho e fechou a porta.

Augusta gostava de ser viúva. O preto ficava-lhe bem. Com os seus olhos negros, o cabelo grisalho e as sobrancelhas pretas chamava bastante a atenção nas suas roupas de luto.

Joseph morrera há umas quatro semanas e era espantoso como ela tinha tão poucas saudades dele. Achava um pouco estranho o marido não estar ali para se queixar como o bife estava mal passado, ou que a biblioteca estava cheia de pó. Jantava sozinha uma ou duas vezes por semana, mas sempre se sentira bem assim.

Deixara de possuir o estatuto de esposa do sócio sênior, mas era a mãe do novo sócio sênior.

Era a viúva condessa de Whitehaven. Tinha tudo o que Joseph lhe dera, exceto a chatice de ter o próprio Joseph.

E talvez viesse a casar de novo. Tinha cinquenta e oito anos e já não podia ter filhos; mas ainda sentia os desejos que considerava serem próprios de uma adolescente. Aliás, tinham-se tornado mais fortes desde que Joseph morrera. Quando Micky Miranda lhe tocava no braço, ou pousava a mão na sua coxa ao encaminhá-la, sentia, mais fortemente do que nunca, uma sensação de prazer misturada com fraqueza, que fazia com que a cabeça lhe rodasse.

"Somos tão parecidos, Micky e eu, até na cor. Teríamos tido bebês muito bonitos de olhos negros", pensou ela, olhando-se no espelho da sala.

Enquanto estava embrenhada nestes pensamentos, o seu bebê de olhos azuis e cabelo louro entrou. Não parecia bem. Passara de corpulento a gordo e tinha um problema qualquer na pele. Por volta da hora do chá, estava normalmente de mau humor, à medida que os efeitos do vinho que bebera ao almoço desapareciam.

Mas ela tinha algo de importante para lhe dizer e não estava com disposição para palavrinhas mansas.

— Ouvi dizer que a Emily vai pedir a anulação do casamento — começou ela.

— Ela quer casar com outro — disse ele, aborrecido.

— Não pode, é casada com você!

— Nem por isso — retorquiu o filho.

— De que raio estaria ele a falar? Por muito que o amasse, às vezes achava-o bastante irritante.

— Não diga bobagem! — protestou Augusta, ríspida. — Claro que ela é casada com você.

— Só casei com ela porque a mãe quis. E ela concordou porque os pais dela a obrigaram.

Nunca nos amamos e. — hesitou, mas depois prosseguiu: — nunca consumamos o casamento.

Então era isso. Augusta ficou perplexa ao ouvi-lo se referir ao ato sexual na sua frente: não se falava daquelas coisas na frente de uma mulher. No entanto, não ficou surpreendida ao ouvir que o casamento era uma fraude: já o adivinhara há bastante tempo. Mesmo assim não permitiria que Emily conseguisse o seu intento.

— Não podemos ter um escândalo — afirmou ela.

— Não seria um escândalo.

— Claro que sim! — interrompeu ela, exasperada pela sua falta de visão. — Seria o tema de conversa em Londres, durante um ano, e apareceria também nos jornais mais vulgares. —

Edward era agora Lorde Whitehaven e um escândalo sexual que envolvesse um par do reino era o gênero de coisa que aparecia nos semanários adquiridos pelos criados — Mas não acha que a Emily tem direito à sua liberdade? — perguntou ele, muito infeliz.

— Será que ela pode forçá-lo ? — indagou Augusta, ignorando o apelo de justiça feito pelo filho.

— Ela quer que eu assine um documento, admitindo que o casamento nunca foi consumado, o que simplifica as coisas.

— E se você não assinar?

— Aí é mais difícil. Estas coisas não são fáceis de provar.

— Então está resolvido. Não temos nada com que nos preocupar. Não falemos mais deste assunto embaraçoso.

— Mas.

— Diga a ela que não pode ter a anulação. Não quero mais ouvir falar de tal coisa.

— Muito bem, mãe.

Ela ficou admirada com aquela capitulação tão rápida. Embora no fim sempre acabasse prevalecendo a sua vontade, o filho normalmente opunha mais resistência. Devia ter outros problemas a preocupá-lo.

— O que é que se passa, Teddy? — perguntou num tom mais calmo.

— Hugh me disse uma coisa terrível — respondeu ele, suspirando.

— O quê?

— Que Micky matou Solly Greenbourne.

— Como? — inquiriu Augusta, estremecendo de fascínio e horror.

— Solly foi atropelado.

— Hugh disse que Micky o empurrou para a frente da carruagem.

— Você acredita?

— Micky esteve comigo nessa noite, mas talvez tenha escapado durante alguns minutos. É possível. Acredita, mãe?

— Augusta assentiu. Micky era tão perigoso e ousado!: era isso que o tornava tão magnético. Não duvidava que ele fosse capaz de cometer um assassinato tão arrojado, e escapar impune.

— Acho difícil de acreditar — disse Edward. — Sei que Micky é um pouco malvado, mas pensar que ele mataria.

— Mas pode estar certo disso — afirmou Augusta.

— Como é que pode ter a certeza?

Edward estava tão digno de pena que Augusta se sentiu tentada a partilhar o seu segredo com ele. Seria aconselhável? Não devia fazer mal. O choque provocado pela revelação de Hugh parecia ter feito com que Edward refletisse mais nas coisas, talvez o tornasse mais adulto. Decidiu contar-lhe.

— Micky matou o tio Seth — revelou ela.

— Meu Deus!

— Sufocou-o com uma almofada. Apanhei-o em flagrante. Augusta sentiu um grande calor na região das virilhas ao se lembrar da cena que se seguira.

— Mas porque mataria Micky o tio Seth? — perguntou Edward.

— Você se lembra que ele tinha muita pressa em mandar os rifles para Córdoba, não é verdade?

— Sim, eu me lembro.

Edward ficou em silêncio durante uns momentos. Augusta fechou os olhos, revivendo o longo e louco abraço com Micky, no quarto com o

morto.

— Ainda há mais outra coisa — disse Edward, acordando-a do sonho. — Lembra-se do Peter Middleton?—

Claro! — Augusta nunca o esqueceria. A sua morte atormentara a família desde essa época -

O que há com ele?

— Hugh diz que Micky o matou.

— O quê? Não, não posso acreditar nisso. — Agora, Augusta estava chocada.

— Prendeu-lhe deliberadamente a cabeça debaixo de água e afogou-o.

Não foi o assassinato em si, mas a ideia de traição que a horrorizou.

— Hugh deve estar mentindo!

— Ele disse que o Tonio Silva viu tudo.

— Mas isso significa que o Micky andou nos enganando estes anos todos!

— Acho que é verdade, mãe.

— Augusta percebeu, com um receio crescente, que Edward não acreditaria numa história daquelas sem uma razão.

— Porque está tão disposto a acreditar no que Hugh lhe contou?

— Porque sei uma coisa que Hugh não sabia, uma coisa que vem confirmar essa história. Micky roubou dinheiro de um dos professores. Peter sabia e ameaçava contar tudo. Ele estava desesperado para silenciá-lo.

— O Micky nunca teve muito dinheiro — lembrou-se ela. Abanou a cabeça, incrédula. — E durante todos estes anos pensamos.

— Que eu era o culpado pela morte de Peter.

— E o Micky nos deixou acreditar nessa história. — Augusta assentiu.

— É isso que eu não consigo aceitar, mãe—. Pensei que era um assassino, ele sabia que eu não o era, mas não disse nada. Não será isso uma traição à nossa amizade?

Augusta olhou para o filho cheia de pena.

— Vai se afastar dele? — perguntou.

— Inevitavelmente. — Edward estava sofrendo-. — Mas ele é o meu único amigo!

Augusta sentiu-se à beira das lágrimas. Sentaram-se a olhar um para o outro, pensando no que tinham feito, e no porquê.

— Durante quase vinte e cinco anos nós o tratamos como um membro da família - comentou Edward. — E ele é um monstro.

"Um monstro", pensou Augusta. Era verdade. No entanto, amava-o. Amava Micky Miranda, mesmo tendo ele morto três pessoas. Apesar do modo como ele a enganara, sabia que, se ele naquele momento entrasse na sala, ela desejaria tê-lo nos braços.

Olhou para o filho. Lendo-lhe o rosto, viu que ele sentia o mesmo. O seu coração soubera, e o seu cérebro também o reconhecia agora. Edward. também amava Micky!

## CAPÍTULO II

### OUTUBRO

Micky Miranda estava preocupado. Sentara-se numa das salas do Clube Cowes fumando um charuto, pensando no que teria feito para ofender Edward. Este andava a evitá-lo. Mantinha-se afastado do clube, não ia na Nellie e já nem sequer aparecia na hora do chá na sala da mãe. Micky já não o via há uma semana.

Perguntara a Augusta o que se passava, mas esta dissera que não sabia. Estava um pouco estranha e ele suspeitava que ela sabia, mas que não queria lhe dizer.

Em vinte anos tal coisa nunca tinha acontecido. De vez em quando, Edward ficava ofendido com alguma coisa que Micky fazia e ficava amuado, mas nunca durante mais de dois ou três dias. Desta vez era serio — e isso poderia pôr em perigo o dinheiro para o porto de Santamaría.

Durante a última década, o Banco Pilaster emitira títulos de Córdoba uma vez por ano.

Uma parte do dinheiro fora capital para vias férreas, canalização de água e minas; outra parte tinha sido mero em préstimo ao Governo. Tudo aquilo beneficiara a família Miranda, direta ou indiretamente, e o papá Miranda era agora o homem mais poderoso de Córdoba, depois do presidente.

Micky ficara com uma comissão de tudo — embora ninguém no banco tenha sabido — e a sua fortuna pessoal era bastante grande.

Bem mais importante, a sua capacidade para arranjar dinheiro fizera dele uma das pessoas mais importantes na política de Córdoba, o indiscutível herdeiro do poder do seu pai.

E o papá estava prestes a começar uma revolução. Os planos estavam delineados. O exército de Miranda iria se dirigir para o sul, pela estrada de ferro e cercaria a capital.

Simultaneamente, haveria um ataque a Milpita, o porto na costa do Pacífico que servia a capital.

Mas as revoluções custavam dinheiro. O Papai dissera a Micky para conseguir o maior empréstimo de sempre, dois milhões de libras esterlinas, a fim de comprar armas e munições para a guerra civil.

Ele prometera uma recompensa sem igual. Quando o papá fosse presidente Micky seria primeiro-ministro, com autoridade sobre todo mundo, com exceção do Papai,.

Seria design do seu sucessor, tornando-se presidente quando ele morresse.

Era tudo o que ele sempre quisera!

Regressaria ao seu país como um herói conquistador, o herdeiro do trono, o braço direito do presidente, senhor sobre os seus primos e tios e — o mais agradável — Sobre o seu irmão mais velho.

E agora tudo isso fora posto em perigo por Edward.

Edward era fundamental para o seu plano. Micky dera aos Pilaster o monopólio extra— Oficial do comércio com Córdoba, a fim de elevar o prestígio e poder de Edward no banco.

Resultara: que Edward era agora sócio sênior, cargo que nunca teria conseguido obter sem ajuda. Mas mais ninguém na comunidade financeira de Londres tivera a oportunidade de desenvolver os seus conhecimentos acerca do comércio com Córdoba. Consequentemente, outros bancos sentiam que não sabiam o suficiente para investir aí. E suspeitavam bastante de cada projeto que Micky lhes apresentava, pois deduziam que já fora recusado pelos Pilaster.

Micky tentara angariar dinheiro para o seu país através de outros bancos, mas não Dera certo.

Por esse motivo, o amuo de Edward era duplamente preocupante. Já estava lhe provocando insônias. Com Augusta não querendo ou não sabendo esclarecer o problema, Micky não tinha ninguém a quem recorrer: era o único amigo íntimo de Edward.

Enquanto fumava o charuto e meditava, avistou Hugh Pilaster. Eram sete horas e Hugh já estava em traje de noite, bebendo sozinho, talvez fazendo hora para um jantar com outras pessoas.

Micky não gostava de Hugh e sabia que o sentimento era recíproco. No entanto, ele poderia saber o que se passava. E Micky não tinha nada a perder se lhe perguntasse. Levantou-se e dirigiu-se à mesa dele.

— Boa noite, Pilaster — Saudou.

— Boa noite, Miranda.



— Tem visto o seu primo Edward ultimamente? Parece ter desaparecido.

— Vai ao banco todos os dias.

— Ah! — Micky hesitou. Ao ver que Hugh não o convidava a sentar-se, perguntou: — Posso fazer companhia? — E sentou-se, sem esperar pela resposta. — Por acaso sabe se eu fiz alguma coisa que pudesse tê-lo ofendido? — perguntou ele, em voz mais baixa.

Hugh ficou pensativo por um momento. — Não vejo por que razão deixaria de contar. Edward descobriu que você matou Peter Middleton e que está mentindo para ele há vinte e cinco anos — respondeu.

Micky quase saltou da cadeira. Como é que ele ficou sabendo daquilo? Quase fez a pergunta, mas lembrou-se que não podia fazer sem admitir a sua culpa.

Em vez disso, fingiu estar zangado e levantou-se abruptamente. — Vou esquecer que você disse isso — afirmou ele, saindo da sala, dando a entender que nada tinha a recear.

Levou apenas uns poucos minutos para concluir que não corria mais perigo com a polícia do que já até ali receara. Ninguém poderia provar o que ele fizera e tudo acontecera havia tanto tempo que não valia a pena recomençar as investigações. O único perigo que tinha que enfrentar provinha do fato de Edward poder recusar o empréstimo de dois milhões de libras de que o papá precisava.

Tinha que conseguir o perdão de Edward. E, para isso, teria de vê-lo.

Nessa noite não poderia tentar nada, pois tinha uma recepção na Embaixada da França e um jantar com alguns membros conservadores do Parlamento. Mas, no dia seguinte, iria até a Nellie na hora de almoço, acordaria April e tentaria convencê-la a escrever a Edward um bilhete, prometendo-lhe "uma coisa especial" se ele aparecesse no bordel naquela noite.

Micky ocupou o melhor quarto de April e reservou a favorita de Edward no momento, Henrietta, uma moça magra, de cabelos pretos. Disse-lhe para se vestir com um traje à rigor masculino, com cartola, pois Edward achava aquela indumentária bastante sexy. As nove e meia já estava à espera dele. O quarto tinha uma cama de dossel enorme, dois sofás, uma grande lareira, o usual lavatório e uma série de quadros bastante obscenos numa funerária, mostrando o cangalheiro executando

vários atos sexuais com o cadáver de uma jovem muito bela. Micky recostou-se no sofá de veludo tendo apenas vestido um robe de seda, bebericando um conhaque com Henrietta a seu lado.

Ela aborreceu-se rapidamente.

— Gosta destes quadros? — perguntou.

Ele encolheu os ombros e não respondeu. Não queria falar com ela. Tinha muito pouco interesse nas mulheres pelo que elas valiam.

O ato sexual em si era a rotina de um processo mecânico. Do que ele gostava no sexo era do poder que este lhe conferia. Mulheres e homens sempre tinham se apaixonado por ele e nunca se cansava de usar essa paixão para os controlar, explorar e humilhar.

Até mesmo a sua paixão de adolescente por Augusta Pilaster fizera parte de um desejo de domar e montar uma égua selvagem.

Desse ponto de vista, Henrietta não lhe oferecia nada: não era nenhum desafio controlá-la, não tinha nada que valesse a pena explorar e não havia prazer em humilhar uma pessoa tão abaixo na escala social como uma prostituta. Por isso, continuou a fumar o charuto, preocupando-se se Edward viria ou não.

Passou uma hora, e depois outra. Micky começou a perder as esperanças. Haveria outro meio de chegar a Edward? Era difícil contatar com um homem que não queria ser visto. Podia "não estar em casa", na sua própria casa, e não estar disponível no local de trabalho. Micky podia fazer hora na porta do banco, para tentar apanhar a sair para o almoço, mas isso era pouco digno da sua pessoa e, de qualquer modo, Edward iria ignorar. Mais tarde ou mais cedo, iriam encontrar-se numa reunião social, mas isso podia demorar umas semanas e Micky não poderia esperar tanto.

Então, mesmo antes da meia— Noite, April espreitou pela porta.

— Ele chegou! — anunciou ela.

— Finalmente — disse Micky, com alívio.

— Está tomando uma bebida, mas diz que não quer jogar cartas. Calculo que venha aqui dentro de alguns minutos.

A tensão de Micky aumentou. Era culpado de uma das piores traições possíveis. Permitira que Edward sofresse durante um quarto de século, sob a ilusão de ter morto Peter Middleton, quando, de fato, fora Micky o culpado. Era pedir muito para que Edward o perdoasse. Mas Micky tinha um plano.

Colocou Henrietta no sofá. Fê-la sentar-se com o chapéu sobre os olhos e as pernas cruzadas, fumando um cigarro. Baixou a intensidade das luzes e sentou-se na cama, atrás da porta.

Pouco depois, Edward entrou. A meia-luz não viu que Micky estava ali. Parou junto à porta, olhando para Henrietta.

— Olá! Quem é você?

— Olá, Edward! — cumprimentou ela, olhando para cima.

— Ah, é você — disse ele. Fechou a porta e aproximou-se. — Bem, onde é que está a "coisa especial" de que April falou? Já a vi de fraque antes.

— Sou eu — disse Micky, levantando-se.

Edward franziu a testa

— Não quero falar com você — afirmou, virando-se para a porta.

Micky colocou-se à sua frente.

— Pelo menos, fale por quê. Somos amigos há muito tempo!

— Descobri a verdade acerca do Peter Middleton.

— Eu vou explicar.

— O que é que há para explicar?

— Como foi que acabei cometendo um erro tão grande e porque nunca tive coragem para o admitir.

Edward não se mexeu.

— Sente-se ao pé da Henrietta durante uns minutos e me deixe falar — pediu Micky.

Edward hesitou.

— Por favor?

Edward sentou-se no sofá.

Micky foi até ao aparador e serviu-lhe um conhaque. Edward pegou no cálice com um aceno.

Henrietta aproximou-se dele e deu-lhe o braço

Edward tomava o conhaque, olhando ao redor.

— Detesto estes quadros! — comentou ele.

— Eu também -'concordou Henrietta. — Provocam-me arrepios.

— Cale-se, Henrietta! — exclamou Micky.

— Desculpe se falei! — respondeu ela indignada.

Indignada.

Micky sentou-se no sofá em frente e dirigiu-se a Edward.

Eu estava errado e o trai — começou ele. — Mas tinha quinze anos e fomos amigos a maior parte das nossas vidas. Vai mesmo deitar isso tudo a perder por causa de uma besteira de estudante?

— Mas podia ter-me contado a verdade a qualquer momento durante estes vinte e cinco anos! — explodiu Edward.

Micky fez uma expressão de tristeza.

— Pois podia, e devia, mas quando se conta uma mentira dessas, é difícil voltar atrás. — Teria estragado a nossa amizade.

— Não necessariamente — contrapôs Edward.

— Bem, mas estragou, agora. Não estragou?

— Sim — respondeu Edward, mas havia na sua voz alguma incerteza.

Micky viu que chegara a hora de jogar tudo. Despiu o roupão e levantou-se Sabia que era bonito: o seu corpo ainda era esbelto e a pele macia, com exceção do cabelo encaracolado no peito e junto ao pênis.

Henrietta levantou-se imediatamente do sofá e ajoelhou-se à sua frente. Micky olhava para Edward. O desejo brilhava-lhe nos olhos, mas ele franziu o cenho com obstinação e desviou o olhar.

Desesperado, Micky jogou a última cartada.

— Deixe— Nos, Henrietta.

Ela ficou abismada, mas levantou-se e foi-se embora.

Edward olhou para Micky.

— Por que é que fez isso?

— Para que precisamos dela? — replicou ele.

Aproximou-se do sofá, de modo a que o seu pênis ficasse apenas a alguns centímetros da cara de Edward. Com uma mão, tocou na cabeça dele, acariciando-lhe o cabelo. Edward não se mexeu.

— Estamos melhor sem ela. Não estamos? — perguntou Micky.

Edward engoliu em seco e não disse nada.

— Não estamos? — insistiu Micky.

Finalmente Edward respondeu.

— Sim — murmurou —, sim.

Na semana seguinte Micky entrou pela primeira vez na silenciosa sala dos sócios do Banco Pilaster. Havia dezessete anos que lhes trazia negócios, mas sempre e ia a banco, conduziam— No para uma das outras salas e um mensageiro chamava Edward na sala dos Sócios. Desconfiava

que um inglês teria sido admitido naquele santuário muito mais depressa. Adorava Londres, mas sabia que sempre seria um forasteiro na cidade.

Nervoso, espalhou os planos para o porto de Santamaría na grande mesa no meio da sala.

O desenho mostrava um porto inteiramente novo, na costa atlântica de Córdoba, com acomodações para reparação de navios e uma ligação férrea.

Claro que nada daquilo iria ser construído. Os dois milhões de libras iriam-direitinhos— Para os cofres da família Miranda. Mas o levantamento era genuíno e os planos estavam desenhados com todo o profissionalismo. Se fosse uma proposta honesta, até seria capaz de render algum dinheiro. Sendo desonesta, estava provavelmente qualificada como uma das mais ambiciosas fraudes da História.

Enquanto Micky lhes explicava tudo, falando dos materiais de construção, custo da mão-de— Obra, direitos alfandegários e perspectivas de lucro, lutou para manter uma aparência calma. Toda a sua carreira, o futuro da sua família e o destino do seu país dependiam da decisão que fosse tomada naquela sala.

Os sócios também estavam tensos. Encontravam-se lá os seis: os dois não Pilaster: o major Hartshornee e Sir Harry Tonks; Samuel, o “jovem” William; Edward e Hugh.

Iria haver uma batalha, mas as probabilidades estavam a favor de Edward. Era o sócio sênior! O major Hartshornee e Sir Harry fariam o que as suas esposas Pilaster lhes mandassem, e elas recebiam ordens de Augusta, por isso, apoiariam Edward. Samuel iria, provavelmente, apoiar Hugh. O “Jovem” William era o único imprevisível.

Edward mostrava-se entusiasmado, como seria de esperar. Perdoara Micky, eram de novo muito amigos, e este era o seu primeiro grande projeto como sócio sênior. Estava contente por ter trazido um negócio vultoso para inaugurar o início do seu novo cargo.

— A proposta está muito bem preparada-disse Sir Harry —, e na última década temo— Nos dado bem com os títulos de Córdoba. Parece-me uma proposta interessante.

Tal como seria de esperar, a oposição veio de Hugh. Fora ele quem contara a Edward a verdade sobre Peter Middleton e o motivo fora certamente o de impedir este empréstimo.

— Tenho observado o que aconteceu aos últimos títulos sul-americanos que emitimos — disse ele, e entregou a cada um dos presentes cópias de uma tabela.

Micky estudou-a enquanto Hugh prosseguia.

— A taxa de juro oferecida subiu dos seis por cento há três anos para sete e meio por cento no ano passado. Apesar desse aumento, o número de títulos não vendidos, tem sido mais alto a cada lançamento.

Micky sabia o suficiente sobre finanças para perceber o que aquilo queria dizer: os investidores começavam a achar os títulos sul-americanos cada vez menos interessantes. A calma exposição de Hugh e a sua lógica implacável puseram— No furioso.

— Além disso — prosseguiu Hugh — Nos últimos três lançamentos o banco foi obrigado a comprar títulos no mercado para manter o preço alto artificialmente.

Ou seja, percebeu Micky, os números da tabela estavam aquém da realidade.

— O resultado da nossa persistência neste mercado saturado é que já perdemos quase um milhão de libras em títulos de Córdoba. O nosso banco está gravemente exposto em relação a esse setor.

Era um argumento muito forte. Edward ficou furioso, mas conteve-se, sabendo que pareceria melhor se fosse outro sócio a contradizer Hugh.

— Está bem, Hugh, mas acho que talvez esteja exagerando-disse finalmente Sir Harry.

— Todos concordamos que o plano em si é seguro — acrescentou George Hartshornee. — O risco é pequeno e os lucros são consideráveis. Acho que deveríamos aceitar.

Micky sabia de antemão que aqueles dois apoiariam Edward. Esperava pelo veredicto do "Jovem William", mas foi Samuel quem falou.

— Compreendo que estejam tão relutantes em vetar esta grande proposta trazida pelo novo sócio sênior-disse ele. O tom de sua voz sugeria que não eram inimigos divididos em campos opostos, mas homens razoáveis que não poderiam deixar de chegar a um acordo, se houvesse um pouco de boa vontade. — Talvez não se sintam muito inclinados a confiar no parecer de dois sócios que já anunciaram as suas demissões. Mas eu estou neste ramo há muito mais tempo que qualquer dos presentes e Hugh é, provavelmente, o jovem banqueiro mais bem sucedido no mundo e ambos somos de opinião que este projeto é mais perigoso do que parece.

Não deixem que considerações de índole pessoal façam com que rejeitem um conselho.

Samuel era bastante eloquente, pensava Hugh, mas a sua posição já era previamente conhecida. Agora todos olhavam para o "Jovem" William.

— Os títulos sul-americanos sempre pareceram mais arriscados — começou ele. — Se permitíssemos que nos assustassem, teríamos perdido muitos negócios lucrativos durante os últimos anos.

“Aquilo parecia bom, pensava Micky.”

William prosseguiu: — Não creio que vá haver um colapso financeiro. Córdoba está cada vez mais forte sob o domínio do presidente García. Creio que podemos antecipar os lucros das nossas atividades nesse país. Deveríamos procurar mais negócios, não, menos.

Micky expirou, num longo e silencioso suspiro de alívio. Ganhara!

— Quatro sócios a favor, dois contra — disse Edward.

— Só um momento — interrompeu Hugh.

"Deus queira que Hugh não tenha nada na manga", pensou Micky. Apertou os maxilares um contra o outro. Queria protestar, mas teve que reprimir os seus sentimentos.

— O que é? — perguntou Edward, irritado. — Você já foi derrotado por votos.

— O voto tem sido sempre o último recurso nesta sala — respondeu Hugh. — Quando os sócios não estão de acordo, tentamos chegar a um compromisso, com o qual todos possam concordar.

Micky podia ver que Edward estava pronto a rejeitar essa ideia, mas foi William quem falou. — No que é que está pensando, Hugh?

— Deixe-me perguntar uma coisa a Edward. Tem certeza de que vamos vender a maior parte ou todos os títulos?

— Sim, se o preço for o correto — respondeu Edward. Era visível na sua expressão que não sabia onde o primo queria chegar.

Micky teve um pressentimento terrível de que os seus planos iriam ser frustrados.

— Então, por que não vender os títulos numa base comissional, em vez de subscrevermos todos os lançamentos? — perguntou Hugh.

Micky disfarçou uma imprecisão. Não era aquilo que ele queria. Normalmente, quando um banco emitia títulos no valor de um milhão de libras, concordava em comprar todos os que não fossem vendidos, garantindo assim que quem pedia o empréstimo receberia uma

boa percentagem. O método alternativo consistia em colocar os títulos à venda, sem qualquer garantia. O banco não se arriscava e recebia uma percentagem muito menor, mas se apenas fossem vendidos dez mil do milhão de títulos, quem pedisse o empréstimo, receberia apenas dez mil libras. O risco era para quem pedia emprestado — e, nesta altura, Micky não queria correr riscos.

— Hum. — murmurou William. — É uma ideia.

Hugh fora esperto, pensou Micky, desanimado. Se tivesse continuado a opor-se frontalmente ao plano, teria sido derrotado. Mas sugerira um meio de reduzir os riscos. Os banqueiros, sendo uma raça conservadora, adoravam reduzir os seus riscos.

— Se os vendermos todos — começou Sir Harry —, ainda fazemos sessenta mil libras, mesmo com uma comissão reduzida. Se não os vendermos todos, teremos evitado uma perda considerável.

"Diz alguma coisa, Edward!", exclamou Micky para ele mesmo.

Edward estava perdendo o controle da reunião. Mas parecia não saber como reassumi-lo.

— E poderíamos chegar a uma decisão unânime, o que é sempre agradável — acrescentou Samuel.

Houve um murmúrio de concordância.

— Não posso prometer que os meus superiores concordem com isso — disse Micky, numa tentativa desesperada. — No passado, o banco sempre suportou os títulos de Córdoba. Se decidem mudar a vossa política. — hesitou —, posso ter que recorrer a outro banco. — Era uma ameaça inconsequente, mas saberiam eles isso?

William ficou ofendido.

— Isso é um direito seu! Um outro banco pode ter uma visão diferente dos riscos.

Micky verificou que a sua ameaça apenas servira para consolidar a oposição.

— Os líderes do meu país reconhecem a importância do seu relacionamento com o Banco Pilaster e não desejariam colocá-lo em risco — acrescentou Micky, rapidamente.

— Esse sentimento é recíproco — disse Edward.

— Obrigado.

Micky percebeu que não havia mais nada a dizer. Começou a enrolar o mapa do porto. Fora derrotado, mas ainda não estava pronto para



desistir. Aqueles dois milhões eram decisivos para a presidência do seu país. tinha de possuí-los!

Haveria de pensar em alguma coisa.

Edward e Micky combinaram encontrar-se para almoçar no Clube Cowes. Presumia-se ser uma comemoração do triunfo de ambos, mas não tinham nada para comemorar.

Quando Edward chegou, Micky já pensara no que iria fazer. A sua única hipótese era -

convencer o amigo a ir secretamente contra a opinião dos outros sócios e autorizar a emissão dos títulos sem lhes dizer nada. Era ultrajante, imprudente e, provavelmente, um crime. Mas não havia alternativa.

Micky já estava à mesa quando Edward chegou.

— Estou muito desapontado com o que aconteceu esta manhã no banco — disse ele de imediato.

— A culpa foi do maldito Hugh — retorquiu Edward quando se sentou. Fez sinal a um criado. — Traga-me um grande cálice de Madeira.

— O problema é que se vocês não se comprometerem a pagar a emissão, não há garantia de que o porto venha a ser construído.

— Fiz o melhor que pude! — disse Edward com tristeza. — Você viu isso, estava lá.

Micky anuiu. Infelizmente era verdade. Se Edward fosse um excelente manipulador de pessoas — como a sua mãe — talvez tivesse conseguido derrotar Hugh. Mas se Edward fosse esse gênero de pessoa, não seria um peão nas mãos de Micky.

No entanto, embora fosse um peão, podia resistir à proposta que tinha para lhe fazer.

Revolveu o cérebro à procura de uma maneira de o persuadir, ou coagir.

Escolheram o almoço.

— Tenho pensado em comprar uma casa para mim — disse Edward, quando o criado se afastou. — Vivo com a minha mãe há muito tempo.

Micky esforçou-se por parecer interessado.

— Comprar uma casa?

— Uma pequena. Não quero um palácio, com dezenas de criadas correndo para por carvão nas lareiras. Uma casa modesta que possa ser governada por um bom mordomo e alguns criados.

— Mas você tem tudo o que necessita, em Whitehaven.

— Tudo, menos privacidade.

Micky começou a entender onde ele queria chegar.

— Não quer que a sua mãe saiba tudo o que você faz.

— Talvez você gostasse de ficar comigo algumas noites, por exemplo — disse Edward, olhando diretamente para o amigo.

Micky percebeu de imediato que poderia explorar essa ideia. Fingiu estar triste e abanou a cabeça.

— Quando você comprar a casa já terei deixado Londres.

Edward ficou arrasado. — Que raio quer dizer com isso?

— Se não arranjar dinheiro para o porto, com certeza o presidente manda me chamar.

— Não pode voltar! — exclamou Edward, com uma voz assustada.

— É óbvio que não quero. Mas talvez não tenha outra alternativa.

— Tenho a certeza de que os títulos serão vendidos.

— Espero que sim, porque senão.

Edward bateu com o punho na mesa, fazendo a louça tremer. — Quem me dera que Hugh me tivesse deixado pagar a emissão!

— Calculo que tenha que se submeter à decisão dos outros sócios — disse Micky, com nervosismo.

— Claro, como queria que fosse?

— Bem. — Hesitou. Tentou ser indiferente. — Será que não poderia ignorar o que foi dito hoje e mandar o seu pessoal redigir um contrato, sem dizer a ninguém?

— Acho que sim — respondeu Edward, preocupado.

— Afinal de contas, é o sócio sênior. Isso deveria dizer alguma coisa.

— Com certeza que SIM.

— Simon Oliver poderia tratar da papelada discretamente. Pode confiar nele.

— Sim.

Micky mal podia acreditar que Edward concordasse tão prontamente.

— Talvez isso decidisse a minha permanência em Londres e evitasse que fosse chamado a Córdoba.

O criado trouxe o vinho e encheu-lhes os copos.

— Isso viria a ser descoberto — comentou Edward.

— Mas então já seria tarde demais. E poderia considerar como um erro dos escriturários.

Micky sabia que aquilo era impossível e duvidou que Edward aceitasse.

Mas ele ignorou tudo.

— Se ficar. — Parou e baixou os olhos.

— Sim?

— Se ficar em Londres, passará muitas noites em minha casa, de vez em quando?

Edward só estava interessado naquilo, percebeu Micky com uma sensação de triunfo. Fez o seu sorriso mais cativante.

— Claro!

Edward anuiu.

— Isso é tudo o que quero — Vou falar com o Simon esta tarde

— À amizade — disse Micky, pegando no copo.

Edward tocou com o copo no dele e sorriu, envergonhado.

— À amizade.

Sem aviso prévio, Emily mudou-se para a Casa Whitehaven. Embora todos ainda considerassem que aquela era a casa de Augusta, Joseph tinha deixado para Edward.

Consequentemente, não podiam expulsar Emily: isso seria motivo para um divórcio, e era isso que ela queria.

Na realidade, Emily era tecnicamente a dona da casa e Augusta apenas a sogra a viver às suas custas. Se Emily tivesse enfrentado Augusta diretamente, teria havido um grande choque de vontades. Augusta teria adorado que isso acontecesse, mas Emily era demasiado astuta para a confrontar abertamente.

— É a sua casa — disse Emily com doçura. — Faça o que quiser. Aquela condescendência era suficiente para fazer Augusta hesitar.

Ainda por cima, Emily tinha o título de Augusta; como esposa de Edward era agora a condessa de Whitehaven, ao passo que Augusta era a condessa viúva.

Esta continuava a dar ordens aos criados como se ainda fosse a dona da casa, e sempre que tinha oportunidade contradizia as ordens da nora. Emily nunca se queixava. No entanto, os criados tornaram-se subversivos. Preferiam Emily a Augusta — pois ela os tratava melhor

pensava esta — e faziam o possível por tornarem a vida de Emily confortável, apesar dos esforços da outra.

A arma mais poderosa que um patrão tinha era a ameaça de despedir sem uma carta de recomendação. Mais ninguém empregaria esse criado. Mas Emily retirara de Augusta aquela arma, com uma facilidade quase assustadora. Um dia, mandou fazer linguado para o almoço. Augusta mudou-opara salmão. Foi servido o linguado e ela despediu a cozinheira. Emily escreveu-lhe uma excelente carta de recomendação e ela foi contratada pelo duque de Kingsbridge com um salário melhor. E pela primeira vez desde o começo, os criados de Augusta deixaram de ter medo dela

Os amigos de Emily apareciam na Casa Whitehaven na parte da tarde. O chá era um ritual presidido pela dona da casa. Emily sorria docemente para Augusta e pedia-lhe que se encarregasse de tudo, e assim esta tinha que ser bem— Educada para com os amigos da nora, o que era quase tão mau como deixá-la desempenhar o papel de dona da casa.

O jantar era pior. Augusta tinha de ouvir os seus convidados dizerem que Lady Whitehaven era muito amável em deferir a sogra, deixando-a ocupar o lugar da cabeceira.

Alguém se antecipara a Augusta, o que era um a nova experiência. Normalmente, ela fazia pairar sobre as cabeças das pessoas a ameaça da expulsão do seu círculo de amigos. Mas era precisamente isso que Emily queria e isso evitava que se deixasse assustar.

Augusta estava determinada a nunca ceder. As pessoas começaram a convidar Edward e Emily para os acontecimentos sociais. Ela ia, quer o marido a acompanhasse, quer não. Todos começaram a reparar. Quando ela se escondera, em Leicestershire, o seu afastamento do marido podia não ser notado; mas com ambos a viverem na cidade, era embaraçoso.

Houve uma época em que Augusta fora indiferente à opinião da alta sociedade. Era tradição das pessoas ligadas à atividade comercial considerarem a aristocracia frívola, e não degenerada, e ignorar as suas opiniões, ou pelo menos fingir. Mas havia muito que Augusta abandonara esse orgulho de classe média. Era condessa viúva de Whitehaven e ansiava pela aprovação da elite de Londres.

Não poderia permitir que o filho declinasse grosseiramente dos convites das pessoas mais bem consideradas. Por isso, o obrigou a comparecer.

Esta noite era um caso assim. O marquês de Hocastle estava em Londres para um debate na Câmara dos Lordes, e a marquesa dava um jantar para os poucos amigos que não estavam no campo caçando. Edward e Emily iam, assim como Augusta.

Mas quando esta desceu as escadas, no seu vestido de seda preto, encontrou Micky Miranda em traje de noite, bebendo um uísque na sala. O seu coração apertou-se ao vê-lo, tão belo no colete branco e no colarinho alto. Ele se levantou e beijou sua mão.

Augusta ficou contente por ter escolhido aquele vestido, com um corpete curto que deixava à mostra o seu colo.

Edward se afastara de Micky, ao saber a verdade sobre Peter Middleton, mas apenas por alguns dias, e agora estavam mais íntimos que nunca. Augusta ficou contente. Não conseguia se zangar com Micky. Sempre soubera que ele era perigoso: e isso o tornava ainda mais desejável. As vezes tinha medo dele, sabendo que havia morto três pessoas, mas esse medo era excitante. Era a pessoa mais imoral que ela conhecera e desejou que ele a atirasse ao chão e a violentasse.

Micky ainda estava casado. Provavelmente poderia se divorciar de Rachel se quisesse -

havia rumores acerca dela e do irmão de Maisie Robinson, o membro radical do Parlamento -

mas não poderia fazer enquanto fosse embaixador.

Augusta sentou-se no sofá egípcio, com a intenção de que ele se sentasse a seu lado, mas, para seu desapontamento, Micky ocupou o lugar à sua frente.

— Por que razão você veio aqui? — perguntou ela, sentindo-se rejeitada.

— Eu e Edward vamos a uma luta de boxe profissional.

— Mas não vão mesmo! Ele vai jantar com o marquês de Hocastle.

— Ah! — Micky hesitou. — Será que me enganei. ou ele?

Augusta tinha a certeza de que fora Edward o responsável e duvidava de que tivesse sido um engano. Ele adorava ver boxe profissional e provavelmente tencionava se esquivar do jantar.

Teria que evitar que isso acontecesse.

— É melhor você ir sozinho — disse ela a Micky.

Uma expressão rebelde passou pelos olhos dele e, durante um momento, Augusta pensou que ele ia desafiar-lar. Estaria perdendo o poder

sobre aquele rapaz? Mas Micky levantou-se, devagar

— Então eu vou embora e a senhora explica a Edward — disse ele.

— Claro!

Mas era tarde de mais. Antes de Micky ter chegado à porta, Edward entrou.

Augusta reparou que a inflamação cutânea dele estava pior. Estendia-se pela garganta, na parte de trás do pescoço e chegava a uma orelha. Estava preocupada, mas o médico lhe garantira que não havia motivo para preocupações.

— Estou ansioso — disse ele, esfregando as mãos de excitação — Edward, não pode ir à essa luta de boxe — ordenou Augusta, com a sua voz mais autoritária.

Ele parecia uma criança a quem tivessem dito que o Natal fora cancelado.

— Por que não? — perguntou tristemente.

Augusta sentiu pena dele e quase mudou de ideia-Depois endureceu o coração.

— Sabe muito bem que temos um compromisso para jantar com o marquês de Hocastle.

— Não é hoje, ou é?

— Sabe bem que sim.

— Não vou.

— Mas você tem que ir!

— Mas ainda ontem fui jantar com Emily!

— E com o jantar de hoje são dois jantares civilizados em seguida.

— Mas por que raio. é que fomos convidados?

— Não fale assim com sua mãe!! Fomos convidados porque eles são amigos de Emily.

— A Emily pode ir para o. — Viu a expressão da mãe e se calou.

— Diga a eles que estou doente.

— Não seja ridículo.

— Acho que devo poder ir onde quero, mãe.

— Não pode ofender pessoas de estirpe!

— Quero ver as lutas de boxe!

— Não pode ir!

Nessa hora, Emily entrou. Não pôde deixar de perceber a atmosfera pesada da sala.

— O que se passa? — perguntou de imediato.

—

Vá buscar aquela droga de papel que está sempre me pedindo para assinar! — gritou Edward.

— Mas do que está falando? — perguntou Augusta-Que papel é esse?

— O papel de anulação do casamento-respondeu ele.

Ficou horrorizada — e entendeu furiosa, que nada daquilo fora accidental. Emily tinha planejado tudo assim. O seu objetivo fora irritar Edward. de tal maneira que ele assinaria qualquer coisa para se ver livre dela. Ainda por cima Augusta a ajudara inadvertidamente, insistindo para que Edward cumprisse as suas obrigações sociais. Sentiu-se uma idiota: permitira que a manipulassem. E agora o plano de Emily estava prestes a ser concretizado.

— Emily! Fique aqui! — exclamou ela.

Emily sorriu docemente e saiu.

— Não vai consentir nesta anulação! — disse Augusta para o filho.

— Tenho quarenta anos, mãe. Estou à frente do negócio da família e esta é minha casa.-

Não devia me dizer o que eu tenho que fazer.-respondeu Edward com rispidez. Tinha no rosto uma expressão mal-humorada e de teimosia, e Augusta receou que, pela primeira vez, ele a desafiasse. Começou a ficar assustada.

— Chegue aqui e sente, Teddy — pediu ela, num tom de voz mais suave. — temos um compromisso para jantar.

Ele sentou com relutância junto a ela.

Augusta tentou fazer uma festa no seu rosto, mas ele se esquivou — Não sabe tomar conta de você mesmo — começou ela. — isso você nunca soube! Por que é que Micky e eu sempre tomamos conta de você, desde que estava na escola?

— Talvez seja hora de parar — ele respondeu, ainda mais obstinado.

Augusta começou a ficar em pânico. Era como se tivesse perdendo o controle.

Antes de conseguir dizer mais alguma coisa, Emily entrou com um documento. Colocou-o na mesinha de estilo árabe, onde já havia canetas de tinta.

Augusta olhou para o rosto do filho. Poderia ele ter mais medo da mulher do que da mãe?

Pensou desesperadamente em roubar o documento, atirar as canetas para a lareira e entornar a tinta. Conteve— Porém. Talvez fosse melhor desistir e fingir que aquilo não tinha muita importância. Mas isso não valeria de nada: tinha tomado uma posição e proibido a anulação, e todos saberiam que fora derrotada.

— Vai ter que pedir a demissão do banco se assinar esse documento — tentou ela argumentar com o filho.

— Não vejo porquê — replicou ele. — Não é como um divórcio.

— A Igreja não se opõe a uma anulação, se os fundamentos forem genuínos — disse Emily.

Parecia uma citação: era certo que tinha se informado.

Edward se sentou à mesa, escolheu uma pena e molhou a ponta no tinteiro de prata.

Augusta fez a última tentativa.

— Edward! — exclamou ela numa voz que tremia de raiva. — Se assinar esse papel, nunca mais falarei com você!

Ele hesitou, e depois começou a escrever. Todos estavam em silêncio. A mão movia-se e o som da pena no papel parecia o de um trovão.

Edward pousou a pena.

— Como é que pode tratar a sua mãe desta maneira? perguntou Augusta com um soluço genuíno.

Emily cobriu a assinatura de areia e pegou no documento.

Augusta interpôs-se entre ela e a porta.

Edward e Micky observavam as duas mulheres a se enfrentarem, admirados e imóveis.

— Dê-me esse papel — ordenou Augusta.

Emily aproximou-se, hesitou, e de repente, a esbofeteou para espanto geral.

A pancada soou. Augusta gritou de surpresa e dor e vacilou.

Emily passou rapidamente por ela, abriu a porta e saiu da sala, ainda agarrando o documento.

Augusta se sentou pesadamente na cadeira mais próxima e começou a chorar.



Ouviu Edward e Micky saírem da sala. Sentiu-se velha, derrotada e sozinha.

A emissão das ações no valor de dois milhões de libras foi um fiasco bem pior do que Hugh receara. Na data limite, o Banco Pilaster tinha apenas vendido títulos no valor de quatrocentos mil libras e, no dia seguinte, o preço baixou imediatamente. Hugh ficou contente por ter obrigado Edward a vender os títulos por comissão em vez de subscrevê-los.

Na manhã da segunda-feira seguinte, Jonas Mulberry trouxe o resumo das atividades comerciais da semana anterior, que era entregue a cada um dos sócios. Antes do homem ter abandonado a sala, Hugh reparou numa discrepância.

— Só um momento, Mulberry — disse ele. — Isto não pode estar certo. — Havia uma enorme queda no dinheiro em caixa, acima de um milhão de libras, e Hugh acrescentou:— Não houve nenhuma grande retirada, não é mesmo?

— Que eu saiba, não, Mr. Hugh — respondeu Mulberry. Hugh olhou em volta, Todos os sócios ali estavam, com exceção de Edward, que ainda não chegara.

— Alguém se lembra de um grande levantamento na semana passada?

Ninguém se lembrava.

Hugh levantou-se.

— Vamos verificar — disse ele para Mulberry.

Subiram as escadas até à sala dos escriturários. Aquilo que procuravam era volumoso demais para ter sido uma retirada em dinheiro. Só podia ser uma transação interbancária. Hugh lembrou-se de que, nos seus dias como escriturário, havia um jornal onde essas transações eram atualizadas diariamente. Sentou-se a uma mesa.

— Traga-me o livro interbancário, por favor — pediu ele a Mulberry.

Mulberry puxou um grande livro de uma prateleira e colocou-o na sua frente.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa, Mr. Hugh? — perguntou outro escriturário. — Sou eu o responsável por esse livro. — Ele tinha um ar preocupado e Hugh percebeu que ele receava ter cometido um erro.

— Você é o Clemmow, não é? — perguntou Hugh.

— Sim, sir.

— Quantos grandes levantamentos foram efetuados na semana passada, no valor de um milhão de libras, ou mais?

— Só um — respondeu o escriturário de imediato. — A Companhia do Porto de Santamaría levantou um milhão e oitocentos mil, o preço da emissão dos títulos, menos a comissão.

Hugh levantou-se de um salto.

— Mas eles não tinham tanto dinheiro! só levantaram quatrocentas mil libras!

Clemmow empalideceu.

— O lançamento foi de títulos no valor de dois milhões de libras.

— Mas nós não nos comprometemos a pagar a emissão, era tudo numa base comissional — Verifiquei o saldo, era de um milhão e oitocentas mil libras.

— Raios! — gritou Hugh. Todos os escriturários na sala olharam para ele. — Mostrem-me os registros!

Um escriturário sentado no canto oposto da sala puxou de um livro enorme, o levou a Hugh e abriu-o numa página marcada com a indicação “Companhia Docas de Santamaría”,

Havia apenas três registros: um crédito de dois milhões de libras, o débito de duzentas mil libras de comissão para o banco e a transferência do saldo para outro banco.

Hugh ficou lívido. O dinheiro desaparecera. Se apenas tivesse sido creditado a outra conta, por engano, o erro teria sido facilmente retificado. Mas fora retirado do banco no dia seguinte.

Aquilo sugeria uma fraude bem planeada.

— Juro que alguém vai parar na cadeia por isto! — exclamou, irado. — Quem anotou estas entradas?

— Fui eu, sir — respondeu o escriturário que lhe entregara o livro. Tremia de medo.

— Com base em quais instruções?

— A papelada do costume. Estava tudo em ordem.

— De onde provinha?

— De Mr. Simon Oliver.

Simon Oliver era de Córdoba e era também primo de Micky Miranda. Hugh suspeitou imediatamente de que ele deveria estar por trás

da fraude. Não quis continuar as suas investigações na frente de vinte escriturários—Já estava arrependido de ter deixado que eles ficassem sabendo do problema. Mas, ao começar, não sabia que iria descobrir um desfalque tão grande!

Oliver era o escriturário de Edward e trabalhava no mesmo salão dos sócios com Mulberry—

Descubra imediatamente onde está Mr. Oliver e leve— O à sala dos sócios — disse Hugh a Mulberry. Continuará ali as investigações, com os outros sócios.

— Certo, Mr. Hugh — replicou Mulberry. — Vocês voltem todos ao trabalho, agora! — ordenou aos restantes.

Estes voltaram para as suas secretárias e pegaram nas penas, mas antes mesmo de Hugh ter abandonado a sala começou um burburinho excitado Hugh regressou à sala dos sócios.

— Houve uma grande fraude — anunciou ele, sombrio. A Companhia do Porto de Santamaría recebeu o total da emissão dos títulos, apesar de termos vendido apenas quatrocentos mil.

Todos ficaram horrorizados.

— Como diabo é que isso aconteceu? — perguntou o "Jovem"William.

— O dinheiro foi creditado na conta deles e transferido imediatamente para outro banco.

— Quem é o responsável?

— Acho que é Simon Oliver, o escriturário de Edward. — Já o mandei chamar, mas desconfio que o estupor já deve estar a bordo de um navio, rumo a Córdoba.

— Podemos reaver o dinheiro? — perguntou Sir Harry.

— Não sei. Nessas alturas já podem tê-lo tirado do país.

— Não podem construir um porto com dinheiro roubado!

— Talvez não queiram construir um porto. Pode ter sido tudo uma grande fraude.

— Meu Deus!

Mulberry entrou — e, para espanto de Hugh, acompanhado por Simon Oliver. Aquilo significava que Oliver não-tinha roubado o — dinheiro. Tinha um contrato de grande espessura na mão. Parecia assustado! Sem dúvida que o comentário de Hugh, de que alguém iria para a cadeia, já tinha chegado aos seus ouvidos.

— O contrato diz que a emissão de títulos de Santamaría iria ser paga — afirmou ele, sem qualquer preâmbulo. Estendeu o documento a Hugh com uma mão vacilante.

— Os sócios concordaram que estes títulos iriam ser vendidos numa base comissional -

retorquiu Hugh.

— Mr. Edward disse para redigir um contrato de compromisso de pagamento.

— Pode prová-lo?

— Sim!

Entregou a Hugh outra folha de papel. Era um resumo do contrato, uma nota sobre os termos do acordo, dado por um sócio ao escriturário que deveria redigir o contrato completo.

Era a letra de Edward e estava bem explícito que o empréstimo deveria ser pago.

Aquilo confirmava as coisas. Edward fora o responsável! Não houvera qualquer fraude, e não havia maneira de se recuperar o dinheiro. Toda a transação fora perfeitamente legítima.

Hugh estava abismado e furioso.

— Está bem, Oliver, pode se retirar — disse ele.

Oliver não se mexeu.

— Espero poder presumir que não estou sob suspeita, Mr. Hugh.

Hugh não estava completamente convencido de que Oliver era inocente, mas se viu obrigado a negá-lo.

— Não é culpado de nada que tenha feito sob as ordens de Mr. Edward.

— Obrigado, sir.

Oliver saiu.

Hugh olhou para os sócios.

— Edward foi contra a nossa decisão coletiva — disse ele, com amargura. — Alterou as condições da emissão nas nossas costas. E isso nos custou um milhão e quatrocentos mil libras.

— Que horror! — murmurou Samuel, sentando-se pesadamente.

Sir Harry e o major Hartshorne estavam perplexos.

— Estamos falidos? — perguntou William

Hugh percebeu que a pergunta era dirigida a ele. Bem, estariam eles falidos? Ele refletiu por um momento antes de responder

Tecnicamente, não — respondeu ele. — Embora a nossa reserva em dinheiro tenha sofrido uma redução de um milhão e quatrocentas mil libras, os títulos estão no outro lado da nossa folha de saldo, avaliados em quase o seu preço de aquisição. Por isso os nossos bens são equivalentes aos nossos compromissos financeiros, e temos dinheiro -Desde que o preço não caia-acrescentou Samuel.

— Sim. Se acontecesse alguma coisa que fizesse baixar o preço dos títulos sul-americanos, estaríamos metidos em apuros. — Pensar que o poderoso Banco Pilaster estava tão fraco fazia com que ele se revoltasse contra Edward.

— Será que podemos abafar isto? — perguntou Sir Harry.

— Duvido — respondeu Hugh. — Receio não ter tentado ocultar as coisas na sala dos escriturários. Todo mundo no prédio deve saber e, depois do almoço, já terá se espalhado pela City.

Jonas Mulberry colocou uma questão prática.

— E a nossa liquidez, Mr. Hugh? Precisamos de um grande depósito antes do fim da semana, para enfrentarmos os levantamentos rotineiros. Não podemos vender os títulos do porto, baixaria o preço.

Mulberry tinha razão. Hugh pensou um pouco no assunto.

— Vou pedir emprestado ao Banco Colonial um milhão de libras. O velho Cunliffe vai abafar o assunto. Isso dará para nos aguentarmos. — Olhou em redor para os outros sócios. — Isto resolverá as emergências. No entanto, o banco está perigosamente fraco. A médio prazo, teremos de corrigir essa situação.

— E Edward? — perguntou William.

Hugh sabia o que o primo tinha que fazer: Ele deveria se demitir. Mas queria que fosse outro a dizê-lo, por isso ficou calado,

— Edward tem que se demitir do banco — respondeu Samuel. — Nenhum de nós poderia voltar a confiar nele.

— Mas ele pode retirar o seu capital — disse William.

— Não pode — assegurou Hugh. — Não temos dinheiro. Essa ameaça deixou de ter efeito.

— Claro — anuiu William —, não tinha pensado nisso.

— Então quem ira ser o sócio sênior? — perguntou Sir Harry.

Houve um momento de silêncio.

— Oh, pelo amor de Deus, ainda há dúvidas? — perguntou Samuel.  
— Quem é que descobriu a fraude de Edward? Quem é que nos liderou

durante a crise? A quem é que têm pedido conselhos? Durante a última hora as decisões foram tomadas por uma pessoa. Todos vocês se limitaram a fazerem perguntas e a parecerem impotentes. Sabem quem tem que ser o próximo sócio sênior

Hugh foi apanhado de surpresa. Tinha estado concentrado nos problemas do banco e não pensara na sua posição. Agora percebia que Samuel tinha razão. Os outros tinham estado mais ou menos inertes. Desde que reparara na discrepância do resumo semanal, agira como se fosse ele o sócio sênior. E sabia que era o único capaz de conduzir o banco durante a crise.

Lentamente, percebeu que estava prestes a alcançar o seu sonho: ia ser sócio sênior do Banco Pilaster. Olhou para William, Harry e George. Todos eles tinham um ar envergonhado. Havia provocado o desastre permitindo que Edward se tornasse sócio sênior. Agora sabiam que Hugh sempre tivera razão. Desejavam tê-lo ouvido mais cedo, e naquele momento ansiavam por compensar o seu erro. Dava para perceber em seus rostos que queriam que ele tomasse posse.

Mas teriam que dizer!

Olhou para William, que era o Pilaster mais velho depois de Samuel.

— O que você acha?

Ele hesitou apenas um segundo.

— Acho que deve ser sócio sênior, Hugh.

— Major Hartshorne?

— Concordo.

— Sir Harry?

— Claro, e espero que aceite.

Hugh respirou fundo.

— Obrigado por essa confiança. Aceito! Espero poder conduzir a todos através desta calamidade, com a nossa reputação e as nossas fortunas intactas.

Nesse momento, Edward entrou.

Houve um silêncio embaraçoso. Tinham estado falando dele quase como se estivesse morto e foi um choque voltarem a vê-lo na sala. A princípio ele não notou o clima - Todo o banco se encontra em turbilhão — Comentou ele— Os empregados mais novos correm de um lado para o

outro, os mais graduados sussurram nos corredores, quase ninguém trabalha. o que está acontecendo?

Ninguém respondeu.

O seu rosto ficou consternado, e surgiu nele uma expressão de culpa.

— O que é que se passa? — perguntou, mas Hugh viu que ele adivinhara.

— É melhor me contarem por que motivo estão todos olhando para mim — insistiu — Afinal de contas, sou o sócio sênior!.

— Não, não é mais. — disse Hugh. — Agora, sou eu.

### CAPÍTULO III

#### NOVEMBRO

Miss Dorothy Pilaster casou com o visconde Nicholas Ipswich no Salão Metodista, de Kensington, numa manhã fria e luminosa de Novembro. A cerimônia foi simples, apesar do sermão ter sido longo. Depois, um almoço de consome quente, linguado de Dover e galinha silvestre assada, foi servido para 300 pessoas, numa vasta barraca, no jardim da casa de Hugh.

Ele sentia-se muito feliz. A irmã exibia uma beleza radiante, e seu marido foi encantador com todos. Mas a pessoa mais feliz era a mãe de Hugh. Sorrindo extasiada, sentou ao lado do pai do noivo, o duque de Norwich. Pela primeira vez em 24 anos ela não vestia preto: usava um traje de cashmere azul-acinzentado, que realçava os cabelos grisalhos e os serenos olhos cinzentos. Sua vida fora atormentada com o suicídio do marido e sofrera anos de extrema pobreza, mas agora, na casa dos sessenta anos, tinha tudo o que desejava. A linda filha tornara-se a viscondessa Ipswich, e um dia seria a duquesa de Norwich, enquanto o filho era rico e bem-sucedido, o sócio sênior do Pilasters Bank.

— Eu costumava pensar que tinha muito azar — murmurou ela para Hugh, entre os pratos. — Estava enganada. — Pôs a mão no braço do filho, como que a abençoá-lo. — Tenho muita sorte.

Hugh teve vontade de chorar. Uma vez que nenhuma das mulheres queria se vestir de branco (com receio de estar competindo com a noiva), ou de preto (porque era reservado a funerais), os convidados ofereciam um espetáculo colorido. Pareciam ter escolhido cores quentes para afastar o frio do outono: laranja brilhante, amarelo carregado, vermelho— Morango e cor-de--rosa fúcsia. Os homens utilizavam o preto, o branco e o cinzento, como sempre. Hugh envergava um fraque com punhos e lapelas de veludo: era preto, mas, como sempre,— ele desafiava as convenções com uma gravata de seda azul-forte, a única excentricidade a que se permitia. Era tão respeitável que, por vezes, sentia uma certa nostalgia da época em que fora a ovelha— Negra da família.

Ele tomou um gole do Château Margaux, o seu vinho tinto favorito. Era um suntuoso desjejum nupcial para um casal muito especial, e Hugh sentia-se contente por ter condições de pagá-lo.

No entanto, não podia deixar de sentir uma certa culpa por estar gastando todo aquele dinheiro num momento em que o Banco Pilaster



estava tão fraco. Ainda tinham um Milhão e quatrocentas mil libras em títulos do porto de Santamaría mais outros títulos de Córdoba avaliados em quase um milhão de libras; e não podiam vende-los sem causar uma descida no preço, que era exatamente o que Hugh temia. Iria levar pelo menos um ano para fortalecer a folha de saldos. Contudo, conduzira o banco durante a crise anterior e agora tinham dinheiro suficiente para enfrentarem saques normais, durante um futuro próximo e estável.

Edward já deixara por completo de ir ao banco, embora tecnicamente permanecesse sócio até o final do ano financeiro. Estavam seguros em relação a tudo, com exceção de uma catástrofe inesperada, como uma guerra, um tremor de terra ou a peste. Tudo pesado, sentia que tinha direito a dar à sua única irmã um casamento caro.

E isso era bom para o Banco Pilaster. Todas as pessoas da comunidade financeira sabia que o banco tinha mais de um milhão de libras empatadas no porto de Santamaría. Aquela festa transmitia confiança, assegurando às pessoas que os Pilaster ainda eram muitíssimo ricos. Um casamento barato teria levantado suspeitas.

O dote que a irmã de Hugh, Dotty, iria receber, no valor de cem mil libras, tinha sido entregue ao marido, permanecendo ainda investido no banco, a render cinco por cento. Nick poderia sacá-lo, mas não precisaria dele todo de uma vez. Retiraria gradualmente, à medida que pagava as hipotecas do pai e reorganizava a propriedade. Hugh ficara contente por ele não querer o dinheiro logo de imediato, pois os grandes saques dificultavam as coisas no banco.

Todos estavam a par do grande dote. Hugh e Nick não tinham conseguido manter o assunto completamente secreto e era o tipo de assunto que circulava depressa. Era o tema de conversa em Londres. Hugh calculou que, naquele momento, deveria estar sendo discutido em pelo menos, metade das mesas.

Olhando ao redor, viu um convidado que não estava se divertindo — Realmente, tinha um ar miserável, como um eunuco numa orgia: a tia Augusta.

— A sociedade londrina degenerou-se completamente — disse Augusta ao coronel Mudeford.

— Receio bem que tenha razão, Lady Whitehaven — murmurou ele, delicadamente.

— Qualquer um pode pertencer à nobreza — prosseguiu ela os Judeus são admitidos em toda parte

— É verdade.

— Eu fui a primeira condessa de Whitehaven, mas os Pilaster foram uma família bastante distinta durante um século, antes de serem honrados com um título; ao passo que hoje um homem, cujo pai é operário, pode obter um título apenas por ter feito fortuna vendendo salsichas.

— De fato. — O coronel Mudford virou-se para a mulher sentada do outro lado— Mrs, Toleston, posso lhe arranjar mais um pouco do molho de groselha?

Augusta perdeu o interesse nele. Estava fervendo de raiva com o espetáculo a que era obrigada a assistir. Hugh Pilaster, filho do falido Tobias dar Château Margaux a trezentos convidados; Lydia Pilaster, viúva de Tobias, sentada ao lado do duque de Norwich.

Dorothy Pilaster, filha de Tobias, casada com o visconde de Ipswich, e tendo o maior dote de que alguma vez se ouvira falar. E o seu filho, o querido Teddy, o rebento do grande Joseph Pilaster, fora sumariamente demitido das suas funções de sócio sênior e, em breve, iria ter o seu casamento anulado.

Já não havia regras! Qualquer pessoa poderia entrar na sociedade!

Como que a prová-lo, avistou o maior entre todos os arrivistas: Mrs.Solly Greenbourne, ex— Maisie Robinson. Era espantoso Hugh ter tido o desplante de convidá-la, uma mulher cuja vida inteira fora um escândalo. Primeiro, fora praticamente uma prostituta, depois casara com o judeu mais rico de Londres e agora dirigia um hospital onde mulheres que não eram melhores do que ela davam à luz aos seus bastardos. Mas ali estava ela, sentada na mesa ao lado, com um vestido da cor da nova moeda de cobre, falando muito séria com o diretor do Banco de Inglaterra. Provavelmente, estava falando de mães solteiras. E ele estava ouvindo!

— Ponha-se no lugar de uma criada solteira — disse Maisie ao diretor. Ele ficou surpreso e ela reprimiu um sorriso. — Pense nas consequências de se tornar mãe: irá perder o emprego e a casa, não terá como se sustentar, e o seu filho não terá pai. Nessa hora, pode então pensar: “Ora, sempre posso fazer um aborto no hospital de Mrs. Greenbourne, em Southwark”.

Acha que eu concordaria? Claro que não! Meu hospital não faz nada para encorajar as moças à imoralidade. Apenas evito que tenham seus filhos na sarjeta.

Dan Robinson, sentado ao lado da irmã, juntou-se à eles.

— É como a nova lei bancária que estou propondo ao Parlamento, que obrigaria todos os banqueiros a exigir um seguro em benefício dos pequenos depositantes.

— Eu sei disso — disse o governador.

— Alguns críticos dizem que isso encorajaria a bancarrota, tornando-a menos dolorosa — disse Dan— Mas isso é um disparate. Nenhum banqueiro estaria interessado em falhar, fosse sob que circunstâncias fossem.

— Tem toda a razão.

— Quando um banqueiro faz um negócio, não pensa que pode deixar uma viúva em Bournemouth na indigência por causa de sua imprudência. preocupa-se apenas com sua própria riqueza. Da mesma forma, fazer as crianças ilegítimas sofrerem não contribui em nada para desencorajar homens inescrupulosos a seduzirem pobres criadas.

— Estou vendo onde quer chegar — disse o diretor com uma expressão aflita -

Um. ah. paralelo muito. original.

Maisie achou que já o tinham atormentado o suficiente e voltou-se para o outro lado deixando que se concentrasse na comida. Dan comentou: — Já reparou como os títulos de nobreza são sempre atribuídos às pessoas erradas? Olhe só para Hugh e seu primo Edward. Hugh é honesto, talentoso e trabalhador, ao passo que Edward é tonto, preguiçoso e sem qualquer valor; no entanto, é ele o conde de Whitehaven e o Hugh é apenas um simples Mr. Pilaster.

Maisie tentava não olhar para Hugh. Embora estivesse contente por ter sido convidada, era-difícil vê-lo no seio da família. A mulher, os filhos, a mãe e a irmã formavam um círculo familiar bastante fechado que a deixava de fora. Sabia que o casamento dele com Nora não era feliz: era óbvio pelo modo como se dirigiam um ao outro, nunca se tocavam, nunca sorriam, nunca mostravam afeto. Mas eram uma família e ela nunca faria parte dela.

Desejou não ter ido ao casamento.

Um criado veio ter com Hugh e murmurou-lhe:

— Há uma chamada do banco para o senhor.

— Agora não posso atender — respondeu Hugh.

Uns minutos mais tarde o mordomo apareceu.

— Está ao telefone Mr. Mulberry, do banco, sir, e pergunta pelo senhor — Agora não posso atender! — exclamou ele, irritado.

— Muito bem, sir. — O mordomo afastou-se.

— Não, espere — pediu Hugh. Mulberry sabia que Hugh estava no meio da recepção do casamento. Era um homem inteligente e responsável.

Nunca insistiria em falar com Hugh, a menos que algo não estivesse bem.

Nada bem

Hugh sentiu um arrepio de medo.

— É melhor falar com ele — disse Hugh. Levantou-se, dizendo:— Por favor, desculpem-me, mãe, Vossa Senhoria, tenho de tratar de uns assuntos. Saiu da barraca apressado, atravessou o gramado e entrou em casa.

O telefone estava na biblioteca. Pegou no aparelho.

— Fala Hugh Pilaster.

Ouviu a voz do seu escriturário.

— É o Mulberry, sir Desculpe ter.

— O que aconteceu?

— Um telegrama de Nova Iorque. Começou uma guerra em Córdoba.

— Oh, não! — Aquilo era uma notícia catastrófica para Hugh, para a família e para o banco.

Nada podia ser pior.-

Guerra civil, na realidade — prosseguiu Mulberry. — Uma rebelião. A família Miranda atacou a capital, Palma.

O coração de Hugh batia a toda a velocidade.

— Há alguma indicação da sua força? -se a rebelião pudesse ser rapidamente esmagada, ainda havia esperança.

— O presidente García fugiu.

— Raios! — Aquilo queria dizer que a coisa estava feia. Amaldiçoou amargamente Micky e Edward. — Mais alguma coisa?

— Recebemos outro telegrama da nossa filial em Córdoba, mas ainda estamos decodificando — Telefone-me logo que esteja pronto.

— Muito bem, sir.

Hugh desligou o telefone com força, falou com a telefonista e pediu o número do corretor utilizado pelo banco. Esperou, enquanto o homem era chamado ao telefone.

— Danby, fala Hugh Pilaster. O que está acontecendo com os títulos de Córdoba?

— Estamos oferecendo à metade do preço e não há compradores.

"Metade do preço!", pensou Hugh. Os Pilaster já estavam falidos. Ficou desesperado.

— Até quanto irão descer?

— Acho que até zero. Ninguém paga juros sobre títulos de um governo no meio de uma guerra civil.

Zero. Os Pilaster tinham perdido dois milhões e meio de libras. Agora não havia esperança de uma recuperação gradativa do banco. Tentando se agarrar a qualquer coisa, Hugh perguntou:

— Suponhamos que os rebeldes sejam eliminados nas próximas horas, o que é que acontece?

— Creio que ninguém compraria os títulos, mesmo assim. — respondeu Danby. — Os investidores irão esperar para ver o que acontece. Na melhor das hipóteses, levarão de cinco a seis semanas até estarem de novo confiantes.

— Entendo. — Hugh sabia que Danby estava certo. O corretor confirmava o que seu instinto já lhe dissera.

— Não haverá maiores problemas com o seu banco, não é mesmo? — perguntou Danby, preocupado. — Vocês devem ter muitos títulos destes. Circulou a informação de que quase não conseguiriam vender o lançamento do porto de Santamaría.

Hugh hesitou. Detestava contar mentiras. Mas a verdade iria destruir o banco.

— Temos mais títulos de Córdoba do que eu gostaria, Danby. Mas temos também temos muitas outras coisas.

— Ainda bem.

— Tenho de voltar para os meus convidados. — Não era nada disso que ele tencionava fazer, mas queria passar uma impressão de calma. — Estou oferecendo uma recepção para trezentas pessoas. minha irmã casou esta manhã.

— Ouvi falar nisso. Parabéns.

— Adeus.

Antes que Hugh pudesse pedir outro número, Mulberry tornou a ligar — Mr. Cunliffe do Banco Colônia está aqui, sir — disse ele, e Hugh percebeu o pânico na sua voz. — Exige que lhe paguem o empréstimo.

— Maldito seja! — exclamou Hugh, com fervor.

O Banco Colonial emprestara ao Pilasters um milhão de libras, para sustenta-lo durante a crise, mas o dinheiro deveria ser pago de imediato à vista, quando o fosse exigido. Cunliffe soubera da guerra civil, acompanhara a queda dos títulos cordoveses, e sabia que o Pilasters se encontrava em situação precária. Naturalmente, queria tirar o seu dinheiro antes que o banco estourasse.

E era apenas o primeiro. Outros se seguiriam. Amanhã de manhã, os depositantes fariam fila na porta, querendo o seu dinheiro e Hugh, não poderia pagar.

— Temos um milhão de libras, Mulberry?

— Não, sir.

O peso da palavra caiu sobre os ombros de Hugh e ele se sentiu velho Aquilo era o fim. Era o pesadelo do banqueiro: as pessoas virem buscar seu dinheiro e o banco não ter como pagar.

Acontecia agora com Hugh.

— Diga a Mr. Cunliffe que não conseguiu obter autorização para assinar o cheque, uma vez que todos os sócios estão no casamento — disse Hugh, — Muito bem, Mr. Hugh.

— E depois.

— Sim, sir?

Hugh fez uma pausa. Sabia que não tinha alternativa, mas ainda hesitou ao dizer aquelas terríveis palavras. Fechou os olhos. "É melhor acabar logo com isso!" — E depois, Mulberry, tem de fechar as portas do banco.

— Oh, Mr. Hugh!

— Desculpe, Mulberry.

Ouviu um barulho esquisito na linha e percebeu que Mulberry estava chorando.

Olhando para as prateleiras cheias de livros, desligou o telefone da sua biblioteca, viu a grande fachada do Banco Pilaster e imaginou as suas portas de ferro ornamentadas a fecharem-se. Viu alguns transeuntes parando e olhando. Pouco depois reunia-se uma grande multidão, apontando para as portas fechadas e falando excitadamente. A notícia iria

se espalhar pela City mais rapidamente que o fogo num depósito de óleo “O Banco Pilaster faliu, o Banco Pilaster faliu”

Hugh enterrou o rosto nas mãos.

— Estamos absolutamente sem dinheiro! — declarou Hugh.

Eles não entenderam a princípio. Dava para perceber por seus rostos.

Haviam se reunido na sala de estar da sua casa. Era uma sala cheia de coisas, decorada por Nora, que adorava cobrir cada peça de mobília com tecidos floridos e encher cada superfície com ornamentos. Os convidados haviam finalmente se retirado — Hugh não dera as más notícias enquanto a festa não terminara, mas a família ainda estava com a indumentária do casamento. Augusta estava sentada junto a Edward, ambos com expressões desdenhosas e descrentes; Tio Samuel ao lado de Hugh. Os outros sócios,— o "Jovem"

William, o major Hartshorne e Sir Harry,— mantinham-se de pé atrás de um sofá, onde as suas esposas, Beatrice, Madeleine e Clementine, estavam sentadas.

Nora, corada devido ao champanhe, sentava-se na sua poltrona habitual, ao lado do fogo. Os recém— Casados, Nick e Dotty, de mãos dadas, pareciam assustados. Hugh sentiu pena deles.

— O dote da minha irmã se perdeu, Nick. Receio que todos os nosso planos tenham ido por água abaixo.

Tia Madeleine protestou, a voz estridente: — Você é o sócio sênior. a culpa deve ser sua!

Ela estava sendo estúpida e maldosa. Era uma reação previsível, mas mesmo assim Hugh sentiu-se magoado. Era injusto que ela o culpasse depois que lutara com tanto empenho para evitar o desastre. Mas William, o irmão mais moço, apressou-se em corrigi-la com uma surpreendente rispidez.

— Não diga disparates, Madeleine — disse ele. — O Edward nos enganou a todos e sobrecarregou o banco com uma quantidade imensa de títulos de Córdoba que agora não valem nada. — Hugh ficou-lhe grato por ter sido honesto. William prosseguiu: — A culpa é de quem deixou Edward chegar a sócio sênior. — Olhou para Augusta

Nora parecia aturdida, e murmurou:

— Não podemos estar sem dinheiro!

— Mas estamos — reiterou Hugh, paciente.— Todo o nosso dinheiro está no banco e o banco quebrou. Havia alguma desculpa para sua esposa não compreender: ela não nascera numa família bancária.

Augusta levantou-se e foi até a lareira Hugh se perguntou se ela tentaria defender o filho, mas Augusta não era tão tola assim

— Não interessa de quem é a culpa — disse ela. — Temos que salvar o que pudermos. Ainda deve haver muito dinheiro no banco, ouro e notas. Podemos retirar tudo e esconder em um local seguro, antes que os credores peguem. Depois.

— Não vamos fazer nada disso— interrompeu Hugh. — O dinheiro não é nosso.

— Claro que é! — exclamou ela.

— Cale a boca e sente-se Augusta, ou mandarei os criados expulsarem— Na daqui.

Ela ficou suficientemente surpreendida para se calar, mas não se sentou.

— Há dinheiro no banco e, como ainda não fomos oficialmente declarados falidos, podemos escolher pagar a alguns dos credores — disse Hugh. — Todos terão de dispensar os criados: e se os mandarem para a porta lateral do banco com uma nota dizendo o quanto lhes é devido, providenciarei o pagamento. Devem pedir a todos os comerciantes com os quais mantêm contas para lhes apresentar o saldo devedor, e providenciarei também o pagamento deles. mas só até à data de hoje: não pagarei nenhuma das dívidas que acumularem daqui em diante.

— Quem é você para me mandar dispensar meus criados?— Protestou Augusta, indignada.

— Hugh estava propenso a sentir compaixão pela situação crítica em que todos se encontravam, apesar de ter sido provocada por eles próprios: mas começava a ficar cansado daquela obtusidade deliberada, e disse bruscamente:

— Se não dispensá-los, eles sairão de qualquer maneira, porque não serão mais pagos. Tia Augusta, tente compreender: você não tem mais dinheiro.

— Isso é ridículo — resmungou ela.

— Não posso despedir os criados-disse Nora. — Não é possível viver numa casa como essa sem criados.



— Quanto a isso, não precisa se preocupar-respondeu Hugh. — Não vai mais viver numa casa como essa. Terei de vendê-la. Todos nós teremos de vender nossas casas, móveis, obras de arte, adega e joias.

— Isso é um absurdo! — exclamou Augusta.

— É a lei — retorquiu Hugh. — Cada sócio é pessoalmente responsável por todas as dívidas do negócio.

— Eu não sou um dos sócios — afirmou Augusta.

— Mas o Edward é. Demitiu-se do cargo de sócio sênior, mas no papel continua sócio E ele é dono da casa onde a tia vive. Tio Joseph deixou-a para ele Nora interveio:

— Temos de morar em outro lugar

— A primeira coisa a fazer amanhã é procurar casas pequenas e baratas para alugar. Se escolherem uma coisa modesta, os nossos credores darão autorização. Se assim não for, terão de escolher novamente.

— Não tenho a menor intenção de sair da minha casa e ponto final. E imagino que o resto da família pensa o mesmo. — Olhou para a cunhada. — Madeleine?

— Tem toda razão Augusta.-respondeu Madeleine. George e eu ficaremos onde estamos.

Tudo isto é um disparate. Não podemos estar na miséria.

Hugh sentiu desprezo por elas. Mesmo agora, quando a arrogância e a estupidez as tinham arruinado, recusavam-se a ouvir a voz da razão. No fim, teriam de desistir das suas ilusões.

Mas se tentassem agarrar as riquezas que já não lhes pertenciam, destruiriam a reputação da família, bem como a sua fortuna. Estava determinado a fazer com que se portassem com uma honestidade escrupulosa, tanto na pobreza, como na riqueza. Iria ser uma luta difícil, mas não iria desistir.

— Clementine, tenho a certeza de que você e o Harry partilham de da nossa opinião — disse Augusta, virando-se para a filha.

— Não, mãe — retorquiu Clementine.

Augusta deixou de respirar. Hugh ficou igualmente perplexo. Não era nada normal a sua prima Clementine ir contra a mãe. "Pelo menos alguém na família tem senso comum" pensou ele.

— Foi o fato de termos lhe dado ouvidos que nos metemos nesta encrenca — acrescentou Clementine.-se tivéssemos escolhido Hugh para sócio sênior, em vez de Edward, ainda seríamos tão ricos quanto Cresco

Hugh começou a se sentir melhor. Pelo menos alguém da família tinha compreendido o que ele tentara fazer.

— Você estava errada, mãe, e nos arruinou. Nunca mais aceitarei seus conselhos. Hugh estava certo, e é melhor que todos concordemos que ele nos guie através deste terrível desastre.

— Tem toda razão Clementine — concordou William. Vamos fazer qualquer coisa que Hugh aconselhar.

As linhas da batalha haviam sido traçadas. Do lado de Hugh encontravam-se William, Samuel e Clementine, que mandava no marido, Sir Harry. Iriam tentar portar-se com decência e honestidade.

Contra ele estavam Augusta, Edward e Madeleine, que falava pelo major Hartshorne: Tentariam arrebatá-lo o que pudessem, e deixariam que a reputação da família se danasse. Mas foi neste instante que Nora declarou, num tom de desafio - Você terá que me arrastar para fora desta casa.

Hugh sentiu na boca um gosto amargo. A sua própria mulher estava se juntando ao inimigo.

— Você é a única pessoa nesta sala que foi contra a opinião do seu marido ou esposa — disse ele, tristemente. — Não acha que me deve uma certa lealdade?

Nora sacudiu a cabeça: — Não casei com você para viver na miséria! — Mesmo assim, vai deixar esta casa — disse ele, implacável.

Olhou para os outros intransigentes: Augusta, Edward, Madeleine e o Major Hartshorne. — Todos vocês terão que ceder, eventualmente — disse ele. — Se não o fizerem agora, com dignidade, farão depois em desgraça, com a presença de oficiais de justiça, guardas e repórteres de jornais, criticados pela imprensa sensacionalista e insultados por seus criados sem pagamento.

— É o que veremos! — disse Augusta.

Depois dos outros terem ido embora, Hugh sentou-se e ficou olhando para o fogo, vasculhando o cérebro à procura de algum meio de pagar os credores do banco.

Estava decidido a não permitir que o Pilaster Bank caísse na falência formal. Era uma perspectiva angustiante demais. Passara toda a sua vida à sombra da bancarrota do pai. Toda a sua carreira fora uma tentativa de provar que não se contaminara. No fundo de seu coração, temia que, se sofresse o mesmo destino do pai também poderia ser levado a se matar.

O Banco Pilaster estava liquidado como banco. Fechara as portas aos depositantes, e tal situação era irremediável. A longo prazo, no entanto teria condições de pagar suas dívidas, especialmente se os sócios fossem escrupulosos na venda de seus bens valiosos.

Enquanto a tarde se transformava em crepúsculo, os contornos de um plano começaram a se delinear em sua mente, e ele se permitiu um tênue vislumbre de esperança.

Às seis horas da tarde foi visitar Ben Greenbourne.

Greenbourne tinha setenta anos, mas ainda gozava de plena saúde e continuava a dirigir seus negócios. Tinha uma filha, Kate, mas Solly era o único filho homem: assim, quando se aposentasse, teria de entregar tudo a seus sobrinhos, e parecia relutante em fazê-lo.

Hugh foi até à mansão de Piccadilly. A casa dava a impressão não apenas de prosperidade, mas também de riqueza ilimitada. Cada relógio era uma joia, cada móvel, uma antiguidade de valor inestimável, cada painel era esculpido com requinte, cada tapete um luxo incomparável. Hugh foi conduzido à biblioteca, onde havia luzes a gás acesas e fogo na lareira. Fora naquela sala que descobrira que o menino chamado Bertie Greenbourne era seu filho.

Curioso em saber se os livros eram apenas para ostentação, abriu vários enquanto esteve à espera. Alguns talvez tivessem sido escolhidos pelas suas belas encadernações, pensou, mas outros estavam bem usados, e eram em diferentes línguas. A cultura de Greenbourne era genuína.

O velho apareceu um quarto de hora mais tarde, desculpando-se por ter feito Hugh esperar — Fui detido por um problema doméstico — disse ele, cumprimentando Hugh com a sua saudação prussiana.

A sua família nunca fora prussiana; tinham copiado e mantido os modos dos alemães da classe alta ao longo de cem anos de vida na Inglaterra. A sua postura era tão reta como habitualmente, mas Hugh achou que ele parecia cansado e preocupado. Greenbourne não disse qual era o problema doméstico, e ele não perguntou.

— Sabe que os títulos de Córdoba baixaram bastante esta tarde — disse Hugh.

— Sim.

— E provavelmente já ouviu dizer que o meu banco fechou as suas portas em consequência disso.

— Sim. Lamento muito.

— Há vinte e quatro anos que um banco inglês não ia à falência.  
— E esse foi o Overend & Gurney. Lembro-me perfeitamente.  
— Eu também. O meu pai foi à falência e enforcou-se no seu escritório de Leadenhall Street.

Greenbourne ficou atrapalhado.

— Lamento profundamente, Pilaster. Tinha-me esquecido disso.  
— Muitas firmas quebraram nessa crise. Mas o pior vai acontecer amanhã. — Hugh se inclinou para a frente no banco e iniciou a sua argumentação. — No último quarto de século, o volume de negócios efetuados na City aumentou dez vezes. E porque a atividade bancária está cada vez mais sofisticada e complexa, estamos todos mais interligados do que nunca. Algumas das pessoas cujo dinheiro perdemos ficarão incapazes de pagar as suas dívidas, por isso também irão à falência, e assim por diante.

Na próxima semana, dezenas de bancos estarão quebrados, centenas de companhias serão obrigadas a fechar, e milhares e milhares de pessoas vão se descobrir de repente na miséria. a menos que iniciemos uma ação para impedir.

— Ação? — repetiu Greenbourne, visivelmente irritado. — Que medidas podem ser tomadas? A sua única solução é pagar as dívidas; não pode fazê-lo; portanto, está impotente.

— Sim, sozinho estou mesmo. Mas espero que a comunidade bancária faça alguma coisa.

— Está propondo que os outros banqueiros paguem as suas dívidas? Porque haveriam de fazer isto? — Estava quase furioso.

— Certamente que compreenderá que seria melhor para todos se os credores dos Pilaster pudessem ser pagos na totalidade.

— Obviamente.

— Vamos supor que se formasse uma associação de banqueiros, para assumir tanto o patrimônio quanto as dívidas do Pilasters. A associação garantiria o pagamento a todos os credores. Ao mesmo tempo, começaria a liquidar o patrimônio do Pilasters de uma maneira ordenada.

De repente, Greenbourne pareceu ficar interessado e a sua irritação desapareceu, enquanto considerava a proposta.

— Estou vendo. Se os membros dessa sociedade forem suficientemente respeitados e tiverem bastante prestígio, a sua garantia pode ser suficiente para tranquilizar todos, e pode ser que os credores não

exijam o seu dinheiro de imediato. Com sorte, o dinheiro recebido com a venda dos bens poderia cobrir os pagamentos dos credores.

— E se evitaria uma crise terrível.

Greenbourne abanou a cabeça. — Mas, no fim, os membros da sociedade iriam perder dinheiro, pois as dívidas dos Pilaster são maiores que os seus bens.

— Não necessariamente.

— Como assim?

— Possuímos títulos de Córdoba no valor de mais de dois milhões de libras, que hoje não valem nada. No entanto, os outros bens que possuímos são substanciais. Grande parte depende do que conseguirmos fazer com a venda das casas dos sócios, *etc.* Calculo que a perda seja apenas no valor de um milhão de libras

— Então a associação tem que esperar um prejuízo de um milhão.

— Talvez. Mas os títulos de Córdoba podem recuperar seu valor. Os rebeldes podem ser derrotados, ou o novo governo pode começar a pagar taxas de juro. Vai haver uma hora em que o preço dos títulos irá subir.

— Possivelmente.

— Se o valor dos títulos subisse para metade do seu valor inicial, a sociedade não perderia dinheiro. E se o preço subisse ainda mais, a sociedade teria lucro.

Greenbourne abanou a cabeça.

— Poderia dar certo, se não fossem esses títulos do porto de Santamaría. Esse embaixador de Córdoba, Miranda, me parece ser um refinado ladrão; e, aparentemente, o seu pai é o líder dos rebeldes. Calculo que os dois milhões de libras tenham ido para armas e munições. Nesse caso, os investidores não verão um centavo.

O velhote era perspicaz, como de costume, — Pensou Hugh. — Ele próprio temia exatamente a mesma coisa.

— Receio que tenha razão. Mesmo assim, há uma possibilidade. E se permitirem que haja um alarme financeiro, podem estar certos de que irão perder dinheiro de outra maneira.

— É um plano engenhoso. Sempre foi o mais esperto da sua família, Pilaster.

— Mas o plano depende de você.

— Hum.

— Se concordar em liderar a associação, a City seguirá seu exemplo. Se recusar participar dela, a associação não terá prestígio suficiente para tranquilizar os credores.

— Já havia entendido. — Greenbourne não era um homem de falsa modéstia.

— Aceita fazê-lo?

Hugh prendeu a respiração. O velho permaneceu em silêncio por vários segundos, pensando, depois declarou, com firmeza:

— Não vou participar

Hugh arriou na cadeira. Tinha jogado a última cartada e perdido. Sentiu-se invadir por um grande cansaço, como se a sua vida estivesse no fim e ele fosse um velho exausto.

— Toda a minha vida fui cauteloso — disse Greenbourne. — Onde os outros veem lucros, eu vejo riscos e resisto à tentação. O seu tio Joseph era bastante diferente de mim. Ele arriscava e guardava os lucros. O filho, Edward, era pior. Não digo nada a seu respeito: acabou de tomar posse. Mas os Pilaster devem pagar o preço por seus anos de lucros elevados. Eu não lucrei nada, por que é que tenho que pagar as suas dívidas? Se gastasse dinheiro para salvar vocês agora, o investidor idiota seria recompensado, e o cuidadoso sofreria. E se a atividade bancária fosse efetuada dessa maneira, por que alguém seria cuidadoso? Poderíamos todos assumir os maiores riscos, pois nada significam quando bancos quebrados podem sempre ser salvos. Mas há sempre um risco. A nossa atividade não pode ser gerida dessa maneira. Haverá sempre alguém a abrir falência. É necessário que assim seja, para recordar aos bons e aos maus investidores que o risco é real.

Antes de chegar até ali, Hugh pensara se deveria dizer ao velho que Micky Miranda tinha morto Solly. Agora pensava novamente nisso, mas chegou à mesma conclusão: iria chocá-lo e fazê-lo sofrer, mas não faria nada para o persuadir a salvar os Pilaster.

Ia dizer mais alguma coisa, para tentar fazer com que o velho mudasse de opinião, mas, nessa hora, entrou o mordomo.

— Desculpe-me, Mr. Greenbourne, mas pediu que o chamassem quando o detetive chegasse.

Greenbourne levantou-se de imediato, parecendo agitado, mas a sua educação não permitia que se retirasse sem dar uma explicação.

— Desculpe, Pilaster, mas tenho que deixa-lo. A minha neta, Rebeca, desapareceu, e estamos todos muito consternados.

— Lamento sabê-lo — disse Hugh. Conhecia Kate, a irmã de Solly, e lembrava-se vagamente da sua filha, uma bonita moça de cabelo preto.

— Espero que a encontre sã e salva.

— Não acreditamos que ela tenha sido raptada, aliás temos quase a certeza de que ela fugiu com um rapaz. Mas isso já é suficientemente terrível. Por favor, dê-me licença.

— Com certeza.

O velho saiu, deixando Hugh entre as ruínas da sua esperança.

Às vezes, Maisie se perguntava se não haveria algo de contagioso no trabalho de parto.

Com a enfermaria cheia de grávidas de nove meses, acontecia frequentemente que se passavam dias sem um único incidente, mas se uma entrava em trabalho de parto, as outras a seguiam depois de poucas horas.

Hoje fora um desses dias. Começara às quatro da manhã e desde essa hora que ajudavam crianças a nascer. As parteiras e as enfermeiras faziam a maior parte do trabalho, mas quando estavam exaustas, Maisie e Rachel tinham que abandonar as suas canetas e livros e correr com toalhas e cobertores na mão.

No entanto, às sete da tarde já estava tudo terminara e estavam naquele momento saboreando uma xícara de chá no escritório de Maisie com o amante de Rachel, Dan, quando Hugh entrou.

— Receio trazer más notícias — disse ele, de imediato.

Maisie estava servindo o chá, mas o tom de voz dele assustou-a e teve de parar.

Observando o seu rosto com atenção, viu que estava mortificado e calculou que alguém tivesse morrido.

— O que aconteceu, Hugh?

— Creio que vocês guardam todo o dinheiro do hospital numa conta no meu banco, não é?

— Se o problema era apenas dinheiro, a coisa não poderia ser assim tão grave.

— Sim — respondeu Rachel. — É o meu pai que trata do dinheiro, mas como ele tem uma conta privada com vocês desde que se tornou o advogado do banco, calculo que tenha achado por bem fazer o mesmo com a conta do hospital.

— E investiu dinheiro nos títulos de Córdoba.

— Sério?

— O que é que se passa Hugh? — perguntou Maisie. — Conte, pelo amor de Deus!

— O banco abriu falência.

Os olhos de Maisie se encheram de lágrimas, não por ela, mas por ele.

— Oh, Hugh! — exclamou. — Sabia o quanto ele devia estar sofrendo. Era quase como a morte de um ente querido, pois investira todas as suas esperanças e sonhos naquele banco.

Desejou poder tomar um pouco daquela dor para diminuir o sofrimento dele.

— Meu Deus! — exclamou Dan. — Vai haver um pânico!

— Todo o seu dinheiro desapareceu — disse Hugh. — Provavelmente, vão ter que fechar o hospital. Não sabem como lamento.

Rachel ficou branca com o choque.

— Não é possível! — exclamou ela. — Como pode o nosso dinheiro ter desaparecido?

— O banco não pode pagar as suas dívidas — respondeu Dan, com amargura. — É isso que significa abrir falência, deve dinheiro às pessoas e não pode pagar.

Maisie lembrou-se do pai, um quarto de século mais novo e parecido com Dan, como ele era agora, a dizer exatamente a mesma coisa acerca da falência. Dan passara grande parte da sua vida tentando proteger as pessoas comuns dos efeitos destas crises financeiras, mas, até à data, não conseguira fazer nada.

— Talvez agora aceitem o que você está propondo — disse ela ao irmão.

— Mas o que houve com o nosso dinheiro? — perguntou Rachel a Hugh.

Este suspirou.

— Isto aconteceu por causa de uma coisa que Edward fez enquanto era sócio sênior. Foi um erro, um grande erro, e ele perdeu bastante dinheiro, mais de um milhão de libras. Tenho tentado aguentar as coisas desde então, mas hoje a minha sorte acabou-se.

— Não entendo como é que isto pôde acontecer! — exclamou Rachel.



— Deve receber algum dinheiro, mas não antes de um ano, ou mais — disse Hugh.

Dan colocou um braço em volta de Rachel, mas esta não queria que a consolassem.

— E o que irá acontecer às desgraçadas que aqui vieram procurando ajuda?

Hugh pareceu ficar tão magoado que Maisie teve vontade de dizer à amiga para se calar.

— Eu daria pra você dinheiro do meu bolso, com o maior prazer — disse ele —, mas também perdi tudo.

— Mas com certeza há alguma coisa que pode ser feita!

— Já tentei. Acabo de vir da casa de Ben Greenbourne. Pedi-lhe que salvasse o banco e pagasse aos credores, mas ele recusou. Já tem problemas que cheguem, pobre homem: parece que a neta, Rebeca fugiu com o namorado. Seja como for, sem o apoio dele não se pode fazer nada.

— Acho melhor ir falar com o meu pai — afirmou Rachel, se levantando — E eu tenho que ir à Câmara dos Comuns — disse Dan.

Saíram.

Maisie estava pesarosa. Ficara abalada com a perspectiva de ter que fechar o hospital e destruir aquilo para que tinha trabalhado; mas, acima de tudo, sofria por Hugh. Lembrava-se, como se tivesse sido ontem, de uma noite há dezessete anos, depois das corridas de Goodwood, em que Hugh lhe contara a história da sua vida; e agora conseguia perceber da dor na sua voz quando dissera que o pai havia ido à falência e tinha se suicidado. Dissera que ia ser o banqueiro mais esperto, mais conservador e mais rico do mundo como se acreditasse que isso iria aliviar a dor daquela perda. E talvez pudesse ter aliviado. Mas, em vez disso, tivera o mesmo destino do pai.

Os olhos de ambos se encontraram. Maisie leu neles um apelo secreto. Aproximou-se dele, devagar. E foi se postar de pé ao lado da cadeira onde ele estava sentado, pegou sua cabeça entre as mãos e aninhou-a nos seios, afagando os cabelos. Hesitante, ele passou o braço pela cintura de Maisie, cauteloso a princípio, e depois apertando-a com força. E começou a chorar.

Depois de Hugh ter ido embora, Maisie deu uma volta pelas enfermarias. Agora via tudo com olhos diferentes: as paredes que tinham

pintado, as camas que haviam comprado em lojas de ferro-velho, as cortinas bonitas feitas pela mãe de Rachel.

Lembrou-se dos esforços sobre-humanos que ela e Rachel tiveram de fazer para abrir o hospital: as suas batalhas com os médicos e com a Câmara, o charme que tinham usado com os respeitáveis donos dos prédios e com o clero crítico das redondezas, a persistência que tinham tido e lhes permitira vencer. Consolou-se com o fato de que, apesar de tudo, tinham vencido e de que o hospital estivera aberto doze anos, reconfortando centenas de mulheres. Mas quisera fazer uma mudança permanente. Vira aquele como o primeiro das dezenas de hospitais femininos do país. Nisso, falhara.

Falou a cada uma das mulheres que tinha dado à luz naquele dia. A única com que estava preocupada era com a Miss Ninguém. Era magra e o bebê muito pequeno. Maisie calculou que ela devia ter passado fome para esconder a gravidez da família. Sempre ficara perplexa ao pensar como conseguiriam as moças fazer aquilo. Ela própria tivera uma grande barriga que não poderia ter escondido depois dos cinco meses — mas sabia por experiência que isso estava sempre acontecendo.

Sentou-se na beira da cama de Miss Ninguém, que estava amamentando a filha.

— Não é bonita? — perguntou ela.

Maisie concordou com a cabeça

— Tem os cabelos pretos, iguais aos seus, como o seu.

— Minha mãe também tem cabelos assim.

Maisie estendeu a mão e acariciou a cabecinha da criança. Como todos os bebês, aquele também parecia com Solly.

De fato. Foi surpreendida por uma súbita revelação.

— Oh, meu Deus! Eu sei quem é você!

A moça olhou para ela, com os olhos muito abertos.

— Você é Rebeca, a neta de Ben. Greenbourne, não é verdade? Escondeu sua gravidez enquanto pode e depois fugiu para ter o bebê.

— Como é que soube? — perguntou a moça, espantada. — Você não me vê desde os meus dois anos de idade!

— Mas conhecia muito bem a sua mãe. Afinal de contas, fui casada com o irmão dela.

Kate não fora tão esnobe como o resto dos Greenbourne e era bastante amável para Maisie quando eles não estavam por perto. — E

lembro-me do seu nascimento. Você também tinha cabelos pretos, tal como a sua filha.

— Promete que não vai contar a eles? — perguntou Rebeca, assustada.

— Prometo não fazer nada sem a sua autorização, mas acho que devia dizer qualquer coisa à sua família. O seu avô está muito perturbado.

É dele que eu tenho medo.

— Compreendo porquê. É um avarento de cabeça dura, como sei por experiência própria.

Mas se você me deixar falar com ele, acho que consigo trazê-lo à razão.

— Você faria isso? — perguntou Rebeca, com uma voz cheia de otimismo juvenil.

— Claro! — disse Maisie. — Mas não vou lhe dizer onde você está, a menos que ele prometa ser compassivo.

Rebeca baixou o olhar. Os olhos do bebê tinham fechado e ele parara de mamar.

— Está dormindo — disse ela.

Maisie sorriu.

— Já escolheu um nome para ela?

— Oh, sim! Ela vai se chamar Maisie.

O rosto de Ben Greenbourne estava molhado de lágrimas quando ele saiu da enfermaria.

— Deixei-a um pouquinho com Kate — disse ele, numa voz embargada pela emoção.

Puxou de um lenço e tentou limpar com ele as lágrimas.

Maisie nunca tinha visto o sogro perder o seu autodomínio. O espetáculo não era muito agradável, mas ela achava que lhe faria bem.

— Venha até ao meu escritório — disse ela. — Faço-lhe um chá.

— Obrigado.

Conduziu-o ao aposento e disse-lhe para se sentar. Era o segundo homem que, nessa noite, chorava naquela cadeira, pensou ela.

— Todas estas jovens. — começou o velho. — Estão todas nas mesmas condições de Rebeca?

— Nem todas — respondeu Maisie. — Algumas são viúvas, outras foram abandonadas pelos maridos. Muitas fugiram de homens que lhes batiam. Uma mulher suporta muita dor e fica com o marido, mesmo que

ele a maltrate; mas quando engravida, receia que as pancadas possam fazer mal ao bebê e, nessa hora, fogem. Mas, a maior parte das nossas mulheres são como Rebeca, moças que apenas cometeram um erro estúpido

— Nunca pensei que a vida ainda tivesse algo para me ensinar— disse Ben. — Acho que tenho sido idiota e ignorante,

Maisie estendeu-lhe uma xícara de chá.

— Obrigado — agradeceu ele — É muito amável! Eu nunca fui simpático com você.

— Todos nós cometemos erros — comentou ela.

— Ainda bem que está aqui. De outra forma, para onde iriam todas estas pobres raparigas?

— Teriam os filhos nas valetas e nos becos — respondeu Maisie.

— Pensar que isso poderia ter acontecido com Rebeca!

— Infelizmente, o hospital vai ter que fechar — disse Maisie.

— Por quê?

Ela olhou-o bem nos olhos.

— Todo o nosso dinheiro estava no Banco Pilaster. Agora estamos falidas.

— Ah, sim? — perguntou ele, e pareceu ficar pensativo.

Hugh vestiu o pijama, mas não tinha sono, por isso sentou-se, de roupão, meditando enquanto olhava para o lume. Reviu e tornou a rever a situação do banco, mas não conseguia lembrar-se de nada que a pudesse modificar. No entanto, não podia deixar de se esforçar.

Por volta da meia— Noite, ouviu alguém bater à porta. Desceu as escadas para ver quem era.

Havia uma carruagem na rua e um criado de uniforme na porta.

— Peço desculpas por incomodá-lo nessa hora sir, mas o recado é urgente — disse ele, entregando-lhe um envelope e partindo.

Quando Hugh fechou a porta, o seu mordomo descia as escadas.

— Está acontecendo alguma coisa, sir?

— Era só um recado — respondeu Hugh. — Pode ir deitar-se.

— Obrigado, sir.

Hugh abriu o sobrescrito e viu a letra bonita e antiquada de um velho meticoloso. As palavras fizeram o seu coração dar pulos de alegria.

*23 de Novembro de 1890*

*12, Piccadilly*

*Londres, SW*

*Caro Pilaster,  
Tendo pensado melhor, decidi aceitar a sua proposta.  
Com os melhores cumprimentos,  
B. Greenbourn.*

Levantou os olhos da carta e sorriu para a parede.

— Raios me partam! — exclamou, ele, encantado. — O que terá feito o velhote mudar de opinião?

Augusta estava na sala de um dos melhores joalheiros de Bond Street. Os candeeiros brilhavam, fazendo reluzir as joias nos estojos de vidro. A sala estava cheia de espelhos. Um assistente obsequioso se aproximou e depositou à sua frente um pedaço de veludo preto, que envolvia um colar de diamantes.

O gerente da loja estava a seu lado.

— Quanto é? — perguntou ela.

— Nove mil libras, Lady Whitehaven. — murmurou o preço com devoção, quase, como uma oração.

O colar era simples, apenas uma fileira de diamantes quadrados e iguais, embutidos em ouro.

Ficaria muito bem com as suas roupas de viúva, pensou ela. Mas não ia comprar para usar.

— É uma peça maravilhosa, minha senhora; a coisa mais bonita que temos nesta loja.

— Não me apresse, estou pensando — replicou ela.

Era a última tentativa que fazia para arranjar dinheiro. Tentara ir abertamente ao banco e exigira cem soberanos de ouro: o escriturário, um cão insolente chamado Mulberry, tinha recusado dar. Tentara transferir a casa do nome de Edward para o seu, mas isso também não tinha dado resultado: a escritura estava no cofre do velho Bodwin, o advogado do banco, e este tinha sido influenciado por Hugh. Agora tentava comprar diamantes a crédito, para depois tentar vendê-los a dinheiro. Edward fora inicialmente seu fiador, mas agora se recusava a ajudá-la.

“ O que Hugh está fazendo é o mais correto”, dissera ele, estupidamente. “Se os outros ficam sabendo que a família está tentando pegar o que pode, a sociedades irá se desfazer.

Convenceram os banqueiros a entrar com dinheiro para evitar uma crise financeira, não para a mamãe ter a família Pilaster no luxo”.

Fora um grande discurso para ele. Há um ano, Augusta teria ficado muito abalada ao ver o filho contra ela, mas desde a rebelião sobre a anulação do casamento que ele deixara de ser o rapaz amoroso e dócil que ela tanto amava. Clementine também se virara contra a mãe, concordando com os planos de Hugh, que os transformavam a todos em pedintes. Tremia de raiva ao pensar nisso. Mas não iriam consegui-lo

Olhou para o gerente.

— Vou levá-lo — disse ela, decidida.

— É uma escolha muito acertada, Lady Whitehaven.

— Sem dúvida— Mande a conta para o banco.

— Muito bem, minha senhora. Entregaremos o colar na Casa Whitehaven — Eu levo o colar comigo — disse Augusta. — Quero usá-lo esta noite.

O gerente parecia estar com problemas.

— Coloca-me numa posição muito difícil, minha senhora.

— Do que é que está falando? Embrulhe— O!

— Receio não poder entregar-lhe a joia antes de ter recebido o pagamento.

— Não seja ridículo! Sabe quem eu sou?

mas os jornais dizem que o banco fechou as suas portas.

— Isso é um insulto!

— Peço muitas, muitas desculpas.

Augusta levantou-se e agarrou no colar.

— Recuso-me a ouvir estes disparates. Vou levá-lo comigo.

Transpirando, o gerente colocou-se entre ela e a porta.

— Peço-lhe que não o faça.

Augusta avançou para o gerente, que não se mexeu.

— Saia da minha frente! — bradou ela.

— Teria de mandar trancar a porta da loja e chamar a polícia -disse ele.

Augusta percebeu que o homem, apesar de estar praticamente paralisado de terror, não cedera um milímetro. Tinha medo dela, mas temia ainda mais perder diamantes no valor de nove mil libras. Compreendeu que fora derrotada. Furiosa, atirou o colar no chão. O homem mergulhou, não se esforçando por aparentar dignidade. Augusta abriu a porta, atravessou a loja a passos largos e dirigiu-se a sua carruagem. Ia de cabeça erguida, mas estava mortificada. O homem a

acusara praticamente de roubar. A voz da sua consciência lhe dizia que fora exatamente o que ela tentara fazer, mas ela a abafou.

Dirigiu-se para casa, espumando de raiva.

Quando entrou, Hastead tentou detê-la, mas ela não estava com paciência para trivialidades domésticas e silenciou-o com um pedido.

— Traga-me um copo de leite quente. — Doía-lhe o estômago.

Foi para o quarto. Sentou-se em frente ao toucador e abriu o estojo de joias. O que ela possuía valia apenas algumas centenas de libras. Puxou o compartimento de baixo e retirou de lá um embrulho de seda. Abriu e surgiu o anel em forma de serpente que Strang lhe dera.

Como de costume, enfiou o anel no dedo e levou-o aos lábios. Nunca o venderia. Como as coisas teriam sido diferentes se a tivessem deixado casar com Strang! Sentiu vontade de chorar.

Em seguida, ouviu vozes estranhas na porta do quarto. Um homem. Dois homens, talvez. e uma mulher. Não pareciam ser os criados e, de qualquer modo, a sua criadação não se atreveria a parar para conversar no patamar. Saiu do quarto.

A porta do quarto do seu falecido marido estava aberta e as vozes provinham dali. Quando entrou, Augusta viu um jovem, obviamente um escriturário, e um casal de certa idade, da mesma classe social que a sua, muito bem vestidos. Nunca os vira.

— Quem são os senhores? — perguntou ela.

— Stoddart — respondeu o rapaz —, da imobiliária, minha senhora. Mr. e Mrs. de Graú estão muito interessados em comprar a sua bela casa.

— Saia daqui! — gritou ela.

— Recebemos instruções para colocar a casa à venda — começou o escriturário, elevando a voz.

— Saiam imediatamente daqui! A minha casa não está à venda!

— Mas falei pessoalmente com.

Mr. de Graú tocou no braço do jovem, fazendo-o calar.

— É com certeza um lamentável erro, Mr. Stoddart — disse ele suavemente. Virou-se para a esposa. — Vamos embora, minha querida? — Saíram os dois com uma dignidade que fez Augusta ficar em brasa e Stoddart apressou-se atrás deles, desfazendo-se em desculpas.

Fora Hugh o responsável. Augusta não precisava perguntar para saber disso. A casa pertencia à sociedade que salvara o banco, segundo ele

dissera, e era natural que a quisessem vender. Hugh dissera a Augusta para sair dali, mas ela se recusara. A resposta dele era enviar possíveis compradores para verem a casa.

Deixou-se cair no sofá de Joseph. O mordomo entrou com o leite quente.

— Não deve deixar entrar este tipo de pessoas aqui em casa, Hastead. A casa não está à venda.

— Muito bem, senhora condessa. — Pousou o leite e inclinou-se.

— Há mais alguma coisa?

— Senhora condessa, o açougueiro veio hoje perguntar quando é que será pago.

— Diga-lhe que será pago quando melhor convier a Lady Whitehaven, e não a ele.

— Muito bem, senhora condessa. E os dois criados foram embora hoje.

— Quer dizer que avisaram que iam embora?

— Não, limitaram-se a partir.

— Desgraçados.

— Senhora condessa, o resto da criadagem pergunta quando vai ser paga.

— Mais alguma coisa?

Ele ficou admirado.

— Mas o que é que lhes digo?

— Diga-lhes que eu não respondi à pergunta.

— Muito bem. — Hesitou. — Aviso-a de que irei embora no final da semana.

— Por quê?

— Todos os outros Pilaster despediram os criados. Mr. Hugh nos disse que iríamos ser pagos pelo trabalho prestado até sexta-feira passada, e que não receberíamos mais, independentemente dos dias que trabalhássemos a seguir.

— Saia da minha frente, traidor!

— Muito bem, senhora condessa.

Augusta pensou que iria ficar muito satisfeita em ver Hastead pelas costas. Ficava melhor sem todos eles, uns ratos a fugir do navio que afundava.

Tomou o leite, mas a dor no estômago não abrandou.



Olhou em volta do quarto. Joseph nunca a deixara redecorá-lo por isso ainda estava mobiliado como em 1873, com o papel de cabedal escuro, as pesadas cortinas de brocado e a coleção de caixas de rapé num mostruário laqueado. O quarto parecia morto, tal como ele.

Desejou poder trazê-lo de volta. Nada daquilo teria acontecido se ele estivesse vivo, Imaginou que o via junto à janela, com uma das suas caixas favoritas na mão, revirando-a para ver o jogo de luzes nas pedras preciosas. Sentiu falta de ar e abanou a cabeça para afastar a visão.

Em breve, Mr. De Graaf, ou outro como ele, iria se mudar para aquele quarto. Sem dúvida que mandaria retirar as cortinas e o papel de parede e o redecoraria, ao novo estilo campestre, com painéis de carvalho e cadeiras rústicas muito duras. Ela teria de sair dali. Já aceitara o fato, embora fingisse o contrário. Mas não iria mudar para uma casa moderna atulhada de coisas em St. John's Wood ou Clapham, como Madeleine e Clementine. Não podia viver mal em Londres, onde seria vista pelas pessoas que já menosprezara. Iria deixar o país.

Não sabia para onde ir. Calais era barato, mas muito próximo de Londres. Paris era elegante, mas sentia-se demasiado velha para começar uma nova vida social numa cidade estranha. Ouvira falar de um lugar chamado Nice, na costa mediterrânea da França, onde se podia ter uma mansão e muitos criados por uma quantia irrisória, e também ali, havia uma comunidade de estrangeiros, muitas da idade dela. Aproveitando o inverno suave e o ar marinho.

Mas não podia viver do ar durante um ano. Tinha que ter dinheiro suficiente para pagar o aluguel e os salários dos criados, e embora estivesse preparada para viver frugalmente, não podia dispensar uma carruagem. Tinha muito pouco dinheiro, cerca de cinquenta libras, por isso, a sua tentativa desesperada para compra diamantes. Nove mil libras, não seriam suficientes, mas talvez dessem para alguns anos. Sabia que estava pondo em perigo os planos de Hugh. Edward tivera razão. A boa vontade da sociedade dependia da honestidade dos Pilaster em pagar suas dívidas. Um membro da família fugindo para o continente com as malas cheias de joias, era o suficiente para destruir uma aliança tão precária. De certo modo, isso tornava a perspectiva mais atraente: ficaria feliz em destruir o hipócrita do Hugh.

Mas precisava ter uma base. O resto seria fácil: faria uma única mala, compraria uma passagem de barco, chamaria um fiacre bem cedo e

iria para a estação de trens sem ninguém saber de nada. Mas o que é que poderia utilizar como dinheiro?

Olhando em redor, viu um pequeno bloco de notas. Abriu-o, curiosa, e viu que alguém, presumivelmente Stoddart — estava fazendo um inventário do interior da casa. Ficou irritada ao ver as suas coisas anotadas no bloco de um escriturário e avaliadas ao acaso: Mesa da sala de jantar £9; biombo egípcio 30 xelins; retrato de mulher, de Joshua Reynolds £100. Os quadros que tinha em casa deviam valer alguns milhares de libras, mas não os poderia colocar numa mala.

Virou a página e leu: 65 caixas de rapé— consultar departamento de joias.

Levantou os olhos. Ali, na sua frente, no mostruário que havia comprado há dezessete anos, estava a solução para os seus problemas. A coleção de Joseph valia milhares de libras.

Podia facilmente colocar as caixas na mala. Eram pequenas, feitas para caberem no bolso do colete de um homem. Seriam vendidas uma a uma, à medida que fosse precisando de dinheiro. O seu coração bateu mais depressa. A aquilo podia ser a resposta para as suas preces.

Tentou abrir a porta do mostruário. Estava fechada. Entrou em pânico. Não sabia se conseguiria arrombá-la: a madeira era forte e os vidros pequenos e grossos. Acalmou-se.

Onde estaria a chave? Talvez na gaveta da secretária. Abriu-a. Estava lá um livro com um título horrível, A Duquesa de Sodoma, que ela desviou apressadamente, e uma pequena chave prateada. Agarrou nela. Com a mão vacilante experimentou-a na fechadura do mostruário. Ao girá-la, ouviu um clique e um momento depois a porta se abria. Respirou fundo e esperou que as mãos parassem de tremer. Em seguida, começou a tirar as caixas das prateleiras.

## CAPÍTULO IV

### DEZEMBRO

A falência dos Pilaster foi o escândalo social do ano. Os jornais sensacionalistas, relatavam todas as notícias com o maior estardalhaço: a venda das grandes mansões de Kensington; os leilões dos quadros, das mobílias e das caixas de vinho do Porto; e as modestas casas suburbanas, onde os orgulhosos e poderosos Pilaster agora descascavam as batatas que iriam comer e lavavam a sua roupa interior.

Hugh e Nora tinham alugado uma pequena casa com jardim, em Chingford, uma aldeia a quatorze quilômetros de Londres. Não levaram nenhum dos criados, mas vinha todas as tardes uma moça de quatorze anos, bastante musculosa, esfregar o chão e lavar as janelas.

Nora, que há 12 anos não fazia qualquer trabalho doméstico, submete-se à mudança, contrafeita: arrastava-se de um lado para o outro, num avental encardido, varrendo o chão sem entusiasmo e preparando refeições intragáveis, e sempre se queixando.

Os meninos gostavam mais da aldeia do que de Londres, porque podiam brincar no bosque.

Hugh ia todos os dias para a City, de trem e continuava indo ao banco, onde o seu trabalho consistia na liquidação do patrimônio dos Pilasters, por conta da associação de banqueiros.

Cada um dos sócios recebia do banco uma pequena mensalidade. Na teoria, não tinham direito a nada. Mas os membros da sociedade eram banqueiros como os Pilasters e pensavam, no fundo de suas mentes: eu poderia me encontrar nessa situação, se não fosse pela graça de Deus.

Além do mais, a cooperação dos sócios era importante na liquidação do patrimônio, e valia um pequeno pagamento para contar com sua boa vontade Hugh acompanhava o andamento da guerra civil em Córdoba com bastante ansiedade. O resultado determinaria quanto dinheiro a associação perderia. Hugh desejava que ela tivesse lucro. Queria um dia poder dizer que ninguém perdera dinheiro ao salvar o Banco Pilaster. Mas essa possibilidade parecia remota.

A princípio, a facção dos Miranda parecia determinada a vencer a guerra. Pelos relatos, o seu ataque fora bem planejado e executado com brutalidade. O presidente García teve que fugir da capital e a refugiar-se na cidade-fortaleza de Campanário, no Sul, a sua região natal. Hugh ficara

desesperado. Se os Miranda ganhassem, governariam Córdoba como um reino privado, e nunca pagariam os juros dos empréstimos contraídos pelo regime anterior; os títulos de Córdoba não iriam ter qualquer valor num futuro mais próximo.

Então deu-se uma reviravolta inesperada. A família de Tonio, os Silva, que durante muitos anos tinham liderado a pequena e inofensiva oposição liberal, juntaram-se à luta ao lado do presidente, em troca da promessa de eleições livres e reforma agrária quando o presidente retomasse o Poder. As esperanças de Hugh nasceram de novo.

O exército presidencial revitalizado tinha um grande apoio popular e conseguiu deter os usurpadores. As duas facções ficaram equilibradas. O mesmo se passava com os recursos financeiros: os Miranda tinham gasto o seu tesouro de guerra, na violenta ofensiva inicial. O

Norte tinha as minas de nitrato e o sul, as de prata, mas nenhum dos lados conseguia financiar ou segurar as suas exportações, uma vez que os Pilaster já não estavam em atividade e os outros bancos não aceitavam um cliente que poderia desaparecer no dia seguinte.

Ambos os lados pediam para serem reconhecidos pelo Governo britânico, na esperança de que isso os ajudaria a conseguirem uma linha de crédito. Micky Miranda, ainda oficialmente o embaixador de Córdoba em Londres, exercia pressão junto ao ministro do Exterior os altos escalões do governo e membros do parlamento, para que Papai Miranda fosse reconhecido como o novo presidente. Até agora, porém, o primeiro-ministro lorde Salisbury, recusara-se a favorecer qualquer dos lados.

E foi então, que Tonio Silva voltou a Londres.

Aparecera na casa suburbana de Hugh na véspera de Natal. Hugh estava na cozinha, dar dando o desjejum aos filhos, que era constituído por leite quente e torradas com manteiga.

Nora ainda se vestia: ia a Londres fazer as suas compras de Natal, embora tivesse muito pouco dinheiro para gastar. Hugh concordara em ficar em casa e cuidar dos rapazes: não tinha nada de urgente para fazer no banco.

Foi ele próprio quem abriu a porta, o que o fez recordar os velhos tempos, em Folkestone, com a mãe. Tonio deixara crescer a barba, sem dúvida para esconder as cicatrizes feitas pelos capangas de Micky há doze anos; mas Hugh reconheceu imediatamente a sua cabeleira ruiva e o

sorriso afoito. Estava nevando e Tonio tinha uma película branca nos ombros do casaco.

Hugh levou o seu velho amigo até à cozinha e lhe deu chá.

— Como é que você me descobriu? — perguntou ele.

— Não foi difícil — respondeu Tonio. — Não havia ninguém na sua antiga casa e o banco estava fechado. Mas fui à Casa Whitehaven e falei com a sua tia Augusta. Não mudou nada.

Não sabia onde você morava, mas lembrou-se de Chingford. Pronunciou o nome como se estivesse a falar de um campo de prisioneiros.

— Não é assim tão mau. Os rapazes estão bem. Para Nora é que tem sido difícil.

— Augusta ainda não se mudou.

— Não. Ela é a maior responsável pela situação em que nos encontramos. No entanto, é a única que se recusa a encarar a realidade. Irá descobrir que há lugares piores do que Chingford.

— Córdoba, por exemplo — disse Tonio.

— Como é que vão as coisas?

O meu irmão foi morto em combate.

— Lamento.

— A guerra chegou a um impasse. Agora tudo depende do Governo britânico. O lado que for reconhecido poderá receber dinheiro, reabastecer o seu exército e derrotar a oposição. É por isso que estou aqui.

— Você foi enviado pelo presidente García?

— Melhor do que isso. Sou oficialmente o embaixador de Córdoba em Londres. O Miranda foi despedido.

— Ótimo!

Hugh ficou contente por saber que Micky fora finalmente despedido. Ficara furioso por saber que o homem que lhe roubara dois milhões de libras andava se pavoneando por Londres, indo a clubes, teatros e a festas como se nada tivesse acontecido.

Trouxe comigo umas cartas que me conferem poderes e entreguei-as ontem no Ministério do Exterior.

— E está esperando persuadir o primeiro-ministro a apoiar o seu lado?

— SIM.

— Como? — perguntou Hugh, olhando-o inquisidoramente.

— García é o presidente, a Grã-Bretanha deve apoiar o Governo legítimo.

Era um argumento pouco incisivo — pensou Hugh.

— Até agora, não o fizemos.

— Direi ao primeiro-ministro que devem fazer isto.

— Lorde Salisbury anda muito ocupado tentando manter fechado o caldeirão fervendo na Irlanda. Não tem tempo para uma distante guerra civil sul-americana.

— Hugh não queria parecer pessimista, mas uma ideia começava a aflorar na sua cabeça. Tonio comentou irritado:

— Bem, a minha função é persuadir Salisbury de que deve dispensar alguma atenção ao que acontece na América do Sul, mesmo que tenha outros problemas a preocupa-lo.

Podia ver a fragilidade do seu argumento e acrescentou: — Bom, está bem. — Você que é inglês, o que acha que poderia chamar a atenção?

— Poderia prometer que evitaria que os investidores ingleses perdessem dinheiro-respondeu ele de imediato.

— Como?

— Não sei bem, acabo de ter esta ideia. — Mudou a cadeira de posição. O pequeno Sol estava construindo um castelo com blocos de madeira em volta dos seus pés. Era estranho estar decidindo o futuro de um país na pequena cozinha de uma casa suburbana. — Os investidores britânicos puseram dois milhões de libras na Companhia do Porto de Santamaría, tendo sido o meu banco o maior contribuinte. Todos os diretores dessa companhia eram membros ou associados da família Miranda e não duvido de que os dois milhões tenham ido inteirinhos para os seus cofres. Temos de recuperá-los.

— Mas foi tudo gasto em armas.

— Certo, mas os bens da família Miranda devem valer milhões.

— Sim, são donos de todas as minas de nitrato do país.

— Se o seu lado ganhasse a guerra, será que o presidente García daria as minas à Companhia do Porto de Santamaría, em compensação pela fraude? Nessa altura, os títulos poderiam valer algum dinheiro!

— O presidente me disse que eu podia prometer tudo, tudo mesmo, para fazer com que o Governo britânico apoiasse as forças presidenciais em Córdoba — disse Tonio com firmeza.

Hugh começou a ficar animado. De repente, a perspectiva de pagar as dívidas dos Pilaster estava se tornando mais real.

— Deixe-me pensar — pediu ele. — Não podemos agir impensadamente. Acho que consigo persuadir o Bem Greenbourne a dar uma palavrinha a Lorde Salisbury, lhe dizendo para apoiar os investidores britânicos. Quanto à oposição no Parlamento, poderíamos falar com Dan Robinson, o irmão de Maisie; ele está na Câmara dos Comuns e anda obcecado com as falências bancárias. Está de acordo com o meu plano para salvar o banco e quer que dê resultado. Pode nos garantir o apoio da oposição na Câmara dos Comuns. Hugh tamborilou com os dedos sobre a mesa da cozinha. — Já começa a parecer possível!

— Temos de agir depressa — disse Tonio.

— Vamos já até à cidade. O Dan vive com a Maisie ao sul de Londres. O Greenbourne deve estar na sua casa de campo, mas posso telefonar para ele, do banco. — Hugh levantou-se. — Vou avisar Nora.

Nora estava no quarto, colocando um chapéu muito elaborado, com enfeites de pele -Tenho que ir até à cidade — anunciou ele, começando a pôr o colarinho e a gravata.

— E quem é que vai tomar conta dos meninos?

— Você, eu espero

— Não! — guinchou ela. — Eu vou fazer compras!

— Desculpe, Nora, mas isto é muito importante.

— Eu também sou importante!

— Claro que sim, mas tem de ficar em casa. Tenho de falar com Ben Greenbourne o mais urgentemente possível.

— Estou cansada disto — disse ela, aborrecida. Cansada da casa, cansada desta aldeia insuportável, cansada dos miúdos e cansada de você! O meu pai vive melhor do que nós! -

O pai dela abrira um pub, com um empréstimo do Banco Pilaster, e estava se saindo muito bem. — Deveria ir viver com ele e trabalhar no balcão — disse ela. — Eu me divertiria mais e ainda receberia pelo meu trabalho.

Hugh olhou para ela, aturdido. De repente, soube que nunca mais dormiria com ela. Já não restava nada do casamento. Nora o odiava e ele a desprezava.

— Tira o chapéu, Nora — ordenou ele. — Hoje você não vai fazer compras. — Vestiu o casaco e foi embora.

Tonio esperava por ele no vestíbulo, impaciente. Hugh beijou os filhos, pegou o chapéu, vestiu o sobretudo e abriu a porta.

— Há um trem dentro de alguns minutos — disse ele, enquanto saíam.

Pôs o chapéu na cabeça e abotoou o sobretudo enquanto se apressavam pelo pequeno jardim da casa. Estava nevando e no chão já havia uma camada espessa de neve sobre a relva.

Havia mais 20 a 30 casas iguais à de Hugh, construídas no que outrora fora uma plantação de rabanetes. Foram andando por um caminho de cascalho na direção da aldeia.

— Vamos primeiro falar com o Robinson — disse Hugh, planejando o esquema da ação.-

Depois já posso dizer ao Greenbourne que a oposição está do nosso lado. Escute!'

— O quê?

— O nosso trem. É melhor nos apressar.

Aceleraram os passos. Por sorte, a estação ficava no lado mais próximo da aldeia. O trem apareceu no momento em que atravessavam a passarela sobre a linha.

Um homem se debruçava no parapeito, observando o trem. Virou-se no momento em que eles passaram, e Hugh reconheceu-o: era Micky Miranda.

E tinha um revólver na mão

Depois disso, tudo aconteceu muito depressa.

Hugh berrou, mas seu grito foi um sussurro em comparação com o ruído do trem. Micky apontou a arma para Tonio e disparou à queima-roupa. Tonio cambaleou e caiu. Micky virou a arma para Hugh. mas nesse instante o vapor e a fumaça da locomotiva passaram pela passarela numa densa nuvem, e os dois ficaram ofuscados. Hugh jogou-se no chão, coberto de neve. Ouviu um disparar de novo, duas vezes, mas nada sentiu. Rolou para o lado e ficou de joelhos, tentando divisar alguma coisa através da nuvem.

A fumaça começou a dissipar-se. Hugh avistou um vulto na névoa e jogou-se na sua direção. Micky viu-o e se virou, mas tarde demais. Hugh chocou-se contra ele antes que pudesse atirar. Micky caiu, a arma escapuliu de sua mão, voou por cima do parapeito e foi parar na linha do trem, lá embaixo. Hugh tombou por cima de Micky, e rolou para o lado.



Ambos se levantaram com bastante dificuldade. Micky inclinou-se para apanhar a bengala. Hugh atacou-o de novo e ele caiu, mas continuando a agarrar a bengala. Quando Micky se levantou novamente, Hugh atacou-o. Mas como há vinte anos não esmurrava ninguém, falhou. Micky bateu-lhe com a bengala na cabeça. Aquilo doeu. Micky bateu-lhe de novo. O segundo golpe enfureceu Hugh, que rugiu de raiva, indo atrás do outro e dando-lhe uma cabeçada no rosto. Recuaram ambos com o impacto, ofegantes.

Então ouviu-se um apito na estação, indicando que o trem ia partir, e o pânico estampou-se no rosto de Micky. Hugh calculou que ele planejava fugir no comboio e não podia dar-se ao luxo de ficar em Chingford durante mais uma hora, tão próximo da cena do crime. O cálculo estava certo: Micky virou-se e desatou a correr para a estação.

Hugh perseguiu-o.

O outro não era nenhum grande corredor, tendo passado demasiadas noites nos copos e em bordéis; mas Hugh passara a sua vida de adulto atrás de uma secretária e não estava em muito melhor forma. Micky chegou à estação quando o trem começava a andar.

Hugh seguiu-o, mal conseguindo respirar. Quando chegaram à estação, um dos empregados da ferrovia gritou-lhes:

— Hei! Onde estão os bilhetes?

— Assassino! — gritou Hugh à guisa de resposta.

Micky correu ao longo da estação tentando alcançar o último vagão. Hugh perseguiu-o, fazendo o possível para ignorar a dor lancinante que sentia do lado. O empregado juntou-se à perseguição. Micky aproximou-se do trem, agarrou-se a uma alça e subiu para um degrau.

Hugh mergulhou atrás dele, apanhando-o pelo tornozelo e soltando-o logo a seguir. O empregado tropeçou em Hugh e voou disparado.

Quando este se levantou, o trem já estava fora do seu alcance. Olhou para ele desesperado.

Viu Micky abrir a porta do vagão, subindo com cautela para o interior, fechando em seguida a porta atrás dele.

O empregado levantou-se e sacudiu a neve da roupa.

— O que foi isso tudo? — perguntou ele.

Hugh dobrou-se, resfolegando, demasiado fraco para poder falar.

— Mataram um homem a tiro — respondeu ele, quando conseguiu falar. Depois de recuperar as forças, encaminhou-se para a entrada da estação e pedindo ao empregado que o seguisse.

Dirigiu-se para a ponte. Tonio estava estendido no chão.

Hugh ajoelhou-se junto ao corpo. Tonio fora atingido entre os olhos e não restava muito do seu rosto.

— Meu Deus, que coisa terrível! — exclamou o empregado.

Hugh engoliu em seco, tentando reprimir as náuseas. Obrigou-se a colocar a mão debaixo do casaco de Tonio, para ver se o coração ainda batia. Como já esperava, não havia pulsação. Lembrou-se do rapaz travesso com quem brincara no lago de Bishop's Wood há vinte e quatro anos, e sentiu uma onda de tristeza que o levou à beira das lágrimas.

A cabeça de Hugh começava a desanuviar, e ele pode perceber, com uma lucidez angustiante, como Micky planejava tudo. Micky tinha amigos no Ministério do Exterior, como todos os diplomatas competentes. Um desses amigos devia tê-lo informado, talvez numa recepção ou num jantar na noite anterior, que Tonio se encontrava em Londres.

Tonio já apresentara suas credenciais, e por isso Micky sabia que seus dias estavam contados. Mas se Tonio morresse, a situação voltaria a ficar confusa. Não haveria ninguém em Londres para negociar por conta do presidente Garcia, e Micky seria o embaixador “de facto”

Era a única esperança de Micky. Mas ele tinha que agir depressa e correr riscos, pois só lhe restava um dia, no máximo dois.

Como soubera ele onde encontrar Tonio? Talvez tivesse mandado alguém segui-lo — ou talvez Augusta lhe tivesse dito que ele fora à procura de Hugh. De qualquer maneira, seguira Tonio até Chingford.

Para encontrar a casa de Hugh teria de falar com uma série de pessoas. No entanto, sabia que mais cedo ou mais tarde Tonio iria regressar de trem. Por isso, rondara a estação, planejando matá-lo e a todas as testemunhas do assassinato — e fugir no trem

Micky estava desesperado, e o plano fora muito arriscado mas quase dera resultado. Deveria também ter morto Hugh, mas a nuvem de fumaça da locomotiva não lhe permitira fazer pontaria. Se as coisas tivessem ocorrido de acordo com o plano, ninguém o teria reconhecido. Em Chingford não havia telégrafo, nem telefone, e não havia nenhum meio de transporte mais rápido do que o comboio, por isso regressaria à casa antes do crime ser comunicado.

Sem dúvida que um dos seus subordinados lhe tinha arranjado um álibi. Mas não matara Hugh. e, oficialmente já não era o embaixador de Córdoba, refletiu Hugh, por isso perdera a imunidade diplomática.

Podia ser enforcado pelo que fizera.

Hugh levantou-se.

— Temos que comunicar o assassinato logo que seja possível - disse ele.

— Há uma delegacia de polícia em Walthamstow, a poucas estações daqui.

— A que horas é o próximo trem?

O empregado tirou do bolso do colete um grande relógio.

— Daqui a quarenta e sete minutos.

— Deveríamos ir os dois nele. Você vai à polícia em Walthamstow e eu sigo para Londres, para a Scotland Yard.

— Não há mais ninguém para tomar conta da estação. Estou sozinho; é véspera de Natal -Tenho a certeza de que o seu patrão gostaria que você cumprisse o seu dever cívico.

— Tem razão. — O homem parecia grato por ter alguém lhe dizendo o que fazer.

— É melhor levarmos o pobre Silva para outro local. Há algum lugar apropriado na estação?

— Só a sala de espera.

Vamos levá-lo para lá e fechamos a porta. — Hugh dobrou-se e agarrou no corpo por baixo dos braços. — Pegue as pernas dele.

Levantaram Tonio e transportaram— No para a estação.

Deitaram— No num dos bancos da sala de espera. Depois ficaram sem saber o que fazer.

Hugh sentia-se impaciente. Não podia lamentar a sorte do amigo — era ainda cedo demais.

Queria apanhar o assassino, não chorar. Caminhou de um lado para o outro, olhando para o relógio de cinco em cinco minutos e apalpando a cabeça no local onde Micky o acertara. O empregado estava no banco em frente, olhando para o corpo com um fascínio assustado.

Passado algum tempo, Hugh sentou-se ao lado dele. Ficaram assim, silenciosos e vigilantes, partilhando a sala fria com um morto, até o trem chegar.

Micky Miranda fugia para salvar a vida. A sua sorte estava se acabando. Cometera quatro assassinatos nos últimos vinte e quatro anos e conseguira se safar dos três primeiros mas desta vez não haveria fuga possível. Hugh Pilaster vira— O alvejar Tonio Silva em plena luz do dia, e só poderia escapar da força fugindo da Inglaterra.

De repente, viu-se como um fugitivo na cidade que fora o seu lar durante a maior parte da sua vida. Apressou-se pela estação ferroviária de Liverpool Street, evitando o olhar dos policiais, com o coração batendo muito depressa e a respiração entrecortada, e mergulhou num fiacre.

Foi direito aos escritórios da Companhia de Navegação Gold Coast and Mexico.

O local estava abarrotado de gente, na sua maioria latinos. Alguns deveriam estar tentando regressar a Córdoba, outros a fazer com que os seus familiares saíssem de lá e outros apenas atrás de notícias. Havia muito barulho e muita confusão. Micky não podia esperar que a gentilha fosse atendida na sua frente. Abriu caminho até o balcão, utilizando a bengala indiscriminadamente em homens e mulheres. As suas roupas caras e a sua arrogância esnobe chamaram a atenção do escriturário.

— Quero uma passagem para Córdoba — disse Micky.

— Há guerra em Córdoba.

Micky reprimiu um comentário sarcástico.

— Calculo que não tenham suspenso todas as viagens.

— Vendemos bilhetes para Lima, no Peru. O navio irá até Palma se a situação política o permitir. A decisão será tomada quando chegar a Lima.

Servia. Micky queria era sair de Inglaterra.

— Quando sai o próximo barco?

— Daqui a quatro semanas.

— Seu coração se apertou.

— Não serve, tenho que ir mais cedo!

— Há um navio que sai esta noite de Southampton, se está com muita pressa.

Graças à Deus! A sua sorte ainda não tinha acabado.

— Reserve-me um camarote, o melhor que houver.

— Muito bem, sir. — Qual é o seu nome?

— Miranda.

— Poderia repetir, por favor?

Os Ingleses eram surdos quando alguém pronunciava um nome estrangeiro. Micky estava quase a soletrar o seu nome, quando mudou de ideia.

— Andrews — respondeu ele. — M. R. Andrews.

Lembrara-se que a polícia poderia verificar a lista de passageiros à procura do nome Miranda. Agora não iriam encontrá-lo.

Deu graças ao liberalismo insensato das leis inglesas, que permitiam que as pessoas entrassem e saíssem do país sem um passaporte. Em Córdoba as coisas não teriam sido tão fáceis.

O funcionário começou a preparar a passagem. Micky ficou observando apreensivo, massageando o ponto dolorido do rosto em que Hugh o atingira com uma cabeçada.

Percebeu que tinha outro problema. A Scotland Yard faria circular a sua descrição por telegrama a todos os portos do país. Raios partissem o telégrafo! Daí a uma hora a polícia local estaria a inspecionar todos os passageiros. Precisava de um disfarce.

O funcionário deu-lhe o bilhete e ele pagou em dinheiro.

Empurrou a multidão com impaciência e saiu para a neve, ainda preocupado.

Chamou um fiacre e dirigiu-se à embaixada, mas se arrependeu.

Era arriscado voltar lá e, além disso, já não tinha muito tempo.

A polícia andaria à procura de um homem bem vestido com cerca de quarenta anos que viajava sozinho. Uma das maneiras de passar por eles era aparentar ser mais velho e ter uma companhia.

Poderia fingir que era um inválido, e subir para o navio de cadeira de rodas.

Mas para isso precisava de um cúmplice. Quem poderia usar? Não sabia se podia confiar nos seus subordinados, especialmente agora, que já não era embaixador.

Restava Edward.

— Vá para Hill Street! — ordenou ele ao cocheiro.

Edward tinha uma pequena casa em Mayfair. Ao contrário dos outros Pilaster, alugara uma casa e ainda não fora forçado a sair, porque pagara adiantado o aluguel de três meses.

Edward parecia não se importar com o fato de Micky ter destruído o Banco Pilaster e arruinado a sua família. Ainda se tornara mais

dependente dele. Quanto aos outros membros da família, Micky não os tornara a ver depois do desastre financeiro.

Edward abriu-lhe a porta, envergando um robe de seda cheio de nódoas e levou o amigo para o quarto, onde a lareira estava acesa.

Estava fumando um charuto e bebendo uísque às onze da manhã. A inflamação cutânea atingia-lhe o rosto todo e Micky pensou se deveria usá-lo como cúmplice: a inflamação faria com que ele fosse muito notado.

Mas não havia tempo para escolher. Edward tinha de servir.

— Vou deixar o país — anunciou Micky.

— Oh, leve-me com você! — implorou Edward, desatando a chorar.

— Que raio se passa com você? — perguntou Micky com impaciência.

— Estou morrendo! — Vamos para um local sossegado viver juntos e em paz, até eu morrer.

— Não está morrendo, idiota, tem apenas uma doença de pele.

— Não é uma doença de pele, é sífilis.

Micky ficou horrorizado.

— Valha-me Deus! Eu também posso estar contaminado!

— Não é de admirar, depois dos anos que frequentamos o bordel da Nellie.

— Mas as mulheres da April eram asseadas!

— As putas nunca são asseadas!

Micky tentou reprimir o pânico. Se se atrasasse em Londres para consultar um médico, poderia acabar os seus dias pendurado numa corda. Tinha de sair do país naquele dia. O navio passaria em Lisboa: aí então poderia ir a um médico. Teria que ser assim. Talvez nem sequer estivesse doente: de um modo geral, era muito mais saudável que Edward e se lavava sempre depois de ter relações sexuais, ao passo que o amigo não se preocupava com essas coisas.

Edward não estava em condições de ajudar Micky a fugir do país. De qualquer forma, não levaria uma sífilis terminal para Córdoba. Mas ainda precisava de um cúmplice. Só restava um candidato: Augusta.

Não estava tão certo acerca dela como de Edward. Este sempre estivera disposto a fazer o que ele lhe pedira. Augusta era independente. Mas não tinha outra alternativa.

Virou-se para partir.

— Não me deixe aqui-implorou Edward.

Não havia tempo para sentimentalismos.

— Não posso levar comigo um homem à beira da morte. — respondeu Micky O rosto de Edward assumiu uma expressão rancorosa -se você não me levar.

— Sim?

— Vou dizer à polícia que matou Peter Middleton, o tio Seth e Solly Greenbourne.

Augusta deveria ter contado à ele, sobre o velho Seth. Micky contemplou Edward. Era uma figura patética. Como pude atura-lo por tanto tempo? Perguntou-se ele. E compreendeu que ficaria muito feliz em deixa-lo para trás.

— Pode contar -disse ele. — Já estão mesmo à minha procura por matar Tonio Silva, e a pena por um crime é a mesma que por quatro: a forca.

Micky saiu sem olhar para trás.

Apanhou um fiacre em Park Lane.

— Kensington Gore — disse ele ao cocheiro. — Casa Whitehaven.

No caminho, refletiu sobre sua saúde. Não tinha nenhum dos sintomas, nada de: problemas de pele ou caroços inexplicáveis nos órgãos genitais. Mas teria de esperar para ter certeza.

Maldito Edward!

Também se preocupou com Augusta. Não a via desde a quebra do banco. Ela o ajudaria?

Sabia que Augusta sempre lutara para conter o desejo sexual que sentia por ele; e numa única e bizarra ocasião, até cederà à sua paixão.

Nessa época, Micky também a desejara. Desde então, porém, o fogo de sua paixão arrefecera, mas tinha a impressão que o de Augusta se tornara ainda mais quente. Esperava que assim fosse, pois ia lhe pedir para fugir com ele.

A porta foi aberta não pelo mordomo, mas por uma mulher desmazelada de avental. Ao passar pelo vestíbulo, Micky reparou que a casa não estava muita limpa. Augusta estava com dificuldades.

Tanto melhor: isso faria com que se sentisse mais inclinada a aceitar o seu plano.

No entanto, ela lhe pareceu tão autoritária como sempre, com a blusa de seda púrpura, com mangas bufantes e uma saia preta com a

cintura muito justa.

Fora uma mulher bastante bela quando jovem, e agora, com cinquenta e oito anos, ainda virava a cabeça dos homens. Recordou a luxúria que sentira por ela quando tinha dezesseis anos, mas já não restava nada. Teria que fingir.

Ela não lhe estendeu a mão.

— Por que veio aqui? — perguntou com frieza. — Trouxe a ruína para mim e para minha família.

— Não tive a intenção de.

— Devia saber que o seu pai se preparava para iniciar uma guerra civil.

— Mas não sabia que os títulos iriam perder o seu valor com a guerra — retorquiu ele. — A senhora sabia?

Ela hesitou. Claro que não sabia!

Abriu-se uma fenda na armadura de Augusta e Micky tentou alargá-la.

— Não o teria feito se soubesse. Teria preferido cortar o meu pescoço em vez de magoar. A senhora. Viu que ela queria acreditar naquilo.

— Convenceu o Edward a enganar os sócios para que pudesse ter os dois milhões de libras.

— Pensei que havia tanto dinheiro no banco que não faria diferença.

— Eu também pensei — disse ela, desviando o olhar.

Ele aproveitou a vantagem.

— Seja como for, isso agora é irrelevante. Vou sair hoje da Inglaterra e, provavelmente, nunca mais voltarei.

Ela o olhou com o medo estampado nos olhos e ele soube que a tinha nas mãos.

— Por quê? — perguntou.

Não havia tempo para rodeios.

— Acabo de matar um homem com um tiro, e a polícia está a minha procura.

Ela ofegou e pegou-lhe na mão.

— Quem?

— Antonio Silva.



Ela ficou excitada, ao mesmo tempo, chocada. O seu rosto ganhou alguma cor e os olhos brilharam.

— Tonio! Por quê?

— Era uma ameaça para mim. Reservei uma passagem para um vapor que parte esta noite de Southampton.

— Tão depressa!

— Não tenho outra escolha.

— Por isso veio se despedir — disse ela, abatida.

— Não. — Ela ergueu os olhos para ele. Haveria neles alguma esperança? Hesitou e depois passou ao ataque. — Quero que você venha comigo Augusta arregalou os olhos. Recuou um passo.

Ele agarrou sua mão.

— O ter que partir e tão depressa me fez perceber uma coisa que deveria ter admitido há muito tempo. Acho que a senhora sempre o soube. Eu a amo, Augusta. Enquanto representava o seu papel, observava o rosto dela, lendo-o como um marinheiro interpreta a superfície do mar. Ela tentou parecer admirada, mas desistiu imediatamente. Esboçou um sorriso de gratidão e corou, quase como uma virgem; e ao final, um olhar calculista de quem avaliava o que tinha a ganhar e a perder.

Micky percebeu que ela ainda não tinha tomado uma decisão.

Pôs a mão na sua cintura e puxou-a gentilmente para si. Augusta não resistiu, mas ainda tinha uma expressão avaliadora que dizia a Micky que ainda não chegara a uma decisão.

Quando os seus rostos se aproximaram e os seios dela encostaram em seu casaco, ele apenas disse:

— Não posso viver sem você, querida Augusta.

Sentiu-a tremer ao seu contato.

— Tenho idade suficiente para ser sua mãe — disse ela, com a voz trêmula.

— Mas não é — murmurou-lhe ele ao ouvido, roçando o rosto dela com os lábios. — É a mulher mais desejável que eu já conheci. Sabe muito bem que a tenho desejado durante todos estes anos.

As suas mãos subiram e quase lhe tocaram os seios. — Agora, mal consigo controlar as minhas mãos. Augusta. — Fez uma pausa.

— O que é? — perguntou ela.

Já estava quase no papo. Tinha que jogar a última cartada.

— Agora que já não sou embaixador, posso me divorciar de Rachel  
— O que é que está dizendo?

— Case-se comigo? — murmurou-lhe ele ao ouvido.

— Sim — respondeu ela.

Micky beijou-a.

April Tilsley entrou de repente no escritório de Maisie, no hospital, muito bem vestido, de seda escarlate e pele de raposa. Trazia um jornal na mão.

— Já soube o que aconteceu?

Maisie levantou-se.

— April! O que houve?

— Micky Miranda baleou Tonio Silva!

Maisie sabia quem era Micky, mas demorou algum tempo a se lembrar que Tonio pertencera ao grupo de rapazes que costumava sair com Solly e Hugh, quando eram novos.

Naquela altura, Tonio era um jogador, recordou ela, e April tinha gostado muito do rapaz até descobrir que ele gastava sempre todo o dinheiro que ganhava.

— Micky o baleou? — repetiu ela, espantada. — Morreu?

— Sim. Este é o jornal da tarde.

— Por quê?

— Aqui não diz. Mas a notícia também informa. — April hesitou.  
— Sente-se, Maisie.

— Por quê? O que houve?

— Diz aqui que a polícia quer interrogar Micky a respeito da morte de outras três pessoas: Peter Middleton, Seth Pilaster e Solomon Greenbourne.

Maisie sentou-se pesadamente.

— Solly! — exclamou ela, e sentiu que ia desmaiar. — Micky matou Solly? Oh, pobre Solly! — Fechou os olhos e cobriu o rosto com as mãos.

— Você está precisando de um pouco de conhaque — disse April.  
— Onde é que está guardado?

— Não temos nenhum — respondeu Maisie. Tentou se recompor:  
Mostre-me esse jornal.

April lhe entregou

Maisie leu o primeiro parágrafo. Dizia que a polícia procurava pelo ex— Embaixador de Córdoba, Miguel Miranda, para interroga-lo sobre o assassinato de Antonio Silva.

— Pobre Tonio — comentou April. — Foi um dos homens mais simpáticos para quem já abri as pernas.

Maisie continuou a ler. A polícia também queria interrogar Miranda sobre as mortes de Peter Middleton, no Colégio Windfield, em 1866; Seth Pilaster, o sócio senior do Banco Pilaster, em 1873; e Solomon Greenbourne, que fora empurrado para debaixo de uma carruagem numa rua secundária de Piccadilly, em julho de 1879.

— Até Seth Pilaster.

— O Tio Seth de Hugh? — disse Maisie, muito nervosa— Por que ele matou todas essas pessoas?

— Os jornais nunca explicam o que a gente quer realmente saber.

O terceiro parágrafo também surpreendeu Maisie. O crime ocorrera a nordeste de Londres, perto de Walthamstow, numa aldeia chamada Chingford. O seu coração quase parou.

— Chingford! — exclamou ela, ofegante.

— Nunca ouvi falar.

— É onde o Hugh mora!

— Hugh Pilaster? Ainda é apaixonada por ele?

— Ele deve estar envolvido! Não pode ser uma coincidência— Oh, meu Deus, espero que ele esteja bem!

— Calculo que o jornal haveria de dizer, se ele estivesse ferido.

Só aconteceu há algumas horas. Talvez não saibam. — Não suportava aquela incerteza.

Levantou-se. — Tenho que ir ver se ele está bem — disse ela.

— Como?

Colocou o chapéu e prendeu-o com um alfinete.

— Vou até a casa dele.

— A mulher dele não vai gostar.

— A mulher dele é uma paskudniak.

— O que é isso? — perguntou April rindo

— Um saco de merda. — Maisie vestiu o casaco.

April levantou-se. — A minha carruagem está lá fora. Vou levar você à estação.

Quando subiram para a carruagem, perceberam que não sabiam em qual das estações de Londres havia trens para Chingford. Felizmente o cocheiro, que era também o porteiro do bordel, sabia que era a de Liverpool Street.

Quando lá chegaram, Maisie agradeceu apressada a April e correu para a estação. Estava apinhada de gente. Ouviam-se gritos de despedida em meio ao ranger dos freios de aço e aos jatos explosivos das locomotivas. Abriu caminho até à bilheteria por entre mulheres carregadas de embrulhos, empregados de chapéu — coco, maquinistas com os rostos negros de fuligem e bombeiros, crianças, cavalos e cachorros.

Teve que esperar quinze minutos pelo trem. Observou a despedida lacrimosa de dois amantes na plataforma e os invejou.

O trem resfolegou através das barracas de Bethnal Green, os subúrbios de Walthamstow e dos campos cobertos de neve de Woodford, parando em todas as estações. Embora fosse muito mais rápido do que uma carruagem, pareceu bastante lento a Maisie, que roía as unhas e se perguntava se Hugh estaria bem.

Quando saiu do comboio, em Chingford, a polícia a deteve e a levou para a sala de espera.

Um detetive lhe perguntou se ela tinha estado no povoado de manhã. Ela respondeu que nunca havia estado em Chingford. Num súbito impulso resolveu indagar:

— Mais alguém foi ferido, além de Tonio Silva? — perguntou ela, num impulso.

— Houve duas pessoas que tiveram umas escoriações mínimas — respondeu o detetive.

— Estou preocupada com um amigo meu que conhecia Mr. Silva. O nome dele é Hugh Pilaster.

— Mr. Pilaster lutou com o agressor e foi atingido na cabeça -disse o homem. — Os seus ferimentos não são graves.

— Graças a Deus! — exclamou Maisie. — Pode me dizer onde fica sua casa?

O detetive indicou-lhe o caminho.

— Mr. Pilaster esteve hoje na Scotland Yard, e não sei se já regressou.

Maisie se interrogou se haveria de voltar imediatamente para Londres, uma vez que já sabia que Hugh estava bem. Assim evitaria um

encontro com a terrível Nora. Mas ficaria mais contente se o visse. E não tinha medo de Nora. Pôs-se a caminho da casa, arrastando-se pela estrada com mais de cinco centímetros de neve.

Chingford contrastava fortemente com Kensington, ela pensou enquanto passava pelas casas baratas com pequenos jardins na frente. Hugh aceitara com coragem a sua queda, calculou ela, mas não sabia se Nora tinha encarado as coisas da mesma forma. A desgraçada só casara com ele por dinheiro e não haveria de gostar de ser pobre novamente.

Ao bater à porta, Maisie ouviu uma criança chorando dentro de casa. Quem veio abrir foi um menino com cerca de onze anos.

— Você é o Toby, não é? — perguntou Maisie. — Vim ver o seu pai. Sou Mrs. Greenbourne.

— O pai não está em casa — respondeu o rapaz, muito educado.

— A que horas você acha que ele volta?

— Não sei.

Maisie ficou desapontada. Estava ansiosa por vê-lo.

— Talvez possa dizer a ele que eu li os jornais e vim saber se ele estava bem — disse ela — Pode deixar! Eu dou o recado.

Não havia mais nada a dizer. Podia ir andando para a estação e esperar pelo próximo trem. Virou-se, desapontada. Pelo menos, evitara uma discussão com Nora.

Mas algo no rosto do rapaz lhe despertou a atenção: tinha uma expressão quase de medo.

Virou-se.

— A sua mãe está?

— Não, não está.

Estranho. Hugh não podia mais se dar ao luxo de ter uma governanta. Sentiu que havia alguma coisa errada.

— Posso falar com a pessoa que está tomando conta de vocês?

O menino hesitou.

— Não tem ninguém, além de mim e dos meus irmãos.

A intuição de Maisie estivera certa. Que estaria acontecendo? Como é que as três crianças estavam sozinhas em casa? Não queria interferir, sabendo que ouviria o diabo de Nora. Por outro lado, não podia ir embora e deixar os filhos de Hugh abandonados.

— Eu sou uma velha amiga do seu pai. e da sua mãe.

— Eu vi a senhora no casamento da tia Dotty — disse Toby.

— Ah, sim. Hum. Posso entrar?

Toby pareceu ficar aliviado.

— Sim, por favor.

Maisie entrou. Seguiu o choro da criança até à cozinha, nos fundos da casa.

Havia um garotinho de quatro anos sentado no chão, chorando e outro com seis anos, sentado em cima da mesa da cozinha, dando a impressão de que também poderia começar a chorar a qualquer momento.

Ela pegou o menor no colo. Sabia que ele se chamava Solomon em homenagem a Solly, seu marido, mas todos o tratavam por Sol.

— Calma, calma — murmurou ela. — Qual é o problema?

— Quero a minha mamãe! — disse ele e chorou ainda mais alto.

— Psiu! — murmurou — Calma, calma. Maisie, embalando-o.

Sentiu a roupa dele úmida e percebeu que o menino urinara nas calças. Olhando em volta, viu que a cozinha estava um nojo. A mesa coberta de migalhas de pão e de leite entornado, pratos sujos no lava-louças e lama no chão. Também estava gelada: o fogo tinha apagado. Quase parecia que as crianças haviam sido abandonadas.

— O que é que está acontecendo por aqui? — perguntou ela a Toby.

— Dei almoço para eles-respondeu ele. — Preparei pão com manteiga e cortei um bocado de presunto. Tentei fazer chá, mas queimei a mão na chaleira. — Tentava se mostrar corajoso, mas estava à beira das lágrimas. — Sabe onde está o meu pai?

— Não, não sei. — O menor perguntara pela mãe, mas o mais velho queria o pai, reparou ela. — E a sua mãe?

Toby pegou num envelope que estava no aparador e entregou para ela. Estava dirigido apenas a "Hugh".

— Não está fechado — disse Toby. — Eu li.

— Maisie abriu e tirou a folha de papel. Tinha apenas uma palavra escrita, em letras grandes, rabiscadas com fúria: ADEUS.

Maisie ficou horrorizada. Como é que uma mãe poderia abandonar três filhos pequenos, deixá-los entregue à própria sorte? Nora dera à luz cada um daqueles meninos, aconchegara— Os contra o seio como bebês desamparados. Pensou nas mães que estavam no seu hospital. Se uma delas pudesse viver numa casa de três quartos em Chingford, haveria de pensar que alcançara o paraíso. Ela tratou de afastar tais pensamentos, pelo menos por enquanto.

— Seu o pai voltará ainda esta noite, tenho certeza-declarou ela, rezando para que fosse verdade. Dirigiu-se ao pequenino que tinha nos braços. — Mas não queremos que ele encontre a casa tão desarrumada, não é?

Sol abanou a cabeça com solenidade.

— Vamos lavar a louça, limpar a cozinha, acender o fogo e fazer o jantar. — Olhou para o menino de seis anos. — Concorda com a ideia, Samuel?

Samuel assentiu com a cabeça.

— Eu gosto de torradas com manteiga — Sugeriu ele.

— Então, é isso que vamos fazer.

Toby ainda não estava convencido.

— Quanto tempo acha que o pai vai estar ausente?

— Não sei — respondeu ela, com calma. Não adiantaria mentir: as crianças sempre sabiam. Mas faremos uma coisa. Você pode ficar acordado até ele chegar, por mais tarde que seja.-

Combinado?

O menino ficou um pouco aliviado.

— Está bem.

— Bom. Toby, você é o mais forte, pode ir buscar uma balde de carvão. Samuel, acho que sabe fazer as coisas, por isso, pode pegar um pano e limpar a mesa. Sol, você pode varrer, pois é o menor e está mais perto do chão. — Vamos lá, rapazes, mãos à obra!

Hugh ficou impressionado com o modo como a Scotland Yard respondeu ao seu relato. O caso foi atribuído ao inspetor-detetive Magridge, um homem de rosto penetrante, da idade de Hugh, meticoloso e inteligente, do gênero dos que são promovidos a escriturário— Chefe num banco. Em menos de uma hora, ele já distribuía uma descrição de Micky Miranda e mandara vigiar todos os portos.

Também mandou um sargento-detetive falar com Edward Pilaster, por sugestão de Hugh; o homem regressou com a notícia de que Micky Miranda ia sair do país.

Edward também dissera que Micky estava implicado nas mortes de Peter Middleton, Seth Pilaster e Solomon Greenbourne. Hugh ficou abalado com a possibilidade de Micky ter morto o tio Seth, mas disse a Magridge que já suspeitava que ele matara Peter e Solly.

Mandaram o mesmo detetive a casa de Augusta. Ainda vivia na Casa Whitehaven. Não poderia se aguentar ali durante muito mais tempo sem dinheiro, mas até à data conseguira evitar a venda da casa e do que havia lá dentro.

Um guarda encarregado da verificação nos escritórios das companhias de navegação em Londres comunicou que um homem correspondendo à descrição, mas se apresentando como M. R. Andrews, adquirira uma passagem no Aztec, que zarparia de Southampton naquela noite. A polícia local foi instruída para colocar homens na estação e no porto.

O detetive enviado a casa de Augusta regressou, dizendo que não havia ninguém lá.

— Eu tenho uma chave — disse Hugh.

— Provavelmente saiu — aventou Magridge —, e quero que o sargento vá à Embaixada de Córdoba. Por que não vai o senhor à Casa Whitehaven?

Contente por ter alguma coisa para fazer, Hugh apanhou um fiacre até Kensington Gore.

Tocou e bateu, mas ninguém veio abrir. Os últimos criados já tinham ido embora, muito provavelmente.

Abriu a porta. A casa estava fria. Augusta não era do gênero de se esconder, mas mesmo assim ele decidiu passar em revista os quartos. O térreo estava deserto. Subiu ao primeiro andar e foi até ao quarto dela. O que viu, surpreendeu-o. As portas do armário estavam escancaradas, as gavetas da cômoda abertas e havia roupas espalhadas pela cama e pelas cadeiras. Aquilo não era nada normal em Augusta: Ela era uma pessoa muito organizada. A princípio pensou que talvez ela tivesse sido roubada. Depois lembrou-se de outra coisa e subiu correndo ao andar de cima, onde ficavam os quartos dos criados. Quando ali vivera, há dezessete anos, as malas e as arcas eram guardadas numa espécie de dispensa conhecida como o "quarto das malas".

Encontrou a porta aberta. Havia algumas malas, mas nenhum baú. Augusta fugira.

Revistou rapidamente todos os outros aposentos. Como previra, não encontrou ninguém.

Os quartos dos criados e dos hóspedes estavam com cheiro de mofo, por não serem usados.



Quando entrou no quarto que fora do seu tio Joseph, ficou surpreso ao ver que estava exatamente do mesmo jeito, embora o resto da casa tivesse sido várias vezes redecorado. Ia saindo do quarto, quando reparou no mostruário laqueado que continha a valiosa coleção de caixas de rapé.

Estava vazia.

Hugh franziu a testa. Sabia que as caixas não tinham sido leiloadas: Augusta não permitira que tirassem as suas coisas, o que significava que as tinha levado consigo.

Valiam cem mil libras — poderia viver confortavelmente o resto da sua vida com aquele dinheiro. Mas não lhe pertenciam. Pertenciam à associação de banqueiros.

Decidiu ir atrás dela.

Desceu as escadas correndo e saiu para a rua. Havia um ponto de fiacres a algumas dezenas de metros. Os cocheiros estavam conversando em grupo, batendo com os pés para os conservarem quentes. Hugh correu até eles.

— Algum de vocês levou Lady Whitehaven a algum lugar esta tarde?

— Dois de nós — respondeu um deles. — Um só para a bagagem!  
— Os outros riram bastante.

As deduções de Hugh confirmavam-se.

— Onde é que a deixaram?

— Na estação Waterloo, para o trem de uma hora.

O trem iria direto a Southampton — de onde Micky partia.

Aqueles dois sempre tinham sido unha e carne. Micky se derretia todo para ela, beijando-lhe a mão e lisonjeando. Apesar da diferença de idades, formavam um belo casal — Mas eles perderam o trem — acrescentou o cocheiro.

— Eles? — perguntou Hugh. — Havia alguém com ela?

— Um homem de idade numa cadeira de rodas.

Não era Micky, evidentemente. Então quem seria? Ninguém da família estava assim tão debilitado.

— Você disse que perderam o trem. Sabe a que horas parte o próximo?

— As três horas.

Hugh olhou para o relógio. Eram duas e meia. Ainda conseguiria apanhá-lo.

— Leve-me a Waterloo — disse ele, subindo para um fiacre.

Chegou à estação a tempo de comprar o bilhete e embarcar no trem. Os vagões eram interligados e assim, Hugh podia percorrer toda a composição. Quando partiram da estação e começaram a ganhar velocidade, foi procurar Augusta.

Não teve que procurar muito. Estava no vagão seguinte.

Passou rapidamente pelo seu compartimento para não ser visto.

Micky não estava com ela. Devia ter ido num trem anterior.

A outra pessoa no compartimento era um velhote com uma manta sobre os joelhos.

Foi para o vagão seguinte e se sentou. Não havia muito sentido em enfrentar Augusta de imediato. Talvez não tivesse trazido as caixas de rapé — podiam estar numa das malas no vagão das bagagens.

Falar com ela agora apenas serviria para a alertar. Seria melhor esperar que o trem chegasse a Southampton. Depois de sair, iria procurar um policial e confiscaria a bagagem quando estivesse sendo descarregada.

E se ela negasse a posse das caixas de rapé? Insistiria para que a polícia lhe revistasse as malas.

Eram obrigados a investigar um furto comunicado e, quanto mais Augusta negasse, mais suspeitas iria levantar.

E se ela afirmasse que as caixas eram suas? No local seria difícil provar o contrário. Mas se isto acontecesse, Hugh iria pedir à polícia que retivesse os seus bens até serem investigadas as alegações contraditórias.

Refreou a sua impaciência enquanto passava pelos campos brancos de Wimbledon. Cem mil libras era muito dinheiro e uma boa fatia da dívida do Banco Pilaster. Não ia deixar que Augusta as roubasse. As caixas de rapé também simbolizavam a determinação da família em pagar as suas dívidas. Se permitisse a Augusta ficar com elas, as pessoas diriam que os Pilaster se agarravam no que podiam como uns caloteiros vulgares. Só de pensar nisso, ficou furioso.

Ainda nevava quando o comboio chegou a Southampton. Hugh estava debruçado na janela quando a locomotiva entrou na estação. Havia policiais uniformizados por todo o lado.

Deduziu que Micky ainda não fora apanhado.

Saltou do trem em andamento e dirigiu-se a um policial que estava junto ao balcão de passagens.

— Sou o sócio sênior do Banco Pilaster — apresentou-se, entregando ao inspetor o seu cartão. — Sei que estão procurando um assassino, mas veio neste trem, uma mulher que traz bens roubados no valor de cem mil libras pertencentes ao banco. Creio que ela tenciona deixar o país esta noite no Aztec, levando-os consigo.

— E que bens são esses, Mr. Pilaster?

— Uma coleção de caixas de rapé.

— E o nome da senhora?

— É a viúva condessa de Whitehaven.

O policial franziu a testa

— Eu leio jornais, sir. Presumo que isso está relacionado com a falência do banco.

Hugh assentiu.

— Essas caixas de rapé têm de ser vendidas para pagar aos nossos credores.

— Pode me indicar quem é Lady Whitehaven?

Hugh olhou para a gare, tentando detectar Augusta.

— Ali está ela, junto ao vagão das bagagens, com um chapéu grande com asas de pássaro, Augusta supervisionava o descarregamento de sua bagagem.

— Muito bem — disse o inspetor. — Fique aqui comigo. Iremos detê-la quando passar por aqui.

Hugh estava tenso enquanto observava os passageiros saindo do trem.

Embora tivesse quase a certeza de que Micky não se encontrava ali, perscrutou com minúcia os rostos que passavam por ele.

Augusta foi a última a sair. Havia três carregadores transportando as suas malas. Ao ver Hugh junto à barreira dos bilhetes, empalideceu.

O inspetor foi muito delicado.

— Com licença, Lady Whitehaven? Podemos conversar por uns momentos?

Hugh nunca vira Augusta tão assustada. Contudo, manteve o ar majestoso.

— Receio não ter um minuto a perder, senhor guarda — retorquiu ela, calmamente. — Tenho que embarcar num navio que parte esta noite.

— Garanto-lhe que o Aztec não partirá sem a senhora — disse o inspetor, com modos muito suaves. Olhou para os carregadores.

— Podem pousar essas malas no chão por alguns minutos, rapazes. — Tornou a se voltar para Augusta. — Mr. Pilaster afirma que a senhora tem em seu poder umas caixas de rapé muito valiosas que lhe pertencem. É verdade?

Augusta começou a ficar menos assustada, o que intrigou e preocupou Hugh: receou que estivesse a tramar alguma coisa.

— Não vejo motivo para responder a essas perguntas impertinentes — respondeu ela, com arrogância.

— Se não o fizer, terei que revistar as suas malas.

— Está bem, eu tenho comigo as caixas de rapé — disse ela. — Mas me pertencem. Eram do meu marido.

— O que é que tem a dizer, Mr. Pilaster? — perguntou o inspetor a Hugh.

— Eram do marido dela, que as deixou ao filho, Edward Pilaster; e os bens de Edward estão confiscados pelo banco. Lady Whitehaven está tentando roubá-las.

— Tenho de pedir a ambos que me acompanhem à delegacia para podermos verificar a veracidade dessas afirmações — disse o inspetor.

— Mas eu não posso perder o navio! — exclamou Augusta em pânico.

— Nesse caso, a única coisa que posso sugerir é que deixe os bens contestados ao cuidado da polícia. Eles lhe serão devolvidos se suas alegações forem confirmadas.

Augusta hesitou. Hugh sabia que ela iria ficar desgostosa por se separar de uma riqueza tão grande. Mas com certeza entendia que isso era inevitável. Fora apanhada em flagrante e tinha muita sorte por não ser presa.

— Onde estão as caixas de rapé, minha senhora? — perguntou o inspetor Hugh esperou. Augusta apontou para uma valise.

— Estão todas ali — respondeu Augusta, apontando para uma mala.

— A chave, por favor.

Ela tornou a hesitar e cedeu outra vez. Pegou uma pequena argola com as chaves da bagagem, separou uma e entregou-a.

O inspetor abriu a mala. Estava cheia de bolsas e sapatos. Augusta indicou uma das bolsas. O inspetor abriu-a e retirou de lá uma caixa de charutos e de madeira clara. Levantou a tampa para revelar numerosos objetos pequenos, embrulhados em papel. Escolheu um ao acaso e desembulhou. Era uma caixinha de ouro, com pequenos diamantes, no formato de um lagarto.

Hugh deixou escapar um profundo suspiro de alívio.

— Sabe quantas tem?

Todos na família o sabiam.

Sessenta e cinco — respondeu ele. — Uma por cada ano de vida do tio Joseph.

— Quer contá-las?

— Estão todas aí — respondeu Augusta.

Hugh contou-as assim mesmo. Eram sessenta e cinco. Começou a sentir o prazer da vitória.

— Se a senhora desejar pode acompanhar o guarda Neville até à delegacia e ele lhe passa um recibo dos bens.

— Mande — O para o banco — foi a resposta. — Já posso ir embora?

Hugh sentia-se pouco à vontade. Augusta estava triste, mas não arrasada.

Era quase como se estivesse preocupada com algo, muito mais importante do que as caixas de rapé. E onde estaria Micky Miranda?

O inspetor fez uma reverência e Augusta afastou-se, seguida pelos três carregadores vergados com o peso da bagagem.

— Muito obrigado, inspetor — disse Hugh — — Só tenho pena de que não tenha também apanhado o Miranda.

— Não se preocupe, sir, Nós o pegaremos! Ele só embarcará no Aztec, se tiver aprendido a voar.

O guarda do vagão da bagagem aproximou-se, empurrando uma cadeira de rodas. Parou em frente de Hugh e do inspetor.

— Agora o que é que eu faço com isto?

— O que se passa? — Perguntou o inspetor, pacientemente.

— Aquela mulher com aquelas malas todas e aquele chapéu com asas.

— Sim, Lady Whitchaven.

— Vinha desde Waterloo com um velhote. Colocou-onum compartimento de primeira classe e me pediu para guardar a cadeira no vagão de bagagem. "Com todo o gosto", disse eu.

Mas ao desembarcar em Southampton ela fingiu não saber do que é que eu estava falando.

"Deve ter-me confundido com alguém", disse ela. "Duvido, respondi eu, "só há um chapéu como esse."

Hugh interveio.

— Exatamente. , o cocheiro me disse que ela foi para a estação com um homem numa cadeira de rodas. e vi um velho em seu compartimento.

— Não falei? — perguntou o guarda, triunfante.

De repente, o inspetor perdeu o seu ar indulgente e virou-se para Hugh.

— Viu o velhote passar pela barreira? — perguntou ele.

— Não. E olhei para todos os passageiros. A tia Augusta foi a última. — Parou. — meu Deus!

Acha que era Micky Miranda disfarçado?

— Sim. Mas onde estará ele agora? Poderia ter saído numa estação anterior?

— Não — respondeu o guarda. — É um trem expresso, que vai direto de Waterloo a Southampton.

— Então vamos revistar o trem. Ele ainda tem que estar lá!

Mas não estava.

O Aztec encontrava-se enfeitado com lanternas coloridas e bandeirolas. A festa de Natal estava no seu auge quando Augusta embarcou: havia uma orquestra a tocar no convés principal e alguns passageiros em traje de noite bebiam champanhe e dançavam com amigos que tinham vindo despedir-se.

Um camareiro conduziu Augusta por uma enorme escadaria até um camarote no convés superior. Ela gastara todas as suas economias no melhor camarote disponível, pensando que com as caixas de rapé não precisaria se preocupar com dinheiro. O camarote dava diretamente para o convés. Tinha uma cama larga, uma banheira, sofás confortáveis e luz elétrica. Havia flores na cômoda, uma caixa de chocolates junto à cama e uma garrafa de champanhe num balde com gelo, em cima de uma mesa.

Augusta estava quase dizendo ao camareiro para levar a garrafa, quando mudou de ideia.

Estava prestes a começar uma nova vida: talvez começasse a beber champanhe.

Chegara bem a tempo. Quando os carregadores lhe trouxeram as malas, ouviu o tradicional grito de “Todos em terra, os que em terra vão ficar” no momento mesmo em que os carregadores traziam a bagagem para o camarote. Assim que eles se retiraram, Augusta saiu para o estreito convés, levantando a gola do casaco para se proteger da neve.

Debruçou-se sobre a amurada e olhou para baixo. Aí estava um rebocador a postos para conduzir o navio para fora do porto. As pranchas de desembarque foram retiradas e as cordas soltas uma a uma. O navio apitou, a multidão no cais aclamou e, devagar, o grande navio começou a deslocar-se, quase imperceptivelmente.

Augusta regressou ao camarote e fechou a porta. Despiu-se vagarosamente e vestiu uma camisola de seda, com um roupão combinando. Chamou o camareiro e lhe disse que não ia precisar de mais nada naquela noite.

— Devo acordá-la pela manhã, milady?

— Não, obrigada. Tocarei a campainha quando precisar.

— Pois não, milady!

Augusta trancou a porta.

Depois abriu um baú e deixou Micky sair.

Este cambaleou pelo camarote e caiu na cama.

— Credo! Pensei que fosse morrer! — gemeu ele

— Meu querido, onde é que está doendo?

— Nas pernas.

Ela massageou suas pernas. Os músculos estavam cheios de câibras. Massageou com as pontas dos dedos, sentindo o calor da pele dele através das calças. Havia muito tempo que não tocava num homem daquela maneira e sentiu um fluxo de calor subir pela garganta.

Sonhara muitas vezes em fazer aquilo, fugir com Micky Miranda, tanto antes como após a morte do marido. Sempre fora contida quando pensava no que ia perder: casa, criados, dinheiro para os vestidos, posição social e poder familiar. Mas a falência do banco fizera desaparecer tudo isso e agora podia render-se aos seus desejos. — Água — pediu Micky, com a voz muito fraca.

Ela encheu um copo. Ele se virou e se sentou, bebendo de uma vez só.

— Quer mais. Micky?

Ele abanou a cabeça.

Augusta pegou o copo.

— Você perdeu as caixas de rapé — disse ele. — Ouvi tudo. Aquele desgraçado do Hugh!

— Mas você tem dinheiro suficiente. — Apontou para o champanhe no balde. — Deveríamos beber isto. Já saímos da Inglaterra. Você conseguiu fugir!

Ele estava olhando para os seios de Augusta. Ela percebeu que tinha os mamilos duros de excitação e que ele conseguia vê-los através da camisola. Tinha vontade de lhe dizer: "Pode tocar neles se quiser", mas hesitou. Tinham muito tempo: toda a noite. Toda a viagem, toda a vida. Mas, de repente, não podia esperar. Sentiu-se culpada e envergonhada, mas desejava ter o corpo dele nu nos seus braços e o desejo era mais forte que a vergonha.

Sentou-se na beira da cama. Pegou na mão dele, levou-a aos lábios e beijou-a; depois apertou-a contra o peito.

Ele a olhou de forma curiosa, durante algum tempo. Depois começou a acariciar-lhe o seio por cima da roupa. Era delicado. Os seus dedos esfregavam o mamilo e ela ofegava de prazer.

Depois segurou o seio com a palma da mão, erguendo-o e mexendo. Em seguida, apertou-lhe o mamilo. Ela fechou os olhos. Apertou com mais força, magoando-a. Depois, torceu-o com tanta força que ela gritou de dor e se pôs em pé.

— Sua cadela estúpida — escarneceu ele, levantando-se.

— Não! — exclamou ela. — Não!

— Pensou mesmo que eu ia casar com você?

— Sim.

— Já não tem dinheiro nem influência, o banco está falido, e ainda por cima perdeu as caixas de rapé. O que eu poderia querer com você?

Augusta sentiu uma dor no peito, como se lhe tivessem enterrado uma faca no coração.

— Você disse que me amavas.

— Pelo amor de Deus! Tem cinquenta e oito anos, a idade da minha mãe! Está velha e enrugada, é má e egoísta e eu não treparia com você,



nem que fosse a última mulher na face da Terra!

Augusta estava prestes a desmaiar. Tentou não chorar, mas foi inútil. As lágrimas rolavam-lhe pelas faces e começou a soluçar, desesperada. Estava arruinada. Não tinha casa, não tinha dinheiro, não tinha amigos e o homem em quem confiara acabara de trair sua confiança.

,

Virou-lhe as costas para ocultar o rosto: não queria que ele visse a sua vergonha e a sua dor.

— Por favor, pare — murmurou ela.

Vou parar, sim — disse ele. — Reservei um camarote e é para lá que vou.

— Mas quando chegarmos a Córdoba.

— Você não vai para Córdoba. Pode desembarcar em Lisboa e voltar para a Inglaterra. Já não me serve para mais nada.

Cada palavra era como um golpe que a fazia recuar. Tinha as mãos levantadas à sua frente, como para evitar ser atingida pelas ofensas. Foi de encontro à porta, desesperada para fugir dele, abriu-a e saiu.

O ar gelado da noite aclarou-lhe imediatamente as ideias.

Estava se comportando como uma mocinha indefesa, não como uma mulher madura.

Perdera, por breves momentos, o controle da sua vida, mas já era hora de o retomar.

Passou por ela um homem em traje de noite, fumando um charuto. Olhou admirado para a sua camisola, mas não disse nada.

Isso lhe deu uma ideia.

Voltou para o camarote e fechou a porta. Micky estava endireitando a gravata no espelho.

— Vem alguém aí — disse ela, apressadamente. — Um policial!

O comportamento de Micky se alterou de imediato. O desdém desapareceu do seu rosto, sendo substituído por uma expressão de pânico.

— Oh, meu Deus! — lamentou-se ele.

Augusta pensava com rapidez.

— Ainda estamos em águas inglesas — disse ela. — Pode ser preso e mandado de volta num escaler da guarda costeira.

Não fazia a mínima ideia se aquilo era verdade.

— Terei de me esconder de novo! — ele entrou no baú. — Feche logo!

Augusta fechou-o no baú.

Depois deu a volta à chave, trancando-o.

— Assim é melhor — disse.

Sentou-se na cama, olhando para o baú. Recordou todos os pormenores da conversa.

Ficara vulnerável e ele a ferira. Pensou no modo como ele a acariciara. Apenas dois outros homens tinham tocado nos seus seios: Strang e Joseph. Lembrou-se do modo como ele lhe torcera o mamilo e escarnecera dela com palavras obscenas.

Com o passar do tempo, a sua ira acalmou-se, transformando-se num profundo desejo de vingança.

Ouviu a voz de Micky, abafada, proveniente do baú.

— Augusta! O que está acontecendo?

Não respondeu.

Ele começou a gritar por socorro. Ela cobriu o baú com os cobertores, para abafar o som.

Passado um tempo, ele parou.

Augusta retirou do baú as etiquetas com o seu nome. Ouviu bater algumas portas dos outros camarotes: os passageiros estavam se dirigindo à sala de jantar. O navio começou a balançar mais um pouco, a medida que entrava no canal da Mancha. A noite passou depressa para Augusta, sentada na cama meditando.

Os passageiros começaram a regressar em grupos de dois e três entre a meia-noite e as duas. Depois disso a orquestra deixou de tocar e fez-se silêncio, com exceção do barulho das máquinas e do mar.

Augusta olhava fixamente para o baú onde trancara Micky. Fora levado para ali às costas de um carregador musculoso. Ela não conseguiria levanta-lo, mas talvez conseguisse arrastar.

Tinha alças de latão dos lados e correias de couro em cima e em baixo.

Agarrou na correia de cima e puxou, pondo o baú de lado. Este resvalou e virou ao contrário, com um grande estrondo. Micky começou de novo a gritar e ela tapou-o mais uma vez com os cobertores. Esperou para ver se vinha alguém investigar o ruído, mas ninguém apareceu. Micky deixou de gritar.

Agarrou de novo a correia e puxou. O baú era muito pesado, mas conseguia deslocá-lo uns centímetros de cada vez. Descansava após cada

puxão. Demorou dez minutos a arrastá-lo até à porta. Depois calçou as meias, as botas, vestiu o casaco de peles e abriu a porta.

Não havia ninguém à vista. Os outros passageiros estavam dormindo e, se havia algum vigilante patrulhando o convés, ela não o viu. O navio estava iluminado por lâmpadas elétricas fracas e não havia estrelas.

Arrastou o baú para fora do camarote e descansou novamente.

A seguir foi mais fácil, pois o convés ficara escorregadio com a neve. Dez minutos depois tinha o baú encostado à amurada.

A parte seguinte era a mais difícil. Agarrando na correia, levantou uma extremidade do baú e tentou pô-lo na vertical. À primeira tentativa deixou-o cair. O som pareceu ter sido muito alto, mas, mais uma vez, ninguém apareceu para investigar: havia sempre ruídos intermitentes no navio, à medida que as chaminés expeliam fumaça e o casco furava as ondas.

Na segunda tentativa fez um esforço maior. Abaixou-se sobre um joelho, segurou a alça com as duas mãos e ergueu o baú de vagar. Quando o tinha num ângulo de 45 graus, Micky moveu-se lá dentro, seu peso se deslocando para o fundo, e de repente ficou fácil terminar de levanta-lo.

Virou-o novamente, de modo a ficar encostado à amurada. A última parte era a mais difícil de todas. Dobrou-se e agarrou na alça de baixo. Respirou fundo e tentou levantá-la.

Não sustentava todo o peso do baú, pois a outra extremidade se apoiava na amurada, mas mesmo assim precisou de toda a sua força para ergue-lo a dois ou três centímetros do chão; depois os dedos gelados escorregaram, e ela o deixou cair. Não iria conseguir!

Descansou, sentindo-se exausta e dormente. Mas não podia desistir. Já se esforçara muito para levar o baú até ali. Tinha de tentar de novo.

Dobrou-se e pegou de novo na alça.

— Augusta, o que está fazendo? — perguntou Micky.

— Lembra como Peter Middleton morreu? — inquiriu ela, em voz baixa.

Fez uma pausa. Não vinha nenhum ruído do interior do baú.

— Vai morrer da mesma maneira.

— Não, por favor, Augusta, meu amor! — implorou ele.

— A água será mais fria e terá um gosto mais salgado quando encher os seus pulmões; mas vai sentir o medo que ele sentiu, quando a

morte fechar o punho sobre o seu coração.

— Socorro! Socorro! — começou ele a gritar. — Alguém me ajude!

Augusta agarrou na alça e levantou-a com todas as suas forças. O fundo do baú ergueu-se do chão. Quando Micky percebeu o que estava acontecendo, os seus gritos tornaram-se mais audíveis, sobressaindo do ruído das máquinas e do mar. Com certeza alguém iria escutar.

Augusta deu mais um puxão. Levantou o fundo do baú até à altura do peito e parou, exausta, sentindo que não conseguiria fazer mais nada. Micky começou a se debater, tentando sair. Augusta fechou os olhos, cerrou os dentes e empurrou. Sentiu que alguma coisa se rompia nas suas costas e gritou de dor, mas continuou a levantar. O fundo do baú se achava mais alto que a parte superior e escorregou alguns centímetros para fora da amurada, mas parou. As costas de Augusta doíam terrivelmente.

A qualquer momento poderia aparecer um passageiro que tinha sido desperto pelos gritos de Micky. Ela sabia que só teria condições de levantar mais uma vez. Tinha de ser a decisiva.

Concentrou todas as suas forças, fechou os olhos, rangeu os dentes contra a dor nas costas e empurrou.

O baú deslizou para frente, sobre a amurada, lentamente, depois caiu.

Micky soltou um grito prolongado, que se perdeu no vento.

Augusta cambaleou para frente, apoiando-se sobre a amurada, a fim de atenuar a dor nas costas e observou o enorme baú cair, rolando pelo ar, em meio aos flocos de neve.

Bateu na água com um estrondo e afundou.

Pouco tempo depois voltou à superfície. "Deve flutuar durante algum tempo", pensou Augusta. A dor nas costas era lancinante e ansiava por se deitar, mas permaneceu na amurada, vendo o baú ao sabor das ondas. Até que desapareceu de vista.

Ouviu uma voz de homem a seu lado.

— Pensei ter ouvido alguém gritar por socorro — disse ele, preocupado.

Augusta se recompôs rapidamente, virando-se para ver um jovem num roupão de seda, com um cachecol.

— Fui eu — disse ela, forçando-se a sorrir. — Tive um pesadelo e acordei gritando. Vim até aqui para apanhar a...

— Ah! Tem certeza de que já está bem?

— Certeza absoluta. É muito amável.

— Bem. Então, boa noite.

— Boa noite.

O jovem regressou ao seu camarote.

Augusta olhou para o mar. Em breve haveria de voltar cambaleando até à cama, mas queria olhar para ele durante mais algum tempo. O baú se encheria lentamente, pensou ela, à medida que a água se infiltrava pelas fendas. O nível subiria enquanto Micky lutava para sair.

Quando lhe tivesse coberto o nariz e a boca ele prenderia a respiração o mais que pudesse.

Mas a certa altura respiraria involuntariamente e a água salgada gelada entraria na boca, escorrendo pela garganta, até encher os pulmões. Ainda iria se contorcer durante mais algum tempo, cheio de dores e medo; depois, os seus movimentos enfraqueceriam, tudo ficaria preto e ele morreria.

Hugh estava exausto quando finalmente chegou a Chingford. Embora ansiasse por se deitar, parou na ponte sobre a linha férrea, no local onde naquela manhã Micky matara Tonio.

Tirou o chapéu em homenagem ao amigo, e recordou-o enquanto rapaz e homem.

Depois prosseguiu para casa.

Perguntou-se como é que tudo aquilo iria afetar o Ministério do Exterior e a sua atitude em relação a Córdoba.

Até o momento, Micky conseguira escapar da polícia. Mas quer ele fosse apanhado, ou não, Hugh podia explorar o fato de ter testemunhado o crime. Os jornais iriam adorar publicar todos os detalhes. O público ficaria revoltado por um diplomata estrangeiro ter cometido um assassinato em plena luz do dia, e os membros do Parlamento provavelmente exigiriam alguma espécie de retaliação. O fato de Micky ser o assassino podia muito bem arruinar as chances de Papai Miranda ser reconhecido pelo governo britânico. O ministério do Exterior poderia ser persuadido a apoiar a família Silva para punir os Mirandas e para obter uma compensação para os investidores britânicos na Companhia Docas de Santamaría.

Quanto mais pensava naquilo, mais se sentia otimista. Esperava que Nora estivesse dormindo quando chegasse em casa.

Não estava interessado em ouvir as queixas dela sobre o dia terrível que tivera, enfiada numa aldeia distante sem ninguém que a ajudasse a cuidar de três meninos levados. Apenas queria se colocar entre os lençóis e fechar os olhos. No dia seguinte pensaria sobre tudo o que se passara e veria em que situação ele e o banco estavam.

Quando entrou no jardim ficou desapontado ao ver luz dentro de casa. Aquilo significava que ela ainda estava de pé. Abriu a porta e entrou.

Ficou admirado ao ver os filhos, todos de pijamas, sentados num sofá a olhar para um livro com gravuras.

E ficou ainda mais admirado ao ver Maisie no meio deles, lendo.

Os meninos correram para o pai. Este os abraçou e beijou um a um: Sol, o mais novo, Samuel e Toby. Os dois primeiros ficaram radiantes ao ver o pai, mas havia algo de estranho no rosto do mais velho.

— Que se passa, filho? — perguntou Hugh. — Aconteceu alguma coisa? Onde está a mamãe?

— Foi fazer compras — respondeu ele, começando a chorar.

Hugh abraçou o menino e olhou para Maisie.

— Cheguei aqui às quatro da tarde-disse ela. — Nora deve saído logo depois de você.

— Ela os deixou sozinhos?

Maisie assentiu com a cabeça.

Hugh ficou furioso. As crianças tinham ficado sozinhas a maior parte do dia. Poderia ter acontecido qualquer coisa.

— Como é que ela pôde fazer uma coisa dessas? — perguntou ele, com amargura.

— Ela deixou um bilhete.

Ele abriu e leu a mensagem. — ADEUS.

— Não estava fechado — disse Maisie. — Toby leu e me mostrou.

— É difícil acreditar — comentou Hugh, mas, ao dizer aquelas palavras, percebeu sua falsidade. Era muito fácil acreditar. Nora sempre colocara os seus desejos à frente de tudo.

Abandonara os filhos. Hugh calculou que ela tivesse ido para o pub do pai.

E o bilhete parecia insinuar que ela não voltaria.

Ele não sabia o que sentir.

Seu primeiro dever era para com os meninos. Era importante não deixá-los ainda mais transtornados. Ele tratou de reprimir seus próprios

sentimentos por um momento.

— Já deviam estar na cama, meninos! Está na hora de dormirem.

Acompanhou-os ao andar de cima. Samuel e Sol partilhavam um quarto, mas Toby já dormia sozinho

Hugh ajeitou os menores na cama e foi para o quarto do mais velho. Inclinou-se para beijá-lo.

— Mrs. Greenbourne é muito boa pessoa — disse Toby.

— Eu sei — anuiu o pai. — Foi casada com o meu melhor amigo, Solly, que morreu há algum tempo.

— E também é bonita.

— Acha?

— Sim. A mamãe vai voltar?

Aquela era a pergunta que Hugh receara.

— Claro que vai!

— Sêrio?

Hugh suspirou. — Para dizer a verdade, meu velho, não sei.

— Se ela não voltar, será que Mrs. Greenbourne pode tomar conta de nós?

"As crianças são muito perspicazes" — pensou ele. Fugiu à pergunta.

— Ela dirige um hospital. Tem de tomar conta de dezenas de pacientes. Não acho que lhe sobre tempo para cuidar também de meninos! Agora, chega de perguntas. Boa noite!

Toby não parecia lá muito convencido, mas não insistiu.

— Boa noite, pai.

Hugh soprou a vela do quarto e saiu, fechando a porta. Maisie tinha feito chocolate.

— Tenho a certeza de que você preferia um conhaque, mas parece que não tem nenhum aqui.

Hugh sorriu: — Nós, da classe média baixa, não temos condições de tomar bebidas alcoólicas.

— Chocolate está ótimo.

Havia xícaras e um jarro numa bandeja, mas nenhum dos dois foi até lá. Permaneceram no meio da sala, olhando um para o outro. Maisie disse: — Li sobre o crime no jornal da tarde e vim até aqui para ver se você estava bem. Encontrei os meninos sozinhos e providenciei o jantar. Ficamos esperando por você.

Ela ofereceu um sorriso resignado, de aceitação, que indicava que dependeria de Hugh o que aconteceria em seguida. E, de repente, ele começou a tremer. Teve de se apoiar no encosto de uma cadeira.

— Foi um dia terrível — murmurou Hugh, a voz trêmula também — Estou me sentindo um pouco tonto.

— Talvez seja melhor sentar.

Hugh sentiu-se repentinamente invadido pelo amor que sentia por Maisie. Em vez de sentar, foi abraçá-la, suplicando: amor.

— Aperte-me com força! — pediu ele.

Ela passou os braços pela sua cintura.

— Eu amo você, Maisie — disse ele. — Sempre amei.

— Eu sei.

Olhou-a nos olhos. Estavam cheios de lágrimas e uma delas rolou pela face. Limpou-a com um beijo.

— Depois de todos estes anos, Maisie, Depois de tantos anos. — disse ele.

— Faça amor comigo esta noite, Hugh — pediu ela.

Ele acenou com a cabeça. — E todas as noites, daqui por diante.

E tornou a beijá-la.



## EPÍLOGO

Extraído do The Times:

### *MORTES*

*Em 30 de maio, em sua residência em Antibes, França, após uma longa doença, o CONDE DE WHITEHAVEN, ex-Sócio Sênior do Pilasters Bank.*

— Edward morreu — disse Hugh, levantando os olhos do jornal.

Maisie sentou-se ao lado dele, no trem, usando um vestido de verão amarelo com manchas vermelhas, e um pequeno chapéu com fitas amarelas de tafetá. Seguiam para o Dia do Discurso na Windfield School.

— Ele era um infeliz, mas a mãe vai ter saudades dele — disse ela.

Augusta e Edward tinham vivido juntos, no Sul de França, durante os últimos dezoito meses. Apesar do que tinham feito, a associação de banqueiros que assumira o Pilasters Bank decidira lhes pagar o mesmo estipêndio que os outros Pilasters recebiam. Ambos eram inválidos. Edward tinha sífilis terminal e Augusta sofrera um deslocamento de disco, passando a maior parte do tempo numa cadeira de rodas.

Hugh soubera que, apesar da doença, ela se tornara a rainha sem coroa da comunidade inglesa naquela parte do mundo: promovia casamentos, arbitrava as disputas, organizava os eventos, promulgava as regras sociais.

— Ele amava a mãe, — murmurou Hugh

Maisie fitou-o curiosa.

— Por que diz isso? — É a única coisa boa que me ocorre a seu respeito.

Ela sorriu carinhosamente e beijou-o no nariz.

O trem entrou na estação de Windfield e eles desembarcaram. Era o fim do primeiro ano de Toby no colégio e o último de Bertie. O sol brilhava, o dia era quente. Maisie abriu a sombrinha do mesmo tecido do vestido — e seguiram a pé para o colégio.

Mudara bastante nos últimos vinte e seis anos, depois de Hugh ter saído de lá. O antigo diretor, o doutor Poleson, morrera há muito tempo, e

havia agora uma estátua dele na entrada.

O novo diretor ainda usava a notória bengala conhecida como Listradora, mas com menos frequência. O dormitório da quarta-série ainda era na antiga leiteria, ao lado da capela de pedra, mas havia um prédio novo, com um salão em que cabiam todos os alunos. A instrução também era melhor: Toby e Bertie aprendiam matemática e geografia, além de latim e grego.

Encontraram-se com Bertie diante do salão. Há um ou dois anos que ele era mais alto que Hugh. Era um garoto solene, esforçado e bem comportado: não se metia em encrencas no colégio como costumava acontecer com Hugh. Tinha muitas coisas dos ancestrais Rabinowicz, e lembrava a Hugh o irmão de Maisie, Dan. Ele beijou a mãe, apertou a mão de Hugh

— Está havendo um pequeno tumulto — disse Bertie. — Não temos cópias suficientes da canção da escola, e os garotos menores não estão cantando direito. Preciso corrigi-los logo. Falarei com vocês depois dos discursos.

Ele se afastou, apressado. Hugh observou-o afetuosamente, recordando nostálgico como o colégio lhe parecera importante ao deixá-lo.

Encontraram Toby. Pouco depois. Os meninos pequenos não eram mais obrigados a usar fraque e cartola: Toby usava um chapéu de palha e um casaco curto.

— Bertie disse que eu posso tomar chá com vocês em seu estúdio depois dos discursos, se não se importarem. Posso?

— Claro! — exclamou Hugh rindo

— Obrigado, pai! — Toby se afastou correndo.

Entrando no salão, Hugh e Maisie ficaram admirados ao depararem com o Ben Greenbourne, parecendo mais velho, um tanto frágil. Maisie, brusca como sempre, perguntou: — O que está fazendo aqui?

— Meu neto é o primeiro da turma. Vim ouvir seu discurso.

Hugh ficou perplexo. Bertie não era neto de Ben, e ele sabia disso. Estaria ficando mais brando com a idade?

— Sentem-se perto de mim — ordenou Greenbourne. Hugh olhou para Maisie. Esta encolheu os ombros e sentou-se, e ele a imitou-

— Ouvi dizer que vocês se casaram.

— No mês passado — confirmou Hugh. — A minha primeira esposa não se opôs ao divórcio. Nora vivia com um vendedor de uísque e o

detetive contratado por Hugh demorara menos de uma semana para provar o adultério.

— Sou contra o divórcio — disse Greenbourne, mal-humorado. Depois suspirou. — Mas sou muito velho para estar dizendo às pessoas o que devem fazer. Estamos quase no fim do século. O futuro pertence a vocês. Desejo boa sorte.

Hugh pegou na mão de Maisie e apertou-a.

— Vai mandar o rapaz para a Universidade? — perguntou o velho a Maisie.

— Não tenho dinheiro — respondeu ela. — Já foi difícil pagar as mensalidades do colégio.

— Terei todo o gosto em pagar.

Maisie ficou surpresa.

— É muito amável da sua parte — disse ela.

— Há muitos anos que deveria ter sido mais amável — retorquiu ele. — Sempre a tratei como uma caçadora de fortunas. Foi um dos meus erros. Se estivesse só atrás de dinheiro, não tinha casado aqui com o jovem Pilaster. Enganei-me a seu respeito.

— Não me fez mal algum — disse Maisie.

— Mesmo assim, fui muito duro. Não me arrependo de muitas coisas, mas essa é uma delas.

Os estudantes começaram a encher o salão, com os mais novos sentados no chão, à frente, e os mais velhos em cadeiras.

Hugh adotou Bertie legalmente-disse Maisie

O velho fitou Hugh nos olhos.

— Imagino que você é o verdadeiro pai.

Hugh concordou com a cabeça

— Eu deveria ter adivinhado há mais tempo.

— Não faz mal. O rapaz pensa que eu sou avô dele e isso me confere alguma responsabilidade. — Tossiu, embaraçado, e mudou de assunto. — Ouvi dizer que a associação vai pagar um dividendo.

— Exatamente — confirmou Hugh. Vendera finalmente todos o patrimônio do Banco Pilaster e a associação de banqueiros que evitara a bancarrota obtivera um pequeno lucro. — Todos os participantes receberão cerca de cinco por cento sobre seu investimento.

— Parabéns! Não pensei que você conseguiria

— Tudo foi possível graças ao novo Governo de Córdoba. Entregaram os bens da família Miranda à Companhia do Porto de Santamaría e isso fez com que os títulos valessem de novo alguma coisa.

— O que aconteceu com aquele Miranda que vivia aqui Ele não prestava!

— Micky? Encontraram o corpo dele num baú que foi dar numa praia da ilha de Wight.

Ninguém descobriu como ele foi parar ali. Ou porque estava dentro do baú.

Hugh estivera envolvido na identificação do corpo. — era importante confirmar a morte de Micky, para que Rachel pudesse finalmente casar com Dan Robinson.

Um dos estudantes veio entregar um manuscrito com o hino do colégio a todos os pais e familiares.

— E você? — perguntou Greenbourne a Hugh. — O que irá fazer quando a sociedade acabar?

— Tencionava pedir-lhe conselho sobre isso. Gostaria de abrir um novo banco.

— Como?

— Fazendo flutuar as ações na Bolsa. Pilaster Limited. Que lhe parece?

— É uma ideia ousada, mas você sempre foi original. — Greenbourne ficou pensativo durante algum tempo. — O engraçado é que a falência do banco melhorou ainda mais a sua reputação, por causa do modo como encaminhou as coisas. Afinal de contas, quem será de maior confiança do que um banqueiro que consegue pagar a todos os seus credores, mesmo depois de ter ido à falência?

— Então, acha que poderia dar resultados?

— Tenho certeza. Talvez eu também venha a investir nisso.

Hugh anuiu, bastante grato. Era importante que Greenbourne gostasse da ideia. Todos na City lhe pediam opinião e a sua aprovação valia muito. Hugh pensara que o seu plano poderia dar certo e Greenbourne fortalecera essa confiança.

Todos se levantaram quando o diretor entrou, seguido pelos professores, pelo orador convidado — um membro liberal do Parlamento — e Bertie, o chefe dos alunos. Sentaram-se no estrado e Bertie se aproximou da tribuna.

— Vamos cantar o hino do colégio — disse ele.

Hugh olhou para Maisie, que sorriu orgulhosa. As notas conhecidas fizeram-se ouvir ao piano e todos começaram a cantar.

Uma hora mais tarde, Hugh deixou-os tomando chá na sala de Bertie e deu uma fugidinha até Bishop's Wood.

Estava calor, tal como naquele dia, havia vinte e seis anos. A floresta parecia a mesma, parada e úmida sob a sombra das faias e dos olmeiros. Lembrava-se do caminho para o lago e encontrou-o sem dificuldade.

Não desceu pela pedreira — já não era suficientemente ágil. Sentou-se na margem e atirou uma pedra para o lago, que interrompendo a calma espelhada da água, emitiu uma ondulação em círculos perfeitos.

Era o único que restava, com exceção de Albert Cammel, na colônia do Cabo. Todos os outros estavam mortos: Peter Middleton — Morrera naquele dia; Tonio fora baleado por Micky havia dois anos; o próprio Micky afogara-se num baú; e, agora, Edward, morto pela sífilis e enterrado num cemitério, na França. Era quase como se algo de maligno tivesse surgido das águas naquele dia de 1866 e tivesse entrado nas suas vidas, ensombreado com ódio, ganância, egoísmo e crueldade; fomentando o engano, a bancarrota, as doenças e os assassinatos.

Agora, tudo acabara. As dívidas estavam saldadas. Se tivesse havido um espírito maligno, este já regressara ao fundo do lago. E Hugh sobrevivera.

Levantou-se. Era hora de regressar para a sua família. Ao afastar-se, olhou uma última vez para trás.

A ondulação provocada pela pedra desaparecera, e a superfície da água estava de novo imaculadamente lisa.

**FIM**

Digitalização  
Elenir Marins



# Table of Contents

ROSTO

PRÓLOGO

PARTE UM

CAPITULO I

CAPITULO II

CAPÍTULO III

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO V

PARTE DOIS

CAPITULO I

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO V

PARTE TRÊS

CAPÍTULO I

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

CAPÍTULO IV

EPÍLOGO